O verdadeiro, o bom e o belo

Verdade na acção vs. falsidade na acção.

Verdade epistemológica e factual vs. obscurantismo.

O verdadeiro é o bom e é o belo.

Verdade na acção vs. falsidade na acção.

Existem **pessoas verdadeiras** e **pessoas falsas** – acção verdadeira e acção falsa.

Verdade na acção vs. falsidade na acção – verdade moral vs. falsidade moral.

A mentira é a ausência de verdade / tal como trevas são a ausência de luz.

Caminhar à luz do dia vs. caminhar nas sombras, ou mesmo nas trevas. Existem pessoas verdadeiras e existem pessoas falsas. Uma pessoa verdadeira é uma pessoa honesta; isto é bastante auto-declarado. É, mais que isso, uma pessoa que age de forma justa, coerente, e consistente. É uma pessoa que tem a cabeça no lugar e o coração no sítio certo. É uma pessoa de acção – informada, activa, envolvida. É protectora dos seus e do mundo à volta. Age de forma corajosa e responsável e faz frente a actos injustos e arbitrários. Está disposta a sacrificar o seu tempo e a sua energia por causas válidas e por aqueles à sua volta. É alguém com quem se pode contar, e é alguém em quem se pode confiar. Fala sempre a verdade e é equidistante. Traz maturidade aos ambientes humanos onde se move. Esta é uma pessoa verdadeira. Sabe-se quem é. A pessoa move-se à luz do dia e, com efeito, leva luminosidade e equilíbrio àqueles com quem está. As suas acções são igualmente verdadeiras; pelas mesmas exactas razões. Existe *verdade na acção*. Existe *verdade moral*. Integridade.

Em contraposição, existem pessoas falsas. Uma pessoa que não seja honesta, é desonesta. Uma outra que não seja justa, é injusta. Quando não se é equidistante é-se parcial. A ausência de coragem expressa-se na forma de cobardia. A falta de interesse, dedicação e envolvimento dá origem a desinteresse, desresponsabilização, apatia. Auto-sacríficio encontra a sua némesis em frieza ou, até mesmo, em sadismo. Ódio e mesquinhez só podem existir na ausência de amor. Capricho e arbitrariedade são aquilo que surge na abdicação de racionalidade. Altivez, arrogância e petulância são a ausência de descentração e de humildade. Ser-se irresponsável é não ser capaz de assumir a responsabilidade pelos próprios actos. Incoerência, inconsistência. A cabeça fora do lugar e o

coração no sítio errado. A mentira é a ausência de verdade, tal como as trevas são a ausência de luz. Quando não se caminha à luz do dia, caminha-se pelas sombras (e estas sombras podem ser mais ou menos intensas) ou até no mais completo dark of night.

Verdade na acção vs. falsidade na acção: só sociopatas caminham no mais total dark of night.

Larga maioria das pessoas estão em meios-termos (going along to get along, etc).

À medida que cedem progressivamente a falsidade na acção, dissolvem-se nisso / tornam-se **dissolutas**.

Aquele com bom fundo que se torna dissoluto, demissionista, é tão ou mais culpado que pessoas *más*.

É o bom alemão, que vê as coisas a acontecer à sua volta e não age para as impedir / conforto sintético.
Existe verdade e existe falsidade. Existem acções verdadeiras e acções falsas. Quando mais uma pessoa caminhar à luz do dia, tanto mais verdadeira será. Quanto menos caminhar a essa luz, tanto mais falsa será. É muito difícil ser-se inteiramente falso. É preciso ser-se um sociopata para caminhar, por inteiro, sob o mais completo dark of night. A larga maioria das pessoas caminha em estados intermédios, sob graus variáveis de sombra. A maior parte do público, em qualquer era, é composto de pessoas correctas, simpáticas e esforçadas, que tentam fazer o melhor pelos seus, mas são apanhadas pelas dificuldades da vida e pela espuma dos dias. Muitas vezes, simplesmente não parece vantajoso ser-se honesto, ou não existe a paciência para se ser justo. Com muita frequência, fazer uma selecção apropriada de mentiras e "meias-verdades" (mentiras habilidosas) parecerá trazer mais ganhos do que dizer sempre a verdade. Outras vezes pura e simplesmente não se terá a coragem para tomar as atitudes certas perante actos injustos e arbitrários. Ainda com mais frequência, caminhar sempre à luz não será recompensado, já para não dizer que será pura e simplesmente punido. Going along to get along será a atitude geral. Deixar-se descair, mais e mais, para dentro das sombras será a atitude "adaptativa". Quanto mais isso acontece, quanto mais as pessoas se afastam da luz, tanto menos luz há no mundo, e tanto mais as sombras e as trevas prosperam e crescem, para dominar tudo em redor. É tão simples quanto isso. Quando a pessoa cede às trevas, quando cede à dinâmica de falsidade que as domina, torna-se dissoluta nas trevas – torna-se *dissoluta*. A pessoa que, tendo um bom fundo, se deixa tornar dissoluta e demissionista torna-se tão ou mais culpada que aqueles que são abertamente falsos e maus; não toma partidos. É como o "bom alemão", que vê as coisas a acontecer à sua volta e não faz nada para as impedir. Conforto sintético.

Trevas são apenas ausência de luz, o vazio que preenche espaços onde vida está ausente.

Assim que existe luz, trevas dissipam-se muito depressa.

Mundo será sítio muito bom para viver a partir do momento em que haja suficientes pessoas íntegras.
Como dito anteriormente, as trevas são apenas a ausência de luz. São o vazio monótono, maquinal, e letal, que preenche espaços onde a vida está ausente. Assim que existe luz, as trevas dissipam-se muito depressa. Este mundo será um sítio bastante bom, livre e próspero para se viver a partir do momento em que haja luz suficiente. E isso implica que existem pessoas suficientes a serem inteiramente íntegras.

Quanto mais a pessoa subscreve acção verdadeira/falsa, tanto mais verdadeira/falsa ela própria se torna.
Existe verdade moral, verdade na acção, e existe falsidade moral, falsidade na acção. Quanto mais uma pessoa subscreve a acção verdadeira, tanto mais verdadeira ela própria se torna. Uma coisa alimenta a

outra. O inverso é igualmente verdade; quanto mais falsa na acção uma pessoa se torna, tanto mais falsa a pessoa se tornará, enquanto pessoa.

Ser humano pode ser habituado e aculturado a renegar verdade na acção.

Porém, haverá sempre voz da consciência.

Drama essencial de pessoas falsas: conflitos internos / escapismo / fuga para a frente / "curar a culpa".

"Curar a culpa" pela fuga para a frente; sufocar a consciência sob mais má acção, falsidade. Um ser humano pode ser *habituado* e *aculturado* a renegar os princípios de verdade moral. Porém, e por muito vestigial que seja, vai existir sempre a consciência interna – a voz da consciência moral –, de que são *correctos*, e de que a pessoa está a cometer uma forma de crime, contra si mesma e contra os outros, quando os renega. Este é um dos dramas essenciais das pessoas falsas. Ao mesmo tempo que o são, passam por enormes conflitos internos por o serem. Formas típicas de lidar com isto: por substâncias (e.g. álcool, drogas legais e ilegais); por entrega irrestrita a diversão, sexo, entretenimento; ou até por práticas de passivização extrema, acalmia extrema (e.g. meditação). Mas a forma mais típica de todas é a pura e simples fuga para a frente; o calar a consciência com mais falsidade. Mentir ao self. Ou, até, incorrer no acto mau até já não custar. "Curar a culpa" pela superimposição de mais motivos de culpa; o sufoco interno da consciência sob camadas de trevas; de sujidade.

Verdade epistemológica e factual vs. obscurantismo.

Verdade é o conceito que corta entre o que é demonstravelmente válido ou não.

Verdade epistemológica e factual depende de verdade moral – honestidade intelectual.

Sem isso, existe desonestidade intelectual; i.e. falsidade epistemológica.

Desonestidade intelectual prospera com trevas (ubiquidade de falsidade na acção) – **obscurantismo**.

O conceito de verdade é extraordinariamente importante, porque é o conceito que corta entre aquilo que é válido e aquilo que não é. Tal como existe verdade moral, existe verdade epistemológica, ou factual. Existe a verdade dos factos, que é demonstrável e é independente da minha vontade ou da vontade de um grupo. Depois, o universo dos factos está organizado por esferas superordenadas, princípios gerais e axiomas, de validade igualmente demonstrável, e igualmente independente de qualquer capricho humano. É claro que a determinação e a compreensão de verdade epistemológica dependem da existência de verdade moral; a pessoa tem de ser intelectualmente honesta. A pessoa intelectualmente desonesta tenderá pura e simplesmente a moldar a verdade dos factos ao seu próprio capricho ou ao de um qualquer grupo, ou instituição. É por isso que é intelectualmente desonesta. Pratica falsidade intelectual. Por outras palavras, ou vive num mundo de ilusão auto-imposta ou de mentira consciente. Geralmente, ambas as coisas ao mesmo tempo; são interconectantes e interdependentes. Desonestidade intelectual prospera sempre tanto mais quanto mais o mundo é mergulhado em trevas; obscurantismo.

Também, coragem vs. cobardia. Aqui é claro que existe outro factor muito importante (entre vários outros) onde verdade moral é essencial para verdade epistemológica: coragem. A pessoa tem de estar disposta a ir contra autoridades estabelecidas para afirmar a verdade dos factos. Sem coragem, claro, existe cobardia.

Verdade demonstrável dos factos, está **sempre** acima de qualquer consenso, agenda, etc. A criação de um mundo melhor depende da prevalência de verdade moral, mas também de verdade epistemológica e factual demonstrável. A verdade demonstrável dos factos (de todos os factos, em todos os campos) tem de prevalecer, independentemente de qualquer arbitrariedade autoritativa, com consensos de classe, agendas ideológicas, cultos de irracionalismo pós-moderno, etc.; nada disso interessa. Aquilo que é verdadeiro, factual e demonstrável *é aquilo que é verdadeiro, factual e demonstrável*. A honestidade tem de prevalecer, no intelecto como em todos os outros domínios. São indissociáveis; honestidade é honestidade. A verdade demonstrável dos factos tem sempre e invariavelmente de ser afirmada; disso depende o mundo que se deixa às gerações futuras.

O verdadeiro é o bom e é o belo.

A verdade dos factos e dos princípios epistemológicos que organizam o real é incrivelmente bela. A vitória do verdadeiro e do bom é a única forma de criar um mundo mais *belo*.

O mesmo acontece para a acção verdadeira e para a pessoa verdadeira.

Quanto mais as trevas prevalecem, menos visão existe / forma ganha sob substância.

Forma sem uma boa substância é apenas uma mentira. A verdade dos factos e dos princípios epistemológicos que organizam o universo é incrivelmente bela; o *real* é incrivelmente belo. O mesmo acontece para a acção verdadeira e para a pessoa que a pratica. Uma pessoa é tanto mais bela quanto mais verdadeira é; o mendigo honesto que se veste de trapos é mais *belo* que o rei injusto em trajes sumptuosos. Quanto mais luz existe, tanto mais as pessoas o reconhecem, porque existe luz para que possam ver as coisas pelo que são. Quanto mais as trevas dominam, tanto menos visão existirá, e tanto mais a forma ganhará sobre a substância. E a forma é apenas uma mentira, se não estiver alicerçada numa boa substância.

O verdadeiro é o bom e é o belo – verdade estética.

Acção verdadeira é universalmente bela / acção falsa é universalmente feia.

Arquétipo do herói vs. arquétipo do vilão. O real é belo e o bom é belo. Existe verdade estética. *O verdadeiro é o bom e é o belo*. Todos o sabemos, mesmo que seja apenas lá no fundo. Agir de modo justo, generoso e equidistante é algo de universalmente verdadeiro, bom e belo. O mesmo se aplica a ser corajoso, a fazer frente ao poder arbitrário e a agir em auto-sacrifício por um mundo mais livre e próspero para todos. A pessoa que incorpora em pleno este papel incorpora o arquétipo do herói. Todos reconhecemos inatamente a distinção entre o arquétipo universal do herói e o arquétipo universal do criminoso. Da mesma forma, todos reconhecemos que magoar, enganar, roubar, destruir, são actos falsos, maus e feios.

Este é o modo *natural* de organização do real – o bom é o verdadeiro é o belo.

Compreensão inata, *natural*, disto / todos os marketeers e produtores de hollywood o sabem.

Por isso é que usam sempre associações **bom/verdadeiro/belo** vs. **mau/falso/feio**, do outro. Este conhecimento (ponto anterior) é-nos tão natural como a apreciação de águas azuis ou de campos verdes sob o sol primaveril. É-nos tão natural como o gosto por ambientes humanos livres e independentes. Todas essas coisas são intrinsecamente verdadeiras, boas e belas; belas porque verdadeiras e boas. Em contrapartida, trincheiras numa no man's land, cenários urbanos pós-industriais, degradação humana, são igualmente feios, maus e falsos. Todos os seres humanos conhecem estes princípios gerais de um modo *natural*, ainda que não os consigam articular. Faz parte de ser-se *humano*; realmente humano. Esta compreensão é-nos *natural*. Todos nascemos com ela; é-nos inata.*

É o modo *natural* de organização do real. O bom é o verdadeiro é o belo.

[* *todos os marketeers e todos os produtores de hollywood sabem disto, e é precisamente por isso que usam sempre esta associação entre o bom, o verdadeiro e o belo, de um lado, e o mau, o falso e o feio, do outro. E.g. o casal jovem e heróico que vive na casa na pradaria, junto a um riacho fresco, manhãs frescas e solarengas, muitos animais, vida natural. Depois, o casal tem de fazer frente aos maus (os proverbiais porcos, feios e maus), um bando de mercenários, mentirosos, assassinos, provindos dos degredos da grande cidade; passam o tempo a espancar índios e a beber whiskey no bordel da cidade*]

The division bell

O padrão do século 21 é balcanização.

Desindividuação e identidades sintéticas.

Seinfeld e o role model denizen NY / Lady Gaga.

O cuckoo's nest de Fascismo.

The division bell – o padrão do século 21 é balcanização.

A era pós-moderna é definida por divisão, balcanização, guerras identitárias.

Do micro (indivíduo) ao macro (culturas, países).

A unholy alliance entre psicopolítica e geopolítica.

Manter bárbaros at each others' throats para abrir caminho aos big boys. O mote para a era pós-moderna é divisão, balcanização, seccionamento. Pessoas são internamente seccionadas, depois são viradas umas contra as outras por linhas identitárias, e o padrão macro, do societal ao geopolítico, passa a ser definido por balcanização ao longo dessas linhas; sectarismo, a todos os níveis que possam ser concebíveis. O Iraque é o modelo para o futuro; partição e guerra ao longo de linhas étnicas para controlo multinacional mais fácil. Psicopolítica casa-se com geopolítica e desta unholy alliance surge o padrão para o século 21 – dividir para conquistar. Manter os bárbaros a sufocarem-se mutuamente enquanto agências internacionais, megabancos, corporações e grandes fundações assumem controlo de – tudo.

The division bell – desindividuação e identidades sintéticas.

O indivíduo moldável, dissociativo, sintético / Brzezinski. O mundo pós-moderno é um mundo dissociativo. Está alicerçado em divisão interna e em divisão externa. Indivíduos são divididos internamente, seccionados, para que possam ser instrumentalizados num ambiente sócio/económico inumano, exigindo alternâncias contínuas de registo personalístico e comportamental. Como Zbigniew Brzezinski escreve ainda nos anos 70, o indivíduo pós-moderno já não é um indivíduo, na medida em que essa qualidade é medida por coerência interna, por uma personalidade integrada e consistente que age enquanto *si mesma*, e não como função de valores sociais. Mas o denizen da sociedade pós-industrial é cada vez mais uma manta de retalhos, flexibilizado, ajustado, moldado, distorcido, a viver não de acordo com a sua própria vida interna mas de acordo com as

exigências e condicionantes do mundo exterior. Um maelström de diferentes registos personalísticos e comportamentais em transições contínuas entre, e dentro de, diferentes papéis sociais. Esse era o resultado da sociedade sintética, e estava a gerar problemas sociais crónicos e níveis sem precedente de doença mental, escreve Brzezinski.

The ringing of the division bell has begun.

Estereótipos, marcas superficiais de valor e de utilidade social.

No desaparecimento de identidade individual, sentido de identidade é reencontrado em artefactos acessórios. Do macro para o micro, do micro para o macro. Pessoas seccionadas, internamente divididas, moldadas, instrumentalizadas, não podem, obviamente, ser pessoas capazes, responsáveis, morais. Quando alguém não tem uma identidade definida, mas algo que varia com o tempo e com o lugar, é evidente que não pode ser independente ou self-reliant. Tal pessoa vai ser propícia a ver o mundo pelo mesmo padrão divisório em que ela própria se encontra partida. O mundo é facilmente perspectivado como um espaço desindividuado de estereótipos, marcas de identidade colectiva, onde os restantes indivíduos tendem a ser vistos por marcas artificiais de valor e de utilidade social. É preciso ter uma identidade individual coerente para ver, e apreciar, as restantes pessoas como indivíduos. Quando isso não existe, é fácil, senão inevitável, que o mundo seja visto como um espaço dividido ao longo de todas as linhas ao longo das quais é possível dividi-lo: estatuto sócio-económico, ideologia, raça, etnia, sexo, religião, preferências culturais, etc. As pessoas tornam-se rotuláveis pela profissão que têm, pelo carro que conduzem, pela cor da sua pele, pelos sapatos que usam, pelas revistas que lêm.

Situação criada e estimulada pelos big boys, sob guerra psicossocial muito virulenta. E isso é incentivado pelos big boys, que *criaram* esta situação por meio de campanhas ininterruptas de guerra psicossocial, eufemisticamente chamada de engenharia psicossocial; e usam estes vectores para promover divisividade permanente, atomização individual, extremismo identitário.

The division bell – Seinfeld e o role model denizen NY / Lady Gaga. Tudo isto foi bastante bem ilustrado na sitcom Seinfeld, onde havia aqueles quatro yuppies nova iorquinos, role model denizens, pessoas essencialmente lineares e superficiais, que depois tratavam todas as restantes da mesma forma, como pedaços descartáveis de carne e de nervos, a ser avaliadas e descartadas pelas superficialidades mais ridículas. Jerry Seinfeld é um génio e isso foi muito pouco reconhecido na altura. E foi Seinfeld quem comentou, ainda há uns anos atrás, o modo como a cultura actual já tinha chegado ao ponto de ruptura e de estouro, e que isso era bastante evidente quando havia cantoras que levavam cadáveres para o palco, com sangue, órgãos e esqueletos misturados com mulheres semi-nuas. Sexo e morte, conciliação de Eros e Tanatos, masturbação e suicídio, necrofilia. E é claro que uma pessoa que está Gaga é uma pessoa que está

maluca. Uma lady que está completamente desarranjada, e não é no sentido playful da expressão.

The division bell – O cuckoo's nest de Fascismo.

Indivíduo tornado identitário, sob todo o tipo de artefactos sociais absurdos.

Depois, esses artefactos tornam-se "causas" (e.g. bicicletas e tudo o resto).

O cuckoo's nest, marcado por cinzentismo, consensualidade, quebra de comunicação. O indivíduo moderno é ensinado desde jovem a escolher um conjunto de clubes identitários – do jogo virtual favorito à raça e à etnia. Depois, é ensinado a apegar-se a essas "causas" com o furor que é proporcionado por investimento personalístico total, e a defendê-las contra outras visões com violência fanática (hoje, andar de bicicleta é uma questão de identidade e é uma "causa"; não é só a lady dos cadáveres que está gaga). E é assim que se cria o cuckoo's nest. A pessoa média tende a deixar de ter disponibilidade para ouvir posições contraditórias às suas próprias. Sente essas instâncias como afrontas às suas próprias crenças cristalizadas e tende a reagir de forma agressiva. Essa pessoa média pode aceitar que o outro tenha as suas próprias crenças opostas, contando que não tente trazê-las a debate e afirmar a sua validade. Isso é interpretado como uma tentativa de "impor" pontos de vista, uma tentativa de "conversão". As pessoas tendem a fechar-se em espaços mentais cinzentos, a remeter-se a comunicação cinzenta, consensual, "não-ofensiva" (i.e. estéril), vazia de significado.

Espaço público torna-se intolerante, iliberal, anti-democrático / Fascismo. O espaço público tende a tornar-se num espaço incrivelmente intolerante, iliberal e anti-democrático, um espaço onde o livre debate de ideias e de posições se torna tabu. O livre debate de ideias passa a ser visto como algo que origina "polémica" e "violência" – como sob Fascismo. E isto ***é*** Fascismo.

GHENT – “Our Benevolent Feudalism”.

Ghent – Competição está morta.

A era da competição, livre ou não, está morta.

Aqueles que desejam viver têm de fazer as pazes com a classe oligárquica.

«*...the era of competition, whether free or unfree, is dead...*»

«*In a word, they who desire to live whether farmers, workmen, middlemen, teachers, or ministers must make their peace with those who have the disposition of the livings*».

William James Ghent (1902). “Our Benevolent Feudalism”. London, NY: Macmillan.

Ghent – Melhorismo relativo, para prevenir revoltas.

Os sindicatos vão persistir, mas sem grandes efeitos.

No entanto, por temer revoltas, a nobreza vai tornar vida suportável.

O pleno exercício de exploração é contido, e há algum melhoramento social.

A maior parte dos trabalhadores arruinados terá pão.

Aqueles que não conseguirem serão eliminados da luta, deixando de ser factor de risco.

«*...despite the persistence of the unions, no considerable gains in behalf of labor are to be expected, except such as are freely given as acts of baronial grace and benevolence... A sense of the latent strength of democracy will restrain the full exercise of baronial powers, and a growing sense of ethics will guide baronial activities somewhat toward the channels of social betterment... Our nobility will thus temper their exactions to an endurable limit; and they will distribute benefits to a degree that makes a tolerant, if not a satisfied, people*».

«*Gradually, too, by one method or another, sometimes by the direct action of the nobility, the greater part of the displaced workers will find some means of getting bread, while those who cannot will be eliminated from the struggle and cease to be a potential factor for trouble*».

William James Ghent (1902). “Our Benevolent Feudalism”. London, NY: Macmillan.

Ghent – Novo feudalismo – Benevolente e uma evolução orgânica.

O novo Feudalismo é paternal e benevolente.

É um desenvolvimento a partir de condições presentes.

De magnata a barão, de trabalhador a vilão, de publicista a agente da corte.

Mudanças subtis de papel.

«*…our new Feudalism is… a paternal, a Benevolent Feudalism*».

«*The new Feudalism will be but an orderly outgrowth of present tendencies and conditions…All societies evolve naturally out of their predecessors. In sociology, as in biology, there is no cell without a parent cell. The society of each generation develops a multitude of spontaneous and acquired variations, and out of these, by a blending process of natural and conscious selection, the succeeding society is evolved. The new order will differ in no important respects from the present, except in the completer development of its more salient features. The visitor from another planet who had known the old and should see the new would note but few changes. Alter et idem another yet the same he would say. From magnate to baron, from workman to villein, from publicist to court agent and retainer, will be changes of state and function so slight as to elude all but the keenest eyes*».

William James Ghent (1902). "Our Benevolent Feudalism". London, NY: Macmillan.

Ghent – Novo feudalismo – A nova villeinage, assalariada.

A nova villeinage está presa ao emprego, não à terra, através do sistema de salários.

O novo regime isenta-se de responsabilidade pelos seus trabalhadores.

Protege, num acto de graça, apenas aqueles que são fiéis e obedientes.

Concentração permite extensão ilimitada de listas negras.

«*Bondage to the land was the basis of villeinage in the old regime; bondage to the job will be the basis of villeinage in the new… The wage-system will endure… The new regime, absolving itself from all general responsibility to its workers, extends a measure of protection, solely as an act of grace, only to those who are faithful and obedient; and it holds the entire mass of its employed underlings to the terms of day-by-day service… Moreover, concentration gives opportunity for an almost indefinite extension of the black-list: a person of offensive activity may be denied work in every feudal shop and on every feudal farm from one end of the country to the other. He will be a hardy and reckless industrial villein indeed who will dare incur the enmity of the Duke of the Oil Trust when he knows that his actions will be promptly communicated to the banded autocracy of dukes, earls, and marquises of the steel, coal, iron, window glass, lumber, and traffic industries*».

William James Ghent (1902). “Our Benevolent Feudalism”. London, NY: Macmillan.

Ghent – Novo feudalismo – Feudo de eleição, a cidade.

O feudo de eleição deixa de ser a quinta, passa a ser a cidade, onde os vilões são concentrados.

«*The growth of industries has overshadowed the importance of agriculture, which is ever being pushed back into the West and into other and remote countries; and the new order finds its larger interests and its greater measure of control in the workshops rather than on the farms. The oil wells, the mines, the grain fields, the forests, and the great thoroughfares of the land are its ultimate sources of revenue; but its strong-holds are in the cities. It is in these centres of activity, with their warehouses, where the harvests are hoarded; their workshops, where the metals and woods are fashioned into articles of use; their great distributing houses; their exchanges; their enormously valuable franchises to be had for the asking or the seizing, and their pressure of population, which forces an hourly increase in the exorbitant value of land, that the new Feudalism finds the field best adapted for its main operations*».

William James Ghent (1902). “Our Benevolent Feudalism”. London, NY: Macmillan.

Ghent – Novo feudalismo – Servido por governo, justiça, forças armadas.

O aparato de estado é mantido pelos vilões, controlando-os em nome da senhoria.

Motivo e operação do estado torna-se mera função da vontade dos nobres.

«*The nobles will have attained to complete power, and the motive and operation of government will have become simply the registering and administering of their collective will*».

Oficiais judiciais perceberão o significado dos seus “deveres” e serão obedientes.

«*From petty constable to Supreme Court Justice the officials will understand, or be made to understand, the golden mean of their duties; and except for an occasional rascally Jacobin, whom it may for a time be difficult to suppress, they will be faithful and obey*».

Regime feudal protegido por tropas regulares, em vez de irregulares.

«*Armed force will, of course, be employed to overawe the discontented and to quiet unnecessary turbulence. Unlike the armed forces of the old Feudalism, the nominal control will be that of the State; the soldiery will be regular, and not irregular*».

William James Ghent (1902). “Our Benevolent Feudalism”. London, NY: Macmillan.

Ghent – Novo feudalismo – Um novo sistema de castas graduadas.

No fundo da escala, os wastrels (vagabundos, desempregados, ocasionalmente empregados)...

...no topo os barões da banca e da indústria (os novos duques, condes, marqueses).

Trabalhadores rurais, mineiros e florestais.

Vilões urbanos, que fazem trabalho especializado e não-especializado.

Capatazes e superintendentes, ou gestores de baixo nível.

Empreendedores assalariados, que se tornam gestores da indústria.

Cientistas, e uma classe sicofântica de actores e artistas, que existe para entreter os barões.

Os agentes da corte, e a este nível temos...

Opinion makers: especialistas de RP, editores jornalísticos.

Maior parte dos juízes e políticos.

Académicos e intelectuais.

Durante a transição, haverá eliminação gradual dos menos obedientes da classe.

No fim, a classe estará largamente transformada.

Terão a função de legitimar regime e acalmar descontentamento público.

«*At the bottom are the wastrels, at the top the barons; and the gradation, when the new regime shall have become fully developed, whole and perfect in its parts, will be about as follows:*

I. The barons, graded on the basis of possessions.

II. The court agents and retainers.

III. The workers in pure and applied science, artists and physicians.

IV. The entrepreneurs, the managers of the great industries, transformed into a salaried class.

V. The foremen and superintendents. This class has heretofore been recruited largely from the skilled workers, but with the growth of technical education in schools and colleges, and the development of fixed caste, it is likely to become entirely differentiated.

VI. The villeins of the cities and towns, more or less regularly employed, who do skilled work and are partially protected by organization.

VII. The villeins of the cities and towns who do unskilled work and are unprotected by organization. They will comprise the laborers, domestics, and clerks.

VIII. The villeins of the manorial estates, of the great farms, the mines, and the forests.

IX. The small-unit farmers (land owning), the petty tradesmen, and manufacturers.

X. The subtenants on the manorial estates and great farms (corresponding to the class of "free tenants" in the old Feudalism).

XI. The cotters.

XII. The tramps, the occasionally employed, the unemployed the wastrels of city and country.

The principle of gradation is the only one that can properly be applied. It is the relative degree of comfort material, moral, and intellectual which each class directly contributes to the nobility. The wastrels contribute least, and they are the lowest. The under-classes who do the hard work lay the basis of all wealth, but their contribution to the barons is indirect, and comes to its final goal through intermediate hands. The foremen and superintendents rightly hold a more elevated rank, and the entrepreneurs, who directly contribute most of the purely material comfort, will be found well up toward the top. Farther up in the social scale, partly from aesthetic and partly from utilitarian considerations, will be the scientists and artists».

«*But higher yet is the rank of the court agents and retainers. This class will include the editors of "respectable" and "safe" newspapers, the pastors of "conservative" and "wealthy" churches, the professors and teachers in endowed colleges and schools, lawyers generally, and most judges and politicians. During the transition period there will be a gradual elimination of the more unserviceable of these persons, with the result that in the end this class will be largely transformed. The individual security of place and livelihood of its members will then depend on the harmony of their utterances and acts with the wishes of the great nobles. Theirs, in a sense, will be the most important function in the State "to justify the ways of God [and the nobility] to man." They will be the safeguards of the realm, the assuagers of popular suspicion and discontent*».

William James Ghent (1902). “Our Benevolent Feudalism”. London, NY: Macmillan.

Ghent – Novo feudalismo – Ciências sociais e relações públicas.

Paz será o maior desiderato e cultivá-la será a ciência da era.

A prevenção do descontentamento será o principal foco de energia dos nobres e dos seus legados.

Patologistas sociais detectarão descontentamentos antecipadamente.

Opinião pública será o foco essencial de tudo isto, gerir percepções e opiniões.

Para esse fim, educação, editoriais, ficção serão talentosamente moldados.

«*Peace will be the main desideratum, and its cultivation will be the most honored science of the age. A happy blending of generosity and firmness will characterize all dealings with open discontent; but the prevention of discontent will be the prior study, to which the intellect and the energies of the nobles and their legates will be ever bent. To that end the teachings of the schools and colleges, the sermons, the editorials, the stump orations, and even the plays at the theatres will be skilfully moulded… The disease of sedition is one whose every symptom and indication will be known by rote to our social pathologists of tomorrow, and the possible dangers of an epidemic will, in all cases, be provided against*».

Descontentamentos serão acolhidos com uma multitude de respostas calmantes.

Das universidades, que o descontentamento é ignorante e irracional, dado que as condições melhoraram nos últimos 100 anos.

Dos jornais, que o descontentamento é anarquia.

Uma hoste de economistas e editores mostrarão que a evolução é do melhor interesse de todos e que segue uma "lei natural e inevitável".

Que aqueles que perdem os empregos só podem queixar-se de si mesmos.

Que os que querem trabalho, conseguem arranjá-lo.

Que qualquer interferência com o regime existente trará um pânico.

Ouvindo isto, a multitude aquiescerá e acalmar-se-á.

«*…and the questioning heart of the poor, which perpetually seeks some answer to the painful riddle of the earth, will meet with a multitude of mollifying responses. These will be: from the churches, that discontent is the fruit of atheism, and that religion alone is a solace for earthly woe; from the colleges, that discontent is ignorant and irrational, since conditions have certainly bettered in the last one hundred years; from the newspapers, that discontent is anarchy; and from the stump orators that it is unpatriotic, since this nation is the greatest and most glorious that ever the sun shone upon… In such a crisis as that following upon the displacement of labor a host of economists, preachers, and editors will be ready to show indisputably that the evolution taking place is for the best interests of all; that it follows a "natural and inevitable law"; that those who have been thrown out of work have only their own incompetency to blame; that all who really want work can get it, and that any interference with the prevailing regime will be sure to bring on a panic, which will only make matters worse. Hearing this, the multitude will hesitatingly acquiesce and thereupon subside*».

William James Ghent (1902). “Our Benevolent Feudalism”. London, NY: Macmillan.

Ghent – Novo feudalismo – Os que “merecem” e os que não “merecem”.

Numa sociedade feudal, as pessoas são educadas para serem ingénuas e ignorantes.

E para pensarem e se comportarem, como crianças dependentes.

Os papéis sociais tornam-se muito simples: a criança recebe uma instrução, executa-a e depois recebe uma recompensa, um doce.

Portanto, entra a linguagem que se usa com crianças, a linguagem do mérito.

Ou seja, “será que mereces?”.

Aqueles que “merecem” são os “lowly”. «*The lowly, "whose happiness is greater and whose welfare is more thoroughly conserved when governed than when governing," as a twentieth-century philosopher said of them*»

Esses têm pão e circo.

Cada qual tem a sua “justly appointed share”, a sua “fair share”, dos recursos da comuna feudal.

Cada qual tem o seu pequeno espaço alugado, no campo ou na cidade.

Aqueles que não merecem, estão apenas a colher as recompensas do seu orgulho e teimosia.

...e isso é a lista negra, a eliminação e outras coisas deste género.

«*…each has his rented patch in the country or his rented cell in a city building. Bread and the circus are freely given to the deserving, and as for the undeserving, they are merely reaping the rightful rewards of their contumacy and pride. Order reigns, each has his justly appointed share…*».

William James Ghent (1902). “Our Benevolent Feudalism”. London, NY: Macmillan.

Ghent – Novo feudalismo – “Paz, segurança, estabilidade”.

O mote da nova sociedade será “paz, estabilidade e segurança”.

As massas, recordando o caos e tumulto do passado, aceitarão o regime.

«*Peace and stability [and security] it will maintain at all hazards; and the mass, remembering the chaos, the turmoil, the insecurity of the past, will bless its reign. Peace and stability will be its arguments of defence against all criticism, domestic or foreign*».

William James Ghent (1902). “Our Benevolent Feudalism”. London, NY: Macmillan.

JACK LONDON – “The Iron Heel” – Castas, tecnocracia e o Povo do Abismo.

Jack London – The Iron Heel – Oligarcas, gestores, mercenários, povo do abismo.

Gestores com melhores condições, indiferentes ao povo do abismo.

Uma era de egoísmo.

«*The members of the great labor castes were contented… They lived in more comfortable homes and in… cities of their own… They had better food to eat, less hours of labor, more holidays, and a greater amount and variety of interests and pleasures. And for their less fortunate brothers and sisters, the unfavored laborers, the driven people of the abyss, they cared nothing. An age of selfishness was dawning upon mankind*».

Corpo de mercenários desenvolvido a partir de exército regular.

Uma raça aparte, com privilégios, moralidade e consciência de classe.

«*Another great institution that had taken form and was working smoothly was the Mercenaries. This body of soldiers had been evolved out of the old regular army and was now a million strong, to say nothing of the colonial forces. The Mercenaries constituted a race apart. They dwelt in cities of their own which were practically self-governed, and they were granted many privileges. By them a large portion of the perplexing surplus was consumed. They were losing all touch and sympathy with the rest of the people, and, in fact, were developing their own class morality and consciousness*».

Castas de gestores, mercenários, hordes de agentes secretos e polícia.

«*The labor castes, the Mercenaries, and the great hordes of secret agents and police of various sorts were all pledged to the Oligarchy…*»

Oligarcas disciplinaram-se como classe, assumiram perspectiva aristocrática.

Viam-se a si próprios como treinadores de animais selvagens.

«*The oligarchs… as a class,… disciplined themselves… They were taught, and later they in turn taught, that what they were doing was right. They assimilated the aristocratic idea from the moment they began, as children, to receive impressions of the world. The aristocratic idea was woven into the making of them until it became bone of them and flesh of them. They looked upon themselves as wild-animal trainers, rulers of beasts…*»

Os animais selvagens são o povo do abismo.

Novos servos feudais, brutalizado e sem qualquer tipo de liberdade.

«*…the great helpless mass of the population, the people of the abyss, was sinking into a brutish apathy of content with misery… The condition of the people of the abyss was pitiable… They lived like beasts in great squalid labor-ghettos, festering in misery and degradation. All their old liberties were gone. They were labor-slaves. Choice of work was denied them. Likewise was denied them the right to move from place to place, or the right to bear or possess arms… They were machine-serfs and labor-serfs*».

Jack London (1907). The Iron Heel.

1984 – O'Brien.

1984 – O'Brien – Facilitador, para reinserir Winston na Sociedade.

O'Brien, o facilitador. «*It was O'Brien who was directing everything… He was the tormentor, he was the protector, he was the inquisitor, he was the friend*»

Isto é um processo de «*reintegration*», reinserção social.

George Orwell (1948). Nineteen Eighty Four.

1984 – O'Brien – O sistema de tortura e despersonalização do Partido.

Inquisição Católica, Nazis Alemães e Comunistas Russos tinham métodos incompletos de lidar com dissidência.

«*…**in this place there are no martyrdoms**. You have read of the religious persecutions of the past. In the Middle Ages there was the Inquisition. It was a failure. It set out to eradicate heresy, and ended by perpetuating it. For every heretic it burned at the stake, thousands of others rose up. Why was that? Because the Inquisition killed its enemies in the open, and killed them while they were still unrepentant: in fact, it killed them because they were unrepentant. Men were dying because they would not abandon their true beliefs. Naturally all the glory belonged to the victim and all the shame to the Inquisitor who burned him. **Later, in the twentieth century, there were the totalitarians, as they were called. There were the German Nazis and the Russian Communists. The Russians persecuted heresy more cruelly than the Inquisition had done**. And they imagined that they had learned from the mistakes of the past; they knew, at any rate, that one must not make martyrs. **Before they exposed their victims to public trial, they deliberately set themselves to destroy their dignity**. They wore them down by torture and solitude until they were despicable, cringing wretches, confessing whatever was put into their mouths, covering themselves with abuse, accusing and sheltering behind one another, whimpering for mercy. And yet after only a few years the same thing had happened over again. The dead men had become martyrs and their degradation was forgotten. Once again, why was it? In the first place, because the confessions that they had made were obviously extorted and untrue*»

O método do Partido.

Nós não fazemos erros desse género.

Todas as confissões obtidas são genuínas.

Não nos limitados a destruir inimigos, mudamo-los.

"Não nos contentamos com obediência, ou submissão".

"O herege não é destruído porque resiste; enquanto resiste, nunca é destruído".

"Convertemo-lo, remoldamo-lo, de alma e coração".

"Ele torna-se um de nós antes de ser morto...o cérebro é tornado perfeito antes de ser estourado".

«*We do not make mistakes of that kind… we are different from the persecutors of the past… All the confessions that are uttered here are true. We make them true…The Party is not interested in the overt act: the thought is all we care about. We do not merely destroy our enemies, we change them… We are not content with negative obedience, nor even with the most abject submission. We do not destroy the heretic because he resists us: so long as he resists us we never destroy him. We convert him, we capture his inner mind, we reshape him… we bring him over to our side, not in appearance, but genuinely, heart and soul. We make him one of ourselves before we kill him. It is intolerable to us that an erroneous thought should exist anywhere in the world, however secret and powerless it may be. Even in the instant of death we cannot permit any deviation. In the old days the heretic walked to the stake still a heretic, proclaiming his heresy, exulting in it. Even the victim of the Russian purges could carry rebellion locked up in his skull as he walked down the passage waiting for the bullet. But we make the brain perfect before we blow it out*»

Dissidentes são eliminados da história, aniquilados no passado e no futuro.

And above all we do not allow the dead to rise up against us. You must stop imagining that posterity will vindicate you, Winston. Posterity will never hear of you. You will be lifted clean out from the stream of history. We shall turn you into gas and pour you into the stratosphere. Nothing will remain of you, not a name in a register, not a memory in a living brain. You will be annihilated in the past as well as in the future. You will never have existed»

"The Last Man".

"Ninguém que sai do rebanho é poupado".

"O que te acontece aqui é eterno".

"Vamos esmagar-te até ao ponto de não-retorno".

"Nunca mais serás capaz de sentimentos humanos normais".

"Serás vazio, e preenchido com a nossa essência".

"Se és um homem, és o último homem...estás sozinho e és inexistente, fora da história".

«*Do not imagine that you will save yourself, Winston, however completely you surrender to us. No one who has once gone astray is ever spared. And even if we chose to let you live out the natural term of your life, still you would never escape from us. What happens to you here is for ever. Understand that in advance. We shall crush you down to the point from which there is no coming back. Things will happen to you from which you could not recover, if you lived a thousand years. Never again will you be capable of ordinary human feeling. Everything will be dead inside you. Never again will you be capable of love, or friendship, or joy of living, or laughter, or curiosity, or courage, or integrity. You will be hollow. We shall squeeze you empty, and then we shall fill you with ourselves… If you are a man, Winston, you are the last man. Your kind is extinct; we are the inheritors… you are alone… you are outside history, you are non-existent*» George Orwell (1948). Nineteen Eighty Four.

1984 – O'Brien – A religião do poder.

Os sacerdotes do poder.

"Somos os sacerdotes do poder".

"O poder é colectivo, o indivíduo é apenas uma célula".

"O indivíduo torna-se todo poderoso quando se funde com o colectivo".

«*We are the priests of power… power is collective… the individual is only a cell… The individual only has power in so far as he ceases to be an individual… Slavery is freedom. Alone — free — the human being is always defeated… But if he can make complete, utter submission, if he can escape from his identity, if he can merge himself in the Party so that he is the Party, then he is all-powerful and immortal*»

O poder é um fim, não um meio.

"Não estamos interessados no bem comum, ou em riqueza, felicidade, vida longa.

"Apenas em poder, puro poder".

"Somos diferentes de todas as oligarquias do passado porque sabemos o que estamos a fazer".

Não se institui uma ditadura para salvaguardar a revolução...

...faz-se a revolução para estabelecer a ditadura.

O objecto de persecução é persecução, o objecto de tortura é tortura...

...o objecto de poder é poder.

«*We are not interested in the good of others; we are interested solely in power. Not wealth or luxury or long life or happiness: only power, pure power… We are different*

from all the oligarchies of the past, in that we know what we are doing. All the others, even those who resembled ourselves, were cowards and hypocrites. The German Nazis and the Russian Communists came very close to us in their methods, but they never had the courage to recognize their own motives. They pretended, perhaps they even believed, that they had seized power unwillingly and for a limited time, and that just round the corner there lay a paradise where human beings would be free and equal. We are not like that. We know that no one ever seizes power with the intention of relinquishing it. Power is not a means, it is an end. One does not establish a dictatorship in order to safeguard a revolution; one makes the revolution in order to establish the dictatorship. The object of persecution is persecution. The object of torture is torture. The object of power is power»

Poder puro é poder ilimitado sobre seres humanos.

O poder está em infligir dor e humilhação, em destruir e remoldar mentes.

«*Power is in inflicting pain and humiliation. Power is in tearing human minds to pieces and putting them together again in new shapes of your own choosing*»

Um mundo baseado em traição, medo, tormento, pisar e ser pisado.

Onde progresso é desumanidade e dor.

Emoções toleradas são ódio, medo, triunfo, auto-rebaixamento.

«*…the kind of world we are creating… is… a world of fear and treachery and torment, a world of trampling and being trampled upon, a world which will grow not less but more merciless as it refines itself. Progress in our world will be progress towards more pain. The old civilizations claimed that they were founded on love or justice. Ours is founded upon hatred. In our world there will be no emotions except fear, rage, triumph, and self-abasement*»

A bota a pisar a cara humana para sempre.

Todas as emoções competidoras serão erradicadas.

Laços entre pais e filhos, homem e mulher, amigos.

No futuro, já nem haverá casamento, filhos, ou amigos, instinto sexual será erradicado.

Toda a satisfação e triunfo serão encontrados no colectivo.

Arte, ciência, literatura serão erradicados.

"…a boot stamping on a human face — for ever".

«*Everything else we shall destroy – everything. Already we are breaking down the habits of thought which have survived from before the Revolution. We have cut the links*

between child and parent, and between man and man, and between man and woman. No one dares trust a wife or a child or a friend any longer. But in the future there will be no wives and no friends. Children will be taken from their mothers at birth, as one takes eggs from a hen. The sex instinct will be eradicated. Procreation will be an annual formality like the renewal of a ration card. We shall abolish the orgasm. Our neurologists are at work upon it now. There will be no loyalty, except loyalty towards the Party. There will be no love, except the love of Big Brother. There will be no laughter, except the laugh of triumph over a defeated enemy. There will be no art, no literature, no science. When we are omnipotent we shall have no more need of science. There will be no distinction between beauty and ugliness. There will be no curiosity, no enjoyment of the process of life. All competing pleasures will be destroyed… But… always there will be the intoxication of power, constantly increasing and constantly growing subtler. Always, at every moment, there will be the thrill of victory, the sensation of trampling on an enemy who is helpless. If you want a picture of the future, imagine a boot stamping on a human face — for ever»

A Sociedade precisa de inimigos, hereges, para perseguição eterna.

O herege, o inimigo da sociedade estará lá sempre, para ser derrotado e humilhado vezes sem conta.

Espionagem, traições, execuções, tortura, desaparecimentos, são eternos.

Um mundo de terror e triunfo.

"…an endless pressing, pressing, pressing upon the nerve of power".

«*The heretic, the enemy of society, will always be there, so that he can be defeated and humiliated over again. Everything that you have undergone since you have been in our hands — all that will continue, and worse. The espionage, the betrayals, the arrests, the tortures, the executions, the disappearances will never cease. It will be a world of terror as much as a world of triumph… Always we shall have the heretic here at our mercy, screaming with pain, broken up, contemptible — and in the end utterly penitent, saved from himself, crawling to our feet of his own accord. That is the world that we are preparing, Winston. A world of victory after victory, triumph after triumph after triumph: an endless pressing, pressing, pressing upon the nerve of power*» George Orwell (1948). Nineteen Eighty Four.

1984 – O'Brien – Os proletários são animais indefesos e não podem mudar nada.

«*…the proletarians or the slaves… They are helpless, like the animals. Humanity is the Party. The others are outside — irrelevant*» George Orwell (1948). Nineteen Eighty Four.

1984 – O'Brien – O subjectivismo da religião do poder.

Quem controla o presente controla o passado.

O Partido controla os registos e a memória, e fabrica a verdade colectiva.

Quem não aceita a verdade colectiva é um lunático, uma minoria de um.

O acto de submissão é o preço da sanidade.

Realidade não é externa, mas sim mental e colectiva.

«*Who controls the present controls the past… where does the past exist, if at all? In records… And… in the mind. In human memories. In memory… We… control all records, and we control all memories… we control the past*». E quem não aceita isto, a verdade colectiva, é «*a lunatic, a minority of one*», que acredita que «*reality is something objective, external, existing in its own right… that the nature of reality is self-evident*». Mas, «*reality is not external. Reality exists in the human mind, and nowhere else. Not in the individual mind, which can make mistakes, and in any case soon perishes: only in the mind of the Party, which is collective and immortal. Whatever the Party holds to be the truth, is truth. It is impossible to see reality except by looking through the eyes of the Party… It needs an act of self-destruction, an effort of the will… the act of submission… is the price of sanity*»

Controlo sobre toda a vida e toda a matéria reside na mente infinitamente maleável.

Controlamos matéria e criamos leis da natureza porque controlamos mente humana.

"Se eu acreditar que consigo voar e tu também acreditares, então eu consigo voar".

Realidade está na mente, e nada existe fora da consciência.

Controlamos vida e criamos natureza humana.

Os homens são infinitamente maleáveis.

«*…power is power over human beings. Over the body but, above all, over the mind. Power over matter — external reality, as you would call it — is not important. Already our control over matter is absolute… We control matter because we control the mind. Reality is inside the skull. You must get rid of those nineteenth-century ideas about the laws of Nature. We make the laws of Nature… Nothing exists except through human consciousness… We control life… at all its levels… we create human nature. Men are infinitely malleable*» George Orwell (1948). Nineteen Eighty Four.

1984 – O'Brien – Deus versus Sociedade.

Terror psicológico e verbiagem subjectivista de O'Brien são baseados na ideia de interdependência material.

“Matéria é tudo o que existe e tu precisas da matéria – nós controlamos toda a matéria, portanto controlamos até os teus mais pequenos pensamentos”.

Winston é submetido porque está, efectivamente, dependente da matéria.

Quando rejeita a existência de Deus, abdica da única esfera realmente verdadeira...

...e que o emanciparia da esfera material...

...esta é a única linha para a qual O’Brien não teria resposta possível.

<u>**1984 – Colectivismo oligárquico – Congelar desenvolvimento, impor austeridade**</u>.

Congelar desenvolvimento e capitalismo, de modo a evitar prosperidade social [1984].

<u>No início do século XX, havia a visão de uma sociedade futura próspera e eficiente</u>.

Igualdade humana tinha-se tornado possível.

Isto surge com o advento da produção mecanizada.

Deixava de haver necessidade de, ou base para, distinção de classes.

Portanto, para os grupos que estavam prestes a capturar o poder...

...igualdade humana deixava de ser um ideal, passava a ser um perigo.

«*…as early as the beginning of the twentieth century, human equality had become technically possible… there was no longer any real need for class distinctions or for large differences of wealth. In earlier ages, class distinctions had been not only inevitable but desirable. Inequality was the price of civilization. With the development of machine production, however, the case was altered. Even if it was still necessary for human beings to do different kinds of work, it was no longer necessary for them to live at different social or economic levels. Therefore, from the point of view of the new groups who were on the point of seizing power, human equality was no longer an ideal to be striven after, but a danger to be averted*»

<u>Os "perigos" inerentes à máquina</u>.

Fome, excesso de trabalho, sujidade, iliteracia e doença podiam ser eliminados em poucas gerações.

E nível de vida sem dúvida aumenta, temporariamente.

Aumento de riqueza ameaça destruição da sociedade hierárquica.

Num mundo próspero onde todos são classe média, a mais óbvia forma de desigualdade desaparece.

Assim, seria impossível manter poder nas mãos de uma casta privilegiada.

Massas de seres humanos tornar-se-iam letrados e aprenderiam a pensar.

Uma sociedade hierárquica só é possível com base em ignorância e pobreza.

«*In the early twentieth century, the vision of a future society unbelievably rich, leisured, orderly, and efficient — a glittering antiseptic world of glass and steel and snow-white concrete — was part of the consciousness of nearly every literate person*»

«*Nevertheless the dangers inherent in the machine are still there. From the moment when the machine first made its appearance it was clear to all thinking people that the need for human drudgery, and therefore to a great extent for human inequality, had disappeared. If the machine were used deliberately for that end, hunger, overwork, dirt, illiteracy, and disease could be eliminated within a few generations. And in fact, without being used for any such purpose, but by a sort of automatic process — by producing wealth which it was sometimes impossible not to distribute — the machine did raise the living standards of the average human being very greatly over a period of about fifty years at the end of the nineteenth and the beginning of the twentieth centuries*»

«*But it was also clear that an all-round increase in wealth threatened the destruction — indeed, in some sense was the destruction — of a hierarchical society. In a world in which everyone worked short hours, had enough to eat, lived in a house with a bathroom and a refrigerator, and possessed a motor-car or even an aeroplane, the most obvious and perhaps the most important form of inequality would already have disappeared. If it once became general, wealth would confer no distinction. It was possible, no doubt, to imagine a society in which wealth, in the sense of personal possessions and luxuries, should be evenly distributed, while power remained in the hands of a small privileged caste. But in practice such a society could not long remain stable. For if leisure and security were enjoyed by all alike, the great mass of human beings who are normally stupefied by poverty would become literate and would learn to think for themselves; and when once they had done this, they would sooner or later realize that the privileged minority had no function, and they would sweep it away. In the long run, a hierarchical society was only possible on a basis of poverty and ignorance*»

Desde fim de século XIX, surge questão de gerir excedentes produzidos.

Manter massas na pobreza pela restrição de produção acontece na fase final de capitalismo.

Economias estagnam…

…terra deixa de ser cultivada...

…equipamento de produção é restringido…

...grandes blocos da população ficam no desemprego...

...são mantidos por caridade estatal, segurança social.

«*Ever since the end of the nineteenth century, the problem of what to do with the surplus of consumption goods has been latent in industrial society… Nor was it a satisfactory solution to keep the masses in poverty by restricting the output of goods. This happened to a great extent during the final phase of capitalism, roughly between 1920 and 1940. The economy of many countries was allowed to stagnate, land went out of cultivation, capital equipment was not added to, great blocks of the population were prevented from working and kept half alive by State charity*» George Orwell (1948). "The Theory and Practice of Oligarchical Collectivism" *In* Nineteen Eighty Four.

Austeridade generalizada permite regimentação social [1984].

Até os grupos favorecidos são austeros...

…isto aumenta importância dos privilégios…

...aumenta distinção entre grupos.

Atmosfera social é a de uma cidade sitiada.

O poder é naturalmente entregue nas mãos de uma pequena casta.

«*In practice the needs of the population are always underestimated, with the result that there is a chronic shortage of half the necessities of life; but this is looked on as an advantage. It is deliberate policy to keep even the favoured groups somewhere near the brink of hardship, because a general state of scarcity increases the importance of small privileges and thus magnifies the distinction between one group and another. By the standards of the early twentieth century, even a member of the Inner Party lives an austere, laborious kind of life. Nevertheless, the few luxuries that he does enjoy his large, well-appointed flat, the better texture of his clothes, the better quality of his food and drink and tobacco, his two or three servants, his private motor-car or helicopter— set him in a different world from a member of the Outer Party, and the members of the Outer Party have a similar advantage in comparison with the submerged masses whom we call 'the proles'. The social atmosphere is that of a besieged city, where the possession of a lump of horseflesh makes the difference between wealth and poverty. And at the same time the consciousness of being at war, and therefore in danger, makes the handing-over of all power to a small caste seem the natural, unavoidable condition of survival*» George Orwell (1948). "The Theory and Practice of Oligarchical Collectivism" *In* Nineteen Eighty Four.

Socialismo visa congelar desenvolvimento [1984].

Todas as novas teorias políticas levavam de volta a hierarquia e regimentação.

Every new political theory, by whatever name it called itself, led back to hierarchy and regimentation.

Os novos grupos proclamaram a sua tirania à partida.

Em cada variante de socialismo que surge de 1900 em diante...

...o objectivo de estabelecer liberdade e igualdade foi abertamente abandonado.

Novos movimentos aparecem com objectivo declarado de perpetuar desigualdade.

Com o propósito de prender o progresso e congelar a história.

«*The Middle, so long as it was struggling for power, had always made use of such terms as freedom, justice, and fraternity. Now, however, the concept of human brotherhood began to be assailed by people who were not yet in positions of command, but merely hoped to be so before long. In the past the Middle had made revolutions under the banner of equality, and then had established a fresh tyranny as soon as the old one was overthrown. The new Middle groups in effect proclaimed their tyranny beforehand. Socialism, a theory which appeared in the early nineteenth century and was the last link in a chain of thought stretching back to the slave rebellions of antiquity, was still deeply infected by the Utopianism of past ages. But in each variant of Socialism that appeared from about 1900 onwards the aim of establishing liberty and equality was more and more openly abandoned. The new movements which appeared in the middle years of the century, Ingsoc in Oceania, Neo-Bolshevism in Eurasia, Death-Worship, as it is commonly called, in Eastasia, had the conscious aim of perpetuating unfreedom and inequality. These new movements, of course, grew out of the old ones and tended to keep their names and pay lipservice to their ideology. But the purpose of all of them was to arrest progress and freeze history at a chosen moment*» George Orwell (1948). "The Theory and Practice of Oligarchical Collectivism" *In* Nineteen Eighty Four.

Socialismo e abolição de propriedade privada estabelecem totalitarismo [1984].

Capitalistas foram expropriados de fábricas, minas, terra, casas, transporte.

Estas coisas passam a ser propriedade pública.

Como resultado, desigualdade económica é tornada permanente.

Abolição de propriedade privada traz concentração em muito menos mãos que antes.

Única base segura para oligarquia é colectivismo.

Propriedade é melhor defendida quando defendida colectivamente.

«*It had always been assumed that if the capitalist class were expropriated, Socialism must follow: and unquestionably the capitalists had been expropriated. Factories,*

mines, land, houses, transport — everything had been taken away from them: and since these things were no longer private property, it followed that they must be public property. Ingsoc, which grew out of the earlier Socialist movement and inherited its phraseology, has in fact carried out the main item in the Socialist programme; with the result, foreseen and intended beforehand, that economic inequality has been made permanent… It had long been realized that the only secure basis for oligarchy is collectivism. Wealth and privilege are most easily defended when they are possessed jointly. The so-called 'abolition of private property' which took place in the middle years of the century meant, in effect, the concentration of property in far fewer hands than before: but with this difference, that the new owners were a group instead of a mass of individuals. Individually, no member of the Party owns anything, except petty personal belongings. Collectively, the Party owns everything in Oceania, because it controls everything, and disposes of the products as it thinks fit» George Orwell (1948). "The Theory and Practice of Oligarchical Collectivism" *In* Nineteen Eighty Four.

1984 – Doublethink e controlo de pensamento – Castas sociais.

Doublethink – As crenças perspectivistas dos três superestados [1984].

Três superestados não têm distinções ideológicas significativas.

Ingsoc, Neo-Bolchevismo, Obliteração do Self.

Estrutura piramidal, culto do líder, economia de guerra.

Negação da realidade.

«*…these three super-states… are not divided by any genuine ideological difference*»

«*In Oceania the prevailing philosophy is called Ingsoc, in Eurasia it is called Neo-Bolshevism, and in Eastasia it is called by a Chinese name usually translated as Death-Worship, but perhaps better rendered as Obliteration of the Self. Actually the three philosophies are barely distinguishable, and the social systems which they support are not distinguishable at all. Everywhere there is the same pyramidal structure, the same worship of semi-divine leader, the same economy existing by and for continuous warfare*»

«*…the denial of reality which is the special feature of Ingsoc and its rival systems of thought…*»

Crimestop, blackwhite, doublethink, tornam pessoa incapaz de pensamento profundo sobre qualquer tema. «*…without taking thought, what is the true belief or the desirable emotion. But in any case an elaborate mental training, undergone in childhood and grouping itself round the Newspeak words crimestop, blackwhite, and doublethink, makes him unwilling and unable to think too deeply on any subject whatever*»

George Orwell (1948). "The Theory and Practice of Oligarchical Collectivism" *In* Nineteen Eighty Four.

Doublethink – Crimestop, blackwhite [1984].

Crimestop.

"…faculty of stopping short at the threshold of any dangerous thought…"

"…the power of not grasping analogies, of failing to perceive logical errors…"

"…of misunderstanding the simplest arguments if they are inimical to Ingsoc…"

"…of being bored or repelled by any train of thought which is capable of leading in a heretical direction…"

"Crimestop, in short, means protective stupidity".

«*The first and simplest stage in the discipline, which can be taught even to young children, is called, in Newspeak, crimestop. Crimestop means the faculty of stopping short, as though by instinct, at the threshold of any dangerous thought. It includes the power of not grasping analogies, of failing to perceive logical errors, of misunderstanding the simplest arguments if they are inimical to Ingsoc, and of being bored or repelled by any train of thought which is capable of leading in a heretical direction. Crimestop, in short, means protective stupidity. But stupidity is not enough. On the contrary, orthodoxy in the full sense demands a control over one's own mental processes as complete as that of a contortionist over his body*»

"Blackwhite".

"…impudently claiming that black is white, in contradiction of the plain facts".

"…the ability to believe that black is white…"

"…and more, to know that black is white, and to forget that one has ever believed the contrary".

"This demands a continuous alteration of the past".

«*…there is need for an unwearying, moment-to-moment flexibility in the treatment of facts. The keyword here is blackwhite. Like so many Newspeak words, this word has two mutually contradictory meanings. Applied to an opponent, it means the habit of impudently claiming that black is white, in contradiction of the plain facts. Applied to a Party member, it means a loyal willingness to say that black is white when Party discipline demands this. But it means also the ability to believe that black is white, and more, to know that black is white, and to forget that one has ever believed the contrary. This demands a continuous alteration of the past, made possible by the system of thought which really embraces all the rest, and which is known in Newspeak as doublethink*»

George Orwell (1948). "The Theory and Practice of Oligarchical Collectivism" *In* Nineteen Eighty Four.

Doublethink – Reescrita do passado [1984].

A história é continuamente reescrita.

Falsificação diária levada a cabo pelo Ministério da Verdade.

«*…if the facts say otherwise then the facts must be altered. Thus history is continuously rewritten. This day-to-day falsification of the past, carried out by the Ministry of Truth, is as necessary to the stability of the regime as the work of repression and espionage carried out by the Ministry of Love*»

"O passado não tem existência objectiva".

Sobrevive apenas em registos escritos e em memórias humanas, moldadas.

O passado está, portanto, sob o controlo do Partido.

«*Past events, it is argued, have no objective existence, but survive only in written records and in human memories. The past is whatever the records and the memories agree upon… And since the Party is in full control of all records and in equally full control of the minds of its members, it follows that the past is whatever the Party chooses to make it. It also follows that though the past is alterable, it never has been altered in any specific instance*»

Alteração do passado é essencial para regimes dos superestados.

«*The alteration of the past is necessary for two reasons, one of which is subsidiary and, so to speak, precautionary. The subsidiary reason is that the Party member, like the proletarian, tolerates present-day conditions partly because he has no standards of comparison. He must be cut off from the past, just as he must be cut off from foreign countries, because it is necessary for him to believe that he is better off than his ancestors and that the average level of material comfort is constantly rising. But by far the more important reason for the readjustment of the past is the need to safeguard the infallibility of the Party. It is not merely that speeches, statistics, and records of every kind must be constantly brought up to date in order to show that the predictions of the Party were in all cases right. It is also that no change in doctrine or in political alignment can ever be admitted. For to change one's mind, or even one's policy, is a confession of weakness*»

George Orwell (1948). "The Theory and Practice of Oligarchical Collectivism" *In* Nineteen Eighty Four.

Doublethink per se [1984].

Doublethink: usar mentiras conscientes enquanto se tem a certeza de que são verdade.

To tell deliberate lies while genuinely believing in them…

…to forget any fact that has become inconvenient…

…to deny the existence of objective reality, all the while to take account of the reality which one denies…

…a peculiar linking-together of opposites…

…knowledge with ignorance, cynicism with fanaticism.

É por meio de doublethink que o Partido conseguiu prender progresso.

«***Doublethink means the power of holding two contradictory beliefs in one's mind simultaneously, and accepting both of them…*** *The process has to be conscious, or it would not be carried out with sufficient precision, but it also has to be unconscious, or it would bring with it a feeling of falsity and hence of guilt. Doublethink lies at the very heart of Ingsoc, since the essential act of the Party is to use conscious deception while retaining the firmness of purpose that goes with complete honesty.* ***To tell deliberate lies while genuinely believing in them, to forget any fact that has become inconvenient, and then, when it becomes necessary again, to draw it back from oblivion for just so long as it is needed, to deny the existence of objective reality and all the while to take account of the reality which one denies*** *— all this is indispensably necessary. Even in using the word doublethink it is necessary to exercise doublethink. For by using the word one admits that one is tampering with reality; by a fresh act of doublethink one erases this knowledge; and so on indefinitely, with the lie always one leap ahead of the truth. Ultimately it is by means of doublethink that the Party has been able — and may, for all we know, continue to be able for thousands of years — to arrest the course of history… This peculiar linking-together of opposites — knowledge with ignorance, cynicism with fanaticism-is one of the chief distinguishing marks of Oceanic society. The official ideology abounds with contradictions even when there is no practical reason for them. Thus, the Party rejects and vilifies every principle for which the Socialist movement originally stood, and it chooses to do this in the name of Socialism*»

Ministry of Peace [war], Love [torture], Truth [lies], Plenty [starvation].

"It is only by reconciling contradictions that power can be retained indefinitely".

"If human equality is to be averted then mental condition must be controlled insanity".

«*It preaches a contempt for the working class unexampled for centuries past, and it dresses its members in a uniform which was at one time peculiar to manual workers and was adopted for that reason. It systematically undermines the solidarity of the family, and it calls its leader by a name which is a direct appeal to the sentiment of family loyalty. Even the names of the four Ministries by which we are governed exhibit a sort of impudence in their deliberate reversal of the facts. The Ministry of Peace concerns itself with war, the Ministry of Truth with lies, the Ministry of Love with torture and the Ministry of Plenty with starvation. These contradictions are not accidental, nor do they result from ordinary hypocrisy; they are deliberate exercises in doublethink. For it is only by reconciling contradictions that power can be retained indefinitely. In no other way could the ancient cycle be broken. If human equality is to be for ever averted — if the High, as we have called them, are to keep their places permanently — then the prevailing mental condition must be controlled insanity*»

Doublethink é tanto maior quanto mais alto o cargo. «*The splitting of the intelligence which the Party requires of its members, and which is more easily achieved in an atmosphere of war, is now almost universal, but the higher up the ranks one goes, the more marked it becomes. It is precisely in the Inner Party that war hysteria and hatred of the enemy are strongest. In his capacity as an administrator, it is often necessary for a member of the Inner Party to know that this or that item of war news is untruthful, and he may often be aware that the entire war is spurious and is either not happening or is being waged for purposes quite other than the declared ones: but such knowledge is easily neutralized by the technique of doublethink. Meanwhile no Inner Party member wavers for an instant in his mystical belief that the war is real, and that it is bound to end victoriously, with Oceania the undisputed master of the entire world*»

George Orwell (1948). "The Theory and Practice of Oligarchical Collectivism" *In* Nineteen Eighty Four.

1984 – O carácter das criaturas do Partido.

Um membro do Partido não tem emoções privadas.

É esperado que seja competente, industrioso, e até inteligente sob certos limites.

E também que seja um fanático crédulo e ignorante, dominado por medo, ódio, adulação e triunfo orgiástico.

«*A Party member is expected to have no private emotions and no respites from enthusiasm… Even the humblest Party member is expected to be competent, industrious, and even intelligent within narrow limits, but it is also necessary that he should be a credulous and ignorant fanatic whose prevailing moods are fear, hatred, adulation, and orgiastic triumph*»

Um membro do Partido tem de ter opiniões certas, e instintos certos.

«*A Party member is required to have not only the right opinions, but the right instincts. Many of the beliefs and attitudes demanded of him are never plainly stated, and could not be stated without laying bare the contradictions inherent in Ingsoc. If he is a person naturally orthodox (in Newspeak a goodthinker), he will in all circumstances know, without taking thought, what is the true belief or the desirable emotion. But in any case an elaborate mental training, undergone in childhood and grouping itself round the Newspeak words crimestop, blackwhite, and doublethink, makes him unwilling and unable to think too deeply on any subject whatever*»

George Orwell (1948). "The Theory and Practice of Oligarchical Collectivism" *In* Nineteen Eighty Four.

Massas proletárias são ignorantes e incapazes de revolta produtiva [1984].

Massas nunca se revoltam per se.

Nem sabem que são oprimidas, se não tiverem pontos de comparação.

Único perigo genuíno é aparecimento de um novo grupo de de liberais cépticos capazes.

Esse problema é educacional.

É uma questão de moldar consciências no Partido, e de influenciar negativamente as massas.

Isto são "the dumb masses", cerca de 85% da população.

«*The masses never revolt of their own accord, and they never revolt merely because they are oppressed. Indeed, so long as they are not permitted to have standards of comparison, they never even become aware that they are oppressed… From the point of view of our present rulers, therefore, the only genuine dangers are the splitting-off of a new group of able, under-employed, power-hungry people, and the growth of liberalism and scepticism in their own ranks. The problem, that is to say, is educational… It is a problem of continuously moulding the consciousness both of the directing group and of the larger executive group that lies immediately below it. The consciousness of the masses needs only to be influenced in a negative way*»

«*…the dumb masses whom we habitually refer to as 'the proles', numbering perhaps 85 per cent of the population*»

Os proletários não são admitidos no Partido.

Os mais dotados são marcados pela Polícia do Pensamento e eliminados.

Proletários vão continuar, geração após geração, a trabalhar, reproduzir-se e a morrer, sem capacidade de revolta.

«*Proletarians, in practice, are not allowed to graduate into the Party. The most gifted among them, who might possibly become nuclei of discontent, are simply marked down by the Thought Police and eliminated… From the proletarians nothing is to be feared. Left to themselves, they will continue from generation to generation and from century to century, working, breeding, and dying, not only without any impulse to rebel, but without the power of grasping that the world could be other than it is*»

Nível de educação popular está a declinar.

Massas podem ter liberdade intelectual porque não têm intelecto.

«*…the level of popular education is actually declining. What opinions the masses hold, or do not hold, is looked on as a matter of indifference. They can be granted intellectual*

liberty because they have no intellect. In a Party member, on the other hand, not even the smallest deviation of opinion on the most unimportant subject can be tolerated»

George Orwell (1948). "The Theory and Practice of Oligarchical Collectivism" *In* Nineteen Eighty Four.

<u>1984 – Guerra moderna – Regimentação social – Superestados</u>.

1984 – Guerra especializada e desumanizada – brutalidade, um lugar comum.

<u>Tortura, massacres, violações, são lugar-comum</u>.

<u>Guerra levada a cabo por especialistas e forças especiais</u>.

«*On the contrary, war hysteria is continuous and universal in all countries, and such acts as raping, looting, the slaughter of children, the reduction of whole populations to slavery, and reprisals against prisoners which extend even to boiling and burying alive, are looked upon as normal, and, when they are committed by one's own side and not by the enemy, meritorious. But in a physical sense war involves very small numbers of people, mostly highly-trained specialists, and causes comparatively few casualties*»

<u>Práticas desumanas passam a ser consideradas iluminadas</u>.

Prisão sem julgamento.

Uso de prisioneiros de guerra como escravos.

Execuções públicas.

Tortura.

Uso de reféns.

Deportação de populações.

«*Every new political theory, by whatever name it called itself, led back to hierarchy and regimentation. And in the general hardening of outlook that set in round about 1930, practices which had been long abandoned, in some cases for hundreds of years — imprisonment without trial, the use of war prisoners as slaves, public executions, torture to extract confessions, the use of hostages, and the deportation of whole populations-not only became common again, but were tolerated and even defended by people who considered themselves enlightened and progressive*» George Orwell (1948). "The Theory and Practice of Oligarchical Collectivism" *In* Nineteen Eighty Four.

1984 – Guerra entre blocos, por recursos e escravos.

<u>Guerras por recursos minerais e escravos</u>.

<u>Guerra perpétua em quadrado entre Brazzaville, Darwin, Tanger, Hong Kong</u>.

<u>Conquistas são temporárias, provisórias, dentro da Entente bélica dos blocos</u>.

«*All of the disputed territories contain valuable minerals, and some of them yield important vegetable products such as rubber which in colder climates it is necessary to synthesize by comparatively expensive methods. But above all they contain a bottomless reserve of cheap labour. Whichever power controls equatorial Africa, or the countries of the Middle East, or Southern India, or the Indonesian Archipelago, disposes also of the bodies of scores or hundreds of millions of ill-paid and hard-working coolies. The inhabitants of these areas, reduced more or less openly to the status of slaves, pass continually from conqueror to conqueror, and are expended like so much coal or oil in the race to turn out more armaments, to capture more territory, to control more labour power, to turn out more armaments, to capture more territory, and so on indefinitely*»

«*In so far as the war has a direct economic purpose, it is a war for labour power. Between the frontiers of the super-states, and not permanently in the possession of any of them, there lies a rough quadrilateral with its corners at Tangier, Brazzaville, Darwin, and Hong Kong, containing within it about a fifth of the population of the earth. It is for the possession of these thickly-populated regions, and of the northern ice-cap, that the three powers are constantly struggling. In practice no one power ever controls the whole of the disputed area. Portions of it are constantly changing hands, and it is the chance of seizing this or that fragment by a sudden stroke of treachery that dictates the endless changes of alignment*» George Orwell (1948). "The Theory and Practice of Oligarchical Collectivism" *In* Nineteen Eighty Four.

1984 – Principal objectivo da guerra moderna: manter regimentação social.

Empregar recursos sem aumentar nível de vida da população.

Guerra é uma forma de destruir trabalho e produtos sem os empregar nas massas.

«*The primary aim of modern warfare (in accordance with the principles of doublethink, this aim is simultaneously recognized and not recognized by the directing brains of the Inner Party) is to use up the products of the machine without raising the general standard of living*»

«*The essential act of war is destruction, not necessarily of human lives, but of the products of human labour. War is a way of shattering to pieces, or pouring into the stratosphere, or sinking in the depths of the sea, materials which might otherwise be used to make the masses too comfortable, and hence, in the long run, too intelligent. Even when weapons of war are not actually destroyed, their manufacture is still a convenient way of expending labour power without producing anything that can be consumed*»

Consumir excedentes de recursos.

Manter o poder da casta dominante.

«*In principle the war effort is always so planned as to eat up any surplus that might exist after meeting the bare needs of the population… And at the same time the consciousness of being at war, and therefore in danger, makes the handing-over of all power to a small caste seem the natural, unavoidable condition of survival*»

Guerra alcança a destruição necessária, mas fá-lo de modo psicologicamente aceitável.

Guerra similar a construir templos e pirâmides, ou simplesmente queimar produtos.

«*War, it will be seen, accomplishes the necessary destruction, but accomplishes it in a psychologically acceptable way. In principle it would be quite simple to waste the surplus labour of the world by building temples and pyramids, by digging holes and filling them up again, or even by producing vast quantities of goods and then setting fire to them. But this would provide only the economic and not the emotional basis for a hierarchical society. What is concerned here is not the morale of masses, whose attitude is unimportant so long as they are kept steadily at work, but the morale of the Party itself*»

Pelos critérios de guerras anteriores, é uma impostura, é irreal.

Gasta os excedentes de recursos consumíveis.

Ajuda a preservar a atmosfera mental de que uma sociedade hierárquica precisa.

É travada por cada grupo dominante contra os seus próprios súbditos.

Não visa conquistas externas, mas sim estabilização interna.

«*The war, therefore, if we judge it by the standards of previous wars, is merely an imposture. It is like the battles between certain ruminant animals whose horns are set at such an angle that they are incapable of hurting one another. But though it is unreal it is not meaningless. It eats up the surplus of consumable goods, and it helps to preserve the special mental atmosphere that a hierarchical society needs. War, it will be seen, is now a purely internal affair. In the past, the ruling groups of all countries, although they might recognize their common interest and therefore limit the destructiveness of war, did fight against one another, and the victor always plundered the vanquished. In our own day they are not fighting against one another at all. The war is waged by each ruling group against its own subjects, and the object of the war is not to make or prevent conquests of territory, but to keep the structure of society intact. The very word 'war', therefore, has become misleading. It would probably be accurate to say that by becoming continuous war has ceased to exist*» George Orwell (1948). "The Theory and Practice of Oligarchical Collectivism" *In* Nineteen Eighty Four.

1984 – Os três superestados.

Eurásia, Oceânia, Lestásia. «*Eurasia comprises the whole of the northern part of the European and Asiatic landmass, from Portugal to the Bering Strait. Oceania comprises the Americas, the Atlantic islands including the British Isles, Australasia, and the southern portion of Africa. Eastasia, smaller than the others and with a less definite western frontier, comprises China and the countries to the south of it, the Japanese islands and a large but fluctuating portion of Manchuria, Mongolia, and Tibet*»

Condições de vida nos três superestados são idênticas.

Ingsoc, Neo-Bolchevismo, Obliteração do Self.

Estrutura piramidal, culto do líder, economia de guerra. «*Under this lies a fact never mentioned aloud, but tacitly understood and acted upon: namely, that the conditions of life in all three super-states are very much the same. In Oceania the prevailing philosophy is called Ingsoc, in Eurasia it is called Neo-Bolshevism, and in Eastasia it is called by a Chinese name usually translated as Death-Worship, but perhaps better rendered as Obliteration of the Self. The citizen of Oceania is not allowed to know anything of the tenets of the other two philosophies, but he is taught to execrate them as barbarous outrages upon morality and common sense. Actually the three philosophies are barely distinguishable, and the social systems which they support are not distinguishable at all. Everywhere there is the same pyramidal structure, the same worship of semi-divine leader, the same economy existing by and for continuous warfare*»

Três superestados mantêm-se em guerra para se suportarem uns aos outros. «*It follows that the three super-states not only cannot conquer one another, but would gain no advantage by doing so. On the contrary, so long as they remain in conflict they prop one another up, like three sheaves of corn. And, as usual, the ruling groups of all three powers are simultaneously aware and unaware of what they are doing. Their lives are dedicated to world conquest, but they also know that it is necessary that the war should continue everlastingly and without victory. Meanwhile the fact that there is no danger of conquest makes possible the denial of reality which is the special feature of Ingsoc and its rival systems of thought. Here it is necessary to repeat what has been said earlier, that by becoming continuous war has fundamentally changed its character*» George Orwell (1948). "The Theory and Practice of Oligarchical Collectivism" *In* Nineteen Eighty Four.

1984 – O congelamento da ciência.

No início do século XX, ciência e tecnologia estavam a desenvolver-se a velocidade prodigiosa...

...e parecia natural assumir que continuassem a desenvolver-se.

Isto não aconteceu porque o método empírico foi rejeitado.

Método empírico só é autorizado em campos de controlo social.

Experiência e invenção pararam largamente.

«*In the early twentieth century… Science and technology were developing at a prodigious speed, and it seemed natural to assume that they would go on developing. This failed to happen, partly because of the impoverishment caused by a long series of wars and revolutions, partly because scientific and technical progress depended on the empirical habit of thought, which could not survive in a strictly regimented society. As a whole the world is more primitive today than it was fifty years ago. Certain backward areas have advanced, and various devices, always in some way connected with warfare and police espionage, have been developed, but experiment and invention have largely stopped, and the ravages of the atomic war of the nineteen-fifties have never been fully repaired*»

Método empírico é oposto a princípios fundamentais do Ingsoc.

Portanto, ciência foi destruída.

Progresso tecnológico só acontece quando pode ser usado para limitar liberdade humana.

Método empírico só é autorizado em guerra e espionagem.

«*The search for new weapons continues unceasingly, and is one of the very few remaining activities in which the inventive or speculative type of mind can find any outlet. In Oceania at the present day, Science, in the old sense, has almost ceased to exist. In Newspeak there is no word for 'Science'. The empirical method of thought, on which all the scientific achievements of the past were founded, is opposed to the most fundamental principles of Ingsoc. And even technological progress only happens when its products can in some way be used for the diminution of human liberty. In all the useful arts the world is either standing still or going backwards. The fields are cultivated with horse-ploughs while books are written by machinery. But in matters of vital importance — meaning, in effect, war and police espionage — the empirical approach is still encouraged, or at least tolerated*»

George Orwell (1948). "The Theory and Practice of Oligarchical Collectivism" *In* Nineteen Eighty Four.

1984 – Thought Police – Acção criminal preventiva.

1984 – O novo mundo não tem lei, e toda a acção criminal é preventiva.

Neste novo mundo, não existe lei.

Toda acção criminal é preventiva.

«*In Oceania there is no law. Thoughts and actions which, when detected, mean certain death are not formally forbidden, and the endless purges, arrests, tortures, imprisonments, and vaporizations are not inflicted as punishment for crimes which have actually been committed, but are merely the wiping-out of persons who might perhaps commit a crime at some time in the future*»

George Orwell (1948). "The Theory and Practice of Oligarchical Collectivism" *In* Nineteen Eighty Four.

1984 – Vigilância permanente no mundo novo.

Massas podem ter liberdade intelectual porque não têm intelecto.

Num membro do Partido, pelo contrário, nem o mais pequeno desvio de opinião pode ser tolerado.

«*...the level of popular education is actually declining. What opinions the masses hold, or do not hold, is looked on as a matter of indifference. They can be granted intellectual liberty because they have no intellect. In a Party member, on the other hand, not even the smallest deviation of opinion on the most unimportant subject can be tolerated*»

Membros do Partido vivem sempre sob o olhar da Polícia de Pensamento.

«*A Party member lives from birth to death under the eye of the Thought Police. Even when he is alone he can never be sure that he is alone. Wherever he may be, asleep or awake, working or resting, in his bath or in bed, he can be inspected without warning and without knowing that he is being inspected*»

Nada do que faz é indiferente.

Amizades, momentos de relaxamento, comportamento, expressões faciais, movimentos corporais, maneirismos, etc, tudo é detectado.

Não tem liberdade de escolha em qualquer direcção.

«*Nothing that he does is indifferent. His friendships, his relaxations, his behaviour towards his wife and children, the expression of his face when he is alone, the words he mutters in sleep, even the characteristic movements of his body, are all jealously scrutinized. Not only any actual misdemeanour, but any eccentricity, however small, any change of habits, any nervous mannerism that could possibly be the symptom of an inner struggle, is certain to be detected. He has no freedom of choice in any direction whatever. On the other hand his actions are not regulated by law or by any clearly formulated code of behavior*»

Até Igreja Católica medieval era tolerante por padrões modernos.

No passado, nenhum governo tinha capacidade de manter cidadãos sob vigilância permanente.

Media tornaram mais fácil manipular opinião pública.

É possível manter qualquer cidadão sob vigilância permanente...

...e sob cerco de propaganda oficial.

Existe agora possibilidade de impor completa uniformidade de opinião.

«*Even the Catholic Church of the Middle Ages was tolerant by modern standards. Part of the reason for this was that in the past no government had the power to keep its citizens under constant surveillance. The invention of print, however, made it easier to manipulate public opinion, and the film and the radio carried the process further. With the development of television, and the technical advance which made it possible to receive and transmit simultaneously on the same instrument, private life came to an end. Every citizen, or at least every citizen important enough to be worth watching, could be kept for twenty-four hours a day under the eyes of the police and in the sound of official propaganda, with all other channels of communication closed. The possibility of enforcing not only complete obedience to the will of the State, but complete uniformity of opinion on all subjects, now existed for the first time*»

Cientista actual é uma mistura de psicólogo com inquisidor.

Estuda com detalhe expressões faciais, gestos, tons de voz, drogas, terapia de choque, hipnose, tortura.

Ou então é um químico, físico ou biólogo, dedicado a armas letais.

«*The scientist of today is either a mixture of psychologist and inquisitor, studying with real ordinary minuteness the meaning of facial expressions, gestures, and tones of voice, and testing the truth-producing effects of drugs, shock therapy, hypnosis, and physical torture; or he is chemist, physicist, or biologist concerned only with such branches of his special subject as are relevant to the taking of life*»

Trabalho de repressão, espionagem e tortura feito pelo Ministério do Amor. «*...the work of repression and espionage carried out by the Ministry of Love*»

George Orwell (1948). “The Theory and Practice of Oligarchical Collectivism” *In* Nineteen Eighty Four.

Alexander Pope: “We first endure, then pity, then embrace”.

Princípios de engenharia psicossocial para *psychic driving* de distopia. Este Pope era um homem importante nos *millieus* britânicos das escolas de Mistérios. Num dos registos habituais com estas pessoas, codifica princípios de gestão e controlo social em escritos poéticos, *a poetic word for the wise*.

(1) Gerar familiaridade, (2) mindset de “resistir”, (3) pena, simpatia, (4) aceitação. Como Pope deveria saber, a parte perniciosa em tudo isto é a aceitação do mindset de “resistência”, pela qual o indivíduo se relega a um jogo dialéctico de fricção com a realidade distópica (do jogo dialéctico, obtém-se síntese, meios-termos). O mindset certo não é o de “resistir” àquilo que é errado, mas sim o de afirmar aquilo que é certo, acima e independentemente daquilo que é errado. And this is the true Word for the wise, from God and the Bible to the world.

«*Vice is a monster of so frightful mien*

As to be hated, needs but to be seen;

Yet seen too oft, familiar with her face,

We first endure, then pity, then embrace»

Alexander Pope, 'An Essay on Man' Poem – Epistle 2

Catolicismo

[ver tb “Jardim do Éden” para notas sobre a Lei natural, a Lei de Deus]

Deus quer David e Deborah, não está interessado em caricaturas.

Um Cristão, se o é, age como Profetas e como primeiros Cristãos / Paratrooper standard.

O início da Igreja de Roma / primeiros Cristãos.

Sacerdotes têm de ser homens de acção / podem haver sacerdotisas / casamento.

Sacerdotes não podem ser obscurantistas farisaicos.

A Igreja de Roma e os *eidolons* deste mundo – “negar-me-ás três vezes”.

A primeira dissolução: latinização do Cristianismo origina Catolicismo.

Catolicismo deixa de ser a Via, torna-se *religião*, culto ritual acessorizado.

O processo de desintegração lenta do Império Romano.

Igreja perdura e contribui para reconstruir Europa.

Catolicismo depara-se com “deus” deste mundo, religião Perene.

O “deus” deste mundo.

Catolicismo passa por segunda grande fase de dissolução – Idade Média.

Uma casta sacerdotal paganizada.

Cristianismo é obscurecido por cânones humanos e por “mistérios da fé”.

Ordens reclusivas.

Ordens reclusivas: auto-enclausuramento, em geral.

Ordens reclusivas: auto-enclausuramento na versão Católica (1).

Auto-enclausuramento (2) – O deserto não é chill & groove.

Auto-enclausuramento (3) – Coping e amadurecimento vs. “purificação interna”.

Auto-enclausuramento (4) – Esquemas em pirâmide e filhos do Inferno.

Auto-enclausuramento (5) – O deserto não é LSD & grass.

Celibato sob gnosticismo.

Celibato sacerdotal católico.

"Mulheres não podem exercer função sacerdotal" – então e Deborah?

Puritanismo sexual não é uma atitude Bíblica.

Os frutos do puritanismo (1).

Os frutos do puritanismo (2) – A importância do neo-córtex.

Os frutos do puritanismo (3) – Notas adicionais sobre dinâmicas.

Lutas institucionais entre Igreja e forças seculares são elementos liberalizadores.

Perseguições Católicas a Judeus.

Perseguições Católicas a Judeus – Sistemas de racionalização.

Gnostykos e a desconfirmação da Lei (1).

Gnostykos e a desconfirmação da Lei (2) – "Graça e obras".

Gnostykos e a desconfirmação da Lei (3) – Usar Paulo para encontrar nova Lei.

Consenso (1): Going along to get along / ser maria-vai-com-as-outras / dissolução / conformismo.

Consenso (2): Descida a mínimo denominador comum institucionaliza mediocridade.

Consenso (3): A sociedade consensual é sempre um sítio estagnado e sufocante.

Consenso (4): Pragmatismo moral, o caminho é sempre para baixo.

Consenso (5): Fritar a pessoa / a galera romana / a mente amarrada, atada, presa por nós.

Consenso (6): Lion King e as hienas / Gulliver e Lilliput / a zombie invasion.

Consenso (7): A Torre de Babel – Sodoma e Gomorra – Legião – O feixe atado de joio.

Eidolon de madeira, "meu pai", esta rocha, "a minha mãe".

O Templo, os vendedores de pombas, os cambistas / o real Templo.

A Igreja paganizada é uma instituição sócio/política, devotada a gestão de massas.

A terceira dissolução: harmonia global.

As três negações: "Por três vezes me negarás".

As três negações: "tu darás a tua vida por Mim?!".

A obtenção de unidade global, no T-group universal.

Dissolução global num MDC / eidolons / de "amor" e "harmonia" a inumanidade.

Dissolução: Igreja cai para ser fundida no Panteão.

Despotismo global tentará erradicar qualquer memória de Deus, ou Jesus.

Resultado final da corrida para o fundo é gnosticismo puro.

Choose.

Deus quer David e Deborah, não está interessado em caricaturas.

Deus quer homens e mulheres *reais* / não está interessado em caricaturas.

Deus quer David e Deborah.

Independentes, self-reliant e responsáveis / protectores infatigáveis dos seus e das suas comunidades. Um homem real é alguém que é informado, moral, activo, protector dos seus e da sua sociedade, consistente, coerente. Uma mulher real está precisamente nas mesmas linhas; é alguém que positivamente arranca à dentada a garganta de qualquer predador que tente atacar as crias, e isto não significa apenas os filhos. A mulher é a mãe e é a protectora do agregado familiar e da sociedade em redor. Ambos são pessoas com cabeça própria, self-reliant, independentes. É isto que Deus quer e favorece. Deus não quer homenzinhos macilentos e mulherzinhas quadrilheiras. Deus não está interessado em caricaturas. Deus quer David e quer Deborah. Deus quer Gedeon e quer Rebeca.

Um Cristão, se o é, age como Profetas e como primeiros Cristãos / Paratrooper standard.

Um Cristão, se o é, age como Profetas, primeiros Cristãos, outros Cristãos ao longo das eras.

O standard paratrooper – supposed to be surrounded. Um Cristão real é feito do mesmo material que os profetas, como afirmado por Jesus. Os profetas são homens de acção que chamam os detentores de poder à responsabilidade pelos seus crimes e zurzem o público quando Israel se torna falso e mesquinho. Depois, oferecem as soluções: arrependam-se e mudem de atitudes; tornem-se pessoas com carácter. Como tal, não fazem muitos amigos, mas paciência. Os profetas passam uma enorme parte do seu tempo a fugir de cidade em cidade, ou em temporadas no deserto, pelo simples motivo de terem pessoas importantes a querer cortar-lhes a cabeça! Este, claro, é o exacto standard dos primeiros Cristãos. É também o standard de muitos outros Cristãos ao longo das eras, embora quase sempre on their own e quase nunca sob qualquer forma de contexto "institucional" (paratroopers – supposed to be surrounded).

Deus quer homens e mulheres que sejam seguidores *reais* de Jesus. Pessoas de acção, com carácter, com a cabeça no lugar, com o coração no sítio certo. Chamam o poder à responsabilidade, e pugnam por aquilo que é bom e justo, contra aquilo que é pervertido e criminoso. Colocam a sua vida na linha para se afirmarem por aqueles que são fracos e não têm voz. São pessoas corajosas e irredutíveis no seu amor para com Deus. Seguem a Via, o caminho de acção justa e consequente "do qual não te desviarás nem para a direita nem para a esquerda". São pessoas honestas, equidistantes e justas – verdadeiras. Amam o seu próximo como a si mesmos. Seguem o exemplo de Jesus, que amou tanto o mundo que aceitou esforçar-se e sofrer pelo mundo; eventualmente, dar a vida por ele.

Luta pela verdade até à morte e Deus combaterá por ti, como está escrito. Pessoas assim vão ser incómodas para qualquer despotismo – e vão ter Deus do seu lado.

O início da Igreja de Roma / primeiros Cristãos.

O melhor dos alicerces, para pessoas de acção, adultas e reais. A Igreja Católica foi construída sobre a melhor das fundações, a rocha que é Pedro. A rocha está alicerçada no ponto fixo no centro da realidade, Jesus Cristo.

A congregação é onde dois ou mais se juntem em nome de Deus. A igreja, a congregação, é onde quer que duas ou mais pessoas se juntem em nome de Deus. Aí, como Jesus disse, Ele próprio estará entre elas.

Os primeiros Cristãos, mortos aos milhares por serem homens e mulheres *reais*.

Chamar detentores de poder à responsabilidade / afirmação contra a injustiça sistémica.

Afirmação de que todos somos iguais aos olhos de Deus / direitos individuais.

Perseguidos e mortos aos milhares / ir até ao fim por Deus e por princípios, regardless.

Precedente com os Hebreus aterrorizava tiranos, que se tornavam ainda mais selvagens.

Política de neutralização total e extermínio, seguida com Hebreus, usada agora com Cristãos.

É **assim** que Cristãos fizeram o que era certo e ganharam nome / é isso que precisa de voltar. A Igreja de Roma é desde o início uma das grandes congregações daqueles que devotam as suas vidas ao Evangelho, a seguir o exemplo dos profetas, dos apóstolos e, acima de tudo, do próprio Messias. Como tinha acontecido com a generalidade destes, os melhores dos modelos, muitos dos primeiros Cristãos foram provados, torturados, mortos por serem fiéis ao seu Deus. Eram pessoas de acção que afirmavam aquilo que é bom, verdadeiro e justo, onde quer que fosse e com quer que estivessem. Afirmavam-se contra as injustiças desse tempo e chamavam os detentores de poder à responsabilidade pelos seus exercícios arbitrários e criminosos de poder. Não aceitavam ser recrutados na legião, constestavam a brutalidade imperial que era exercida sobre o público. Avisavam o criminoso do seu crime, como era seu dever; se ele se arrependesse ainda melhor. Caso contrário, tinha sido avisado. Eram homens e mulheres *a sério*, que não estavam dispostos a

rebaixar-se para adorar os *eidolons* sociais do mundo romano. Procuravam ser aquele justo que persiste de pé entre o Juízo de Deus e a maldade da sociedade humana, para evitar que a sociedade seja destruída por Deus. Como o mundo não conheceu Jesus, o mundo vai perseguir aqueles que seguem o seu exemplo. É precisamente isto que aconteceu com os primeiros Cristãos: perseguidos, torturados, executados. Atirados aos leões, mergulhados em óleo a ferver, retalhados, crucificados, empalados. Aos milhares. É com pessoas assim que surge a afirmação de direitos individuais; todos somos criados iguais, e igualmente válidos aos olhos de Deus. Todos temos direitos que nenhum tirano pode negar. Estas eram pessoas a sério. Eram-lhes dadas inúmeras chances de renegar Deus e os seus princípios, de adorar o César como deus, de seguir a norma pervertida que era imposta pelo sistema de regimentação social. E nenhum deles o fazia, ou tão poucos que não são sequer contabilizados. E é assim que a Cristandade começa a ganhar nome. Os Cristãos falavam de verdade, paz, amor e justiça mas eram sacanas duros, impossíveis de roer e iam até à boca do leão para serem mortos. É **assim** que os Cristãos, os seguidores da Via, se afirmaram por ser justos e fortes em todos os sentidos, e por defender sempre as causas nobres até à última consequência. Isso apavorava os tiranos do mundo antigo, que tinham um precedente, guess where, em Israel e mais tarde na Judeia; toda a gente conhecia os Hebreus por serem irredutíveis quando estavam com o seu Deus e muita (má) gente tinha tido dores de cabeça monumentais com esse povo; bem recentemente, Antíoco e os gregos (episódio que Roma observa com atenção e calculismo). A política para com os Hebreus era a neutralização total, quando não o extermínio completo (e Roma tentou fazer ambas). O mesmo tipo de política seria seguido com os Cristãos; ao início, uma mistura de Hebreus e escravos Gregos. Até aqui, os Cristãos eram considerados apenas mais um secto de Judaísmo (farisaísmo), quando não um secto do culto de Ísis (Yeshua soa de modo similar). É assim que a Cristandade ganhou nome e é isso que é preciso voltar a ter; especialmente sob a Nova Roma, a era global.

Sacerdotes têm de ser homens de acção / podem haver sacerdotisas / casamento.

<u>**Acção justa** é **o** dever, independentemente de circunstâncias e consequências</u>.

<u>Os sacerdotes têm de ser homens de acção, como os profetas e os apóstolos</u>. A Igreja de Roma foi construída sobre a rocha que é Pedro, cresceu e expandiu-se pelas acções destas pessoas. A sua continuidade foi (e é) um enorme dever e uma maior responsabilidade. Seguir os Evangelhos num mundo que sempre foi bastante corrupto, dominado pela arbitrariedade humana, implica, regra geral, que se vai ter problemas; eventualmente, pode vir-se a ser crucificado. A congregação é um espaço privilegiado de acção em nome de Deus.

<u>O sacerdócio não é uma classe fechada, reservada a homens celibatários</u>.

<u>Não há qualquer motivo para que mulheres não possam ser sacerdotisas</u>.

<u>Não há qualquer motivo para que haja celibato / sacerdote, ou sacerdotisa, podem casar</u>.

<u>Tudo o que interessa é que sigam realmente o exemplo de acção justa de Jesus</u>. Dos sacerdotes espera-se que caminhem sempre pelo caminho recto, sem desvios para aqui ou para ali. Espera-se que sejam homens de acção, à semelhança dos profetas e dos apóstolos. E é claro que o sacerdócio

não é uma classe fechada, a homens, e a homens celibatários. Os sacerdotes, ministros ou pastores de Deus incluiríam, idealmente, todo o Israel (sob a Aliança no Sinai, Israel deveria vir a tornar-se no povo dos Meus ministros e sacerdotes, embora ao início o trabalho fosse feito apenas pela tribo de Levi / e, sob a Nova Aliança, por Jesus, Israel passa a incluir todos os gentios que seguem Jesus – **todos esses são Israelitas**). Todos aqueles que vivem realmente por Deus estão (no mínimo) capacitados para ensinar e para comunicar com outros, e essa é toda a ideia. A ideia de que mulheres não podem ser sacerdotisas não tem qualquer fundamento; não há qualquer motivo para que assim seja e a própria Bíblia está repleta de exemplos de sacerdotisas, juízas, profetizas. Da mesma forma, não há qualquer motivo para que o "sacerdote" não seja casado. O primeiro casamento do sacerdote é sempre com Deus, mas isso aplica-se a qualquer Israelita (palavra usada aqui no sentido explicado anteriormente); depois vem o casamento terreno e o primeiro não impede este. Tudo o que conta é que o primeiro casamento *nunca* seja prejudicado pelo casamento terreno. Por outras palavras, o sacerdote, ou pastor, pode perfeitamente ter uma esposa, e a sacerdotisa, ou pastora, pode ter um marido. *No ideal*, todos serão pastores!, porque todos estarão intimidamente casados com Deus, e todos ensinarão e comunicarão a palavra de Deus (como explicado anteriormente). Tudo o que interessa é que o sacerdote o seja, i.e. que seja alguém que vive realmente por Deus e que, consequentemente, segue o exemplo de acção justa de Jesus.

Sacerdotes não podem ser obscurantistas farisaicos.

Os fariseus **não são** um exemplo a mimetizar, mas sim o exemplo do que **não** fazer.

"Os filhos do inferno" / distorcer a palavra de Deus / disseminar obscurantismo.

"Não entraram no reino dos céus e não deixaram entrar quem queria". Dos sacerdotes também se espera, claro, que *nunca* cometam os crimes dos fariseus, um bando bastante degenerado no seu tempo. Os fariseus eram obscurantistas e é nessa qualidade que obscureceram a palavra de Deus com o seu próprio orgulho colectivo e com uma tradição ritual desprovida de significado real. Não entraram no reino dos céus e bloquearam a entrada a quem queria entrar; a classe sacerdotal como um tampão que está lá para bloquear tudo o que seja límpido e justo; não deixar entrar a luz do sol para manter todos às escuras. Eram uma classe de crime organizado, como Jesus aponta no discurso no Templo. Quem era recrutado era doutrinado numa cultura de grupo muito baixa e medíocre ("os filhos do inferno", como Jesus lhes chama).

Ritos e mistérios babilónicos / ritualística / forma substitui substância.

"Podes ser má pessoa, estás perdoado, desde que venhas sempre à celebração e elogies o sacerdote".

Os ritos são laterais / 99.99999% da relação com Deus é **acção justa** no mundo.

Cultos religiosos como farisaico tentam anular consciência com ideologia sintética e ritualística. Uma parte da tradição era Hebraica, e aí tudo bem, porque é a prescrita por Deus, mas o problema é que tinha sido completamente desnaturada. Por cima tinha-lhe sido imposta toda uma misturada de ritos e mistérios babilónicos. Estes ritos e mistérios eram essenciais para avançar a agenda farisaica, que consistia em perpetuar ad aeternum a ignorância que sustentava o seu próprio domínio de

classe; e, claro, a ordem autoritária no seu todo, com os saduceus e os ocupantes romanos. Vital em tudo isto era o facto de as atenções terem sido deliberadamente desviadas de acção moral para ritualística religiosa [*"por outras palavras, vai à celebração, agracia e elogia o sacerdote, e serás perdoado dos teus maus actos; e podes continuar a cometê-los, desde que continues a cá voltar"*]. Como Deus diz, estou interessado em substância e não em forma, e os vossos rituais são-Me perfeitamente irrisórios porque são feitos para substituir a acção justa. A relação com Deus é estabelecida apenas e somente na presença da primeira premissa; ou a pessoa tem o coração no sítio certo e age de forma correspondente, *ou não*. As cerimónias e as ofertas (os "rituais") são factores meramente secundários e acessórios em tudo isto. A pessoa faz a celebração como um acto formal de consagração da relação com Deus. Mas isso é 0.00001%. O restante é acção justa. Essa é a oferta essencial; essa é a celebração essencial. A pessoa oferece o seu tempo, a sua energia (oferece-se a ela própria) a acção justa no mundo. E é assim que age quem tem uma consciência moral; essa é a dádiva essencial de Deus a cada um. Todo o truque de cultos religiosos como o farisaico está em neutralizar a consciência com ideologia sintética (a distorção deliberada da palavra de Deus) e com a substituição de acção justa por ritualística.

A Igreja de Roma e os *eidolons* deste mundo – "negar-me-ás três vezes".

<u>A congregação não pode entregar-se aos *eidolons* deste mundo</u>.

<u>E.g. arbitrariedade, comunitarismo, elitismo/divinização do orgulho humano</u>. A *congregação*, qualquer que ela seja, é a esposa do Cordeiro – a esposa do próprio filho de Deus. A questão é que só o será realmente enquanto se mantiver fiel, i.e. enquanto não cometa adultério pela entrega aos *eidolons* do mundo. Os *eidolons* deste mundo são os "deuses" de criação humana: ideias e aparatos conceptuais de inspiração individual e/ou colectiva (eventualmente titilantes ao orgulho humano) que representam inimizade para com Deus. E.g. a ideia de que "*os fins justificam os meios*" é um *eidolon* deste mundo e é inimizade para com Deus. O conceito de que "*a comunidade está acima do indivíduo*", é um *eidolon* deste mundo e é inimizade para com Deus. O conceito de que "*alguns homens são mais especiais que os outros e merecem ter poder absoluto sobre os outros*" é um *eidolon* deste mundo e é inimizade para com Deus.

<u>Igreja de Roma entrega-se a *eidolons* do mundo</u>. Como veremos, um dos *eidolons* mais notáveis que a Igreja de Roma veio a adoptar é o de que "*a criação pode substituir o Criador*", significando que as regras humanas da congregação podem ser declaradas mais importantes e mais sagradas que a Palavra de Deus. Os restantes *eidolons* atrás apontados, seguiram-se.

<u>Estar no mundo humano sem ser corrompida por ele</u>. A Igreja de Roma foi fundada sobre os melhores dos alicerces mas teve de operar num mundo humano. Como tal, teve de assumir cada vez mais o aspecto e o carácter de uma *instituição*. Se isto não for feito em plena obediência à Palavra de Deus, o que acontece é que a instituição levítica, sacerdotal, começa a assumir cada vez mais o aspecto de uma instituição humana. Os seus sacerdotes começam a desenvolver culturas *humanas* de grupo, com tudo o que isso implica: ambições humanas (não humanitárias, humanas), tradições humanas, exercício arbitrário de poder. O Templo tinha ido pelo mesmo caminho, e é claro que isso acabou com a crucificação do próprio Messias e com a destruição de Jerusalém.

“Negar-me-ás três vezes” / a noite negra / depois surgirá a madrugada. De Pedro, Jesus disse, negar-me-ás três vezes antes que a madrugada venha. É sobre Pedro que é fundada a Igreja; quem tiver ouvidos para ouvir, ouça. Quando Jesus morreu, começou a grande noite que anunciou, aquela na qual não se pode trabalhar a não ser por Jesus. O grande vale das sombras e da morte, onde aquele que quer caminhar tem de o fazer com o apoio do bastão e do cajado de Deus, sob a luz do filho de Deus. Estes tempos têm de se cumprir, e cumprir-se-ão, após o que virá a madrugada. A noite serve de teste; esta vida, no formato em que agora existe, é um teste. E é melhor que se passe no teste. A vida *a sério* começa a seguir, para quem passa, mas também para quem chumba.

A primeira dissolução: latinização do Cristianismo origina Catolicismo.

Panteão é rejeitado, mas Igreja em Roma torna-se aristocrática, latiniza-se, paganiza-se.

(1) Igreja aristocratiza-se. Tal como tinha acontecido com os Hebreus, as classes sacerdotais católicas tornaram-se cada vez mais “humanizadas”, i.e. ligadas às suas próprias culturas de grupo e aos seus caprichos arbitrários. É claro que este fenómeno é especialmente intensificado a partir da legalização por Constantino. A Igreja começa a substituir os velhos cultos de Roma: os mistérios de Ísis, os cultos mitraicos, e toda a restante panóplia que caracterizava o velho Império. Ganha reputação social. Os seus membros de destaque começam a provir cada vez mais da aristocracia romana, e levam os seus próprios hábitos, cliques e sistemas de pensamento para o seio da Igreja. Antes, um aristocrata podia entrar para o exercício de funções no culto de Júpiter. Agora, fá-lo para a Igreja Cristã.

(2) Rejeição do Panteão, uma decisão excelente e determinante. Um dos momentos demarcantes da história do mundo tinha sido o momento em que a Igreja tinha rejeitado participar no Panteão imperial, onde todas as religiões do mundo estavam representadas; o momento United Religions Initiative (ONU) do Império Romano. Esse é o momento em que a Igreja fez o que lhe competia: afirmou a sua individualidade, a sua rejeição dos falsos ícones do mundo, a sua fidelidade à Palavra de Deus. Se a Igreja tivesse aceite a proposta, teria provavelmente acabado como todas as outras; diluída e dissoluta num enorme mar de sincretismo pagão.

(3) Porém, adopta vários costumes pagãos Romanos e latiniza-se. Em vez disso, a Cristandade afirmou o seu estatuto único aos olhos de Deus e, por isso mesmo, perdurou. Porém, é ainda durante o período imperial que a Igreja Romana começa a assumir um aspecto cada vez menos Cristão e cada vez mais latino. Começa a adoptar toda uma série de costumes e normas que eram característicos ao ambiente cultural de Roma. Por exemplo, a ética social puritânica de Augusto, a falsa e hipócrita *virtu* que as castas aristocráticas romanas gostavam de apregoar, é facilmente adaptada à Igreja Cristã (o que certamente foi facilitado pelo afluxo de aristocratas latinos às posições de topo). Os teólogos eclesiásticos começam a adoptar filosofia moral, social e política greco-romana e a sobrepô-la às Escrituras. Tornaram-se sofisticados (sofísticos!). E, com isso, provocaram ondas de choque e de destruição que reverberam ao longo das eras. É impossível conciliar Deus com filosofia moral, social e política que, dependendo do autor e da escola, vai operar para glorificar coisas como tirania, ética situacional, colectivismo, estatismo, esclavagismo, elitismo. Os autores greco-romanos não eram génios humanitários; regra geral, eram aristocratas

devotados a power politics. Da mesma forma, é adoptada a forma de organização pagã/romana da fratria/sororia religiosa, que se fecha em clausura, numa cela, num claustro. Um Cristão real não se esconde numa cela. Um Cristão real está ***no*** mundo a fazer aquilo que é certo e justo. Talvez seja metido numa cela por causa disso. Mas certamente não se enclausura para trabalho numa "ordem", ou para obter "ascese", ou "visões místicas". Os motivos rituais, o vestuário, os próprios instrumentos de rito, todos começam a ganhar um aspecto cada vez mais sincrético e fusional com os velhos cultos de Roma. A Cristandade tinha afirmado a sua superioridade perante as religiões imperiais, mas, e à medida que esses velhos cultos morriam, os seus restos eram adoptados e enxertados no Corpo terreno da Igreja; naturalmente, o enxerto no Corpo *real* é impossível.

(4) Igreja universal é agora uma entidade poderosa. A Igreja de Roma começa a tornar-se a Igreja Católica, a igreja universal, e é agora uma entidade aristocrática e poderosa. O Bispo de Roma, agora Papa, tem o poder de humilhar o próprio Teodósio, imperador e militar de carreira. O Cristianismo chegou a todos os campos do Império. Os generais de campo já não invocam Mithras ou Júpiter antes das batalhas, mas sim Cristo. Os exércitos de Roma marcham agora com a Cruz pintada nos escudos. O padrão dos primeiros tempos começa a inverter-se. Os primeiros Cristãos tinham sido perseguidos em massa. Agora, massas agitadas e caóticas afirmando-se cristãs conduzem raides de saque e destruição a templos pagãos de elite [*muitas vezes, eram centros de operação e símbolos de estatuto para grupos e cliques de pessoas ricas e de classe média alta, vistos como competição pelos handlers destas multidões. Também eram "holdings", uma vez que, como hoje acontece, havia muito dinheiro a circular no negócio dos cultos organizados*]. Estas massas eram a versão contemporânea dos bandos espartacistas do passado. O mythos tinha mudado, mas o tipo de motivação era a mesma; isto é o tipo de massa que surge em todas as eras, para ser usada, manipulada e depois descartada, por quem tenha o dinheiro e o conhecimento para o fazer. Era a massa desenfreada, o *lümpenproletariat* da era, animado por slogans, persuadido de que existe alguma forma de salvação na destruição do "criminoso social". Massas deste género tinham sido usadas contra os primeiros Cristãos. E é bastante provável que tenham continuado a ser usadas contra verdadeiros Cristãos!; a par e passo do seu uso contra pessoas de estatuto que seguem Athena ou Mythras. Com efeito, à medida que a Cristandade institucional em si cresce, a verdadeira essência do Cristianismo em si começa a ser *esquecida*.

Catolicismo deixa de ser a Via, torna-se *religião*, culto ritual acessorizado.

Acção verdadeira e justa substituída por rituais artificiais. Nesta fase, começa a ser prática aceite que um Cristão, para o ser, não tem de ser um praticante genuíno da palavra de Deus, i.e. agir em pleno de forma justa e moral, em todos os seus actos e actividades. Isto era complicado de fazer: as pessoas eram hostilizadas, iam parar à cadeia, eram torturadas e executadas. Porém é *só assim* que um Cristão tem de agir, é só assim que muda realmente o mundo. Faz o que tem a fazer, fá-lo a 5000%, vai até ao fim, deixa o resto com Deus. Também aqui, os hábitos institucionais vão acomodar-se ao mundo onde estão, e isso significa dissolução – significa que a instituição se torna dissoluta. Dissolveu a sua identidade no mundo para nele sobreviver. Com isso, perde uma boa parte dessa identidade e é contaminada com elementos poluentes. O modo como isto funciona aqui é que a Igreja começa a seguir o último tipo de práticas que deveria seguir; começa a tornar-se num

culto, como o farisaico. Aqui, o "seguidor" existe em duas vidas paralelas. Uma é a mundana, onde trabalha no mundo e encontra compromissos (faz jogo de ancas) com os lados corruptos do mundo. A outra consiste em momentos de culto ritual, momentos nos quais todas as faltas da vida mundana são "perdoadas" (perdão real exige arrependimento sincero e mudança de atitudes) e existe contacto provisório com Deus ("comunhão ritual"), através do sacerdote. O que isto significa é que, enquanto realidade institucional, a Igreja começa a deixar de representar a Via, os preceitos morais de *acção verdadeira e justa* que são ordenados por Deus, o caminho recto do qual não te desviarás para a direita nem para a esquerda. Começa agora a assumir o aspecto de uma *religião*: um conjunto extrâneo de cultos rituais, alienado da existência do dia-a-dia, acessível pela mediação de uma casta hierarquicamente autorizada de sacerdotes.

Dissociação gera duplicidade e hipocrisia. Desde esta altura, a Itália é o mais católico de todos os países, mas também o mais hipócrita. Nisto, é acompanhada de perto pelos países Ibéricos. Esta dissociação entre uma coisa e a outra, configura uma forma de alienação, pela qual o *seguidor* pode sair da missa e envolver-se em todo o tipo de actividades erradas, quando não criminosas; em nome do emprego, da família, da comunidade. Talvez não o *deva*, mas *pode*, desde que a seguir cumpra um ritual de redenção prescrito e autorizado.

A real oração é uma conversa com Deus / a celebração genuína nunca substitui acção. Jesus, os profetas, os apóstolos, começam a deixar de ser modelos de acção e de existência para assumir o carácter de meras figuras sacralizadas, meros ídolos, imagéticos ou de madeira, aos quais se fazem orações e pedidos, *mas cujo exemplo não é seguido* [*e é claro que "não farás ídolos e não os adorarás; devotar-te-ás apenas e somente ao Senhor, teu Deus" – certo? Certo*]. A oração é um momento de conversa pessoal com Deus; e não um ritual idolátrico. A celebração formal é, como observado anteriormente, um momento que, sendo importante, não é nem central nem crucial, e muito menos substitui a acção justa, ou serve de panaceia para a ausência da mesma. O Cristão real sabe que está sempre com Deus e que em tudo é acompanhado por Deus. Para que haja comunhão, i.e. contacto pessoal com Deus, não é preciso que haja um momento formal. O momento formal é apenas e somente aquele momento pelo qual a pessoa expressa, de modo solene, a sua devoção real pelo Criador.

A ideia de "católico praticante" avança a ritualização extrânea do Cristianismo. Na ausência de acção justa, o caminho recto, a celebração não vale de nada e não é nada; é apenas uma panaceia para a consciência, um mero acto ritual. Um acto de cultismo. Algo que serve para sustentar ignorância, apatia, supinismo. Aqui é relevante aqui tomar em conta a expressão que veio a surgir, "católico praticante". Um "católico praticante" é aquele que vai regularmente às várias missas, fez os graus de iniciação (conceito puramente pagão, e cultista) da Igreja, faz bastantes orações. Um "católico praticante" não é, necessariamente, alguém que segue o exemplo de acção moral de Jesus, dos profetas e dos apóstolos. Pelo contrário, alguém que o faça pode até tender (com demasiada frequência ao longo da história!) a ser *mal visto* pelos representantes da Igreja. A isto chama-se muita coisa: farisaismo, situacionismo, oportunismo, falta de carácter, etc. Mas a isto não se chama Cristianismo.

Católicos podem *desconfirmar* Deus em nome de ajustamento social. Isto significa também que as pessoas são ensinadas a *desconfirmar* a Palavra de Deus pelos seus próprios actos. "Não roubarás" e

“não matarás”, mas eu roubei e matei porque isso fazia parte do meu emprego na legião. Só que, no final do dia, posso ir fazer a minha confissão, o sacerdote prescreve-me um conjunto de orações, após o que eu ficarei limpo dos meus pecados (i.e. crimes). Logo, sou livre de fazer tudo o que quero ou me for exigido pelos meus superiores, contando que a seguir corra a ir buscar o meu paliativo ritual. Isto é anátema aos olhos de Deus.

Os primeiros Cristãos, “martyrias”, não desconfirmaram Deus. E não é por pensar desta forma que os primeiros Cristãos foram mortos aos milhares na arena. Os mártires de Roma eram mortos precisamente porque se rejeitavam a aceitar preceitos criminosos e a cumprir ordens criminosas. E, com isso, davam o exemplo. É por isso que eram *mártires*. A palavra grega “martyrias” significa “testemunhas”. Eram pessoas de carácter que faziam o que era correcto e que afirmavam (dar testemunho) aquilo que é justo, bom e verdadeiro, independentemente das circunstâncias e das consequências.

O processo de desintegração lenta do Império Romano. O Império Romano desintegrou-se lentamente, resultado de mais de 3 séculos de corrupção endémica, guerras civis e políticas económicas medíocres, baseadas em limitação e redistribuição de riqueza, por oposição a geração de riqueza. O mundo em redor era caótico. As velhas cidades romanas colapsavam. O território estava a saque por hordas bárbaras, que estabeleciam os seus próprios feudos e reinos independentes. Esse padrão tinha começado pelo menos dois séculos antes, com as guerras intermináveis da aristocracia imperial. Generais viravam-se contra generais, facções contra facções, regiões contra regiões, cidades contra cidades, num padrão interminável de confrontações e guerras civis, ocasionalmente intercaladas com choques com grupos e impérios estrangeiros. Nesse contexto de conflito endémico que marca os últimos 2/3 séculos de império, a pobreza, a fome, a doença e a brutalidade começaram a tornar-se padrões comuns. As próprias legiões tinham-se tornado forças de saque e feudalização interna. Com o tempo, começaram a ser reforçadas nesses exercícios por unidades mercenárias contratadas no exterior; mais notavelmente, as unidades germânicas de *foederatii*. Perto do final, as tradicionais legiões já tinham sido substituídas por exércitos semi-caóticos e por mercenários internacionais. Ao mesmo tempo, os exércitos de Roma eram cada vez mais as forças privadas deste ou daquele senador, desta ou daquela facção oligárquica; e eram usados para saquear cidades romanas, destruir território adversário e por aí fora. Este estado de caos abre as fronteiras do Império a vagas crescentes de migrantes germânicos, em busca de melhores oportunidades de vida; e em fuga de hordas ostrogóticas e, mais tarde, hunas. O influxo destas massas desapoderadas veio complicar ainda mais as coisas num Império já de si em colapso e veio agravar o alastrar da pobreza e da violência. Quando o jovem Augustulo é demovido por Odoacro, o antigo Império já era um território retalhado de reinos, feudos, principados. As antigas rotas comerciais desapareciam e, com elas, desapareciam também os antigos standards de civilização. Os velhos edifícios greco-romanos começaram a ser desmantelados para serem usados na construção de bairros de lata improvisados. A fome e a peste generalizaram-se. Algumas zonas perderam toda a população; outras foram reduzidas a fracções. Passado 3/4 gerações, a população total do antigo território imperial tinha sido reduzida, de acordo com as estimativas *mais conservadoras*, para metade. Os padrões de caos, divisão e emiseração que Roma tinha exportado para terras distantes durante séculos tinha voltado a casa. A Idade das Trevas tinha começado.

Igreja perdura e contribui para reconstruir Europa.

Igreja perdura – está acima do estado (melhor que Bizantina), sobrevive-lhe. Quando o Império Romano colapsou, a Igreja perdurou. A Igreja tinha atravessado todo o período imperial sem se submeter institucionalmente à autoridade do estado. É o Bispo de Roma que humilha Teodósio, e não o oposto. Quando o estado colapsa, a Igreja perdura. Existe aqui um contraste determinante com a Igreja do Leste, Bizantina, ou Ortodoxa, que se torna uma sátrapa funcional do estado imperial de Bizâncio. Mantém esse estatuto ao longo das eras, o que faz com que chege aos nossos dias como uma sátrapa psicopolítica para comissários KGB/FSB e outros. A Igreja Católica não tem sido o melhor exemplo do que a Esposa do Cordeiro é suposto ser mas, e apesar de tudo, está em melhor estado que a Igreja Ortodoxa nesse respeito.

Igreja vai ser essencial para reconstruir Europa na Idade da Trevas. Durante o período das Trevas, a Igreja é a única grande instituição europeia que mantém alguma forma reconhecível de coordenação e coerência interna. É também o único centro de literacia, num continente reduzido às necessidades mais básicas da sobrevivência. Isso vai ser determinante no papel que a seguir vai desempenhar; o de tentar reestabelecer alguma forma coerente de civilização. Durante toda a Idade das Trevas, massas de monges, missionários e padres percorrem o continente a tentar pacificar e reabilitar regiões, estabelecer alguma forma de governo, instituir escolas, reabilitar hábitos civilizacionais (práticas agrícolas, manufactura, sanitação, etc). O papel que a Igreja desempenha nesta fase é substancialmente construtivo e vai ser determinante para a reabilitação dos territórios europeus.

Catolicismo depara-se com "deus" deste mundo, religião Perene.

Catolicismo depara-se com cultos naturalistas da "religião Perene". Ao mesmo tempo, a Igreja vai tentar espalhar a fé Cristã. Infelizmente, uma forma paganizada, latinizada, de fé Cristã; ainda assim, melhor que nada. Essa forma latinizada de Cristianismo chega a povos cujos costumes ancestrais estão, regra geral, ligados aos mais variados tipos de cultos naturalistas: os espíritos da floresta, a *banshee* dos montes, o deus da tribo ou da região, os duendes e as fadas do riacho, a deusa da primavera, o deus do inverno.

Cultos Médio-Orientais durante período Israelita. Muitos destes cultos são cultos shamânicos provindos da Ásia Central, formas de adoração derivadas dos Mistérios astárticos, trazidas com as migrações germânicas. Outros são cultos druídicos, ou evoluções a partir dos mesmos; formas que nunca tinham sido esquecidas durante a era romana. Os cultos druídicos são, *per se*, variantes europeizadas dos mesmos velhos cultos astárticos do Médio Oriente, transferidas para a Europa com um movimento discreto de colonização cultural, que tinha sido efectuado por sacerdotes das escolas dos Mistérios, especialmente durante o período fenício. Estes cultos não eram desconhecidos à Igreja. Com efeito, são os cultos que dominam o Médio Oriente durante todo o período Israelita, as formas virulentas de idolatria comunitária que, como o leão que ronda em redor da presa, procuram permanente destruir e assimilar Israel.

Também presentes nas adorações institucionais de Roma. São também os cultos que, mais tarde, tinham sido transferidos sob centenas de variantes diferentes para o mundo romano. Não havia grande diferença entre o culto romano de Diana e o culto céltico da Deusa, mas a forma romana era algo mais civilizada do que a forma céltica, e é por isso que Júlio César escreve sobre o choque que sente, quando é confrontado com esta segunda durante a invasão às Ilhas Britânicas. Tanto um culto como o outro eram cultos do "deus" hermafrodita de duas caras, Astarte/Moloch.

O "deus" deste mundo.

Weltgeist/Zeitgeist, a mentalidade que domina a sociedade gnosticizada.

O arquétipo da arbitrariedade humana: caprichoso, dúplice, autoritário, invejoso. Aqui, o Weltgeist é sempre o arquétipo da arbitrariedade humana. É uma figura caprichosa, dúplice, distante. É invejosa e autoritária. Aqui está-se a falar do Weltgeist, o "espírito geral" que domina a sociedade gnosticizada, a mentalidade geral que dá o mote para o modo como as pessoas agem e para o modo como as coisas são feitas. Muitas vezes não se fala tanto de um Weltgeist ("espírito do mundo") como um Zeitgeist ("espírito do tempo"), situacional a uma cultura, a uma civilização, a uma era.

"Desvios para a direita e para a esquerda, da Via" – a expressão da plena arbitrariedade humana.

Nihilismo situacional / serpente no Éden / dança de Shiva: destruir vida, reinventá-la como caos. É uma criatura dialéctica que se desvia "para a direita e para a esquerda, para fora da Via, de acordo com as suas próprias inclinações". É a expressão da plena arbitrariedade humana: define regras morais e epistemológicas de acordo com as suas próprias preferências e conveniências situacionais. É nihilista. É simbolicamente expresso pela serpente no Éden. Reside no coração humano que foi corrompido para ser afastado da Via. A serpente é o "deus" deste mundo, o "deus" do mundo que existe e age na ausência da Via, na ausência do espírito de Deus. Isto é o "deus" que dança para destruir vida, reinventá-la na forma de caos; imagem simbolizada por Shiva.

Self sem self e com um grande ego / desestruturação, desagregação, vazio / nihilismo. Sendo nihilista, não tem um self assumido; aquilo que poderia passar por self é a ausência de estrutura. A arbitrariedade que é expressa para o exterior é, per se, uma manifestação dessa desagregação interna. Flui com os ambientes e com as situações, faz o que lhe apetece, como apetece e define a realidade da forma que lhe apetece. Isto significa que este self desconstruído, este self sem self, tem um enorme ego. É egocêntrico e grandioso.

Self sem self é moldável a qualquer contexto ou público / 1000 caras / **forma sem substância**. Não tendo um self próprio, apenas desestruturação, este ser é moldável a qualquer contexto, a qualquer tempo, a qualquer lugar, a qualquer público. Para todos, tem uma diferente cara, ou máscara; são tantas como as que sejam "necessárias" (as 1000 caras). É flexível e facilmente ajustável. Jogos de percepção, ilusão. Uma das variantes disto, nos Mistérios gregos, são as máscaras teatrais: feliz e triste. Forma sem substância.

Nihilismo epistemológico e moral ("Quid est veritas?").

“A única verdade é que não existe verdade” – **oxímoro**, i.e. proposição impossível e absurda. Forma sem substância é também o que caracteriza o nihilismo psicológico deste ser. Sendo nihilista, não acredita na existência de verdade, em qualquer campo que seja (“quid est veritas?”). Tudo é percepção, tudo é uma ilusão, tudo é um elemento *subjectivo* ao eye of the beholder. É claro que isto é um oxímoro e um absurdo; o que está a dizer é que “a única verdade é que não existe verdade”, e essa é uma afirmação impossível. É bonita e elegante, na forma, mas um vazio purulento, em substância.

Pés de barro dialécticos / estrutura frágil, oximórica e auto-contraditória.

O valor que anula todos os valores e a crença que anula todas as crenças – nonsense oximórico.

Sistema irracionalista e cínico / nega própria existência, depois tentar anular todos os restantes. É sobre este absurdo dialéctico, sobre esta mentira auto-evidente, que toda a estrutura está montada; os pés de barro. A partir desses pés, é construída toda uma estátua, toda uma estrutura de pensamento, pela qual todas as crenças e todos os valores são vácuos (estruturas oximóricas alicerçadas no oxímoro de base). Como “não existem” valores, pode-se agir nihilisticamente; isto, claro, é um valor. “A única crença que tem validade” é aquela que anula todas as restantes, o buraco negro epistemológico; a crença em plena vacuidade epistemológica. É evidente que este é, per se, um conjunto particularmente cínico, egocêntrico e irracionalista de crenças e valores; um que nega a sua própria existência para depois tentar anular todos os restantes.

“Do what thou wilt is the whole of the law” / racionalizar capricho e despotismo. Sob nihilismo, o que vai acontecer é que (o indivíduo, ou o grupo, ou a classe, etc.) pode fazer tudo aquilo que quiser: “do what thou wilt is the whole of the law”. Como o name of the game é arbitrariedade, capricho, isso significa que o “deus” vai reinventar sempre bem e mal de tal modo a racionalizar o exercício despótico de poder por parte de um indivíduo ou de um grupo sobre o resto da população. Todos à sua volta terão de ser submetidos ao domínio do seu capricho arbitrário. O capricho humano irrestrito não será contrariado e exige submissão total.

Capricho exige submissão, obediência / domínio sobre crenças e valores (mente).

Sistema normativo de “serás”: “farás”, “pensarás”, “sentirás”, “dirás”. Submissão implica a obtenção de colaboração, obediência, conformidade, e a melhor forma de assegurar isso é sempre pelo exercício de domínio sobre a mente. Vai exigir que o outro submeta as suas crenças e os seus valores ao crivo do seu capricho. Vai decretar um sistema normativo de *ser*, um *serás*, com base em formatos psicológicos normativos, de *pensar*, *sentir*, *comportar-se*.

Subjectivista extremo, tornou-se num microgestor, com **regras objectivas e autoritárias**. O nihilista, o subjectivista extremo, acabou de se tornar num microgestor, e este microgestor está lá para impor todo um conjunto de normas que são objectivas, fixas, *inteiramente autoritárias*, expansivas a todos os domínios da vida do outro (na verdade, totalitárias).

Porém, todo o processo começa por “consciencializar” outro de relativismo absoluto.

Criar a blank slate para depois sequestrá-la, enchê-la com novo dogma. Curiosamente, todo o processo começa por “consciencializar” o outro da vacuidade subjectiva dos seus próprios valores e

crenças – relativismo. Tudo é subjectivo, tudo é uma ilusão. Agora, aqui está o teu novo conjunto de normas objectivas, *e é melhor que obedeças*.

Self sem self: buraco negro que opera por arbitrariedade para usurpar e explorar vida em redor. O self que não tem self, que é desagregado e vácuo, vive da exploração e da usurpação da vida em redor. É um buraco negro, e opera por arbitrariedade extrema para absorver tudo aquilo que encontra no seu caminho.

Submissão a capricho extremo exige pessoas conformistas, easy going, ignorantes, sob "serás".

Exige controlo autoritário/totalitário da sociedade. Sob as sociedades geridas por esta *gestalt* dialéctica, espera-se que o ser humano médio seja conformista, "easy going", ignorante, sem demasiadas ideias próprias, moldado ao(s) código(s) de ser que é/são prescrito(s) (podem ser vários códigos). Como a arbitrariedade humana quer obediência e submissão, exigirá pleno comunitarismo na vida social. Todos têm de ser mantidos pobres e dependentes, num espaço colectivo fortemente policiado (e.g. cidade comunitária, comuna, campo) onde existem para trabalhar para os seus superiores, para os seus mestres. Sacrifício é muito importante. Todos têm de se sacrificar pelos mestres, em tudo.

O outro é instrumentalizado, objecto de mais-valias. Aqui, as pessoas são vistas de forma instrumental, como objectos que podem ser usados para obter alguma coisa.

Más intenções, cobardia, implicam impossibilidade de debate directo, discurso livre.

Pavor a lógica, racionalidade, factos / uso de subterfúgio, sofística, falácia / calar o outro.

Autoritarismo só pode operar, e persuadir, à base de irracionalidade. Más intenções e cobardia significam que não se pode falar de modo directo; há que mentir, enganar, manipular. É isto que vai caracterizar todas as fases e instâncias do debate de ideias. Todo e qualquer debate *realmente* racional é evitado; a racionalidade é temida já que exporia o nonsense pelo que é! Portanto, o debate tem de funcionar por subterfúgio, sofística, falácias fáceis, quando não por formas de manipulação ainda mais gravosas que estas. Tentar silenciar o outro. Esta é uma das marcas essenciais da mente autoritária; o evitamento de toda e qualquer racionalidade. Autoritarismo é construído com base em capricho e em *irracionalidade*. Autoritarismo só pode operar, e persuadir, à base de irracionalidade.

A língua bifurcada, que em tudo mente e engana / dá um abraço para esfaquear as costas.

Duas faces essenciais: "anjo de luz", que cativa a presa / "demónio", que a calca no chão. Isto entra sempre no esquema da língua bifurcada. Existem muitas faces diferentes, mas duas faces essenciais. Uma é agradável, simpática, easy going – preocupada!. É também passiva, ingénua e inocente; demasiado, e esse é sempre o grande give away. Tem um discurso amoroso, que versa sobre concórdia, harmonia, paz. Tem algo de um anjo de luz. Promete o paraíso terreno, como como forma de seduzir e *cativar*. Cativar significa, claro, prender. Gerar dependência, tornar dependente. Depois de cativar, explorar, escravizar, destruir. O outro é *sempre* visto como um adversário a subjugar. Essa é a outra face vital aqui, a face triunfante e arrogante que surge quando tem o adversário calcado sob os seus pés. Esta face é uma purulência de ódio anti-humano, falsidade,

destrutividade. Embora não seja a face real (não existe uma face real – não existe self, apenas vazio) é uma face infinitamente mais consequente que a primeira.

Duplicidade é muito importante; dualidade. *A falsidade é sempre a norma*.

O arquétipo é hermafrodita / Astarte, Moloch. Em termos simbólicos, isto (dualidade) significa, que o arquétipo é hermafrodita, e isso é bem capturado pela velha codificação Moabita, com a parelha Astarte/Moloch; o masculino e o feminino unidos na mesma entidade, um "deus" expressivo deste arquétipo. De um modo prosaico e simplista, Astarte é a cara simpática, o anjo de luz que surge para prometer o paraíso. Astarte seduz as vítimas, o público. Quando estão cativadas, surge Moloch, que exige o sacrifício ritual dos primogénitos de cada família.

Público tem de aceitar isto / nunca cooperar em NADA com tiranos, em tudo combatê-los. Há sempre um legalismo, porém. A pessoa/público tem de dar entrada a isto, pela sua aceitação deste standard. Se os sacerdotes de Astarte/Moloch tivessem sido capturados e encarcerados, pelo público, nunca teriam conseguido estabelecer o seu reino de terror sobre o mesmo para o tornar na norma social, em algo de *normal*.

Incapacidade de criar / criação exige Razão / arbitrariedade, nihilismo, no pólo oposto a Razão.

Typos tem de cooptar, roubar, falsificar / remoldar vida por falsificação.

A sua imagem é destruição, poluição, desagregação.

Domínio por arbitrariedade implica que Homem, sociedade, se tornam negativos de ordem natural.

Ambiente humano sujo, inquinado, corrupto / lei sem lei, lei fora da lei.

Sociedade avança para prisão sócio-económica / o modelo védico e outros – era global.

Homem e mulher criados com potencial para criar mundo livre, justo e belo.

Aqui desfigurados ao nível do crime, da exploração e da inumanidade. Este arquétipo não consegue criar. A criação exige Razão. A arbitrariedade epistemológica e moral que acompanham nihilismo e desagregação interna estão no extremo oposto de Razão. Este typos tem de cooptar e roubar, absorver, falsificar, tudo aquilo em que toca. Tem de remoldar a vida à sua própria imagem, por falsificação; a todos os níveis. A sua própria imagem é destruição, poluição e desagregação. Isto significa que, quanto mais o mundo do homem é construído a partir de arbitrariedade, tanto mais se tenderá a tornar numa espécie de fac simile, um negativo da ordem natural. O código moral sintético tenderá a racionalizar e a normalizar (quando não a glorificar) a ausência de carácter, a mentira e a maldade. O homem e a mulher vão tender a ser tornados caricaturas de si mesmos; ignorantes, cobardes, mesquinhos, macilentos, desprovidos de iniciativa própria. Indiferença humana, intolerância, exploração tornam-se parte do dia-a-dia. Cupidez é uma norma. Fraude, traição e violência; exercícios matter of factly, *algo que se faz* para se obter o que se quer. A pretensão e a arrogância tornam-se normais e com elas vêm elitismo e a pompa de aristocracia auto-proclamada. O modo de operação normal desta sociedade será crime organizado; as actividades institucionais serão, per se, criminosas, baseadas em capricho arbitrário. Lei sem lei, lei fora da lei. Em tal sistema, as pessoas têm de rastejar e tornar-se sujas para sobreviver.

A sociedade tenderá a aproximar-se cada vez mais daquilo que sempre surge do exercício irrestrito de arbitrariedade humana: o slavepit totalitário, uma prisão social inumana, dominada por uma minoria incrivelmente rica no topo. O homem e a mulher, sendo criados com o potencial para construir um mundo livre, justo e belo, são desta forma pervertidos e desfigurados, para destruir o mundo ao nível do crime, da exploração e da inumanidade.

O sistema de castas védico é o benchmark aqui; é o mais antigo e duradouro de todos os sistemas alicerçados em gnosticismo. URSS, China comunista, Alemanha nazi, são boas aproximações no último século e esse é o standard que os boys at the top esperam atingir para a Aldeia Global. A própria natureza tenderá a ser distorcida, desfigurada, para ser recriada em moldes feios, doentes, patológicos (hello geoengineering, hello genetic engineering).

Arquétipo representa homem e mulher plenamente degenerados / sem carácter.

Cobardia, crime, injustiça / parasitismo, vampirismo / paranóia / ausência de Razão.

A matéria negra que nunca conseguirá ser feliz. O arquétipo representa, em essência, o homem (ou a mulher) degenerado, que incorporam falta de carácter, crime, injustiça. O mentiroso, assassino, e o cobarde petulante. É tudo aquilo que um homem real (ou uma mulher real) não é. É incapaz de criar e de levar uma vida produtiva e honesta. É um parasita, um criminoso e um vampiro. Sabe disso e fugirá da própria sombra! Será incrivelmente paranóico. O homem que se dissocia em pleno de Deus, e de Razão, é um escravo da sua própria vapidez e da sua própria irracionalidade, *sabendo* que o é. Também *sabe* que é o proverbial piece of trash; que funciona como matéria negra no mundo em redor, e que nunca conseguirá ser feliz.

Catolicismo passa por segunda grande fase de dissolução – Idade Média.

Catolicismo que vai evangelizar Europa já é uma forma *dissoluta* de Cristandade. Quando a Igreja procede para evangelizar a Europa, a essência da Cristandade já tinha sido largamente diluída – tornada *dissoluta* – em elementos pagãos. O Catolicismo desses tempos já tinha adoptado os mais variados elementos latinos e gregos, e tinha sido alienado da vida real. Já não era necessariamente esperado de um Cristão (Católico) que seguisse a Via, mas sim que vivesse a sua vida mundana de acordo com regras mundanas (do mundo), e que procurasse a sua redenção por meio de formas estranhas de puritanismo romano e, por meio de momentos ritualizados, extrâneos, mediados por uma casta mediadora de sacerdotes. É impossível encontrar um meio termo entre a Via e mundanidade; portanto, este Cristianismo já não era propriamente Cristão, mas sim algo como uma forma cristianizada de paganismo, de culto ritual. A Via tinha sido abandonada e tinha sido adoptada uma *religião*.

Evangelização europeia inaugura segunda grande fase de dissolução. Seja como for, esta forma era melhor que nada, e é esta forma (sob várias variantes) que é disseminada pelos territórios barbarizados da Idade das Trevas. Aqui, o Catolicismo depara-se com toda uma série de cultos naturalistas, frequentemente os cultos de Moloch/Astarte. O que acontece durante estes séculos é uma segunda grande fase de dissolução.

Santos-patronos, festivais, rituais, fogueiras rituais...

...e até a dança de Moloch ("crianças" e **caça** aos "bodes expiatórios"). De uma forma ou de outra, os conteúdos da fé católica são combinados com os elementos das religiões pagãs encontradas pelo caminho. As divindades locais continuam a existir e a ter os mesmos poderes mágicos que antes (poderes curativos, destrutivos) mas, agora, são *santos*. Por exemplo, a deusa Brigit é convertida em Santa Brígida. Os deuses e os espíritos, como é hábito sob paganismo, eram patronos de áreas específicas de actividade humana. Havia o deus da medicina, o deus dos ferreiros, o deus dos guerreiros, e assim sucessivamente. Agora, esse papel é ocupado pelos santos – os *santos patronos*. As velhas mezinhas para invocar este ou aquele espírito são convertidas em mezinhas com poderes medicinais e "espirituais" [*quando falamos de questões medicinais, isso é uma coisa; era frequente que conhecimento científico válido, adquirido por sabedoria popular ao longo das gerações, acabasse por ser codificado para charlatanismo pagão. Mas quando a prática continua a ter conotações espirituais ("afastar espíritos", tratar de "maus olhados", etc.), watch out*]. As pessoas acreditam, tal como em tempos druídicos, que o Sol e a Lua são movidos de forma mágica e que o destino das colheitas é determinado pelos caprichos do "deus", tornado violento, caprichoso, inacessível, como qualquer divindade pagã. Deus tinha começado a ser equacionado com Zeus e com Júpiter ainda em tempos latinos, e agora esse tipo de deriva continua e é reforçado. Os princípios elementares do Antigo e do Novo Testamentos são substituídos por superstições pagãs, normas morais sintéticas, sistemas de crenças baseados em charlatanismo. Os ritos locais são mantidos e é colocada uma Cruz por cima. Muitos destes ritos são coisas mais ou menos inconsequentes; festivais específicos, celebrações religiosas, costumes, que recebem títulos e propósitos cristianizados. Mas outros ritos e rituais são bastante mais consequentes. Um destes é o da dança de Moloch (sob inúmeros nomes diferentes). A dança de Moloch, ou dança do diabo, é o sistema pelo qual um homem ou uma mulher eram/são sistematicamente "atacados" (espiados, hostilizados, troçados, etc.) por uma parte organizada da comunidade. O propósito é o de "queimar" a pessoa em causa, levando-a a cair em abismos de desespero, despersonalização, suicídio, etc.; ou, então, assassinando-a de forma muito literal. Isto é geralmente feito através de fogueiras, para sacrifício humano. A "dança de Moloch" é o tipo de sistema que encontramos a ser descrito inúmeras vezes no Antigo Testamento (perpetrado pelos povos seguidores de Astarte/Moloch) contra os Hebreus. Implica a existência de uma *falange* organizada na comunidade. E isso é fácil de fazer em ambientes de tribo/aldeia. Basta cultivar o standard normal de paganismo. A "comunidade" é um millieu de extrema conformidade social, onde as pessoas são reduzidas a um mínimo denominador comum de ignorância e de maus sentimentos. A vida não é boa e todos são explorados. É dado, porém, um outlet para libertar os maus sentimentos, a tensão acumulada, e isso é a caça ao bode expiatório. É o jogo, a gincana do grupo frustrado. É o momento de diversão inconsequente, onde todos podem brincar e divertir-se, à custa de uma vida humana. Por algum motivo, a este tipo de pessoas, que foi e **é** usado, chama-se de "crianças" (e são as instituições e as organizações que os usam que assim lhes chamam). Mantêm-se as pessoas a esse nível, o que garante que podem ser usadas, para tudo o que seja considerado expediente ou "necessário". Isto claro, inclui caças inquisitoriais para assegurar estagnação e conformidade social. Seja como for, muitas das povoações que foram formadas ou convertidas a Catolicismo durante a Idade Média mantiveram estas práticas. Da espionagem comunitária à concertação de actos ofensivos à fogueira final – neste caso, a fogueira inquisitorial.

Um dia na vida da comunidade Católica-pagã medieval.

[O novo shaman / a procissão da aldeia / caça / destruição de intelecto]. A Idade Média Católica será um ambiente profundamente pagão. A "comunidade", i.e. o conjunto de pessoas reduzidas a um mínimo denominador comum de ignorância e de maus sentimentos, pode continuar a fazer a "caça" ao bode expiatório, mas agora já não o faz em nome de Brigit, a deusa, mas em nome de *Cristo* e talvez na presença de Santa Brígida. O shaman da aldeia é substituído por um novo shaman, agora com uma cruz ao peito mas, e no que ao camponês comum releva, este novo shaman é quase idêntico ao antigo. Tal como o antigo, o novo continua a usufruir dos melhores privilégios sociais, e isto inclui, nos mais variados casos, a posse de todas as mulheres que pretenda; com efeito, aldeias inteiras são repovoadas com filhos de padres [*um bom exemplo em Portugal é o de um padre que recebeu um galardão da Coroa, D. Fernando ou D. Dinis (?), por ter mais de 200 filhos na Beira Baixa e ajudar a repovoar a região*]. O novo shaman conduz as massas da aldeia na procissão pagã, agora com uma cruz à frente; a cruz toma o lugar dos velhos estandartes pagãos como novo eidolon de madeira. Antes, a procissão da aldeia pagã servia para oferecer sacrifícios humanos ritualizados ao deus da floresta. Agora, o deus da floresta tinha sido adoptado no panteão dos santos, e era o patrono da guilda dos tintureiros. Mas o sacrifício humano continua, por meio das mesmas fogueiras que eram antes usadas pelos druidas. A procissão continua a servir para levar o indesejado em correntes e atirá-lo, por fim, à fogueira, ritual que continua a ser repetido nos países católicos, agora com bonecos. E tudo isto é feito em puro anátema, *em nome de Cristo*. [*um pormenor importante nos bonecos mencionados, muitos são chamados de "cabeçudos" – são figuras com cabeças grandes. Todos os regimes corruptos sentem a necessidade de assegurar a sua permanência pela neutralização de cabeça própria na população em geral. Ter uma população que sabe pensar é sempre um grande, grande tabu – claro. Aqueles que conseguem escapar à neutralização geral de cabeça própria e de intelecto são aqueles que estes regimes caçam em norma. São os cabeçudos, uma forma jocosa e mesquinha de ridicularizar quem tem três dedos de testa. A mente independente é sempre caçada nestes regimes que vivem à base de ignorância e charlatanismo, e isso é sempre representado em iconografia. Bonecos deste género / cabeças empaladas / guilhotinas / etc*].

Uma casta sacerdotal paganizada.

Casta graduada autoritária colocada entre divindade e massas humanas. Todas as religiões pagãs têm uma casta graduada que faz a mediação entre a divindade e as massas humanas abaixo. Aqui não estamos a falar de uma estrutura sacerdotal que assegure celebrações e ofereça serviços válidos ao público (assistência social e outros), como é prescrito para os levitas no AT. Os levitas não tinham grande poder, nem era suposto que tivessem. Isso também está prescrito no AT. É claro que isto difere do que acontece sob despotismo e sob cultismo pagão (realidades interdependentes). A casta graduada pagã é uma estrutura consolidada, auto-perpetuada, oligárquica e autoritária. Tem o monopólio de interpretação dos conteúdos sagrados e impõe-no por coerção. Inventa regras sob as quais aqueles que desafiam a sua autoridade interpretativa devem ser punidos por isso. É isto que vamos encontrar a ser adoptado pela Igreja paganizada.

Monopólio de interpretação e comunicação das Escrituras. Sob a Igreja paganizada, existe uma estrutura corporativa que, em rebelião à palavra de Deus, assume o exclusivo do direito de *interpretação* e de *comunicação informada* das Escrituras.

Igreja assume casta sacerdotal de estilo pagão, farisaico. Depois, esta casta, com as suas várias subcastas especializadas, assume todos os outros predicados existentes sob paganismo, listados no ponto assume. É uma casta sacerdotal de estilo pagão, que se estabelece como tampão entre Deus e o Homem. E rapidamente estamos no ponto listado logo ao início, quando se falava dos muitos males que os fariseus perpetraram sobre Israel.

Isto seria inconcebível com primeiros levitas e primeiros Cristãos [tb, pastores].

Um real sacerdote Cristão é um homem comum, nesses moldes. Isto é algo que seria inconcebível com os primeiros levitas, ou com as primeiras gerações de sacerdotes Cristãos. Um real sacerdote Cristão está *sempre* aberto a ser questionado e vai incentivar todos aqueles à sua volta a conhecê-la e a estudá-la por si mesmos. É um homem comum, geralmente casado e com filhos. É apenas alguém que, sendo um discípulo educado da Via, procura ajudar um conjunto de pessoas a obter uma boa compreensão da palavra de Deus. Assegura bons serviços de celebração. É um homem de acção no mundo em volta – um verdadeiro Cristão. É o modelo que voltou a ser seguido no mundo Cristão com o modelo tipificado pelos pastores protestantes.

Cristianismo é obscurecido por cânones humanos e por "mistérios da fé".

A Lei de Deus e as Escrituras são suprimidas, substituídas por cânones humanos. A casta sacerdotal da Igreja paganizada é uma casta de estilo pagão que se estabelece como tampão entre Deus e o Homem. Isto é feito pela imposição de um monopólio estrito de interpretação e de comunicação da palavra de Deus. Depois, o mesmo tipo de trabalho de obscurantismo é operado sobre a própria palavra. Durante a era medieval, as Escrituras são essencialmente suprimidas e censuradas pelas corporações eclesiásticas. A própria palavra é substituída por invenções legalísticas humanas. Camadas e mais camadas de cânones e regulações humanas são essencialmente atafulhadas umas por cima das outras, e por cima das linhas claras, impecáveis e transparentes da palavra de Deus. Acaba-se com uma *nova lei*!, antitética à Lei. Esta "nova lei" é definida por indivíduos e por grupos eclesiásticos, que depois ficam bastante satisfeitos com a sua proeza e com toda a sua suposta genialidade humana.

Palavra (ab)usada para promover obscurantismo e arbitrariedade feudal. Mais que isso, a Palavra é consistentemente (ab)usada para promover uma visão limitada e obscurantista do mundo e do papel do homem nesse mundo. Do mesmo modo, é (ab)usada para promover e justificar o exercício arbitrário e brutal de poder sob o sistema feudal; um sistema de repressão e pilhagem organizada. De repente, Jesus passava a ser um promotor de brutalidade feudal. É extremamente provável que Jesus tivesse sido crucificado com mais prontidão na era feudal (pela Inquisição e pelas autoridades seculares), que quando o foi em Jerusalém.

"Mistérios da fé", "tradição", ascensão graduada. Ao mesmo tempo, a fé passa a ser um conjunto de *mistérios*, os *mistérios da fé*, inacessíveis e esotéricos, exigindo a mediação exclusiva desta casta

especial de pessoas autorizadas. Obscureceste a Palavra de Deus, não entraste no Reino dos Céus, e não deixaste entrar quem queria entrar. É claro que a linguagem dos "mistérios" é típica do paganismo astártico, onde o *Weltgeist* é uma figura caprichosa e distante, cujas vias são obscurecidas por sucessões de "mistérios", enigmas, acessíveis apenas pela ascensão do iniciado por uma escala graduada de compreensão sacerdotal.

<u>O "straight deal" de Yahweh e a condenação de obscurantismo farisaico</u>. Ou seja, não existe o "straight deal" de Yahweh, de Deus, pelo qual o indivíduo tem acesso à verdade total e completa logo à partida. Isto funciona como em qualquer outra questão humana. Quando não existe o "straight deal", alguém tem uma carta na manga e estamos perante charlatanismo, e obscurantismo. Alguém está a tentar lucrar com base na credulidade alheia. Alguém está a obscurecer a verdade em nome de uma agenda. No caso católico, a verdade da Palavra de Deus é obscurecida em nome das dinâmicas e das regras humanas do corporativismo eclesiástico. Da *tradição*, se quisermos. O que é que Jesus diz sobre a tradição obscurantista dos fariseus?

<u>Só com Renascimento é que Escrituras são destrancadas</u>. Foi preciso que chegasse o Renascimento para que houvesse alguma forma de livre acesso público às Escrituras. Durante a era medieval, a Igreja medieval censura, bloqueia e restringe o acesso à palavra de Deus. A Igreja de Roma fecha-as a sete chaves e oferece a sua própria visão oligárquica e essencialmente aristotélica do mundo e da vida humana. A Palavra é substituída e obscurecida por cânones corporativos eclesiásticos e por rituais sem significado. O straight deal da palavra (transparente, universal, de fácil compreensão) é trocado por um conjunto de *mistérios*, os *mistérios da fé*; inacessíveis e esotéricos, exigindo a mediação de uma casta especial de pessoas, dotadas do monopólio de interpretação e comunicação desses *mistérios* – e nem os fariseus chegaram tão longe.

<u>O exemplo dos arquivos do Vaticano</u>. Em verdade, o Renascimento poderia ter começado muito mais cedo se a Igreja tivesse feito bom uso do seu poder secular, como era seu dever aos olhos de Deus. Em vez disso, o que fez foi oferecer arbitrariedade moral e cultos pagãos mascarados de Cristianismo. Isto é bem exemplificado pelo uso que o Vaticano deu aos seus arquivos. Já na altura, esta era, muito provavelmente, a biblioteca mais vasta, extensa e abrangente do mundo conhecido. Estes arquivos eram – e são – mantidos selados a sete chaves. A difusão desse conhecimento poderia ter despoletado (ainda pode despoletar) a maior aventura de maturação humana e desenvolvimento económico, político e científico-tecnológico alguma vez encetada pelo Homem. Em vez disso, foi selada a sete chaves e o público foi deixado com histórias mitológicas sobre diabos saltimbancos, anjos que mexem os cordéis para mover a Lua, ou o reino mítico e distante do Prestes João (provavelmente um dos impérios medievais da costa pacífica africana, que a Igreja conheceria por contacto directo).

<u>É necessária a Reforma para que o Cristianismo em si seja descoberto</u>. É um triste testemunho da história que tenha sido necessário surgir o Renascimento para que a civilização europeia pudesse, literalmente, descobrir as Escrituras. E que tenha sido necessário que houvesse a Reforma para que elas se tornassem finalmente acessíveis a *todos*, irrespectivamente de classe social ou nível educacional. Foi com a Reforma que a Europa se tornou letrada; a generalidade das pessoas que na altura aprenderam a ler, fizeram-no usando a Bíblia. Com isso, aprenderam que eram indivíduos únicos aos olhos de Deus, que cada qual deles era um primeiro entre iguais, que o mundo não era

um lugar confuso e por necessidade injusto. O mundo podia ser melhorado, através de acção verdadeira, moral, justa, equitativa, sob Deus. Que essa era a única forma pela qual o mundo era tornado num lugar melhor. E que é o indivíduo, e não a massa, ou a instituição, ou a colectividade, que é o protagonista terreno desse esforço.

Ordens reclusivas.

Fratrias, sororias, ordens, sectos internos. Essa estrutura sacerdotal veio a tornar-se progressivamente mais graduada. Encontra-se dividida em várias ordens e sectos. Muitos destes agrupamentos funcionam, na prática, como pequenas sociedades secretas. Detêm diferentes níveis de conhecimento no que respeita à *teologia interna exclusiva* à Igreja. Têm os seus próprios rituais de iniciação e de progressão na escada hierárquica interna. Importante em tudo isto é o costume latino, adoptado para o Catolicismo, de instituir fratrias e sororias eclesiásticas, com ordens, mosteiros, conventos, etc.

A lanterna, se o é, está lá para iluminar o mundo. Auto-enclausuramento, para trabalho numa "ordem", ou para obter "ascese", ou "visões místicas", é um conceito pagão. Um Cristão real não se esconde num claustro, numa cela. Um Cristão real está ***no*** mundo, e está a dar o litro para fazer aquilo que é justo e equitativo. Talvez seja metido numa cela por causa disso. Viver *no mundo* segundo os preceitos de Deus, dar o exemplo aos restantes. É isso que é a Via. A lanterna, se o é, não foi feita para estar escondida, mas sim para iluminar o mundo em redor.

Ordens reclusivas: auto-enclausuramento, em geral.

Auto-enclausuramento organizacional: trabalho ou experience seeking. Sob sistemas pagãos, o auto-enclausuramento em contexto organizacional serve, por norma, dois propósitos, por vezes simultâneos. A pessoa fá-lo para usufruir de experiências místicas. Ou então fá-lo porque está a trabalhar para uma organização que é um braço especializado de algo maior, ou que tem a sua própria agenda.

Auto-enclausuramento, uma prática Gnóstica: despersonalização para recrutamento. Em muitas religiões pagãs, o auto-enclausuramento em procura mística pode ser facilitado por práticas de passivização extrema (e.g. meditação), por solitude extrema, por abstinência, pelo consumo de substâncias narcotizantes, por experiências sociais em ambiente controlado. Neste último cenário, estamos a falar de uma espécie de dança de Moloch (assédio, bullying, mobbing) mais "segura", que é imposta pela ordem em si e aceite pelo pupilo; ou não, como é o caso em vários cultos psicóticos gnósticos. Isto inclui os cultos Hindus, os cultos neo-platónicos, várias formas de cultismo pagão cristianizado. Um dos casos mais notáveis aqui é o dos Sufi do Islão que é, na prática, um culto Hindu a pretender ser Islão e (não obstante a vil capa de amizade e amor universal) é responsável por muitos actos de subversão ideológica, destruição e genocídio ao longo da história. O sistema de enclausuramento é vital no quadro de referência gnóstico, na medida em que funciona como um ritual de despersonalização e amoralização, para fins de reforma(ta)ção mental e recrutamento.

Mentalidade Gnóstica, o leão que ronda para subverter Cristandade. A mentalidade gnóstica é o luminoso anjo da morte, o leão que ronda para devorar, o lobo em pele de cordeiro. É o negativo da (real) Cristandade e existe precisamente para a subverter e neutralizar. Sem dúvida que alcançou esse propósito com muitas instituições e igrejas, e a própria Igreja Católica é, hoje, bastante gnóstica. Uma das rotinas essenciais do gnosticismo consiste precisamente nestes kool aid cults para suposta ascese individual.

Ordens reclusivas: auto-enclausuramento na versão Católica (1).

Auto e/ou hetero imposição da travessia pelo deserto, uma forma de anátema. Quando a pessoa se junta a uma ordem/seita religiosa para procurar experiências místicas através de solitude e abstinência (um standard normal no Catolicismo) isso é o mesmo que estar a falar de uma espécie de *auto e/ou hetero imposição* da travessia pelo deserto. Por outras palavras, é anátema aos olhos de Deus. Deus dá-nos tempo de vida para o usarmos bem em obras que manifestam amor por Ele e pelo próximo; não para deambulações existencialistas e fúteis em mundos alucinados de *sensation-seeking*.

Deus não é um entertainer e exige fidelidade na acção. Deus não se mostra em situações de *sensation-seeking*. Deus não é um *entertainer*. Quando alguém se auto-enclausura para O encontrar, a única coisa que está a fazer, é desperdiçar o tempo que Ele lhe dá para *agir no mundo*. Ele mostra-se àqueles que Lhe são fiéis, no mundo. Essa é a única coisa que Ele pretende ver do Homem: fidelidade na acção.

O argumento do complexo precoce de fuga – "fugir da corrupção do mundo". Outro argumento habitual aqui é o de que a pessoa tem de se afastar, de se dissociar da corrupção do mundo que a contamina; o auto-enclausuramento ajudaria, nesse propósito. Um real Cristão, à imagem dos profetas, de Jesus e dos apóstolos, nunca corre a esconder-se e a aninhar-se no escuro para resolver dilemas motivacionais. Esses dilemas são lidados e resolvidos nu mundo real, é assim que é feito. Quando alguém foge de um problema, isso é um garante de que nunca o irá resolver. Uma pessoa real não foge dos problemas, enfrenta-os e lida com eles no dia-a-dia. Isto chama-se *coping*. A isso também se chama exercitar, fortalecer, consolidar a consciência, aquilo que Pedro menciona numa das Cartas. Pessoas reais resolvem problemas reais de modo perfeitamente descomplexado, no mundo real, sem esquemas, claustros, ou retornos a complexos precoces de fuga; e tornam-se mais adultas e independentes por via disso.

Auto-enclausuramento (2) – O deserto não é chill & groove.

Israel não está à procura de chill & groove quando faz travessia pelo deserto.

Israel sai da corrupção humana (Egipto) faz o deserto (ataques, armadilhamentos).

Chega a Terra Prometida, onde corrupção humana não tem qualquer domínio. A travessia pelo deserto acontece no decurso natural dos eventos. Quando a pessoa é *fiel* a Deus, no mundo, *vai ser*

feita passar pelo deserto. O mundo é um sítio bastante corrupto, dominado por arbitrariedade humana, e vai quase sempre tratar mal aqueles que são bons. É muito difícil encontrar uma sociedade *boa*, ao longo da história. Israel não faz a travessia porque esteja à procura de experiências místicas com Deus, de algum nirvana hippie no Nevada. Israel faz a travessia porque está a ser fiel a Deus ao sair da terra do Egipto, a casa de escravidão. A casa de escravidão que é o Egipto representa a corrupção humana. Os filhos de Israel estão a sair disso e a afirmar aquilo que é justo e bom. Isso vai levá-los à Terra Prometida, fora do alcance da corrupção humana. Pelo caminho, claro, são maltratados e confrontados com todo o tipo de armadilhamentos e de truques baixos; a travessia pelo deserto.

Auto-enclausuramento (3) – Coping e amadurecimento vs. "purificação interna".

Israel sai do Egipto e ganha auto-controlo sobre si mesmo.

O mal não está em querer o agradável, mas sim em querê-lo sob condições erradas. É claro que o *início* da travessia pelo deserto (quando Israel ainda não está sob ataque cerrado de todos os lados) expressa um outro ponto essencial aqui, sair de corrupção humana implica também a que se está a optar por não usufruir das vantagens sentidas que são oferecidas por essa corrupção. "Eu podia deixar de intervir para defender aquela pessoa, a risco para mim próprio, mas vou mesmo intervir. Podia contar esta mentira mas não vai acontecer. Podia enganar a esposa, mas já não o vou fazer. Podia aceitar enganar pessoas para manter o emprego, mas nah, vou tentar a minha sorte noutro lado qualquer". Etc. Etc. Em todos estes exemplos, a pessoa está a exercer a tomada consciente de atitudes e acções morais, e em todos estes casos vai ter de abdicar de coisas que são "agradáveis", porém corruptas. Isto significa que vai ter de se auto-disciplinar para não depender das vantagens que são oferecidas pela corrupção. Ou seja, a pessoa terá de ganhar auto-controlo sobre si própria. Terá de se tornar ainda *mais* independente. Não há mal em querer ter dinheiro, ou segurança pessoal, ou sexo, ou outra vantagem qualquer. O mal está em querer ter estas coisas sob condições erradas e imorais.

Algo sempre feito por opção, pela própria pessoa, na vida normal / coping, maturação. É claro que isto é *sempre* feito pela própria pessoa na vida normal, por opção própria, e não em qualquer claustro colectivo alucinatório. Chama-se coping e maturação.

Esquecer paleio da "purificação interna".

Despersonalização, lavagem cerebral / foco em temas de rift, íntimos e definidores.

Desagregar para remoldar / "Wipe the slate 'clean' and fill it with trash". Da mesma forma – e isto é vital porque é um dos pontos que mais pessoas engana, e desvia – nada disto envolve nenhum conceito de lavagem cerebral, pelo qual a pessoa se "purifica interiormente", significando que já nem sequer sente as necessidades que antes sentia. Isso é linguagem pagã para despersonalização. É sempre feito em processos de choque, desnormalização, preenchimento com uma nova essência de escolha de um qualquer controlador. Wipe the slate 'clean' and fill it with trash. É por isso que os temas de "purificação interna" são sempre temas muito íntimos, que definem lados muito personalísticos da pessoa (e.g. questões sexuais, modos de pensar, sentir, falar, mexer-se, etc.) A

ideia é atacar a pessoa por lados extremamente íntimos e definidores para abalar, devastar, desmantelar toda a sua estrutura interna e, por fim, reprogramá-la por inteiro.

Auto-enclausuramento (4) – Esquemas em pirâmide e filhos do Inferno.

Grupos “cristãos” que pretendem fazer “purificação interna” são **gnósticos**.

Esquemas em pirâmide humanos para criar filhos do Inferno. O atrás apontado é, claro, o standard comum dos cultos gnósticos. Cuidado quando grupos “cristãos” se propõem a fazer este tipo de processo. Não são cristãos, são gnósticos e, ao longo da história, são mais que as mães. Praticam a versão “cristianizada” do processo gnóstico de despersonalização e indução. Isso envolve todo o tipo de actos doentios, com óbvias intromissões no domínio privado, e todo o tipo de comportamento, que acontece na tal “dança de moloch controlada” – inaceitável num Cristão real. A pessoa é metida em ordens e outros esquemas em pirâmide humanos para ser chocada, desnormalizada, reprogramada com lixo obscurantista de classe. O que aí é feito é aquilo que Jesus disse dos fariseus: percorrem a terra inteira à procura de um prosélito e, quando o encontram, tornam-no num filho do Inferno duas vezes pior que eles.

(Real) Cristianismo nunca envolve este tipo de jogo da hiena. Sob Deus, o Deus real, não existem programas de lavagem cerebral, por muito pretensamente “poéticos” e “virtuosos” que sejam os esquemas de racionalização para isso. Um Cristão está cá apenas e somente para resolver os problemas reais do mundo real. Toma as suas próprias opções independentes, respeita as opções dos outros, não procura interferir com a vida privada dos outros. Lida com os seus próprios problemas, e ninguém mais tem o que quer que seja a haver com o assunto.

Auto-enclausuramento (5) – O deserto não é LSD & grass.

Profetas vão para o deserto quando são perseguidos por serem homens de acção. Quando os profetas vão para o deserto, isso acontece porque, regra geral, os poderes instituídos querem matá-los. Os profetas são homens de acção que percorrem a terra a chamar governantes e sacerdotes à responsabilidade pelos seus crimes; e a zurzir o público pela sua deriva progressiva para falsidade e banditismo. Os profetas avisam para as consequências disso (desastre em larga escala) e dão as soluções: arrependam-se e ganhem personalidade própria, sejam pessoas boas; façam o que é bom e justo aos olhos de Deus. Isto significa que não fazem muitos amigos. O profeta médio andava sempre numa roda viva de perseguições, prisões, fugas a meio da noite, tentativas de assassinato. O deserto é um sítio muito seguro, por comparação com Jerusalém ou Tel-Aviv. Depois, é claro que o mesmo vai acontecer com os próprios apóstolos e com os restantes primeiros cristãos.

“Simplórios coroados e príncipes em farrapos, no deserto”. Vi simplórios montados a cavalo, vestidos em trajes reais, saudados pelas multidões. E depois vi príncipes em farrapos, a percorrer os desertos, a subsistir de bagas silvestres. É assim que o mundo do Homem é condenado [*algo como isto, num dos livros de ditos e provérbios, talvez o próprio livro de Provérbios*].

Jesus: a caricatura infantil da "Última Tentação", com Willem Dafoe. Jesus é feito passar pelo deserto para ser tentado, e isso surge como consequência de ser fiel a Deus. Jesus não está a procurar nenhuma ascese gnóstica nem está numa trip de "purificação interior", ou algo que o valha. Purificação interior obtém-se por acção justa no mundo. Jesus não é a caricatura que foi mostrada na "Última Tentação de Cristo", com Willem Dafoe, o adolescente problemático que vai ao deserto para encontrar uma *groove* essénia, hinduísmo, LSD, João Baptista em Woodstock, the doors of perception and screw yer Law oh yeah, gimme some grass. Isto foi uma caricatura infantil e maliciosa.

"Qual o homem que arriscaria a sua vida para se aproximar de Mim".

Acção correcta no mundo é aquilo que leva ao conhecimento de Deus. Jesus está no deserto a ser tentado pelo mal puro porque está a sofrer as consequências da sua fidelidade a Deus. É isso que lhe vai acontecer, de modo bastante contínuo, até à Crucificação. Isto não é uma escolha stylish, sexy and liberal, é uma consequência da *acção correcta* num mundo pervertido. E é claro que quando alguém é perseguido porque está a agir correctamente no mundo, aproxima-se de Deus. Deus condena o mundo, mostra-se à pessoa e acompanha-a. Porque, qual o homem que arriscaria a sua vida para estar perante Mim, para se afirmar por aquilo que é bom, verdadeiro e justo? É a *acção correcta* no mundo que leva ao conhecimento de Deus e à proximidade com Ele.

Celibato sob gnosticismo.

Gnosticismo favorece celibato, celibatários só têm fidelidade à organização. As religiões gnósticas favorecem o celibato sacerdotal pelo simples motivo de que celibatários devotam toda a sua energia à instituição.

Derivações políticas totalitárias fazem o mesmo – Ex. de nazis, comunistas. O mesmo acontece com os movimentos políticos que saiem desses cultos. Por exemplo, Hitler gabou o valor organizacional do celibato e pretendia instituir esse costume na estrutura do Staat nazi. O mesmo acontece com os comunistas, que colocam em prática a obsessão da extinção da família e da imposição de uma forma estranha e psicótica de puritanismo sexual. Este é, aliás, o percurso e o rationale das religiões gnósticas, das quais estes movimentos psicóticos e totalitários derivam.

Celibato sacerdotal católico.

Paulo menciona celibato **opcional** como forma de prioritizar gasto de esforços. Nas Cartas, Paulo fala da ideia *opcional* de celibato (os sacerdotes eram geralmente casados e não há mal nenhum com isso) como algo que permite devoção enérgica; a ideia de que o sacerdote vai, por norma, estar *demasiado ocupado e envolvido* nas suas actividades para conseguir dedicar-se a uma família.

Igreja proíbe, erroneamente, sacerdócio não-celibatário. É claro que a Igreja veio a banir, durante a Idade Média, o sacerdócio não-celibatário. É possível que tenha tentado inspirar-se nas palavras de Paulo. Se essa foi a ideia, então falhou, porque cometeu o erro de não reconhecer a variável de

opcionalidade [*Paulo não era um anti-intelectual gradualista, a tentar "meter o pé na porta" com um conceito, inicialmente opcional, para depois o tornar obrigatório*]. Paulo está meramente a constatar o que é auto-evidente e que, aliás, está observado em várias outras partes da Bíblia: a pessoa que quer devotar-se totalmente a algo, pode optar por minimizar a existência de outras fontes de dispêndio de energia. Mas isso não é, obviamente, uma condição para o sacerdócio. A Palavra de Deus não sanciona, em parte alguma, que *alguém* negue o sacerdócio a alguém por ser casado.

Deus criou-os homem e mulher para serem uma só carne, uma equipa. Deve ser até apontado que o sacerdote casado, *por o ser*, conseguirá fazer mais que o sacerdote solteiro, contando que ele e a esposa trabalhem como uma equipa, e é isto que Deus pretende que aconteça – Deus criou o homem e a mulher para serem uma só carne. Essa é, aliás, a dinâmica prescrita para os levitas. Quando dois dormem e trabalham juntos, aquecem-se mutuamente e os resultados dos seus esforços são intensificados – como está escrito. O próprio Paulo queixa-se indirectamente do facto de isto ter tendência a não acontecer. É ele que aponta que a pessoa casada tem de se preocupar em agradar ao/à cônjuge e, isso provoca desperdícios de tempo e energia. Porém, se ambos forem uma real equipa, como é suposto que sejam, então essa questão está resolvida.

A influência do puritanismo latino. [Ver também secção sobre Puritanismo]

Catolicismo adopta puritanismo sexual pagão, assente em repulsa por sexualidade per se. O Catolicismo adoptou várias características da cultura pagã Romana, com destaque para o puritanismo sexual latino. Mais tarde, a Igreja encontra-se com formas culturais similares no seio das tribos germânicas, que também contribuem para a segunda grande reformulação do Catolicismo, do fim do Império Romano em diante. Uma sociedade alicerçada em puritanismo sexual associa vergonha, medo e desconforto à sexualidade *per se*.

Rift social, más relações, má comunicação, duplicidade, artificiosidade. Isto leva a um rift artificial entre sexos, acompanhada de uma sistematização de falsidade, duplicidade, artificiosidade, nas relações e na comunicação. Estes maus sentimentos e reportórios rapidamente se estendem aos restantes domínios sociais.

Puritanismo leva a formas de apartheid sexual, sado-masoquismo sociológico. Uma forma típica de exteriorização patológica sob puritanismo sexual é a glorificação de um dos sexos por oposição ao outro. Uma sociedade puritânica comandada por homens terá tendência a rebaixar e até a demonizar a condição feminina. Uma sociedade puritânica comandada por mulheres fará o mesmo relativamente à condição masculina. Ambas tentarão estabelecer formas de apartheid sexual, significando dominação irrestrita de uma parte sobre a outra. Tenderá sempre a haver, porém, uma partilha relativa de poder, pela qual a parte dominadora exerce poder activo sobre a outra, mas ao dominado é concedido que exerça poder passivo sobre o dominador. Interdependência alicerçada em amor-ódio (na verdade, sado-masoquismo).

Gestalt conceptual determinante na proibição do casamento sacerdotal. Esta é a *gestalt* conceptual que vai caracterizar as relações entre sexos na sociedade puritânica latina, mais tarde católica. É algo que vai determinar as próprias relações no seio da Igreja. A decisão de proibir o casamento aos sacerdotes é algo que surge associado à habitual vergonha e desconforto para com

questões sexuais, e é também uma manifestação do complexo de (maus) sentimentos descrito no ponto anterior.

"Mulheres não podem exercer função sacerdotal" – então e Deborah?

Onde é que isto deixa Deborah? A lógica atrás mencionada é depois usada para dizer que as mulheres não podem exercer qualquer função sacerdotal; quanto muito, podem ser auxiliares. Onde é que isso deixa Deborah, uma mulher casada e com filhos, profetiza e juíza de Israel, que vai comandar os filhos de Israel em batalha, e obter a derrota total dos agressores externos? «*Os chefes estavam desfalecidos em Israel, sem forças, até que eu, Deborah, me levantei como uma mãe de Israel. Israel escolhera novos deuses, e logo a guerra lhe bateu às portas. Cantai as vitórias que o Senhor operou em Israel!*»

É altura de reclamar todos os símbolos e significados de volta. Já agora, quando aqueles que deviam evocar os seus símbolos genuínos não o fazem, esses símbolos acabam por ser cooptados. Deborah é o modelo feminino que os cultos gnósticos, satanistas assorted e outros, costumam usar para criar a figura propagandística da "empowered teenage witch" [e isto serve sempre para recrutar pessoas frágeis, que andam à deriva pela vida à procura de identidades sintéticas, para depois as colocar em esquemas de prostituição e outros]. É altura de reclamar de volta todos os símbolos e todos os significados.

Deborah na era moderna é essencial. A Igreja Cristã, se o quer ser, tem de o ser efectivamente, e algo me diz que a solução daqui para a frente vai ser encontrada em mulheres fortes – Deborah na era moderna – que vão reclamar de volta a imagem da coragem e do carácter para *onde pertence*; na exacta altura em que os powers that be (o que inclui a Igreja) vão estar a martelar as mulheres de volta a pequenez mental comunitária (já está a acontecer). Algo me diz que a própria Igreja fará guerra contra mulheres assim; e que, eventualmente se irá aliar a todos os outros powers that be para as caçar e neutralizar! Mas isso é indiferente, porque as coisas são guiadas por Deus, e não pela cupidez humana.

Puritanismo sexual não é uma atitude Bíblica.

Puritanismo sexual assenta em repulsa por sexualidade per se. Ao longo da história, o Catolicismo adoptou e puritanismo latino, Romano, por subtituição à boa velha descomplexação bíblica. Todas as formas de puritanismo sexual promovem medo, vergonha e desconforto para com questões sexuais e esta atitude não é, evidentemente, bíblica.

Esta não é, evidentemente, uma atitude Bíblica. Deus criou-os homem e mulher para se unirem, serem uma só carne, terem filhos, apreciarem-se mutuamente como amantes devotos, serem fiéis um ao outro, terem uma grande aventura conjunta chamada vida. Como qualquer outro texto bíblico, os Cânticos de Salomão incluem várias camadas de significado. Uma dessas camadas, para quem saiba o que está a ler, contém o manual sexual mais estimulante alguma vez escrito – e o mais belo. Deus *nunca* condena a actividade sexual. Condena-a fora de amor. Serão uma mesma carne e,

a partir daí, construirão coisas em conjunto. Homem e mulher são filhos de Deus, destinados a harmonia e a paridade. Há sempre algo do *self* que fica com o outro, na relação sexual. Existe sempre um laço que é estabelecido entre as duas pessoas. Se o acto é feito fora de amor (mera carne, mera utilização mutuamente consentida de pedaços de carne), existe algo em cada um que é erodido e degradado. O laço que se estabelece está sempre lá, mas a relação em si é destrutiva e trai esse laço. Esse laço é algo que se estabelece entre as duas almas, as duas consciências. Trair esse laço é uma forma de degeneração da consciência. Portanto, o laço deve ser estabelecido em amor, em união perfeita. Aí, dará frutos.

Os frutos do puritanismo (1).

Rift, adversariedade, problemas comunicacionais, ambientes inquinados. Quando as pessoas adoptam uma postura puritânica, pela qual toda a actividade sexual é vista como intrinsecamente *repulsiva*, o que acontece é que é criado um *rift* entre os sexos. Medo, vergonha, desconforto. As pessoas não comunicam entre si na qualidade de indivíduos, mas enquanto membros de clubes corporativos diferentes, masculino e feminino. Homem e mulher já não são filhos de Deus, destinados a harmonia e a paridade. Agora são adversários, criaturas colocadas em campos opostos. Tudo isto é intrinsecamente neurótico, radicado na invenção de um superego social que incentiva ao medo e à defensividade para com o outro. O processo em si leva sempre a todo o tipo de distorções patológicas. A capacidade de comunicar perde-se. A comunicação passa a ser dominada por adversariedade e é genericamente dominada por artificialismos sociais de uma forma ou outra. Passa a ser um exercício sempre defensivo. Num extremo, essa defensividade é expressa por medo e desconforto. No outro extremo, é expressa por manipulação e cinismo. A duplicidade e a hipocrisia tornam-se norma. Podem começar pela questão sexual, e pelas relações entre sexos, mas depressa são alastradas aos restantes domínios sociais e relacionais. É gerado um ambiente patológico e inquinado, dominado por estes complexos emocionais sintéticos, propagados por irracionalismo social/institucional.

Representações sociais dissociativas – o anjo e o demónio. O rift pode começar por ser um fenómeno neurótico, mas resulta sempre em fenómenos dissociativos. Quando o “outro” se torna num objecto de vergonha e distanciamento, torna-se também numa figura misteriosa e enigmática. Um objecto ambíguo de mito e de expectativa, para o melhor e para o pior (o anjo e o demónio). A mulher é a princesa ou a prostituta. O homem é o príncipe ou o vilão. O rift inicial expandiu-se para dar origem a mais rifts. Todos eles são imaginários e sintéticos. As pessoas não são avaliadas enquanto indivíduos, mas sim segundo estes standards dissociativos. As expectativas que são geradas, são-no segundo estes standards.

Sujeitos moldam-se a teatro sintético, problemas psicossociológicos resultam. Isto passa a dominar o reportório comunicacional e relacional. Os sujeitos moldam-se a estes papéis. A vida social e relacional passa a ser uma peça de teatro. Os homens procuram incorporar o príncipe, as mulheres a princesa. A adopção de um personagem é sempre um fingimento, uma forma de mentir. A adopção *permanente* de um personagem é mentira permanente, contada ao próprio e aos outros. Existe, portanto, uma vulgarização da mentira, auto e hetero-infligida. Tudo isto abre a porta à generalização do cinismo, da duplicidade e da manipulação interpessoal, o domínio no qual o ser

humano deixa de o ser, para ser reduzido a um nível bestializado. É claro que tudo isto exige desnaturação e auto-mutilação interna. A pessoa que se altera a si mesma para incorporar um papel social não está apenas a alterar qualquer coisa, está a anular aquilo em si que é verdadeiro e genuíno, o seu *self* e, mais que isso, a sua consciência. Este tipo de sociedade cresce à base de medo e insegurança. A pessoa que se sente forçada a corresponder a *Idealtypen* sintéticos é, por norma, insegura. A insegurança é parcialmente ultrapassada pela adopção irrestrita do papel mas, mesmo nos "melhores" momentos, existe sempre ansiedade e insegurança face ao que os "outros" vão pensar [*o superego é inteiramente social, como sempre acontece num ambiente caracterizado pela generalização da mentira*]. Nos casos mais extremos, a insegurança sentida pode resultar em colapso pessoal, quando a pessoa sente que não consegue interiorizar o tipo ideal, aquele que lhe vai abrir as portas do sucesso social.

A pessoa que abdica de self e consciência abdica de si mesma; suicida-se. Num outro extremo, a pessoa inteiramente rotinada a este assumir de papéis, a pessoa que substituiu inteiramente o seu *self* genuíno por um *self* sintético, também anulou, em essência, a sua consciência moral. Aceitou mentir totalmente a si mesma, por forma a ganhar o poder de cativar (neste caso, enganar) os outros. Pode-se dizer que vendeu a alma em nome de sucesso social. Vive na peça de teatro e faz o seu papel com expontaneidade e boa cara. A mentira tornou-se-lhe inteiramente natural. A pessoa que mutilou a sua consciência desta forma completa deixou, em consequência, de ser a sua própria pessoa. Tem volições animais, mediadas por um espaço mental de cálculo e ponderação de probabilidades, guiado por um self sintético e adulterado, obcecado com valorização pessoal no contexto social. Foi queimada, queimou-se a si mesma. Em nome de artificialidades sociais – mentiras –, anulou a sua própria identidade pessoal, aquilo que faz do si, um eu genuíno.

Os frutos do puritanismo (2) – A importância do neo-córtex.

Pessoa guiada a abdicar de si mesmo através de treino animal. A pessoa do ponto anterior anulou a sua própria identidade pessoal, aquilo que faz do si, um eu genuíno. Fê-lo em nome daquilo que é ensinada a interpretar, através de instâncias de reforço e punição (treino animal) como ganhos pessoais, que são obtidos pelo ajustamento a um superego social sintético.

Anula as funções mais sofisticadas do cérebro, as funções neo-corticais. Com isso, anulou o núcleo das suas funções neo-corticais, aquelas que fazem de si uma pessoa integral; consciência, self. As restantes funções neo-corticais, dependentes das anteriores, como a criatividade, a empatia e os domínios superiores da inteligência abstracta, seguem-se. O neo-córtex é a zona mais elevada e mais integrativa do cérebro humano. É a zona que faz do Homem *genuinamente* Homem.

Bom funcionamento neo-cortical depende de critérios de verdade moral e factual. O princípio central que guia um bom funcionamento neo-cortical é o conceito de *verdade* – moral e factual. Existe comportamento verdadeiro (honesto) e o mundo está organizado em factos cuja verdade pode e deve ser determinada (e, para isso, é preciso ser um estudante *honesto* da realidade). Ou seja, existe um princípio de realidade sólido que guia a organização da vida mental – moral e intelectual. Consciência e empatia requerem verdade moral. Raciocínio abstracto e criatividade exigem critérios de verdade factual.

Interacção, integratividade e ascensão de um self pleno e coeso. Mas não existe qualquer separação estanque. A obtenção de verdade factual depende de verdade moral (honestidade) e o contrário também se aplica (é preciso conhecer a realidade dos factos para fazer juízos morais justos). Da mesma forma, as funções da consciência e da empatia estão interligadas com raciocínio abstracto e criatividade, e vice-versa. Um self integrado e realmente *humano* é aquilo que acompanha toda esta dinâmica de integração neo-cortical e ascende com ela.

Anulação de neo-córtex produz mundo mentalmente seco e monótono. Um mundo que abdica das funções neo-corticais é um mundo vácuo, não-criativo, desinspirado, calculista, seco, não-inteligente – bestializado.

Nota adicional: O ataque psiquiátrico ao neo-córtex – lobotomia, drogas. É interessante que a lobotomia, enquanto procedimento standard, ataque *precisamente* estas zonas do cérebro. Walter Freeman, um dos grandes gurus da psicocirurgia/lobotomia, estudante de Egas Moniz, observava que, após uma lobotomia, «*What the investigator misses the most in the more highly intelligent individuals is the ability to introspect, to speculate, to philosophize, especially in regard to the self… Creativeness seems to be the highest form of human endeavor. It requires imagination, concentration, visualization, self-criticism, and persistence in the face of frustration… Theoretically, on the basis of psychologic and personality studies, creativeness should be abolished by lobotomy… On the whole, psychosurgery reduces creativity, sometimes to the vanishing point*» [The American Handbook of Psychiatry (1959)]. Outro psiquiatria/talhante observava que «*The frequent effect of such over, operation was irreversible change in mood, emotion, temperament, and all higher mental functions… Some patients showed frank clinical deterioration that persisted after operation*» [J. M. C. Holden (1970), The American Journal of Psychiatry]. Os mesmos efeitos são obtidos por meio da ingestão de drogas psicotrópicas, que provocam uma forma de lobotomia química, mais ou menos provisória. É claro que tudo isto vem de uma classe que advoga a redução do Homem a um mínimo denominador comum, que o torne previsível e gerível.

Os frutos do puritanismo (3) – Notas adicionais sobre dinâmicas.

Conflito, jogos de dominação, formas de apartheid, dinâmica sado-masoquista. Uma parte relevante em tudo isto é a generalização do conflito; nalguns casos pode ser silencioso, mas não deixa de ser conflito. Quando as pessoas se perspectivam umas às outras em papéis adversariais, é inevitável que sejam induzidas a competições fúteis e destrutivas por poder, dominação. No domínio sexual, isto expressa-se na forma da "guerra dos sexos". Depois existem todos os restantes domínios, incluíndo relações entre classes sociais, etnias e por aí fora. É daqui que surge a mentalidade *apartheid*, pela qual um qualquer grupo social é, por um outro motivo arbitrário, superior a todos os restantes, devendo exercer poder ilimitado sobre todos os outros. Isto pode ser um grupo étnico, racial, intelectual, religioso, político, económico, sexual, cultural. A competição por poder e dominação funciona para os dois lados. Um grupo pode assumir-se como dominador e, outro, tornar-se o dominado. Mas as relações são dinâmicas e não-cristalizáveis no tempo e no espaço. A inter-relação entre dominador e dominado, mestre e escravo, depressa passa a incluir uma partilha tácita de poderes, por concessão. O dominador exerce poder activo sobre o dominado, mas ao dominado é

tolerado que exerça poder passivo sobre o dominador. Uma relação de interdependência, amor-ódio, i.e. sado-masoquismo.

Aceitação de duplicidade, mentira: face pública lavada, face privada suja. O processo de formalização de papéis sexuais/sociais é atravessado por ambiguidade. Existe o typos bom (príncipe, princesa) e o typos rebelde (vilão, prostituta). A mentalidade puritana procura o typos bom, no domínio público, mas também quer o typos rebelde, no domínio privado. O homem quer que a princesa também saiba ser prostituta, e a mulher quer que o príncipe tenha uma dose qb de vilão. Tudo isto faz parte da duplicidade dominante na sociedade puritânica. Da pessoa média, é esperado que tenha uma face pública socialmente impecável, mas concessionado que tenha uma face privada "malandra" e, também, essencialmente desonesta. A desonestidade torna-se aceite como uma matéria de facto, algo que é normal e aceitável desde que seja apresentada com uma cara lavada. É irrelevante que todos saibam que algo é mentira; o que interessa é que seja uma mentira com uma cara agradável.

Inversão de termos, durante desmantelamento da sociedade puritânica. Quando a sociedade puritânica é desmantelada, é normativo que esse desmantelamento seja acompanhado pela evisceração da "boa" face pública (príncipe, princesa) e pela glorificação da "má" face, aquela que até aí era preferencialmente privada (vilão, prostituta). Existe uma inversão de termos. Da pessoa média espera-se que seja publicamente rebelde (vilão, prostituta) mas concessiona-se que faça um bom teatro de príncipe, ou princesa, quando isso é pragmaticamente útil. O cinismo e a falta de carácter são tacitamente aceites, na fase puritânica, mas glorificados, na fase degenerada. Porém, também é concessionado que o criminoso público tenha um coração de ouro.

O coração de ouro do criminoso rousseauviano. Esta é a essência do jogo de expectativas rousseauviano/marxista/comunista, a expectativa silenciosa e absurda pela libertação do coração de ouro do criminoso sobre o mundo. O coração de ouro ilumina o mundo, confiscação após confiscação, execução após execução e, de alguma forma, traz o paraíso terrestre.

A inversão da sociedade puritânica é o negativo da mesma. A sociedade degenerada (ou puritânica B) é apenas uma inversão da sociedade puritânica (ou degenerada A), feita do mesmo exacto material. É o mero negativo da fotografia. Ambas assentam no mesmo exacto complexo de representações distorcidas da natureza humana. E, ambas assentam nos mesmos complexos personalísticos e emocionais. Existem simplesmente jogos de inversão dos typen ficcionais, príncipe/vilão, princesa/prostituta. Ambas as fases (puritânica e "anti-puritânica") são interdependentes e, com efeito, intercalam-se entre si como pêndulos, feitos da mesma substância. Czarismo leva a deboche bolchevique, que leva a puritanismo Stalinista, que leva a deboche Yeltsiniano, que leva a puritanismo Putiniano, que levará a deboche de partição territorial ao longo de zonas petrolíferas e assim sucessivamente. Puritanismo leva a deboche, deboche destrói tudo, leva a reacção puritânica, que reprime tudo, originando reacção debochada e assim sucessivamente. Um grande bailado de ambientes patológicos intercalantes, fomentado por alienação mútua, expectativas ficcionais, teatro social.

Solução: relações genuínas, alicerçadas em bons valores, entre **indivíduos**. Conhecer e apreciar as pessoas como indivíduos e não como membros de classes corporativas imaginárias. Fomentar bons

valores, genuínos, coerência a toda a linha. Estimular comunicação natural e genuína entre pessoas *reais*. É isso que funciona.

Lutas institucionais entre Igreja e forças seculares são elementos liberalizadores.

A Igreja de Roma é um império aparte no mundo medieval. A Igreja tem o seu próprio papel de destaque no sistema feudal. Todos os soberanos legítimos têm de ser aprovados pelo Papa, e a Igreja é, em si, uma autoridade aparte, um Império aparte, com o poder de estabelecer e ordenar os seus próprios domínios feudais (bispados, paróquias, mosteiros, e por aí fora).

Isto é uma fonte de competição permanente. Este carácter independente da Igreja de Roma no panorama europeu é algo que veio a ser uma origem de conflitualidade permanente durante toda a era medieval – com as típicas lutas entre Papa e Imperador, entre fraternidades militares e bispos, e assim sucessivamente.

Cisão é determinante para liberalismo político ocidental. Este estado de conflito permanente é algo que, na visão de longo termo da História, veio a desempenhar um papel muito positivo. A separação entre Igreja e Estado surge daqui. Essa cisão, e os conflitos que acarreta, é algo que estimula a vida intelectual na Europa ocidental e impede a imposição de uma visão monolítica do mundo e da sociedade. Com efeito, é esta cisão original entre poderes que lança as bases para posteriores movimentos de libertação intelectual no ocidente; mesmo que, com muita frequência, esses movimentos surgissem em oposição à Igreja Romana. Águas agitadas são sempre preferíveis a qualquer forma de estagnação.

Comparação com o monolitismo Bizantino/Ortodoxo. A melhor forma de colocar tudo isto em perspectiva está numa comparação directa com o modelo Bizantino/Ortodoxo, no qual o poder secular veio a dominar por inteiro o poder religioso. Isso dá origem a um império monolítico, estático, congelado no tempo, algo que vive culturalmente de gnosticismo pseudo-cristianizado, dos clássicos gregos, e da infusão de cultura medieval Islâmica. De resto, todos os impérios Ortodoxos na história são moldados com base no Bizantino, e sofrem do mesmo problema.

Descentralização, diversidade, competição. Temos aqui uma aplicação directa do princípio de que descentralização de poder, diversidade de posições e competição entre essas posições são elementos essenciais para a ascensão de alguma forma de liberdade humana.

Lições para futuro, **Liberalismo político**.

Lição para o futuro: Liberdade política ascende de *divergência*, não de convergência. Por outras palavras, um ambiente de divergência é *per se*, positivo. Mesmo que as posições divergentes sejam igualmente pobres e intelectualmente depauperadas, a existência de águas agitadas permite, só por si, a ascensão de mais e melhores posições e pontos de vista – i.e. *diversidade* real. Pelo contrário, ambientes estagnados e consensuais são ambientes onde a mediocridade geral é rotulada como norma monolítica para todo o sempre. É claro que uma civilização deste género não tem futuro, e nem sequer é uma civilização, mas sim um domínio oligárquico mantido por força da imposição de consensos artificiais.

Lição para o futuro: Democracia liberal, e não democracia integrativa. Implicações para a conceptualização de *democracia*, o valor político dos nossos tempos. As únicas formas válidas e desejáveis de democracia são aquelas que preservam um ambiente de disputa, divergência e diversidade. Ou seja, nas quais é possível haver um livre debate de ideias e uma livre escolha de posições. Isto é o que se obtém com *democracia liberal*, assente na tradição Constitucional do Renascimento. Formas de democracia que promovam consensualidade – *democracia integrativa, consensual* – são iliberais e, em consequência geram monolitismo, autoritarismo, estagnação, abusos de poder.

Perseguições Católicas a Judeus.

Catolicismo paganizado torna-se uma força de anti-semitismo.

Perseguições organizadas por várias forças eclesiásticas.

[A Igreja não é uma entidade monolítica.] O anti-semitismo é um dos pontos mais definidores da história da Igreja Católica medieval. É certo que a Europa sempre tinha sido anti-semítica e a diáspora Judaica na Europa sempre teve a vida complicada. Mas, a partir de certo ponto, essa condição foi encorajada pela própria Igreja. Aqui, é necessário fazer um proviso importante. Quando se fala da Igreja, raramente se está a falar de uma instituição una e monolítica. A Igreja é e sempre foi uma instituição multifacetada, composta de múltiplos ramos, organizações, grupos internos. Muitos dos actos mais virulentos cometidos durante a Idade Média (sobre Judeus e outros grupos) eram notoriamente condenados ao nível do Vaticano, mas executados por ordens, bispados e outros grupos específicos. Muitas vezes eram actos feitos em coordenação com as autoridades seculares. O caso das Inquisições ibéricas é um dos mais notáveis a este respeito. Aí, grupos de monges fanatizados (dominicanos e outros) trabalhavam com os sicários da corte para conduzir purgas étnicas e roubos de propriedade.

É essencial nunca esquecer e aprender com os erros do passado. Ainda assim, aos olhos de Deus, estamos sempre a falar da Igreja, na medida em que estamos a falar de uma congregação que visa afirmar-se como Cristã. É preciso perdoar mas nunca esquecer, uma vez que é essencial aprender com as lições do passado.

Igreja medieval, largamente paganizada, virava-se contra o Israel original. Portanto, o que acontece é que aqueles que foram enxertados nos troncos de Israel viravam-se agora contra aqueles a quem deveriam tentar chegar. Isto acontece porque a Igreja medieval era uma instituição largamente paganizada. Tinha absorvido os mais variados elementos dos paganismos europeus e, sob os mais variados aspectos, estava mais preocupada com gestão de populações do que com a salvação do indivíduo. Tinha cometido idolatria, adorando no altar do poder terreno e do respeito dos homens e prostituindo-se em nome desse poder e desse respeito. Um crime grave abre a porta a muitos outros e é precisamente isso que veio a acontecer.

Catolicismo medieval comete o crime de Caim, contra os primeiros eleitos.

É também o crime de Edom, o outro mau irmão. Mesmo que paganizada, a Igreja continuava a ser uma instituição Cristã. Isto signitica que tinha o dever de colocar as questões de hierarquia divina acima das questões de hierarquia humana. A atenção que era dada ao segundo tipo de questões não se aplicava, obviamente, ao primeiro tipo de questões. Deus ama os filhos de Jacob, os filhos de Israel, e favorece-os com o benefício da sua atenção constante. É o único povo que tem inscrito no próprio sangue a qualidade sacerdotal. Como Deus diz, os filhos de Israel serão o povo dos meus ministros; um povo de sacerdotes. Isso é uma parte vital e muito importante, muito responsabilizante para os Hebreus, da Aliança que é feita no Horeb. A Aliança nunca é quebrada; apenas actualizada e complementada, com a Nova Aliança, universal, feita através de Jesus, pela qual os gentios que adoptem a Via são enxertados em Israel. É óbvio que é um crime contra Deus quando aqueles que alegam ser parte integrante de Israel se viram contra os primeiros eleitos. Primeiro, porque é uma atitude que manifesta maldade, mesquinhez e violência; e isto são crimes aos olhos de Deus. Segundo, porque é algo como um irmão agredir o próprio irmão; pura e simplesmente não se faz. Com efeito, estamos no domínio onde Caim assassina Abel, pelo despeito de sentir que Abel é mais agradável a Deus que ele mesmo. Tudo o que ganha com isso é ser amaldiçoado para todo o sempre. Ao mesmo tempo, o Catolicismo medieval, que deveria assumir o papel de Jacob, assume o papel de Edom, o mau irmão que persegue Jacob. É claro que estas imagens são transversais e aplicam-se às várias situações de "má irmandade", não são rótulos definitivos para apenas este ou aquele caso, mas isso não desculpabiliza o facto de as instituições católicas se terem colocado nessas posições.

Perseguições Católicas a Judeus – Sistemas de racionalização.

Vários sistemas de racionalização. Seja como for, as perseguições foram conduzidas, e foram-no pelos mais variados motivos. Foram justificadas por meio dos mais variados e especiosos sistemas de racionalização.

"Os Judeus mataram Jesus" (observação absurda). O mais elementar de todos é o de que "foram os Judeus que mataram Jesus". Este argumento é infantil, na melhor das hipóteses. Todos os primeiros Cristãos eram Judeus, milhares deles, e isto inclui todos os Apóstolos e a Sua própria mãe, Maria. Jesus nasce como filho de uma mulher judia, tem sangue judeu. Jesus nasce como um judeu para se dirigir a Israel, e os Evangelhos são muito claros em relação a isso. É muito provável que seja um homem de altura mediana, moreno, com feições semíticas [e não um ariano alourado de olhos azuis]. E é claro que a larga generalidade da população Judaica não teve qualquer parte na morte de Jesus. Quem matou Jesus foram as autoridades eclesiásticas, em parceria com as autoridades terrenas. É possível culpabilizar em menor grau as multidões de simplórios que exigiram a libertação de Barrabás e que não fizeram nada enquanto Jesus percorria a Via Dolorosa. Mas estamos a falar de umas poucas centenas, no máximo uns poucos milhares de pessoas.

Teologização de preconceitos e superstições populares. E é claro que depois existem todos os géneros de mitologias supersticiosas *völkish*, pelas quais os Judeus são aliados do diabo, ou guardam dinheiro de sangue debaixo da almofada, ou praticam magia ritual; e por aí fora. Uma das superstições típicas na era medieval era a de que os Judeus tinham vidas mais longas e mais saudáveis que a média porque tinham pactos com o demónio. Na verdade, isso acontecia porque

seguiam os (excelentes) preceitos de higiene e de nutrição que Deus prescreve na Torah. Ao contrário do que obviamente acontecia com os europeus médios.

Ânsia arbitrária de "assimilar" os judeus, moldá-los a visões teológicas normativas. Outra forma típica de racionalização é a de que os Judeus têm tendência a manter ideias extrâneas às interpretações normativas e, logo, têm de ser "corrigidos". Uma vez mais, entramos no campo da arbitrariedade gnóstica que define Caim. Entramos também no campo daquilo que os fariseus fazem a Jesus. Seja como for, uma igreja Cristã deveria sempre ouvir as posições e os pontos de vista dos Judeus com a maior das atenções e, julgar de acordo com a justiça (algo de difícil, sem dúvida, sob o grau de deturpação moral e doutrinária que se encontram em muitos destes meios). Uma vez mais, estamos a falar do povo que tem no sangue a própria qualidade sacerdotal.

Distorções de Paulo. Depois, existem várias racionalizações relacionadas com as Cartas de Paulo. Neste domínio, temos a adopção de slogans fáceis depreendidos a partir de passagens mal entendidas, como sejam, "os Judeus só entrarão no Reino depois de todos os gentios entrarem", ou "os Judeus foram abandonados por Deus porque rejeitaram o Messias".

Paulo nunca encorajou coerção ou violência. O primeiro ponto que aqui importa mencionar é que, mesmo que Paulo estivesse a incentivar alguma forma de ressentimento anti-semítico (e não estava), Paulo seria o último a encorajar qualquer forma de coerção ou violência. Paulo era um verdadeiro Cristão. Como tal, não se desviava da Via, e a Via não tolera coerção ou violência, uma vez que estas coisas são crimes aos olhos de Deus. O máximo que Paulo encoraja às igrejas e o cumprimento da Lei da Separação, aplicada nas suas Cartas à dissociação entre bons e maus seguidores. O mau seguidor, aquele que comete crimes, deve ser renegado, expulso da congregação pelos bons seguidores, entregue ao destino que escolheu, a Satanás, *ao mundo em geral* [a congregação é o espaço que está no mundo sem fazer parte dele, é a ilha de sanidade no seio do mundo pervertido] e todos os laços são dados como cortados. Porém, se o mau seguidor quiser de um modo sincero arrepender-se dos seus crimes, e vier em frente com obras sinceras de arrependimento, deve ser acolhido de volta na congregação. O filho que estava perdido volta a casa e o pai celebra, como é dito por Jesus.

Paulo era um Judeu, como a generalidade dos primeiros Cristãos. Depois, é óbvio que Paulo era um Judeu. Todos os Apóstolos eram Judeus. Os muitos milhares de primeiros Cristãos eram Judeus. É apenas a seguir que se juntam alguns gregos e alguns romanos.

Limita-se a profetizar que gnosticismo judaico estará presente até ao fim. Paulo estava meramente a constatar o facto de que o tipo de facção legalista-farisaica que tinha crucificado Jesus continuaria a existir até ao fim e a rejeitá-Lo até ao fim. Haveria sempre continuadores e perpetradores dessa facção até que o fim viesse (literalmente), e estes estariam condenados pela sua traição a ter olhos para não ver, ouvidos para não ouvir (entre muitos outros grupos). Porém, nos últimos momentos, obteriam redenção. Na prática, essa é a facção gnóstica do mundo Judaico. É a facção que, por ser Gnóstica, reclama para si mesma o direito de decidir as regras de bem e de mal, de acordo com as suas próprias inclinações. Quando aqueles que se alegam ser Cristãos agem de forma gnóstica, de forma a racionalizar maus ímpetos e arbitrariedade colectiva, estão não apenas a condenar-se a si mesmos; estão também a escavar um fosso entre Judeus e Gentios. Esse fosso, por sua vez, aumenta o poder de influência da facção farisaica do Judaísmo. Muito poucos Judeus querem ser Cristãos,

quando vêem a Cristandade a comportar-se como um ninho de cobras. Mais rapidamente vão procurar refúgio junto das *nomenklaturas* farisaicas que dominam as comunidades Judaicas (e, que também são cobras). E essa é apenas mais uma das consequências graves de todo este historial persecutório. Aumenta o nível geral de imbecilidade, e é claro que isto não é nada bom.

Gnostykos e a desconfirmação da Lei (1).

Igreja Católica come a maçã e pratica gnostykos (torna Deus irrelevante) . E isso leva-nos ao último ponto nestas considerações. A Igreja Cristã medieval estava largamente paganizada. Uma parte dessa paganização era a adopção de uma nova atitude moral, um gnosticismo não-assumido, pela qual a Lei tinha sido substituída por novas leis de criação humana. Gnosticismo é a prática de *gnostykos*, a reinvenção das leis de bem e de mal estabelecidas por Deus. É aquilo que a serpente ensina o homem e a mulher a fazer no Éden. Sob gnostykos, a Lei pode ser desconfirmada – Deus pode ser desconfirmado, tornado irrelevante – e é o indivíduo e o grupo que determinam aquilo que é bom, certo, verdadeiro, e aquilo que é mau, errado, falso. Isto depois vai, claro, ser moldado aos caprichos do indivíduo e do grupo. Isto costume ser feito sob moldes utilitários: o que é útil e expediente, é bom, certo, e verdadeiro, e o que não é expediente, ou bloqueia ganhos percebidos, é o oposto disso. É esta postura que leva ao tipo de distorções e dissoluções que vão depois caracterizar a vida da Igreja.

O quid pro quo dos dois mandamentos de Jesus, que são a afirmação, a reiteração da Lei.

A contradição **aparente** de Jesus.

1) "Eu não vim renegar a Lei e os Profetas, vim para os concretizar".

2) "A Lei e os subsistem até João e depois é anunciado o Reino dos Céus".

Escrituras têm de ser analisadas como um todo axiomático, porque o são. A desconfirmação auto-justificada do Antigo Testamento. Jesus diz que, Eu não vim para renegar a Lei e os Profetas, mas sim para os *concretizar*. Acrescenta que a Lei e os Profetas subsistem até João e, a partir daí, é anunciado o Reino dos Céus, e cada qual se esforça por entrar. O leitor gnóstico típico poderá sentir-se confundido e apontar que aqui existe uma contradição. Primeiro, Jesus diz que concretiza a Lei e os Profetas, mas depois diz que eles só subsistem até ao Baptista; logo uma das proposições está errada; a que está errada deve ser a primeira, uma vez que a segunda soa melhor. Essa parece dizer-me que eu posso renegar a Lei e os Profetas (todos esses livros lá para trás); tudo o que interessa é arrependimento (João Baptista) e os dois Mandamentos essenciais [*que são citações que Jesus faz, a partir dos livros de Moisés; Jesus está a reiterar a validade da Lei. Está a resumi-la aos axiomas essenciais: 1) amarás a Deus com todas as tuas forças, toda a tua alma e todo o teu coração, ser-lhe-ás fiel independentemente de tudo o que possa acontecer; e 2) amarás o teu próximo como a ti mesmo. É* ***isto*** *que é a Lei*]. Com efeito, um gnóstico pensa segundo um esquema interpretativo aristotélico, particularista, pelo qual os elementos de um corpo de ideias são interpretados como particulares despegados entre si; e não como elementos de um todo integrado e

axiomático. Porém, a linguagem de Deus consiste precisamente em princípios gerais e por axiomas. As Escrituras são um *todo integrado axiomático*, não uma colecção de particulares desligados entre si.

Jesus **concretiza** a Lei e os Profetas / é o único filho realmente fiel.

Seguir Jesus implica **cumprir** a Lei e os Profetas.

O problema de tensão neurótica (conflito quero vs "não farás").

Resolução de tensão: um coração renovado, em Jesus / Espírito de Deus.

Arrependimento sincero no Baptista / depois, viver por Jesus, receber o Espírito de Deus.

A carne é fraca e não sabe o que faz / o espírito é forte e só faz o que é certo.

E.g. a carne é cobarde e não se quer arriscar pelo que é justo / o Espírito vai em frente. Quando Jesus diz que *concretiza* a Lei e os Profetas está a dizer a verdade. Jesus é o único filho inteiramente fiel, o único que nunca se desviou uma única vez da Lei de Deus. Portanto, é a própria incorporação da Lei e dos Profetas. Quem o pretende seguir, tem de estar à altura desses *standards*. Tem de procurar *concretizar* a Lei e os Profetas. Jesus é quem lhe dá a capacidade para isso. Como Ele aponta, é difícil seguir a Lei; o coração humano é demasiado rebelde. Desvia-se para a direita e para a esquerda, segundo as suas próprias inclinações. Quando existe "não farás", essa condição de negação estabelece uma tensão entre a negação que é estebelecida e os desejos do coração para fazer o que é negado (aquele "não farás" é algo que eu gostava de fazer). A negação estabelece uma condição de alienação entre desejos sentidos e o critério de conduta vigente, a Palavra de Deus. "Porque é que eu não posso mentir? Facilitava-me a vida mentir". "Porque é que eu não havia de cometer adultério com a esposa do vizinho? Eu gosto dela, ela gosta de mim, está tudo bem, somos adultos conscientes". A pessoa pode cumprir o mandamento da Lei, mas está em tensão; aquilo a que mais tarde se veio a chamar *tensão neurótica*. Este estado de tensão dificulta o cumprimento da Lei, torna-a num *fardo*; e é Jeremias que aponta ao seus conterrâneos, deixem de tratar os Mandamentos como se fosse um fardo imposto por Deus, o "peso do Senhor". Deus aponta frequentemente através dos profetas que, este povo sabe o que é justo, mas não tem a capacidade de o colocar em prática; nem é que não queira, simplesmente não consegue, apesar de isso não o isentar de responsabilidades. Por outras palavras, a carne é fraca. Portanto, o caminho recto é apertado e estreito e são muito poucos aqueles que o encontram. Para isso, precisam de um coração novo, em Jesus. Como Deus diz, Eu dar-lhes-ei um coração novo e eles serão o Meu povo e eu serei o seu Deus; seguirão os Meus caminhos sem reservas porque terão esses caminhos inscritos no seu coração. E isto, claro, é reiterado pelo filho de Deus, que será o Bom Pastor das suas ovelhas, e essas ovelhas terão corações n'Ele. O caminho para isso é bastante claro. O indivíduo que está em tensão sob os "não farás" da Lei e dos Profetas chega a João, arrepende-se de todo o coração por males cometidos no passado. Depois, humilha-se perante Deus e coloca o seu destino perante Deus e Deus apenas. O que foi ficou para trás, é passado, agora a vida começa de novo em Jesus, a seguir o exemplo d'Ele, a fazer aquilo que é justo e verdadeiro. Ir até ao fim, independentemente do que aconteça, e deixar as consequências com Deus. Essa é a porta de entrada para o Reino, n'Ele. O arrependimento profundo no Baptista e a construção da sua casa pessoal, a sua vida, sobre o

Rochedo que é Jesus, são o que dão ao indivíduo o coração novo, pelo qual já não haverá reservas, ou questões, ou a submissão à carne (i.e. a carne é fraca e pode querer fazer aquilo que é errado, mas o espírito é forte e sabe fazer aquilo que é certo). O indivíduo aceita o espírito, o Espírito de Deus, e é, dessa forma, renovado. E passa a ser guiado pelo espírito. Isto não implica que não possa haver tensão; há. Caso contrário, o indivíduo teria sido despersonalizado, e não é isso que é pretendido. E, como Pedro diz, é pela consciência que o indivíduo é justificado, pela força e pela resolução da consciência, guiada pelo Espírito, perante as prisões da carne. E.g. a carne é fraca o que significa que é cobarde e não quer esticar o pescoço pela humanidade, para falar por aqueles que são fracos e para chamar os tiranos à responsabilidade. O espírito, porém, está-se a marimbar para as consequências na carne e simplesmente... faz. Estas coisas raramente são sobre sexo ou gula ou outro tipo de fetiches gnósticos. Deus fala para pessoas adultas ocupadas com questões reais; não para criancinhas imaturas obcecadas com genitais. Mas esse é o standard a que as próprias igrejas colocaram a questão.

Tensões e amarras subsistem até João.

Libertação: Jesus desfaz todos os nós e todas as amarras, pelo Espírito. Já não existe o estado neurótico irresolúvel; há libertação. Jesus desfaz todos os nós e todas as amarras da carne, pelo Espírito. A tensão, as amarras, os laços, que estão presentes na Lei e nos Profetas, subsistem até João. A partir daí é anunciado o Reino dos Céus, o domínio do Espírito, e cada qual esforça-se por entrar, seguindo Jesus, com um coração novo n'Ele, concretizando a Lei e os Profetas, sob a orientação do Espírito. Ou seja, aqui está toda a continuidade integral da Palavra de Deus, resumida de modo impecável por Jesus. Para quem tenha olhos para ver, ouvidos para ouvir.

Gnostykos e a desconfirmação da Lei (2) – "Graça e obras".

Explicação exemplar de Paulo é distorcida, obscurecida, gnosticizada [graça e obras].

Fazer as obras do Espírito, no Espírito (graça) / O Espírito cumpre a Lei – é Deus.

Deus não se contraria a si mesmo, e Deus é a fonte de toda a justiça, verdade, amor e beleza.

Deus não muda / o homem é que tem de mudar para se ajustar a Ele. Paulo explica toda esta questão de modo exemplar. Infelizmente, costuma ser mal entendido, porque a generalidade dos leitores interpretam-no segundo as lentes gnósticas, aristotélicas, pelas quais foram ensinados a (não) pensar e a (não) ver o mundo. Portanto, fixam-se em slogans de pormenor, como questões terminológicas sobre a "graça" e as "obras". A Lei não é necessária, dizem, porque Paulo diz que eu não sou salvo pelas obras. Não, Paulo não diz nada disso. Paulo diz que aquele que está no Espírito passou acima dos conflitos, da tensão da Lei. Agora, faz as obras do Espírito. E o Espírito cumpre a Lei. O Espírito não renega a Lei, nem está interessado em desviar-se dela. É o Espírito que a decreta, universal e eternamente. O Espírito é Deus e Deus não se contraria a Si mesmo. Deus não se revê, não faz makeovers, não muda para se ajustar a tempos e lugares, e muito menos a caprichos humanos. Deus é Deus. Sempre existiu, sempre existirá e é sempre o mesmo – é Deus. É a fonte de toda a justiça, de toda a verdade e de toda a beleza. Quem não está bem com isso, mude. Quem não quer ter um bom carácter, quem quer licença para desonestidade, mentira e crime, quem quer

espalhar fealdade no mundo em redor, mude. Ele não vai mudar. Agora, o que Paulo observa é, eu sou justificado pela graça, pela presença do espírito. Eu não sou justificado pelo mero exercício de obras, se esse exercício for despegado de graça. Por outras palavras, fazer coisas que *interpreto* como sendo boas não é suficiente para me salvar. Aquilo que me salva é a graça, e é com isso que me devo preocupar, em agir no Espírito. E é claro que, se eu agir no Espírito, cumpro a Lei de Deus. Ajo no amor à verdade, que me pode salvar. Se eu não agir no Espírito estou a desperdiçar o tempo que me é dado e estou certamente a desperdiçar o tempo dos outros. A tentativa de gnosticizar Paulo, distorcendo as suas palavras e significados para descredibilizar o Antigo Testamento é uma atitude bastante feia e desonesta, mas é também um crime que obscurece a Palavra de Deus.

Gnostykos e a desconfirmação da Lei (3) – Usar Paulo para encontrar nova Lei.

<u>Usar Paulo para reescrever a Lei é ofensivamente errado</u>.

<u>E.g. pobreza / E.g. mulheres a veicular nonsense subconsciente</u>.

<u>E.g. perseguições católicas a Judeus</u>. Paulo é depois atado num outro drama teológico. Após desconfirmar a Lei e o Antigo Testamento, o cristão que é tornado gnóstico não tem grandes guidelines de acção moral. Os dois Mandamentos enunciados por Jesus, per se, são bastante gerais. O cristão gnosticizado tem tendência a ir extrair as suas guidelines de acção moral a interpretações retiradas das Cartas de Paulo. Paulo estava a escrever cartas às várias congregações da época. Nessas cartas, não estava (obviamente) a declarar regras universais que perdurariam daí em diante. Por ex. numa das cartas, Paulo descreve o modo como um Cristão deve contentar-se com ter pouco, no mundo. Depois, isto é usado para dizer que Paulo advoga... pobreza! É evidente que *não*. Paulo está apenas a dizer aos leitores que se tornem o mais independentes que possível das necessidades mundanas, que sejam todo-o-terreno. Ele próprio, noutra situação, diz algo para o seguinte efeito, eu estou bem se num dia estiver a viver numa mansão, com tudo ao meu dispor, e não há nada de mal nisso; mas estou igualmente bem se no dia a seguir já estiver a viajar apenas com o que levo em cima da pele. O que interessa, diz Paulo, é estar a fazer aquilo que é suposto; o trabalho do espírito, em prol da humanidade. Tudo o resto é acessório. Isto é, independência. Como todos os Cristão têm o dever intrínseco de serem, tecnicamente, sacerdotes de Deus ou, no mínimo, muito perto disso (o sacerdote *real* não é um padre, mas sim aquele que faz o que é correcto no mundo, e isso inclui ensinar os outros), todos devem ser o mais independentes que possível. Outro exemplo. Numa das cartas diz que as mulheres da congregação se deveriam manter silenciosas. Aqui, Paulo não está a declarar alguma forma de misoginia. O que acontece é que, nessa altura, as pessoas estavam rotinadas aos rituais pagãos da Grécia antiga, e aí era uma espécie de norma social que, na celebração sagrada, as mulheres se auto-induzissem a êxtases astárticos, começassem a gritar estridentemente, a "veicular espíritos" (nonsense subconsciente que lhes viesse à cabeça), e tudo o resto. Paulo está a dizer "vão com calma, isso é parvo, isso não é produtivo – parem com isso". Paulo está a dizer que uma celebração é uma celebração, e não um freak show. Paulo não está a dizer que as mulheres devam ser brutalizadas, caladas, etc. Isso são as interpretações inventadas depois para racionalizar brutalidade misógina de estilo latino/germânico. Para mais distorções deste género, ver pontos sobre as perseguições católicas a judeus.

Consenso (1): Going along to get along / ser maria-vai-com-as-outras / dissolução / conformismo.

Consenso = "agora acreditamos no mesmo – é 'entendimento'".

Molde relacional típico sob autoritarismo. Consenso* é a "arte" pela qual duas ou mais pessoas aprendem a fazer going along to get along – conformismo social. É o molde relacional para o qual as pessoas são tipicamente "educadas" sob sistemas autoritários, visto que visa congelar as relações humanas numa mentalidade de conformismo e going along to get along. É o molde relacional que está a ser intensamente promovido nos dias de hoje. Cada criança que vai à escola é formatada para pensar, agir e se relacionar desta forma.

* [*na verdade, isto deve ser chamado de consenso dialéctico ou integrativo, uma distorção de real consenso; ver notas **Consenso e Dialéctica***].

Tese (**A**) e antítese (**B**) "resolvidos" por síntese (compromisso) (**C**). A ideia, sob consenso, é a conciliação numa posição comum partilhada, num patamar de entendimento comum, onde *acreditamos no mesmo*. Isto acontece por meio de dialéctica relacional. Se eu tenho a posição **A** (tese), e tu tens a posição **B** (antítese), o que temos de fazer, sob consenso, é ser *flexíveis, adaptáveis, ajustáveis*, e seguir para *abdicar* das nossas posições **A** e **B** e assentar num *meio-termo*, num compromisso **C** (síntese).

E.g. **A** (roubar é errado) + **B** (roubar não é errado per se) = **C** (roubar é bom se for em contexto X).

A dissolve posição (going along to get along), i.e. torna-se **dissoluta**. Aqui, **A** e **B** podem ser muitas coisas diferentes. Podem ser princípios de acção moral. Podem ser princípios intelectuais. Podem ser modos de comportar-se, modos de falar, modos de sentir. Sob a dialéctica, é esperado que as pessoas *abdiquem* daquilo em que acreditam, daquilo que as define, em nome de *conciliação* num mínimo denominador comum relacional – **C**. Aqui, é preciso compreender que **C** é definido apenas e somente por ser o literal *meio-termo* entre **A** e **B**, uma espécie de área híbrida, definida por uma mistura de elementos de **A** e de elementos de **B**. Se tu dizes que roubar é errado e eu digo que roubar não é um acto intrinsecamente errado, então encontramos **C** em algo como roubar é adequado se for nesta ou naquela situação. Agora temos *consenso* – agora acreditamos no mesmo. *Dissolvemos* posição em nome de entendimento numa área cinzenta comum, num shallow state; tornamo-nos *dissolutos* (tu infinitamente mais que eu). Going along to get along.

E.g. **A** abdica de verdade factual, adopta **C** (**mentira** consciente) para se "dar bem" com **B**.

E.g. **A** não o faz, e **B** rotula-a de "orgulhosa", "intolerante", "extrema", "rígida". Se tu dizes que o governo Nazi pegou fogo ao Reichstag para poder estabelecer um estado policial a seguir, e eu argumento que não, o fogo foi apenas um acidente porque nenhum governo faria um ataque auto-infligido para justificar opressão; então é de bom tom que concedas que talvez tenha sido um acidente, que depois, por este ou aquele fenómeno, resulta nas leis que levam ao estado policial. O facto é que tinhas toda a razão, tinhas a verdade factual histórica do teu lado, mas *dissolveste*, *diluíste* a tua posição para me agradar. Se me disseres, uma vez mais com razão factual, que a

Grande Recessão global de 2008 em diante foi causada pela alta finança, e eu ficar indignado contigo e te disser que não, a banca é uma instituição respeitável e competente, e a crise é toda um grande acidente, precipitado por más decisões nas finanças, e por haver muitas pessoas a receber da Segurança Social; então é de bom tom que *não sejas extrema* e encontres um meio-termo comigo em dizer que sim, foi um mishap, foi um acidente com muitas culpas partilhadas, vamos trabalhar todos juntos para encontrar formas de cortar drasticamente welfare a toda aquela gente que foi tornada dependente disso para sobreviver. Se, porém, te fixares na tua posição, porque sabes que tens a verdade do teu lado (e tens), isso significa que estás a ser *orgulhosa*, *extrema*, *não dialogante*, talvez até *intolerante*. Será que és racista?

E.g. se **A** já fizer a vontade a **B**, já está tudo bem, há consenso, "acreditamos no mesmo". Porém, se *dissolveste* posição para te dares bem comigo na relação, isso significa que te tornaste *dissoluta*, e até mentirosa, porque sabes que estás a retorcer aquilo que sabes ser verdadeiro em nome de "entendimento" com um qualquer personagem. E agora sim temos consenso – i.e. acreditamos no mesmo.

Mentalidade dialéctica é nihilista / verdade independente é irrelevante / só "verdade social" conta.

Power ideology / quem define o consenso social são sempre os creeps at the top. A mentalidade dialéctica é nihilista, e não contempla a importância ou relevância de quaisquer critérios independentes de verdade e de validade. Toda a "verdade" é situacional e contextual, arbitrariamente definida no social, pela determinação de meios-termos. Por outras palavras, é irrelevante o que *é* verdadeiro, o que conta é aquilo que tu e eu podemos declarar como tal. Tu abdicas de verdade em nome de dissolução na minha falta de carácter moral (o ex. do roubar) e do meu irracionalismo (restantes exemplos) e encontramo-nos numa área cinzenta, estagnativa, de dissolução moral e intelectual. É consenso!, agora acreditamos no mesmo. É união!, é harmonia!, é entendimento [e tudo isto é power ideology, já que quem define o consenso social são sempre os creeps at the top].

Consenso dialéctico (ego, orgulho) vs. **Consenso legítimo** (honestidade, descentração).

"Entendimento" é um misnomer / ego e orgulho são o que está em causa.

"Diluir posição em nome de relação", onde relação significa **ego**, orgulho.

Mente desonesta vê conversa como "batalha de ego" / perder ou vencer / ter validação, feelgood.

Compromisso é **empate** (solução "justa").

Real feelgood só existe em relações humanas honestas e equitativas. Entendimento é sempre um termo enganador e mal atribuído, um misnomer. O que está em causa é ego, e orgulho. Duas pessoas que sejam intelectualmente honestas, descentradas e humildes vão tentar perceber, por meio de lógica e racionalidade, qual é a posição que está *factualmente* correcta, se **A** ou **B**, e até podem descobrir que é um **D**; não conseguindo chegar a uma concordância, podem concordar em discordar e continuar amigas – **isto**, em qualquer um dos cenários, é uma forma válida e legítima de consenso. *Mas não é consenso dialéctico, ou integrativo*. Essa forma de consenso só pode existir perante um funcionamento humano que seja arbitrário, injusto e intelectualmente desonesto. Quando as pessoas

assim são, vão tender a encarar os debates e as discussões como lutas, como batalhas de ego, onde se ganha ou se perde. Tudo o que interessa é *ganhar* ou, falhando isso *empatar*. *Aqui, empate é a situação mais "justa"* (e é isso que o consenso dialéctico institucionaliza), porque valida os "sentimentos" de ambas as partes – o seu orgulho egóico. Ambas se sentem "validadas". Existe "feelgood"; uma forma muito especiosa de macilência relacional. Real feelgood só existe em relações que funcionam numa base de honestidade e descentramento.

E.g. dissolução moral em questões de tortura, shock and awe, etc.

Encontramos meio-termo dissoluto de validação mútua.

Ambos acreditamos no mesmo, tornámo-nos cassetes um do outro. Por ex. tu dizes "torturar é invariavelmente mau", ao que eu respondo "torturar é positivo e justificado nos dias que correm". A conversa decorre e não chegamos a um acordo. Aqui, poderemos ser acusados de ser "pouco dialogantes", "rígidos", "inflexíveis", mas tu mais que eu, uma vez que estás a fazer uma afirmação moral absoluta ("torturar é invariavelmente mau"). A forma de resolver isto, por regras consensuais, é chegar a um meio-termo onde torturar é mau, mas pode justificar-se nesta e naquela ocasião. Depois podíamos avançar daí para actos como executar prisioneiros de guerra, roubar territórios e recursos, bombardear aldeões inocentes, e assim sucessivamente. Para todas estas situações, encontraríamos um meio-termo confortável que nos faria sentir validados e *cozy* no ambiente relacional; ambos acreditamos no mesmo, tornámo-nos cassetes um do outro.

Going along to get along / ser **maria-vai-com-as-outras** / isto torna-se compulsivo. É claro que tu terias diluído a tua posição (justa e moralmente verdadeira) com a minha degeneração moral ("pragmatismo moral"), e tê-lo-ias feito em nome de going along to get along. Serias uma maria-vai-com-as-outras, e tudo para me agradar, a mim que seria um pobre degenerado. Ao diluir, ao dissolver a tua posição para obter entendimento comigo (!), terias dado a tua aquiescência a actos criminosos e sociopáticos – ter-te-ias tornado uma pessoa *dissoluta*. É isto que é feito a todo o público, hoje com capacidade industrial, a crianças pequenas, adolescentes, adultos, idosos. Todos têm de demonstrar "flexibilidade moral", "pragmatismo moral", degeneração moral!, sob pena de serem considerados "antisociais", "desajustados", "inflexíveis". Como na China comunista e na URSS ou, sob rótulos diferentes, na Alemanha Nazi.

E.g. o jogo de ancas sobre **Maoísmo** e genocídio / dissolução psicopolítica.

Aqui, pessoa abdica de cabeça (honestidade intelectual, verdade histórica) em nome de relação.

Dissolução implica que a pessoa **aprende a mentir**.

Fá-lo para agradar a um poor manipulative sap. Continuando com a conversa hipotética. Após o triste compromisso sobre tortura, shock and awe e tudo o resto, é possível que eu te começasse a falar das glórias ambrosianas do Maoísmo. Tu ficarias atónita e observarias, com razão, que comunismo é um regime de crime organizado que, entre muitas outras coisas, matou 80M de pessoas entre a ascensão de Mao e o fim da revolução cultural. Eu ficaria extremamente indignado contigo, e alegaria que toda a ideia de genocídio é propaganda, é tudo mentira!, já que socialismo é o mais avançado e o mais humano de todos os sistemas. Aqui, estaria apenas a fazer o papel recorrente em lemmings ideológicos; a pessoa nega os mais concretos e objectivos dos factos, em

nome da sua religião, do seu dogma emocional e psicopolítico. A conversa perduraria ao longo das mesmas linhas e ficaríamos "presos" na situação. Mas já aprendemos como sair deste sítio não é? Vamos lá fazer o jogo de ancas, vamos ser flexíveis, vamos validar-nos mutuamente. Improvisemos para obter um patamar comum confortável, feelgood, eu estou titilado tu estás titilada, sentimo-nos bem, está tudo óptimo. Eu abdico *um pouquinho* da minha posição e digo que sim, Mao nem sempre agiu bem, mas foi tudo com boas intenções, na verdade foi por amor, foi para chegar à Utopia. Tu também fazes cedências, assumes que estás a ser mais ou menos "radical", mais ou menos "extrema" (!), e que sim, ok, não foi bom, mas até foi por motivos nobres, e quem sabe, talvez até nem tenham morrido tantas pessoas, por ser que seja só exagero... Chegamos a um meio-termo confortável onde os Maoístas já não são bestas monstruosas, mas sim pessoas interessadas em avanço civilizacional, embora sejam algo trapalhonas, até ingénuas, no modo de lá chegar! Mais que isso, existe aqui uma outra ideia, mesmo que nenhum de nós a declare, e essa é a de que os fins justificam os meios – e que os meios podem ser atrozes.

Talvez não o percebas, mas tornaste-te muito dissoluta nesta conversa. Para obter feelgood na relação, e agradar-me, abdicaste de princípios de honestidade intelectual e de factualidade histórica. Abdicaste de parte da tua cabeça em nome do espaço relacional, em nome de going along to get along, e entregaste-a às mãos do meu nonsense sofístico. É muito provável que saias da conversa a acreditar no nonsense do compromisso; no mínimo, já não terás os mesmos arrepios na espinha quando ouvires falar de Mao Tse Tung. Eu, de duas uma. Se acreditava realmente no tipo de parvoíce que estava a defender, também me tornei dissoluto, embora seja dissolução em dissolução, de uma forma de desonestidade intelectual para outra (chapinhar no charco estagnado). Mas o mais provável (dado o meu perfil específico) é que eu já fosse inteiramente dissoluto e apenas tivesse usado isto como uma forma de fazer o one step back, two steps forward; faço uma cedência aparente para te pré-converter ao meu dogma. Vivo obcecado com sociedades científicas, ditaduras managerial, revolução cultural, purgas existencialistas dos pais, etc., e quero ensinar-te a apreciar toda a beleza do campo de concentração.

Quando nos tornámos dissolutos, tornámo-nos objectivamente *mentirosos*, em nome de feelgood (com toda a probabilidade, eu já o seria, mas induzi-te a fazer o mesmo). E é claro que o facto – a verdade histórica – é mesmo o que disseste, o comunismo é um regime de crime organizado que assassinou 80M na China no espaço de uma mera geração.

Consenso (2): Descida a mínimo denominador comum institucionaliza <u>mediocridade</u>.

<u>Ambiente consensual é um no qual dinâmica do consenso é hegemónica</u>.

<u>Transversal a todos os domínios da vivência e da relação humana</u>. Um ambiente consensual é um no qual essa forma de funcionamento (atrás descrita) se tornou hegemónica, i.e. transversal a todos os domínios da relação e da vivência humana. Aqui podemos estar a falar de qualquer tipo de ambiente humano: grupos, escolas, locais de trabalho, até uma sociedade inteira.

<u>Consensualidade é a redução a um mínimo denominador comum</u>.

<u>A formação de um self colectivo / código normativo e prescritivo de "serás"</u>.

"Pensarás", "sentirás", "farás", "dirás". Tudo isto despoleta uma dinâmica sistémica de encontro em meio-termos; uma grande dinâmica de dissolução colectiva na direcção de uma homeostase em comunalidades. Disto surge uma forma de mínimo denominador comum (**MDC**), e este MDC tende a ser todo-o-terreno, para abarcar o modo como as pessoas *são* (e.g. o que pensam, os seus valores morais, o que sentem) e o modo como *se comportam* (e.g. o que fazem, como fazem, o que dizem). Daqui é gerado um código colectivo de *ser* de *se comportar* (um código de **"serás"**). Sob osmose social e pressão de pares, não demora muito até que este código de torne normativo e, com efeito, prescritivo. É esperado que as pessoas o interiorizem e a ele *se moldem*; ou a ele *sejam moldadas*, sob o martelar da pressão social. É uma forma de self colectivo, uma identidade sintética de criação social, à qual é esperado que o indivíduo se ajuste. Conformidade social. O ambiente humano passa a ser definido por este patamar comum, onde "todos estamos em harmonia", "em entendimento", onde todos abdicámos daquilo em que acreditamos e daquilo que somos em nome de ajustamento social, onde nos tornámos dissolutos.

Ambientes consensuais: conformismo / repressão de inovação e de individualidade.

Dissolução de standards de acção moral e de princípios epistemológicos.

Estado de dissolução partilhada em todos os domínios de vivência, relação / **"serás"**.

Patamar de **mediocridade** socialmente partilhada / transmitida por **pressão e osmose social**. Todos os ambientes consensuais são ambientes definidos por norma colectiva; como tal, são naturalmente dominados por conformismo e por graus variáveis de repressão de inovação e de individualidade. Mas, mais que isso, são dominados por uma dinâmica de encontro e homeostase relativa num *mínimo denominador comum* societalmente partilhado. Houve *dissolução*. Princípios intelectuais (epistemológicos) e standards de acção moral foram descartados para permitir ajustamento mútuo entre múltiplas pessoas. As pessoas foram tornadas gradualmente *dissolutas*, até ao encontro no novo código normativo de *ser* e *comportar-se* (identidade colectiva num **"serás"**, de carácter prescritivo), que "regula" o que as pessoas pensam, sentem, como se comportam, como falam – etc. Um *estado de dissolução partilhada*, transmitido e "imposto" (às vezes isto é literal) por pressão de pares e osmose social. Dissolução a um mínimo denominador comum significa encontro num (*não há outro modo de colocar a questão*) patamar de mediocridade socialmente partilhada. E, mais que socialmente partilhada, normativizada no novo código social.

Consenso (3): A sociedade consensual é sempre um sítio estagnado e sufocante.

A redução ao MDC gera mediocridade, degradação, estagnação a toda a linha.

Consensualidade, uma prisão mental socialmente imposta. E, sem dúvida, é isso que vai sempre definir os ambientes consensuais que, quanto mais consolidados forem, tanto mais *medíocres* serão. Este é o standard comum ao longo de toda a história. As pessoas tornam-se mediocrizadas e depois puxam-se umas às outras para *baixo*, por pressão e osmose social. Conformidade leva a repressão de criatividade, de inovação, e de individualidade. Empobrecimento mental torna-se a norma. A vida intelectual e criativa estagna; não existe espaço para pensamento independente e para novas ideias e soluções fora do espectro restritivo do consenso. O processo de dissolução moral sistémica

leva à generalização de corrupção moral e à normalização de falta de carácter. Ser falso torna-se uma questão de adaptação e de boa etiqueta social. Com falsidade vem cinismo, oportunismo, hipocrisia; a purulência das emoções baixas e dos maus sentimentos. As pessoas tornam-se cobardes, mesquinhas, jocosas. Desnutrida, sem alimento, a confiança interpessoal tende a morrer, à medida que as relações humanas se tornam falsas, frias, utilitárias.

É isto que é consensualidade; uma prisão mental colectivamente imposta. Tudo o que fica é uma essência mirrada de falta de carácter, pequenez mental, estagnação e mediocridade a toda a linha.

Falta de carácter é depois racionalizada e até glorificada, como virtude.

Carácter é atacado, vilificado. Depois, essa sociedade vai inventar os mais variados mitos e pretensas para justificar, racionalizar e exaltar a falta de carácter. As sociedades consensuais cristalizadas vão transformar a falta de carácter em virtude! E.g. desonestidade passa a ser "esperteza", oportunismo torna-se sentido de oportunidade. Cobardia, mesquinhez e ausência de carácter tornam-se inteligência social e "pragmatismo", "flexibilidade". A pessoa notoriamente falsa torna-se "sociável", até "simpática" e, com efeito, falsidade e desonestidade tornam-se a norma social; traços socialmente adaptados e desejáveis. Em contrapartida, a real virtude tende a ser atacada e desacreditada. Em ambientes consensuais cristalizados, a pessoa corajosa é "atrevida". A pessoa honesta é "inconveniente", "ingénua", "papalva". Inteligência é sinónimo de "orgulho intelectual" e fortitude de carácter equivale a "arrogância". A pessoa justa é "julgamental", a pessoa verdadeira é "execrável", "insuportável", "inflexível". E é assim que se tornam inimigos dos bons.

Outra linha de raciocínio é possível.

Aquilo que todos temos **realmente em comum** não é o lado melhor / são os maus sentimentos.

É mediocridade moral, intelectual, comportamental.

População: pessoas muito boas / maioria, no meio-termo / outras que são bad news.

Espaço consensual definido no meio-termo, mas puxado continuamente para baixo. Também podemos chegar ao anterior por outra linha de raciocínio. Consensualização é estabelecida pela convergência naquilo que todos temos em comum, aquilo que nos une a todos.

Aquilo que todos os seres humanos têm em comum não são os bons atributos (que custam a manter e a desenvolver). São os maus predicados. Aquilo que todos temos em comum não é a nossa coragem ou o nosso espírito de auto-sacrifício; é egoísmo e capricho. É facilitismo. É medo. É insegurança. É auto-interesse, oportunismo, e é também agressão.

Este, o lado mais "comum" da natureza humana, e é esse o lado que vai definir os ambientes consensuais, produtos de uma redução a toda a linha ao mínimo denominador comum.

Atributos como sabedoria, auto-sacrifício e coragem podem ser complicados de manter e de desenvolver de uma forma consistente ao longo do tempo. Ser bondoso e honesto nem sempre vai ser recompensado; com muita frequência, vai ser punido e desencorajado. Alimentar o mais completo respeito pelo próximo e um forte sentido humanitário implica um grau de exerção e de

auto-sacrifício que nem toda a gente está disponível para adoptar. Ser uma boa pessoa implica acção, e acção implica trabalho, esforço, auto-dedicação e espírito de sacrifício.

Se as pessoas boas funcionarem como tese, vão encontrar a sua antítese nas pessoas más; uma parte significativa de qualquer população humana. Aqui estamos ao nível de pessoas nihilistas, desarranjadas, esgroviadas, sociopatas, psiquiatras, psicopatas, facilitadores, financeiros de topo, marxistas culturais, executivos neoliberais, e assim sucessivamente.

Depois, existe a larga maioria da população, sempre à volta de uns 80%, composta por pessoas que estão no meio-termo. São pessoas que tendem a ser simpáticas e correctas, boas pessoas, que tentam fazer o melhor por si e pelos seus, mas estão demasiado envoltas na espuma dos dias, a tentar passar por entre as gotas da chuva; portanto, tendem a levar tudo aquilo que esteja para além das suas esferas pessoais imediatas com um qb de apatia.

Esta maioria populacional no meio-termo tende a definir o espaço do consenso, mas o standard é continuamente puxado para baixo pelos chanfrados, que trazem a fluidez e o lucro aparente dos maus instintos. É bastante mais fácil, e aparentemente mais rentável (*aparentemente*) ser ignorante, desonesto, dissoluto.

Consenso (4): Pragmatismo moral, o caminho é sempre para baixo.

A arte de encontrar meios termos, para gelatinismo moral.

Entre bem e mal, justiça e injustiça, não podem haver meios termos – é impossível.

Ou se é *honesto* ou se é *desonesto* – dependendo do grau.

[Quando Adão e Eva dão o abraço de grupo à serpente, tornam-se prisioneiros dela].

Quando se normaliza falsidade e desonestidade, o caminho é down down down pufff!

O e.g. dos pilares da Acrópole: cada pilar cai à vez até todo o edifício desabar. “Ser demasiado honesto é complicado”, portanto há que encontrar o plateau intermédio onde todos possamos ser *honestos qb* sob pragmatismo moral. “É preciso saber fazer cedências, encontrar meios-termos, determinar compromissos”. É impossível encontrar um meio-termo entre honestidade e desonestidade. Ou se é honesto ou se é desonesto. Ou se é uma pessoa verdadeira, ou se é uma pessoa falsa. Deus não faz meios-termos com a serpente; não há abraços de grupo a esse nível. Adão e Eva fizeram um abraço de grupo com a serpente e ficaram presos e enrodilhados nela! É isso que acontece nessas instâncias. Pensa-se que as coisas vão correr bem, mas acabam por correr bastante mal.

“Ajustamento consensual” implica que a pessoa honesta tem de *deixar de o ser*. Em vez de ser honesta, tem de ser adaptativa, e honestidade não é adaptativa. Portanto, tem de aprender a fazer cedências, para passar a ser *algo* desonesta. Depois *algo mais* desonesta, *meio* desonesta, *inteiramente* desonesta. Funciona como os pilares da Acrópole. Manda-se um abaixo, depois segue-se um outro e um outro, e a estrutura está a começar a desabar. Depois mais outro pilar, e outro logo

a seguir, e a estrutura já está meio colapsada. Mais um, e outro, e ainda outro. Por fim, já nem sequer é preciso ajuda; os pilares que restam vêm todos abaixo por si mesmos e lá se foi a Acrópole à vida. Ou os mais novos aprendem que é sempre errado ser falso e desonesto, ou vão crescer para acreditar no "valor adaptativo" da falsidade e da desonestidade – esse é o standard dos ambientes consensuais. Quando uma sociedade normaliza a falsidade e a desonestidade, o caminho é sempre para baixo, geralmente sem retorno. Down down down splash puffff!

Consenso (5): Fritar a pessoa / a galera romana / a mente amarrada, atada, presa por nós.

"Fritar" a pessoa. Imagem usada em psicologia social (os gurus do T-group e outros sociopatas deste género) para qualificar o que acontece sob consensualização. A pessoa é **"frita"** no grupo, por pressão de pares e osmose social. A individualidade é frita (pressionada, colocada em causa, compelida a conformismo) para um belo cozinhado colectivo: dissolução, consenso, identidade de grupo.

A metáfora da galera romana. Este é o sistema mais eficiente de prender escravos. Já nas velhas galeras romanas, os escravos que remavam na câmara lá em baixo estavam sempre acorrentados entre si e depois as correntes ficavam presas a grampos no chão. Tudo isto é uma boa imagem para comunitarismo, onde todos estão no mesmo barco, a remar para o mesmo lado, atados entre si e ao chão, numa câmara escura sem vista para o sol. Depois, os vários escravos levam chicotadas estratégicas. Quem não gostar de todo o regime leva chicotadas bastante mais graves ou é simplesmente atirado borda fora. Os oficiais do navio estão essencialmente ao nível de eunucos e o capitão, com alguma importância na estrutura de estado (geralmente militar), é um empregado para os mercadores ricos que operam o sistema de galeras do imperium.

Não é que o sistema das galeras tenha sido implementado para engenharia social. Este funcionamento em consenso acontece de modo muito natural, mas os princípios que lhe subjazem são aplicáveis aos mais variados domínios.

A mente individual que é presa e atada por nós e por laços, socialmente partilhados. Conceba-se também a imagem onde a mente individual é aberta, para ser depois atada e presa por nós e por laços, com as restantes mentes à sua volta. Depois, o conjunto destes nós e laços forma um continuum imagético – uma grande rede – atravessada pelas mesmas cores, tonalidades, brilhos, e até pelas mesmas vozes e pelos mesmos soundbytes. As várias mentes assim ligadas entre si não estão a "partilhar". Estão a prender-se mutuamente. Estão a ser atadas e a atar as restantes a uma mesma rede.

Consenso (6): Lion King e as hienas / Gulliver e Lilliput / a zombie invasion.

A dinâmica da **hiena**, a psychosocial WMD / Lion King. É quase triste dizê-lo desta forma, mas o facto é que pessoas que são fritas e processadas por consensualização são reduzidas ao estatuto de hienas. Hienas são animais essencialmente medíocres, necrófagos, cobardes, que só conseguem agir em manada; e riem-se bastante. Isto está bem expresso no Lion King, o filme de desenhos

animados, onde as hienas trabalham todas para o falso rei, o leão cobarde, que mata o irmão à traição para se torna o tirano da savana. E aqui está tudo explicado. O "leão cobarde", o mau irmão (Edom) que não hesita em usar traição e assassinato para roubar aquilo que é do irmão, vai sempre proliferar hienas à sua volta, psychosocial weapons of mass destruction, que vão servir de coadjuvantes para ascensão do seu reino de terror sobre a savana.

Gulliver e os lilliputianos / "keep it simple, keep it straight". A velha história de Jonathan Swift expressa este princípio de um modo particularmente espirituoso, quando expressa a indignação dos consensuais liliputianos, perante o intolerável atrevimento que é expresso na figura de Gulliver. "Keep it simple, keep it straight", é um mote criado a pensar em públicos consensuais.

A dinâmica da **zombie** invasion. Tudo isto funciona mais ou menos como os filmes de zombies. A pessoa é abraçada pelo grupo de zombies, e este grupo come-lhe o cérebro. O resultado é a pessoa tornar-se ela própria em zombie, morta-viva. Depois, junta-se ao grupo consensual de zombies para percorrer os campos e as paisagens pós-industriais, à procura de mais cérebros para comer, mais vítimas culturais para integrar amorosamente no colectivo zombificado.

A dinâmica do **Borg**, o body snatcher colectivo. Depois é claro que também existe o body snatcher colectivo, o Borg. Isto também é o Borg.

Consenso (7): A Torre de Babel – Sodoma e Gomorra – Legião – O feixe atado de joio.

Isto é a **Torre de Babel**: união universal por tijolos queimados, unidos por "slime". A dinâmica de consenso impele as suas muitas vítimas numa espiral descendente progressiva, tão irresistível como a força da gravidade. Se este tipo de cimento é usado para construir um edifício humano, esse edifício pode começar por parecer imponente, mas depressa colapsa sobre si próprio – e é bem feito. Esta é a ideia da Torre de Babel. É construída com tijolos (pessoas formatadas). Os tijolos foram queimados, significando que perderam a sua individualidade durante a consensualização (foram fritos, como dizem os gurus do T-Group). Na grande Torre de Babel, o edifício colectivo humano, todos os tijolos estão unidos entre si por "slime" (KJV), significando maus sentimentos, mediocridade humana. A Torre parece ser imponente ("o colectivo é irredutível") mas estoura, porque é para isso que foi feita.

Isto é **Sodoma e Gomorra**, a comunidade consensual, que até tenta violar os anjos! Isto é o sistema psicossocial de Sodoma e Gomorra, onde a comunidade consensual e harmoniosa, reduzida ao mínimo denominador comum, se torna na proverbial inimiga dos bons. É a adversária do único indivíduo justo que permanece, e chega ao ponto de tentar violar os anjos! Para isso, esta comunidade harmoniosa monta um cerco à volta da casa de Lot, e é uma situação bastante pitoresca, onde homens degenerados, a arder de ódio e de luxúria, chocam uns contra os outros, rastejam, espumam, gemem, gritam, e por aí fora, a tentar entrar na casa de Lot. É claro que a cidade é destruída. Aí, a esposa de Lot sente-se fiel à corrupção que teria de deixar para trás, e fica cristalizada nessa condição; não foge, morre com a cidade. Lot e as suas filhas são o que de melhor fica, e mesmo as filhas estão tão degeneradas, culturalmente (estão rotinadas à mentalidade consensual), que *manipulam o pai para lhe fazer bem* (i.e., fazem mal para fazer bem), e é isso que

significa a imagem onde o embebedam para terem relações com ele, de modo tal a que possam assegurar que ele vai ter descendência (deixar a sua marca no mundo). O episódio expressa insegurança associada a boas intenções, sobre um background de falta de carácter moral. E é isso que vai marcar os povos que saiem dessas uniões, Moab e Amon.

Isto é **Legião**, que fala sempre como "nós" e avança para o suicídio colectivo. É claro que isto também é Legião, que fala sempre em termos de "nós". "Nós somos muitos", "que queres de nós filho de Deus, por favor não nos faças mal". Num sentido muito real, Legião converte as pessoas em porcos, que se movem em manada, pressionam-se e prendem-se uns aos outros, no chiqueiro colectivo, e depois investem em tropel para o abismo, a desgraça, o afogamento de grupo.

Isto é o **feixe de joio**, o fascii/colectivo, que serve para ser cortado e jogado ao fogo. O ambiente humano formado por consenso também é o feixe atado de joio que é atirado ao fogo, após ter havido a plena separação do trigo. É a sociedade humana que odeia e despreza os bons e faz-lhes guerra. Como está escrito, isso acontece para que os bons possam arrastar os feixes e reduzi-los a nada, venham eles da esquerda ou da direita. É claro que feixe pode (e deve) ser traduzido para fascii, colectivo integrado, grupo integrativo, colectividade, etc. Como está escrito, "se vierem contra ti por um caminho, fugirão de ti por sete" e "um apenas de vós desbaratará e porá em fuga mil dos outros". O falso e o injusto nunca consegue encarar o verdadeiro e o justo de frente; as trevas são a ausência de luz, e são rapidamente dissipadas assim que a luz se acende. E é claro que as trevas mantêm aqueles que dominam como prisioneiros, atados, amarrados, encarcerados. O trabalho essencial é o de desfazer os feixes e dissipar as trevas, para a esquerda, para a direita, para todos os lados.

Eidolon de madeira, "meu pai", esta rocha, "a minha mãe". O *eidolon* de madeira é chamado "meu pai". E, uma rocha, "a rocha que é Pedro", a Igreja, é chamada "minha mãe". O que é que o profeta diz sobre aqueles que cometem este acto de idolatria?

O Templo, os vendedores de pombas, os cambistas / o real Templo.

Quando Jerusalém comete apostasia, o Templo é entregue aos bichos. Isto significa que o grupo que vai tomar conta dele é composto de filhos do Inferno, obscurantistas de classe que distorcem a palavra de Deus para que ninguém consiga sair da prisão psicossocial que construirão. Não entraram no Reino dos Céus e taparam a entrada a todos os que queriam entrar. Depois, estas pessoas vão encorajar a que o Templo seja tornado num domínio de vendedores de pombas (falsa paz, falsa harmonia) e de cambistas (falso poder). No final, o Templo deixou de o ser para se tornar numa casa de prostituição. É claro que chega o dia em que Jesus chega ao Templo para o limpar com um chicote. As tradições falsas, os costumes ilegítimos, os valores pagãos, os ritos inconsequentes, são jogados fora juntamente com os filhos do Inferno e todos os vendedores, todos os mercadores que são depois deixados a chorar o final deste negócio. Deus está acima da má vontade dos homens, e usa-a para os seus próprios fins e, no final de tudo, é o Cordeiro quem traz a

espada para separar o trigo e cortar os feixes de joio, para distinguir entre a verdade e a mentira, e é ele que edifica o real Templo de Deus.

A Igreja paganizada é uma instituição sócio/política, devotada a gestão de massas.

Vai devotar-se a gestão de massas e dizer que salvação é obedecer a essa gestão. A Igreja paganizada é, em essência, uma instituição política e humana. Nessa condição, vem a preocupar-se mais com variáveis de gestão colectiva que com a salvação do indivíduo (vai chamar salvação à aceitação de ser-se gerido).

Vai infantilizar e imbecilizar a população. Isto implica que se vai comportar como todas as outras instituições de gestão colectiva. Uma instituição de gestão de massas prefere sempre pessoas infantilizadas, crianças mentais, por oposição a pessoas adultas. Crianças são fáceis de gerir. O mundo é simples: existem as tarefas que têm de ser feitas; o espaço concessionado de brincadeira; e, rituais impostos pelos "crescidos". Esses rituais são mais ou menos incompreensíveis e distantes à mente infantil. Porém, são da maior importância para manter disciplina e espírito de corpo. A criança não está capacitada para agir de um modo adulto; não tem as estruturas intrapsíquicas para tal. E, sob gestão, é mantida e congelada nesse estado. Aquilo que a poderia fazer amadurecer e tornar-se adulta, o acesso às linhas certas de orientação moral e a desenvolvimento intelectual, são em essência proscritos. As Escrituras serão obscurecidas e mantidas no reino dos "crescidos", que não as conhecem nem sabem o que fazer com elas.

Ritualismo, eidolons e tudo o resto / substituem acção justa e verdadeira. Sob tais contingências, o fiel comum não será um seguidor da Via, mas sim um mero crente em variáveis rituais. Terá acesso a um conjunto fácil de slogans e à execução de rituais simples; porém, desprovidos de significado real, extrâneos à vida real. Esses rituais são geralmente realizados em contextos especializados, mediados por pessoas especializadas. Jesus deixa de ser um modelo a seguir para ser convertido num *eidolon* de madeira: uma figura fetichizada à qual se podem pedir favores pessoais. Acção justa e verdadeira no mundo deixa de ser o critério essencial. É preterida em nome dos aspectos rituais. Nas instâncias em que é mantida, é equacionada com a realização das tarefas exigidas; Jesus é convertido num *eidolon* de gestão de RH. A Lei de Deus é substituída por lei humana. É por esta forma gerada uma dissociação, um processo de alienação entre o mero crente ritual e Deus. O crente não tem de caminhar pelos caminhos impecáveis, límpidos e honestos de Deus, em todos os tempos e em todos os lugares. Tem de cumprir as suas tarefas sociais, aquilo que dele é esperado; e tem de participar nos rituais. Salvação é agora um processo simultaneamente socializado e fetichizado. A pessoa é *boa* se fizer aquilo que a sociedade dela exigir, por muito imoral e criminoso que isso seja; e é salva através da mera crença num *eidolon* de madeira.

Prostituição para com o mundo. Quando o Templo é infestado por este tipo de dissolução com o mundo, de *prostituição*, o mundo torna-se, inevitavelmente, num sítio pervertido.

Eidolon de madeira, "meu pai", esta rocha, "a minha mãe". O *eidolon* de madeira é chamado "meu pai". E, uma rocha, "a rocha que é Pedro", a Igreja, é chamada "minha mãe". O que é que o profeta diz sobre aqueles que cometem este acto de idolatria?

A terceira dissolução: harmonia global.

A Igreja fundada sobre Pedro segue as suas três negações. A Igreja fundada sobre Pedro está a viver na grande noite e, tal como Pedro fez, nega o Messias por três vezes antes da madrugada. Deus fala sempre por princípios gerais e axiomas. A palavra de Deus aplica-se sempre do macro ao micro, do geral ao particular, do universal ao individual.

Latinização – Paganização medieval – Harmonia global. As duas primeiras negações já aconteceram. A primeira é quando a Igreja abandona a Via para se fundir com a power politics e com os cultismos rituais de Roma e para se tornar, ela própria, num cultismo ritual e numa power politics institution. A segunda é durante o período medieval, quando aprofunda ainda mais a sua paganização. A terceira negação está a acontecer nesta exacta era, a era global.

Unidade/sincretismo universal: romano, europeu, global (Panteão). Quando as pessoas se afastam da Via começam a pensar em Deus como aquilo que Ele não é: um promotor de unidade universal. Unidade humana é a melhor coisa que existe a seguir a unidade com Deus. Sob essa óptica, unidade universal romana exige sincretismo latino. Unidade universal europeia/medieval exige sincretismo europeu. Unidade universal global exige sincretismo global. Para estabelecer sincretismo latino, a Igreja teve de se diluir, tornar dissoluta, no mundo latino. Para estabelecer sincretismo europeu, a Igreja teve de se diluir, tornar dissoluta, no mundo europeu. Para estabelecer sincretismo global, a Igreja terá de se diluir, tornar dissoluta, no mundo global – no mundo. Terá, pois, de desfazer o acto belo e nobre que, ao início, diferencia a Cristandade do resto do mundo: a rejeição do Panteão. Numa sociedade sincrética global, a Igreja funde-se no grande Panteão de sincretismo global, união universal. Repudia Deus por inteiro.

As três negações: "Por três vezes me negarás".

"Por três vezes me negarás". A Igreja de Roma é alicerçada sobre a melhor das fundações, a rocha que é Pedro. Porém, por três vezes me negarás antes que venha a madrugada, disse Jesus a Pedro. Pedro funda a Igreja durante a grande noite que é anunciada por Jesus, a noite na qual não se pode trabalhar, a não ser com Ele. O grande vale das sombras e da morte, da ilusão e da dissolução. Aquele que quer percorrer este vale, tem de se apoiar no bastão e no cajado de Deus, caminhar à luz do Filho do Homem. A noite são os tempos em que estamos agora, após o que virá a madrugada.

Pedro nega Jesus por três vezes, cai por terra, arrepende-se, é redimido. Pedro ficou supreendido e chocado com a observação de Jesus mas, sem dúvida, quando a pressão dos homens veio, Pedro negou a Jesus, e fê-lo por três vezes. Tornou-se dissoluto, contaminado pela malevolência humana a quem queria agradar. Depois, caiu por terra, desfeito, reduzido a nada. A redenção, que estava garantida à partida, seguiu-se ao arrependimento sincero. A partir desse ponto, Pedro deixa de ser o discípulo periclitante, aquele que acredita como uma criança (sem qualquer necessidade de provas), mas não tem, porém, a força interior para agir de acordo com a sua crença. Pedro torna-se a rocha; robusto, forte, vigoroso, irredutível. Aquele que transmite e veicula a luz de Jesus aos homens.

O que fica é o novo Israel. Isto não significa que a Igreja institucional perdurará para fazer este papel. Essa vai ser destruída, devastada, erradicada da face da Terra. O que todo o seu peso e toda a sua glória institucional representam são o lixo que não tem lugar em Pedro, aquilo que lhe bloqueia os movimentos. O que fica são aqueles que são fiéis a Deus e caminham com Ele: um povo de ministros e sacerdotes, como Deus diz, o novo Israel.

As três negações: "tu darás a tua vida por Mim?!".

"Tu darás a tua vida por Mim?!". Pedro jura a Jesus que, por Ele, irá para a prisão e para a morte. Jesus conhece bem Pedro e sabe o que vai acontecer, portanto fica humorado e diz-lhe «*Tu darás a tua vida por Mim?! Em verdade, em verdade te digo: não cantará o galo sem tu Me haveres negado por três vezes*» [João 13]

As duas primeiras negações (sincretismo latino e europeu).

Medo, going along to get along, dissolução, fusão nos feixes pagãos a dissolver.

Pedro sentado no seio do público / braseiro, tijolos queimados / potências do mundo. As duas primeiras negações acontecem quase em sucessão, são muito próximas uma da outra. Aí, Pedro vai sentar-se no meio do público. Em João sabemos que estas pessoas são servos e guardas. Esse é o ambiente onde a Igreja vai actuar durante a era romana e mais tarde na era medieval, um ambiente de servos e de militares. Toda esta gente está sentada à volta de um braseiro, e o braseiro é onde as pessoas vão para encontrar conforto (consenso, entendimento, união humana), mas acabam por ser *queimadas* (despersonalizadas), e isto são os tijolos humanos que são queimados e unidos entre si com *slime* (mediocridade humana) em Babel. Tudo isto acontece nas proximidades da casa do Sumo Sacerdote – perante as potências do mundo. Pedro senta-se e faz as duas primeiras negações quase em sequência, a criados, pessoas individuais. E isto são os públicos com que a Igreja se vai encontrar na era romana e na era medieval. A única coisa que Pedro tinha de ter feito perante estes dois era dizer-lhes a verdade, "sim, eu estou com Jesus, e é assim que é, o que é que vais fazer em relação a isso?". E é precisamente a Igreja e os seus sacerdotes deveriam ter feito perante os seus públicos na era romana e na Idade Média. Dir-lhes-iam a verdade, independentemente das consequências, e aí sim, poderiam educá-los, protegê-los, avançá-los. Em vez de fazer o que lhe compete, Pedro dissolve posição para obter boa relação no imediato; em essência, going along to get along, não ir para à prisão, não ser executado. O mesmo acontece aos sacerdotes da Igreja, que

em nome de "boas" relações com o mundo vão ceder posição, tornar-se dissolutos, acabar fundidos nos feixes pagãos que deveriam dissolver e desmantelar.

<u>As duas primeiras negações são em sequência / terceira, após 1000 anos!</u> Em Lucas, sabemos que as duas primeiras negações são muito próximas uma da outra. A terceira só acontece passado um bom bocado, uma hora, 1000 anos!

<u>A terceira negação (sincretismo global)</u>.

A mob consensual / mesmo dissoluto, Pedro ainda se distingue pelo "modo de falar".

Pedro começa a dizer palavras feias, coloca-se em antítese a Jesus (satanismo!)

Atrocidades latinas e medievais não são <u>nada</u>, comparadas com era global. Aí Pedro é abordado por um conjunto de sujeitos e dizem a Pedro, "*Com certeza tu és um dos Seus, pois a tua maneira de falar denuncia-te"* (Mt 26). Este é obviamente um grupo consensual. Vão a Pedro como uma multidão, uma mob acusatória, anti-Cristã, e vão a Pedro pela sua forma de falar. Percebem que Pedro não é um deles, o que significa que têm a sua própria cultura consensual, com o seu próprio registo discursivo standard. Conhecem bem aqueles que não se enquadram. E Pedro não se enquadra, porque, por muito enfraquecido e dissoluto que esteja, ainda preserva algo do registo que caracteriza os seguidores de Jesus. Isto acontecerá – já está a acontecer – com a Igreja. Por muito paganizada que esteja, por muito que se tenha transformado num culto, numa religião de mistérios e regras humanas, numa power politics institution, a Bíblia e os pressupostos essenciais ainda lá estão. Pedro entra em pânico; não quer ser arrastado pela multidão. Este é o momento extremo de falta de convicção e de fé: «*Começou então a dizer imprecações e a jurar: "Não conheço esse homem"*» (Mt 26). Até aí, Pedro tinha agido *muito mal*, mas nunca tinha começado a dizer palavras feias e a jurar *contra* Jesus, i.e. a colocar-se em *antítese* a Deus – satanismo. Concebam-se *todas* as atrocidades levadas a cabo durante a fase final do Império e durante a era medieval e que isso não foi *nada*, foi zero, comparado com o que vem na era de dissolução global. A Igreja do século 21 será fresca! Será a mulher de escarlate montada sobre as sete colinas, que se prostitui com todos os reinos da Terra e se embriaga com o sangue dos justos.

<u>O after: colapso absoluto, arrependimento sincero, a noite acaba, o dia começa</u>.

A mulher de vermelho sobre sete colinas é desfeita por aqueles a quem tenta agradar.

Pedro é desfeito, cai por terra, arrepende-se de modo sincero, é redimido.

Noite acaba, madrugada entra, dia começa. E depois de tudo isto, pufff: «*No mesmo instante, o galo cantou. E Pedro lembrou-se das palavras de Jesus: "Antes de o galo cantar, Me negarás três vezes". E saindo para fora, chorou amargamente*» (Mt 26)

A mulher sobre as sete colinas acreditava que a sua dissolução e a sua magia lhe iam dar poder sobre tudo. Em vez disso, é desfeita pela multidão em quem confiava. Os dez blocos da ordem global viram-se contra ela e desfazem-na – shock and awe total e completo. Odeiam-na, desprezam-na, não precisam dela. A noite vai ser aí mais intensa que nunca antes, o período de auge antes da madrugada. As regras do jogo mudam, e é como está em Daniel; Deus vai operar plenamente, *como*

nunca durante toda a noite, com uma potência incrível, através de indivíduos. Os mais fracos de entre eles serão como David e estarão sós, mas plenos de Deus, irredutíveis e imbatíveis, num mundo que estará mobilizado em pleno contra eles. Depois, o dia chegará.

Pedro é desfeito, cai por terra, chora amargamente, arrepende-se do fundo do coração. Aí sim, livra-se de todo o lixo que o prendia ao braseiro, à aprovação da multidão, ao medo e à periclitância, à mais abjecta e cobarde dissolução de posição, ao extremo na abominação final. Aí sim, torna-se forte e consistente, o apóstolo que foi criado para ser; a Rocha. A noite foi bastante curta e acabou. A madrugada entra e o dia começa.

O que fica é o novo Israel / Hebreus serão muito importantes outra vez. Isto não significa que a Igreja institucional perdurará para fazer este papel. Essa vai ser destruída, devastada, erradicada da face da Terra. O que todo o seu peso e toda a sua glória institucional representam são o lixo que não tem lugar em Pedro, aquilo que lhe bloqueia os movimentos. O que fica são aqueles que são fiéis a Deus e caminham com Ele: um povo de ministros e sacerdotes, como Deus diz, o novo Israel. Aí, o resto de Jacob volta plenamente a Deus, segue Jesus (nos moldes *reais*) e é incrivelmente importante. Os Hebreus vão voltar a ser um veículo incrivelmente potente para Deus, como é suposto acontecer e como acontecia nos velhos tempos. Vão sê-lo a par de todos os gentios que têm o coração no sítio certo e a cabeça onde pertence. No novo Israel, as Doze Tribos são refeitas com o resto de Jacob e com os estrangeiros que deixaram de o ser; que são, agora, israelitas. O novo Israel vai ser a concretização exacta da Nova Aliança estabelecida por Jesus.

A obtenção de unidade global, no T-group universal.

T-group new age, TQM, despeito amoroso, globalização. É fácil ver como tudo isto acontece. Unidade universal global chama-se *new age*. Sob *new age*, todos estão sentados a uma mesa redonda, numa reunião facilitada, sob procedimentos *standard* em *total quality management*. Total management significa que *tudo* é gerido. É tudo muito harmonioso, yin yang!, falso equilíbrio, tecnocracia. Um placard diz, "it's so cool 'n groovy, come on in!". Junto ao placard, um stormtrooper de uniforme preto. Tudo tão falso. Tão purulento. Tão cínico. Ao longo da reunião, todos estão triangulados. Existe um facilitador a dirigir o debate, e depois existem agents provocateurs espalhados entre o grupo. O facilitador e os agents provocateurs assegurar-se-ão que o debate é guiado na direcção *certa*. Existe uma *direcção certa*, que leva a um *consenso predefinido*, para um *outcome predeterminado*. Pensavas que era democrático? – think again. É um processo vicioso onde o grupo é manipulado pelo uso de técnicas psicossociais para chegar a uma conclusão desejada; e acreditar que essa foi *a sua* decisão. É uma ditadura – uma que é baseada em credulidade humana. Mas também em pressão social! Os participantes serão manipulados para se virarem contra os "resistentes": aqueles que se afastam do standard TQM; ou aqueles que questionam o nonsense serpentino do facilitador; ou aqueles que já se aperceberam dos agents provocateurs em volta; ou tudo isto ao mesmo tempo (aqueles que já perceberam todo o jogo e estão a bloquear activamente o processo). O facilitador tratará todos os participantes como crianças, com uma forma amorosa de despeito. A própria reunião é elaborada de tal forma a valorizar *slogans*, pensamento emocional, pressão social, por oposição a racionalidade. A exposição e a elaboração de factos e argumentos conta pouco. O standard é infantilidade e, mais que isso, pobreza

mental. O outcome predefinido é globalização. Globalização é a *corrida global para o fundo*, a todos os níveis. A redução da civilização humana a um mínimo denominador comum de assett stripping, devolução e management.

Harmonia voluntária obrigatória, a roda humana, abraço de grupo. O facilitador quer todos os participantes em roda, na mesa redonda, o círculo mágico onde todos são mudados e deturpados, para colocar em moção o processo de consensualização. De forma delicada e serpentina, este facilitador global *exigirá – democraticamente* – que todos encontremos os pontos que temos em comum, as nossas comunalidades, aquilo que a todos nos une, que nos pode fazer Um, pleno consenso!, unidade perfeita. Isto significa que todos temos de encontrar o *mínimo denominador comum* de consenso, o perfil standard sob o qual todos possamos estar em acordo. E isto é abraço de grupo, roda humana, gincana, paz mundial, harmonia universal; oh so cool, dizem os provocadores.

Harmonia baseada em pontos comuns implica **mínimo denominador comum**. Acontece que aquilo que todos temos em comum, aquilo que nos une a *todos*, não é nossa nobreza de espírito, a nossa honestidade, integridade, coragem, devoção, amor genuíno pelo próximo. Bem pelo contrário, aquilo que nos une a *todos* é o lado pervertido e mau: desonestidade, cobardia, mesquinhez, ódio, inveja, crueldade, preguiça, jocosidade, hipocrisia, oportunismo. E é precisamente por isso que estes são os predicados que caracterizam *todos* os ambientes consensuais na história humana. As pessoas entram em dissolução conjunta, down down down, até chegarem a este, o nível animal da humanidade.

"Ring around the roses – We all fall down". Este é o resultado do abraço de grupo, a roda encenada em volta das rosas do orgulho humano: *ashes to ashes, we all fall down*, como diz a velha canção. Começamos com reuniões para fazer a roda humana, a gincana. Seguimos rapidamente para um estado de mediocridade generalizada, no mínimo denominador comum que nos une a todos.

Dissolução global num MDC / eidolons / de "amor" e "harmonia" a inumanidade.

O mínimo denominador comum (MDC) global é definido por um conjunto de eidolons.

Arbitrariedade moral, colectivismo, elitismo, teosofia.Seja como for, aqui está o nosso *mínimo denominador comum* global, aquilo que nos aglutinará a todos na construção da grande sociedade global, e é aquilo que de pior existe no ser humano. O processo nunca é imediato; é gradual. Talvez comecemos por *impor* a universalização *razoável* de um conjunto de *eidolons* deste mundo. Talvez esses sejam os pontos comuns que comecemos por escolher. Os *eidolons* deste mundo são os "deuses" de criação humana, as ideias e os aparatos conceptuais que, sendo bastante titilantes ao orgulho humano são, porém, inimizade para com Deus. Os eidolons deste mundo que podemos começar por *impor*, por serem *razoáveis*, são coisas como "*os fins justificam os meios*" (arbitrariedade moral), "*a comunidade está acima do indivíduo*" (colectivismo), "*alguns homens são mais especiais que os outros e merecem ter poder absoluto sobre os outros*" (elitismo) e, finalmente, o corolário de tudo isto: "*a criação pode substituir o Criador*" (teosofia).

"Amor" obrigatório para obter "harmonia" (conformidade compulsiva). A universalização destes eidolons pode começar por ser feita em espírito de *amor*. Diálogo dialéctico. Razoabilidade. Porque

não? Just do it, it's oh so cool and loving. Eu cedo na minha posição, tu cedes na tua. Eu abdico daquilo que sei ser justo e verdadeiro, tu fazes o mesmo. É amor. E é obrigatório. Ou temos unidade global ou não temos nada. Portanto, aceita o nosso amor, aceita esta fórmula que temos aqui, para a nossa roda colectiva. Não queres. Bom, tenho de te persuadir a querer. A persuasão franca e aberta não funciona. Ok. Mas isto é obrigatório. Tenho de usar outras formas de persuasão. Vou-te dar um incentivo para quereres, uma coisa boa, reforço. Ainda não funciona. Ok, agora tenho de enganar-te e manipular-te; afinal, é por uma boa causa (fraude, traição). Continuas a não querer. Bom, tu és inflexível. Mas harmonia e amor global também é. Portanto, vou ter de forçar-te, coagir-te a querer (violência).

"Amor" sem honestidade, justiça e respeito pelo próximo não é amor.

É a volição para obter aquilo que quero (agradável) por quaisquer meios que sejam.

Cedências contínuas de posição / pressão e osmose social.

De "amor" (utilitário) para fraude, traição, violência, autoritarismo.

A descida gradual, por passos, ao nível animal, existencialista.

Sujeitos amarrados entre si, colectivamente empurrados para cair. *"Amor" despegado de critérios de honestidade, justiça e respeito pelo próximo não é amor*, é um título vácuo dado à minha necessidade de obter aquilo que quero (bonding com o outro, em relação humana), por força se necessário. Rapidamente dá origem a alguma forma de autoritarismo e intolerância, com uma capa de agradabilidade por cima. No exemplo atrás, rapidamente fomos de "amor" para fraude, traição, violência, autoritarismo aberto. A reunião abandonou o modo chill out and relax e passou a ser um ambiente inquinado, dominado por cinismo, utilitarismo, hipocrisia e brutalidade. O abraço de grupo é feito com correntes e os facilitadores sorridentes, percebe-se agora, usam botas prussianas. Neste ambiente, não se pensa; cedem-se posições, uma de cada vez, até já não existir nenhuma. Tudo o que fica é um estado de monotonia mental e humana, caracterizado pela mais baixa mediocridade – intelectual, emocional, volitiva. A generalidade dos participantes é dominada por este estado geral, um de cada vez. Quando a individualidade e a racionalidade são desvalorizadas e descartadas, o controlo é assumido por fenómenos de pressão grupal e de osmose social. Se o Homem abandona aquilo que o faz ser Homem, é submetido aos processos que caracterizam a *existência animal*. Existencialismo é uma doutrina essencial, na corrida para o fundo. A descida geral do nível humano é fácil. É por degraus sucessivos e inclinados. A descida do sujeito desancorado é facilitada pela pressão do grupo que desce consigo. Os sujeitos foram amarrados entre si e colectivamente empurrados para cair.

Sociedade global será Babel / um sítio frio e inumano de slime, tijolos queimados. Uma sociedade sincrética global assumirá a configuração precisa que está relatada nos livros proféticos. Será uma sociedade fria, desumana, cínica, violenta, brutal, uma sociedade que acreditará ser forte pela mentira e pela malevolência. Estas serão as características que, em tal sociedade, aglutinarão todos os homens, todos os tijolos de construção da nova Torre de Babel. Tal como tinha acontecido com a primeira, estes serão tijolos *queimados*. A sua individualidade terá sido *queimada* em nome do social, e aquilo que os unirá será o mais reles betume; em inglês, na KJV, *slime*.

Guerra de todos contra todos / wasteland de conflito e totalitarismo. É o estado des-sociável da humanidade, o estado onde todos estão em guerra com todos. Por vezes, é uma guerra aberta. Mas, com mais frequência, é uma guerra silenciosa, com um sistema totalitário por cima. O sistema totalitário incentiva e prospera a *wasteland* nas mentes e nas relações humanas. Mas, é inevitável que colapse e dê origem à *wasteland* sistémica, imersa em conflito permanente e ubíquo.

Dissolução: Igreja cai para ser fundida no Panteão.

Igreja, já muito dissoluta, acompanha processo, cai, junta-se ao Panteão.

Pelo meio, entrega os seus crentes, ovelhas, aos lobos, porque é o mau pastor. A Igreja acompanha, é envolvida e, com efeito, envolve-se, amarra-se a todo este processo de corrida para o fundo. As instituições participam na dinâmica "amorosa", encontram harmonia com o mundo. Praticam dissolução doutrinal para encontrar pontos comuns, num grande processo de análise de conteúdo TQM. Os pastores são envolvidos na dinâmica e amorosamente compelidos a amorosamente desviar os seus rebanhos de tudo aquilo que os poderia salvar. As ovelhas, assim abandonadas e desviadas, são entregues aos lobos. Este é um processo dialéctico: todo o aparato institucional e humano que é desviado para os predadores tem de se tornar, ele próprio, predatorial. Este não é o início do processo de dissolução. O processo começou na própria Roma imperial. Mas, agora, encontra o seu corolário. A melhor coisa que existe após harmonia com Deus é harmonia com o Homem. Harmonia global implica o Panteão global. Plena dissolução doutrinal, com a teízação dos valores gnósticos autoritários de "amor compulsivo" e "harmonia universal". Cedências em todos os campos e a todos os níveis, sob falso entendimento humano. A Igreja faz o círculo completo e junta-se ao Panteão.

Na praça pública, junta-se a ONGismo global / redistribuição / comunitarismo. Na praça pública, a Igreja em si deixa de o ser, tornando-se algo como uma ONG especializada em *single issues*, essencialmente devotada a questões de bioética. Se a preocupação com bioética é vital, outro aspecto já não o é: o apelo constante a redistribuição global de riqueza. Redistribuição global de riqueza é o corolário da corrida global para o fundo no campo económico. A economia global é deficitária e substitui geração de riqueza por racionamento e redistribuição de migalhas. *We all fall down*. Eventualmente, pouco a distingue de uma qualquer outra organização social, política, religiosa. Isso já é, aliás, válido hoje em dia.A Igreja torna-se uma organização comunitária e, comunitarista, plenamente envolvida na totalitarização da sociedade.

Despotismo global tentará erradicar qualquer memória de Deus, ou Jesus.

A memória de Deus e de Jesus é per se vital.

O crente sincero, por o ser, é guiado para compreensão real, Cristianismo real (Via).

Deus faz o que bem quer e lhe apetece. Continuará a haver um elemento determinante: a memória de Jesus Cristo. A memória de Jesus Cristo é, *per se*, vital, e será atacada. Mesmo quando está

obscurecida, continua a ser a memória do exemplo perfeito de acção justa no mundo. E é um facto que Jesus está em Deus e no Espírito. O crente que acredite genuinamente n'Ele, vai ser guiado por Ele próprio para o despertar dos obscurecimentos que o mundo tenta impor. E, noutras ocasiões, Ele vai revelar-se àquele que está adormecido de tudo e para tudo. Em todas as gerações e, até ao fim, isto acontecerá com inúmeros indivíduos, que são e serão guiados para a Via. Os Meus planos não são os vossos planos, os Meus caminhos não são os vossos caminhos e tanto quando o céu se acha elevado acima da terra, tanto os Meus planos e os Meus caminhos se acham elevados acima dos vossos. É assim que funciona. Ele faz o que quer e Lhe apetece, independentemente da pretensão humana.

A memória de Jesus apavora qualquer déspota.

Despotismo precisa de pessoas plácidas, inactivas, ignorantes.

Logo, déspotas perseguem não apenas Cristãos reais, mas também meros crentes rituais. A memória de Jesus é aterrorizadora para qualquer sistema despótico. Uma despotismo depende sempre da redução do público a um mínimo denominador comum, de maus sentimentos, ignorância, más relações. Esse é o pântano no qual o sistema despótico pode rebolar, alimentar-se e engordar. É claro que isto inclui um despotismo global, a Aldeia Global, a grande Torre de Babel construída com base em "slime", a equalização de toda a vida humana ao mesmo patamar de mediocridade consensual. Esta é a própria antítese dos valores bíblicos, encarnados em Jesus. O homem e a mulher que sejam seguidores *reais* de Jesus vão ser pessoas de acção, honestas, verdadeiras, justas, corajosas. Vão chamar o poder à responsabilidade. Vão ser pessoas incómodas para qualquer despotismo. E vão ter Deus do seu lado. Déspotas preferem negar Deus, como forma de não terem de sentir a necessidade de responder pelos seus; em alternativa, podem flexibilizá-lo à medida da sua própria mediocridade. Mas, vamos ser práticos: todos nós sabemos, nem que seja bem lá no fundo, que Deus existe e que existe julgamento. Que todos os crimes são julgados; que nem um só é deixado por pagar. Que as pessoas podem viver as suas vidas como animais, mas é como humanas que serão julgadas. Isso inquieta a mentalidade despótica. É possível que seja a coisa que mais a inquiete, esse factor incontrolável de imprevisibilidade e de responsabilização. Dos tempos babilónicos à era global actual, os déspotas odeiam e temem toda e qualquer ideia de Deus. Esse é um dos motivos essenciais para que persigam não apenas os praticantes reais mas, também, os meros crentes rituais.

Despotismo socializado global não pode tolerar memória de Deus ou de Jesus.

Igreja, protestantes, Israel, todos terão de ir.

O padrão de guerra mundial a eclodir na Ásia Central. Um sistema despótico não pode tolerar que continue a existir qualquer noção ou memória de Jesus Cristo ou, sequer, de Deus. Um mundo socializado não tolerará a Igreja, por mais diluída e dissoluta que ela seja. Parcerias de negócios esquivas são isso mesmo, parcerias de negócios esquivas. Servem propósitos temporários e provisórios, após os quais são elas próprias dissolvidas, no momento em que um dos parceiros leva o outro para detrás do celeiro e lhe dá um tiro na cabeça. A Igreja já está a ser levada para detrás do celeiro. A parceira global preferencial é também o "culto patriarcal" que, durante tanto tempo, "encorajou escravatura", "repressão das mulheres", "brutalidade", "censura", "fascismo"? E são

factos, ou não? Os desvios à Via são sempre punidos, e Deus faz sempre a retribuição directa dos crimes. O crime perpetrado volta sempre para perseguir o criminoso. Assim é com todas as civilizações e com todos os indivíduos. Assim foi com Israel, Judah e Jerusalém. Assim será com a Cristandade, até se completarem os tempos dos pagãos. Mas a Igreja não irá sozinha. Outros parceiros irão. A memória de Deus, seja ela cultural ou até genética, não pode ficar. Israel não existirá, num mundo genuinamente global. O Islão também não. As mega-igrejas protestantes também terão de ir. *Sorry boys*. Foram parceiras sociais úteis, para promover a evisceração do Cristianismo protestante, guerra, tortura, mas agora acabou-se. Isto será feito de várias formas. Existem vários resultados a surgir da grande vaga mundial de conflito que está a geminar no Próximo Oriente e na Ásia Central. Colapso económico, putsches jacobinos, choques geopolíticos, guerra, genocídio. Existe muita acção programada para as próximas décadas de harmonia global.

Resultado final da corrida para o fundo é gnosticismo puro.

A antecâmara do inferno na Terra. Tivemos a nossa reunião global facilitada, encontrámos os nossos pontos comuns, implementámos os nossos eidolons, e tivemos a nossa corrida para o fundo. O que encontramos no fundo? É muito simples. Qual é o resultado final e absoluto do processo de degradação que tem início na rebelião no Jardim? Esse resultado final são as formas declaradas de gnosticismo. São *standard* e definidas por valores como aristocracia, elitismo, duplicidade, exploração, fraude, violência. É a Religião Perene, a religião das 1000 caras, que se caracteriza por inúmeros jogos fraudulentos de percepção. É o culto da Serpente, do "deus" hermafrodítico Astarte/Moloch, o "deus" que dança para trazer destruição e moldar a vida à sua imagem (falsificação). No passo final, o praticante descobre que ele próprio é "deus". É ele quem decide o que é bem e mal, e é ele quem decide quem vive e quem morre; com a aprovação e o apoio do grupo de "deuses" no qual está integrado. Passou a ser um Olimpiano, um semi-deus na Terra. Está rodeado de outros Olimpianos, com os quais poderá colaborar, se isso for de interesse utilitário mútuo, ou que poderá esventrar e destruir, se isso for de sua vantagem. Este passo final é caracterizado pelo mais total cinismo, vazio, descrença, horror, degradação. É a aceitação plena do Inferno ainda em vida, e a aceitação de que o indivíduo iluminado é aquele que veicula o Inferno para a Terra, o Inferno que reside no seu próprio coração corrupto, sedento de poder. Este Inferno é uma antecâmara para o Inferno real, que o praticante não aceitará sequer que existe. Esta é a fase de "iluminação que cega", como lhe chamam os "sábios" Sufi, peritos em troça subtil. Este anjo de luz efectivamente *cega*. E mata. O anjo de luz não tem amigos, ou discípulos favoritos. Apenas objectos de ódio, inveja, dominação e utilidade temporária. Mas é inútil, e fútil, pensar num anjo de luz concreto *per se*; o que interessa é a expressão que este *eidolon* assume no coração humano individual. É aí que reside a perversidade que *age* no mundo.

Choose.

Isto não precisa de acontecer / arrependimento / seguir Jesus. É claro que isto não precisa de acontecer. Aceitar o arrependimento sincero, como simbolizado por João Baptista, e depois seguir inequivocamente Jesus são, e sempre foram, as soluções.

As más profecias descrevem processos gerais de precipitação humana de catástrofes.

Existem para ser contrariadas por boa acção humana / e.g. Nineveh. As más profecias são muito importantes, mas existem para que os homens possam ter o bom senso de as contrariar no seu tempo. As más profecias descrevem o processo histórico e humano pelo qual as catástrofes acontecem, quando as pessoas se tornam demasiado vazias, medíocres, criminosas, para não parar o processo. Uma má profecia pode acontecer num tempo presente, mas também pode ser adiada, como acontece no livro de Jonas, quando Nineveh se arrepende dos seus muitos crimes e recebe, portanto, um adiamento à sua própria destruição.

Igreja pode regenerar-se (completamente) para curar as feridas do mundo. A Igreja está em condição privilegiada de curar as feridas do mundo, desde que assim o queira. Se o quiser fazer, terá Deus do seu lado e será imbatível. É provável que seja a organização com mais poder potencial, em todo o planeta. Instituições espalhadas em todos os continentes e países, 1 bilião de crentes, poder de influência, poder político, poder económico, directo e indirecto. Um conjunto de medidas fortes, pelo Papa, podiam mudar o mundo num mero conjunto de dias. A Cadeira de Pedro é o único posto no mundo que tem esse poder efectivo. É tempo de ser harmonizada com Deus. Economia e diplomacia e, também e essencialmente, libertação do *Cristianismo*. O bilião de católicos receberem a verdade sobre a Via como é, aliás, o dever da Igreja.

Aí, haverá adiamento / caso contrário, as coisas acontecerão já.

A nova Jerusalém será construída por Jesus, sobre a Via. Aí, o mundo terá uma chance, um adiamento. Caso contrário, as coisas sucederão *já*, como foram escritas. Pedro terá negado a Jesus por três vezes, em nome de dissolução no mundo. Finalmente, cairá por terra, desfeito, reduzido a um nada. Humilhar-se-á. E a madrugada chegará. Aí, os que tiverem sido sensatos resplandecerão como a luminosidade do firmamento, e os que tiverem levado muitos aos caminhos da justiça brilharão como estrelas com um esplendor eterno. Os restantes, serão entregues à sua própria escolha. Toda a iniquidade, toda a prostituição, toda a dissolução, serão eliminadas e entregues à sua própria sorte, no seio daquilo por que optaram. A Esposa será renovada, e será forte, robusta, vigorosa, irredutível. Terá a companhia do Esposo, o Cordeiro, que iluminará todo o mundo. Aí, já não haverá mais desvios, porque a nova Jerusalém será construída sobre a Via.

Consenso e dialéctica [notas dispersas]

A dinâmica geral da sociedade consensual é o mínimo denominador comum.

Consenso (1): Going along to get along / ser maria-vai-com-as-outras / dissolução / conformismo.

Consenso (2): Descida a mínimo denominador comum institucionaliza mediocridade.

Consenso (3): A sociedade consensual é sempre um sítio estagnado e sufocante.

Um patamar comum, self colectivo, prescreve normas de ser e comportar-se.

Ambientes consensuais são sempre o mesmo, da tribo urbana à clique oligárquica.

Convergência num mínimo denominador comum implica dissolução.

Ajustamento dialéctico / a formação de self colectivo / conformidade prescritiva.

A identidade consensual prescreve um código de "serás".

"Serás" exige despersonalização, dissolução no colectivo – colectivização mental.

Imaginação dialéctica (1): egoísmo de grupo, epistemológico e moral.

Imaginação dialéctica (2).

O peso para o sujeito: sufoco, despersonalização, problemas psicológicos.

Culture victims atam-se mutuamente entre si e ao chão / a galera romana.

O grupo consensual é um ingroup identitário.

Ambientes consensuais são intolerantes.

A dinâmica do consenso dialéctico: aprender a mentir em nome de ego.

A dinâmica do consenso dialéctico: going along to get along.

Pragmatismo moral: o caminho é sempre para baixo.

A redução ao Mínimo Denominador Comum / a dinâmica das hienas.

Estagnação intelectual, cinzentismo, monotonia.

Estagnação intelectual / o sufoco do espírito humano / Gulliver e Lilliput.

O predomínio de falsidade interpessoal, calculismo, uso mútuo.

Psicodinâmica sado-masoquística, dialéctica mestre/escravo [zombie invasion].

“Virtude” – Mythos narcísico.

“Virtude” – “encontrar beleza em espaços mortos”.

“Virtude” – A cristalização num código moral plenamente invertido.

“Virtude” – A tentativa de purgar individualidade.

“Virtude” – A normalização de falta de carácter.

“Virtude” – Forma vs substância.

“Virtude” – As duas faces de Alex De Large.

“Comportamento moral” [bee hive or], por oposição a “acção moral”.

Conformidade consensual implica que existe policiamento mútuo, repressão.

A nova Mãe, o novo Pai e a grande família disfuncional [JUNG].

A Torre de Babel – Sodoma e Gomorra – Legião – O feixe atado de joio.

Oligarquia OU os lowlifes são os highlifers.

Aqui, os lowlifes são os highlifers – A Oligarquia.

Sob oligarquia, existe sempre uma política geral de obscurantismo.

O “nós” oligárquico odeia e ama o indivíduo.

Consenso em decision-making.

O *real* método de consenso.

“O novo consenso”: impor corporate change por engenharia psicossocial.

Engenharia psicossocial, consensus building, T-group.

Educação / consensualização para mundo desumanizado.

Educação pós-moderna rotina crianças sob modelo Hitlerjügend / Brigadas Vermelhas.

A ideia demagógica de “harmonia” e “entendimento” por consenso.

Consensualidade não traz “paz mundial”, mas sim guerra mundial.

"Consensus building": Técnicas militarizadas para despersonalização.

"Consensus building": Arma de military intelligence, hoje a desfazer sociedade.

A sociedade enovelada, atada, amarrada – enforcada.

A plantação é a comuna e será a comunidade sustentável Agenda 21.

Destruição cultural para a imposição da comuna, o e.g. da China.

O "homem-besta", a criatura existencialista para trabalho forçado na comuna.

Sociedade dialéctica: corrida para o fundo – despotismo totalitário.

Sociedade dialéctica: destruída e destrutiva, como os sujeitos que a habitam.

A sociedade enovelada: inversão radical de valores para Fascismo Corporativo.

A sociedade presa em nós, laços e novelos.

Comunitarismo é sempre consensual e só pode ir para um lado.

De "do what you want" a "work hard for your fair share, trash"

De "do what you want" a "work hard for your fair share, trash".

Comunicação dialéctica, integrativa, consensual.

Comunicação dialéctica: Jogos de ego, orgulho e preconceito, violência relacional.

Comunicação dialéctica: Princípio de realidade vs. mimo, capricho, pretensão.

Comunicação dialéctica – O T-group e a sociedade a tornar-se num cuckoo's nest.

A história de Raquel (1): Firmeza de posição vs. dissolução em nome de egos.

A história de Raquel (2): As office yuppie hyenas tentam fritar Raquel.

A história de Raquel (3): HR management decide fritar Raquel.

Dialéctica.

Intolerância à contradição, um ponto de falha essencial na dialéctica.

O processo dialéctico surge como um anjo de luz, para retalhar as vítimas.

Estupidez auto-induzida, doublethink, teatro cognitivo

O teste da estupidez auto-induzida, por aceitação plácida de absurdos.

Estupidez auto-induzida, por imaginação dialéctica, calculismo sócio/emocional.

Teatro cognitivo.

Doublethink, mais complexo que teatro cognitivo.

Honestidade e desonestidade.

Honestidade e desonestidade / As trevas são apenas a ausência de luz.

Honestidade e desonestidade / Despotismo, a vitória de desonestidade e falsidade.

A dinâmica geral da sociedade consensual é o mínimo denominador comum

Consenso (1): Going along to get along / ser maria-vai-com-as-outras / dissolução / conformismo.

Consenso = "agora acreditamos no mesmo – é 'entendimento'".

Molde relacional típico sob autoritarismo. Consenso* é a "arte" pela qual duas ou mais pessoas aprendem a fazer going along to get along – conformismo social. É o molde relacional para o qual as pessoas são tipicamente "educadas" sob sistemas autoritários, visto que visa congelar as relações humanas numa mentalidade de conformismo e going along to get along. É o molde relacional que está a ser intensamente promovido nos dias de hoje. Cada criança que vai à escola é formatada para pensar, agir e se relacionar desta forma.

* [*na verdade, isto deve ser chamado de consenso dialéctico ou integrativo, uma distorção de real consenso; ver notas* ***Consenso e Dialéctica***].

Tese (**A**) e antítese (**B**) "resolvidos" por síntese (compromisso) (**C**). A ideia, sob consenso, é a conciliação numa posição comum partilhada, num patamar de entendimento comum, onde

acreditamos no mesmo. Isto acontece por meio de dialéctica relacional. Se eu tenho a posição **A** (tese), e tu tens a posição **B** (antítese), o que temos de fazer, sob consenso, é ser *flexíveis, adaptáveis, ajustáveis*, e seguir para *abdicar* das nossas posições **A** e **B** e assentar num *meio-termo*, num compromisso **C** (síntese).

E.g. **A** (roubar é errado) + **B** (roubar não é errado per se) = **C** (roubar é bom se for em contexto X).

A dissolve posição (going along to get along), i.e. torna-se **dissoluta**. Aqui, **A** e **B** podem ser muitas coisas diferentes. Podem ser princípios de acção moral. Podem ser princípios intelectuais. Podem ser modos de comportar-se, modos de falar, modos de sentir. Sob a dialéctica, é esperado que as pessoas *abdiquem* daquilo em que acreditam, daquilo que as define, em nome de *conciliação* num mínimo denominador comum relacional – **C**. Aqui, é preciso compreender que **C** é definido apenas e somente por ser o literal *meio-termo* entre **A** e **B**, uma espécie de área híbrida, definida por uma mistura de elementos de **A** e de elementos de **B**. Se tu dizes que roubar é errado e eu digo que roubar não é um acto intrinsecamente errado, então encontramos **C** em algo como roubar é adequado se for nesta ou naquela situação. Agora temos *consenso* – agora acreditamos no mesmo. *Dissolvemos* posição em nome de entendimento numa área cinzenta comum, num shallow state; tornamo-nos *dissolutos* (tu infinitamente mais que eu). Going along to get along.

E.g. **A** abdica de verdade factual, adopta **C** (**mentira** consciente) para se "dar bem" com **B**.

E.g. **A** não o faz, e **B** rotula-a de "orgulhosa", "intolerante", "extrema", "rígida". Se tu dizes que o governo Nazi pegou fogo ao Reichstag para poder estabelecer um estado policial a seguir, e eu argumento que não, o fogo foi apenas um acidente porque nenhum governo faria um ataque auto-infligido para justificar opressão; então é de bom tom que concedas que talvez tenha sido um acidente, que depois, por este ou aquele fenómeno, resulta nas leis que levam ao estado policial. O facto é que tinhas toda a razão, tinhas a verdade factual histórica do teu lado, mas *dissolveste*, *diluíste* a tua posição para me agradar. Se me disseres, uma vez mais com razão factual, que a Grande Recessão global de 2008 em diante foi causada pela alta finança, e eu ficar indignado contigo e te disser que não, a banca é uma instituição respeitável e competente, e a crise é toda um grande acidente, precipitado por más decisões nas finanças, e por haver muitas pessoas a receber da Segurança Social; então é de bom tom que *não sejas extrema* e encontres um meio-termo comigo em dizer que sim, foi um mishap, foi um acidente com muitas culpas partilhadas, vamos trabalhar todos juntos para encontrar formas de cortar drasticamente welfare a toda aquela gente que foi tornada dependente disso para sobreviver. Se, porém, te fixares na tua posição, porque sabes que tens a verdade do teu lado (e tens), isso significa que estás a ser *orgulhosa*, *extrema*, *não dialogante*, talvez até *intolerante*. Será que és racista?

E.g. se **A** já fizer a vontade a **B**, já está tudo bem, há consenso, "acreditamos no mesmo". Porém, se *dissolveste* posição para te dares bem comigo na relação, isso significa que te tornaste *dissoluta*, e até mentirosa, porque sabes que estás a retorcer aquilo que sabes ser verdadeiro em nome de "entendimento" com um qualquer personagem. E agora sim temos consenso – i.e. acreditamos no mesmo.

Mentalidade dialéctica é nihilista / verdade independente é irrelevante / só "verdade social" conta.

Power ideology / quem define o consenso social são sempre os creeps at the top. A mentalidade dialéctica é nihilista, e não contempla a importância ou relevância de quaisquer critérios independentes de verdade e de validade. Toda a "verdade" é situacional e contextual, arbitrariamente definida no social, pela determinação de meios-termos. Por outras palavras, é irrelevante o que *é* verdadeiro, o que conta é aquilo que tu e eu podemos declarar como tal. Tu abdicas de verdade em nome de dissolução na minha falta de carácter moral (o ex. do roubar) e do meu irracionalismo (restantes exemplos) e encontramo-nos numa área cinzenta, estagnativa, de dissolução moral e intelectual. É consenso!, agora acreditamos no mesmo. É união!, é harmonia!, é entendimento [e tudo isto é power ideology, já que quem define o consenso social são sempre os creeps at the top].

Consenso dialéctico (ego, orgulho) vs. **Consenso legítimo** (honestidade, descentração).

"Entendimento" é um misnomer / ego e orgulho são o que está em causa.

"Diluir posição em nome de relação", onde relação significa **ego**, orgulho.

Mente desonesta vê conversa como "batalha de ego" / perder ou vencer / ter validação, feelgood.

Compromisso é **empate** (solução "justa").

Real feelgood só existe em relações humanas honestas e equitativas. Entendimento é sempre um termo enganador e mal atribuído, um misnomer. O que está em causa é ego, e orgulho. Duas pessoas que sejam intelectualmente honestas, descentradas e humildes vão tentar perceber, por meio de lógica e racionalidade, qual é a posição que está *factualmente* correcta, se **A** ou **B**, e até podem descobrir que é um **D**; não conseguindo chegar a uma concordância, podem concordar em discordar e continuar amigas – **isto**, em qualquer um dos cenários, é uma forma válida e legítima de consenso. *Mas não é consenso dialéctico, ou integrativo*. Essa forma de consenso só pode existir perante um funcionamento humano que seja arbitrário, injusto e intelectualmente desonesto. Quando as pessoas assim são, vão tender a encarar os debates e as discussões como lutas, como batalhas de ego, onde se ganha ou se perde. Tudo o que interessa é *ganhar* ou, falhando isso *empatar*. *Aqui, empate é a situação mais "justa"* (e é isso que o consenso dialéctico institucionaliza), porque valida os "sentimentos" de ambas as partes – o seu orgulho egóico. Ambas se sentem "validadas". Existe "feelgood"; uma forma muito especiosa de macilência relacional. Real feelgood só existe em relações que funcionam numa base de honestidade e descentramento.

E.g. dissolução moral em questões de tortura, shock and awe, etc.

Encontramos meio-termo dissoluto de validação mútua.

Ambos acreditamos no mesmo, tornámo-nos cassetes um do outro. Por ex. tu dizes "torturar é invariavelmente mau", ao que eu respondo "torturar é positivo e justificado nos dias que correm". A conversa decorre e não chegamos a um acordo. Aqui, poderemos ser acusados de ser "pouco dialogantes", "rígidos", "inflexíveis", mas tu mais que eu, uma vez que estás a fazer uma afirmação moral absoluta ("torturar é invariavelmente mau"). A forma de resolver isto, por regras consensuais, é chegar a um meio-termo onde torturar é mau, mas pode justificar-se nesta e naquela ocasião. Depois podíamos avançar daí para actos como executar prisioneiros de guerra, roubar territórios e

recursos, bombardear aldeões inocentes, e assim sucessivamente. Para todas estas situações, encontraríamos um meio-termo confortável que nos faria sentir validados e *cozy* no ambiente relacional; ambos acreditamos no mesmo, tornámo-nos cassetes um do outro.

Going along to get along / ser **maria-vai-com-as-outras** / isto torna-se compulsivo. É claro que tu terias diluído a tua posição (justa e moralmente verdadeira) com a minha degeneração moral ("pragmatismo moral"), e tê-lo-ias feito em nome de going along to get along. Serias uma maria-vai-com-as-outras, e tudo para me agradar, a mim que seria um pobre degenerado. Ao diluir, ao dissolver a tua posição para obter entendimento comigo (!), terias dado a tua aquiescência a actos criminosos e sociopáticos – ter-te-ias tornado uma pessoa *dissoluta*. É isto que é feito a todo o público, hoje com capacidade industrial, a crianças pequenas, adolescentes, adultos, idosos. Todos têm de demonstrar "flexibilidade moral", "pragmatismo moral", degeneração moral!, sob pena de serem considerados "antisociais", "desajustados", "inflexíveis". Como na China comunista e na URSS ou, sob rótulos diferentes, na Alemanha Nazi.

E.g. o jogo de ancas sobre **Maoísmo** e genocídio / dissolução psicopolítica.

Aqui, pessoa abdica de cabeça (honestidade intelectual, verdade histórica) em nome de relação.

Dissolução implica que a pessoa **aprende a mentir**.

Fá-lo para agradar a um poor manipulative sap. Continuando com a conversa hipotética. Após o triste compromisso sobre tortura, shock and awe e tudo o resto, é possível que eu te começasse a falar das glórias ambrosianas do Maoísmo. Tu ficarias atónita e observarias, com razão, que comunismo é um regime de crime organizado que, entre muitas outras coisas, matou 80M de pessoas entre a ascensão de Mao e o fim da revolução cultural. Eu ficaria extremamente indignado contigo, e alegaria que toda a ideia de genocídio é propaganda, é tudo mentira!, já que socialismo é o mais avançado e o mais humano de todos os sistemas. Aqui, estaria apenas a fazer o papel recorrente em lemmings ideológicos; a pessoa nega os mais concretos e objectivos dos factos, em nome da sua religião, do seu dogma emocional e psicopolítico. A conversa perduraria ao longo das mesmas linhas e ficaríamos "presos" na situação. Mas já aprendemos como sair deste sítio não é? Vamos lá fazer o jogo de ancas, vamos ser flexíveis, vamos validar-nos mutuamente. Improvisemos para obter um patamar comum confortável, feelgood, eu estou titilado tu estás titilada, sentimo-nos bem, está tudo óptimo. Eu abdico *um pouquinho* da minha posição e digo que sim, Mao nem sempre agiu bem, mas foi tudo com boas intenções, na verdade foi por amor, foi para chegar à Utopia. Tu também fazes cedências, assumes que estás a ser mais ou menos "radical", mais ou menos "extrema" (!), e que sim, ok, não foi bom, mas até foi por motivos nobres, e quem sabe, talvez até nem tenham morrido tantas pessoas, por ser que seja só exagero... Chegamos a um meio-termo confortável onde os Maoístas já não são bestas monstruosas, mas sim pessoas interessadas em avanço civilizacional, embora sejam algo trapalhonas, até ingénuas, no modo de lá chegar! Mais que isso, existe aqui uma outra ideia, mesmo que nenhum de nós a declare, e essa é a de que os fins justificam os meios – e que os meios podem ser atrozes.

Talvez não o percebas, mas tornaste-te muito dissoluta nesta conversa. Para obter feelgood na relação, e agradar-me, abdicaste de princípios de honestidade intelectual e de factualidade histórica. Abdicaste de parte da tua cabeça em nome do espaço relacional, em nome de going along to get

along, e entregaste-a às mãos do meu nonsense sofístico. É muito provável que saias da conversa a acreditar no nonsense do compromisso; no mínimo, já não terás os mesmos arrepios na espinha quando ouvires falar de Mao Tse Tung. Eu, de duas uma. Se acreditava realmente no tipo de parvoíce que estava a defender, também me tornei dissoluto, embora seja dissolução em dissolução, de uma forma de desonestidade intelectual para outra (chapinhar no charco estagnado). Mas o mais provável (dado o meu perfil espécifico) é que eu já fosse inteiramente dissoluto e apenas tivesse usado isto como uma forma de fazer o one step back, two steps forward; faço uma cedência aparente para te pré-converter ao meu dogma. Vivo obcecado com sociedades científicas, ditaduras managerial, revolução cultural, purgas existencialistas dos pais, etc., e quero ensinar-te a apreciar toda a beleza do campo de concentração.

Quando nos tornámos dissolutos, tornámo-nos objectivamente *mentirosos*, em nome de feelgood (com toda a probabilidade, eu já o seria, mas induzi-te a fazer o mesmo). E é claro que o facto – a verdade histórica – é mesmo o que disseste, o comunismo é um regime de crime organizado que assassinou 80M na China no espaço de uma mera geração.

Consenso (2): Descida a mínimo denominador comum institucionaliza mediocridade.

Ambiente consensual é um no qual dinâmica do consenso é hegemónica.

Transversal a todos os domínios da vivência e da relação humana. Um ambiente consensual é um no qual essa forma de funcionamento (atrás descrita) se tornou hegemónica, i.e. transversal a todos os domínios da relação e da vivência humana. Aqui podemos estar a falar de qualquer tipo de ambiente humano: grupos, escolas, locais de trabalho, até uma sociedade inteira.

Consensualidade é a redução a um mínimo denominador comum.

A formação de um self colectivo / código normativo e prescritivo de "serás".

"Pensarás", "sentirás", "farás", "dirás". Tudo isto despoleta uma dinâmica sistémica de encontro em meio-termos; uma grande dinâmica de dissolução colectiva na direcção de uma homeostase em comunalidades. Disto surge uma forma de mínimo denominador comum (**MDC**), e este MDC tende a ser todo-o-terreno, para abarcar o modo como as pessoas *são* (e.g. o que pensam, os seus valores morais, o que sentem) e o modo como *se comportam* (e.g. o que fazem, como fazem, o que dizem). Daqui é gerado um código colectivo de *ser* de *se comportar* (um código de **"serás"**). Sob osmose social e pressão de pares, não demora muito até que este código de torne normativo e, com efeito, prescritivo. É esperado que as pessoas o interiorizem e a ele *se moldem*; ou a ele *sejam moldadas*, sob o martelar da pressão social. É uma forma de self colectivo, uma identidade sintética de criação social, à qual é esperado que o indivíduo se ajuste. Conformidade social. O ambiente humano passa a ser definido por este patamar comum, onde "todos estamos em harmonia", "em entendimento", onde todos abdicámos daquilo em que acreditamos e daquilo que somos em nome de ajustamento social, onde nos tornámos dissolutos.

Ambientes consensuais: conformismo / repressão de inovação e de individualidade.

Dissolução de standards de acção moral e de princípios epistemológicos.

Estado de dissolução partilhada em todos os domínios de vivência, relação / **"serás"**.

Patamar de **mediocridade** socialmente partilhada / transmitida por **pressão e osmose social**. Todos os ambientes consensuais são ambientes definidos por norma colectiva; como tal, são naturalmente dominados por conformismo e por graus variáveis de repressão de inovação e de individualidade. Mas, mais que isso, são dominados por uma dinâmica de encontro e homeostase relativa num *mínimo denominador comum* societalmente partilhado. Houve *dissolução*. Princípios intelectuais (epistemológicos) e standards de acção moral foram descartados para permitir ajustamento mútuo entre múltiplas pessoas. As pessoas foram tornadas gradualmente *dissolutas*, até ao encontro no novo código normativo de *ser* e *comportar-se* (identidade colectiva num **"serás"**, de carácter prescritivo), que "regula" o que as pessoas pensam, sentem, como se comportam, como falam – etc. Um *estado de dissolução partilhada*, transmitido e "imposto" (às vezes isto é literal) por pressão de pares e osmose social. Dissolução a um mínimo denominador comum significa encontro num (*não há outro modo de colocar a questão*) patamar de mediocridade socialmente partilhada. E, mais que socialmente partilhada, normativizada no novo código social.

Consenso (3): A sociedade consensual é sempre um sítio estagnado e sufocante.

A redução ao MDC gera mediocridade, degradação, estagnação a toda a linha.

Consensualidade, uma prisão mental socialmente imposta. E, sem dúvida, é isso que vai sempre definir os ambientes consensuais que, quanto mais consolidados forem, tanto mais *medíocres* serão. Este é o standard comum ao longo de toda a história. As pessoas tornam-se mediocrizadas e depois puxam-se umas às outras para *baixo*, por pressão e osmose social. Conformidade leva a repressão de criatividade, de inovação, e de individualidade. Empobrecimento mental torna-se a norma. A vida intelectual e criativa estagna; não existe espaço para pensamento independente e para novas ideias e soluções fora do espectro restritivo do consenso. O processo de dissolução moral sistémica leva à generalização de corrupção moral e à normalização de falta de carácter. Ser falso torna-se uma questão de adaptação e de boa etiqueta social. Com falsidade vem cinismo, oportunismo, hipocrisia; a purulência das emoções baixas e dos maus sentimentos. As pessoas tornam-se cobardes, mesquinhas, jocosas. Desnutrida, sem alimento, a confiança interpessoal tende a morrer, à medida que as relações humanas se tornam falsas, frias, utilitárias.

É isto que é consensualidade; uma prisão mental colectivamente imposta. Tudo o que fica é uma essência mirrada de falta de carácter, pequenez mental, estagnação e mediocridade a toda a linha.

Falta de carácter é depois racionalizada e até glorificada, como virtude.

Carácter é atacado, vilificado. Depois, essa sociedade vai inventar os mais variados mitos e pretensas para justificar, racionalizar e exaltar a falta de carácter. As sociedades consensuais cristalizadas vão transformar a falta de carácter em virtude! E.g. desonestidade passa a ser "esperteza", oportunismo torna-se sentido de oportunidade. Cobardia, mesquinhez e ausência de carácter tornam-se inteligência social e "pragmatismo", "flexibilidade". A pessoa notoriamente

falsa torna-se “sociável”, até “simpática” e, com efeito, falsidade e desonestidade tornam-se a norma social; traços socialmente adaptados e desejáveis. Em contrapartida, a real virtude tende a ser atacada e desacreditada. Em ambientes consensuais cristalizados, a pessoa corajosa é “atrevida”. A pessoa honesta é “inconveniente”, “ingénua”, “papalva”. Inteligência é sinónimo de “orgulho intelectual” e fortitude de carácter equivale a “arrogância”. A pessoa justa é “julgamental”, a pessoa verdadeira é “execrável”, “insuportável”, “inflexível”. E é assim que se tornam inimigos dos bons.

Outra linha de raciocínio é possível.

Aquilo que todos temos **realmente em comum** não é o lado melhor / são os maus sentimentos.

É mediocridade moral, intelectual, comportamental.

População: pessoas muito boas / maioria, no meio-termo / outras que são bad news.

Espaço consensual definido no meio-termo, mas puxado continuamente para baixo. Também podemos chegar ao anterior por outra linha de raciocínio. Consensualização é estabelecida pela convergência naquilo que todos temos em comum, aquilo que nos une a todos.

Aquilo que todos os seres humanos têm em comum não são os bons atributos (que custam a manter e a desenvolver). São os maus predicados. Aquilo que todos temos em comum não é a nossa coragem ou o nosso espírito de auto-sacrifício; é egoísmo e capricho. É facilitismo. É medo. É insegurança. É auto-interesse, oportunismo, e é também agressão.

Este, o lado mais “comum” da natureza humana, e é esse o lado que vai definir os ambientes consensuais, produtos de uma redução a toda a linha ao mínimo denominador comum.

Atributos como sabedoria, auto-sacrifício e coragem podem ser complicados de manter e de desenvolver de uma forma consistente ao longo do tempo. Ser bondoso e honesto nem sempre vai ser recompensado; com muita frequência, vai ser punido e desencorajado. Alimentar o mais completo respeito pelo próximo e um forte sentido humanitário implica um grau de exerção e de auto-sacrifício que nem toda a gente está disponível para adoptar. Ser uma boa pessoa implica acção, e acção implica trabalho, esforço, auto-dedicação e espírito de sacrifício.

Se as pessoas boas funcionarem como tese, vão encontrar a sua antítese nas pessoas más; uma parte significativa de qualquer população humana. Aqui estamos ao nível de pessoas nihilistas, desarranjadas, esgroviadas, sociopatas, psiquiatras, psicopatas, facilitadores, financeiros de topo, marxistas culturais, executivos neoliberais, e assim sucessivamente.

Depois, existe a larga maioria da população, sempre à volta de uns 80%, composta por pessoas que estão no meio-termo. São pessoas que tendem a ser simpáticas e correctas, boas pessoas, que tentam fazer o melhor por si e pelos seus, mas estão demasiado envoltas na espuma dos dias, a tentar passar por entre as gotas da chuva; portanto, tendem a levar tudo aquilo que esteja para além das suas esferas pessoais imediatas com um qb de apatia.

Esta maioria populacional no meio-termo tende a definir o espaço do consenso, mas o standard é continuamente puxado para baixo pelos chanfrados, que trazem a fluidez e o lucro aparente dos

maus instintos. É bastante mais fácil, e aparentemente mais rentável (*aparentemente*) ser ignorante, desonesto, dissoluto.

Um patamar comum, self colectivo, prescreve normas de ser e comportar-se.

Consenso implica o encontro de todos num patamar comum. O estabelecimento de um consenso consiste no encontrar de pontos comuns, de uma forma de mínimo denominador comum entre todos os participantes. Atinge-se consenso quando se encontra um patamar comum no qual todos os participantes estejam, de alguma forma, incluídos.

Ambientes consensuais definem relações humanas por consenso – ser e comportamento.

A pessoal consensual, o role model de consensualidade. Um ambiente consensual é um ambiente social onde as relações humanas são definidas pelo estabelecimento de consenso, para todas as suas dimensões da vivência humana; o que se *é* e como se *age*. O *ser* e o *comportamento*. Num ambiente consensual, existe sempre uma forma normativa (seja ela formal ou informal), consensual, de *ser* e de *se comportar*. Aí, existe a *pessoa consensual*, o role model de normatividade. A pessoa consensual *comporta-se* de forma socialmente *ajustada*. Tem as emoções *certas* nas alturas *apropriadas*. Tem ideias *aceitáveis*. O mesmo acontece para o que diz, e para como o diz. A pessoa consensual é a pessoa socialmente ajustada, adaptada, encaixada na norma social. É a pessoa que interioriza essa norma predefinida e não se desvia dela.

Norma consensual expressa um código de conformidade social.

Esse código é prescritivo, integrativo e despersonalizante ("nós").

Dissolução do self numa nova identidade colectiva. A norma consensual expressa o patamar comum do consenso social, mas também um *código de conformidade social*. É prescritiva, definindo aquilo que é ou não aceitável. Também é *integrativa*, uma vez que visa obter a integração de *todos* no mesmo patamar comum de ajustamento e de conformidade social. É despersonalizante, uma vez que alcança a dissolução do *self* num novo *self* sintético, uma identidade de natureza colectiva. Sob esse novo self, o "eu" é crescentemente substituído por "nós", aquilo que "eu sou" e que "eu faço" é determinado pelo novo superego, a vontade do "nós", "a opinião do grupo", o consenso social. Como existe dissolução do *self* individual no colectivo, a pessoa torna-se tecnicamente dissoluta.

Ambientes consensuais são sempre o mesmo, da tribo urbana à clique oligárquica.
É irrelevante se o contexto consensual em causa é a tribo urbana "radical" ou o ambiente de trabalho desesperadamente monocórdico. Também pode ser a escola século 21, um espaço de monotonia, policiamento e abatimento do espírito humano desde a

infância (o tipo de estrago que é causado por UNESCO, educadores new age, parcerias público/privadas). Também pode ser o millieu de classe governante oligárquica, onde todos se policiam uns aos outros para assegurar que ninguém sai da linha; ou ainda o bairro comunitário, onde todos são pressionados à uniformidade. Todos são ambientes consensuais e todos são caracterizados pelo mesmo conjunto de normas de funcionamento social.

Convergência num mínimo denominador comum implica dissolução.

Dissolução moral, intelectual, emocional, discursiva, comportamental.

A pessoa torna-se **dissoluta**, descaracterizada, seguidista, banal. Sob consensualidade, os sujeitos são induzidos a convergir num mínimo denominador comum, um estado de homeostase humana que define o que *são* e *como se comportam*. Aí, o que se está a dizer é que o indivíduo humano tem de diluir a sua identidade no grupo. Tem de a *dissolver*, *diluir*, no moral, no intelectual, no emocional; no discursivo, no comportamental. Diluir a identidade pessoal significa que a pessoa tem, muito proverbialmente, de se tornar *dissoluta*, a todos os níveis apontados. *Dissolução* moral, intelectual, emocional. Seguidismo discursivo. Banalidade comportamental.

Ajustamento dialéctico / a formação de self colectivo / conformidade prescritiva.

Ambiente consensual, definido por ajustamento dialéctico num patamar comum.

Para tudo, um meio termo socialmente aceitável, redução a um denominador comum. Um ambiente (grupo, sociedade) consensual é um onde a forma de funcionamento atrás descrita, dialéctica, se tornou hegemónica. A dinâmica de encontro e de estabilização à volta de pontos comuns torna-se sistémica. É esperado que todos o façam, para todos os domínios da vida. Ajustamento mútuo é o critério cardinal, em tudo aquilo que as pessoas *são*, e *fazem*. Para tudo existe um ponto comum, um meio-termo socialmente aceitável – uma redução a um denominador comum.

Um patamar comum, homeostático, de ser e de comportar-se. O resultado desta dinâmica sistémica é a formação gradual de um patamar comum de *ser* e *comportar-se*, onde tooodos estão em homeostase. Integratividade é o objectivo; todos moldados a um plateau intermédio equalizante.

Identidade colectiva sintética / Conformidade prescritiva. Este patamar comum configura uma identidade colectiva artificial, que é esperado que todos adoptem e incorporem em si mesmos – “aqui está o nosso código”, “aqui está aquilo que todos somos, em que todos acreditamos, aquilo de que todos falamos e que todos fazemos”. E todos é todos, já que o ambiente *consensual* não o seria se fosse tolerante para com a diferença individual. É um ambiente baseado em conformidade prescritiva, onde as

excepções à norma são submetidas a pressão, seja por persuasão, por coerção, ou por ambas. “Consenso” só é tornado uma palavra simpática em sociedades em (ou a caminho de) deriva autoritária.

“Aquilo que nos define” – avaliação social, conformismo, seguidismo. “O nosso código”, “o nosso consenso”, “aquilo que nos define”, são os os standards pelos quais todos são *avaliados*. No ambiente consensual, o indivíduo é tanto mais válido (“valor social”) quanto mais estiver em harmonia com o “senso do grupo”, com o “senso comum”, com os “pontos comuns” que definem a “identidade consensual”. Por outros termos, conformismo e seguidismo.

A identidade consensual prescreve um código de “serás”.

Surge sempre um “serás” consensual: “pensarás”, “sentirás”, “farás”, “dirás”.

Exige formatação para conformidade, em larga escala.

Surge por contraposição ao código natural, simples e elegante, de “não farás”. A dinâmica sistémica do ambiente consensual abarca tudo aquilo que as pessoas são. Prescreve um código de “serás”: existem coisas que “farás”, que “pensarás”, que “sentirás”, que “dirás” e existe um “how to” para cada uma destas dimensões. O indivíduo é, por consequência, socialmente avaliado por aquilo em que acredita, o que pensa, o que sente. O que diz, o modo como o diz. O que faz, e como o faz. Tudo isto exige formatação mental e comportamental em larga escala, um exercício feio e vicioso, feito para produzir trauma, despersonalização e disfunção mental em larga escala. Depois, é claro que tudo isto surge em contraposição directa com a limpidez do código natural, prescrito por Deus, Yahweh, baseado em regras simples e elegantes de acção moral, um conjunto de “não farás”, para impedir a perpetração de crimes. Fora isso, ninguém tem nada a ver com o que a pessoa faz ou deixa de fazer, ou com o que pensa ou sente, ou diz. Mind your own business, I’ll mind mine. Honestidade, respeito mútuo, liberalismo. E é evidente que num ambiente caracterizado por estes valores, as pessoas tenderão a ser mentalmente sãs.

“Serás” exige despersonalização, dissolução no colectivo – colectivização mental.

Homogeneidade não tem de ser monolítica; pode haver miríades de nichos consensuais.

“O teu grupo, a tua atitude – o grupo que tu és”, e outros slogans deste género. A imposição de um “serás” significa que o self individual tem de ser socialmente moldado e ajustado em todas estas dimensões. Tem de ser diluído, tornado dissoluto no alinhamento com um novo self sintético, colectivo. Está-se, aqui, a falar de despersonalização; onde o self é descaracterizado para ajustamento a uma nova norma, aqui de natureza colectiva. Com efeito, a pessoa é mentalmente **colectivizada**. Quer se

queira quer não, é tornada similar a todas as outras no mesmo ambiente consensual. Agora, isto não precisa de ser homogeneidade monolítica. Uma mesma sociedade consensual pode conter dezenas, até centenas, de “nichos” consensuais, de millieus sociológicos de normativização humana. E cada qual pode ser definido pelo seu próprio *set* de normas existenciais; dentro dos limites que são definidos pelos engenheiros sociais que manobram a sociedade, claro. “Qual é a tua onda”, “qual é a tua praia”, “o teu grupo, a tua atitude”, “o grupo que tu és”, “a nossa identidade”, “o ambiente em que todos confiamos”, “o meio que nos define a todos nós”.

Imaginação dialéctica (1): egoísmo de grupo, epistemológico e moral.

Novas normas, coesas, porque exigem conformidade, imposta por pressão de grupo. O grupo humano unido pelas amarras da consensualidade pratica egoísmo de grupo, tanto no campo epistemológico como no campo moral. É no espaço do consenso que é definidos um novo conjunto normativo de crenças e de valores; muito difícil de mudar porque é esperado que todos o adoptem e preservem por meio de pressão de pares.

Imaginação dialéctica: aquilo que **nos** dá jeito é verdadeiro (factual e justo) e vice-versa.

[I.e. capricho e arbitrariedade ditam as regras de factualidade e acção moral]. True lies e lei fora da lei.

Pessoas aprendem a praticar psicose colectiva, onde X é verdade mesmo sendo mentira.

Mentira, falsidade e cinismo são normalizados e tornados critérios de adaptação social. Os critérios de verdade epistemológica e moral passam a ser aqueles que definem a identidade do colectivo. Aquilo que é agradável ao (ou, no mínimo, aceite pelo) colectivo tem por consequência de ser verdadeiro, bom e adequado. Aquilo que não o é, tem portanto de ser falso, mau, errado. A realidade objectiva dos factos é X, mas talvez o grupo ache que X é emocionalmente desconfortável, ao passo que uma versão alternativa, Y, parece ser mais aceitável. Portanto, Y passa a ser arbitrariamente tratado como sendo um facto verdadeiro, e X passa a ser encarado como sendo uma falsidade, independentemente de qualquer ónus de prova. Esta é aquela forma sufocante de psicose colectiva, pela qual todos sabem que algo é mentira, mas todos afirmam a pés juntos que é impensável que esse algo seja outra coisa senão a mais pura das verdades. Estes moldes dialécticos de funcionamento colectivo legitimam e normalizam o falso pretexto, a mentira, a invenção de expediente. Falsidade interpessoal e cinismo tornam-se realidades habituais na vida colectiva. Passam, até, a ser critérios de sociabilidade e de adequação social.

Imaginação dialéctica (2).

As duas proposições essenciais (agradável vs desagradável). A pessoa tipicamente dialéctica, como aquelas que na história de Raquel ficaram agravadas com ela por desafiar as ordens do gestor, tendem a ver o mundo com base em *imaginação dialéctica*, um termo hegeliano para embelezar alienação e desonestidade intelectual. Seja como for, as duas proposições essenciais sob imaginação dialéctica são as de que: (a) aquilo que é agradável e conveniente a mim ou ao grupo só pode ser bom, verdadeiro e justo; e (b) aquilo que é desagradável e inconveniente a mim e ao grupo tem de ser mau, irrelevante, falso, injusto.

Mentalidade adquirida sob consensualidade, going along to get along.

O novo princípio de realidade, entre “ego” e “nós”. É claro que isto é pura e simples alienação do real, se não mesmo desonestidade intelectual, quando é feito de modo deliberado e consciente. Esta mentalidade é adquirida através da exposição contínua ao processo de ajustamento mútuo na dialéctica. Quando tudo o que interessa é *relação*, o going along to get along, a dissolução de crenças e de valores pode alcançar níveis bastante radicais, ao ponto de eliminar todo e qualquer conceito independente de veracidade, factualidade ou acção moral. Passa a existir um novo princípio de realidade, centrado algures entre o ego pessoal e o “ego do grupo” (a opinião popular, a vontade colectiva). Mas é claro que o ego pessoal está profundamente socializado no ego do grupo, integrado no “nós”; e é em larga medida uma função dessa identidade colectiva. A pessoa extremamente socializada foi despersonalizada. Perdeu a cabeça, entregou-a ao self colectivo.

O grupo consensual recria regras epistemológicas e morais à sua própria imagem.

Aquilo que desagrada ao grupo tem de ser desconfirmado / mau, irrelevante, falso.

E.g. a mentalidade de gang / o gang oligárquico de Aristóteles.

AT e no NT versam repetidamente sobre a incrível degeneração do consenso. O processo de consensualização implica a dissolução a um mínimo denominador comum de funcionamento mental, moral, discursivo. O colectivo vai funcionar como uma espécie de self auto-contido e auto-propelido, que recria regras epistemológicas e morais à sua própria imagem, de acordo com caprichos e expedientes. O que acontece é que aquilo que não é agradável ou aprazível ao grupo e aos indivíduos colectivizados que o compõem tem de ser desconfirmado. Tem de ser provado mau, irrelevante, e falso. Um facto desagradável *não pode* ser um facto; *tem de ser* uma falsidade, uma irrelevância; algo que é mau e desarmonioso sequer mencionar. O grupo consensual vai ter, por consequência, uma perspectiva do mundo que é muito baixa, limitada e auto-centrada (no grupo); o termo técnico apropriado é narcísica. Um exemplo mais ou menos extremo disto é a mentalidade de gang. Uma forma mais sofisticada de mentalidade de gang é a mentalidade oligárquica, bem caracterizada por Aristóteles. O Antigo e o Novo Testamentos estão repletos de passagens e de histórias relativas ao egoísmo colectivo vicioso do grupo consensual. Esta é a mentalidade que cerca e rodeia

Israel ao longo do AT e é isto que se instala sempre que o próprio Israel se torna criminoso.

Fariseus e restantes oligarquias consensuais auto-intituladas.

A necessidade farisaica de desconfirmar Jesus, prová-lo mau, falso, irrelevante.

Perseguições a Hebreus, reais Cristãos, etc. Por exemplo, este é o tipo de mentalidade que é encontrada nos fariseus. Jesus era-lhes desagradável, portanto tinha de ser desconfirmado, provado pervertido, errado, irrelevante. Daí, os fariseus passam o tempo inteiro a tentar armadilhar Jesus (o leão cobarde que ronda, à espera de devorar) até, por fim, ordenarem a crucificação. O mesmo tipo de regime que antes acontecia com os profetas ou com os hebreus no exílio e o sistema que a partir daí acontece com Hebreus e reais Cristãos pela mesma medida. Mas é de resto o modelo habitual em sociedades consensuais, comandadas por feixes de oligarcas corruptos. É isto que acontece quando as pessoas sacrificam critérios de acção moral, veracidade e factualidade em nome de poder social, boas relações, caprichos, expedientes. É o que acontece quando as pessoas se degradam em conjunto, quando dão o abraço de grupo para facilitar o salto no abismo.

O peso para o sujeito: sufoco, despersonalização, problemas psicológicos.

O peso para o sujeito / sufoco / despersonalização / dissociatividade intrapsíquica. Tudo isto vem a um custo bastante pesado para o indivíduo, que é submetido a enormes pressões psicológicas, sob consensualização. O exercício de ajustamento e submissão a normas grupais arbitrárias implica um grau bastante elevado de despersonalização. O indivíduo não pode ser ele próprio e sente-se compelido, forçado, a sufocar todas aquelas partes de si mesmo que entram em conflito com a norma colectiva. A termo, este exercício dá sempre origem a problemas psicológicos graves, dos quais o mais evidente e ubíquo é a generalização de depressão e de traços dissociativos. Dissociação intrapsíquica é o resultado óbvio da internalização consciente e sistemática de falsidades relacionais. Mas é também o resultado da interiorização do irracionalismo epistemológico atrás apontado; a submissão à lógica distorcida do colectivo face a face com uma realidade contraditória.

Disseminação de problemas mentais na sociedade. A expressão extrema de dissociatividade intrapsíquica é, claro, psicose, e este é apenas um dos problemas psicológicos que se tornam comuns entre a população com a generalização do processo de consensualização. Com efeito, o aumento exponencial de problemas mentais, na sociedade, é uma das consequências óbvias deste sistema de coisas.

Pessoas não são pedaços flexíveis e moldáveis de plasticina.

Brincar com a mente humana é um acto criminoso, especialmente sobre crianças. Um ser humano não é um naco de plasticina, ao qual se possa fazer reset e impor

diluições/abdicações de personalidade e de individualidade, em nome de "harmonia", de poder, controlo social, ou do que quer que seja. É preciso ter o mais frio desrespeito pela vida humana para se promover este tipo de funcionamento na sociedade. É preciso ter um carácter criminoso para aderir a este tipo de filosofia e para a pretender impingir existencialmente, forçar, sobre actores ingénuos – especialmente quando falamos de crianças pequenas, que hoje são bombardeadas com doses extremamente violentas deste tipo de blitz psicossocial.

Culture victims atam-se mutuamente entre si e ao chão / a galera romana.

Colectivização mental, uma forma de rapto mental, roubo de identidade. Colectivização mental é dissolução, mas também mindnapping, roubo mental, visto que é isso que acontece quando a identidade individual é fundida com um self sintético colectivo.

Culture victims atam-se mutuamente ao chão, sob obediência a normas sintéticas. Depois, as várias culture victims policiam-se mutuamente, mesmo que isso seja um exercício soft e involuntário, para assegurar que ninguém desobedece à identidade colectiva. Incentivar consensualidade é a forma pela qual se persuadem populações inteiras a estagnação auto-imposta. É a forma pela qual as pessoas se atam e prendem entre si, ao chão, para que ninguém levante voo.

A metáfora da galera romana. Este é o sistema mais eficiente de prender escravos. Já nas velhas galeras romanas, os escravos que remavam na câmara lá em baixo estavam sempre acorrentados entre si e depois as correntes ficavam presas a grampos no chão. Tudo isto é uma boa imagem para comunitarismo, onde todos estão no mesmo barco, a remar para o mesmo lado, atados entre si e ao chão, numa câmara escura sem vista para o sol. Depois, os vários escravos levam chicotadas estratégicas. Quem não gostar de todo o regime leva chicotadas bastante mais graves ou é simplesmente atirado borda fora. Os oficiais do navio estão essencialmente ao nível de eunucos e o capitão, com alguma importância na estrutura de estado (geralmente militar), é um empregado para os mercadores ricos que operam o sistema de galeras do imperium.

Não é que o sistema das galeras tenha sido implementado para engenharia social. Este funcionamento em consenso acontece de modo muito natural, mas os princípios que lhe subjazem são aplicáveis aos mais variados domínios.

A mente individual que é presa e atada por nós e por laços, socialmente partilhados. Conceba-se também a imagem onde a mente individual é aberta, para ser depois atada e presa por nós e por laços, com as restantes mentes à sua volta. Depois, o conjunto destes nós e laços forma um continuum imagético – uma grande rede – atravessada pelas mesmas cores, tonalidades, brilhos, e até pelas mesmas vozes e pelos mesmos soundbytes. As várias mentes assim ligadas entre si não estão a "partilhar". Estão a prender-se mutuamente. Estão a ser atadas e a atar as restantes a uma mesma rede.

O grupo consensual é um ingroup identitário.

Set cristalizado de crenças, valores / egoísmo de grupo / adversariedade com outgroups. O grupo consensual tem uma identidade própria, definida pelo seu próprio conjunto de crenças, valores, hábitos, etc. Quanto mais integrado e coeso for, i.e. quanto mais avançado o processo de consensualização estiver, tanto mais cristalizada será essa identidade. Com o tempo, surgem mitos colectivos, uma história colectiva (real ou inventada), disciplina colectiva, etc. Tudo isto define o grupo consensual (por maior que ele for) como um grupo identitário e como um ingroup. O ingroup coeso expressará sempre egoísmo de grupo na abordagem à realidade e, claro, oposição/hostilidade a outgroups particulares, percebidos como rivais, inímicos, ou antitéticos.

Ambientes consensuais são intolerantes.

Conformidade consensual impõe pressão social, por persuasão ou coerção.

Individualidade not allowed: "quem não é como ***nós*** tem de ser mau". O ambiente consensual não é, por norma, tolerante para com a diferença. Ou a pessoa é consensual, i.e. está integrada no código do consenso (está "in"), ou não (está "out", é um "outsider", ou "antisocial", etc.). Quando a pessoa não está integrada no consenso social, então de duas uma, ou vai ser pressionada para entrar, ou vai ser pressionada para sair. Mas a pressão social está sempre lá; seja por persuasão ou por coerção. O desvio à norma do consenso, da conformidade social é, por norma, mal aceite. Afinal de contas, está-se a falar de um código de conformidade. "Quem não é como nós" e "quem não se comporta como nós", "quem não aceita a vontade da maioria" tem, portanto, de ter algo de errado.

Ingroup consensual tenderá sempre a ser inímico a outros outgroups. E é claro que o mesmo vai acontecer para outros grupos e para outros tipos humanos, entendidos como entidades "colectivas". O grupo consensual vai cristalizar a sua própria identidade de grupo, para se assumir como um ingroup. Tal como esse ingroup rejeita a diferença na forma de individualidade, também vai ser inímica para com a diferença "colectiva", expressa na forma de outgroups particulares, percebidos como rivais, inímicos, ou antitéticos, à identidade cristalizada do ingroup. Isto significa que a pessoa pertencente ao ingroup vai tender a lidar com outras pessoas com base em estereótipos culturais, rótulos despersonalizantes, histórias inventadas e assim sucessivamente. Após a pessoa ter sido despersonalizada no grupo, é assim que tenderá a ver o mundo, como um espaço despersonalizado de grupos/blocos, onde as pessoas já não são definidas pela sua individualidade mas sim por estereótipos irrelevantes. É evidente que a única solução para intolerância está em encarar cada indivíduo humano como um indivíduo, a ser conhecido e avaliado pelas suas próprias características individuais; e não como o membro de uma qualquer colectividade fictícia. Mas a apreciação da individualidade é algo que só pode surgir de individualidade; este domínio está fechado ao grupo consensual.

A dinâmica do consenso dialéctico: aprender a mentir em nome de ego.

Consenso integrativo: tese e antítese são "resolvidos" por síntese (compromisso). Um consenso integrativo, ou dialéctico, é um processo baseado no encontrar de pontos comuns entre participantes. Esse encontro de pontos comuns, de comunalidades, permite a definição de um patamar comum de entendimento. Se eu tenho a posição A (tese), e tu tens a posição B (antítese), obter consenso integrativo significa que ambos abdicamos das nossas posições e adoptamos o compromisso C (síntese), em nome de entendimento num ponto comum.

Isto pode implicar que nos tornamos dissolutos.

Facto A e facto B abandonados por mentira partilhada C (dissolução de posição). É claro que isto também pode significar que nos estamos a tornar dissolutos. Talvez eu tenha a certeza que Alexandre o Grande chegou à Índia. Depois, alguém me diz que tem a certeza de que Alexandre nunca saiu sequer da Grécia. Se persistirmos ambos nas nossas respectivas posições, isso significa que não estamos a cumprir as regras do consenso; temos, por força, de chegar a uma conclusão comum partilhada, onde estamos em *harmonia*. Portanto, eu posso abdicar da minha posição, e o mesmo para a outra pessoa, e chegamos a um meio-termo onde Alexandre saiu da Grécia mas apenas chegou à Síria. Diluímos as nossas posições para chegar a uma espécie de meio-termo confortável, e pueril. E é claro que nenhum de nós acredita nisto; ambos sabemos que é falso e só concordamos com a afirmação para obter concordância. Isto significa que ambos nos tornámos objectivamente *mentirosos*, em nome de uma *boa relação* – going along to get along. *Diluímos* posições em nome de relação, o que significa que nos tornamos *dissolutos*. E é claro que o facto – a verdade histórica – é que Alexandre chegou mesmo à Índia.

"Diluir posição em nome de relação", onde relação significa **ego**, orgulho.

Pessoas honestas e racionais não precisam de diluições de posição.

Mas a mente infantil faz birra e exige "vencer" o "adversário" na conversa. *Diluímos as nossas posições em nome de relação*. Na verdade, *relação* aqui significa *ego*. Um debate entre pessoas intelectualmente honestas, descentradas, humildes, é orientado para a determinação de verdade factual. Não sendo possível chegar a uma concordância, as pessoas continuam amigas como dantes. Com efeito, seria infantil inventar birras, problemas relacionais, a partir de um mero debate de factos. Mas, se as pessoas forem per se infantis, se investirem o seu orgulho egóico neste tipo de instância, então isso significa que vão entrar na conversa com o objectivo de a "ganhar", por oposição a encontrar a verdade factual sobre o tema. Isso significa que vão abdicar de regras de honestidade intelectual, mas também que vão ter tendência a inventar birras, e dramas, quando o "adversário" não lhes faz a vontade. Até podem acusá-lo de ser orgulhoso! E

tudo isto funciona como com crianças pequenas; é esse o tipo de maturidade que está aqui em causa.

A dinâmica da dissolução, compromisso em *factos*, "empate" numa mentira partilhada.

Por passos graduais, a ignorância e a desonestidade podem vencer na comunicação. A ideia de consenso dialéctico surge com, e para, esse tipo de pessoas, infantis. Aí, em vez de um de nós "ganhar" e o outro "perder", podemos obter compromisso, o que significa que acordámos num empate. Mas é claro que um dos lados também pode estar a usar este método para "ganhar" por passos sucessivos. Aí, uma sucessão gradual de aparentes "empates" acaba por levar, por fim, à "vitória" da sua posição. Este é um método muito típico entre pessoas que são simultaneamente desonestas e ignorantes; sabendo que a sua posição é falsa, e/ou não fazendo a mais pequena ideia do que estão a dizer, tentam cansar o "adversário" e fazê-lo ceder a pouco e pouco na sua posição, até obterem a "vitória" no debate (e é claro que este princípio se aplica a muitos mais domínios da vida que meros debates de ideias).

Net result de tudo isto, a redução de sanidade mental no mundo. O net result de tudo isto é a redução, mesmo que infinitesimal, da quantidade de boas ideias no mundo, e o consequente aumento dos níveis de supinismo e de mediocridade geral.

A dinâmica do consenso dialéctico: going along to get along.

Dissolução de posição em questões de acção moral.

E.g. de "torturar é um acto invariavelmente mau" para "torturar é justificável aqui e ali".

"Flexibilidade moral" (i.e. gelatinismo situacional) torna-se obrigatória.

Quem não é "flexível" é "antisocial", "desajustado".

O código de URSS, China comunista, Alemanha Nazi. Continuando com a conversa hipotética. Após o triste compromisso sobre Alexandre Magno, é possível que eu diga que torturar é errado; um crime. A outra pessoa diz-me que a tortura é um procedimento bastante positivo e justificado nos dias que correm. Se não chegarmos a acordo, vamos quebrar as regras do consenso dialéctico. Seremos acusados de ser "pouco dialogantes", "rígidos", "inflexíveis". É muito provável (senão certo e garantido) que eu seja mais acusado disso que a outra pessoa, uma vez que faço uma afirmação moral absoluta ("torturar é invariavelmente mau"). A forma de resolver isto, por regras consensuais, é chegar a um entendimento de meio-termo, a uma síntese, onde torturar é mau, mas pode justificar-se nesta e naquela ocasião. Depois podíamos avançar daí para os actos de assassinar pessoas, roubar territórios e recursos, bombardear aldeões inocentes, e assim sucessivamente. Aqui, eu teria diluído a minha posição (justa e moralmente verdadeira) com a degeneração moral da outra pessoa ("pragmatismo moral"), e tê-lo-ia feito em nome de *boas relações* – uma vez mais, going along to get along. Ao *diluir, dissolver* a

minha posição para obter entendimento humano, eu teria dado a minha aquiescência a actos criminosos e sociopáticos – ter-me-ia tornado bastante *dissoluto*. É isto que é feito a todo o público, hoje com capacidade industrial: a crianças pequenas, a adolescentes, a adultos, a idosos. Todos têm de demonstrar “flexibilidade moral”, “pragmatismo moral”, degeneração moral!, sob pena de serem considerados “antisociais”, “desajustados”, “inflexíveis”. Como na China comunista e na URSS ou, sob rótulos diferentes, na Alemanha Nazi.

Pragmatismo moral: o caminho é sempre para baixo.

A arte de encontrar meios termos, para gelatinismo moral.

Entre bem e mal, justiça e injustiça, não podem haver meios termos – é impossível.

Ou se é *honesto* ou se é *desonesto* – dependendo do grau.

[Quando Adão e Eva dão o abraço de grupo à serpente, tornam-se prisioneiros dela].

Quando se normaliza falsidade e desonestidade, o caminho é down down down pufff!

O e.g. dos pilares da Acrópole: cada pilar cai à vez até todo o edifício desabar.

“Ser demasiado honesto é complicado”, portanto há que encontrar o plateau intermédio onde todos possamos ser *honestos qb* sob pragmatismo moral. “É preciso saber fazer cedências, encontrar meios-termos, determinar compromissos”. É impossível encontrar um meio-termo entre honestidade e desonestidade. Ou se é honesto ou se é desonesto. Ou se é uma pessoa verdadeira, ou se é uma pessoa falsa. Deus não faz meios-termos com a serpente; não há abraços de grupo a esse nível. Adão e Eva fizeram um abraço de grupo com a serpente e ficaram presos e enrodilhados nela! É isso que acontece nessas instâncias. Pensa-se que as coisas vão correr bem, mas acabam por correr bastante mal.

“Ajustamento consensual” implica que a pessoa honesta tem de *deixar de o ser*. Em vez de ser honesta, tem de ser adaptativa, e honestidade não é adaptativa. Portanto, tem de aprender a fazer cedências, para passar a ser *algo* desonesta. Depois *algo mais* desonesta, *meio* desonesta, *inteiramente* desonesta. Funciona como os pilares da Acrópole. Manda-se um abaixo, depois segue-se um outro e um outro, e a estrutura está a começar a desabar. Depois mais outro pilar, e outro logo a seguir, e a estrutura já está meio colapsada. Mais um, e outro, e ainda outro. Por fim, já nem sequer é preciso ajuda; os pilares que restam vêm todos abaixo por si mesmos e lá se foi a Acrópole à vida. Ou os mais novos aprendem que é sempre errado ser falso e desonesto, ou vão crescer para acreditar no “valor adaptativo” da falsidade e da desonestidade – esse é o standard dos ambientes consensuais. Quando uma sociedade normaliza a falsidade e a desonestidade, o caminho é sempre para baixo, geralmente sem retorno. Down down down splash puffff!

A redução ao Mínimo Denominador Comum / a dinâmica das hienas.

“Aquilo que nos une a todos”: mediocridade moral, intelectual, comportamental.

Aquilo que nos une *a todos* não é o lado bom; são os maus sentimentos. Todas as sociedades alicerçadas em consensualidade foram (e são) sociedades viciosas, implicitamente violentas e repressivas. Existem bons motivos para que isso aconteça. Consensualização social é construída à volta de um mínimo denominador comum entre os sujeitos – “pontos comuns” partilhados. O mínimo denominador comum é *o* mínimo denominador comum – literal – humano e societal. Aquilo que é comum à transversalidade da humanidade não é o lado bom, complicado de manter e desenvolver de uma forma consistente ao longo do tempo; honestidade, coragem, bondade, respeito pelo próximo. Pelo contrário, aquilo que nos une a todos é o lado vicioso, fácil, simples *. São os maus sentimentos. Mesquinhez, egoísmo, auto-interesse, capricho, oportunismo. É isso que vai definir os ambientes consensuais, produtos de uma redução a toda a linha ao mínimo denominador comum.

A redução ao MDC gera mediocridade, degradação, estagnação a toda a linha.

Consensualidade, uma prisão mental socialmente imposta. Consequentemente, estes ambientes são inevitavelmente dominados por mediocridade a toda a linha. Corrupção moral. Falsidade, cinismo, hipocrisia, oportunismo, purulência – os resultados de dissolução moral e da sistematização de falta de carácter. Emoções baixas. Jocosidade, mesquinhez, cobardia. Rebaixamento, degradação. Estagnação intelectual, já que não existe espaço para novas ideias e soluções, fora do espectro restritivo do consenso. Ter pensamento independente, ser criativo e engenhoso é algo de inaceitável sob consensualidade. É isto que é consensualidade; uma prisão mental colectivamente imposta. Tudo o que fica é uma essência mirrada de pequenez mental, estagnação intelectual, criativa, moral, emocional, mediocridade.

A dinâmica da **hiena**, a psychosocial WMD / Lion King. É quase triste dizê-lo desta forma, mas o facto é que pessoas que são fritas e processadas por consensualização são reduzidas ao estatuto de hienas. Hienas são animais essencialmente medíocres, necrófagos, cobardes, que só conseguem agir em manada; e riem-se bastante. Isto está bem expresso no Lion King, o filme de desenhos animados, onde as hienas trabalham todas para o falso rei, o leão cobarde, que mata o irmão à traição para se torna o tirano da savana. E aqui está tudo explicado. O “leão cobarde”, o mau irmão (Edom) que não hesita em usar traição e assassinato para roubar aquilo que é do irmão, vai sempre proliferar hienas à sua volta, psychosocial weapon of mass destruction, que vão servir de coadjuvantes para ascensão do seu reino de terror sobre a savana.

Consenso universal, com MDC universal, seria um muito literal inferno na Terra. Agora, é claro que o patamar comum é tanto mais baixo quanto mais generalizado for o espaço de consenso e quanto menor for a qualidade moral dos participantes. Um mínimo denominador comum entre duas pessoas com excelentes princípios não é ameaçador. Quando isso acontece entre algumas pessoas com bons princípios e outras

com princípios muito fracos, ou até mesmo sem quaisquer princípios, o caso complica-se. Quando o mínimo denominador comum é expandido para se aplicar a muitas pessoas diferentes, a probabilidade da prevalência de mau carácter aumenta radicalmente. Um consenso universal, com um mínimo denominador comum universal seria, em essência, o inferno.

* Ponto de encontro entre todos não é honestidade, que implica tê-los no sítio.

Ser boa pessoa exige trabalho / muitos estão no meio termo ou são puras bad news.

Unidade consensual começa a ser definida por aqueles no meio termo, depois é puxada para baixo. *Quais são os pontos comuns, os pontos de encontro, entre a generalidade dos seres humanos? Infelizmente, não são atributos como honestidade, iniciativa, bondade, coragem, respeito pelo próximo. Nem todos são boas pessoas. Muitos são más pessoas. Muitos outros estão em estados intermédios. A pessoa não é "boa" porque declara que o é, ou porque se sente bem a dizer que o é. A pessoa é boa quando o demonstra consistentemente na vida real; quando dá bons frutos. Ser uma boa pessoa é algo que custa, que exige trabalho, algo que não é propriamente a via mais fácil de seguir. Implica que a pessoa tem os ditos cujos no sítio, num mundo que muito raramente vai recompensar a presença de carácter. Ser consistentemente uma boa pessoa é algo que requer esforço, persistência e sacrifício pessoal. Implica que a pessoa está disposta a ascender acima da mera espuma dos dias, daquilo que todos fazem, para viver em nome de princípios maiores e melhores que a mera gratificação situacional ou social, ainda que isso implique exerção e sacrifício pessoal (vai implicar). Nem todos fazem isto. Uma boa (enorme) parte prefere a espuma dos dias, o conforto do previsível, a rotina satisfatória do underachievement. Muitos outros simplesmente não prestam, são bad news. Unidade consensual neste mundo começa invariavelmente por ser definida pelo complexo de sentimentos das pessoas "no meio", mas é continuamente puxada para baixo por aqueles que não prestam.

Estagnação intelectual, cinzentismo, monotonia.

A dinâmica do Gray State, o patamar comum de cinzentismo.

Consensualização implica que ninguém pode ser demasiado capaz ou inteligente.

Aqueles que o são têm de ser "humildes", "baixar o nível", "acalmar".

Sit down, shut up and watch the idiot box – be sappy, numb and pay the bankers now!

Ambientes consensuais vão estupidificar, estagnar, intimidar / e chamar-lhe "virtude". Quando se institucionaliza consenso, colectivização mental, como *a* dinâmica de funcionamento social, significa que ninguém pode ser demasiado inteligente, ou capaz (ou até honesto), já que isso, supostamente, deixaria *de fora* aqueles que não o são. Esses sentir-se-iam mal; não se sentiriam integrados, sentir-se-iam *excluídos*. Este é o

tipo infantil de retórica que é usado pelos autoritários selvagens que procuram vender este tipo de parasofia à sociedade; mas como o fazem com palavras doces, jargão de ciências sociais e apelos sentimentais, a pessoa média não percebe que está a lidar com degenerados de nível hitleriano [e até usam a táctica nazi de criar doublebind, prometer amor universal ao adversário enquanto se lhe dá um tiro na nuca]. Seja como for, o anterior significa que aqueles que não são inteligentes, ou capazes, não vão ser incentivados e elevados para o ser. Pelo contrário, aqueles que são inteligentes e capazes é que terão de ser "humildes", "descer o nível", "acalmar". O mote neste tipo de sociedade é sit down, shut up, be fairly contented, watch your toxic TV, enjoy your toxic fast food. Work, pay taxes, die early!, so we won't have to waste your social security cash on you. The bankers *need* that money, and so do the private military contractors, lots and lots of wars to fight at home and abroad in the near future. Isto é o gray state, o patamar cinzento de banalidade e de estagnação humana. Este tipo de ambiente humano *vai* estupidificar as crianças, *vai* espalhar uma cultura de estagnação, *vai* procurar intimidar e silenciar verdadeiro intelecto e *vai* disseminar falta de carácter; embora geralmente faça tudo isto sob uma capa de "virtude".

Estagnação intelectual / o sufoco do espírito humano / Gulliver e Lilliput.

O espectro restritivo do consenso impõe um reino de estagnação intelectual. Ambientes consensuais são caracterizados por mediocridade e estagnação intelectual. É muito difícil encontrar espaço para novas ideias e soluções, fora do espectro restritivo do consenso; a prisão colectiva onde todos se atam uns aos outros ao chão, em torno de uma versão colectiva cristalizada.

Ambientes muito fechados e sufocantes, caixões para o espírito o humano.

Independência mental, criatividade, vistos como "excentricidade", "arrogância". Ter pensamento independente, ser criativo e engenhoso é algo de inaceitável sob consensualidade. Abordar temas mais complexos do que a "norma", ou demonstrar compreensões mais sofisticadas do que a média, são actos encarados como demonstrações de excentricidade individual, se não mesmo como demonstrações de orgulho, arrogância, insensibilidade para com os outros. São sempre ambientes sufocantes, caixões fechados para o espírito humano.

Gulliver e os lilliputianos / "keep it simple, keep it straight". A velha história de Jonathan Swift expressa este princípio de um modo particularmente espirituoso, quando expressa a indignação dos consensuais liliputianos, perante o intolerável atrevimento que é expresso na figura de Gulliver. "Keep it simple, keep it straight", é um mote criado a pensar em públicos consensuais.

"Auto-melhoramento" equivale a melhor ajustamento social. Aqui, auto-melhoramento está fora de causa, a não ser quando é equacionado com ajustamento à norma grupal

(aqui, “auto-melhoramento” significa realmente que a pessoa opta por se tornar mais estúpida).

“Out of the box” – existe uma box?! / Lose your head and tag along.

Desviar a pessoa com alguma cabeça para direcções fúteis, eg partidárias, ficção, etc. Ter uma cabeça própria é sempre algo de estranho, extemporâneo, *out of the box*; existe uma *box* (?!) Sair da suposta *box* é *excêntrico*, um *subjectivismo* peculiar. Até pode ser aceitável dentro de certos limites, mas não deixa de ser algo de bizarro, que se observa à distância (o modo como a humanidade *abdica* de o ser – um espírito de morbidade – “lose your head and tag along”). Antes, tudo isto costumava ser pura e simplesmente proibido. Hoje, são criados outlets disfuncionais e venenosos para desviar, neutralizar e usar pessoas que tenham alguma propensão para *out of the box*; é isso que é a esquerda caviar, a direita revivalista e as fábulas insanas sobre aliens. E é claro que aí a pessoa acaba por perder a cabeça, a não ser que saiba sair a tempo. Estes meios culturológicos foram feitos para ser incrivelmente inquinados e perigosos, by design.

O predomínio de falsidade interpessoal, calculismo, uso mútuo.

Falsidade interpessoal predomina em ambientes consensuais.

Generalização de defensividade, cinismo, indiferença / abatimento do afecto real. O ambiente de falsidade interpessoal que caracteriza este género de ambientes torna muito complicado o estabelecimento de afectos humanos reais. Estes ambientes tendem a ser vazios, dominados por cinismo, duplicidade, indiferença. A defensividade tem um premium. A mesquinhez e a hipocrisia também. «*‘Sê feliz!’ – diz toda a gente ao seu próximo, mas no coração armam-lhe ciladas*», como apontado em Jeremias.

Ambientes sufocantes e inquinados, dominados por instrumentalismo calculista.

Satisfação mútua de auto-interesses, numa peça de teatro social. Dificilmente são os tipos de ambiente onde a confiança interpessoal possa prosperar. Muito menos são ambientes propícios a entrega genuína e a sacrifício pessoal. Aqui, as relações pessoais tendem a ser dominadas por calculismo, instrumentalismo; algo como relações de negócios, para a satisfação mutuamente consentida de auto-interesses. “*Eu uso o outro para obter algo que me gratifica, e aceito que o outro me use a mim para os mesmos propósitos – tradeoff, fair and square*”. O grupo, o colectivo, o social, é o palco onde esta peça de teatro se desenrola. Companheirismo, amizade, amor; os termos tendem a ser usados de modo enganador, abusivo até, para reflectir ficções agradáveis. “Eu tenho centenas de amigos na Internet”, “ela é minha namorada; não nos conhecemos por aí além mas é óptima na cama, e todos os meus amigos gostavam de a comer, e isso enche-me o ego”.

Real amizade, amor, dependem de individualidade, tornam-se *muito raras*. Neste tipo de ambiente sóciocultural, uma relação puramente utilitária (até fria e impessoal,

business as usual) pode ser facilmente descrita como “companheirismo”, “amizade”, até “amor”. Qualquer uma destas ilusões depressa se desvanece, ao primeiro sinal de problemas. Real companheirismo, amizade, amor, concretizar-se-ão em *muito poucas* instâncias. Só podem existir, e perdurar, na presença de individualidade. A prevalência de relações humanas *reais* na sociedade é directamente proporcional à prevalência de individualidade.

Boas relações tenderão a ser atacadas por terceiros.

Fonte essencial de ataques: o estado autoritário [aqui, **os lowlifes são os highlifers**].

Boas relações humanas são fonte de imprevistos sociais; são atacadas.

Engenharia social de estado: destruir relações humanas, atomizar, colectivizar. E é claro que estas relações tenderão a ser censuradas e atacadas por terceiros; pelas próprias autoridades, nos casos de sistemas despóticos. O ambiente consensual redunda sempre no sistema despótico (ou é criado por déspotas para consolidar poder social) e esse é o tipo de meio onde lowlifes são os highlifers. Um sistema despótico positivamente odeia a prevalência de boas relações humanas no seio da população. Essas são fonte de entendimento real, de solidariedade entre as pessoas, e podem ser fontes poderosas de mudança social. A tribo, o clã, a família alargada, a própria família nuclear, o grupo de bons amigos; todos são mónadas sociais passíveis de trazer algo de não autorizado ao espaço social, e oferecer resistência ao estado autoritário organizado e, por isso, todas são atacadas. Portanto, a tribo, o clã e a família alargada já foram. Agora é a hora da família nuclear e do grupo de amigos; esses também têm de ir. Quando o estado autoritário vê uma boa relação humana, tem de tentar entrar para a sujar e destruir, e existem *muitas* técnicas para fazer isto, da engenharia da cultura de massas a microgestão de bairro. Um dia a *real* história da humanidade será conhecida de todos; e as pessoas ficarão positivamente chocadas com a quantidade de chicanaria e de recursos que são gastos neste género de intromissão em assuntos privados, por quem encara a própria cidadania como uma força inimiga a controlar, a subjugar, a destruir. De resto, o sistema despótico organiza sempre consensualidade para obter controlo social. Pessoas consensuais funcionam em grupo significando que são fáceis de controlar, desde que o sistema autoritário controle os trendsetters do grupo (e isto é quase sempre o caso). Por outro lado, embora a pessoa faça parte do grupo, não encontrará nele qualquer forma de solidariedade quando os big boys quiserem debruçar-se sobre ela. O grupo consensual é cobarde e sabe sair do caminho dos big boys; e se isso lhe for ordenado, *ajudá-los-á*. Isto significa que a pessoa nunca teve tanta gente à volta, mas ao mesmo tempo está perfeitamente sozinha, atomizada, perante o poder do estado autoritário. É nesta dupla colectivização/atomização, com o background da destruição de relações humanas, que os big bully boys do estado autoritário encontram o seu poder.

Psicodinâmica sado-masoquística, dialéctica mestre/escravo [zombie invasion].

Grupo consensual é sempre um espaço autoritário (ajustamento e conformidade). O grupo consensual é um espaço de ajustamento a conformidade compulsiva; por outras palavras, é um espaço autoritário, mesmo que esse autoritarismo seja exercido de forma soft.

Dialéctica sado-masoquística de dominação/submissão.

Morrer (suicídio mental) e matar (desindividuação do próximo). Autoritarismo – não há outra forma de o dizer – é baseado em ordenar, seguir, obedecer. "Follow the leader", "I'm the man", "I wanna be your dog". Eu mando em ti nestas instâncias, tu mandas em mim nas outras. Existe sempre a dialéctica submissão/dominação. As pessoas subjugam-se a regras compulsivas e asseguram que os outros também o fazem. Esta, claro, é uma dinâmica sado-masoquística de funcionamento. Todos dominam e todos aceitam ser dominados, mesmo que isto opere apenas ao nível mais essencial do controlo das regras do consenso. Quando as pessoas são cultivadas neste tipo de meio, aprendem a ver o mundo por esta óptica, e isto é particularmente verdade quando a vítima cultural em causa começa nisto logo na infância. Dominar e ser dominado, servir e ser servido, subjugar e ser subjugado. *Ultimamente, matar e morrer*. O self individual é simbolicamente morto quando é dissipado para ser absorvido pelo self sintético do colectivo. A pessoa suicida-se mentalmente quando abdica de identidade pessoal em nome de aceitação colectiva. Depois, participa do assassinato das identidades pessoais das restantes pessoas.

A dinâmica da **zombie** invasion. Tudo isto funciona mais ou menos como os filmes de zombies. A pessoa é abraçada pelo grupo de zombies, e este grupo come-lhe o cérebro. O resultado é a pessoa tornar-se ela própria em zombie, morta-viva. Depois, junta-se ao grupo consensual de zombies para percorrer os campos e as paisagens pós-industriais, à procura de mais cérebros para comer, mais vítimas culturais para integrar amorosamente no colectivo zombificado.

A dinâmica do **Borg**, o body snatcher colectivo. Depois é claro que também existe o body snatcher colectivo, o Borg. Isto também é o Borg.

"Virtude" – Mythos narcísico.

Necessidade de mythos narcísico para inverter realidade, racionalizar carácter do grupo.

Justificar piores pontos da vida do grupo, dar-lhe uma face limpa de virtude.

Excepções e fugas ao código do consenso são patologizadas, demonizadas. Qualquer grupo consensual sente a necessidade de racionalizar os seus próprios defeitos, para apresentar uma face limpa de virtuosismo, clarividência, graciosidade. Desta forma, vai invariavelmente surgir um mythos justificativo, uma forma de lenda urbana colectivamente partilhada, composta de platitudes demagógicas. Este mythos serve para racionalizar os piores elementos da vida do grupo, ao ponto de lhes dar o carácter de

virtudes ambrosianas. Em contrapartida, as excepções e as fugas ao código consensual vão ser atacadas, rotuladas, patologizadas, demonizadas. Esta forma de inversão da realidade, pela qual os piores atributos humanos são racionalizados, normalizados, elevados ao estatuto de virtude, é uma fraude que se torna aceite como profecia auto-confirmatória. Um mythos, que funciona como referencial narcísico. Isto funciona nos mesmos moldes para qualquer grupo consensual, do grupo de lowlife wasters na tribo urbana, à oligarquia financeira no topo, à sociedade consensual em geral.

Pessoas afectadas tendem a persuadir-se a acreditar no mythos, no nonsense. Em parte, é comum que as pessoas afectadas acreditem realmente no mythos; ou, se persuadam a acreditar. "*Eu sou feio* [todos o sabem, na verdade] *mas a minha fealdade torna-me bonito*" – um mindjob colectivo fabuloso que sustenta a degradação do ambiente ao mais baixo dos mais baixos níveis.

"Virtude" – "encontrar beleza em espaços mortos".

Pessoa presa num espaço feio pode ser sã, optimista, construtiva – combater a situação. Em parte, o anterior é facilitado pelo complexo de "encontrar beleza em espaços mortos". A pessoa que está presa a um espaço feio e degradado pode assumir a realidade da situação e, de duas uma, combater para sair desse espaço ou para o mudar; qualquer uma destas é a opção sã, construtiva, optimista.

OU, pode ser chanfrada e entrar em Sindrome de Estocolmo.

Aí, procura adaptar-se ao espaço, gostar dele, sob alienação.

"Pensar positivo" passa a ser isto / "encontrar o lado bom da degradação".

Em breve, fealdade é "virtude", o "melhor mundo que é possível".

Após este mindjob, a pessoa pode ir aplicar mindjobs a outros prisioneiros.

Aí, não é o espaço feio que precisa de ser trabalhado, mas sim a mente da pessoa que não gosta dele. Em alternativa, a pessoa pode assumir um género de síndrome de Estocolmo, pelo qual se ambienta ao espaço e procura racionalizá-lo e *gostar* dele. Aqui, "pensar positivo" é encontrar os "lados bons", os "aspectos positivos" do espaço degradado, "passar por entre as pingas da chuva". Em breve, a degradação em redor tornou-se "virtuosa", "agradável" ou, no mínimo, "o melhor de todos os mundos que é possível". A própria pessoa torna-se degradada quando se aclimatiza à degradação em redor. Se um novo prisioneiro entrar por esta altura, e não gostar do espaço, esta pessoa alienada tenderá a inverter as proposições. Se a pessoa não gosta do espaço, é porque a percepção e o julgamento da pessoa estão errados; o espaço é "o melhor que é possível obter" e "tem muitos aspectos positivos". Portanto, não é o espaço que precisa de ser trabalhado e mudado. A mente da pessoa que o critica é que precisa de ser trabalhada e

mudada. Este é o grau incrivelmente perigoso de alienação que vai caracterizar a mentalidade consensual.

"Virtude" – A cristalização num código moral plenamente invertido.

Após redução ao MDC, cristalização num código moral plenamente invertido.

Aquilo que é doentio e socialmente aceite torna-se uma marca de adaptação, virtude.

Atributos bons, salutares tornam-se inconveniências, agravos sociais [**rótulos**]. Como os ambientes consensuais tendem a ser marcados pela redução ao mínimo denominador comum, como explicada nos pontos anteriores, o que acontece é uma eventual cristalização num código moral plenamente invertido, onde aquilo que é pervertido e doentio é visto como virtuoso e aquilo que é bom e salutar é um pecado social. Nesse estado de cristalização, a pessoa que não está contaminada pela dinâmica do consenso, que mantém a sua individualidade intacta e não foi reduzida ao patamar baixo de socialização, será uma outsider, antisocial; uma herética. Em ambientes consensuais cristalizados, a pessoa corajosa é "atrevida". A pessoa honesta é "inconveniente", "ingénua", "papalva". Inteligência é sinónimo de "orgulho intelectual" e fortitude de carácter equivale a "arrogância". A pessoa justa é "julgamental", a pessoa verdadeira é "execrável", "insuportável", "inflexível".

Crux da questão é individualidade, que é banida para a sociedade colectiva.

Carácter e nobreza de espírito só podem existir com individualidade. A crux da questão é a individualidade per se. Como a individualidade não é permitida, todas as marcas da individualidade são igualmente banidas. Nobreza de espírito, coragem, honestidade, bondade, maturidade; todos estes atributos dependem da existência de individualidade. Surgem no indivíduo; só prosperam e só se desenvolvem no próprio indivíduo. Quando o indivíduo é banido para dar origem a uma criatura de colectivo, a net amount de carácter que prevalece no mundo decresce.

"Virtude" – A tentativa de purgar individualidade.

O indivíduo, que preserva a sua identidade pessoal, é "fechado", "egoísta", por o ser.

Sujeitos colectivizados têm o seu "deus", o social, e exigem submissão. O indivíduo *per se*, a pessoa que preserva a sua individualidade, é inaceitável. Esta pessoa é, por necessidade, "fechada" e "egoísta". Isto não acontece porque o seja na acepção *real* dos termos, ou porque prejudique alguém (regra geral será ao contrário, o indivíduo é que será atacado e prejudicado pelo colectivo organizado), mas apenas e somente pelo facto de ser um *indivíduo*. É alguém que não está disposto a ser fundido na massa culturológica em seu redor; é alguém que preserva a sua independência mental, alguém que não faz o going along to get along. O sujeito que foi plenamente colectivizado,

despersonalizado, fica bastante indignado ao ser confrontado com isto. Está reduzido ao mínimo denominador comum e o seu "deus" é o social, o grupo. Quem não vai com esse "deus" tem de ser punido, atacado, queimado. A sociedade organizada em feixes torna-se inimiga dos bons e faz guerra contra eles, de tal forma que os vários feixes, à esquerda e à direita, são arrastados por eles; assim se cumpre aquilo que está escrito.

"Virtude" – A normalização de falta de carácter.

A nova definição sintética de "comportamento moral", "carácter". E com tudo isto surgem novas definições de "bondade" e de "carácter", e são tão falsas e sintéticas como o funcionamento social que lhe subjaz.

Falsidade e desonestidade são racionalizados e recebem uma face virtuosa.

A consciência e os instintos protectivos morrem; só fica uma "consciência social". Coisas como falsidade e hipocrisia tornam-se critérios de sociabilidade. Oportunismo torna-se sentido de oportunidade. A pessoa desonesta é "prudente", "adaptada", "inteligente" e o cobarde é "cauteloso". Cobardia, mesquinhez e ausência de carácter tornam-se inteligência social. A pessoa sem carácter moral é "flexível", "facilmente adaptável", "bem ajustada". Aquele que é notoriamente falso torna-se "sociável", até "simpático". Assim morre o instinto protectivo com que todos nascemos, para detectar e evitar falsidade humana. E assim também morre a consciência. Tudo o que fica é um resto queimado respondente ao "social", ao "consensual", uma "consciência social". Falsidade e desonestidade tornam-se a norma social; traços socialmente adaptados e desejáveis.

A pessoa verdadeira torna-se estranha / a pessoa falsa, o role model.

Sem verdade moral (honestidade intelectual), verdade epistemológica desaparece. Por outras palavras, o que acontece é que os critérios de *verdade moral*, incorporados na *pessoa verdadeira*, são tornados estranhos, até inímicos. Ao mesmo tempo, a *pessoa falsa* é transformada num role model, naquilo que é uma forma de divinização social de *falsidade moral*. Quando isto acontece, o que se segue é que os critérios de verdade factual e epistemológica também deixam de contar. Afinal, esses critérios assentam em honestidade intelectual (verdade moral), algo que é agora declarado off-topic.

"Virtude" – Forma vs substância.

A pessoa verdadeira dá sempre mais importância à substância que à forma.

Sob consensualização, com pessoas falsas, a forma bate sempre a substância. A pessoa capaz e moral dá sempre mais valor à substância que à forma. Uma forma agradável só interessa se a substância tiver qualidade. Um fruto venenoso não serve para nada a não ser para deitar fora, por muito agradável e apelativa que a forma exterior seja. Como os

critérios de verdade moral e epistemológica são deitados pela janela fora em meios consensuais, isso também é invertido. A substância não conta para nada e a forma é tudo. O fruto venenoso será comido, se o exterior for aparentemente apelativo e saboroso. Por outras palavras, existe uma valorização da mentira *per se*. O novo princípio de realidade consiste em ilusão e falsidade.

"Virtude" – As duas faces de Alex De Large.

Os dois extremos da sociedade consensual: puritanismo e degeneração extrema.

Role models consensuais: copinho de leite Vs. sociopata de sucesso. Numa sociedade puritânica, o role model consensual é o goody two shoes. Numa sociedade anti-puritânica é o manipulador frio, habilidoso, de sucesso. A sociedade anti-puritânica é o negativo da sociedade puritânica.

Uma sociedade é o negativo da outra, e o mesmo é válido para os role models.

O goody two shoes é tão desindividuado como o sociopata e depressa se torna num.

Ambas as condições definidas por défice de individualidade, excesso de dependência social.

Copinho de leite → sociopata de sucesso → copinho de leite na nova sociedade.

Alex De Large, um bom exemplo na ficção. As duas formas sociais são interdependentes. Ambas são igualmente degeneradas, porque ambas assentam em conformidade e em despersonalização. Uma dá origem à outra e vice-versa. Da mesma forma, o goody two shoes é facilmente convertido no manipulador sociopático, e vice-versa. Ambos são estados degenerados de despersonalização e de conformismo a normas sociais implícitas. Ambos são demonstrações de desindividuação e de ajustamento excessivo a um tempo e a um lugar. São essencialmente actores sociais; não lidam com o que são, mas sim com o que os outros querem ver. Desta forma, não se desenvolvem como seres humanos. O goody two shoes é o falso anjo da sociedade puritânica. Tem sempre o défice de consciência individual que, sob os incentivos certos, abre as portas ao demónio socialmente dependente da sociedade anti-puritânica. Depois, este manipulador sociopático e oportunístico é facilmente convertido num team-player e num bloco de construção para a nova sociedade puritânica (a ditadura que vai impor ordem à sociedade caótica). O copinho de leite torna-se no sociopata, torna-se no copinho de leite; e depois ensina os filhos a fazer o mesmo. E assim avança a futilidade humana. Esta dinâmica foi muito bem expressa por Anthony Burgess na Laranja Mecânica, onde existe Alex, o sociopata que também é um copinho de leite; está num meio termo socialmente aceitável. Depois, este sociopata é convertido num puro goody two shoes, quando o estão a fazer sofrer para o processo de conversão para empregado governamental. No final, é facilmente reconvertido em sociopata, mas agora é um sociopata socializado, um copinho de leite noutros termos, bem integrado na estrutura

de poder, para avançar a tiranização da sociedade. Ser um indivíduo, fora deste esquema de coisas, essa sim é a solução.

"Comportamento moral" [bee hive or], por oposição a "acção moral".

"Acção moral" é honesta, straight to the point, expressa iniciativa, volição, fogo.

"Comportamento moral" é um panopticon mental de regras situacionais inventadas.

E, sob "comportamento", todos são tratados como crianças. Note-se como os gurus da consensualidade falam sempre de "comportamento moral" (behavior) e nunca de "acção moral" (action), note-se a diferença. Acção implica volição, iniciativa, fogo. "Acção moral" é algo de directo, honesto, straight to the point. Em contrapartida, "comportamento" é algo que as crianças têm, *comportam-se* (e são incentivadas ou punidas pelo seu comportamento). É claro que as pessoas são reduzidas a crianças, sob "códigos éticos comportamentais". "Comportamento" também é uma realidade complexa que se estuda de forma tecnocrática, por cientismo, e daí extraiem-se normas de "comportamento" situacionais e socialmente úteis, para as crianças. São regras sistematizadas, minuciosas, detalhadas, um edifício de directivas éticas para isto e para aquilo, muitas vezes confusas e auto-contraditórias; isso está implícito em "comportamento".

"Com+porte" / "Bee hive or". "Com+porte", revela a origem aristocrática perturbada de tudo isto; aquele com porte é o ser humano transformado em poodle, para o salon aristocrático. Em inglês, uma língua cientificamente produzida pelos rosicrucianos durante os tempos de Isabel I, ainda é melhor: *behave*, para a *bee hive*; *bee hive or*, é aquilo que permite que as abelhas humanas dêem ouro (or), mel, ao apicultor. Depois, o apicultor come o mel e eventualmente livra-se das abelhas.

Conformidade consensual implica que existe policiamento mútuo, repressão.

Insegurança, medo social, falsidade interpessoal, são os resultados. Existe sempre uma forma ou outra de disciplina colectiva. O consenso impõe regras de conformidade compulsiva e as pessoas acabam por se policiar umas às outras (mesmo que isso seja um exercício puramente soft e informal) para assegurar o cumprimento dessas regras. Todos sabem que vão encontrar dificuldades, censuras, repreensões, no caso de não cumprirem as regras. Portanto, medo social, insegurança, dissimulação, estão sempre presentes. Falsidade interpessoal é sempre a norma e é aqui reforçada.

Disciplina de grupo, policiamento, aumentam com coesão do grupo.

Não seguir as regras do consenso resulta em pressões, punições, ostracização.

Ambientes extremamente consensuais são sempre implicitamente violentos e viciosos. Quanto mais aprofundado o processo de consenso for, quanto mais “coeso” o grupo consensual for, tanto maior será o grau de disciplina e de policiamento interpessoal. É por isso que ambientes puramente consensuais são, por norma, ambientes implicitamente violentos, onde as dissensões à norma colectiva são punidas de forma viciosa. Todos têm a obrigação implícita de ser consensuais e isto implica interiorizar e seguir todas as regras do consenso [*mesmo que essas regras sejam meramente informais, i.e. não estejam escritas ou listadas; e muito raramente estão, pela arbitrariedade, incoerência e franca mesquinhez que as caracteriza*]. Quem não o fizer será pressionado (por persuasão ou por coerção) punido pelo colectivo ou posto de parte, ostracizado, e isto é algo que se pode tornar bastante vicioso em ambientes muito consolidados.

A prisão invisível, onde todos se atam entre si e ao chão. O facto de todos os membros no ambiente saberem disto gera uma forma de prisão invisível, na qual todos estão acorrentados a todos os outros; todos os membros policiam os restantes membros e todos os membros se auto-policiam para assegurar que não cometem “erros” sociais. Algo como uma prisão invisível onde todos os prisioneiros se prendem entre si com amarras de modo a que todos fiquem igualmente atados ao chão. Isso é para prevenir que alguém tenha a brilhante ideia de se pirar para o mundo real, e depois ser seguido por outros, já que isso dissiparia para o nada o poder da oligarquia dominante.

Código consensual, sempre concomitante com uso de métodos autoritários e policiais. É possível, até usual, que um código consensual comece por ser imposto por métodos autoritários e policiais mas, com mais frequência, surge e mantém-se de forma bastante expontânea, após o que usa métodos autoritários e policiais para se perpetuar.

A nova Mãe, o novo Pai e a grande família disfuncional [JUNG].

Carl Jung: sujeito renasce no seio do grupo, que é a nova Mãe.

Depois existe também um novo Pai, as autoridades, o estado.

O pai, as várias escravas sexuais e as diferentes crias. É no colectivo, no grupo consensual, que o sujeito encontra o seu novo sistema de crenças e valores. Como Jung disse, é o espaço no qual o sujeito obtém uma nova identidade (onde *renasce*), o espaço onde *pertence*, e onde aquilo que é e faz é controlado e policiado; uma nova Mãe. E depois existe sempre um novo Pai, que são as autoridades sociais que comandam a vida do colectivo. Isto é um paradigma extremamente misógino, imposto por personagens incrivelmente sexistas (homenzinhos que odeiam positivamente mulheres, têm pavor delas), o que faz com que o novo pai controle e viole continuamente a mãe. Sendo uma masoquista, a mãe gosta e aceita, e impõe o mesmo regime às crianças. Já agora, existem muitas mães; este pai não tem fidelidade rigorosamente nenhuma e usa todas por igual (particularmente aplicável a grupos de diferentes tendências ideológicas), mas

exige fidelidade extrema da parte das suas várias escravas sexuais, caso contrário mata-as. É claro que esta grande família disfuncional, uma família de gente desarranjada, vai depois matar crianças a bel-prazer, quando lhe dá jeito. Esta é uma Besta que come as próprias crias, sempre.

Jung: grupo integrativo é sempre totalitário.

Oferece identidade, protecção, afecto / exige total obediência ao consenso.

Eros e Tanatos / após entrega, destruição e morte, no individual e no societal. Como Jung fez notar, a dinâmica do grupo integrativo é sempre totalitária: o grupo dá identidade, afecto e protecção ao membro individual; em troca, exige completa obediência ao processo de consenso, sob pena das mais viciosas punições. Eros e Tanatos. Mas Eros e Tanatos também se estendem a outros domínios, como Marcuse deixou claro. O indivíduo é destruído enquanto tal, i.e. é despersonalizado (Tanatos), quando se junta ao abraço de grupo (Eros), quando subordina a sua personalidade e a sua mente ao self grupal. A sociedade é igualmente destruída e devastada (Tanatos) quando funciona segundo este esquema colectivo de coisas (Eros). Uma sociedade dialéctica é homogénea, emiserada, incapaz de inovar, construir, desenvolver. É uma sociedade simultaneamente destruída e destrutiva; não tem futuro, a não ser na absorção e na destruição de mais objectos à volta. Quando já não existe mais nada para absorver, desmantelar, ou destruir, tudo o que resta é pura e simples morte. E este é o processo de colapso de nações.

A Torre de Babel – Sodoma e Gomorra – Legião – O feixe atado de joio.

Isto é a **Torre de Babel**: união universal por tijolos queimados, unidos por “slime”. A dinâmica de consenso impele as suas muitas vítimas numa espiral descendente progressiva, tão irresistível como a força da gravidade. Se este tipo de cimento é usado para construir um edifício humano, esse edifício pode começar por parecer imponente, mas depressa colapsa sobre si próprio – e é bem feito. Esta é a ideia da Torre de Babel. É construída com tijolos (pessoas formatadas). Os tijolos foram queimados, significando que perderam a sua individualidade durante a consensualização (foram fritos, como dizem os gurus do T-Group). Na grande Torre de Babel, o edifício colectivo humano, todos os tijolos estão unidos entre si por “slime” (KJV), significando maus sentimentos, mediocridade humana. A Torre parece ser imponente (“o colectivo é irredutível”) mas estoura, porque é para isso que foi feita.

Isto é **Sodoma e Gomorra**, a comunidade consensual, que até tenta violar os anjos! Isto é o sistema psicossocial de Sodoma e Gomorra, onde a comunidade consensual e harmoniosa, reduzida ao mínimo denominador comum, se torna na proverbial inimiga dos bons. É a adversária do único indivíduo justo que permanece, e chega ao ponto de tentar violar os anjos! Para isso, esta comunidade harmoniosa monta um cerco à volta da casa de Lot, e é uma situação bastante pitoresca, onde homens degenerados, a arder

de ódio e de luxúria, chocam uns contra os outros, rastejam, espumam, gemem, gritam, e por aí fora, a tentar entrar na casa de Lot. É claro que a cidade é destruída. Aí, a esposa de Lot sente-se fiel à corrupção que teria de deixar para trás, e fica cristalizada nessa condição; não foge, morre com a cidade. Lot e as suas filhas são o que de melhor fica, e mesmo as filhas estão tão degeneradas, culturalmente (estão rotinadas à mentalidade consensual), que *manipulam o pai para lhe fazer bem* (i.e., fazem mal para fazer bem), e é isso que significa a imagem onde o embebedam para terem relações com ele, de modo tal a que possam assegurar que ele vai ter descendência (deixar a sua marca no mundo). O episódio expressa insegurança associada a boas intenções, sobre um background de falta de carácter moral. E é isso que vai marcar os povos que saiem dessas uniões, Moab e Amon.

Isto é **Legião**, que fala sempre como "nós" e avança para o suicídio colectivo. É claro que isto também é Legião, que fala sempre em termos de "nós". "Nós somos muitos", "que queres de nós filho de Deus, por favor não nos faças mal". Num sentido muito real, Legião converte as pessoas em porcos, que se movem em manada, pressionam-se e prendem-se uns aos outros, no chiqueiro colectivo, e depois investem em tropel para o abismo, a desgraça, o afogamento de grupo.

Isto é o **feixe de joio**, o fascii/colectivo, que serve para ser cortado e jogado ao fogo. O ambiente humano formado por consenso também é o feixe atado de joio que é atirado ao fogo, após ter havido a plena separação do trigo. É a sociedade humana que odeia e despreza os bons e faz-lhes guerra. Como está escrito, isso acontece para que os bons possam arrastar os feixes e reduzi-los a nada, venham eles da esquerda ou da direita. É claro que feixe pode (e deve) ser traduzido para fascii, colectivo integrado, grupo integrativo, colectividade, etc. Como está escrito, "se vierem contra ti por um caminho, fugirão de ti por sete" e "um apenas de vós desbaratará e porá em fuga mil dos outros". O falso e o injusto nunca consegue encarar o verdadeiro e o justo de frente; as trevas são a ausência de luz, e são rapidamente dissipadas assim que a luz se acende. E é claro que as trevas mantêm aqueles que dominam como prisioneiros, atados, amarrados, encarcerados. O trabalho essencial é o de desfazer os feixes e dissipar as trevas, para a esquerda, para a direita, para todos os lados.

Oligarquia OU os lowlifes são os highlifers.

Aqui, os lowlifes são os highlifers – A Oligarquia.

Há sempre uma oligarquia dominante / organiza e domina a sociedade consensual.

Oligarquia, uma camorra consensual reduzida ao MDC, coesa, auto-policiada. Ambientes consensuais geram pessoas incapazes e macilentas, orgulhosas por o serem; estão em harmonia com o grupo, essa é a regra social. Portanto, estes são ambientes onde a repressão geral de intelecto (mas, mais que isso, de Razão – ver notas sobre ***Homem e Razão***) é algo que acontece de um modo mais ou menos formulaico e constante. Todo o processo é comandado pela oligarquia dominante, porque existe sempre uma. A própria oligarquia é uma estrutura consensual e é difícil de desmantelar porque os vários membros e as várias facções internas policiam-se mutuamente para assegurar que ninguém tem alguma ideia brilhante que quebre a harmonia camorrana [ver notas sobre ***Oligarquismo***].

Na Animal Farm, a oligarquia são os porcos que andam sobre duas patas.

As ovelhas, bichos socializados, fazem "beh beh beh" e são "as forças da comunidade".

Os cães de ataque, que atacam os vários animais que não se comportam.

Os outros animais são bastante explorados, especialmente as bestas de carga.

Vivem sob o reino de terror dos porcos, são espiados pelas ovelhas, atacados pelos cães. A oligarquia é o factor organizador da sociedade, os porcos que mandam na Animal Farm, vivem na casa de luxo e aprendem a andar sobre duas patas. As ovelhas surgem depois, para gritar "beh beh beh". Estes gangs de ovelhas são os membros mais socializados da comunidade, o pilar de suporte para o sistema oligárquico. A par das ovelhas, surgem os cães de ataque, as forças de segurança, a quem os porcos dão uns quantos ossos extra para reprimir as restantes criaturas da quinta. Depois surgem os outros animais, que vivem sob o reino de terror dos porcos e limitam-se a trabalhar e a tentar passar entre as gotas da chuva. Aqui é preciso dar especial destaque às bestas de carga, que são os trabalhadores intensivos, os animais mais mal tratados e espoliados de toda a quinta. Os porcos não fazem um dia de trabalho na vida. O trabalho das ovelhas é dizer "beh beh beh" e montar quintas colunas de espionagem pela quinta fora. O trabalho dos cães de ataque é, em essência, atacar.

Sob oligarquia, existe sempre uma política geral de obscurantismo.

Guerra contra o que é claro, límpido, benéfico, aquilo que eleva o ser humano.

"Virtude" definida para demonizar real virtude, endeusar disfuncionalidade consensual. Uma das consequências do mecanismo da psicodinâmica oligárquica é a de devotar ódio e procurar demonizar todos aqueles que são de facto virtuosos; algo a que até Aristóteles aludiu, no seu "Política". Isto acontece porque o mundo do orgulho humano dá voltas sobre si mesmo, voltas perturbadas e perturbadoras, e o que acontece é que, durante este exercício de obscurantismo geral, os critérios de virtude são subvertidos –

invertidos – de forma tal a justificar o imperium de obscurantismo da oligarquia. Portanto, uma oligarquia procura sempre *provar* o seu virtuosismo, pela inversão da realidade.

Em parte para consolidar poder, mas também por orgulho oligárquico.

Oligarca médio, num pântano mental, tenta suprimir coisas mais elevadas que ele. As oligarquias dominantes levam sempre a cabo uma política geral de obscurantismo. Tudo aquilo que é límpido, claro, passível de elevar o homem comum a um nível de entendimento superior tem de ser suprimido, obscurecido, cooptado, manchado. Isto não acontece tanto por calculismo (a ideia de preservar poder à custa da ignorância alheia) como pela própria inaptidão endémica da oligarquia, que é (e sabe ser) incapaz de estar a um nível de clareza, limpidez e elevação. O oligarca médio vive num pântano mental e é uma questão de orgulho pessoal manchar e distorcer todas aquelas coisas às quais não consegue *corresponder*.

A imagem memética da decapitação, "off with his head", "perder a cabeça".

Aplicações muito reais disto / toda a população tem de "perder a cabeça". Isto faz com que sistemas oligárquicos tenham a tendência de saturar a cultura com a imagem da decapitação (hoje em dia complementada pela imagem do tiro na cabeça, auto ou hetero infligido). Este meme expressa uma das obsessões essenciais da cultura oligárquica, a de garantir que a pessoa que tem uma cabeça própria deixe de a ter. A guilhotina. "Off with his head"! A queima e mutilação do "cabeçudo" (Idade Média). "Perder a cabeça". É claro que este princípio é depois aplicado no mundo real. A "perda de cabeça" não precisa de ser literal, envolvendo morte física. "Off with his head" significa antes de mais que a cultura é formatada para desincentivar, até punir, individualidade; é formatada e.g. para ser consensual. Também significa (hoje certamente) que o ambiente é saturado com elementos eugénicos, visando prejudicar activamente o funcionamento do sistema nervoso central, desde electromagnetismo até à adição de metais pesados e químicos específicos e.g., a comida, a injecções para bebés, entre outros. As oligarquias usam (e usaram) muitas aplicações diferentes deste tipo de princípio, i.e. formas de fazer a população "perder a cabeça". "Off with his head" também significa que a pessoa que passa entre as gotas da chuva e tem mais cabeça que a média é intimidada para deixar de querer ter ideias próprias, e essa é uma prática sistemática em sistemas oligárquicos. Pode também significar que essa pessoa é colocada a drogas psicotrópicas, para uma lobotomia química que pode ser mais ou menos intensa, mais ou menos persistente.

Oligarquias temem e odeiam pessoas capazes e morais, que se lhes opõem sempre.

Como Lenin, Mao ou Stalin diziam, "temos pavor de alguém com uma boa ideia".

A única forma de prevenir despotismo. As oligarquias temem e odeiam a pessoa capaz e moral, e dão-se a esforços absurdos e inumanos para as derrubar, para as reduzir ao seu próprio nível, e este é o melhor dos testemunhos do *pathos* oligárquico. Em parte, este

temor e ódio é justificado pelo facto de que tal pessoa faz sempre frente a oligarcas e a tiranos. E, como Mao dizia, "a única coisa de que tenho realmente medo, é de um indivíduo com uma ideia original, já que isso pode despertar as pessoas e desestabilizar este esquema que temos aqui montado". Stalin também disse algo deste género, quando disse que "não permitimos aos nossos inimigos [o público] que tenham armas, porque é que havíamos de lhes permitir que tivessem ideias, isso é muito perigoso". Alguns anos antes, Lenin comentava que há milhares de formas diferentes pelas quais a sociedade poderia evoluir, mas é essencial que o público nunca perceba isso, caso contrário iria acabar por se livrar da classe iluminada de proletários que nunca fizeram um dia de trabalho honesto na vida [e de todas as outras castas oligárquicas, que são todas o mesmo, na realidade]. É claro que isso seria uma pena, porque aí acabavam os salons, as prostitutas e as sessões de xerez com banqueiros multinacionais. Portanto, estas pessoas vão sempre esconder-se e aninhar-se em conjunto, colectivamente, dentro da cómoda mais próxima, sempre que ouvem falar de algo como mentes humanas a funcionar, criatividade, inteligência, carácter, princípios, e por aí fora. Sempre foi muito bem reconhecido que a *única* forma pela qual um regime despótico pode ser prevenido é pela existência de uma massa crítica, na população, de pessoas capazes, activas e morais. Pessoas que sabem distinguir entre bem e mal, certo e errado, justo e injusto, que não têm medo de fazer frente ao poder e, se necessário, de dar a própria vida nesse exercício. Pessoas que agem em nome de princípios válidos e em nome das gerações futuras. São *essas* pessoas que as oligarquias mais odeiam, porque são as únicas que as ameaçam realmente.

O "nós" oligárquico odeia e ama o indivíduo.

Indivíduo capaz e moral visto como "arrogante", por não ser como os oligarcas.

O vandalismo pulsional para o destruir, humilhar ("tornar humilde").

"Porque não te juntas a nós, aqui nos confins do abismo?"

"Se nós somos prisioneiros, tu também vais ser, **nós** vamos prender-te".

Escravização em cadeia, o funcionamento standard sob oligarquia. Mas existe ainda um outro motivo, ainda mais premente que este. O indivíduo moral e capaz é alguém que a mente consensual e estagnada do oligarca vê, *by default*, como sendo "arrogante", "petulante", alguém que está numa forma de "pedestal", pelo simples motivo de não ser tão medíocre e destrutivo como o próprio oligarca. Tal como a criança imatura pode ir à praia e sentir a necessidade de desfazer aquele castelo de areia que os outros miúdos fizeram, para destruir, o oligarca sente a necessidade intrínseca de derrubar o indivíduo de tal "pedestal". É uma expressão de vandalismo pulsional. É isto que um oligarca quer expressar (mas não consegue) quando diz que a pessoa tem de ser tornada "humilde", que é "orgulhosa". O que está a dizer, em trejeitos embargados, é que o seu próprio orgulho, o seu próprio ego, é agravado pela existência de um ser humano *real*, uma

pessoa *livre*, e isso é algo que o oligarca sabe que não é (nem pode ser, caso contrário seria massacrado pelo resto do grupo) e ao qual não consegue dar resposta. Esse alguém tem de aprender que vai ser tão *prisioneiro* como o próprio oligarca sabe que é ("se nós somos prisioneiros, tu também vais ser, vamos prender-te"; é assim que escravização em cadeia funciona, e isto é o funcionamento standard sob oligarquia). Tem, consequentemente, de ser *humilhado* (não tornado "humilde"), derrubado, trazido ao nível pestilento do *nós* oligárquico, a prisão colectiva. Aqui, existe sempre um espírito que clama, "*porque não te juntas a nós, aqui nos confins do abismo?*"

Porém, outsider é visto como "superior", num complexo ambíguo de sentimentos.

Medo e admiração vs agressão e ódio / os deuses que retalham o chefe no Olimpo. Mas não haja engano, uma oligarquia (e qualquer outro grupo consensual) vê sempre este tipo de outsider como "superior", um fenómeno bastante infantil, que expressa a psicodinâmica tipicamente sado-masoquística do grupo consensual. É também esta forma de funcionamento que justifica que o "superior" é encarado de forma ambígua. Por um lado é alvo de medo, admiração, inveja, até de formas pervertidas de amor e devoção (Eros). É encarado como uma força "dominadora" sobre o grupo, pelo simples facto de não ceder ao domínio do grupo sobre si [psicose colectiva é um fenómeno estranho]. E, no outro lado da moeda, a pessoa vai ser alvo de agressão, ódio, despeito (Tanatos). Existe sempre a necessidade sentida de dominar o "dominador", de o desfazer em pedaços e cada oligarca leva um pedaço, como acontece num dos mitos gregos onde os vários deuses matam o chefe, lá no Olimpo. Existe a necessidade de o esmagar, de o puxar ao nível inferior do grupo, de "make you empty, fill you with our essence, and make you one of our own". Mediocrity loves company.

Consenso em decision-making.

O *real* método de consenso.

Para tomar decisões pontuais – justo, igual, *não-coercivo*, Racional. Consenso é, na sua base, um modo de debate que visa tomar decisões conjuntas pelo encontrar de pontos comuns. Isso é tudo muito bem, se: a) todos tiverem justa e igual participação; b) o debate for conduzido de uma forma Racional; c) se estiver a falar-se de decisões pontuais para lidar com questões bem delimitadas; d) se as decisões tomadas não tiverem poder de coerção sobre pessoas que não concordarem com a decisão. Este último ponto é bastante importante na definição da ideia de consenso. Uma decisão

tomada por debate em consenso tem, por definição, de ser universal. Isto significa que tem de ser partilhada por *todos* aqueles que são afectados, na presença de todas as condições enumeradas. Isto significa que uma decisão obtida por consenso *real* nunca pode ser coerciva. Ou é aceite por todos os afectados (e nesse caso é a decisão legítima) ou não é aceite por todos os afectados (e nesse caso não é uma decisão legítima; não é sequer uma decisão). Isto dá uma medida de justiça ao *real* processo de consenso.

Bom sob decision-making político, porque impõe justiça e não-coerção.

Dado a gridlock, checks e balances ao exercício de poder / a essência de liberdade. Ao mesmo tempo, quando este método é usado para decision-making político, torna-o bastante dado a empate, gridlock, não-decisão, e isso é bom; checks and balances, a essência de uma sociedade livre e democrática. Este é o método real – *o original e legítimo* – de lidar em consenso.

"O novo consenso": impor corporate change por engenharia psicossocial.

Consenso **real** é mau para o negócio, porque bloqueia exercício irrestrito de poder.

"Novo consenso": invenção de megacorporações, fundações, ONU, grupos autoritários.

Institutos essenciais, Tavistock Institute e RAND Corporation (psychwar branches).

Neutralizar oposição / impor decisão predeterminada por manipulação pública.

Triangulações, falsa vox populi, facilitadores, provocadores, rent-a-mobs.

Vandalismo do debate público para forçar aprovação de decisões predefinidas.

Fazer tudo isto com aparência de participação, input, buy-in popular. Este método é mau para o negócio, porque tende a bloquear concentrações de poder. Daí, surge no século 20 uma aliança entre megacorporações globais e movimentos autoritários para obter o "novo consenso". O "novo consenso" é o modo pelo qual um debate é organizado (manipulado) para chegar a uma conclusão predeterminada e a oposição a essa conclusão é neutralizada. É daqui que vem a ideia de consenso ONU/Agenda 21, pela qual comunidades inteiras (países inteiros) têm sido desconstruídas e transicionadas para governância privada transnacional, sem qualquer aprovação (ou sequer conhecimento) da larga maioria do público. O novo método de "consenso" é definido nos anos 60 pela RAND Corporation, uma fundação que desenvolve tecnologia militar para o Pentágono. As bases per se são lançadas pelo Tavistock Institute, o braço de guerra psicológica da City of London. O "novo consenso" é, muito literalmente, uma arma de usurpação por guerra psicossocial.

Sob o rationale RAND, "consenso" passa a ser um método pelo qual:

- decision-making por consenso deixa de ter de ser universal;

- uma minoria auto-intitulada usurpa a autoridade para tomar decisões por todos [*consensus meetings importantes estão sempre cheias de rent-a-mobs, que são mobilizadas para fazer de "comunidade" e hostilizar a oposição*];

- os participantes que se oponham à "versão consensual" (a conclusão para a qual o facilitador está a guiar o debate) são abertamente hostilizados e silenciados, i.e. neutralizados;

- o debate em consenso é *guiado* pelo uso de técnicas de facilitação, perante um público ingénuo para tal facto; o processo é viciado e manipulado para chegar a uma conclusão predefinida, através do uso de técnicas de triangulação (delphi) e outras;

- estas técnicas de facilitação são conduzidas por pessoas contratadas para tal, colocadas na direcção do debate (mediadores, facilitadores) ou no seio do público (agentes de influência, provocadores), para produzir efeitos de falsa vox populi e triangulação;

- já não há gridlock; decision-making é obrigatório, de modo a facilitar a imposição das medidas vendidas pelos facilitadores, as decisões predefinidas.

<u>Princípios aplicados a todos os domínios da vida cultural, psicossocial</u>. Agora, estes princípios são aplicados quer se fale de reuniões presenciais, de debates televisivos, de debates na sala de aula (sob "ciências da educação" pós-modernas), ou na dinâmica sócio/cultural em geral. Basta fazer a aplicação dos princípios gerais a cada um desses domínios para perceber como isso funciona.

<u>"Novo consenso", arma psicossocial para usurpação</u>. O "novo consenso" é uma arma de usurpação por guerra psicossocial, para puro e simples crime organizado para usurpação de poderes de decision-making – roubo – entre muitos outros crimes graves.

Engenharia psicossocial, consensus building, T-group.

Educação / consensualização para mundo desumanizado.

<u>Consensualização, generalizada no mundo pós-moderno</u>. Quando temos muitos grupos, empresas, comunidades, a funcionar segundo esta dinâmica (consensualização, o ambiente consensual), isso já é mau o suficiente. Quando toda a sociedade começa a entrar neste processo, isso é catastrófico. Mas é isto que estamos a ensinar às nossas crianças nas escolas, e é isto que os adultos, que deveriam saber melhor, também estão a aprender a fazer.

Educação pós-moderna, para era definida por contracção e crescimento negativo.

Banir a consciência individual e a Razão.

Inculcar empirismo radical, ideologias sociais sintéticas, pensamento de grupo.

Produzir pessoas sem iniciativa, para automatização humana. O resultado é o de a consciência individual estar sob ataque cerrado, no mundo pós-moderno. Tomemos o exemplo do actual sistema educativo que, sob as ideias de profissionalização, ultra-especialização, e socialização no T-group, essencialmente declarou que a racionalidade individual é algo de demodé, a ser desincentivado e, com efeito, prevenido. Hoje em dia, a criança média vai à escola média para aprender empirismo radical simplificado, ideologias sintéticas pós-modernas, pensamento de grupo. Isto não lhe dará as bases para vir a pensar como um indivíduo, para vir a ter as capacidades para organizar e desenvolver o seu próprio negócio, ou para fazer uma descoberta científica. Mas talvez venha a ser um bom operador de call center, ou um razoável subalterno administrativo entediado. Esta é a fasquia para uma era de contracção e crescimento negativo.

Pensamento colectivo / consensus building / conformidade compulsiva. O aspecto mais insidioso e destrutivo da educação pós-moderna é, de longe, a ênfase em pensamento colectivo. Do ensino primário em diante, *non stop*, as crianças são continuamente rotinadas a pensar e a agir em grupo, em equipa, para todas as disciplinas, consenso, "*consensus building*", sempre e em todas as ocasiões – ou seja, *conformidade compulsiva*, porque esse é o resultado final. Behave, for bee hive or. Produzir o mel em harmonia colectiva para que o apicultor possa empanturrar-se e engordar e finalmente eliminar a colmeia, quando as abelhas se tornam excedentárias.

Educação pós-moderna rotina crianças sob modelo Hitlerjügend / Brigadas Vermelhas.

Mentalidade consensual é infantil, mas adultos reinfantilizados são piores que crianças.

Porém, hoje, big boys tentam atar todas as pontas soltas.

Logo, crianças estão a ser cultivadas em consenso e nihilismo, o modelo Hitlerjügend. Tudo isto expressa uma mentalidade infantil, mas diga-se em abono da verdade que as crianças são bem menos alienadas que o adulto que foi reinfantilizado por consenso dialéctico. Mas é um facto que, hoje, os big boys at the top estão a tentar atar todas as pontas soltas, e isso significa que todas as crianças de idade escolar estão a ser ensinadas e rotinadas a funcionar com base no grupo consensual, com pseudo-ideologia naturalista por cima, contendo um feroz *bias* anti-humano. Esta, claro, é a fórmula genérica que foi seguida para cultivar os jovens bandidos da Hitlerjügend e, em medida diferente, os aprendizes de gangster das Brigadas de Mao. Portanto, o que surge daqui?

A ideia demagógica de “harmonia” e “entendimento” por consenso.

Doublespeak de ciências sociais, psiquiatria social.

“Harmonia” e “entendimento” / na verdade, normativização e conformidade.

Real harmonia e real entendimento só podem ser construídas por **indivíduos** honestos. A tudo isto, está associado um jargão bastante cínico de psiquiatria social e de ciências sociais embargadas (e embriagadas). É dito que consensualidade traz *harmonia* colectiva no ser e no comportamento, e isto significa normativização. Fala-se de *entendimento*, significando conformidade. Conformidade e formatação humana são valores desonestos per se; são falsa harmonia e falso entendimento. Real harmonia e real entendimento só podem ser construídos à volta do mais completo respeito pela liberdade e pelo espaço de decisão do próximo. Só podem ser construídos entre *indivíduos*, verdadeiros, Racionais, honestos.

Consensualidade não traz “paz mundial”, mas sim guerra mundial.

A ideia demagógica de que consensualidade trará “paz mundial”.

Nada podia estar mais longe da verdade. De há décadas para cá, surgem os mais variados demagogos utópicos que prometem que a construção de consenso, em cada sala de aula, em cada ambiente social, é a fórmula para obter paz, concordância, boa vontade e, quem sabe, “paz mundial”. A ideia de que uma cultura consensual originará boas intenções e boa vontade nunca resiste ao teste da História: todas as sociedades alicerçadas em consensualidade foram (e são) sociedades viciosas, violentas e repressivas. São ambientes dominados por bullying, mobbing, força colectiva, policiamento mútuo, violência organizada. Fascismo, comunismo, e todas as outras formas de totalitarismo, são formas de governo alicerçadas em consensualidade. Todas são sociedades profundamente bélicas e agressivas, para fora e para dentro. Existem bons motivos para que isso aconteça, expostos ao longo destas páginas. Uma boa imagem do futuro consensual é dada pela série Trailer Park Boys. Aí, no final de uma das temporadas, o trailer park (a “comunidade”), atinge o estado pristino de consensualidade, onde todos se amam profundamente, fazem tudo em conjunto, e todas essas platitudes propagandísticas. O episódio seguinte, um mini-filme (Say Goodnight to the Bad Guys), mostra o resultado de tudo isso: o trailer park implodiu em pobreza e violência, com os vários grupos, antes bastante comunitários, agora em guerra armada aberta entre si, por pequenas coisas, desperados mentecaptos, sujos e feios, a lutar por meia dúzia de tostões. Isso é o futuro do mundo ocidental.

“A boca fala de paz mas traz guerra no coração”. Esse é o espírito geral que anima tudo isto.

Fundações, Unesco, ONGs, associações psicopolíticas e governamentais, etc.

A sistematização deste paradigma ao longo da sociedade. Os promotores de "paz mundial" por engenharia psicossocial pululam a partir de grandes fundações bancárias, depois disso, da UNESCO e, numa terceira linha, de ONGs e outras associações psicopolíticas, educacionais, governamentais, etc. São partisans terroristas de power politics, para puro e simples controlo populacional. A ideia aparentemente simpática é a de que a educação tem de estar na ponta de lança do "esforço histórico" de estimular consensualidade. Depois, isto é promovido nos currículos de formação (formação, não educação) das ciências sociais, para estabelecer as trends paraintelectuais e profissionais junto de educadores, sociólogos, psicólogos sociais, e tudo o resto. Em breve, estas ideias são traduzidas para programas educacionais e para fórmulas de engenharia social e, em pouco tempo, influenciam toda a sociedade humana.

Se "consenso é a dinâmica essencial do século 21", então século 21 será horrível.

É preciso reafirmar o valor do indivíduo e da liberdade individual. Consenso é "uma das dinâmicas essenciais para o século 21" – é isso que é dito. Se assim é, o século 21 vai ser inteiramente anti-democrático, e não é isso que se pretende. Para afirmar alguma sanidade a este nível é preciso reafirmar continuamente que é o indivíduo, e não o grupo, que é a pedra basilar da sociedade; e que a civilização se constrói com liberdade e com democracia representativa, e não com "democracia consensual", o oposto exacto da ideia de democracia.

"Consensus building": Técnicas militarizadas para despersonalização.

Tavistock, RAND, NTL, Michigan, etc.

Military intelligence branches, especializados em guerra psicossocial.

Fairies wear boots and military industrial bully boys will be fairies. Os métodos modernos de "consensus building", de gerar "ambientes consensuais" (por ex., T-group) foram desenvolvidos ao longo das décadas de 40 a 60 por especialistas de investigação psicossociológica, em institutos como o Tavistock Institute de Londres, a rede de National Training Laboratories nos EUA (destaque para Bethel, Maine), a UMichigan e a RAND Corporation. Em todos estes casos estamos a falar de military intelligence branches especializados em guerra psicossocial. São essencialmente privatizados (não que isso torne e situação muito mais grave), com destaque para o Tavistock, o psychological warfare branch do SIS, i.e. da Coroa e da City of London Corporation (a Firm, como a rainha lhe chama). Os military industrial boys a desenvolver técnicas para criar salas de aula mais simpáticas e locais de trabalho mais aprazíveis (?!). Fairies wear boots and military industrial bully boys will be fairies, e é claro que a intenção é destruir.

Técnicas desenvolvidas a partir de tortura com POWs (e.g. T-group).

Despersonalização, inversão radical de valores, crenças, comportamentos [i.e. lavagem cerebral]. É por isso que o desenvolvimento destes métodos não foi um exercício académico ingénuo e benevolente, mas sim algo que foi abertamente inspirado em técnicas militares de despersonalização e conversão em grupo; técnicas desenvolvidas durante a II Guerra e durante a Guerra da Coreia, usando POWs. Todas assentam no uso de pressão social para alterar radicalmente o indivíduo – sob conversão completa, o indivíduo é despersonalizado e sofre uma inversão de 180 graus nos seus sistemas de valores, crenças, personalidade, comportamento. Uma forma incrivelmente poderosa de fazer isto é o T-group, o grupo de consenso e pressão social, onde o indivíduo é "frito" para "renascer no grupo" (esta é a terminologia que é usada pelos cientistas sociais, talhantes, que vendem a técnica).

"Consensus building": Arma de military intelligence, hoje a desfazer sociedade.

Hoje, T-group, uma arma, aplicado liberalmente por toda a sociedade. Hoje, o T-group é rotineiramente aplicado às nossas crianças: na escola, no grupo de jovens, na associação do bairro. É vulgarmente aplicado em programas de formação e actualização profissional; ou para gerar o "ambiente de trabalho saudável"; ou até em lares de idosos (nem durante a reforma a pessoa é deixada em paz; a ideia é, "no one gets out alive").

Lewin, Bennis, Schein et al. / os POWs americanos torturados na Coreia.

Nonsense hipster, aqui usado como arma militar, sobre "paz mundial" "utopia", "amor".

Entretanto, bully boys matavam 2M de camponeses vietnamitas e 50 mil americanos. Durante a era em que o T-group é formalizado por pessoas como Kurt Lewin, Edgar Schein, Warren Bennis e muitos outros, várias formas desta técnica estavam a ser aplicadas em POWs ocidentais pelas forças chinesas que combatiam pela Coreia do Norte. Estes são *factos*, que podem e devem ser verificados. É bastante interessante e aconselhável ler os livros e ensaios que estas pessoas escreveram nesta altura – são públicos, acessíveis, e de leitura fácil. Embora seja preciso filtrar todo o nonsense hipster sobre paz mundial, utopia e psicadelismo. Bastante notável em spin doctors ao mais alto nível de military intelligence, um dos meios mais virulentos e perturbados em existência. Porém, este é o modo desarranjado como fairies who wear military grade boots, also wear poisonous flowers on their hair, while they sell good ARAMCO oil to the NVA and raze Vietnam farmer villages to the ground, to standardize the territory, devastate the independent tribes and get them all under a strong central government, for multinational exploitation. Five to one baby, one in five, no one here gets out alive. Insanidade e nihilismo.

O ensaio vital de Lewin, o agent provocateur trotskyista, a soldo do Pentágono. Existem vários "Mein Kampfs" em tudo isto mas é provável que o mais fácil e straight to the point de todos seja o "Conduct, Knowledge and Acceptance of New Values", publicado em 1945 no Journal of Social Issues, por Kurt Lewin, o trotskyista/nazi reconvertido em

agente MI6/CIA [*agente quádruplo ou quintuplo, um benchmark para a classe de trotskyistas e restantes provocadores a soldo de grandes fundações*]. O documento explica como implementar um programa de reeducação – esse é o termo usado – sobre toda uma sociedade.

Hoje, toda a sociedade está a ser desarranjada e desfeita pelo uso destes métodos. Entretanto, foi feito. Está a ser feito. Geralmente sob títulos melosos e sonantes, como "programa de socialização", "formação para o consenso", "treino de diversidade" (a diversidade morre, neste processo), "saúde mental no trabalho" (a saúde mental também), "integração social na 3ª idade" – e por aí fora. Que esta questão não seja conhecida do público em geral, não é apenas vergonhoso. É uma indiciação da minha classe (psicólogos sociais), e de todas as classes e instituições que ganham (ou acreditam ganhar) com a introdução destes métodos na sociedade – com aquilo que é, de facto, a destruição de mentes alheias e da própria sociedade no seu todo.

A sociedade enovelada, atada, amarrada – enforcada.

A plantação é a comuna e será a comunidade sustentável Agenda 21.

Consenso é a dinâmica da comuna e da plantação.

[A plantação e a comuna são a **mesma exacta** coisa; comunidade Agenda 21 segue-se]. Consenso é também a dinâmica comunal da plantação e do seu correspondente imediato, a comuna. A plantação é a extensão colonial da comuna feudal e é daqui que surge a comuna totalitária do século 20, seja ela comunista ou fascista. A comunidade integrada Agenda 21 é a continuação trademark directa de tudo isto.

Colocar subumanos em espaços trancados autoritários, forca e chicote bem à vista.

Mantê-los sob pobreza forçada, ensiná-los a policiar-se mutuamente.

"Utopia" só serve para entrar; depois, o inferno de poder irrestrito pode ser libertado.

[Não há honra entre ladrões and there's a sucker born every minute.] Todas estas estruturas são baseadas em autoritarismo, pobreza, regimentação social, servitude/escravatura. É o modelo mais evidente de organização sob despotismo. Colocar os subumanos todos em espaços trancados, remetê-los a pobreza e a trabalho forçado, manter a forca e o chicote bem à vista e ensiná-los a policiar-se mutuamente. É isso que autoritários fazem com os seus "inferiores"; e porque é que haveria de ser de

forma diferente? [*A demagogia sobre utopias maravilhosas só serve para meter o pé na porta. Depois disso, o campo fica aberto para o exercício irrestrito de poder autoritário. Esperar o contrário é o melhor dos manifestos sobre densidão humana, mas é isso que contece com a generalidade dos apoiantes de movimentos totalitários. Não existe honra entre ladrões, mas os últimos a perceber isso são, genericamente, os próprios ladrões, que são trapaceados e depois despachados pelos top dogs. A natureza humana não muda mas, como P.T. Barnum dizia, "there's a sucker born every minute"*].

Isso é a comunidade A21: Arbeitslager + comuna chinesa e AI no topo.

Trabalho forçado e extermínio gradual para resolver "excesso de população". É *isso* que vai ser a comunidade Agenda 21. Vai ser um campo de trabalho forçado e de extermínio gradual da população, dos excedentários, por meio de violência, pragas, subnutrição e tudo o resto. Uma mistura do Arbeistlager com o lockdown camp chinês; e uma camada de high tech e AI a supervisionar todo o processo.

Destruição cultural para a imposição da comuna, o e.g. da China.

A comuna assenta sempre sobre destruição cultural e sobre consensualização. Toda a realidade sócio/económica da comuna, ou da plantação, assenta sempre sobre o processo implícito de destruição cultural, seguida/acompanhada de consensualização.

Lord Palmerston / Guerras do Ópio / desculturalização da China pelo Foreign Office.

Genocídios / brigadas vermelhas / escravatura comunal sob companhias multinacionais. Um homem que sabia isto era Lord Palmerston, o grande ideólogo e executor do Foreign Office imperial britânico durante a maior parte do século 19. Palmerston foi responsável pela destruição cultural de vastas extensões da Europa continental, teve uma mão na Índia e nos domínios africanos e foi determinante para a desintegração cultural da China. Esse foi um dos grandes projectos de Lord Palmerston e da sua clique de oligarcas financeiros, narcotraficantes e esclavagistas, na City of London. A dinâmica de desculturalização radical iniciada durante as Guerras do Ópio é mais tarde direccionada para comunismo por pessoas como Lord Bertrand Russell e John Dewey (que vão a Pequim e Shanghai nos anos 20 para criar o Partido Comunista, e dar aulas de comunismo aos jovens hooligans aristocráticos que serão os líderes do movimento) e acaba por levar de modo mais ou menos directo aos genocídios de Mao. É nos gangs de jovens fanáticos irracionalistas da Revolução Cultural que é finalmente alcançado o "homem-besta"; o grande projecto de Palmerston e da oligarquia anglo-europeia. Como tantos outros nihilistas oligárquicos antes dele, e tantos outros depois dele, dentro e fora da Grã-Bretanha, Lord Palmerston estava interessado em escravizar, mas sabia que é preciso bestializar antes de escravizar. Na altura, estes gangs, devotados ao culto do grande líder, o tirano, devastam o que restava da China, e é claro que isto inclui o frequente assassinato das próprias famílias. São a cereja no topo do bolo venenoso de

80M de mortos causados por Mao. Depois, muitos destes jovens hooligans têm as suas merecidas recompensas nas cidades de trabalho escravo da China comunista, a trabalhar 14h por dia por mera subsistência, para companhias multinacionais.

O "homem-besta", a criatura existencialista para trabalho forçado na comuna.

Para que a comuna funcione, o escravo tem de ser bestializado.

Ignorância, maus sentimentos, degradação, traição do próximo. Para que a comuna funcione, o servo, o escravo, tem de ser convertido numa criatura bestializada, ignorante, atomizada. Tem de aprender a funcionar em consenso, sob uma cultura grupal muito básica, alicerçada em maus sentimentos, degradação, mediocridade. O escravo comunal é sempre ensinado a cometer aquele sacramento de auto-desrespeito e de auto-traição, o de virar-se contra o colega que sai da linha. Qualquer bom shareholder de plantação e qualquer bom explorador de trabalho comunal conhece estes princípios. Já Aristóteles os mencionava. Foram repetida e sistematicamente aplicados durante a História humana, e dominados a um nível de perfeição nunca antes igualado durante o espaço do último século.

O homem bestializado é amoral, ignorante, vazio, atomizado no mundo.

O esclavagista depende deste tipo de RH, e está seguro perante ele. É uma criatura existencialista, dialéctica, culturalmente destruída e culturalmente destrutiva. As suas prioridades existenciais são definidas por linhas hobbesianas; a procura de prazer e o evitamento da dor. Age sempre em grupo porque não consegue agir de outra forma. É no grupo que recebe a sua ideologia sintética e a sua identidade artificial, que o definem enquanto pessoa. É no seio do grupo que recebe as suas gratificações e as suas punições. É o grupo que policia a sua ortodoxia ideológica e comportamental. Esta pessoa pende naturalmente para o sistema totalitário, que lhe oferece um módico de auto-gratificação e de autoridade social em troca dos serviços prestados, e lhe oferece a omnipresente ilusão de segurança pessoal. Por sua vez, o esclavagista totalitário depende deste género de recurso humano: a pessoa primária, infantil, auto-centrada, que vive num mundo mental pré-fabricado e formulaico; que não é excessivamente movida por sentimentos de solidariedade para com o próximo; que não tem qualquer capacidade, ou motivação, para mudar o regime vigente; que se contenta facilmente com umas migalhas e com o exercício mesquinho de poder social que lhe é atribuído. O homem que empunha o chicote, e guarda os cubos de açúcar, está seguro perante este género de constituência.

Princípios axiomáticos, com os quais é preciso aprender. Estes princípios são axiomáticos à natureza humana. O indivíduo culto e inteligente sabe, e aprende, com o passado. O indivíduo que não quer aprender com o passado não é culto, nem inteligente, e é provável que não mereça ser considerado indivíduo. É, ele próprio, um produto existencialista descartável, alguém que se limita a "existir" num fluxo espácio-temporal, imerso em confusão, sem noção de onde vem e, ultimamente, para onde *vai*.

Sociedade dialéctica: corrida para o fundo – despotismo totalitário.

<u>A mentalidade dialéctica é viciosa e totalitária</u>.

<u>Obter síntese total implica irrestrição total de poder, policiamento, regulação, controlo</u>.

<u>A vanguarda e as massas consensuais regimentadas</u>. O processo dialéctico resulta sempre em despotismo, já que a mentalidade dialéctica é viciosa e totalitária. Tudo abrange, tudo regula, tudo policia, na procura constante de uma síntese total e universal. Isto é assim do micro ao macro, do grupo à sociedade em geral e ao próprio mundo. Tudo e todos têm de funcionar de um modo dialéctico, no grupo dialéctico e na sociedade dialéctica. Todos têm de ser "incluídos" e "integrados" no todo dialéctico, na síntese social geral que é oferecida. Ninguém pode optar por ficar de fora. Democracia é redefinida para significar o seu oposto exacto: regimentação compulsiva na massa colectiva organizada. Quem define os moldes de funcionamento da sociedade dialéctica, do todo organizado? Pode ser o oligarca/demagogo nietzschiano, ou o "consenso social". Mais geralmente, é a combinação dialéctica dos dois: o consenso do grupo é fabricado pela vanguarda dialéctica e é, consequentemente, imposto ao resto da sociedade.

<u>O mínimo denominador comum da consensualidade é todo-o-terreno</u>.

<u>Maus sentimentos, miséria económica, gangsterismo político</u>.

<u>A comunidade integrativa é o feixe feito para ser cortado, jogado ao fogo</u>. O processo de consenso é sempre alicerçado na redução a um *mínimo denominador comum* que possa ser aplicado/imposto a todos os "incluídos" – um estado mental, cultural e sócio-económico no qual *todos* possamos estar *no mesmo barco*. Em consequência, os regimes dialécticos, consensuais, são sempre baseados em emiseramento sócio-económico, em maus sentimentos, em falsidade ubíqua. Todos têm de (*ser forçados a*) abdicar da sua individualidade para participar no *consenso universal* compulsivo que é, desta forma, formalizado. É a procura desse consenso universal que define todos os regimes dialécticos, de comunismo a fascismo. O consenso universal é sempre o sistema de organização humana onde os indivíduos *têm de aceitar* ser despersonalizados e colectivizados: no soviete, nos fascii, na comunidade integrativa. Por outras palavras, têm de aceitar ser o *joio* que é atado em *feixes*, para que possa ser lançado ao *fogo*.

Sociedade dialéctica: <u>destruída e destrutiva</u>, como os sujeitos que a habitam.

<u>Marcuse: Eros (entrega) e Tanatos (destruição), do individual ao societal</u>.

<u>O sujeito destruído e destrutivo / vive por absorção e destruição de vida à volta</u>.

A sociedade destruída e destrutiva / vive por absorção e destruição de vida à volta. Sob funcionamento dialéctico, como Marcuse deixou claro, o indivíduo é destruído enquanto tal, i.e. é despersonalizado (Tanatos), quando se junta ao abraço de grupo (Eros), quando subordina a sua personalidade e a sua mente ao self grupal. A sociedade é igualmente destruída e devastada (Tanatos) quando funciona segundo este esquema colectivo de coisas (Eros). Uma sociedade dialéctica é homogénea, emiserada, incapaz de inovar, construir, desenvolver. É uma sociedade simultaneamente destruída e destrutiva; não tem futuro, a não ser na absorção e na destruição de mais objectos à volta. Quando já não existe mais nada para absorver, desmantelar, ou destruir, tudo o que resta é pura e simples morte. E este é o processo de colapso de nações.

Entrega para os braços da morte pode parecer estimulante e agradável. Mas a degradação pode ser um exercício estimulante, e ter a aparência de algo bom e preenchedor (Eros). Seja como for, todos os restantes géneros de destruição e decadência (Tanatos) se seguem.

A sociedade enovelada: inversão radical de valores para Fascismo Corporativo.

As variáveis psicológicas totalitárias dominam o mundo pós-moderno, devoluto.

Inversão radical de valores e ajustamento a "novos normais" inumanos. O mundo pós-moderno, pós-industrial, devoluto, é cada vez mais caracterizado pelas variáveis psicológicas do totalitarismo, sob a notória marca Fascista: força, alienação, instrumentalismo, desumanização, num processo dirigido por megabancos e fundações. É um mundo onde foi alcançada aquela marca inescapável do colapso de civilizações, a inversão radical de valores – aquilo que antes era bom passa agora a ser mau, e aquilo que antes era mau, é agora normal, adaptativo, útil e, portanto, bom. A inversão é gradual mas segura, e funciona por ajustamento progressivo a "novos normais".

A sociedade presa em nós, laços e novelos.

Construir sobre a mentira leva à normativização da falsidade na sociedade.

A estátua social, eidolon colectivo – "nós", "comunidade".

Esta estátua assenta sobre pés de barro e é feita para colapsar.

Entregar-se nos braços da morte pode parecer giro mas, lá está, morte é morte. Construir algo sobre a mentira só pode levar à acumulação progressiva de mais e mais mentiras, até ao ponto em que esse estado de falsidade geral se torna naquilo que caracteriza a sociedade humana. O mesmo vai depois acontecer para as vidas e para as mentes que são afectadas pelo ambiente social. Mas a degradação pode parecer um exercício estimulante, e a entrega aos braços da morte pode parecer uma coisa gira e

preenchedora. Seja como for, morte é morte, e morte é morte, e não há grande volta a dar ao assunto.

A sociedade presa, atada e amarrada em laços, nós, novelos, é a sociedade a ser enforcada. E morte é o que acontece quando toda a sociedade é literalmente atada, presa, impiedosamente amarrada em nós dialécticos. Pendurada pelo pescoço por uma enorme convolução de laços, atados em nó contínuo para formar uma corda e a corda acaba num novo nó de nós, apertado à volta daquele pequeno, frágil e mirrado pescoço. Portanto, é isto que existe, um mundo essencialmente dialéctico, dissociativo, esquizofrénico. Preso, atado, enovelado numa infinidade de *doublebinds*. A soma total dos nós, o nó definitivo, é um gigantesco e embaraçoso agregado social com o aspecto figurativo de um Nó Górdio. Esse Nó total, pela sua própria natureza corrupta, está sempre fadado à destruição física, às mãos de um Alexandre, o conquistador sociopático que surge para desfazer ao nada a pretensão humana e desaparecer logo a seguir.

Alexandre ou Daniel, you decide.

Salvar a consciência individual, o passo essencial para dissolver os nós. Logo, antes que Alexandre apareça para desfazer as débeis e patéticas formações de dezenas de milhares de mercenários com meia dúzia de hoplites, e para desfazer o Nó Górdio, é necessário que Daniel desfaça as ilusões impostas pelos Caldeus. Isso é feito por meio de apreço pela verdade dos factos e pela adopção inabalável de bons valores, e essa tem de ser uma iniciativa do indivíduo – de todos os indivíduos com uma consciência. E salvar a consciência per se é o ponto mais fulcral em tudo isto, já que a consciência individual está sob ataque cerrado, no mundo pós-moderno.

Comunitarismo é sempre consensual e só pode ir para um lado.

[Ver também a **imagem da galera romana**, mais atrás].

Todos os comunitarismos são baseados em consenso e só podem agir de uma forma.

Comissários, a comuna, maus sentimentos, obscurantismo, pobreza, exploração.

Babilónia – Idade Média – URSS, Alemanha Nazi, China, etc. – Agenda 21. O novo comunitarismo, baseado em consenso, nesta forma de funcionamento, não tem alternativa a não ser a de estar em alinhamento pleno com os antigos comunitarismos, da velha Babilónia à Idade Média europeia aos regimes totalitários dos últimos dois séculos. Todos fazem o mesmo, independentemente dos pretextos ideológicos que sejam dados, porque todos *são o mesmo*. Consensualidade é consensualidade e só pode funcionar nos sentidos aqui apontados. Todos os sistemas consensuais assentam na mesma massa disforme de maus sentimentos humanos, aquilo que substitui o self após despersonalização no colectivo. A comuna babilónica é a comuna medieval, que é a comuna soviética, que é a comuna nazi, que é/será a comunidade integrada Agenda 21. Os sacerdotes babilónicos são os sacerdotes medievais, que são os comissários

totalitários, que são os comissários comunitários e os facilitadores do século 21. Todos são irmãos de armas e kindred spirits, unidos por malevolência e obscurantismo. O código social babilónico é o código medieval, que é o código comunista, e é o código fascista e é/será o código do século 21: a prisão social, mental e comportamental para o mundo de pobreza e exploração.

A desfiguração institucional do Cristianismo.

Acção moral trocada por racionalização de injustiça, ritualismos, espiritualismo pagão.

"As nações esforçaram-se para o fogo" / verdade carboniza mentira, o orgulho humano. Já agora, é evidente que o Cristianismo medieval estava inteira e deliberadamente distorcido, tornado no *inverso* do que deveria ser de modo a justificar conformismo, exercícios arbitrários de poder, as práticas mais horrendas. Deus, o verdadeiro, é a grande ameaça a estes esquemas sociais de coisas, porque é quem ensina que o social não vale para rigorosamente nada e que tudo o que conta é nobreza de acção. Acção justa, corajosa, limpa, irredutível. E foi por isso que as oligarquias medievais tiveram de tentar obscurecer a limpidez de acção que é exigida por Deus através de ritos inconsequentes e pela superimposição de espiritualismos pagãos. Este problema, a supressão da Palavra de Deus por debaixo de camadas interpretativas baseadas em nonsense, e em desonestidade é, de resto, um problema que perdura até hoje. De resto, está a acontecer como é suposto mas não perdurará, porque, no final, as nações esforçaram-se para as chamas. A real chama é quando a verdade carboniza a mentira e desfaz o orgulho humano a nada.

De "do what you want" a "work hard for your fair share, trash"

De "do what you want" a "work hard for your fair share, trash".

Regime age sobre público para o atomizar e colectivizar, em simultâneo.

Estimular ódio, desconfiança, cinismo, apatia / relações vazias, falsas, insípidas.

O "ambiente moral contaminado" de que Vaclav Havel falava. O narcisista tem de isolar a sua vítima. Por um lado colectiviza-a, coloca-a na massa, para propósitos de controlo e influência social, mas depois assegura que as relações na massa vão ser falsas e vazias. As vítimas ficam atomizadas no colectivo, colectivizadas na atomização.

Quebrar relações humanas e torná-las vazias e insípidas passa pela estimulação de desconfiança, ódio, apatia relacional. As pessoas *nem sequer tentarem* construir relações em condições. Isto está na essência daquilo a que os comunistas chamavam de desmoralização. Destruir o velho sistema de relações humanas e substitui-lo por aquilo a que Vaclav Havel chamou de "ambiente moral contaminado", um pântano putrefacto e infecto, onde a normalidade é definida por mentira, cinismo, egoísmo.

<u>Transmissão de pragmatismo, calculismo / "you scratch my back, I'll scratch yours"</u>.

<u>A caixa de Pandora que devasta as pessoas e as relações humanas na sociedade</u>.

<u>Essencial para degradar o público, impossibilitar relações genuínas</u>.

<u>Essencial arrependimento, mudança individual, para recuperar humanidade</u>. E o mais importante de tudo, aqui, é a transmissão de perversão, na forma de mentalidade pragmatista. Aqui, estamos a falar de calculismo egoísta, narcísico. Cada qual tem de sentir que está no seu direito *usar* o próximo de forma egotística, embora dentro dos parâmetros que são prescritos pela norma social. A mentalidade dominante sob pragmatismo passa a ser algo como, eu faço coisas boas por ti enquanto tu fizeres coisas boas por mim. You scratch my back, I'll scratch yours; o standard dos macacos, com todo o respeito pelas pobres criaturas. E é claro que este é o self-destruct mechanism, o botão vermelho que, quando pressionado, liberta a reacção em cadeia que devasta absolutamente as relações humanas e o próprio self. É a caixa de Pandora que, assim que é aberta, liberta vagas após vagas de mal, naquilo que é uma blitzkrieg relacional de instrumentalização, uso, manipulação, e todos os subprodutos disto, insegurança, desconfiança, medo, apatia, ódio. Uma boa parte do público é transformada em pig demons inumanos e uma outra parte, em pessoas apáticas e acobardadas. E é precisamente isso que os engenheiros sociais pretendem. Criar escravos degradados, reduzidos a um nível de temor, insegurança, cinismo, apatia. Enquanto as pessoas funcionam assim, relações *humanas* são impossíveis. É necessário haver arrependimento e mudança individual para a quebra destas condições relacionais sintéticas o retomar de humanidade. Como o outro observava, I've heard their stories, heard them all, but love's the only engine of survival.

<u>Destruição de relações resulta no empowerment da aldeia, o estado criminoso</u>. É claro que o empowerment selvagem do estado totalitário, do regime criminoso, é sempre o background de acção aqui. Quando eu faço tudo o que quero, e uso todos os outros conforme me dê mais jeito, desde que seja autorizado pelas normas da aldeia, o que acontece é que destruo relações para a esquerda e para direita, destruo pessoas, destruo a sociedade em volta. Dessa forma, dou mais poder à aldeia, o gangster state.

<u>Sob quebra relacional, não há fontes de apoio, when the big boys come for you</u>.

<u>Indivíduo deixado sozinho, face a face com estado autoritário</u>. Ao sujeito, talvez nunca falte companhia física, mas as relações humanas serão essencialmente vazias e utilitárias; e certamente ninguém deve fiar-se em solidariedade dos seus pares, na

proverbial situação when the big boys come for you. É suposto que o indivíduo seja deixado inteiramente sozinho, face a face com o estado autoritário; sem clã, família, ou amigos para se interporem no caminho. A aranha que precisa de ter a presa isolada na teia, e é por isso que este tipo de degeneração é incentivada, no público.

Na aldeia, cada indivíduo narcísico tem muito pouco espaço de liberdade / "fair shares".

E, mais cedo ou mais tarde, perde *totalmente* a própria cabeça.

A fusão total do sujeito com o "estado". Quando a aldeia tem todo o poder, o que acontece é que cada indivíduo narcísico tem muito pouco espaço de liberdade; apenas um módico tolerado, uma "fair share", uma "justa" e "quota parte". Isto significa racionamento de essenciais, um pequeno apartamento cinzento num bairro social devoluto, e cada passo da minha vida a ser inspeccionado pelos gangsters do comissariado local. E é claro que o estado total pretende ser "deus", a camorra pretende dominância global. Logo, o que acontece é que o meu narcisismo terá de ser colocado sob controlo e alinhado com o estado total; a ideia que subjaz a estatismo extremo é que, eventualmente, ninguém tenha a capacidade de encontrar qualquer forma de liberdade e de satisfação a não ser no serviço à "comunidade", i.e. fusão total com o estado. O que isto significa é a redução de seres humanos ao estatuto de insectos de colónia.

Comunicação dialéctica, integrativa, consensual.

Comunicação dialéctica: Jogos de ego, orgulho e preconceito, violência relacional.

Alicerçada em sentimentos, caprichos autoritativos, opiniões sociais.

Ajustamento mútuo de egos é tudo o que conta / jogo de ancas, o meio de lá chegar.

Concordância e dissolução pessoal são obrigatórias. A comunicação dialéctica opera por sentimentos, opiniões socialmente aceitáveis, caprichos autoritativos, agendas que se querem vender, e outras irracionalidades deste género. A troca de ideias é, per se, irrelevante. As ideias que estão a ser debatidas são laterais, irrelevantes e circunstanciais. A troca serve para chegar ao momento mágico em que as pessoas na situação encontram um patamar comum de compromisso, de dissolução partilhada de posições em nome de ajustamento social; na verdade, falsidade partilhada. Tudo o que interessa é este acto de dissolução, o abraço de grupo no pântano, o sacramento de

abdicação em nome do jogo de egos. O social é "deus" e os egos em presença são os "semi-deuses"; o princípio de realidade é este ajustamento mútuo. Os participantes *têm* de concordar em algo. Esse é o resultado predeterminado e o jogo de ancas é o processo obrigatório para lá chegar. E, porque é que isso havia de acontecer?

É claro que não é isto que acontece entre pessoas coerentes e maduras. O que acontece entre pessoas maduras (já para não dizer, normais) é que conversam amigavelmente sobre o que quer que seja, concordam quando isso faz sentido, e não discordam quando não faria sentido concordar; concordam em discordar. Talvez até aprofundem a sua relação pelo facto de agora se conhecerem melhor e de apreciarem as suas diferenças. É isso que gera boas relações humanas.

"Just make my ego feel good, tell me sweet little lies" [validade lógica é irrelevante]. Mas todo o processo dialéctico é guiado por sentimentos e por artefactos sociológicos irracionais. O que determina o debate de ideias não é a validade lógica dos argumentos, mas apenas e somente se os argumentos me são egoicamente aprazíveis. Se me titilam, se me são agradáveis ou não. Se são a norma partilhada pelo meu grupo. Se são aquilo que está *in*, aquilo que é cool n groovy. Se são aquilo que eu quero ouvir. Tell me lies, tell me sweet little lies – but make me feel good!

"Pride and prejudice replace all sense and sensibility".

"Deixa-me *ganhar*, ou pelo menos *empata* comigo, faz-me sentir bem".

"Caso contrário, és petulante, elitista, auto-centrada, orgulhosa, teimosa, **intolerante**". Ego e orgulho – pride and prejudice replace all sense and sensibility. Deixa-me ganhar, ou pelo menos empata comigo. Faz-me sentir bem, faz-me sentir validado e inteligente, abdica da tua posição por mim (*me, that big huge insecure me*); eu farei o mesmo por ti. O funcionamento dos miúdos pequenos. Orgulho, ego e emoções infantis. Quando a outra pessoa não está a jogar jogos de ego (é isso que está em causa), bom, então isso significa que a outra pessoa é má. Não está a titilar o meu ego. Não está a fazer-me sentir bem, não está a dar-me um fix de dopamina (a pessoa deveria ceder, para me proporcionar feel good hormones). Está a fixar-se na sua posição; está a ser *rígida*. Está a ser *petulante*, *elitista*, *auto-centrada*. *Orgulhosa*! É *teimosa* porque não faz cedências neste assunto, e isso seria tão simpático, tão educado, tão de rigueur. E está a ser *intolerante*! Se não me valida, é claro que isso é um terrível sinal de intolerância, para com, vá-se lá saber o quê (talvez, jogos de ego e conversas falsas e especiosas).

Real feel good existe com sinceridade, abertura, coerência, racionalidade.

Jogos de orgulho e ego rotinam pessoas a mentir, a cinismo, narcisismo, autoritarismo.

E, também, à inversão semântica da realidade. O ***real*** feel good é quando duas pessoas estão à vontade para falar sobre TUDO, de modo aberto, despretensioso. Discordar aqui, concordar ali, aprender uma com a outra. Serem inquestionavelmente amigas, reforçarem continuamente a amizade, porque sabem que são pessoas honestas, coerentes e racionais. O real feel good está num rapport sincero, próximo e honesto – verdadeiro.

É *aí* que está o real feel good, e não em jogos infantis de orgulho e de ego, para subjugação mútua. Mas é isso que é o sistema dialéctico. É uma mentalidade viciosa, que rotina as pessoas a mentir, a tornarem-se narcísicas e cínicas (make me feel good, always, and I'll make ya feel good too, when I think it'll pay) e, habitua-as a serem autoritárias; quando exigem que o outro faça precisamente o mesmo, em nome do seu feel good, o grande buraco negro sugador chamado ego. E ensina-as a fazer o truque sacramental, o de inverter o sentido das palavras para validar as suas próprias posições e atacar quem não faz as vontades.

Princípio de realidade oscila algures entre o ego e o social / é medido por capricho.

Honestidade, coerência deixam de contar ["truth, an enemy, logic, a menace"].

Empatia, abertura, sinceridade e tolerância dão lugar a calculismo relacional.

I.e. tudo o que marca o rapport racional, normal, é colocado de parte. Por outras palavras, o sentido de realidade aqui está a oscilar algures entre o ego e o social. Capricho é a balança pela qual o mundo real é pesado, avaliado. Honestidade intelectual é algo que pura e simplesmente não entra na equação. Para quê haver coerência, justiça e equidistância quando o meu ego precisa de ser titilado? Make me feel good, make me feel god. Com o tempo, e à medida que as pessoas ficam mais e mais rotinadas a isto, acontece que "truth becomes an enemy and logic a menace", como Rod Serling teria dito, *in the twilight zone*.

E é claro, em tudo isto é muito difícil encontrar empatia, abertura, sinceridade. Tolerância, atenção às características pessoais do próximo. Tudo aquilo que marca um rapport racional. Mas existe sempre a pretensão calculada de afabilidade e de sociabilidade, to get what I want, gimme gimme gimme.

Rapport egotístico e dissociativo / rift na racionalidade e abdicação de relação *real*. Tudo isto expressa uma forma relacional e comunicacional egotística, mas também dissociativa, pela qual os sujeitos estabelecem um rift na racionalidade e abdicam de real relação, nunca aprendendo a apreciar-se ou a compreender-se mutuamente.

Jogos de ego e feel good pantanoso tornam-se a raison d'être da relação humana. Aprendem apenas a forçar-se a concordar entre si, em jogos de ego, e a sentirem-se bem com isso. É aí que encontram a sua raison d'être relacional, na obtenção deste estado de falsa harmonia.

Os resultados disto: autoritarismo, agressividade, intolerância, petulância.

A relação humana como Danzig, um espaço de anexação. O padrão relacional que daqui surge é tão juvenil como o funcionamento egóico do processo dialéctico. Autoritarismo, agressividade, intolerância. Os sujeitos tornam-se petulantes, ofensivos, agressivos. Feriste os meus sentimentos porque não fizeste o meu ego sentir-se bem, agora tenho de fazer guerra contra ti e insultar o teu ego, tentar magoar o teu ego [*uma vez mais, o registo da criança pequena; mas nem as crianças pequenas são tão egoístas e*

autoritárias como o adulto que é reinfantilizado pela dialéctica]. Ou existe concordância compulsiva, ou existe quebra, polémica, violência, guerra; a relação humana definida por Anschluss e por Blitzkrieg. Declaro-te guerra e faço-mal a não que me deixes anexar-te num ponto qualquer (tu és Danzig); e podes anexar-me também num ponto qualquer [*a dialéctica mestre-escravo, de Hegel, onde é suposto que todos aceitem ser mestres e escravos de todos os restantes*]. É isto que acontece quando as pessoas e as sociedades perdem a capacidade de comunicar, as coisas tendem a tornar-se bizarras e insanas.

Comunicação dialéctica: Princípio de realidade vs. mimo, capricho, pretensão.

O funcionamento dialéctico é uma espécie de negativo de racionalidade.

Calculismo, invenção, fugas para a frente, racionalização de caos mental. A dialéctica funciona como uma espécie de negativo de racionalidade, como foi bem exposto nos pontos anteriores. A pessoa que funciona nestes moldes vai incorporar este espírito, bastante pernicioso. Quando pouco ou nada sabe sobre um assunto, tenderá a inventar, a fazer fugas para a frente onde procura demonstrar todo o seu brilhantismo; uma pessoa honesta tenderia a nem sequer se pronunciar sobre esse assunto. Com frequência, até vai começar conversas por meio de meras fantasias atiradas ao ar, nonsense consciente definido meio ao calhas, que serve apenas e somente para estabelecer uma baseline de conversação e permitir o desenlace da síntese dialéctica.

Comunicação lógica, racional e despretensiosa é uma coisa óptima. Se alguém me provar que estou enganado em algo, então é apenas uma questão de lógica que eu reconheça que o estou, e que fique satisfeito por ter aprendido algo de novo [*a não ser, claro, que a pessoa seja um idiota petulante; aí, continuarei a reconhecer que tem razão, mas tenderei a mandar a pessoa dar uma volta*]. Eu fiquei mais enriquecido porque aprendi algo de válido, e posso agora transmitir isso a outros. A outra pessoa também ficou mais enriquecida porque transmitiu o seu próprio conhecimento e com isso fez algo de bastante produtivo, que é aumentar a net wealth do mundo em conhecimento. Passaram a existir mais boas ideias em circulação para alimentar outras boas ideias e é apenas assim que as pessoas e as sociedades crescem.

Sujeito dialéctico fica muito agravado quando lhe provam que está errado em algo.

Ego oblige / o princípio de realidade está entre ego e o "social", o "nós".

Gerações mimadas são sempre as mais dialécticas / capricho espalha destruição.

Depois, as gerações seguintes têm de ser adultas e racionais, para reconstruir tudo. Quando a outra pessoa lhe demonstra que está enganado em algo, o sujeito dialéctico tente a ficar agravado, indignado, a guardar rancor; mesmo que não o expresse de forma imediata. Isto, claro, expressa o foco do sentido de realidade no self. "Ego" decido o que é ou não real, de acordo com esta ou aquela fantasia, com este ou aquele capricho

situacional. “Ego” é quase tudo; e depois também há o “nós” no qual “ego” se insere, o *social*. As pessoas mimadas são sempre as pessoas mais dialécticas. Cuidado com gerações e com povos que foram estragados com mimos. São guiadas por capricho até à devastação e são as gerações que vêm a seguir que têm de passar pelo cabo dos trabalhos, tornarem-se consistentes e coerentes, e reconstruir tudo o que as gerações anteriores arruinaram.

Princípio de realidade tem de ser alicerçado em verdade moral e epistemológica.

Verdade moral: pessoas *verdadeiras*, com carácter **vs** pessoas *falsas*, sem carácter.

Só pessoas *verdadeiras,* intelectualmente honestas, conseguem descobrir e lidar com verdade factual e epistemológica.

Pessoas falsas simplesmente distorcem o real por capricho e expediente.

Quando o edifício é construído sobre falsidade, simplesmente *colapsa*. É preciso ter um sentido de realidade alicerçado, lá está, no *real*, no mundo real. O que interessa é aquilo que é real, validável, consequente; princípios, axiomas, factos. Por outras palavras, aquilo que é epistemológica e factualmente verdadeiro; *verdade epistemológica e factual*. É claro que isso não pode existir sem *verdade moral*, sem que as pessoas em si sejam *verdadeiras*, i.e. intelectualmente honestas, sinceras, empáticas, responsáveis. Só pessoas com carácter podem descobrir, aceitar e lidar com aquilo que é factual e epistemologicamente verdadeiro. Pessoas *falsas*, i.e. pessoas que são desonestas, calosas, até mentirosas, vão distorcer a realidade a seu bel-prazer por questões de expediente, e para validar caprichos momentâneos. Quanto o princípio de realidade é alicerçado em falsidade, o edifício é construído sobre mentiras, o que significa que colapsa. É por isso que as sociedades dialécticas estouram sempre, após provocarem muita destruição no mundo em redor. Na prática, é só para isso que servem, para destruir; auto e hetero-destruição.

Ou algo é verdadeiro ou não é, independentemente de caprichos e de expedientes.

Se algo é verdadeiro, validável, consequente, é melhor que se lide com isso.

E.g. da ponte colapsada.

E.g. das redes de pedofilia [e os pig fairies at the top].

Em ambos, falsidade/corrupção humana → catástrofe. A pessoa intelectualmente honesta, pelo contrário, vai colocar sempre em primeiro lugar aquilo que é verdadeiro, validável, consequente. Isso está acima de sentimentos e de caprichos pessoais, de opiniões sociais, de expedientes do momento. Ou algo é verdade ou não é e, se o é, então é preciso agir de acordo com isso. Se aquela ponte vai cair porque os alicerces foram mal construídos, então é *melhor* que os alicerces sejam reforçados, independentemente das dificuldades envolvidas nisso. Numa sociedade dialéctica, o que acontece é antes a seguinte rotina, a ponte foi mal construída, isso é reconhecido a

portas fechadas, mas alguma vez a ponte caía, isso nunca aconteceu antes e não é agora que vai acontecer. Vamos antes concentrar atenções em taxar o público por ar quente, CO_2, já que isso é a próxima grande cashcow dos bancos. Quando a ponte finalmente cai, e mata dezenas de pessoas, as coisas são resolvidas com inquéritos públicos deliberadamente inconsequentes e, finalmente, pela "queima" de bodes expiatórios na praça pública; os engenheiros que foram ordenados a poupar nos materiais de construção. Depois, os familiares das vítimas, que querem verdade e justiça, são apresentados nas notícias como idiotas, simplórios, almas confusas e perdidas. Noutra instância, existem redes de pedofilia a operar a partir de orfanatos públicos, com a violação e o tráfico de crianças? É evidente que não se faz nada para salvar as crianças e meter os criminosos na prisão, já que quem manda nas redes de pedofilia são os fairy pigs at the top. Pelo contrário, o que se faz é arrastar a situação indefinidamente, com inquéritos deliberadamente incompetentes, intimidar vítimas, testemunhas, jornalistas, e trancar os jornais que estão a abordar o assunto. Usar uns poucos bodes expiatórios, uma ex-vítima entretanto assimilada na gestão das redes, e duas ou três figuras circenses, para dar um ar circense a toda a situação. Por fim, inverter as premissas da situação na praça pública, ao ponto em que as vítimas são caricaturadas, até *culpabilizadas* por se terem queixado.

Quem escava um fosso, vai um dia jazer nele.

Ou se é uma pessoa com carácter ou não, e nesse caso é-se lixo. No exemplo anterior, é o sangue de crianças pequenas que clama, e isso nunca passa impune. Quem escava um fosso vai um dia jazer nele. Uma sociedade que funciona assim vai ser engolida pela sua própria corrupção. Os chefes desta sociedade estão na primeira linha para a ruína. Amar o próximo como a si mesmo; e colocar aquilo que é verdadeiro e demonstrável acima de qualquer variável pessoal e situacional. É só assim que as pessoas crescem e se desenvolvem, e é só assim que fazem algo de produtivo pelo mundo em volta.

Comunicação dialéctica – O T-group e a sociedade a tornar-se num cuckoo's nest.

Tudo isto é codificado para paraciência por consensus building, T-group.

Fritar a pessoa sob pressão psicossocial.

Este é o funcionamento geral, depois codificado para técnica paracientífica por meio do t-group e de consensus building. A pessoa que não participa do jogo infantil, da gincana social, tem de ser ***frita*** no grupo de pressão e em todos os restantes contextos onde seja possível fazê-lo (a mass culture actual é um enorme T-group). E a ideia teórico/prática admitida que subjaz a isto tudo é que ela própria se converta ao modelo dialéctico, ajustamento social irrestrito, jogo de ancas irrestrito; i.e. que ela própria se torne mentirosa, egotística (o termo técnico é narcísica) e autoritária.

Sociedade convertida em workshop para reprocessamento psicossocial.

Torna-se no cuckoo's nest, e depois vai tudo ao ar. Esse é um dos factores essenciais pelos quais a sociedade está a ir pelo cano abaixo. Foi transformada numa enorme workshop de reprocessamento psicossocial, da infância em diante, para gerar insanidade em massa, não há outra forma de colocar a questão. As pessoas estão a tornar-se cuckoo!, brla-brla-brla!, e depois tudo vai ao ar.

A história de Raquel (1): Firmeza de posição vs. dissolução em nome de egos.

O e.g. da pessoa que assume uma posição moral no trabalho.

Carácter firme tenderá a ser encarado como inflexibilidade, orgulho, irrealismo.

Embora seja reconhecido que é *válido*.

Ausência de carácter é aquilo que permite degradação contínua de standards. Na sociedade dialéctica, as pessoas estão rotinadas na *praxis* dialéctica; pensam e agem de uma forma dialéctica, e esperam que as restantes pessoas pensem e ajam da mesma forma. Aí, imagine-se que alguém chega ao local de trabalho com uma posição moral A (e.g., "não mentirás"), mas é confrontado com a posição imoral B ("mentirás no exercício destas funções"). A pessoa tem, por exemplo, de ligar para vários membros do público a prometer-lhes mundos e fundos, umas férias no sol e outras na neve, se simplesmente assinarem um plano de pensões desenhado para lhes roubar os rendimentos – para especulação em derivativos insolventes – e não redimir um tostão que seja. Existem milhares de pessoas a fazer este tipo de trabalho hoje em dia. A maior parte não faz a mais pequena ideia do que está a fazer, mas o facto é que existem muitas que sabem. Voltando à situação. A pessoa tem carácter e mantém a sua firmeza de convicção. O resultado de tudo isto é o de ser despedida, ou tratada na ponta do chicote daí em diante. E, mais que isso, vai ser tendencialmente vista pelos superiores e pelos colegas como *inflexível*, *irrealista*, até *orgulhosa*. Os observadores que atribuem estes rótulos até podem sentir alguma forma de empatia pela firmeza de posições demonstrada, e assumir que *é* uma boa atitude. Mas, estando rotinados em funcionamento dialéctico, é-lhes incompreensível que a pessoa não estivesse disposta a fazer compromissos, e se coloque, portanto, na situação de ser pessoalmente prejudicado. Estes observadores fazem compromissos. No caso, não hesitarão em extorquir as poupanças de vida de membros ingénuos do público, para os banker bosses. Há 70 anos atrás, e com trabalho suficiente, talvez as mesmas pessoas se tivessem satisfeito em "cumprir ordens", a atacar, prender, escravizar e finalmente executar pessoas em campos de concentração. Uma coisa não está assim tão distante da outra. O factor determinante é a ausência de carácter próprio que, nas condições certas, permite a descida contínua para abismos infernais.

"Ceder em posição em nome de relação" / Dissolução de posição / Tornar-se dissoluto.

"Dissolução é pró-social".

Quando se abdica de princípios, o caminho é down down down, splash. Seja como for, voltando ao escritório yuppie nos arredores de Lisboa. Os colegas desta pessoa vêem-na a perder o emprego, ou a ser relegada para trabalhos inferiores. Se forem paraintelectuais existencialistas (hoje, tudo é possível), talvez apontem que a pessoa está a ser prejudicada em nome de *posição* (tem uma posição demasiado firme), quando tudo aquilo que é materialmente relevante é *relação* (boas relações no local de trabalho). Ajoelha-te para manter a paz, e beija a mão que te alimenta. Será uma mão? Quem sabe. Será que a pessoa não podia fazer uma cedência ou outra, um compromisso C ("ok, agora faço isto, mas vou tentar que me dêem outros trabalhos de futuro"). Isso não seria mais *realista*? Ceder em *posição* em nome de *relação*. Fazer uma *dissolução* de posição – tornar-se *dissoluto*. Isso não seria mais *pró-social*? Mas a pessoa não quer ser pró-social; a pessoa está-se a marimbar para semântica yuppie e não vai perder um minuto a pensar em termos carregados para racionalizar conformismo. A pessoa quer manter a sua integridade moral, o seu carácter, porque sabe que é só isso que interessa. Ao mesmo tempo, é uma pessoa inteligente, e tem toda a noção de que, ceder no primeiro passo C ("mentir ocasionalmente") é abrir a porta a C1 ("mentir mais frequentemente"), a C2 ("mentir quase sempre") e, finalmente, a C3 ("mentir continuamente"). Quando se abrem as portas da degradação humana, o caminho é down down down; a única forma de evitar degradação pessoal é não entrar nela.

Alguns sentem-se pessoalmente agravados com colega firme.

Firmeza de princípios é "inflexibilidade", "rigidez", "cria mau ambiente".

Dissolução torna-se dogma relacional / quem não a pratica é "dogmático". É até provável que alguns colegas se sintam *pessoalmente agravados* pela atitude da pessoa: essa *inflexibilidade* incomoda-os, é demasiado *rígida*. Na prática, a pessoa está a ter uma atitude mais firme e mais corajosa do que esses observadores conseguiriam ter, e eles sabem-no – esse é o problema. A cedência dialéctica em posição, a *dissolução de posição* em nome de *relação* é sempre mais exigida por aqueles que estão mais *dissolutos*. A pessoa não está a ser *democrática* (!), não está a fazer aquilo que a maioria faz, não está a juntar-se ao grupo. Está a invalidar aquilo que todos fazem e, com isso, está a criar mau ambiente. A *dissolução* é, por conseguinte, elevada ao nível de um *dogma relacional*. Quem não pratica este dogma relacional, arrisca-se, paradoxalmente, a ser rotulado como *dogmático*. Os jogos mentais da dialéctica.

Colegas indignados ficam-no porque estão a ser invalidados na sua falta de carácter.

Tenderão a desdenhar a pessoa por assumir posição "superior".

Pessoa dialéctica vive num maelstrom paranóico de superioridade/inferioridade.

Daí, sociedades dialécticas são sempre as mais desiguais e autoritárias de todas.

Porém, slogan é "igualdade" [todos igualmente desiguais, como dizia Shigalov].

Pessoas de carácter são universalistas e nunca vêem o outro como superior/inferior. A subjazer a tudo isto também existe um outro motivo muito importante, embora raramente confessado. Estes colegas, que ficam bastante indignados com a atitude da pessoa, sabem que são sujos, e é por isso que ficam indignados, e zangados. A pessoa está a invalidá-los, está a mostrar que o seu é um mau comportamento. Isto é algo de bastante inaceitável, para este tipo de outsider, que precisa de racionalizar, justificar a sua dissolução. Se *nós* somos sujos, tu não tens o direito de não o ser, caso contrário a nossa sujidade é invalidada; portanto, tens de ser igualmente suja, para que consigamos provar que *todos são sujos*; e assim seremos justificados. No entretanto, a pessoa é particularmente desdenhada por estar a exibir, acreditam os colegas, que é "superior". É muito improvável que a própria pessoa alguma vez se veja, ou sinta, nessa posição; pessoas de carácter não andam por aí a comparar estaturas sociais com os restantes. É simplesmente o modo como funciona. É axiomático. A pessoa dotada de carácter vê e trata os outros em pé de igualdade e tem uma visão universalista e altruísta do mundo e da vida. Tem individualidade, o que significa que é genericamente independente de superstições sociais. Mas a ideia superior/inferior é um dos efeitos essenciais do pensamento dialéctico. A pessoa dialéctica vive num mundo de paranóia psicótica, onde tudo é perspectivado em termos de dominação e subjugação, cima/baixo, dominar/ser dominado, superior e inferior. É por isso que as sociedades dialécticas são as mais despóticas e desiguais de todas, as mais absolutamente tirânicas, embora o façam sempre em nome de "igualdade". Todos são igualmente escravos, como Shigalov dizia, n'"Os Possuídos" de Dostoevsky.

A história de Raquel (2): As office yuppie hyenas tentam fritar Raquel.

Raquel vai almoçar com as office yuppie hyenas, que vão tentar fritá-la.

Vai ser submetida a blitzkrieg de projecções freudianas clássicas. Conceba-se agora que esta pessoa, chamemos-lhe Raquel, vai almoçar no refeitório com estes colegas agravados, estas yuppie hyenas de escritório. Aí, este bando consensual vai, em essência, tentar fritar Raquel, fazê-la mudar, validar o ponto de vista do grupo, obter dissolução, em nome de harmonia social, i.e. do tipo de igualdade atrás descrita, onde todos são igualmente dissolutos e conformistas. Isto não significa que haja algum conluio para que isto assim aconteça; é simplesmente o modo de operação do grupo consensual reduzido ao mínimo denominador comum.

"Será que não podes mudar de princípios" (dissolução em nome de jogos de ego).

"Impasse" / "Inflexibilidade" / "Dogmatismo" / Guilt pimping.

"You mind your business, I'll mind mine".

A mais completa intolerância e mindlessness para com aquilo que Raquel tem a dizer.

Grupo quer convertê-la à força, mas acusa-a de pretender fazer conversões. Raquel começa por ser bem acolhida, e ninguém se atreve a atacá-la individualmente. Finalmente, surge o hot topic e Raquel lá explica os seus motivos. "*Tudo isso é legítimo*", poderão dizer, "*mas será que não podes ver isto ou aquilo também desta outra forma*" (dissolução)? Raquel não concorda com essa outra forma e expressa-o, explicando os seus motivos. Os membros do grupo contrapõem de novo, mas Raquel sabe quem é e sabe o que quer; mantém a sua posição. Por esta altura, os outros podem começar a apresentar sinais de agitação. A agitação torna-se progressivamente mais acentuada à medida que o *impasse* (é assim que é visto) continua. Porque é que Raquel não cede? Não faria sentido, em nome de harmonia de grupo, que ela cedesse na posição?, kiss my feet and I'll kiss yours? Portanto, isto continua, e como Raquel se mantém onde é suposto, o tom da conversa começa a escalar. A simpatia inicial começa a dar lugar a impaciência e até a agressividade. "*Bom, tu és inflexível*". Raquel é rotulada de inflexível porque não cede em *posição*, em nome de *relação*, de ego. Raquel não está a fazer os outros sentirem-se bem, não lhes está a fazer a vontade. "*Não achas que estás a ser dogmática*"? O *dogma consensual* tem de ser imposto a Raquel, que é rotulada como *dogmática* por não aceitar esse dogma. Está a fazer com que o grupo se sinta agitado, impaciente e até culpado, por todo este *impasse*, e pelo facto de *ter de ser persuasivo* com ela. Mas vão tentar fazê-la sentir-se *culpada*, pelo facto de não ceder na sua posição, pelo facto de ter uma vontade própria. A páginas tantas, Raquel já está saturada de tudo isto. A única coisa que lhe apetece fazer é dizer aos outros para se meterem nas suas próprias vidas. Estão a ser impertinentes e intrusivos. Afinal de contas, quem é este pequeno bando para se intrometer nas decisões dos outros, para se tentar envolver na vida dela? E estão a tornar-se bastante ofensivos. Ainda assim, Raquel é uma moça paciente, portanto continua a explicar articuladamente a situação e a responder às questões que lhe fazem do modo mais inteligente e elegante que lhe é possível. Isso só piora a situação. O que Raquel não está a perceber é que o grupo está empenhado em *convertê-la*; não está interessado nas palavras de Raquel. Só quer que ela ceda à pressão colectiva; ponto. Raquel é a voz da razão, mas o grupo não está interessado na voz da razão. Foi, aliás, pela voz da razão que o grupo começou por ficar agravado com Raquel. E o efeito é agora exponenciado. Gera-se a situação paradoxal onde, o grupo que pretende *converter* Raquel à força, a vai acusar de ser *ela* que está a tentar *converter as restantes pessoas*, de cada vez que se defende das acusações que lhe são feitas.

"Arrogância" / "Autoritarismo". Tudo isto se torna num exercício arrogante e autoritário, mas é Raquel quem se arrisca a ser rotulada como *arrogante* e *autoritária*, por não aceitar a autoridade petulante do grupo. Tudo isto são projecções clássicas, implícitas ao funcionamento dialéctico.

"Intolerância" / tolerância redefinida para obedecer à vontade intolerante dos outros. Em breve, tudo isto se expande para *intolerante*. Raquel é *intolerante* porque não está disposta a fazer cedências ao grupo, porque não *converge* com o grupo. É intolerante porque não mima o grupo; isto é o funcionamento de miúdos mimados. Raquel está a

magoar os sentimentos do grupo. Aqui, o verbo *tolerar* vê o seu significado distorcido a 180º e passa a ser sinónimo de *aceitar mudar em nome de relação* – going along to get along. O grupo é inteiramente intolerante para com Raquel e para com a sua posição, a roçar o fanatismo; mas vai rotulá-la de intolerante pelo facto de não aceitar ser dominada e subjugada por essa intolerância. *Tolerância como conformidade compulsiva à intolerância alheia*. E é assim que se destrói o léxico, a linguagem, e as mentes das pessoas.

"A opinião da maioria", o kool aid cult / Raquel é "anti-democrática".

Depois, faz o apropriado e, leve e elegante, deixa o grupo a espumar-se sozinho. O colectivo auto-intitulado é a maioria; e aqui temos a *opinião da maioria*, a opinião da aldeia, do colectivo, do kool aid cult. "*A maioria está acima do indivíduo – ou não?*". É evidente que não, o grupo pode ir dar uma volta, como Raquel bem sabe. Neste momento, começa a perceber a dinâmica da situação e não fica muito surpreendida quando é chamada de *anti-democrática*. Seria democrática (not) se obedecesse à vontade desta maioria despótica e inteiramente... anti-democrática. A páginas tantas, Raquel já nem sequer está a tentar. Esperou pelo momento apropriado e, sendo uma moça elegante e inteligente, foi de modo elegante e inteligente que se pirou, deixando o grupo a roer-se de indignação.

Conformismo, seguidismo, ausência de carácter/ Eros de grupo / Fusão, violação. E é indignação que os domina. Numa óptica muito disfuncional e pervertida, o grupo gosta de Raquel. Quer dar-se bem com ela. Quer estar com ela no mesmo patamar, no mesmo charco estagnado de conformismo, seguidismo, falta de carácter. Quer partilhar com ela o Eros do abraço de grupo, do compromisso, harmonia. Torna-te como *nós*, obedece-*nos*, deixa-*nos* exercer poder sobre ti, e podes fazer o mesmo sobre *nós*. Torna-te uma falhada e funde-te connosco, *por favooooooor*. Deixa-nos violar-te; é isso que isto significa.

A história de Raquel (3): HR management decide fritar Raquel.

A sessão de formação do outro lado da cidade / aí, Raquel conhece grupo de pessoas. Agora, esta pessoa teve de assumir um conjunto de posições fortes no trabalho. Para tentar "rectificar" a situação, a gestão falou com alguém em RH. Foi decidido que ia ser criada uma situação onde a pessoa ia ser "colocada na linha". A pessoa iria ser enviada para uma formação especial no outro lado da cidade e, lá conheceria um conjunto de novos "amigos" que iria funcionar como pressure group para a abalar e "fritar" (este foi o termo usado pelo HR consultant). Sem dúvida, a pessoa vai à training session, que dura o dia inteiro. É uma mulher e, logo pela manhã, conhece um rapaz encantador, olhos verdes, the whole lot que as mulheres gostam. Existe o estabelecimento de rapport, que se vai estendendo pela manhã inteira, durante os intervalos mas também durante a própria sessão, já que ambos foram sentados lado a lado. Pelo meio, a moça vai conhecendo também, ao de leve, algumas pessoas que estão com esse rapaz. Todos

parecem ser bastante simpáticos ou, no mínimo, boas pessoas. Alguns são até bastante introvertidos! O intervalo de almoço é de 2h, num espaço aberto, uma espécie de jardim, bastante solarengo e agradável. A moça, o rapaz e o grupo de aparentes amigos do rapaz vão almoçar juntos. Por iniciativa de uma das amigas do rapaz, todos se vão sentar em círculo, na relva. Durante um tempo, a rapariga está algo de fora da conversa, que é dominada pelas pessoas mais carismáticas do grupo. Mas o rapaz e uma das suas amigas servem de icebreakers, palavra puxa palavra e, em breve, a rapariga já se tornou o centro da conversa.

O grupo é uma rent-a-mob de young urban hyenas, com um bom résumé. Sem o saber, foi colocada no meio de um grupo de provocadores, actores subcontratados a uma agência de RP e organização de eventos, usada rotineiramente pela companhia da rapariga para providenciar serviços de "correcção". É uma rent-a-mob. Ontem tinham estado na câmara a fazer de vox populi numa "deliberação com participação pública" (uma reunião delphi), para se assegurar que um programa específico era aprovado em nome da MultiCorp Ltd e do MegaCityBank Inc. Antes de ontem, tinham estado a trabalhar para uma firma privada de segurança, big boys com contratos militares, numa situação onde tinham de assustar um sujeito; nenhum deles sabe o motivo, mas também não lhes interessa. "É isto que fazemos", como costumam dizer em tom meio displicente, meio reflectivo. Todos sabem que são prostitutos comportamentais for hire, mas o facto é que os tostões dão bastante jeito e o trabalho é fácil; basta fazer teatro e enganar pessoas. Costumam trabalhar em conjunto (embora tudo isto seja flexível), portanto já estão bem rotinados no papel de grupo de animados colegas, quase melhores amigos. Vários deles têm formação em ciência sociais e experiência no papel de facilitadores, o que é um must neste tipo de actividade criminosa, que é induzir, enganar, manipular pessoas.

Raquel percebe que nem tudo é como é suposto ser.

Tem sido profiled, estudada a agora vai ser alvo de pura action research, uma psyop. O grupo está bastante rotinado em funcionamento dialéctico. Daí, é aberto, receptivo, acolhedor. Mas, para inquietação da rapariga – vamos chamar-lhe Raquel – há algo que não funciona bem aqui. Ela não pôde deixar de reparar que uma enorme parte dos temas que foram puxados pelo grupo são temas que lhe são próximos; coisas sobre as quais ela tinha tido conversas bastante profundas em tempos recentes, com colegas no local de trabalho, mas também ao telemóvel. Sempre que esses temas são puxados, a "opinião consensual" que surge baseia-se em argumentação especiosa, fácil, intelectualmente desonesta, que contraria os pontos de vista que ela própria tinha defendido em instâncias "íntimas". Mas, de modo ainda mais estranhos, as pessoas do grupo recorrem a catchphrases muito específicas e até raras, expressões usadas por ela própria ou por alguém conhecido por ela. "Bom, não sejas paranóica", diz Raquel para si mesma. Mas Raquel não tem a mais pequena noção de alguns elementos. Todos os perfis pessoais que Raquel montou na Internet são fontes inestimáveis de informação e são activamente estudados pelo lado "informal" de HR management. As suas conversas no local de trabalho têm vindo a receber uma especial atenção. Em parte, isto é feito através do

sistema interno de CCTV/booster mic que foi instalado pela empresa, durante a reconversão de segurança das instalações. Mas é claro que também existe o factor humano. Uma das suas colegas tem vindo a "controlá-la" de forma mais ou menos activa, por sugestão do manager. Outros colegas foram induzidos/trapaceados a ceder os mais variados dados pessoais de Raquel em conversa informal; hoje as pessoas falam muito livremente das questões umas das outras. E, que tal se Raquel soubesse que o tal lado "informal" de HR management tem vindo a comprar o seu tráfego de telemóvel ao fusion center, o gang público/privado que recolhe intelligence sobre todos, em parte para vender aos melhores compradores? A companhia de Raquel é um bom cliente e costuma comprar estas coisas em bulk, a agregar todos os empregados de nota. Após o estudo do perfil pessoal de Raquel, a rent-a-mob recebeu uma formação sobre como devia comportar-se e o que devia dizer, em que momentos. Foi criado uma espécie de guião semi-estruturado para situação com Raquel, focado em momentos críticos e situações chave. Tão simples quanto isso. Escusado será dizer que o grupo leva pelo menos um aparelho para captação e monitorização da conversa (digitais, hoje à venda em retailers online por meia dúzia de dólares). Na situação, a conversa estará a ser ouvida live e o grupo receberá instruções sobre mudanças tácticas ou outras por sms, chat no telemóvel ou, no caso de uma situação mais premente, chamada directa a um dos membros. Para que nada falhe, haverá mais que um receptador disto, embora um deles seja o essencial, o líder da unidade táctica, por assim dizer. Vários dos membros da rent-a-mob gostariam de ouvir este género de linguagem a ser aplicada para eles, já que passaram uma boa parte das suas vidas recentes a ser saturados por supinismo Fox, sobre espiões, informantes, escumalha de vão de escada, the glamour of trash, etc. Portanto, não pensaram duas vezes quando lhes ofereceram a entrada neste tipo de vida. Fazer psyops para ganhar dinheiro sujo para uma playstation, ir ao cabeleireiro, comer uns cheeseburgers extra no McDonalds, etc.

<u>A HR team, new agers de aspecto tão inofensivo</u>.

<u>Na prática, são thugs na linha de uma quinta coluna Fascista / mind snatcher squad</u>. Raquel está a ser alvo de uma psyop pelo tal lado "informal" de HR; as psyops preparam-se bem, é preciso conhecer bem o alvo. E aquelas pessoas são tão simpáticas, diria Raquel. Todas elas são muito bem educadas e bastante new agey. Todas fazem meditação hindu, praticam reiki e falam das suas caminhadas pela natureza, para reavivar os chakras. São pessoas agradáveis e inofensivas, ainda que meio esgroviadas, assume Raquel. O que Raquel não percebe é que essas pessoas têm um código moral inteiramente diferente do seu, e acreditam que fazer mal é fazer bem sob as mais variadas circunstâncias. E aí o melhor de todos os leit motifs é a criação de conformidade social. Estas pessoas são cultivadas numa intelligence op, cultos religiosos criados by design, sob ideologia sintética, para a reconversão radical da sociedade. Acreditam na obtenção de um "mundo perfeito" neo-hitleriano, que lhes é vendido com cores bonitas, fadas e energias no ar, e ao qual chamam "utopia". Alguns dos discípulos, que por este ou aquele motivo são os mais "promissores", são recrutados para agendas aparte pelos seus handlers, aos quais chamam gurus. Nestes millieus, isto

acontece mais frequentemente nos casos de true believers fanatizados, de sociopatas, e de pessoas com os mais variados problemas mentais. Depois, estes são organizados em proverbiais quintas colunas fascistas disseminadas pela sociedade; e usam os métodos de quintas colunas fascistas, mas fazem-no em nome de "amor universal". É claro que os gurus são bastante cínicos e sabem que estão a usar idiotas úteis. Eles próprios são company men vindos de military intelligence, fellow travelers, homens de lojas de mistérios. A larga maioria são handlers profissionais, a usar a cover muito cínica do charlatanismo espiritual. Seja como for, a via para a utopia é a obtenção de "harmonia social", sobre tudo e sobre todos. "Harmonia", quando traduzida para o mundo real, significa conformidade e seguidismo. Também significa despersonalização. "Fritar" e traumatizar a pessoa numa sucessão contínua de crises existenciais arquitectadas, para a tornar "aberta" a um makeover personalístico. Desfazer a antiga estrutura de personalidade, crenças e valores, e impor uma nova, sob shock and awe existencial. Reforma de pensamento, ou lavagem cerebral, a arte dos regimes totalitários. Obter conformidade social, despersonalização, harmonia, implica sujar as mãos, e é isso que estas pessoas estão a fazer com Raquel e com tantos outros.

Raquel sente que toda a situação é falsa, e continua a ser aquecida por suspended disbelief shocks. Voltando a Raquel e ao grupo de provocadores a soldo. A conversa tem vindo a ser agradável, e Raquel até foi como que colocada no centro das atenções, mas não consegue deixar de sentir uma espécie de desconforto interior, como que um arrepio subtil na espinha. Quando Raquel olha em redor, não vê menos que grandes sorrisos e olhares atenciosos. Por um lado, tudo isto tem sido quase demasiado bom para ser verdade. Há muito tempo que nunca tinha tido um grupo inteiro, 8 pessoas, tão atentas a cada palavra que sai da boca dela, por muito tola que seja. Por outro lado, Raquel está a ficar meio cansada de estar ali, com aquelas pessoas. Há qualquer coisa que a deixa desconfortável em toda a situação. Algo dentro dela lhe diz que tudo aquilo é... *falso*. Até o rapaz, sentado ao lado dela, começa a parecer-lhe algo suspeito. É como se fosse perfeito demais para ser verdade (e ninguém é tão perfeito apenas após umas horas de nos conhecermos, pensa ela), demasiado compatível, másculo, atencioso e, ao mesmo tempo... plástico. É como se houvesse algo de sintético nele, embora ela não consiga perceber exactamente o quê. Mas, até agora, tem sido o companheiro dela, a pessoa mais focada e consistente no grupo; o amigo prospectivo, ao ponto de a deixar a pensar em algo mais. E o padrão em que já tinha reparado continua, ao ponto de parecer intencional!, embora seja sempre subtil e sem ponta real por onde se possa pegar. E acaba de se tornar mais inquietante, porque neste preciso instante abordam-na directamente sobre o assunto X. A pessoa que o fez usou (Raquel podia jurar) as palavras exactas que Raquel tinha usado apenas dias antes com uma amiga ao telemóvel, mas num sentido invertido, como que a ridicularizar, a caricaturar, a posição de Raquel (que a pessoa *não poderia saber ser* a posição de Raquel – certo?). Raquel finge que não ouve e balbucia "mais ou menos, depende", a resposta mais indefinida que encontra, para esconder e gerir a confusão momentânea. Depois tenta abstrair-se, para reflectir a situação; sorri para as pessoas e depois baixa o olhar, para responder àquela sms que tinha pendente. A sensação com que fica é quase como se aquele

momento tivesse sido deliberado, para magoar – mas isso é ridículo, e impossível. Porém, Raquel tem razão, já que estes vários momentos visaram criar aquilo a que se chama de suspended disbelief, um estado de choque momentâneo para tirar o tapete de debaixo dos pés a Raquel e deixá-la numa espécie de limbo de confusão. Raquel está a ser aquecida para um ataque em massa de desconfirmação, shock and awe sob discussão de grupo. É suposto que Raquel *perceba* que algo aqui é muito estranho. Mas tem de haver o equilíbrio certo entre civilidade e ofensas passivo-agressivas. Magoar com alibi, mas manter sempre a pessoa à vontade o suficiente para se sentir *bem* qb no grupo; a ideia é que ela fique até ao fim, para ser frita.

É puxado um tema de rift, tema focal para Raquel, para fazer stürm blitz sobre ela.

Obter dissolução / abjurar posição em nome de harmonia com young urban hyenas ["dar pérolas a porcos"]. A certo ponto, o rapaz e uma das amigas começam uma conversa sobre um tema bastante sensível para Raquel, o tema Y. O tema foi escolhido porque é um tema de rift. É algo em que Raquel tem vindo a fazer algum trabalho por si própria, onde investiu bastante do seu tempo e da sua energia. A ideia é usar a situação de grupo para criar uma crise, traumatizar Raquel à volta desse tema, precisamente por ser um tema que a *define* bastante. O propósito de tudo isto é que Raquel seja forçada a abdicar de posição, a entrar em dissolução com o grupo. A abjurar de uma posição vital em nome de "harmonia" com este grupo de jovens hienas (e isto é o proverbial, "dar pérolas a porcos"). A situação será complexa e multivariada, mas os pontos essenciais são os que se seguem.

A posição de Raquel. A posição de Raquel é a mais complexa, bem elaborada, factual. Foi pensada, estudada, reflectida. O tema é escolhido precisamente por isto, por ser um que Raquel domina muito bem, melhor que a média, um no qual ela *sabe*, for a fact, que tem a verdade factual do seu lado (no pun intended). Ou então um no qual ela (e qualquer outra pessoa) *sabe* que está a defender a posição mais honesta, justa, coerente.

A antítese, uma colecção estudada de nonsense desonesto, a "verdade de grupo". Em contraposição, vai haver uma "verdade de grupo", uma versão alternativa essencial, e esta versão vai ser incrivelmente simplista. Em certos pontos roçará o absurdo, o puramente irracional, e isso é deliberado. A ideia é confrontar o mais inteligente (Raquel) com o mais supino (a versão do grupo). Tese e antítese.

A dissolução seria catastrófica. Isto significa que, se Raquel for induzida à dissolução, está a "cair", a abdicar de inteligência em nome de harmonia social. Está a tornar-se maleável, flexível, facilmente ajustável. Está a aprender a fazer o jogo de ancas. Está a abdicar daquilo que a torna Raquel: ser uma mulher forte, com carácter e cabeça própria. E está a dizer a si mesma que abdica de inteligência, em nome do social. Se este pressure group for o ponto de entrada numa grande rota de dissolução, Raquel acabará pura e simplesmente por abdicar de cabeça própria, e fá-lo-á em nome de aceitação colectiva; aceitação por pessoas que pura e simplesmente não merecem que Raquel sequer olhe para elas.

O grupo de young urban hyenas faz divisão de funções. Ao longo da discussão, haverá uma espécie de divisão de funções, no grupo. Alguns, talvez dois ou três, serão os adversários abertos de Raquel. Um deles, o principal, será uma das figuras mais carismáticas, com o perfil do rabblerouser; neste caso, é provável que seja uma mulher (a antítese plena à tese). Os outros serão coadjuvantes. Depois, três ou quatro serão o público oscilante. "Ouvirão atentamente" ambas as posições, "como se fossem muito tontinhos e muito lentos"; estão lá para que Raquel os tente conquistar. Em momentos críticos, tenderão a virar-se para o lado da antítese, para afundar Raquel. Noutros momentos parecerão dar mais crédito a Raquel, tentarão fazê-la sentir-se bem, e por aí fora. Depois existem os árbitros, os mediadores, que surgem para puxar o debate para a dissolução num meio-termo. Tenderão a ser dois ou três (um dos membros do público pode assumir este papel, aqui e ali). O rapaz será um destes mediadores. Surgirá para "salvar" Raquel nos momentos em que estiver a ser mais bombardeada, pedindo moderação; e pedirá "moderação" a Raquel, "*tu tens razão nisto e naquilo, mas também me parece que eles também têm alguma razão naquilo e nacoloutro, talvez dê para encontrarmos um meio-termo aqui e ali, que achas?*". Este é o papel mais cínico, virulento e traiçoeiro de todos. Sob a capa de companheirismo e de solidariedade, é aquele que será usado para tentar facilitar a queda de Raquel. É por isso que é desempenhado pelo "isco", a pessoa que foi usada para cativar Raquel e para a colocar sob group engagement (outro termo para este género de situação; engage é terminologia militar para atacar um adversário, engage the opponent).

Fritar significa fritar: chocar, embaraçar, magoar. Raquel terá muito pouco espaço para explicar a sua posição. Será continuamente interrompida, e nas mais variadas situações (aquelas onde estiver a sair-se melhor, por norma) será confrontada com escarninho, interjeições de impaciência, suspiros, etc. Nos pontos onde consegue explicar um raciocínio seguido, com princípio meio e fim, tenderá a ver as suas palavras serem distorcidas deliberadamente por um dos provocadores. A ideia é gerar ansiedade, impaciência, desespero até.

Fritar continua a significar fritar: inverter sentido de realidade de Raquel. A ideia é colocar Raquel num sítio muito estranho, surreal, dominado por novos normais relacionais. Isto significa que tentarão inverter o seu sentido de realidade; para usar as palavras do hooligan anti-humano Warren Bennis, o psicólogo social, "tornar o familiar estranho e o estranho familiar". Isto passa por tudo o que foi explicado antes, mas também por inverter as proposições da situação. Raquel será tratada de forma muito intolerante e agressiva, autoritária até. Ouvirá comentários muito indelicados e intrusivos. Mas tudo isto será *virado contra ela*. É *ela* que será acusada de ser "intolerante", "limitada", "fechada". Será rotulada de "orgulhosa", "dogmática". Será "antisocial"! Quando ela for interrompida bruscamente, e pedir para não o ser, será apelidada de "autoritária". A ideia é pisar a vítima e fazê-la sentir-se culpada por estar no caminho do agressor; fazer a vítima real crer que é o agressor e que a "vítima" fictícia não teve alternativa a não ser agredi-la. Guilt pimping. Jogos psicológicos militarizados e muito, muito feios. Tu és má, és culpada, devias sentir vergonha, és

intolerante por não cederes na tua posição – *cede na tua posição*. Abjura. Se uma pessoa puder ser feita cair neste tipo de nonsense, neste mindjob inacreditável, isso significa que está predisposta a qualquer forma de irracionalismo que lhe coloquem à frente logo em seguida. É por isso que esta técnica é usada, para colocar a pessoa num fluxo de irracionalidade. Alice falls through the looking glass and goes into wonderland, where everything is in flux, and the Queen who plays people like playing cards shouts out, "off with her head!"

A dissolução seria catastrófica (2). Se Raquel for tonta e abdicar de cabeça, de posição, isso significa que está a tornar-se socializada, integrada, anulada. Está a perder aquilo que a torna numa mulher real e consistente, i.e. o seu carácter. Se continuar por essa estrada, isso significa que tenderá a perder definitivamente e cabeça, e também que farão dela tudo o que quiserem; mas, durante um tempo, usufruirá de um módico de recompensas sociais por isso.

Mas Raquel é uma moça fantástica e é por isso que eu a escolhi. É claro que Raquel não é tonta, pelo contrário, é uma moça genial e é por isso mesmo que eu a escolhi para esta pequena história. Portanto, levantar-se-á e pirar-se-á do pressure group, irá fazer coisas melhores do seu tempo de almoço, e fará tudo isto de modo bastante elegante e inteligente. É claro que haverá um desconforto pretendido durante o resto da tarde, para com "aquela rapariga antisocial", mas Raquel estar-se-á nas tintas e fará a sua vida do modo que bem entender. Depois, arranjar-lhe-ão mais problemas, mais pequenos jogos, mais esquemas mesquinhos, mas ela sairá sempre por cima precisamente porque é uma moça inteligente e em tudo saberá manter a cabeça e a integridade moral.

[História bastante incompleta, mas dava bom minifilme, um dia destes, quem sabe]

Dialéctica.

Intolerância à contradição, um ponto de falha essencial na dialéctica.

Método de resolução de contradições que não tolera contradições a si mesmo.

Estátua estoura por vários lados, e este é essencial, para aplicação a TODOS os níveis. A mentalidade dialéctica é inteiramente autoritária, não aceitando qualquer *contradição* ao seu próprio sistema de funcionamento, naquilo que é, per se, uma das contradições mais fascinantes da dialéctica, e um dos seus mais importantes pés de barro. Este um elemento vital tanto na teoria como na prática. É um dos (não o único) elementos que

impossibilita a síntese total que é pretendida pela dialéctica; é um dos (não o único) elementos que destrói o sistema dialéctico – completamente. A destruição não precisa de ser trazida de fora, é trazida a partir de dentro. A grande estátua de cabeça de ouro, assente sobre pés de barro, feita para que possa ser colapsada, tem vários rifts transversais a toda a altura, fissuras muito subtis, e esta é uma das mais importantes.

O processo dialéctico surge como um anjo de luz, para retalhar as vítimas.

Chega a prometer amor, e depois coloca as vítimas sob o chicote.

A dissolução obrigatória do self no novo self colectivo. O processo dialéctico começa por ter a aparência de um anjo de luz. Aproxima-se com a linguagem benevolente da troca de ideias e da resolução de diferenças, mas depois faz algo que nenhum modelo honesto de intercâmbio faria: *impõe a mudança e a dissolução de posições*, como proxies e antecâmaras para a totalidade do self (pensamento, valores, emoções, comportamento). Isto é feito pela reificação da ideia de compromisso. Qualquer intercâmbio dialéctico acontece entre uma posição A (tese) e uma posição contrária B (antítese). O formato do intercâmbio é, ele próprio reificado. É esperado que A *choque* com B e que desse choque ascenda uma posição C, um compromisso entre A e B. Este acto de compromisso é o mais reificado de todos os passos da dialéctica. Não existe processo dialéctico sem este ponto intermédio de acordo, sem este mínimo denominador comum entre participantes. Aí, a pessoa tem de praticar a dissolução de valores morais e de crenças (o que inclui asserções de verdade epistemológica e factual), para fusão num espaço cinzento colectivamente partilhado.

Estende-se a mão a um adversário para o puxar e fazer cair.

A mentalidade anti-humana de Hegel, Marx, Lukács, Marcuse, etc. Qual é a utilidade de tudo isto? Hegel, Marx, Lukács e outros dir-nos-iam, de modo bastante cândido, que todo o propósito de estender a mão a um adversário é o de puxar esse adversário e fazê-lo cair. O processo dialéctico é sempre adversarial. É isso que é o choque entre tese e antítese, é uma batalha entre adversários. E, Marcuse foi particularmente literário, quando disse que, na medida em que o processo dialéctico oferece Eros (o feelgood aparente do compromisso), o propósito real, e final, é Tanatos (destruição e morte).

Estupidez auto-induzida, doublethink, teatro cognitivo

O teste da estupidez auto-induzida, por aceitação plácida de absurdos.

Versões oficiais tendem a ser contraditórias, aburdas, notoriamente falsas.

Isto é um tropismo de poder autoritário / dominado por incompetência funcional. Vão sempre haver inúmeros elementos contraditórios, falsos, ridículos, nas versões oficiais (estamos a lidar sempre com incompetentes funcionais, que podem ser espertos em muitos sentidos, mas não o são em muitos outros – o sistema só perdura porque são muitos incompentententes funcionais a puxar todos para o mesmo lado, e alguns têm um mínimo de sentido de realidade neste ou naquele campo).

Porém, elementos absurdos têm uma utilidade mais ou menos deliberativa.

Quando pessoas as aceitam acriticamente, estão a declarar que abdicam de cabeça.

E, estão a tornar-se voluntariamente estúpidas – cegas e surdas.

Normativização de estupidez, doublethink, cinismo, falsidade. Os elementos absurdos nas versões oficiais acabam por ter uma função útil para a oligarquia. Quanto mais uma pessoa estiver disposta a tapar os olhos perante o absurdo (i.e., quanto mais estúpida/oportunista/falsa) for, tanto mais "apta" é, na sociedade formal. A estupidez, o cinismo, o oportunismo, a falsidade, são critérios de aceitabilidade e promoção social nestes géneros de pantanos sociais. Por sua vez, isto vai dar origem à normatização de estupidez e doublethink como sistemas básicos de funcionamento mental na população. Essa população vai aceitar, com efeito, todas as versões oficiais e vai viver num mundo psicocultural sintético, transmitido a partir de cima, reforçado por todos os denizens entre si.

Estupidez auto-induzida, por imaginação dialéctica, calculismo sócio/emocional.

Calculismo sócio/emocional. A irracionalidade é a chave aqui, pensar com as emoções e com artefactos sociais parvos. O tipo de "racionalidade" aqui presente consiste em calculismo sócio/emocional, e é mais ou menos isto: "como é que eu posso resolver esta questão por forma a maximizar os meus ganhos e minimizar as minhas perdas pessoais, e fazê-lo de tal forma que isso seja aceitável aos olhos dos outros?".

Princípio de realidade entre ego e social / não existe grande consequencialismo lógico. O "deus" aqui, o princípio de realidade, oscila entre o ego e o social, que se tornam bastante difusos e interdependentes. Isto, claro, significa que não existe consequencionalismo lógico, a não ser o espectro débil e superficial que é imposto por essas instâncias.

Pessoa acaba por acreditar em mentiras, desde que isso seja expediente.

Estupidez voluntária e auto-induzida. Algo é tanto mais verdadeiro quanto mais agradável e tanto mais socialmente aceitável, for. Ou seja, a pessoa acaba por acreditar

realmente nas suas próprias mentiras e nas mentiras dos outros, desde que isso seja expediente. Dessa forma, avança a sua própria bestialização; torna-se voluntariamente cega e surda. Mas pode chamar a isso racionalidade, utilitária, um pobre, mísero, mirrado substituto para Razão.

Teatro cognitivo.

Sistema total organiza-se como o princípio geral da sociedade.

Ao mesmo tempo, ensina crianças a (não) pensar. O sistema totalitário ensina as suas crianças a não saber pensar segundo princípios gerais ou axiomas, e fá-lo porque se vai organizar a si mesmo como ***O*** princípio geral organizador da sociedade, organizando-a por variados axiomas e por um qb de sofismas (políticas, departamentos, etc).

Teatro cognitivo: compreensão cínica do real coincidente com teatro de estupidez. Ninguém pode conhecer o sistema totalitário por aquilo que é, realmente; no máximo, isto pode acontecer sob teatro cognitivo – a compreensão cínica dos princípios gerais e da extensão da corrupção do sistema, é alternada com o teatro de cegueira e estupidez.

Aquilo que todos os cidadãos soviéticos tinham de saber fazer.

Manter expressão impávida e serena perante nonsense, que todos reconheciam.

Sistema perdurou apenas e somente por cobardia humana. A modalidade comportamental que todos os cidadãos soviéticos tinham de aprender a dominar, sob pena de Gulag; manter uma expressão impávida, serena e corroborante perante o mais completo nonsense que lhes fosse apresentado. Todos sabiam que o sistema era absolutamente corrupto e criminoso, e todos sabiam que todos sabiam. A única coisa que manteve esse sistema intacto tanto tempo foi a cobardia humana.

Teatro cognitivo é inconsequente, pernicioso / vitória só surge de combater o sistema. É claro que este teatro cognitivo é puro e simples calculismo utilitário. A pessoa assume que vai ser protegida pela sua estupidez aparente e, claro, alguns gostam de usufruir do momento de exaltação de ego nos breves instantes em que podem fazer uma observação cínica. Tudo isto significa que não existe consequencialismo lógico real, o que por sua vez significa que as pessoas tendem a ser destruídas pelo sistema (mesmo que apenas psicologicamente, porque nunca serão livres), ou quando o sistema é destruído. Vão atrás dele para o precipício. A única forma de fazer frente a isto, e de vencer, é combatendo o sistema em si.

Doublethink, mais complexo que teatro cognitivo.

Marcado por dissociatividade, confusão, desorganização mental.

O resultado de guerra epistemológica sobre o público.

Dialéctica é doublethink e doublethink é dialéctica. Embora o anterior se enquadre *em parte* em doublethink, o doublethink per se é algo mais "sofisticado" (um mindjob maior), onde a pessoa consegue *realmente* acreditar em vários factos e em várias posições contraditórias ao mesmo tempo. A pessoa está comida mentalmente. Existe dissociatividade, confusão, caos mental. A população geral vai ser cultivada nisto, onde o sistema organizado é bom, mas ao mesmo tempo é mau, e é uma fonte de protecção, e a última esperança, mas é também o maior perigo à face da Terra, etc. Depois isto vai para geopolítica, cultura, valores e tudo o resto. Doublethink é incoerência mental, deliberadamente provocada e cultivada pelas "autoridades", que regulam a transmissão de cultura e de processos epistemológicos. Doublethink é o resultado de guerra epistemológica sobre o público. A melhor forma de instalar este estado de caos mental numa pessoa é por rotinação em pensamento dialéctico, na essência de doublethink. A pessoa que pensa de forma dialéctica vive numa espécie de pântano mental onde tudo é tudo e nada é nada, tudo é indistinto, uma coisa significa o seu oposto e esse oposto significa a coisa, e por aí fora. E este é o molde geral de pensamento que é transmitido às pessoas hoje em dia, desde o kindergarten em diante.

O e.g. da punch drunkedness mental sob fanatismo comunista. Para actividades políticas, e no caso dos comunistas, por ex., descobrimos que é preciso despotismo para obter liberdade e depois liberdade é despotismo, mas despotismo é liberdade e assim sucessivamente – este tipo de nonsense convoluto para milhares de instâncias diferentes. A pessoa que se encontra presa neste complexo de nós mentais, onde não existe um princípio da realidade a não ser a doutrina religiosa que vem de cima, está em essência punch drunk. Está a levitar pelo tempo e pelo espaço, sem noção de onde veio e para onde vai, dependente de concepções inteiramente inventadas, a seguir ordens. É um sistema perfeito para criar dependentes mentais, bons recursos humanos.

Honestidade e desonestidade.

Honestidade e desonestidade / As trevas são apenas a ausência de luz.

Honestidade + desonestidade = desonestidade.

O compromisso é impossível. É impossível encontrar um compromisso entre honestidade e desonestidade. Aqui, não existem áreas cinzentas. Ou a pessoa é honesta ou é desonesta – ponto. Compromisso implica invariavelmente a capitulação do lado honesto, a dissolução da honestidade num pool crescente de desonestidade. Isto é um

truísmo axiomático. As culturas e sociedades marcados por honestidade e racionalidade acabam sempre sabotadas, alteradas, invertidas a 180º, quando entram no processo de compromisso com *standards* desonestos. Esse é o único ponto para o qual não pode existir tolerância. Quem é desonesto é desonesto e desonestidade é desonestidade; não é possível encontrar um meio-termo ou um entendimento com isso. Pactuar com a mentira é, per se, uma mentira. Tolerar crime é ser coadjuvante desse crime.

Avisar o criminoso do seu crime, repetidamente / exclusão. A pessoa honesta, racional, tolerante, vai sempre avisar a pessoa desonesta da sua desonestidade, e pode fazê-lo de uma forma consistente e repetida ao longo do tempo. Falhando isso, existe exclusão. É apenas uma questão de bom senso que uma pessoa honesta não gaste os esforços *ad aeternum* com quem é deliberada e voluntariamente desonesto. As pessoas honestas têm a tendência de ser guiadas por bons sentimentos para a tolerância indevida de atitudes falsas, mentirosas, mesquinhas. Com isso, não estão a prestar qualquer tipo de favor à pessoa desonesta. Pelo contrário, estão a reforçar o que degrada essa pessoa e a reduz a um nível irracional. A pessoa falsa tomou a decisão consciente, voluntária, deliberada, de o ser. Cada qual decide o caminho que toma, e é uma curiosa forma de nonsense quando a desonestidade alheia é tratada como os actos de um menor irresponsável, naquilo que é um acto de infantilização paternalizante e patrocinadora. Aí, está-se apenas a fortalecer e a reforçar maus sentimentos humanos, e isso não é nem amor nem compaixão. Na melhor das hipóteses é um quid pro quo mental, na pior é pura e simples cobardia. É apenas quando se está disposto a colocar todas as cartas por cima da mesa e a dizer, you’re trash so really, wise up and get a mind of your own, independentemente das consequências, que se está realmente a demonstrar compaixão genuína.

A pessoa desonesta vai sempre tentar escravizar as restantes.

Fa-lo-á especialmente com pessoas honestas, spin psicodinâmico para “curar a culpa”. A pessoa desonesta vai sempre tentar subjugar e escravizar todas as restantes, e tem um pendor especial para tentar fazer isso com pessoas que são honestas. É uma questão psicodinâmica. A pessoa desonesta sabe que está no lugar errado e precisa de desconfirmar a culpa, “curar a culpa”, pela anulação da honestidade. A mente humana consegue ser um sítio muito estranho.

Falsidade é falsidade, portanto precisa de ser dissipada com verdade, ou it’s all over.

As trevas são apenas a ausência de luz e dissipam-se quando ela entra. Crime é crime, e piora com o tempo, portanto é essencial que qualquer pessoa com uma cabeça própria, com consciência, se esforce por transmitir a noção de que a mentira tem sempre e invariavelmente de ser exposta e denunciada por aquilo que é. Caso contrário, it’s all over.

Honestidade e desonestidade / Despotismo, a vitória de desonestidade e falsidade.

Despotismo representa a vitória da desonestidade e da falsidade.

Uma criação de gangs organizados, seja comunismo, nazismo, fascismo, ou tecnocracia.

Sistemas de, por e para crime organizado. A sociedade despótica ascende pela vitória da desonestidade e da falsidade. O sistema despótico é, em essência, uma criação de gangs organizados. Comunismo, nazismo, fascismo, tecnocracia; é tudo o mesmo, um sistema de crime organizado, organizado em gangs, que assume poder irrestrito para usar e explorar a família média a seu bel-prazer. Os princípios que subjazem à Rússia Soviética, à Alemanha Nazi, à China comunista ou à Itália Fascista são exactamente os mesmos que subjazem à formação do bairro controlado pela máfia, ou pelo gang local. São uma e a mesma coisa. E, com efeito, o bairro controlado pelo gang local é a base de poder destes sistemas. É isso que são o comissariado local, as brigadas de jovens hooligans, os Blockleiters, as "forças vivas da comunidade", e por aí fora. São máfias locais que mantêm a ordem para o sistema geral e, em troca, podem extrair a sua parte do saque.

Sociedade tem de assentar em honestidade e esse tem de ser um esforço de todos.

Caso contrário, torna-se edifício horripilante de crime organizado. Logo, é essencial que os indivíduos que são honestos sejam extraordinariamente activos no desafio à falsidade. Esse é o principal critério que o próprio Criador estabeleceu para a existência de uma sociedade livre e próspera. A sociedade tem de ser assente em honestidade, em todas as suas dimensões, e esse tem de ser um esforço conjunto. Caso contrário, torna-se um horripilante e despótico edifício, um "sistema integrado" de crime organizado. Esse edifício é construído sobre os pés de barro da sua própria ausência de carácter, portanto colapsa sempre. Mas, no entretanto, causa todo o género de danos incríveis sobre a porção da humanidade que controla.

Amor é quando se está disposto a morrer pelo mundo, por lhe dizer continuamente a verdade. Essa é a tarefa essencial de qualquer pessoas coerente e honesta, que pretende deixar algo de válido e intacto para as gerações futuras. Dizer sempre a verdade e repudiar sempre a mentira, whenever, wherever, independentemente das consequências. Esse é o exemplo dado pelos profetas e é claro que é isso que o próprio filho de Deus fez e é esse o motivo pelo qual foi perseguido e crucificado. É isso que significa amor; ter tanto apreço pelo mundo que se aceita ser morto por ele, por lhe dizer continuamente a verdade.

DOSTOEVSKY – A teoria e a praxis do socialismo.

Dostoevsky – “Mysterious finger points to Russia for the great task”.

«*It's Russia they rest their hopes on now… We know that a mysterious finger is pointing to our delightful country as the land most fitted to accomplish the great task*»

Fyodor Dostoevsky (1873/1916), “The Possessed” (Translated by Constance Garnett). New York: The McMillan Company.

Dostoevsky – “Shigalovism, highly logical slavery”.

«*…now that we are all at last preparing to act… I propose my own system of world organisation… Starting from unlimited freedom, I arrive at unlimited despotism. I will add, however, that there can be no solution of the social problem but mine… a final solution… the division of mankind into two unequal parts. One-tenth enjoys absolute liberty and unbounded power over the other nine-tenths. The others have to give up all individuality and become, so to speak, a herd… The measures proposed… are very remarkable, founded on the facts of nature and highly logical…*»

Fyodor Dostoevsky (1873/1916), “The Possessed” (Translated by Constance Garnett). New York: The McMillan Company.

Dostoevsky – “A useful genocidal buffoon”.

«*“For my part,” said Lyainshin, “if I didn't know what to do with nine-tenths of mankind, I'd take them and blow them up into the air instead of putting them in paradise. I'd only leave a handful of educated people, who would live happily ever afterwards on scientific principles.”*

“No one but a buffoon can talk like that!” cried the girl, flaring up.

“He is a buffoon, but he is of use,” Madame Virginsky whispered to her»

Fyodor Dostoevsky (1873/1916), “The Possessed” (Translated by Constance Garnett). New York: The McMillan Company.

Dostoevsky – “Shigalov discovered equality!”.

«*Shigalov is a man of genius! He's discovered “equality”!*

He suggests a system of spying. Every member of the society spies on the others, and it's his duty to inform against them. Every one belongs to all and all to every one. All are slaves and equal in their slavery. In extreme cases he advocates slander and murder, but the great thing about it is equality… the level of education, science, and talents is lowered. A high level… is only possible for great intellects, and they are not wanted. They will be banished or put to death. Slaves are bound to be equal. There has never been either freedom or equality without despotism, but in the herd there is bound to be equality, and that's Shigalovism! Ha ha ha! Do you think it strange? I am for Shigalovism.

I am for Shigalov. Down with culture. We've had enough science! Without science we have material enough to go on for a thousand years…

The moment you have family ties or love you get the desire for property. We will destroy that desire; we'll make use of drunkenness, slander, spying; we'll make use of incredible corruption; we'll stifle every genius in its infancy. We'll reduce all to a common denominator! Complete equality! "We've learned a trade… we need nothing more." Only the necessary is necessary, that's the motto of the whole world henceforward. But it needs a shock. That's for us, the directors, to look after. Slaves must have directors. Absolute submission, absolute loss of individuality… The Shigalovians will have no desires. Desire and suffering are our lot, but Shigalovism is for the slaves»

Fyodor Dostoevsky (1873/1916), "The Possessed" (Translated by Constance Garnett). New York: The McMillan Company.

Dostoevsky – "Loathsome, cruel, egoistic reptiles. That's what we need!".

We shall penetrate to the peasantry. Do you know that we are tremendously powerful already? …a teacher who laughs with children at their God and at their cradle is on our side… The schoolboys who murder a peasant for the sake of sensation are ours. The juries who acquit every criminal are ours. The prosecutor who trembles at a trial for fear he should not seem advanced enough is ours, ours. Among officials and literary men we have lots, lots, and they don't know it themselves. On all sides we see vanity puffed up out of all proportion; brutal, monstrous appetites… Do you know how many we shall catch by little, ready-made ideas? …crime is [now] simply common sense, almost a duty… But these are only the firstfruits. The Russian God has already been vanquished by cheap vodka. The peasants are drunk, the mothers are drunk, the children are drunk, the churches are empty… Oh, this generation has only to grow up.

Listen. I've seen a child of six years old leading home his drunken mother, whilst she swore at him with foul words…. When it's in our hands, maybe we'll mend things ... if need be, we'll drive them for forty years into the wilderness… But one or two generations of vice are essential now; monstrous, abject vice by which a man is transformed into a loathsome, cruel, egoistic reptile. That's what we need!

I promised… to begin in May, and to make an end by October. Is that too soon? Ha ha!

But the people must believe that we know what we are after, while the other side do nothing but 'brandish their cudgels and beat their own followers…' We will proclaim destruction… We'll set fires going… We'll set legends going. Every scurvy 'group' will be of use… Well, and there will be an upheaval! There's going to be such an upset as the world has never seen before… Russia will be overwhelmed with darkness, the earth will weep for its old gods»

Fyodor Dostoevsky (1873/1916), "The Possessed" (Translated by Constance Garnett). New York: The McMillan Company.

Agostinho e a Cidade do Homem, o Coração.

O coração corrupto da Cidade do Homem. O coração interior da Cidade do Homem é marcado e definido por egoísmo, orgulho, ambição, e outros pecados – actos distorcidos de todos os géneros.

A sua paixão é dominação – egoísmo colectivo, colectivismo egoísta.

Pobreza e despotismo imperam.

Mais cedo ou mais tarde, atinge "paz mundial", governância mundial.

Excertos. «*Book XIV Chap. 28: Of The Nature Of The Two Cities, The Earthly And The Heavenly… Accordingly, two cities have been formed by two loves: the earthly by the love of self, even to the contempt of God; the heavenly by the love of God, even to the contempt of self. The former, in a word, glories in itself, the latter in the Lord. For the one seeks glory from men; but the greatest glory of the other is God, the witness of conscience. The one lifts up its head in its own glory; the other says to its God, "Thou art my glory, and the lifter up of mine head." In the one, the princes and the nations it subdues are ruled by the love of ruling; in the other, the princes and the subjects serve one another in love, the latter obeying, while the former take thought for all. The one delights in its own strength, represented in the persons of its rulers; the other says to its God, "I will love Thee, O Lord, my strength." And therefore the wise men of the one city, living according to man, have sought for profit to their own bodies or souls, or both, and those who have known God "glorified Him not as God, neither were thankful, but became vain in their imaginations, and their foolish heart was darkened; professing themselves to be wise,"--that is, glorying in their own wisdom, and being possessed by pride,--"they became fools, and changed the glory of the incorruptible God into an image made like to corruptible man, and to birds, and four-footed beasts, and creeping things." For they were either leaders or followers of the people in adoring images, "and worshipped and served the creature more than the Creator, who is blessed for ever." But in the other city there is no human wisdom, but only godliness, which offers due worship to the true God, and looks for its reward in the society of the saints, of holy angels as well as holy men, "that God may be all in all"*»

«*Book XV. CHAP. 4: Of The Conflict And Peace Of The Earthly City… But the earthly city, which shall not be everlasting (for it will no longer be a city when it has been committed to the extreme penalty), has its good in this world, and rejoices in it with such joy as such things can afford. But as this is not a good which can discharge its devotees of all distresses, this city is often divided against itself by litigations, wars, quarrels, and such victories as are either life-destroying or short-lived. For each part of it that arms against another part of it seeks to triumph over the nations through itself in bondage to vice. If, when it has conquered, it is inflated with pride, its victory is life-*

destroying; but if it turns its thoughts upon the common casualties of our mortal condition, and is rather anxious concerning the disasters that may befall it than elated with the successes already achieved, this victory, though of a higher kind, is still only shot-lived; for it cannot abidingly rule over those whom it has victoriously subjugated. But the things which this city desires cannot justly be said to be evil, for it is itself, in its own kind, better than all other human good. For it desires earthly peace for the sake of enjoying earthly goods, and it makes war in order to attain to this peace; since, if it has conquered, and there remains no one to resist it, it enjoys a peace which it had not while there were opposing parties who contested for the enjoyment of those things which were too small to satisfy both. This peace is purchased by toilsome wars; it is obtained by what they style a glorious victory. Now, when victory remains with the party which had the juster cause, who hesitates to congratulate the victor, and style it a desirable peace? These things, then, are good things, and without doubt the gifts of God. But if they neglect the better things of the heavenly city, which are secured by eternal victory and peace never-ending, and so inordinately covet these present good things that they believe them to be the only desirable things, or love them better than those things which are believed to be better,--if this be so, then it is necessary that misery follow and ever increase»

«*Book 19. CHAP. 17: What Produces Peace, And What Discord, Between The Heavenly And Earthly Cities… But the families which do not live by faith seek their peace in the earthly advantages of this life; while the families which live by faith look for those eternal blessings which are promised, and use as pilgrims such advantages of time and of earth as do not fascinate and divert them from God, but rather aid them to endure with greater ease, and to keep down the number of those burdens of the corruptible body which weigh upon the soul. Thus the things necessary for this mortal life are used by both kinds of men and families alike, but each has its own peculiar and widely different aim in using them. The earthly city, which does not live by faith, seeks an earthly peace, and the end it proposes, in the well-ordered concord of civic obedience and rule, is the combination of men's wills to attain the things which are helpful to this life. The heavenly city, or rather the part of it which sojourns on earth and lives by faith, makes use of this peace only because it must, until this mortal condition which necessitates it shall pass away. Consequently, so long as it lives like a captive and a stranger in the earthly city, though it has already received the promise of redemption, and the gift of the Spirit as the earnest of it, it makes no scruple to obey the laws of the earthly city, whereby the things necessary for the maintenance of this mortal life are administered; and thus, as this life is common to both cities, so there is a harmony between them in regard to what belongs to it. But, as the earthly city has had some philosophers whose doctrine is condemned by the divine teaching, and who, being deceived either by their own conjectures or by demons, supposed that many gods must be invited to take an interest in human affairs, and assigned to each a separate function and a separate department,--to one the body, to another the soul; and in the body itself, to one the head, to another the neck, and each of the other members to one of the gods; and in like manner, in the soul, to one god the natural capacity was assigned, to another*

education, to another anger, to another lust; and so the various affairs of life were assigned,--cattle to one, corn to another, wine to another, oil to another, the woods to another, money to another, navigation to another, wars and victories to another, marriages to another, births and fecundity to another, and other things to other gods: and as the celestial city, on the other hand, knew that one God only was to be worshipped, and that to Him alone was due that service which the Greeks call latreia, and which can be given only to a god, it has come to pass that the two cities could not have common laws of religion, and that the heavenly city has been compelled in this matter to dissent, and to become obnoxious to those who think differently, and to stand the brunt of their anger and hatred and persecutions, except in so far as the minds of their enemies have been alarmed by the multitude of the Christians and quelled by the manifest protection of God accorded to them. This heavenly city, then, while it sojourns on earth, calls citizens out of all nations, and gathers together a society of pilgrims of all languages, not scrupling about diversities in the manners, laws, and institutions whereby earthly peace is secured and maintained, but recognizing that, however various these are, they all tend to one and the same end of earthly peace. It therefore is so far from rescinding and abolishing these diversities, that it even preserves and adopts them, so long only as no hindrance to the worship of the one supreme and true God is thus introduced. Even the heavenly city, therefore, while in its state of pilgrimage, avails itself of the peace of earth, and, so far as it can without injuring faith and godliness, desires and maintains a common agreement among men regarding the acquisition of the necessaries of life, and makes this earthly peace bear upon the peace of heaven; for this alone can be truly called and esteemed the peace of the reasonable creatures, consisting as it does in the perfectly ordered and harmonious enjoyment of God and of one another in God. When we shall have reached that peace, this mortal life shall give place to one that is eternal, and our body shall be no more this animal body which by its corruption weighs down the soul, but a spiritual body feeling no want, and in all its members subjected to the will. In its pilgrim state the heavenly city possesses this peace by faith; and by this faith it lives righteously when it refers to the attainment of that peace every good action towards God and man; for the life of the city is a social life» Santo Agostinho, “A Cidade de Deus – De Civitate Dei”.

EXTRAS.

LORD BYRON – "It is delusion all, the future cheats us from afar".

«*Alas! It is delusion all:*

The future cheats us from afar,

Nor can we be what we recall,

Nor dare we think on what we are»

Lord Byron, *Stanzas for Music*

TS ELIOT – "I am Lazarus, come from the dead, come back to tell you all".

«*Let us go then, you and I,*

When the evening is spread out against the sky

Like a patient etherized upon a table;

Let us go, through certain half-deserted streets,

The muttering retreats

Of restless nights in one-night cheap hotels

And sawdust restaurants with oyster-shells:

Streets that follow like a tedious argument

Of insidious intent

To lead you to an overwhelming question . . .

Oh, do not ask, "What is it?"

Let us go and make our visit»

(…)

«*Would it have been worth while,*

To have squeezed the Universe into a ball

To roll it toward some overwhelming question,

To say: "I am Lazarus, come from the dead

***Come back to tell you all, I shall tell you all"*»**

T. S. Eliot, "The Love Song of J. Alfred Prufrock" (1919)

JOHN DONNE – "For whom the bell tolls".

«*And therefore never send to know for whom the bell tolls; It tolls for thee*»

WILLIAM BLAKE – "Invisible worm that flies in the night".

«*O Rose, thou art sick!*

The invisible worm

That flies in the night,

In the howling storm,

Has found out thy bed

Of crimson joy:

And his dark secret love

Does thy life destroy»

William Blake, The Sick Rose

KING LEAR – "I will do such things... the terror of the earth".

"*I will do such things*

What they are yet I know not—but they shall be

The terror of the earth."

King Lear (à beira da loucura)

GOETHE – "The destiny of a nation depends on the opinions of the young".

«*The destiny of any nation at any given time depends on the opinion of its young people, those under twenty-five*» – Goethe

PERICLES – "Just because you do not take an interest in politics…"

«*Just because you do not take an interest in Politics doesn't mean Politics won't take an interest in you*» – Pericles, 430 B.C.

LEONARD COHEN – "I've seen the future baby – it is murder".

«*Destroy another fetus now*

We don't like children anyhow

I've seen the future baby – it is murder»

Leonard Cohen, The Future

SCROOGE – "Let the Poor die, to decrease surplus population".

«*"If the Poor would rather die," said Scrooge, "they had better do it, and decrease the surplus population*» Charles Dickens (1843), "A Christmas Carol: A Ghost Story of Christmas".

JOHN LENNON – "That's what's insane about it".

«*Our society is run by insane people for insane objectives. I think we're being run by maniacs for maniacal ends and I think I'm liable to be put away as insane for expressing that. That's what's insane about it*» John Lennon

ZAPPA – "The illusion of freedom"

«*The illusion of freedom will continue as long as it's profitable to continue the illusion. At the point where the illusion becomes too expensive to maintain, they will just take down the scenery, they will pull back the curtains, they will move the tables and chairs out of the way, and you will see the brick wall at the back of the theater*» Frank Zappa, Quoted by Jim Ladd, 'Zappa on Air', Nuggets, No. 7, April/May 1977.

ZAPPA – "Most people don't like to look at naked emperors"

«*It's been proven over and over again that the emperor isn't wearing any clothes, but most people don't like to look at naked emperors. In the process of turning around to*

avert their eyes, they saw the discotheques and a few other things and latched onto them» Frank Zappa, A Conversation With Frank Zappa, by Dave Rothman, in *Oui* (April 1979)

WIZARD OF OZ – "The Great Wizard, a common man – a humbug".

«*"Hush, my dear," he said. «Don't speak so loud, or you will be overheard – and I should be ruined. I'm supposed to be a Great Wizard."*

"And aren't you?", she asked.

"Not a bit of it, my dear; I'm just a common man."

"You're more than that", said the Scarecrow, in a grieved tone; "you're a humbug."

"Exactly so!" declared the little man, rubbing his hands together as if it pleased him. "I am a humbug."»

The Wonderful Wizard of Oz – The Magic Art of the Great Humbug.

As três leis hegelianas-marxistas.

<u>A lei da unidade das contradições</u>.

<u>A lei da negação da negação</u>.

<u>A lei da transformação de qualidade em quantidade, e vice-versa</u>.

<u>A transformação de uma na outra é a unidade dos opostos qualidade e quantidade</u>.

«*The law of the unity of contradictions; the law of the transformation of quality into quantity and vice versa; the law of the negation of the negation (...) The transformation of quality and quantity into one another is the unity of the opposites quality and quantity*»

As três leis hegelianas-marxistas – "De quantidade para qualidade".

<u>Slogan omnipresente</u>. «*From quantity to quality*».

<u>Citação directa de Lenin, Stalin e Mao</u>. É uma reedição óbvia do velho slogan marxista, sobre "transformação de quantidade em qualidade".

ATTALI – Geoestratégia.

Choque dialéctico entre duas potências favorece uma terceira. «*Lição universal: quando uma superpotência é atacada por um rival, é frequentemente um terceiro a alcançar a vitória*» (p. 42) Jacques Attali, "Uma Breve História do Futuro" (2006)

Vencedor: aquele que não combate, ou fá-lo fora do seu território. «*O vencedor de uma guerra é aquele que não entrou nela ou que, para todos os efeitos, não combate no seu próprio território*» (p. 86) Jacques Attali, "Uma Breve História do Futuro" (2006)

A sentença de Galileu.

Quando Galileu tentou demonstrar a teoria de que a Terra não era o centro do universo, foi preso e condenado. «*We say, pronounce, sentence and declare that you, the said Galileo, by reason of the matters adduced in this trial, and by you confessed as above, have rendered yourself, in the judgment of this holy office, vehemently suspected of heresy, namely of having believed and held the doctrine--which is false and contrary to the sacred and divine scriptures--that the sun is the center of the world and does not move from east to west, and that the earth moves and is not the center of the world. . . . Consequently, you have incurred all the censures and penalties imposed and promulgated in the sacreds canons and other constitutions, general and particular, against such delinquents*»

Goering – "Of course the people don't want war".

As pessoas comuns não querem guerra, seja na Rússia, Inglaterra ou Alemanha.

Mas é fácil conduzir povo para uma guerra, seja qual for o regime.

Basta dizer-lhes que estão a ser atacados, denunciar pacifistas por falta de patriotismo.

Funciona da mesma forma em qualquer país.

«*Why of course the people don't want war. Why should some poor slob on a farm want to risk his life in a war when the best he can get out of it is to come back to his farm in one piece? Naturally the common people don't want war neither in Russia, nor in England, nor for that matter in Germany. That is understood. But, after all, it is the leaders of the country who determine the policy and it is always a simple matter to drag the people along, whether it is a democracy, or a fascist dictatorship, or a parliament, or a communist dictatorship. Voice or no voice, the people can always be brought to the bidding of the leaders. That is easy. All you have to do is tell them they are being attacked, and denounce the peacemakers for lack of patriotism and exposing the country to danger. It works the same in any country*» Hermann Göring, Nuremberg Trials

Churchill – "Men occasionally stumble over the truth".

…but most of them act like it never happened. «*Men occasionally stumble over the truth, but most of them pick themselves up and hurry off as if nothing had happened*» Winston Churchill

Churchill – Taxação não traz prosperidade.

Taxar para obter prosperidade, como estar num balde e procurar puxá-lo pela pega. «*...for a nation to try to tax itself into prosperity is like a man standing in a bucket trying to lift himself up by the handle*» – Winston Churchill

Cicero – Traição interna, a pior ameaça a uma nação.

Uma nação pode sobreviver aos seus tolos e ambiciosos – mas não a traição interna.

O traidor mistura-se na cidade, no próprio governo, mistura-se.

Apela à baixeza no coração dos homens, apodrece a alma da nação.

Trabalha em segredo para minar os pilares da cidade, infecta o corpo político.

Um assassino é menos temível.

«*A nation can survive its fools, and even the ambitious. But it cannot survive treason from within. An enemy at the gates is less formidable, for he is known and carries his banner openly. But the traitor moves amongst those within the gate freely, his sly whispers rustling through all the alleys, heard in the very halls of government itself. For the traitor appears not a traitor; he speaks in accents familiar to his victims, and he wears their face and their arguments, he appeals to the baseness that lies deep in the hearts of all men. He rots the soul of a nation, he works secretly and unknown in the night to undermine the pillars of the city, he infects the body politic so that it can no longer resist. A murderer is less to fear*» Marcus Tullius Cicero

FDR – Nothing happens by accident.

Em política, nada acontece por acidente, apenas por planeamento. «*In politics, nothing happens by accident. If it happens, it was planned that way*» OU «*It may appear that what goes on is happenstance, but the government most surely has planned it*» Franklin D. Roosevelt, citação atribuída.

Benjamin Mays – "To turn them over your future and your destiny".

«*Nobody is wise enough, nobody is good enough, and nobody cares enough for you to turn over to them your future and your destiny*» – Benjamin Mays

Martin Luther King – Ignorância sincera e estupidez consciente.

<u>As coisas mais perigosas do mundo</u>. «*Nothing in all the world is more dangerous than sincere ignorance or conscientious stupidity*» Martin Luther King Jr. (1963). "Strenght To Love".

"Logic is an enemy and truth is a menace".

«*Logic is an enemy and truth is a menace*» Rod Serling, "Twilight Zone"

Santayana – O passado é <u>tão</u> importante.

<u>Quem não se lembra do passado está condenado a repeti-lo</u>. «*Those who cannot remember the past are condemned to repeat it*» George Santayana

"When liberty fails…"

«When liberty fails, the best men rot in filthy jails, while those who cried appease!, appease!, are hung by those they tried to please»

"Resistance to tyrants is obedience to God", Thomas Jefferson

EXTRAS e alegorias financeiras.

Provérbio polaco – "If you owe 1000 zlotys..."

«*If you owe 1.000 zlotys, the bank owns you. But if you owe a million zlotys, you own the bank*» Old Polish proverb

INFLAÇÃO – Um jogo de Monopólio onde a casa ganha sempre.

Banqueiro não tem limites a emissão de papel. A inflação pode ser comparada a um jogo de Monopólio, no qual o banqueiro não tem limites às quantidades de dinheiro que pode distribuir.

Como o banqueiro também joga, acaba por dominar tudo e todos. Se o banqueiro também estiver a jogar, e é isso que acontece, é óbvio que vai acabar a mandar em toda a propriedade. O jogo é chamado monopólio por um motivo: no fim, um só jogador domina toda a propriedade e todos os outros estão falidos. Na vida real, isso significa comida, abrigo, independência financeira. Quando a entidade que cria e distribui o dinheiro também participa no jogo, então é evidente que vai ganhar o jogo – vai acabar por dominar toda a propriedade, e por levar todos os outros à falência.

A sociedade é transformada num campo neo-colonial. Depois, o que acontece, é que os que tiverem sorte, podem ficar como empregados nos empreendimentos da banca; outros, com menos sorte, passam a viver da caixa da comunidade, enquanto existir, e isso é a segurança social; e outros ainda vão para a prisão, que entretanto é transformada num empreendimento para fins lucrativos.

DERIVATIVOS – Confetti e balões.

Confetti (papel) e balões (bolhas). Toda a prosperidade paliativa era uma ilusão, baseada em confetti (papel) e balões (bolhas).

Expansão e contracção. Balão enche e explode. Confetti explodem pelo ar, e caiem ao chão.

DERIVATIVOS – Dominós.

Economia derivativa, um jogo hipersensível de dominós.

DERIVATIVOS – Roleta Russa.

Casino tóxico onde apostas são cobertas por contribuintes. O mercado de derivativos só pode ser descrito como um casino tóxico e desregulado, onde as apostas dos jogadores se tornaram, agora, cobertas pelos contribuintes.

O jogo é roleta russa, com a arma apontada à cabeça do público. Portanto, os contribuintes do mundo inteiro estão a pagar para manter um jogo de casino a decorrer; o jogo é roleta russa, com a arma apontada à cabeça do público. Você pagaria o jogo de casino de outras pessoas? E se esse jogo fosse roleta russa, com a arma apontada à sua cabeça? No entanto, é precisamente isso que está a acontecer, à escala global. [*Um homem chega a uma cave escura para jogar um jogo. O jogo é roleta russa. A aposta são todas as suas propriedades. .... Aponta a arma à cabeça*.]

Alegoria do casino – 70s onwards.

Anos 70 em diante, economia global é um casino. De anos 70 em diante, o sistema sócio-económico torna-se um casino.

Liquidação da economia real na mesa de aposta. Absorve todo o valor real lá fora, como um buraco negro – o mundo real é desmantelado, para manter o casino a funcionar e o tornar progressivamente mais luxuoso.

O agricultor e os patos.

O agricultor nunca conseguia apanhar patos selvagens. The story is told of a New England farmer with a small pond in his pasture. Each summer, a group of wild ducks would frequent that pond but, try as he would, the farmer could never catch one. No matter how early in the morning he approached, or how carefully he constructed a blind, or what kind of duck call he tried, somehow those crafty birds sensed the danger and managed to be out of range. Of course, when fall arrived, the ducks headed South, and the farmer's craving for a duck dinner only intensified.

Dá-lhes milho, torna-os preguiçosos – fá-los confiar. Then he got an idea. Early in the spring, he started scattering corn along the edge of the pond. The ducks liked the corn and, since it was always there, they soon gave up dipping and foraging for food of their own. After a while, they became used to the farmer and began to trust him. They could see he was their benefactor and they now walked close to him with no sense of fear.

A vida é fácil – esquecem-se de como voar – e, ao mesmo tempo, estão gordos. Life was so easy, they forgot how to fly. But that was unimportant, because they were now so fat they couldn't have gotten off the water even if they had tried. Fall came, and the ducks stayed. Winter came, and the pond froze. The farmer built a shelter to keep them warm. The ducks were happy because they didn't have to fly.

O jantar de pato. And the farmer was especially happy because, each week all winter long, he had a delicious duck dinner.

O que a serpente faz com o rato – do olhar hipnótico ao estômago. Isto é essencialmente o que uma serpente faz, digamos, a um rato. Primeiro, tenta hipnotizá-lo com o olhar. Depois enrola-se à volta dele, num abraço simpático e envolvedor. Quando finalmente tem o rato bem preso e imobilizado, engole-o. Talvez o estômago da serpente seja quente e confortável durante um pouco, mas é garantido que não tem futuro.

<u>EXTRAS – A Divina Comédia, de Dante</u>.

Era da Violência → Era da Fraude → Era da Traição – A Nona Porta.

«*A nona porta*» – «*The Age of Fraud bursts out of the Age of Violence…until it finally betrays itself into the Age of Treason*»

DANTE – Inferno, Canto III.

«*Per me si va nella città dolente,*

per me si va nell'eterno dolore,

per me si va tra la perduta gente.

Giustizia mosse il mio alto Fattore;

Fecemi la divina Potestate,

La somma Sapienza e il primo Amore.

Dinanzi a me non fur cose create,

se non eterne, ed io eterno duro,

Lasciate ogni speranza, voi ch'entrate

(…)

Qui si convien lasciare ogni sospetto

Ogni vilta convien che qui sia morta»

[From Dante, Divina Commedia: Here must all distrust be left; All cowardice must here be dead]

DANTE – Dorothy Sayers, notes to Dante's Inferno.

[**Edit**] « *The Falsifiers... those who falsified things, words, money and persons. They may be taken to figure every kind of deceiver who tampers with the basic commodities by which society lives – the adulterors of food and drugs, jerry-builders, manufacturers of shoddy, and so forth – as well of course, as the baseness of the individual self consenting to such dishonesty. The Valley of Disease… this is at one level the image of the corrupt heart which acknowledges no obligation to keep faith with his fellow-men;*

at another, it is the image of a diseased society in the last stages of its mortal sickness and already necrosing. Every value it has is false; it alternates between a deadly lethargy and a raving insanity. [This] began with the sale of the sexual relationship, and went on to the sale of the Church and State; now, the very money is itself corrupted, every affirmation has become perjury, and every identity a lie» Dorothy Sayers, notes to Canto XXIX of Dante Alighieri's "Inferno". [***adicionar referência de publicação***]

[**Original**] «*The Images. The Falsifiers. The Tenth Bowge shows us the images of those who falsified things, words, money and persons. This Canto deals with the falsifiers of things, typified by the Alchemists (transmuters of metals). They may be taken to figure every kind of deceiver who tampers with the basic commodities by which society lives – the adulterors of food and drugs, jerry-builders, manufacturers of shoddy, and so forth – as well of course, as the baseness of the individual self consenting to such dishonesty. The Valley of Disease. For the allegory, this is at one level the image of the corrupt heart which acknowledges no obligation to keep faith with his fellow-men; at another, it is the image of a diseased society in the last stages of its mortal sickness and already necrosing. Every value is has is false; it alternates between a deadly lethargy and a raving insanity. Malbowges began with the sale of the sexual relationship, and went on to the sale of the Church and State; now, the very money is itself corrupted, every affirmation has become perjury, and every identity a lie; no medium of exchange remains, and the "general bond of love and nature's tie" (Canto IX, 56) is utterly dissolved*» Dorothy Sayers, notes to Canto XXIX of Dante Alighieri's "Inferno". [***adicionar referência de publicação***]

Extras – ALINSKY – Subversão comunitária – Consenso, um valor totalitário.

Saul Alinsky – De Al Capone a organizador comunitário.

Começa carreira com Al Capone.

Organizador comunitário: de gangs mafiosos a gangs comunitários. Organizador comunitário marxista de Chicago, que começou a sua carreira como assistente contabilístico no gang de Al Capone. Trabalho de gangs envolve muita organização comunitária, com formação de gangs, extorsão, ameaças, espionagem de bairro, e todo esse género de coisas, e é isso que Alinsky foi depois fazer, desta vez como Marxista, a trabalhar para fundações privadas e ONGs.

Formação de gangs, extorsão, chantagem, fechar negócios, espionagem, etc.

Com fundações e ONGs.

Depois vai organizar gangs como organizador comunitário.

Cloward-Piven. Muita da estratégia Cloward-Piven é desenvolvida, na verdade, por Saul Alinsky.

Alinsky – Consenso é um valor totalitário.

"You'll find consensus only in a totalitarian state, Communist or fascist".

«*...this general fear of conflict and emphasis on consensus and accommodation is typical academic drivel. How do you ever arrive at consensus before you have conflict? In fact, of course, conflict is the vital core of an open society; if you were going to express democracy in a musical score, your major theme would be the harmony of dissonance. All change means movement, movement means friction and friction means heat. You'll find consensus only in a totalitarian state, Communist or fascist*» – Saul Alinsky. Interview to Playboy Magazine, 1972.

Alinski – Grande Depressão erode sistema de valores nos EUA.

«*...it wasn't only people's money that went down the drain in 1929; it was also their whole traditional system of values. Americans had learned to celebrate their society as an earthly way station to paradise, with all the cherished virtues of hard work and thrift as their tickets to security, success and happiness. Then suddenly, in just a few days, those tickets were canceled and apparently unredeemable, and the bottom fell out of everything. The American dream became a nightmare overnight for the overwhelming*

majority of citizens, and the pleasant, open-ended world they knew suddenly began to close in on them as their savings disappeared behind the locked doors of insolvent banks, their jobs vanished in closed factories and their homes and farms were lost to foreclosed mortgages and forcible eviction. Suddenly the smokestacks were cold and lifeless, the machinery ground to a halt and a chill seemed to hang over the whole country» – Saul Alinsky. Interview to Playboy Magazine, 1972.

Alinski – Corrupção industrial nos EUA, anos 30.

«*Not one American corporation -- oil, steel, auto, rubber, meat packing -- would allow its workers to organize; labor unions were branded subversive and communistic and any worker who didn't toe the line was summarily fired and then blacklisted throughout the industry. When they defied their bosses, they were beaten up or murdered by company strikebreakers or gunned down by the police of corrupt big-city bosses allied with the corporations, like in the infamous Memorial Day Massacre in Chicago when dozens of peaceful pickets were shot in the back. Those who kept their jobs were hired and fired with complete indifference, and they worked as dehumanized servomechanisms of the assembly line. There were no pensions, no unemployment insurance, no Social Security, no Medicare, nothing to provide even minimal security for the worker*» – Saul Alinsky. Interview to Playboy Magazine, 1972.

Alinsky – Processo de subversão, organização comunitária.

<u>Ser convidado a entrar</u>.

<u>“O paciente tem de querer ser mudado”</u>.

«*…the community we're dealing with must first want us to come in, and once we're in we insist they choose their own objectives and leaders. It's the organizer's job to provide the technical know-how, not to impose his wishes or his attitudes on the community; we're not there to lead, but to help and to teach. We want the local people to use us, drain our experience and expertise, and then throw us away and continue doing the job themselves. Otherwise they'd grow overly dependent on us and the moment we moved out the situation would start to revert to the status quo ante. This is why I've set a three-year limit on the time one of our organizers remains within any particular area. This has been our operating procedure in all our efforts; we're outside agitators, all right, but by invitation only. And we never overstay our welcome*»

<u>Observar, estudar a comunidade</u>.

<u>Estabelecer frente unida</u>.

Descobrir potenciais aliados e seduzi-los – apelar a auto-interesse.

Abordagem gradual – encontrar pontos comuns, avançar para "people power".

Dar sentido existencial – "we'll make life goddamn exciting for them again".

Estabelecer frente unida de vários grupos.

«*…the first thing I always do, is to move into the community as an observer, to talk with people and listen and learn their grievances and their attitudes. Then I look around at what I've got to work with, what levers I can use to pry closed doors open, what institutions or organizations already exist that can be useful… I just [appeal] to their self-interest… To fuck your enemies, you've first got to seduce your allies… [establish] a community-wide coalition of workers, local businessmen, labor leaders and housewives – our power base…*»

«*The despair… apathy… is there; now it's up to us to go in and rub raw the sores of discontent, galvanize them for radical social change… We'll start with specific issues – taxes, jobs, consumer problems, pollution – and from there move on to the larger issues… Once you organize people, they'll keep advancing from issue to issue toward the ultimate objective: people power. We'll not only give them a cause, we'll make life goddamn exciting for them again – life instead of existence. We'll turn them on*» – Saul Alinsky. Interview to Playboy Magazine, 1972.

Alinsky – Teatro do absurdo.

<u>Usar técnicas similares, ou mesmo provindas, do teatro do absurdo</u>. «*But isn't much of life kind of a theater of the absurd?*» – Saul Alinsky. Interview to Playboy Magazine, 1972.

Alinsky – Ghandi reverte a sua palavra.

<u>Torna resistência passiva um crime legal</u>.

<u>Abandona não-violência para suportar ocupação militar de Caxemira</u>.

«*It's important to look at this issue in a historical perspective. Every major revolutionary movement in history has gone through the same process of corruption, proceeding from virginal purity to seduction to decadence. Take Gandhi, even; within ten months of India's independence, he acquiesced in the law making passive resistance a felony, and he abandoned his nonviolent principles to support the military occupation of Kashmir. Subsequently, we've seen the same thing happen in Goa and Pakistan. Over and over again, the firebrand revolutionary freedom fighter is the first to destroy the rights and even the lives of the next generation of rebels*» – Saul Alinsky. Interview to Playboy Magazine, 1972.

Alinski – Mascote de Al Capone e Frank Nitti.

«*I was awarded the graduate Social Science Fellowship in criminology, the top one in that field, which took care of my tuition and room and board – I still don't know why they gave it to me -- maybe because I hadn't taken a criminology course in my life and didn't know one goddamn thing about the subject -- But this was the Depression and I felt like someone had tossed me a life preserver -- Hell, if it had been in shirt cleaning, I would have taken it. Anyway, I found out that criminology was just as removed from actual crime and criminals as sociology was from society, so I decided to make my doctoral dissertation a study of the Al Capone mob -- an inside study… Big Ed Stash had an attentive audience and we became buddies. He introduced me to Frank Nitti, known as the Enforcer, Capone's number-two man, and actually in* ***de facto*** *control of the mob because of Al's income-tax rap. Nitti took me under his wing. I called him the Professor and I became his student. Nitti's boys took me everywhere, showed me all the mob's operations, from gin mills and whorehouses and bookie joints to the legitimate businesses they were beginning to take over. Within a few months, I got to know the workings of the Capone mob inside out… They had Chicago tied up tight as a drum; they owned the city, from the cop on the beat right up to the mayor. Forget all that Eliot Ness shit; the only real opposition to the mob came from other gangsters, like Bugs Moran or Roger Touhy. The Federal Government could try to nail 'em on an occasional income tax rap, but inside Chicago they couldn't touch their power. Capone was the establishment. When one of his boys got knocked off, there wasn't any city court in session, because most of the judges were at the funeral and some of them were pallbearers. So they sure as hell weren't afraid of some college kid they'd adopted as a mascot causing them any trouble. They never bothered to hide anything from me; I was their one-man student body and they were anxious to teach me. It probably appealed to their egos… Once, when I was looking over their records, I noticed an item listing a $7500 payment for an out-of-town killer. I called Nitti over and I said, "Look, Mr. Nitti, I don't understand this. You've got at least 20 killers on your payroll. Why waste that much money to bring somebody in from St. Louis?" Frank was really shocked at my ignorance. "Look, kid," he said patiently, "sometimes our guys might know the guy they're hitting, they may have been to his house for dinner, taken his kids to the ball game, been the best man at his wedding, gotten drunk together. But you call in a guy from out of town, all you've got to do is tell him, 'Look, there's this guy in a dark coat on State and Randolph; our boy in the car will point him out; just go up and give him three in the belly and fade into the crowd.' So that's a job and he's a professional, he does it. But one of our boys goes up, the guy turns to face him and it's a friend, right away he knows that when he pulls that trigger there's gonna be a widow, kids without a father, funerals, weeping -- Christ, it'd be murder." I think Frank was a little disappointed by my even questioning the practice; he must have thought I was a bit callous… I was a nonparticipating observer in their professional activities, although I joined their social life of food, drink and women: Boy, I sure participated in that side of things -- it was heaven. And let me tell you something, I learned a hell of a lot about the uses and abuses of power from the mob, lessons that stood me in good stead later on, when I was*

organizing… Another thing you've got to remember about Capone is that he didn't spring out of a vacuum. The Capone gang was actually a public utility; it supplied what the people wanted and demanded. The man in the street wanted girls: Capone gave him girls. He wanted booze during Prohibition: Capone gave him booze. He wanted to bet on a horse: Capone let him bet. It all operated according to the old laws of supply and demand, and if there weren't people who wanted the services provided by the gangsters, the gangsters wouldn't be in business… Everybody owned stock in the Capone mob; in a way, he was a public benefactor. I remember one time when he arrived at his box seat in Dyche Stadium for a Northwestern football game on Boy Scout Day and 8000 scouts got up in the stands and screamed in cadence, "Yea, yea, Big Al. Yea, yea, Big Al." Capone didn't create the corruption, he just grew fat on it, as did the political parties, the police and the overall municipal economy.

PLAYBOY: How long were you an honorary member of the mob?

ALINSKY: About two years. After I got to know about the outfit, I grew bored and decided to move on -- which is a recurring pattern in my life, by the way. I was just as bored with graduate school, so I dropped out and took a job with the Illinois State Division of Criminology, working with juvenile delinquents. This led me into another field project, investigating a gang of Italian kids who called themselves the 42 Mob. They were held responsible by the D.A. for about 80 percent of the auto thefts in Chicago at the time and they were just graduating into the outer fringes of the big-time rackets. It was even tougher to get in with them than with the Capone mob, believe me» – Saul Alinsky. Interview to Playboy Magazine, 1972.

EXTRAS – Sherlock Holmes – Mycroft, Moriarty, Moran.

Sherlock Holmes – Mycroft, Moriarty, Moran.

Mycroft Holmes – "He is the British Government". Mycroft Holmes officially held a position of little importance in the British Government, yet Sherlock said of him, "he is the British Government". «*Occasionally he* ***is*** *the British government [...] the most indispensable man in the country… The conclusions of every department are passed to him, and he is the central exchange, the clearinghouse, which makes out the balance. All other men are specialists, but his specialism is omniscience*» —"The Bruce-Partington Plans"

Professor Moriarty – "The Napoleon of Crime", com uma vasta rede criminosa. Professor James Moriarty is the archenemy of Sherlock Holmes, a fictional detective created by Sir Arthur Conan Doyle. Moriarty is a criminal mastermind whom Holmes describes as the "Napoleon of crime". Holmes, by his own account, was originally led to Moriarty by the suggestion that many of the crimes he perceived were not the spontaneous work of random criminals but the machinations of a vast and subtle criminal ring.

Usa arma de sniper, organiza acidentes (MI6). In "The Empty House", Holmes states that Moriarty had commissioned a powerful air gun from a blind German mechanic (one Mr. von Herder), which was used by his employee Colonel Sebastian Moran. It closely resembled a cane, allowing for easy concealment, was capable of firing revolver bullets at long range, and made very little noise when fired, making it ideal for sniping. Moriarty also has a marked preference for organising "accidents". His attempts to kill Holmes include falling masonry and a speeding horse-drawn van.

É um homem bastante independente e selvagem. Despite the vast crime ring over which he presides, Moriarty is fiercely independent. When his men fail to kill Holmes, he pursues him personally and without aid of an assistant whereas Holmes takes Watson with him wherever he goes.

O seu único confidente, Coronel Moran. The only individual who appears to have Moriarty's complete confidence is his henchman Colonel Moran.

"Organiser of half that is evil and nearly all that is undetected in this great city". «*He is a man of good birth and excellent education, endowed by nature with a phenomenal mathematical faculty. At the age of twenty-one he wrote a treatise upon the binomial theorem which has had a European vogue. On the strength of it, he won the mathematical chair at one of our smaller universities, and had, to all appearances, a most brilliant career before him. But the man had hereditary tendencies of the most diabolical kind. A criminal strain ran in his blood, which, instead of being modified,*

was increased and rendered infinitely more dangerous by his extraordinary mental powers. Dark rumours gathered round him in the University town, and eventually he was compelled to resign his chair and come down to London. He is the Napoleon of crime, Watson. He is the organiser of half that is evil and of nearly all that is undetected in this great city...»—Sherlock Holmes, "The Final Problem"

"The greatest schemer of all time, the controlling brain of the underworld". «*But in calling Moriarty a criminal you are uttering libel in the eyes of the law — and there lie the glory and the wonder of it! The greatest schemer of all time, the organizer of every deviltry, the controlling brain of the underworld, a brain which might have made or marred the destiny of nations — that's the man! But so aloof is he from general suspicion, so immune from criticism, so admirable in his management and self-effacement, that for those very words that you have uttered he could hale you to a court and emerge with your year's pension as a solatium for his wounded character. Is he not the celebrated author of The Dynamics of an Asteroid, a book which ascends to such rarefied heights of pure mathematics that it is said that there was no man in the scientific press capable of criticizing it? Is this a man to traduce? Foulmouthed doctor and slandered professor — such would be your respective roles! That's genius, Watson*»— Sherlock Holmes, "The Valley of Fear"

Colonel Moran – "The second most dangerous man in London". Colonel Sebastian Moran is a fictional character, an enemy of Sherlock Holmes and the villain of the Sherlock Holmes short story *The Adventure of the Empty House*. Holmes once described him as "the second most dangerous man in London" - the most dangerous being Professor Moriarty, Moran's employer.

O pai tinha sido Ministro para a Pérsia. According to Sherlock Holmes's index of criminal biographies, Sebastian Moran was born in London in 1840, the son of Sir Augustus Moran, CB, sometime Minister to Persia.

Após a morte de Moriarty, torna-se um jogador, em clubes de apostas. He soon turned to the bad (Holmes attributes this to a hereditary trait), and although there was no open scandal he was obliged to retire from the army and return to London. Outwardly respectable, with an address in Conduit Street, Mayfair and membership of the (fictional) Anglo-Indian Club, the Tankerville Club and The Bagatelle Card Club, he nevertheless continued in his evil ways.

<u>EXTRAS – The Prisoner</u>.

«*Be[e] seeing you!*»

“The Prisoner” (1967)

«*Number 6: Where am I?*

Number 2: In the Village.

Number 6: What do you want?

Number 2: In-Formation. We want In-Formation»

“The Prisoner” (1967). Ep.1: Arrival.

«*Number 6: I will make any deals with you. I will not be pushed, filed, stamped, indexed, briefed, debriefed, or numbered. My life is my own.*

Number 2: Is it?

Number 6: Yes. You won’t hold me»

The Prisoner (1967). Ep.1: Arrival.

«*We’re all pawns my dear. Your move!*»

The Prisoner (1967). Ep.1: Arrival.

«*Number 6: Has it ever ocurred to you that you’re just as much a prisoner as I am?*

Number 2: My dear chap, of course… we’re both lifers… ***It doesn’t matter which side runs the Village.***

Number 6: It’s run by one side or the other*.*

Number 2: Oh certainly. But ***both sides are becoming identical****. What in fact has been created:* ***an international community****.* ***A perfect blueprint for world order****. When the sides facing each other suddenly realize that they are looking into a mirror they will see that* ***this is the pattern for the future****.*

Number 6: The whole Earth, as the Village?

Number 2: That is my hope»

"The Prisoner" (1967), Ep. 2: The Chimes of Big Ben.

«*Number 2 is unmutual! Unmutual! Social conversion for Number 2!*»

"The Prisoner" (1967). Ep. 12: A Change of Mind

«*Reactionary! Rebel! Disharmonious!*»

"The Prisoner" (1967). Ep. 12: A Change of Mind.

«*Your Community needs you!*»

"The Prisoner" (1967), Ep. 12: A Change of Mind.

«*Society is a place where people exist together. That is civilization. The lone wolf belongs to the wilderness. You must not grow up to be a lone wolf. You must conform!*

You are a member of the Village! You are a unit of society!»

"The Prisoner" (1967). Ep. 16: Once Upon a Time

«*Number 6: You chose this method because you knew the only way to beat me was to gain my respect.*

Number 2: That is correct…

Number 6: And then I would confide.

Number 2: I hoped that you would come to trust me…

Number 6: This is a recognized method...

Number 2: …used in psychoanalysis. The patient must come to trust his doctor, totally...

Number 6: Sometimes they change places…

Number 2: Which is essential in extreme cases.

Number 6: …also a risk…

Number 2: …oh, a grave risk…

Number 6: …if the doctor has his own problems.

Number 2: I have!

Number 6: That is why the system is known as degree absolute.

Number 2: It's one or the other of us.

Number 6: Why don't you resign?

Number 2: You're very good! Ah ah, you're very good at it!»

The Prisoner (1967), Ep.16: Once Upon a Time

«*I feel a New Man!*»

"The Prisoner" (1967). Ep. 17: Fall Out.

Anarchist representative to the Village soviet: «*The prisoner has been charged with the most serious breach of social etiquette. Total defiance of the elementary laws which sustain our community! Questioning the decisions of those we voted to govern us. Unhealthy aspects of speech and dress, not in accordance with general practice. And the refusal to observe where, or respond, to his number!*»

"The Prisoner" (1967). Ep. 17: Fall Out.

EXTRA – Abuso sociopático da linguagem – Perfumar impronunciáveis.

LOBACZEWSKI – O abuso da linguagem em sócio-ponerologia.

Linguagem dúplice e esotérica, característica típica de psicopatas. O uso de uma linguagem exclusiva, esotérica, para enganar intencionalmente, é uma característica típica da personalidade psicopática, ou de um grupo dominado por psicopatas.

O abuso das palavras. O uso, ou, mais apropriadamente, o abuso de palavras, é uma característica de um psicopata, ou de um grupo psicopático.

Ideologia, funções e objectivos da organização são adulterados.

Forma-se um círculo interno que comanda as operações.

Estabelece-se uma diferenciação distorcida no uso da linguagem.

Significados exteriores usados para fins de propaganda.

Significados herméticos usados pelo grupo ponerológico.

Quando esta duplicidade é um facto adquirido, isto indica que processo ponerogénico está avançado.

«*An ideology of a secondarily ponerogenic association [secondary stage of infiltration by psychopathic individuals] is formed by gradual adaptation of the primary ideology to functions and goals other than the original formative ones. A certain kind of layering or schizophrenia of ideology takes place during the ponerization process. The outer layer closest to the original content is used for the group's propaganda purposes, especially regarding the outside world, although it can in part also be used inside with regard to disbelieving lower-echelon members.* ***The second layer presents the elite with no problems of comprehension: it is more hermetic, generally composed by slipping a different meaning into the same names. Since identical names signify different contents depending on the layer in question, understanding this "doubletalk" requires simultaneous fluency in both languages.*** *Average people succumb to the first layer's suggestive insinuations for a long time before they learn to understand the second one as well. Anyone with certain psychological deviations, especially if he is wearing the mask of normality with which we are familiar [a psychopath], immediately perceives the second layer to be attractive and significant; after all, it was built by people like him.* ***Comprehending this doubletalk is therefore a vexatious task, provoking quite understandable psychological resistance; this very duality of language, however, is a pathognomonic [specific characteristics of a disease] symptom indicating that the human union in question is touched by the ponerogenic process to an advanced***

degree.» – 116 – Andrew M. Lobaczewski's *Political Ponerology: A Science on the Nature of Evil Adjusted for Political Purposes* (1998).

Linguagem perfumada – Para racionalizar "impronunciáveis".

Linguagem perfumada em nome de actos horripilantes. A linguagem tem de ser mutilada para permitir racionalizações perfumadas de actos horripilantes.

O perfume é enjoativo, num porco. Porém, um porco com perfume, continua a ser um porco. E o perfume só torna o ambiente geral mais enjoativo.

Os actos, e não as palavras. Ou seja, julgá-los pelos frutos, e não pelo que dizem.

EXTRA – Iron Mountain Report – A “ameaça ambiental”, para globalismo.

Quebra do nível de vida e autoritarismo “para salvar Mãe Terra”. The masses would more willingly accept a falling standard of living, tax increases, and bureaucratic intervention in their lives as simply "the price we must pay to save Mother Earth."

Ambientalismo como substitute de guerra, para engenharia sócio-económica.

Aumentar taxa de poluição para causar pânico.

Falhando esta, inventar uma outra ameaça credível o suficiente. If a vision of death and destruction from pollution could be implanted into the public subconscious mind, then the global battle against it could, indeed, replace war as the mechanism for control. Did the *Report from Iron Mountain* really say that? It certainly did-and much more. Here are just a few of the pertinent passages:

«*When it comes to postulating a credible substitute for war ... the alternate enemy" must imply a more immediate, tangible, and directly felt threat of destruction. It must justify the need for taking and paying a "blood price" in wide areas of human concern. In this respect, the possible substitute enemies noted earlier would be insufficient. One exception might be the environmental-pollution model, if the danger to society it posed was genuinely imminent. The fictive models would have to carry the weight of extraordinary conviction, underscored with a not inconsiderable actual sacrifice of life.... It may be, for instance, that gross pollution of the environment can eventually replace the possibility of mass destruction by nuclear weapons as the principal apparent threat to the survival of the species… Poisoning of the air, and of the principal sources of food and water supply, is already well advanced, and at first glance would seem promising in this respect; it constitutes a threat that can be dealt with only through social organization and political power.... It is true that the rate of pollution could be increased selectively for this purpose.... But the pollution problem has been so widely publicized in recent years that it seems highly improbable that a program of deliberate environmental poisoning could be implemented in a politically acceptable manner. However unlikely some of the possible alternative enemies we have mentioned may seem, we must emphasize that one must be found of credible quality and magnitude, if a transition to peace is ever to come about without social disintegration. It is more probable, in our judgment, that such a threat will have to be invented*»

FALSE FLAG Operations.

Táctica milenar.

Roma. Exemplo de Roma, com Nero.

Império Britânico – "false flags". Os navios britânicos, com falsas bandeiras.

Desestabilização e terrorismo auto-infligidos.

→ ***Usar acções terroristas para espalhar caos e legitimar medidas desejadas***. Um dos truísmos inevitáveis da acção governamental ao longo da história, é a de que estados têm tendência a usar grupos extremistas e radicais – por vezes terroristas – como forma de espalhar o caos em países adversários, ou, por vezes, nos seus próprios territórios – desta feita, para legitimar a aprovação de reformas que, caso contrário, nunca seriam aceites. No que diz respeito a acções estrangeiras, estas coisas podem ter vários objectivos: desestabilização ou desmantelamento do adversário; ajuda em iniciativas militares; ou talvez o adversário não seja um adversário e, nesse caso, está-se a facilitar alguma transição ou reforma no seu próprio território.

Northwoods. Para provocar guerra com Cuba. Possíveis cursos de acção: sequestrar aviões de passageiros; rebentar um navio de guerra americano; orquestrar uma campanha doméstica de terrorismo violento; assassinar pessoas.

Operation Gladio – Stay Behind Armies da NATO. Células fascistas, extrema-direita, de operações especiais. Uma célula por país. Conduziam assassinatos na Europa e em África, bem como ataques terroristas, para culpar na oposição. [Operation Gladio, Ganser, NATO's Secret Armies,Gladio – Operation Gladio, Stay behind black ops, Senado Belga]

Gulf of Tonkin.

Exclusive - Robert McNamara deceived LBJ on Gulf of Tonkin, documents show

PD Scott – Gulf of Tonkin (com admissão de McNamara)

Oklahoma City – WTC 1993.

Provocadores em manifestações (1) – DNC – G8 – G20 – SPP Protest.

G8, The bloody battle of Genoa.

Provocateur Cops Caught Disguised As Anarchists At G20.

G20 police ’used undercover men to incite crowds’.

ACLU wants probe into police-staged DNC protest.

Stop SPP Protest - Union Leader stops provocateurs

Provocadores em manifestações (2) – “Summer of Rage”.

Bulgária – Grécia. [BNN - Rioters Were Paid To Provoke the Police in Bulgaria – Rioters Were Paid To Provoke the Police in Bulgaria – Greek Cops Caught on Video Posing as Anarchists]

Tibete – monges falsos.

Tibet chinese false flag monks

“Hal Turner”.

Anti Semite Hal Turner Exposed as FBI Operative

FBI trained Hal Turner as agent provocateur

“Israeli Qaeda”.

Five Israeli-Arabs Arrested on Terror Charges

Ibrahim, the Shin Bet wants you to join Qaida

Mossad Exposed in Phony `Palestinian Al-Qaeda' Caper

PA uncovers Israelis posing as Al-Qaeda agents

Irão – Seymour Hersh – Cheney's new Tonkin. Um dos cenários possíveis para precipitar uma guerra com o Irão seria mascarar navy seals de guarda costeira iraniana e simular um ataque a um navio, com mortes, no Estreito de Ormuz.

Iraque.

UN plane false flag plan.

Ataques auto-infligidos no Iraque. Com respeito a campanhas de bombas em Bagdad, em 2009 o próprio governo iraquiano veio afirmar que elementos do aparato de segurança do estado (baathistas) estavam envolvidos. [Inside job suspected in Baghdad bombings]

VÍDEO.

AJ – Seattle, 1999, motins encenados com anarquistas, suspensão 1ª Emenda.

alex jones - free speech zones (after seattle, free speech zones; hired anarchists) (Após Seattle, os feds disseram, não podemos ter protestos na América, portanto temos de ter free-speech zones – tudo isso começou como teste-beta em Seattle em 1999, quando a polícia, após encenar os motins, com anarquistas contratados, veio dizer a 1ª Emenda está suspensa e não se pode sequer usar um pin a dizer 'No WTO' na cidade, e as notícias promoveram isso como a ideia certa, a coisa certa a fazer)

GRIFFIN – False-flag operations.

Propósito é criar percepção de que atacante é o partido rival.

Operações feitas constantemente ao longo da história.

Temos visto muitas false-flags, vão continuar.

ge griffin - false flag operations (Uma false flag operation é uma operação na qual o atacante carrega a bandeira de outro partido. É geralmente uma operação militar, e o propósito é o de criar a impressão de que o atacante é o outro partido. Quer-se criar opinião pública negativa contra a nação visada. Este género de coisas são feitas constantemente, e não são únicas na história. Creio que temos visto muitas destas operações recentemente, e que vão continuar. Os americanos são facilmente motivados por operações deste género)

ABELLA – False-flag attacks.

"Quando um país cria uma situação falsa como pretexto para atacar outro país".

“Incidente do Golfo de Tonkin, pretexto para Vietname”.

“Operation Northwoods, pretexto para invadir Cuba”.

(**AA – 27:15**) False-flag attacks são quando um país cria uma situação falsa como pretexto para atacar outro país. Um bom exemplo disso é o Incidente do Golfo de Tonkin, onde Johnson usou informação falsa para aprovar uma resolução para iniciar a colocação de tropas no Sudeste Asiático. Também, Operation Northwoods, como pretexto para invadir Cuba.

PD SCOTT – Gulf of Tonkin.

CIA e NSA falsificaram relatórios para enganar Johnson.

gulf of tonkin - peter dale scott (Houve dois incidentes do Golfo de Tonkin. O primeiro foi real, mas trivial. O segundo, que foi em teoria um ataque de torpedos a um US destroyer, mas na prática nunca aconteceu. Sabemos que a CIA e a NSA ambas falsificaram os seus relatórios para fazer crer a Johnson que o ataque tinha acontecido)

Gnosticismo

Gnosticismo: Charlatanismo, spin doctoring e malevolência / der Wille zu Macht.

Gnostykos: Criar Eros (caos hedonista) para levar a Tanatos (puritanismo, totalitarismo).

Gnostykos: Tanatos significa microgestão extrema das "crianças" (o público).

Gnostykos: Tanatos – Classes governantes vivem em Eros pela Tanatização do público.

Raízes no Éden / "Deus é o diabo" / "A serpente é 'deus'".

O arquétipo mental e humano que domina a sociedade gnosticizada.

A serpente não é Prometeus, é uma inimiga de Prometeus.

A Religião Perene: culto de arbitrariedade para sujar, poluir, manchar inocência.

"Evolução graduada" (1) – Esquema em pirâmide para difundir lixo e maldade.

Estruturas organizacionais: xadrez sistémico oligárquico.

"Evolução graduada" (2) – Descontrucionismo, traição, obscurecimento interno.

"Evolução graduada" (3) – Tortura e a "travessia pelo deserto".

Tortura gnóstica na base de actuais métodos de tortura.

Conhecimento (1): Acesso graduado e obscurantismo.

Conhecimento (2): Graus e níveis de acesso – Especialistas – Obscurantismo.

Enclausuramento, ordens, claustros nefários.

Perversão sexual.

Destruição da família, atomização do indivíduo.

Celibato.

O grau absoluto e a "iluminação que cega".

O diamante, "deus", o Olimpo e a Singularidade.

Singularidade.

As subcastas no topo das classes de "eunucos" – Pig fairy demons.

"Eunucos" no topo incorporam o papel do "deus"/"deusa".

Moldar homens e mulheres para typos do "deus" e da "deusa".

Sacrifício pessoal para obter poder extremo sobre público / e.g. infanticídio.

Religião Perene, a cultivar irracionalismo, superstição, pavor, até aos dias de hoje.

Gnosticismo ao longo da história – notas soltas.

Mais notas – Campanella e imperialismo socialista tecnocrático global.

Os danos humanos e civilizacionais da inversão semântica, sociopática, de "paz", "amor" e "harmonia".

Os danos humanos e civilizacionais... (2): De totalitarismo Hindu ao Príncipe da Pérsia.

Mais –Sabatistas, dominionistas / gnosticismo do "amor" para trazer Armaggedon.

Gnosticismo: Charlatanismo, spin doctoring e malevolência / der Wille zu Macht.

Gnosticismo codifica desvios *deliberados* à Via, por *malevolência consciente e voluntária*.

Escolas gnósticas identificam raízes no Éden, figura divina na serpente.

Gnostykos, i.e. conhecimento "moral", da "árvore do conhecimento do Bem e do Mal".

"Deus é o diabo" porque me impede de fazer mal a outros.

"A serpente é 'deus'", porque me deixa fazer mal / justifica arbitrariedade, código moral sintético.

Gnosticismo reconhece abertamente malevolência, de graus intermédios para cima. Gnosticismo é a filosofia e a prática institucional que codifica e deifica o exercício de afastamento deliberado da Via. Todas as escolas gnósticas encontram as suas raízes no livro do Génesis, no episódio do Jardim, e a sua mais elevada figura divina na serpente. O termo "gnosticismo" deriva da palavra grega *gnostykos*, significando "conhecimento". Esse conhecimento é apenas "moral", i.e. a invenção de um código moral sintético, um desvio *deliberado* à Via, naquilo que é um exercício consciente e voluntário de malevolência. A ideia é voltar ao Éden, desconfirmar Deus e dizer que Deus é o diabo (*quer impedir-me de fazer mal aos outros!*). Depois, a serpente é deificada e chamada de "deus" (*diz-me que posso e devo fazer mal aos outros, desde que invente um bom pretexto para isso*). Em termos de vida prática, esta é a diferença entre estar ou não na Via, e o Gnosticismo reconhece abertamente isso, dos níveis intermédios para cima. É por isto que o "deus"

é a serpente. Este é um "deus" que justifica e racionaliza o código moral sintético que é inventado para o exercício de arbitrariedade moral.

Power movements muito ambiciosos e poderosos / interessados em aquisição de poder terreno.

Sempre que chegam ao topo montam ditaduras e regimes totalitários. Independentemente do que possa ser dito ao público, aos níveis mais baixos, estas não são meras escolas filosóficas. São power movements muito concretos, muito ambiciosos, geralmente muito poderosos, dominados por pessoas muito ricas, abertamente interessados na aquisição de poder terreno. Sempre que chegam ao topo montam ditaduras e regimes totalitários.

Necessidade de encontrar modos plausíveis de racionalizar práticas arbitrárias, crimes.

Filósofos gnósticos, spin doctors / capa social venerável, respeitável / charlatanismo. O drama essencial dos gnósticos é o de obter um modo plausível de racionalizar e justificar a prática de actos criminosos. I.e. como exercer poder arbitrário de forma igualmente arbitrária (aquilo que é proibido pelo "não farás") e poder apresentar isso como algo que é não apenas *justificável*, como também *bom* e *justo*? Os filósofos gnósticos são pouco mais que spin doctors especializados nestas questões; embora usem sempre uma capa social de veneráveis mestres de letras e ideias, quando não de cultos esotéricos; são charlatães.

A supremacia da vontade / Der Wille zu Macht / Nietzsche, Hitler e Nazismo. Um ponto essencial da doutrina gnóstica é a quasi-deificação da *vontade* humana (seja ela individual ou colectiva). O indivíduo ou o grupo que decide(m) exercer e impor vontade irrestrita no mundo é/são "deus(es) na terra". O conceito está na linha do "Der Wille zu Macht", a vontade para para o poder, o mote nietzschieano/hitleriano. De resto, tanto Nietzsche como Hitler eram membros institucionais de movimentos gnósticos muito importantes nos seus tempos. O regime Nazi foi um regime gnóstico (teosófico), de uma ponta à outra.

O conhecimento "gnóstico" é apenas "moral", não noutros campos / outros campos decaiem.

Engenharia psicossocial, única ciência *realmente* importante.

Power groups gnósticos apostam sempre no controlo da mente humana. *Gnostykos*, no sentido "institucional" do termo, significa apenas "conhecimento moral", capacidade para reinventar regras de bem e de mal a bel-prazer. Não tem nada a ver com conhecimento factual, científico, tecnológico, embora esse seja um mote habitual usado pelas escolas gnósticas para seduzir iniciados para os níveis mais baixos, para os círculos exteriores... há sempre a promessa de utopias tecnológicas, terras da picanha, a serpente com capa de catedrático, óculos quadrados e um tomo debaixo do braço, etc. Porém, é claro que, sob arbitrariedade moral e tecnológica, todos os campos de ciência e tecnologia tendem a ir abaixo, em sociedades cristalizadas em gnosticismo. O único campo científico que interessa *realmente* aos power groups gnósticos é engenharia psicossocial, o controlo da mente humana. É sempre aí que a batalha é ganha ou perdida.

Gnostykos: Criar Eros (caos hedonista) para levar a Tanatos (puritanismo, totalitarismo).

Prática de gnostykos leva sempre a expressão de dois pólos na pessoa/sociedade: Eros e Tanatos. Gnostykos leva sempre a um contínuo de arbitrariedade utilitária, essencialmente definido por dois pólos opostos; em termos simbólicos, **Eros e Tanatos**. A pessoa gnóstica e a sociedade gnosticizada tendem a oscilar entre estes dois pólos.

Marcuse (terrorista cultural, E. de Frankfurt) : desmantelar com Eros, depois dominar com Tanatos.

Eros: "do what thou wilt (shall be the whole of the law)" / satisfação incondicional de necessidades.

Após caos de Eros surge **Tanatos**: terror e mortificação / puritanismo / totalitarismo. No primeiro pólo, temos o proverbial "do what thou wilt (shall be the whole of the law)"; a satisfação irrestrita e incondicional de necessidades no aqui e no agora. Esta é a fase cultural a que Herbert Marcuse chamou de **Eros**. Marcuse disse depois que Eros leva sempre ao seu exacto oposto, **Tanatos**. Eros traz prazer irrestrito através de caos hedonístico. Depois, Tanatos surge para controlar o caos e trazer terror e mortificação ao Homem.

Tanatos visa o controlo e a microgestão de tudo e de todos. Tanatos é puritanismo [*totalitarismo e securitarismo, palavras mais "actuais", são a mesma exacta coisa*]. Em Tanatos, existe a criação de um código moral sintético altamente normativo e prescritivo. Todos os domínios da actividade humana são regulados e policiados. Microgestão, de tudo e de todos. Para tudo existem regras estritas e apertadas de conduta, de expressão individual, e de tudo o resto. Tanatos tentará até controlar aquilo que as pessoas pensam e sentem.

Período de transição *mais ou menos* gradual entre Eros e Tanatos. Entre Eros e Tanatos existe um período de transição que pode ser *mais ou menos* gradual, dependendo, e.g. do contexto e da sociedade em que isto acontece.

Eros é caos hedonístico / me me me / auto-gratificação incondicional / caos social. O registo arquetípico é "me me me"; utilitarismo orientado para auto-gratificação incondicional; ausência total de uma bússola moral. Eros traz sempre enorme caos social.

Princípios de acção moral abandonados como "limitativos" em prol de auto-gratificação.

A selva social / Ausência de carácter ganha um premium.

Falsidade, instrumentalização / cinismo, desilusão, cansaço / erosão de confiança, relações.

Mentalidade incentivada para desestabilizar sociedade para tomada de poder / e.g. Ocidente hoje. A ideia de ter princípios de acção moral torna-se algo de supérfluo, irrelevante, "limitativo" – algo que me impede de satisfazer as minhas necessidades sentidas no aqui e no agora. O mote é libertação pulsional de necessidades e de desejos *sem qualquer ancoramento* a princípios de acção moral. Logo, tudo o que eu quiser fazer *será feito*, contando que seja contextualmente possível. A obsessão é o ganho pessoal e o preenchimento de ego; à custa do próximo se necessário. A dinâmica torna-se a da selva social, onde *quem não aproveita* só pode ser ingénuo, ou parvo. A ausência de carácter ganha rapidamente um premium. Falsidade torna-se uma norma de adaptação social; um critério para a obtenção de sucesso. Egoísmo e ausência de empatia passam a ser comuns. Desilusão, cinismo, apatia, ainda mais. Relações humanas são erodidas e desfeitas. As pessoas

instrumentalizam-se umas às outra para obterem aquilo que querem. Este tipo de mentalidade é sempre incentivada quando se quer mandar uma sociedade abaixo. Esta fase é sempre seguida de uma forma ou outra de puritanismo, normalmente sob ditadura. A fase anterior costuma ser deliberadamente incentivada para desagregar e destruir sociedades e abrir terreno para alguma forma de despotismo. A sociedade alvejada pode ser um despotismo lame duck (e.g. república das bananas), que está a ser aquecido para uma tomada de poder por um grupo *realmente* despótico; mas, mais tipicamente, isto vai ser feito com sociedades livres. O Ocidente, hoje!

Gnostykos: Tanatos significa microgestão extrema das "crianças" (o público).

Tanatos (puritanismo, totalitarismo) vem para "trazer estabilidade e segurança", "gerir crise", etc. Os motes da tomada de poder puritânica/totalitária por Tanatos podem ser vários, mas andam tipicamente à volta de temas como "trazer ordem e estabilidade", controlar fallout social, "gestão de crise", "trazer segurança", "repor normas".

Código moral sintético, autoritário e ultra-controlador / camadas de códices e de *enforcers*.

Microgestão de tudo e todos / gestão, supervisão, controlo, regulação / pessoas como crianças.

No playground social, os bullies vão tentar assegurar que os miúdos "se portam bem".

"Não farás" de Deus era liberal e estava interessado em adultos conscientes e racionais.

Tanatos traz um "serás" (conduta, ideias, valores, discurso, até emoções) que impõe infantilização.

Regime tentará imiscuir-se no quarto, na cama, na cabeça, dos seus cidadãos.

Existe sempre puritanismo sexual extremo (Babel, Idade Média, URSS, etc.) para esticar a corda.

Hoje, isto será com seguradoras e outros – "comunidade". É sempre imposto um código moral sintético, autoritário e ultra-controlador, visando a regulação estrita, daoísta, de todos os domínios da actividade humana – hoje, da vida humana. Vão existir camadas após camadas de códices legalistas e de *enforcers* para assegurar que esses códices são cumpridos... or else! Microgestão é a palavra de ordem. Tudo e todos têm de ser geridos, regulados, supervisionados, "protegidos", controlados. Todos serão infantilizados, reduzidos ao estatuto de *crianças*, e é preciso *assegurar que as crianças se portam bem*. O "não farás" de Deus estava interessado em pessoas adultas e maduras e era liberal. Sob Tanatos, todos são criancinhas a ser controladas por um extraordinariamente iliberal "serás". Garantir bom comportamento no pátio infantil social implica que os bullies (classes dominantes) regulam e policiam até aquilo que as pessoas *são* (ideias, cognição, personalidade) e o modo como *se comportam* (o que fazem, o que dizem, etc.) "Comportar-te-ás"/"farás" e "dirás" (ou melhor, "não dirás" – o discurso livre é congelado) aparecerá lado a lado com "serás"; e "serás" incluirá "pensarás", "sentirás", "o modo como pensarás", "o modo como sentirás"; e tudo isto será regulado pela prescrição de regras incrivelmente específicas, legalistas, intrusivas. Depois, pessoas espalhadas pela sociedade (informantes, especialistas e outros) policiarão o cumprimento destas regras. É isto que **todas** as sociedades puritânicas (hoje, totalitárias) fazem. Querem meter-se no quarto, na cama e na própria

cabeça de cada cidadão. Por isso mesmo, também existe sempre uma enorme ênfase colocada em questões sexuais. Isto é válido quer estejamos a falar de puritanismo babilónico, medieval, ou soviético. Isto não é porque haja preocupação real com essa dimensão per se, mas apenas e somente porque é uma forma de esticar a corda até a um nível extremo de controlo da vida de cada pessoa. Quando a vida íntima de cada qual é um assunto da "comunidade" (a comuna, a paróquia, o comissariado, ou a *seguradora* – the shape of things to come, para o futuro próximo), i.e. quando a "comunidade" pode imiscuir-se no quarto e na cama de cada um, então vale tudo.

Creep regime / incrivelmente malevolente / mas chama-se virtuosa a si mesmo, vilifica virtude real. Uma sociedade deste género é incrivelmente malevolente; porém, chamará virtude à sua própria malevolência e vilificará virtude genuína. E é assim que se tornam inimigos dos bons. Afinal de contas, estamos a falar de creep regimes.

Moralidade sintética autoritária, **a inversão plena da Via** / inumanidade e mortificação total. Tudo isto marca a substituição da Via pela sua inversão plena, uma moralidade social sintética autoritária que opera para a mais completa inumanização e mortificação do espírito humano.

Gnostykos: Tanatos – Classes governantes vivem em Eros pela Tanatização do público.

Classe governante: "do what thou wilt" vs. "control the trash, the slaves down there".

Sociedade puritânica/totalitária tem sempre dois rule sets: um para o público, outro para "elite".

Governantes são nihilistas criminosos que vivem em Eros pela Tanatização do próximo.

Licenciam-se a si mesmas para fazer tudo o que querem, ao público, e à custa dele. As sociedades puritanas/totalitárias têm sempre dois rule sets, dois conjuntos de regras; um para o público e outro para as classes governantes (e estas são as pessoas no topo, não os pequenos burocratas). As classes governantes vivem sob Eros. Licenciam-se a si mesmas para fazer tudo o que querem, ao público, e à custa dele. A medida de justiça e de verdade é sempre o capricho do grupo, da oligarquia de topo. São nihilistas e criminosos perigosos; os mais perigosos de todos, porque estão no topo de enormes aparelhos institucionais. Esta é a uma expressão da dualidade gnóstica. O nihilista criminoso vive em eros pela tanatização do próximo.

Regimes criminosos, baseados em autoritarismo e usurpação. A melhor forma de descrever estes regimes é como **regimes criminosos**; baseados na plena usurpação de direitos individuais e no exercício irrestrito de poder autoritário sobre o público.

Raízes no Éden / "Deus é o diabo" / "A serpente é 'deus'".

Escolas gnósticas identificam raízes no Éden, figura divina na serpente.

"Deus é o diabo" porque me impede de fazer mal a outros.

"A serpente é 'deus'", porque me deixa fazer mal a outros / justifica o meu código moral sintético.

Os abraços da serpente, chokehold (you're my food now, you piece of trash!). Todas as escolas gnósticas encontram as suas raízes no livro do Génesis, no episódio do Jardim, e a sua mais elevada figura divina na serpente. A ideia é voltar ao Éden, desconfirmar Deus e dizer que Deus é o diabo (*quer impedir-me de fazer mal aos outros!*). Depois, a serpente é deificada e chamada de "deus" (*diz-me que posso e devo fazer mal aos outros, desde que invente um bom pretexto para isso*). Em termos de vida prática, esta é a diferença entre estar ou não na Via. Este é um "deus" que justifica e racionaliza o código moral sintético que invento para aplicar a mim próprio e a terceiros. É um "deus" simpático, que me dá simpáticos abraços que, apesar de eu não os perceber como tal, são o chokehold da serpente (come here, you're my food now, you disgusting piece of trash!).

No Éden, a serpente ensina o homem e a mulher a fazer gnostykos – o desvio à Via. A serpente é, claro, quem ensina o homem e a mulher, no Paraíso, a fazer gnostykos. A palavra *gnostykos* significa conhecimento, mas esse conhecimento é apenas "moral", i.e. a invenção, pelo self, de um código moral sintético, um desvio à Via.

O arquétipo mental e humano que domina a sociedade gnosticizada.

Weltgeist/Zeitgeist, a mentalidade que domina a sociedade gnosticizada.

O arquétipo da arbitrariedade humana: caprichoso, dúplice, autoritário, invejoso. Aqui, o Weltgeist é sempre o arquétipo da arbitrariedade humana. É uma figura caprichosa, dúplice, distante. É invejosa e autoritária. Aqui está-se a falar do Weltgeist, o "espírito geral" que domina a sociedade gnosticizada, a mentalidade geral que dá o mote para o modo como as pessoas agem e para o modo como as coisas são feitas. Muitas vezes não se fala tanto de um Weltgeist ("espírito do mundo") como um Zeitgeist ("espírito do tempo"), situacional a uma cultura, a uma civilização, a uma era.

"Desvios para a direita e para a esquerda, da Via" – a expressão da plena arbitrariedade humana.

Nihilismo situacional / serpente no Éden / dança de Shiva: destruir vida, reinventá-la como caos. É uma criatura dialéctica que se desvia "para a direita e para a esquerda, para fora da Via, de acordo com as suas próprias inclinações". É a expressão da plena arbitrariedade humana: define regras morais e epistemológicas de acordo com as suas próprias preferências e conveniências situacionais. É nihilista. É simbolicamente expresso pela serpente no Éden. Reside no coração humano que foi corrompido para ser afastado da Via. A serpente é o "deus" deste mundo, o "deus" do mundo que existe e age na ausência da Via, na ausência do espírito de Deus. Isto é o "deus" que dança para destruir vida, reinventá-la na forma de caos; imagem simbolizada por Shiva.

Self sem self e com um grande ego / desestruturação, desagregação, vazio / nihilismo. Sendo nihilista, não tem um self assumido; aquilo que poderia passar por self é a ausência de estrutura. A arbitrariedade que é expressa para o exterior é, per se, uma manifestação dessa desagregação interna. Flui com os ambientes e com as situações, faz o que lhe apetece, como apetece e define a realidade da forma que lhe apetece. Isto significa que este self desconstruído, este self sem self, tem um enorme ego. É egocêntrico e grandioso.

Self sem self é moldável a qualquer contexto ou público / 1000 caras / **forma sem substância**. Não tendo um self próprio, apenas desestruturação, este ser é moldável a qualquer contexto, a qualquer tempo, a qualquer lugar, a qualquer público. Para todos, tem uma diferente cara, ou máscara; são tantas como as que sejam "necessárias" (as 1000 caras). É flexível e facilmente ajustável. Jogos de percepção, ilusão. Uma das variantes disto, nos Mistérios gregos, são as máscaras teatrais: feliz e triste. Forma sem substância.

Nihilismo epistemológico e moral ("Quid est veritas?").

"A única verdade é que não existe verdade" – **oxímoro**, i.e. proposição impossível e absurda. Forma sem substância é também o que caracteriza o nihilismo psicológico deste ser. Sendo nihilista, não acredita na existência de verdade, em qualquer campo que seja ("quid est veritas?"). Tudo é percepção, tudo é uma ilusão, tudo é um elemento *subjectivo* ao eye of the beholder. É claro que isto é um oxímoro e um absurdo; o que está a dizer é que "a única verdade é que não existe verdade", e essa é uma afirmação impossível. É bonita e elegante, na forma, mas um vazio purulento, em substância.

Pés de barro dialécticos / estrutura frágil, oximórica e auto-contraditória.

O valor que anula todos os valores e a crença que anula todas as crenças – nonsense oximórico.

Sistema irracionalista e cínico / nega própria existência, depois tentar anular todos os restantes. É sobre este absurdo dialéctico, sobre esta mentira auto-evidente, que toda a estrutura está montada; os pés de barro. A partir desses pés, é construída toda uma estátua, toda uma estrutura de pensamento, pela qual todas as crenças e todos os valores são vácuos (estruturas oximóricas alicerçadas no oxímoro de base). Como "não existem" valores, pode-se agir nihilisticamente; isto, claro, é um valor. "A única crença que tem validade" é aquela que anula todas as restantes, o buraco negro epistemológico; a crença em plena vacuidade epistemológica. É evidente que este é, per se, um conjunto particularmente cínico, egocêntrico e irracionalista de crenças e valores; um que nega a sua própria existência para depois tentar anular todos os restantes.

"Do what thou wilt is the whole of the law" / racionalizar capricho e despotismo. Sob nihilismo, o que vai acontecer é que (o indivíduo, ou o grupo, ou a classe, etc.) pode fazer tudo aquilo que quiser: "do what thou wilt is the whole of the law". Como o name of the game é arbitrariedade, capricho, isso significa que o "deus" vai reinventar sempre bem e mal de tal modo a racionalizar o exercício despótico de poder por parte de um indivíduo ou de um grupo sobre o resto da população. Todos à sua volta terão de ser submetidos ao domínio do seu capricho arbitrário. O capricho humano irrestrito não será contrariado e exige submissão total.

Capricho exige submissão, obediência / domínio sobre crenças e valores (mente).

Sistema normativo de "serás": "farás", "pensarás", "sentirás", "dirás". Submissão implica a obtenção de colaboração, obediência, conformidade, e a melhor forma de assegurar isso é sempre pelo exercício de domínio sobre a mente. Vai exigir que o outro submeta as suas crenças e os seus valores ao crivo do seu capricho. Vai decretar um sistema normativo de *ser*, um *serás*, com base em formatos psicológicos normativos, de *pensar*, *sentir*, *comportar-se*.

Subjectivista extremo, tornou-se num microgestor, com **regras objectivas e autoritárias**. O nihilista, o subjectivista extremo, acabou de se tornar num microgestor, e este microgestor está lá para impor todo um conjunto de normas que são objectivas, fixas, *inteiramente autoritárias*, expansivas a todos os domínios da vida do outro (na verdade, totalitárias).

Porém, todo o processo começa por "consciencializar" outro de relativismo absoluto.

Criar a blank slate para depois sequestrá-la, enchê-la com novo dogma. Curiosamente, todo o processo começa por "consciencializar" o outro da vacuidade subjectiva dos seus próprios valores e crenças – relativismo. Tudo é subjectivo, tudo é uma ilusão. Agora, aqui está o teu novo conjunto de normas objectivas, *e é melhor que obedeças*.

Self sem self: buraco negro que opera por arbitrariedade para usurpar e explorar vida em redor. O self que não tem self, que é desagregado e vácuo, vive da exploração e da usurpação da vida em redor. É um buraco negro, e opera por arbitrariedade extrema para absorver tudo aquilo que encontra no seu caminho.

Submissão a capricho extremo exige pessoas conformistas, easy going, ignorantes, sob "serás".

Exige controlo autoritário/totalitário da sociedade. Sob as sociedades geridas por esta *gestalt* dialéctica, espera-se que o ser humano médio seja conformista, "easy going", ignorante, sem demasiadas ideias próprias, moldado ao(s) código(s) de ser que é/são prescrito(s) (podem ser vários códigos). Como a arbitrariedade humana quer obediência e submissão, exigirá pleno comunitarismo na vida social. Todos têm de ser mantidos pobres e dependentes, num espaço colectivo fortemente policiado (e.g. cidade comunitária, comuna, campo) onde existem para trabalhar para os seus superiores, para os seus mestres. Sacrifício é muito importante. Todos têm de se sacrificar pelos mestres, em tudo.

O outro é instrumentalizado, objecto de mais-valias. Aqui, as pessoas são vistas de forma instrumental, como objectos que podem ser usados para obter alguma coisa.

Más intenções, cobardia, implicam impossibilidade de debate directo, discurso livre.

Pavor a lógica, racionalidade, factos / uso de subterfúgio, sofística, falácia / calar o outro.

Autoritarismo só pode operar, e persuadir, à base de irracionalidade. Más intenções e cobardia significam que não se pode falar de modo directo; há que mentir, enganar, manipular. É isto que vai caracterizar todas as fases e instâncias do debate de ideias. Todo e qualquer debate *realmente* racional é evitado; a racionalidade é temida já que exporia o nonsense pelo que é! Portanto, o debate tem de funcionar por subterfúgio, sofística, falácias fáceis, quando não por formas de manipulação ainda mais gravosas que estas. Tentar silenciar o outro. Esta é uma das marcas essenciais da mente autoritária; o evitamento de toda e qualquer racionalidade. Autoritarismo é construído com base em capricho e em *irracionalidade*. Autoritarismo só pode operar, e persuadir, à base de irracionalidade.

A língua bifurcada, que em tudo mente e engana / dá um abraço para esfaquear as costas.

Duas faces essenciais: "anjo de luz", que cativa a presa / "demónio", que a calca no chão. Isto entra sempre no esquema da língua bifurcada. Existem muitas faces diferentes, mas duas faces essenciais.

Uma é agradável, simpática, easy going – preocupada!. É também passiva, ingénua e inocente; demasiado, e esse é sempre o grande give away. Tem um discurso amoroso, que versa sobre concórdia, harmonia, paz. Tem algo de um anjo de luz. Promete o paraíso terreno, como como forma de seduzir e *cativar*. Cativar significa, claro, prender. Gerar dependência, tornar dependente. Depois de cativar, explorar, escravizar, destruir. O outro é *sempre* visto como um adversário a subjugar. Essa é a outra face vital aqui, a face triunfante e arrogante que surge quando tem o adversário calcado sob os seus pés. Esta face é uma purulência de ódio anti-humano, falsidade, destrutividade. Embora não seja a face real (não existe uma face real – não existe self, apenas vazio) é uma face infinitamente mais consequente que a primeira.

Duplicidade é muito importante; dualidade. *A falsidade é sempre a norma*.

O arquétipo é hermafrodita / Astarte, Moloch. Em termos simbólicos, isto (dualidade) significa, que o arquétipo é hermafrodita, e isso é bem capturado pela velha codificação Moabita, com a parelha Astarte/Moloch; o masculino e o feminino unidos na mesma entidade, um “deus” expressivo deste arquétipo. De um modo prosaico e simplista, Astarte é a cara simpática, o anjo de luz que surge para prometer o paraíso. Astarte seduz as vítimas, o público. Quando estão cativadas, surge Moloch, que exige o sacrifício ritual dos primogénitos de cada família.

Público tem de aceitar isto / nunca cooperar em NADA com tiranos, em tudo combatê-los. Há sempre um legalismo, porém. A pessoa/público tem de dar entrada a isto, pela sua aceitação deste standard. Se os sacerdotes de Astarte/Moloch tivessem sido capturados e encarcerados, pelo público, nunca teriam conseguido estabelecer o seu reino de terror sobre o mesmo para o tornar na norma social, em algo de *normal*.

Incapacidade de criar / criação exige Razão / arbitrariedade, nihilismo, no pólo oposto a Razão.

Typos tem de cooptar, roubar, falsificar / remoldar vida por falsificação.

A sua imagem é destruição, poluição, desagregação.

Domínio por arbitrariedade implica que Homem, sociedade, se tornam negativos de ordem natural.

Ambiente humano sujo, inquinado, corrupto / lei sem lei, lei fora da lei.

Sociedade avança para prisão sócio-económica / o modelo védico e outros – era global.

Homem e mulher criados com potencial para criar mundo livre, justo e belo.

Aqui desfigurados ao nível do crime, da exploração e da inumanidade. Este arquétipo não consegue criar. A criação exige Razão. A arbitrariedade epistemológica e moral que acompanham nihilismo e desagregação interna estão no extremo oposto de Razão. Este typos tem de cooptar e roubar, absorver, falsificar, tudo aquilo em que toca. Tem de remoldar a vida à sua própria imagem, por falsificação; a todos os níveis. A sua própria imagem é destruição, poluição e desagregação. Isto significa que, quanto mais o mundo do homem é construído a partir de arbitrariedade, tanto mais se tenderá a tornar numa espécie de fac simile, um negativo da ordem natural. O código moral sintético tenderá a racionalizar e a normalizar (quando não a glorificar) a ausência de carácter, a mentira e a maldade. O homem e a mulher vão tender a ser tornados caricaturas de si mesmos;

ignorantes, cobardes, mesquinhos, macilentos, desprovidos de iniciativa própria. Indiferença humana, intolerância, exploração tornam-se parte do dia-a-dia. Cupidez é uma norma. Fraude, traição e violência; exercícios matter of factly, *algo que se faz* para se obter o que se quer. A pretensão e a arrogância tornam-se normais e com elas vêm elitismo e a pompa de aristocracia auto-proclamada. O modo de operação normal desta sociedade será crime organizado; as actividades institucionais serão, per se, criminosas, baseadas em capricho arbitrário. Lei sem lei, lei fora da lei. Em tal sistema, as pessoas têm de rastejar e tornar-se sujas para sobreviver.

A sociedade tenderá a aproximar-se cada vez mais daquilo que sempre surge do exercício irrestrito de arbitrariedade humana: o slavepit totalitário, uma prisão social inumana, dominada por uma minoria incrivelmente rica no topo. O homem e a mulher, sendo criados com o potencial para construir um mundo livre, justo e belo, são desta forma pervertidos e desfigurados, para destruir o mundo ao nível do crime, da exploração e da inumanidade.

O sistema de castas védico é o benchmark aqui; é o mais antigo e duradouro de todos os sistemas alicerçados em gnosticismo. URSS, China comunista, Alemanha nazi, são boas aproximações no último século e esse é o standard que os boys at the top esperam atingir para a Aldeia Global. A própria natureza tenderá a ser distorcida, desfigurada, para ser recriada em moldes feios, doentes, patológicos (hello geoengineering, hello genetic engineering).

Arquétipo representa homem e mulher plenamente degenerados / sem carácter.

Cobardia, crime, injustiça / parasitismo, vampirismo / paranóia / ausência de Razão.

A matéria negra que nunca conseguirá ser feliz. O arquétipo representa, em essência, o homem (ou a mulher) degenerado, que incorporam falta de carácter, crime, injustiça. O mentiroso, assassino, e o cobarde petulante. É tudo aquilo que um homem real (ou uma mulher real) não é. É incapaz de criar e de levar uma vida produtiva e honesta. É um parasita, um criminoso e um vampiro. Sabe disso e fugirá da própria sombra! Será incrivelmente paranóico. O homem que se dissocia em pleno de Deus, e de Razão, é um escravo da sua própria vapidez e da sua própria irracionalidade, *sabendo* que o é. Também *sabe* que é o proverbial piece of trash; que funciona como matéria negra no mundo em redor, e que nunca conseguirá ser feliz.

A serpente não é Prometeus, é uma inimiga de Prometeus.

Serpente ensina homem e mulher a fazer gnostykos – o desvio à Via. A serpente é, claro, quem ensina o homem e a mulher, no Paraíso, a fazer gnostykos. A palavra *gnostykos* significa conhecimento, mas esse conhecimento é apenas "moral", i.e. a invenção, pelo self, de um código moral sintético, um desvio à Via.

Para seguidores em níveis **baixos**, círculos mais exteriores, serpente é apresentada como Prometeus.

A serpente é uma inimiga de Prometeus (lógica e conhecimento) / i.e. até aqui há uma mentira.

[Serpente procura neutralizar toda a lógica para poder vender falso como verdadeiro]. Porém, para os seguidores nos círculos e nos graus mais baixos, a serpente também costuma ser apresentada

como "deus" no sentido prometaico da questão. É anunciada como se fora uma arauta de lógica e de racionalidade, a trazer a luz do intelecto a Eva, como Prometeus no velho mito grego, que traz o fogo do conhecimento científico ao homem. As duas entidades são equacionadas entre si, embora não tenham rigorosamente nada a ver uma com a outra. Prometeus traz lógica, traz o corte entre o verdadeiro e o falso. A serpente procura enganar e manipular Eva, neutralizar toda a lógica para poder vender o falso como verdadeiro; é uma inimiga de Prometeus.

A serpente como professor universitário / a utopia tecnológica e a terra da picanha / fraude extrema.

Nihilismo epistemológico e moral degradam, anulam TODO o conhecimento.

O e.g. de Lysenko, paraciência astrológica do aquecimento global.

A única ciência que conta é a do **controlo psicossociológico** de populações (mente). Todos os movimentos gnósticos prometem utopias tecnológicas e terras da picanha matemática, para seduzir iniciados aos níveis mais baixos. Aí, a serpente é apresentada com uma capa de catedrática, óculos quadrados, um tomo debaixo das escamas. É a introdutora de conhecimento factual, científico, tecnológico. É claro que tudo isto é a mais baixa das fraudes, nada poderia estar mais longe da verdade. Sob arbitrariedade gnóstica, o único tipo de conhecimento científico que realmente interessa é aquele que permite controlar e manipular populações humanas; o campo de batalha é sempre, apenas e somente, a mente humana. E é também sob arbitrariedade gnóstica que todos os outros campos de conhecimento vão rapidamente abaixo, afundam-se. Sob nihilismo epistemológico, verdade factual não existe, é algo puramente situacional, à escolha do professor ou do instituto que estiver a pagar pelos resultados. E, sob nihilismo moral, a pessoa não tem qualquer obrigação de ser intelectualmente honesta. O resultado final de tudo é bem exemplificado por aberrações como a actual paraciência do aquecimento global, ou as aventuras incrivelmente letais de Lysenko na URSS, sob "socialismo científico" (uma forma de gnosticismo).

Regimes gnósticos são sempre, por isso, arrested development slavepits.

Têm de roubar ciência a tecnologia a quem a sabe fazer.

Mesmo as técnicas psicossociais são sempre reciclagens de métodos milenares. Por isso é que os regimes gnósticos são arrested development slavepits e cultivam a prática milenar de *roubar* tecnologia e ciência a quem a sabe fazer (são genuinamente incompetentes). Ao mesmo tempo, o seu principal campo de expertise, chicanaria psicossociológica, ainda hoje usa os mesmos exactos princípios que há milhares de anos atrás. Com efeito, o episódio no Éden é sempre a inspiração essencial, mas também podemos ir encontrar muitos elementos ao tipo de barbarismo que existia nos Mistérios de Eleusis e por aí fora.

O standard usual da sociedade completamente gnosticizada é o slavepit totalitário. O standard usual da sociedade completamente gnóstica é sempre aquilo que surge do pleno exercício de arbitrariedade humana: o slavepit totalitário, um espaço social inumano dominado por uma minoria incrivelmente rica no topo. O sistema de castas védico é o benchmark aqui; é o mais antigo e duradouro de todos os sistemas gnósticos. URSS, China comunista, Alemanha nazi, são boas aproximações no último século e esse é o standard que os boys at the top esperam atingir para a Aldeia Global.

A Religião Perene: culto de arbitrariedade para sujar, poluir, manchar inocência.

A Religião Perene perpassa ao longo de eras a infiltrar/cooptar culturas, sociedades.

A religião inventada pela serpente no Éden / culto da arbitrariedade.

Arbitrariedade humana substitui a Via e é o veículo de mal humano para o mundo.

Círculo interno (eso-terismo) / círculos externos (exo-terismo).

O coração de Diamante / pessoa totalmente arbitrária / "deus" na Terra. Existe uma forma de culto, de religião, sempre subjacente a tudo isto, que perpassa ao longo das eras em inúmeras formas diferentes, infiltrando e cooptando sociedades e culturas. É aquilo a que se chama de Religião Perene. Este é um nome merecido já que, de certa forma, é a religião que é inventada pela serpente no Éden, e ensinada ao homem e à mulher, quer se queira olhar para isto de um modo literalista ou figurativo. Este tipo de culto implica sempre que existe um círculo interno, que manda e é "iluminado". Esse círculo interno tem acesso a conhecimento esotérico (eso-térico, interior), significando conhecimento *real*. Depois surge toda uma série de círculos externos, que se afastam progressivamente mais do centro, como com o efeito que se obtém quando se atira uma pedra a um lago. Quanto mais exterior um círculo é, tanto mais exotérico (exo-térico, exterior) o conhecimento que é dado a esses círculos é. Em termos puramente exotéricos, este é o culto irracionalista de entidades específicas, pessoas, ideologias, estátuas, deuses, deusas (até *santos*, já que Catolicismo é uma forma de gnosticismo). Nos círculos exotéricos mais elevados, fala-se do Culto da Serpente; esse é o deus real. No círculo interno é incerto para este autor se acreditam realmente na "Serpente", o diabo, ou se o que está em causa é *apenas e somente* o que realmente simboliza, em termos puramente esotéricos: a arbitrariedade do coração humano, o veículo de todo o mal humano em existência. Não é à toa que o último nível de avanço graduado nas filosofias gnósticas seja o ponto em que a pessoa ganha um coração puramente arbitrário, o Diamante, para se tornar um "deus" na terra (ler pontos mais adiante).

A religião das 1000 caras, uma para cada gosto e preferência.

Arranjo institucional organizado com inúmeras organizações aparentemente desligadas, até rivais.

Guiadas a partir do topo / choques dialécticos / polvo de influência social.

E.g. Egipto, Babilónia, sociedade pós-moderna.

Pessoas muito ricas e poderosas no topo.

Prime directive: sujar, poluir, estragar / destruir inocência / alma vem primeiro, resto vem depois. A Religião Perene é "a religião das 1000 caras". Isto significa que tem inúmeras caras diferentes, uma para cada gosto e preferência. Isto pode ser (e é) organizado de modo deliberado, com inúmeros movimentos, sectos, grupos, colectivos; até podem acreditar que são rivais entre si, mas todos são guiados a partir do mesmo centro, os boys at the top. O standard normal é fraude, jogos de ilusão e,

de modo muito especial, dialéctica evolutiva deliberada, por meio de choques programados entre grupos e tendências: tese+antítese=síntese. Isto é algo que está lá *sempre*.

O sistema organizado com 1000 caras diferentes era o arranjo institucional que existia na velha Babilónia, no Antigo Egipto, ou que vamos encontrar na actual sociedade pós-moderna. Os grupos no topo são compostos de gente muuuuuuiiiito rica e ainda mais poderosa, em todas as eras; e perpetuam-se, infiltrando e cooptando de modo muito deliberado todas as culturas e sociedades em que possam meter as mãos. O propósito é poder e controlo, mas, mais que isso, é o de sujar, manchar, rebaixar, eventualmente destruir a criação. Essa é sempre a prime directive, no bom registo do que vemos no Éden, com a serpente! Se existir mesmo que seja uma mera terreola insignificante onde as pessoas são limpas e honestas, esta gente *tem* de entrar para estragar, poluir, manchar – a alma humana primeiro, tudo o resto depois. É assim que funciona.

<u>Sentido mais lato: simboliza grande estrada da serpente / muitos caminhos **enfeixados entre si**</u>. Num sentido mais lato e menos "organizacional", a Religião Perene simboliza bem a grande estrada larga da serpente, composta de muitos caminhos enfeixados entre si. Todos, porém, são caracterizados pelo desvio à Via, e todos vão dar aos mesmos resultados, aos frutos da arbitrariedade humana.

"Evolução graduada" (1) – Esquema em pirâmide para difundir lixo e maldade.

<u>População é sujeita a vários níveis de "serás"</u>. Sob um sistema gnóstico, toda a população é submetida ao processo de adopção de "serás". Existem vários níveis de "serás", de acordo com as várias posições, estações e níveis na sociedade. Na prática, existe uma graduação de "serás". A larga generalidade da população está nos níveis mais baixos dessa graduação, os níveis mais "térreos".

<u>Aparato organizacional gnóstico tem gradações internas</u>.

<u>Graus de "evolução" – cada grau corresponde a uma dada estação sócio/económica</u>. Todos os sistemas gnósticos são originados, iniciados, por ordens, círculos, redes de operação. É no total dessa estrutura, um aparato organizacional, que se encontram os níveis mais "elevados" da hierarquia gnóstica. Essa hierarquia é composta de vários graus de "evolução" e cada grau é também uma porta de acesso a uma determinada estação sócio/económica.

<u>Recrutas de vários géneros</u>. O sistema de indução na estrutura usa sistemas standard de recrutamento. O sujeito que é induzido a entrar neste tipo de estrutura pode ser "recrutado" à força, ou induzido sob falsos pretextos. Neste último caso, o sujeito pensa que vai entrar num tipo de ambiente, mas está (foi) perfeitamente enganado. No primeiro caso, o sujeito é alguém que é julgado capaz para operar no sistema, mas não está interessado nisso; ou alguém que, por este ou por outro motivo se tornou incómodo e, portanto, pode ser neutralizado por cooptação. No segundo caso a pessoa. Os sujeitos que entram neste tipo de sistema a saber toda a verdade sobre o mesmo são bastante mais raros.

Despersonalizar e re-moralizar para conversão a "serás", por graus. O propósito do processo de indução é o de despersonalizar e re-moralizar o indivíduo como forma de o converter ao "serás" que é pretendido – um nível de "serás" de cada vez, já que este é um sistema graduado. O sujeito vai avançar por uma escala de níveis e de graus. A ideia é a de despir o indivíduo da sua individualidade (do seu self), o que inclui as suas crenças, valores, hábitos comportamentais; com fim a reform(at)á-lo de acordo com as novas linhas. Lavagem e produção em série, por métodos de engenharia psicossocial. O sistema envolve os mais variados métodos de tortura, degradação, intrusão. Ao longo do processo, o sujeito é gradualmente preenchido com uma nova essência, de forma a que se venha a tornar tão feio e descaracterizado como os seus "handlers" (nada disto é chic, glamouroso ou civilizado).

Esquema em pirâmide para difusão de maldade. O iniciado promissor pode vir ele próprio a tornar-se um "handler" de outros e, quem sabe, ascender a uma posição elevada na hierarquia. O personagem que foi "handled" tem o dever de ajudar a estrutura a crescer e *a absorver o mundo à sua volta* – é para isso que estas estruturas existem, são estruturas de absorção e cooptação do mundo real. Em essência, podem ser entendidas como esquemas de difusão e sistematização de mal. Um esquema em pirâmide no reino financeiro (algo que estes grupos adoram e organizam sempre que podem) difunde lixo financeiro. Um esquema em pirâmide no reino da vida mental humana difunde mediocridade humana. Em ambos os casos (e poderíamos usar mais exemplos), lixo e maldade. Num mundo inteiramente dominado por gnosticismo (e hoje estamos quase lá, se é que já não estamos mesmo lá) a vida humana será centrada na aplicação deste tipo de métodos psicossociais, para purgar toda e qualquer alma humana de qualquer coisa que seja boa e fazer a pura e simples sistematização de maldade; a absorção total do mundo num grande império de maldade humana. É para isso que isto serve, para difundir lixo e maldade. É tão simples quanto isso.

Estruturas organizacionais: xadrez sistémico oligárquico. Redes de círculos concêntricos / círculos gerais partidos em secções internas (pirâmides e outras), etc.

Ver "*O apparat privatizado de intelligence no mundo pós-moderno*", já que todas as estruturas lá descritas são baseadas no sistema gnóstico. Os pontos sobre traição também são particularmente importantes já que esse é o método essencial de indução e ascensão ao longo das cadeias. Também, as noções sobre o círculo de 360º e as suas várias implicações.

"Evolução graduada" (2) – Descontrucionismo, traição, obscurecimento interno.

Sucessão experiencial e descontrucionismo – a importância de traição. Será usada uma sucessão contínua e estudada de experiências aversivas, alternadas com instâncias calculadas de reforço, que o fazem "rever" e "repensar" o propósito da vida e da existência. Todo o processo é marcado por desconstrucionismo. A cada grau, o sujeito é induzido a desmantelar estruturas previamente adquiridas e a "evoluir" para uma nova gestalt de "serás". Ao longo de tudo isto, é importante o conceito de traição. O sujeito é induzido a atraiçoar-se a si mesmo, ao abandonar e destruir as coisas

que ama e às quais dá valor (e.g. quebrar princípios morais), mas também a atraiçoar pessoas que lhe são queridas, ou que nele confiam. A criação de circunstâncias para traição costuma ser feita de tal forma que o acto de traição em si seja recompensado pela estrutura supervisora (e.g. sujeito ganha melhores condições materiais). A traição é essencial aqui dado que, quando o sujeito incorre nela, está a abdicar da sua integridade e da sua própria humanidade. Está a investir aquilo que tem e é na estrutura de indução. Está a cometer Blukitt (ver notas sobre ***Blukitt***).

A infantilidade de tudo isto acompanha a infantilidade do sistema gnóstico per se. Em essência, está a vender a alma. Está a fazê-lo em troca de algo "bom", como se fosse uma criança que procura obter um doce (ou, pelo menos, não ser sovada) pela nova estrutura parental, a estrutura indutora. Existe uma infantilização óbvia da pessoa. As estruturas (e sociedades) gnósticas são sempre bastante pueris. A própria hierarquização autoritária é evocativa daquilo que se pode encontrar numa escola, onde existem diferentes anos e turmas, graduações, nichos e subgrupos exclusivos, os "bully boys" e os "big boys", os professores e os guardas, as crianças mais indefesas e inexperientes, aquelas em vários níveis intermédios na escala. Testes e provas. Popularidade. Vida por castigos e recompensas. Bullying, mobbing. Etc. etc. Todos os processos sociais estão sempre neste registo de infantilidade.

Pessoa tornada cega, surda e muda, por graus de obscurecimento interno. À medida que o sujeito avança pela escala de "serás", é induzido nos schematas morais e epistemológicos do gnosticismo. Arbitrariedade, capricho e nihilismo fazem os seus efeitos, portanto a pessoa é tornada cega, surda e muda. Com a colocação do capricho humano acima de todo e qualquer critério de verdade factual, é enleada numa série de oximoros, falácias e condicionamentos internos ("pensarás", "sentirás") torna-se, por conseguinte, cega e surda, na sua vida interior. Não tem a capacidade de *ver* e *ouvir* aquilo que é real, estando presa entre a fuga consciente e deliberada (a conteúdos que são "incorrectos") e a incompreensão genuína (uma forma de densidão, que advém de obscurecimento epistemológico). Deixa de ter olhos para ver, ouvidos para ouvir. Depois, torna-se muda, ao perder a sua própria voz, que só poderia ascender da existência de individualidade genuína. A pessoa que é um "serás" social (não interessa a que nível de "social") segue normas discursivas "apropriadas" i.e. empobrecidas, de "dirás".

"Evolução graduada" (3) – Tortura e a "travessia pelo deserto".

Enclausuramento, isolamento, segregação – travessia pelo deserto.

Solidão, abstinência, passivização, drogas.

Drogas (e.g. psicotrópicos) importantes para neutralizar consciência moral. Aqui é importante toda a ideia de enclausuramento, isolamento forçado, segregação. É uma forma de cortar contacto entre o indivíduo e o mundo em redor, para o forçar a passar pelo processo de despersonalização. Existe a imposição de uma versão distorcida da travessia pelo deserto, com a imposição de solidão extrema, abstinência, ritualizações específicas (a verdadeira travessia pelo deserto permite a aproximação a Deus; esta pretende que o sujeito se entregue a Madian e sirva o rei de Amalec). Existe a tentativa de passivizar o sujeito, por meio de práticas como meditação ou de oração repetitiva numa cela (de

estilo mantra), para paredes nuas. O consumo de substâncias narcotizantes (hoje em dia, psicotrópicos) é uma possibilidade neste sentido. O cérebro do sujeito é empapado em tóxicos que o tornam bastante mais sugestionável e "liberto" de racionalidade que o que seria habitual. Ao mesmo tempo, as drogas usadas (incluindo psicotrópicos) são escolhidas a dedo para neutralizar as zonas cerebrais que regulam a empatia e a consciência moral. É muito mais fácil re-moralizar o sujeito para uma forma controlada de nihilismo se essas regiões do cérebro tiverem sido estuporadas (i.e. a capacidade de *empatizar* e ter *sentimentos* morais é embutida). É, aliás, um fenómeno conhecido que as pessoas sob a influência deste género de drogas têm muito mais facilidade que a pessoa média em entrar numa carreira de crime. Até podem *saber* que estão a cometer actos errados, mas simplesmente não se importam; já não sentem um aperto no estômago, quando o cometem. I.e. conhecem a letra mas não sabem a música; e aí é fácil induzi-las a mudar por inteiro os seus hábitos de acção moral.

Dança de Moloch, com assédio, bullying, mobbing. Depois, também podem haver (geralmente existem) experiências sociais em ambiente controlado, por meio de uma forma de dança de Moloch, i.e. assédio, bullying, mobbing.

Surrealismo, degradação, etc. Surrealismo é essencial em tudo isto, bem como degradação ambiental e pessoa, quebra de privacidade e tudo o que coloque o self em causa e enfraqueça as suas estruturas internas [ver ***Princípios de Biderman***].

Tortura e doublebind é essencial neste processo de despersonalização. Na prática, em todos estes processos, estamos a falar de tortura. Tudo isto é um rationale elaborado para o que é um sistema de tortura. O uso de coerção justifica-se especialmente pelo facto de o iniciado que passa por este género de processo ser regra geral "recrutado" à força, ou sob falsos pretextos. Isso também é o que justifica toda a ideia de enclausuramento, ou isolamento forçado, segregação forçada. Isto é, é um sistema doublebind, em que o recrutamento é feito por uma mistura de "amor" (nós queremos-te) e agressão (vais sofrer). Esta dialéctica não é inocente. É a antiga dialéctica Lúcifer/Satanás, em que a mesma entidade tem duas faces: o "parceiro" e o inimigo; o manipulador e o agressor; o mentiroso e o violentador. Barbarismo pagão e satanista, sem interesse para pessoas racionais.

Iniciado reforma(ta)do pode depois tornar-se um "homem honrado" para difundir mal. Quando o sujeito é finalmente reforma(ta)do, pode juntar-se por inteiro ao grupo, composto de outros sujeitos na mesma situação, para trabalhar nas suas várias actividades, que podem ser incrivelmente variadas (e.g. trabalho político, intelligence, terrorismo). Mas as funções incluem, claro, ir fazer o mesmo a outros. O iniciado promissor pode vir ele próprio a tornar-se um "handler" de outros, no grande esquema em pirâmide para a difusão de maldade e, quem sabe, ascender a uma posição elevada na hierarquia.

Tortura gnóstica na base de actuais métodos de tortura.

Sistema gnóstico na base de técnicas de tortura actuais, como em Guantánamo. Os métodos gnósticos de despersonalização estão na base de todas as técnicas mais sofisticadas de tortura institucional, o que inclui as versões praticadas em centros como Guantanamo Bay.

Guantánamo como exemplo paradigmático de tortura gnóstica.

Abdul, o terrorista al Qaeda, Hashasheen nova geração, agora tornado agente triplo. Uma versão moderna disto é o que é feito em Guantanamo. Quando Abdul, terrorista islâmico, entra em Gitmo já é, ele próprio, frequentemente despersonalizado pelo culto neo-gnóstico Wahabbi ou Fedayeen que o cultivou (esse sistema é introduzido no Islão por grupos como os Ishamaili, que usam versões do processo para criar assassinos despersonalizados, Hasshaseen, para executar missões suicidas em nome do Velho da Montanha, ou do Kahn). Mas, em Gitmo, é feita uma lavagem por cima da lavagem (cerebral). Quando funciona, o terrorista Abdul passou a ser um agente duplo, triplo, quádruplo, dependendo daquilo que seja pretendido. É assim que obtemos personagens como al-Hasidi ou Ben-Kumu, comandantes al-Qaeda na Líbia. Tanto um como o outro são apenas uma pequena amostra da quantidade surpreendente de líderes terroristas que passaram pela escola psiquiátrica de Gitmo. Ambos são presos, levados para Cuba, têm a sua experiência de lavagem e reformatação, são recolocados em circulação e, anos mais tarde, surgem a comandar esquadrões al-Qaeda em nome da NATO.

Conhecimento (1): Acesso graduado e obscurantismo.

Escala graduada de compreensão. O sistema gnóstico (em qualquer das suas vertentes) nunca oferece, à partida, a verdade total sobre si mesmo. As suas vias são sempre obscurecidas por sucessões de "mistérios" e enigmas, que são acessíveis apenas pela ascensão do iniciado numa escala graduada de compreensão, correspondendo à escala hierárquica de "evolução" por graus. Cada grau tem o seu próprio nicho especializado de conhecimento (os seus próprios "mistérios graduados"), para os vários iniciados.

A Religião Perene – nada do "straight deal" de Yahweh, apenas obscurantismo. Na medida em que uma das dimensões destas organizações é o seu lado cultista, a Religião Perene, estamos perante sistemas puramente obscurantistas. O gnosticismo usa sempre a linguagem dos "mistérios", do esoterismo ritual, da divindade apenas acessível por uma casta autorizada de sacerdotes mediadores; tudo isso é relevante para compreender as organizações que, mesmo não se assumindo como gnósticas, entram nesse registo. Sob este tipo de sistemas, nunca existe o "straight deal" de Yahweh, pelo qual o indivíduo tem acesso à verdade total e completa logo à partida. Isto funciona como em qualquer outra questão humana. Quando não existe um "straight deal", alguém tem uma carta na manga e é claro que estamos perante uma forma ou outra de charlatanismo e de obscurantismo.

Conhecimento (2): Graus e níveis de acesso – Especialistas – Obscurantismo.

Na óptica da sociedade montada sob este paradigma.

Sempre definido por níveis e graus de acesso, hierarquia – interdições. Nestas sociedades, o conhecimento é sempre definido por níveis, por graus de acesso. Existe conhecimento público comum, e é geralmente de muito baixo nível; fast food mental. Depois, existem múltiplos outros

níveis de conhecimento, com acesso restrito a diferentes castas, diferenciadas por poder ou por especialização de domínios. O conhecimento especializado é mantido genericamente reservado, interdito, disponível apenas àqueles que são autorizados a ter acesso. Regra geral, esse conhecimento é de interesse público ou é relativo a questões técnicas (teórico/práticas) que são relativamente simples, facilmente compreensíveis pela pessoa que as estude de um modo racional.

Conhecimentos reservados a classes especializadas. Em certas eras, como hoje, a informação não é necessariamente suprimida; mas é cultivado o preconceito irracionalista de que o conhecimento técnico especializado só pode, por algum mistério insondável, ser interpretado e entendido por pessoas com um diploma, uma bata branca e um emprego específico numa grande organização. O "especialista" até pode limitar-se a dizer puro *nonsense* (universalmente perceptível enquanto tal) mas denunciar esse *nonsense* é politicamente incorrecto. À figura do "especialista" é dada uma aura de infalibilidade e de monopólio cognitivo. Tudo isto é essencial para a tentativa actual – muito feia, desonesta e anti-humana – de anular o universalismo intelectual do Modernismo e de negar a Razão humana.

O "especialista" é geralmente um ignorante corporativo e ultra-especializado.

Consensos de classe. A figura do "especialista" ganha hoje a aura de um semi-deus encartado, um *eidolon* do panteão técnico/profissional. Com frequência o "especialista" é, ele próprio, um ignorante corporativo e ultra-especializado. É alguém que sabe quase tudo sobre praticamente nada; é também alguém cujas fidelidades não residem com a universalidade do público, mas sim com a sua própria filiação corporativa, ou de classe. A "verdade científica" do "especialista" não corresponde tanto à verdade demonstrável dos factos como à linha que é politicamente correcta no seu *millieu* profissional (o "consenso de classe" raras vezes expressa a verdade científica dos factos).

Obscurantismo: sempre que conhecimento é restrito e obrigatoriamente mediado. Sempre que o conhecimento é tornado num domínio de acesso misterioso, restrito, que requer a intervenção obrigatória de uma casta intermédia especializada, isso é um sinal óbvio que se está perante *obscurantismo*; é isso que o termo significa. Mas a questão não fica por aqui. Sempre que não existe um *straight deal*; sempre que existe a necessidade de obscurecer o panorama intelectual da vida pública, então é porque as classes governantes lucram com o cultivo de ignorância e de obscurantismo. A existência de cartéis epistemológicos e de monopólios cognitivos é também uma forma de crime organizado.

"Os mistérios", hoje como na era medieval. A ideia aqui é a de voltar aos velhos tempos medievais, quando o conhecimento técnico era conhecido como "os mistérios", e era apenas acessível aos membros das várias ordens profissionais. Ao mesmo tempo, havia os "mistérios da fé", pela qual a fé Cristã era tornada numa confusão inacessível e esotérica, exigindo a mediação exclusiva de uma casta especial de pessoas autorizadas.

Obscurantismo e ignorância, essenciais para domínio oligárquico. Todas as sociedades gnósticas adoram a linguagem dos "mistérios". Todas as sociedades gnósticas são alicerçadas em arbitrariedade, charlatanismo e em crime organizado. A única forma de manter algo deste género a funcionar é pela emiseração intelectual da população.

Razão e progresso morrem. Sempre que a civilização adopta esta forma de (não) pensar, o que acontece é que a racionalidade morre, e o progresso científico-tecnológico morre logo a seguir.

Enclausuramento, ordens, claustros nefários.

Deus só está interessado em pessoas de acção, não em deambulações místicas. O auto-enclausuramento em claustros e ordens faz parte da praxis do gnosticismo. Regra geral, isto é justificado pelo charlatanismo da "procura mística", experiências trippy, contemplação de paredes nuas, para encontrar Deus no claustro. A questão com isto é que Deus, o verdadeiro, não está interessado em pessoas que se fecham em claustros para fugir ao mundo; está interessado em pessoas de acção, que fazem o que é certo no mundo.

Contexto de prisão, despersonalização, trabalho esquivo para ordens, redes. E, com efeito, o auto-enclausuramento costuma servir propósitos bastante humanos e nefários. O sistema de enclausuramento é muito importante no quadro de referência gnóstico, na medida em que funciona como um ritual de despersonalização e re-moralização, para fins de reforma(ta)ção mental e recrutamento. É um contexto de despersonalização, onde o sujeito pode ser desindividuado, interiormente desfigurado, feito avançar na escala graduada. A organização em si, sob o sistema de ordens e de redes, será geralmente um braço especializado num ou noutro assunto (e.g. intelligence e subversão, controlo social, etc.) É claro que este também é o contexto pelo qual um sujeito incómodo pode ser literalmente preso, sob aparente pretexto, e ser reconvertido para trabalhar para o sistema organizado.

Perversão sexual.

A orgia dialéctica no "Olimpo" – degradação, violação, violência, ambiguidade. No topo, os "deuses" têm as suas orgias de grupo a la "Perfume"; aquelas que são publicitadas para atrair o seguidor ingénuo. Existe a substituição de sexualidade saudável entre dois seres humanos que se amam por experiências bestializadas e pervertidas, como as orgias. Já não um acto de amor e/ou de procriação, agora o sexo é um acto de diluição no colectivo, envolvendo degradação, violência, ambiguidade (bissexualidade), violação ubíqua (todos violam e todos são violados). Isto faz parte do ódio essencial por tudo o que é bom e natural, e pela necessidade de desfigurar e de destruir a criação.

Doublebind entre perversão total e puritanismo absolutista.

"O templo é o bordel". Existe aqui um doublebind importante. Existe a ânsia animalesca pela experiência sexual, que é abraçada nas suas formas mais pervertidas. Mas essa ânsia convive com o mais rude desprezo pelo instinto sexual em si. Esse instinto é visto como algo de inferior, a destruir e a eviscerar, como com tudo o resto no homem criado [a sociedade gnóstica pós-moderna tentará abolir o sexo natural e o próprio instinto sexual]. Isto leva a uma situação onde as elites gnósticas oscilam elas próprias entre perversão total e puritanismo total (as duas faces da mesma moeda) e procuram imprimir os mesmos tipos de registo à população. A sociedade onde o templo está

construído lado a lado com bordéis. Com frequência, o templo ***é*** o bordel. Pense-se nos velhos templos de Moloch, nos gineceus greco-romanos, ou na prática católica de ter conventos que funcionavam como bordéis aristocráticos.

O anjo intercala-se com o demónio, na vida da civilização e do indivíduo. Estas sociedades são sempre sociedades apanhadas em *doublebind*, onde a identidade sexual das pessoas (a própria identidade como um todo) é definida por uma dialéctica de puritanismo/perversão. É o sistema usual ao longo da história, onde a pessoa média é extremamente pudica na vida pública, mas pervertida em privado; ou vice-versa. O anjo falso e sintético e o demónio estereotipado intercalam-se, na vida pessoal como na vida civilizacional.

Perversão como droga, com um bigger fix, de cada vez.

Sociedades gnósticas estão sempre repletas de lixo pedófilo. A perversão funciona como uma droga, onde cada dose torna o viciado mais dependente mas também mais dessensibilizado. Portanto, precisa rotineiramente de aumentar as doses e passar para tipos cada vez mais intensos e degradantes de droga. Sociedades gnósticas são sempre e invariavelmente sociedades repletas de lixo pederasta.

Destruição da família, atomização do indivíduo.

Ataque ao clã e à família. Existe também uma obsessão com a extinção – ou pelo menos o enfraquecimento grave – da família média, na sociedade alargada. O clã é perseguido e extinto, a família alargada é enfraquecida, fiscalizada, frequentemente desfeita; e é frequente que o mesmo aconteça à família nuclear. Estas unidades de organização social são temidas e odiadas porque são pólos de organização independente humana. O sistema despótico quer ser a única "família" que existe, com todas as restantes unidades a serem-lhe subservientes. Agora, quem é que quereria ser primo do tipo de escumalha que pulula em sociedades deste género?

Família média autorizada se for subserviente a autoridades. A família média é poupada a perseguição e a separação na medida em que se vergue à vontade das autoridades sociais, na medida em que se torne subserviente e trabalhe com a "comunidade" (estamos sempre a falar de coesão social despótica e intrusiva).

Engenharia social para gerar atomização e dependência. Com frequência, a engenharia social é organizada de tal forma a tentar impedir uniões entre a larga maioria dos plebeus (que são mantidos numa posição de escravatura nominal ou equiparável). Isto visa atomizar os indivíduos, negar-lhes o acesso a fontes independentes de entreajuda e solidariedade – colocá-los na dependência directa das autoridades organizadas. Quando a pessoa está inteiramente sozinha no mundo, sem fontes externas de ajuda, fará o que lhe for ordenado; esse é o *rationale* que guia tudo isto.

Destruição da família, atomização do indivíduo.

Da China Imperial à Idade Média à Idade Média europeia. Estes princípios de controlo e gestão da família são válidos para todas as sociedades gnósticas. É indiferente se a sociedade em causa é a

Roma Imperial, a Índia Védica ou a China Imperial. O mesmo se aplica à Idade Média europeia, ou aos sistemas totalitários dos últimos 200 anos, o que inclui tecnocracia managerial pós-moderna. Em todas estas sociedades encontramos a obsessão com a destruição da família e com a atomização do indivíduo.

Esta forma de crime organizado, um enorme sorvedouro de recursos e energia. Um dia, todos terão a noção da quantidade de energia que é devotada, em sistemas gnósticos, ao acto de controlar e microgerir cada pequeno aspecto da vida da população; a maior parte dos problemas do mundo poderiam ser literalmente resolvidos, se uma fracção dos recursos desperdiçados neste género de actividade criminosa fosse gasta em propósitos decentes.

Celibato.

Celibato favorecido em castas burocráticas – o homem organizacional "eficiente". O gnosticismo favorece o celibato nas suas castas burocráticas pelo simples motivo de que um celibatário pode devotar toda a sua energia à organização; pode ser um homem organizacional.

Instintos sexuais extintos ou invertidos – a casta de eunucos. Por vezes, isto pode ser acompanhado da extinção dos instintos sexuais. Muitas outras vezes, é feito de outra forma, pela inversão desses instintos. Com frequência, isto implica que o sujeito é convertido a práticas homossexuais; o que significa que pode manter um módico de actividade sexual sem que venha a criar uma família. Tudo isto é, em essência, o formato organizacional da casta de eunucos (seja ela burocrática, sacerdotal ou outra). Este tipo de formato é favorecido em todas as organizações gnósticas, o que inclui as várias burocracias de estado dos dias de hoje.

Os exemplos nazi e comunista. Encontramos alguns precedentes de relevo no século 20. Por exemplo, Hitler gabou o valor organizacional do celibato e pretendia instituir esse costume na estrutura do Nazi Staat. O mesmo acontece com os comunistas, que podem usar a sexualidade para chegar ao poder mas, depois de o fazerem, impõem sempre uma forma estranha e psicótica, para-religiosa, de puritanismo sexual.

O grau absoluto e a "iluminação que cega".

Os Sufis e a "iluminação que cega". Os Sufis gerem um esquema em pirâmide deste género e chamam ao topo da pirâmide, ao último grau, "iluminação que cega", uma forma típica de troça para com os tolos voluntários. Todos são tolos voluntários nestes esquemas e ninguém sabe melhor isso que aqueles que já se degradaram por inteiro.

No grau absoluto, o indivíduo descobre que é "deus" no Olimpo.

Decide bem e mal, quem vive e quem morre, grandes linhas civilizacionais. Alguns dos iniciados mais profícuos conseguem chegar ao grau absoluto, onde ficam a conhecer "deus". No último círculo, o praticante (que será, nesta fase, um homem poderoso) descobre que ele próprio é "deus". É ele quem decide sobre o que é bem e o que é mal. Decide quem vive e quem morre. Define

grandes direcções de desenvolvimento para a sociedade humana. Todos são critérios técnicos de divindade. O sujeito passou a ser um Olimpiano, um semi-deus na Terra, como o establishment britânico lhe chama. Está rodeado de outros Olimpianos ("deus" no Olimpo), com os quais colabora, se isso for de interesse utilitário mútuo, ou que talvez possa vida a esventrar e a destruir, se isso for de sua vantagem (e se for materialmente possível).

Vazio, descrença, capricho e a veiculação do Inferno para a Terra – Diamante. Estes Olimpianos, no seu grau absoluto, são em essência demónios criminosos. Este passo final é caracterizado pelo mais total vazio; descrença, arrogância e horror. Nihilismo e degradação. É a aceitação plena do Inferno ainda em vida, e a aceitação de que o indivíduo iluminado é aquele que veicula o Inferno para a Terra; que faz tudo o que o seu capricho lhe ordenar, sobre a Terra. O Inferno reside no coração corrupto e vicioso do "deus". Esse coração é o diamante infinitamente refractário (coração de pedra) que absorve e distorce toda a luz em redor, para espalhar as trevas. O indivíduo torna-se incapaz de ver a luz; vive nas trevas e é trevas que espalha em seu redor. As trevas, claro, consistem apenas na inexistência de luz. O Inferno contido nestas trevas é, claro, apenas a antecâmara para o Inferno real. Esta é a forma final, a forma mais completa, acabada e auto-honesta, de gnosticismo.

O anjo de luz que cega, usa e mata. O último grau consiste na "iluminação que cega", como lhe chamam os "sábios" Sufi, peritos em troça subtil. Este anjo de luz efectivamente *cega*. E mata. O anjo de luz não tem amigos, ou discípulos favoritos. Apenas tem objectos de ódio e de inveja, de dominação e de utilidade temporária. Mas é inútil, e fútil, pensar num anjo de luz concreto *per se*; o que interessa é a expressão que este *eidolon* assume no coração humano individual. É aí que reside a perversidade que *age* no mundo.

O diamante, "deus", o Olimpo e a Singularidade.

O coração de pedra, infinitamente refractário. Sob os cultos gnósticos de onde tudo isto deriva, o coração humano no qual isto acontece é o *diamante* – um coração de pedra – que absorve e refracta infinitamente toda a luz em redor. Por outras palavras, duro e incapaz de reconhecer a verdade, preso em infinitos nós de refracção/distorção de *luz*. Ser mutilado dessa forma, até chegar à perfeição absoluta do diamante (a mais sofisticada e avançada de todas pedras), é o propósito final dos cultos gnósticos em si, que acaba com a conversão do ser humano em "deus". O longo processo de conversão do coração humano no coração de diamante passa por desumanização, solidificação progressiva em pedra, complexificação progressiva nesse estado.

O estado "perfeito", o buraco negro em anátema com toda a luz real. No estado final, perfeito (*perfecti*), o coração está em anátema para com toda a luz real; rejeita, por conseguinte, toda a verdade, toda a beleza e toda a justiça, criadas por Deus à Sua imagem; isso é reconhecido pelos cultos gnósticos. Torna-se um coração auto-contido e convoluto e infinitamente refractário, que reinventa verdade, beleza e justiça à sua própria imagem (i.e. capricho e arbitrariedade).

O "deus" no "Olimpo" – o projecto de Singularidade "divina". Ao reinventar a realidade à sua imagem, o homem perfeito torna-se "deus". Como isto acontece sempre em gang, esse homem é um "deus" entre outros, e daí temos a classe Olimpiana do gnosticismo. Sob gnosticismo, a ideia é a de

acabar por “universalizar” esse processo e obter uma Singularidade de “deuses” humanos unida numa única Singularidade “divina”, que fará guerra ao próprio Criador [para ser destruída].

Singularidade.

Fusão no grande “deus” universal panteísta, de “amor”. A noção da Singularidade existe há muito tempo – há eras – e remete-se à fusão no grande “deus” universal panteísta. Esse “deus” é um “deus” de “amor”, onde tudo é perfeito, amoroso, estático, imutável (a ideia do útero materno; é a mentalidade do adulto infantilizado que guia tudo isto). A vida veio desse “deus” e tem de fazer o ciclo completo da existência para voltar para o seio amoroso do “deus”, fundir-se com ele e tornar-se “deus”.

O Deus verdadeiro é visto como mau – a Serpente é o “deus” real. Deus (o verdadeiro) é aqui visto como o Demiurgos, um falso “deus” que impede a concretização de divindade humana. A Serpente é o real “deus”, um “deus de sabedoria” que, por amor, procura “libertar” a humanidade através do conhecimento do bem e do mal. Este é um “deus” de amor e aceitação, que tolera e encoraja todos os maus caprichos do homem; diz-lhe que esses maus caprichos são *bons*. Promete-lhe salvação, no seu seio. Não é difícil de perceber que entrar no seio deste “deus”, entrar em fusão com ele, é essencialmente estar no estômago da Serpente, a ser digerido e tornado em sucos por ela. Mas tem-se uma boa trip, com as voltas para a direita e para a esquerda e com alucinações induzidas pelos sucos gástricos da Serpente. Há cores bonitas e utópicas. E existe muita companhia. É um estômago grande. É claro que no final, a pessoa apercebe-se que está inteiramente presa na nhanha gástrica da Serpente, que não se consegue mexer (não tem qualquer liberdade) e, na verdade, que todos os seus membros foram desfeitos pelo abraço interno da Serpente, corroídos pelos ácidos. Agora é pagar dívidas para sempre. A Serpente despreza e odeia os seus tolos voluntários.

A Singularidade, em harmonia com o “deus” deslizante e viscoso. Quando o indivíduo se torna “deus” e o grupo se torna na “classe olimpiana”, já estão em harmonia com o “deus”; pode-se dizer que são “deuses” fiduciários deste “deus”, “deuses” alocatários (esse é o grau de absurdo em tudo isto). Depois do indivíduo e do grupo, a humanidade; ou, pelo menos uma parte dela. Toda a ideia na criação da Singularidade é a de criar uma mente colectiva Una que esteja em plena harmonia com o “deus” – no seu seio.

Transhumanismo e a hive mind – CTIHP. Hoje, sob transhumanismo, surge o conceito tecnológico que possibilita isto, a ideia da criação de uma “hive mind”, uma fusão mental sintética entre inúmeros participantes, pelo uso de interfaces cérebro/máquina. O conceito da “hive mind” é explicado em muitos technical reports como, e.g.: «*If we can easily exchange large chunks of knowledge and are connected by high band width communication paths, the function and purpose served by individuals becomes unclear. Individuals have served to keep the gene pool stirred up and healthy via sexual reproduction, but this data-handling process would no longer necessarily be linked to individuals. With knowledge no longer encapsulated in individuals, the distinction between individuals and the entirety of humanity would blur. Think Vulcan mind-meld. We would perhaps become more of a hive mind — an enormous, single, intelligent entity*» “Converging Technologies

for Improving Human Performance" (2003), Kluwer Academic Publishers, Sponsored by U.S. National Science Foundation/Department of Commerce.

A hive mind procurará absorver tudo em redor e sobrevalorizar-se-á. A "hive mind" é uma mente colectiva fusional, um bypassing do cérebro e da mente individual. Sob gnosticismo, esta abominação acreditará realmente que tem "total poder sobre a matéria" e que é "deus". Esta Singularidade não incluirá toda a humanidade nem controlará toda a realidade física (bem pelo contrário); mas a "hive mind" tenderá a acreditar no contrário, tanto como um "deus olimpiano" tende a sobrevalorizar o seu próprio poder; é muito pouco, na verdade. O caminho para a Singularidade é feito por conflito, atrição, guerra – choques dialécticos. A Singularidade devotar-se-á à absorção de tudo o que desejar e (este é o propósito final dos cultos gnósticos) a um choque final, guerra com Deus.

Singularidade: fusão num coração partilhado de capricho, crime, arbitrariedade.

Uma boa imagem para a Cidade do Homem e para o Inferno. A Singularidade tem de ser vista pelo que é. É uma perfeita fusão dos participantes num mesmo coração partilhado de *capricho, crime, arbitrariedade*. De certa forma, é uma forma high tech da Cidade do Homem, como concebida por Agostinho e é claro que a paixão dessa Cidade é por dominação. É interessante conceber o cenário onde existe uma multitude de pós-identidades caprichosas, violentas e criminosas, que se fundem entre si numa dinâmica incessante de double bind, entrelaçamento violento. Dominar e ser dominado. Possuir e ser possuído. Agredir e ser agredido. Já não existe o prazer que guiou a vítima até à prisão. Agora só existe a prisão. E é uma prisão de todos com todos, um enorme espaço de dor animal colectiva. É difícil encontrar uma melhor imagem para o Inferno; um espaço onde todos estão entrelaçados e fundidos entre si, a magoar e a ser magoados. A arder. Esta esfera pulsa. Contrai-se, em auto-destruição, auto-canibalismo. E expande-se, na procura desesperada de algo no exterior – algo para absorver; algo para acalmar a sede.

As subcastas no topo das classes de "eunucos" – Pig fairy demons.

O topo da casta de "eunucos" / celibato dos funcionários, favorecido sob despotismo. No topo das classes de "eunucos", estes sistemas são sempre organizados, geridos e mantidos por irmandades de – não há outra forma de colocá-lo – pig fairy demons. E isto é válido quer estejamos a falar de sacerdotes, intelectuais de topo, gestores de topo, "irmãos" deste e daquele género, comissários, etc. São a casta de "eunucos" de topo, em essência. O estatuto de eunuco é depois generalizado ao longo de toda a estrutura managerial; em sistemas muito consolidados, toda a managerial class é composta de eunucos. Casar e ter filhos é algo que compete com a total e completa devoção ao serviço do estado, em nome dos proprietários da sociedade, que casam e têm filhos, muitos filhos.

Typos essencial do pig fairy demon. O typos essencial desta subcasta de topo é o homem de meia idade, gordo, macilento, uivante, espumante, uma criatura degenerada que rebola pelos cantos e se roça pelas paredes, devoluta ao mais profundo abismo existencial.

Pedofilia como norma ritual / destruição de beleza e de inocência. Aqui, pedofilia é sempre uma norma ritual, genuinamente sacralizada sob cultismo de irmandade, porque simboliza a destruição

da beleza e da inocência. Destruição de beleza e inocência é o mote essencial de todo o sistema. Portanto, estes regimes têm sempre elaboradas redes de orfanatos e de tráfico de crianças, onde estes predadores podem ter os seus momentos infernais de evisceração da alma humana.

Mulheres odiadas, temidas, desprezadas / "women not allowed", a este nível.

Depois, só fica degeneração. As mulheres são odiadas, temidas e desprezadas, pelo mesmo exacto motivo; beleza. E é um facto que, nestes níveis de topo, todos são ensinados a funcionar como eunucos. Women not allowed, o que significa que estes "eunucos" são submetidos a todo o tipo de processos e teatralizações para os fazer ganhar pavor e ódio a mulheres. Depois, estas pessoas podem satisfazer-se de outras formas, contando que sejam invariavelmente degeneradas. A profusão de degeneração porno na web, na teia, mostra, entre várias outras coisas, que este código está a ser generalizado para o resto da sociedade.

Ramos femininos, se existirem, são sempre laterais e acessórios.

Membras submetidas ao mesmo exacto tipo de desumanização.

Algumas serão usadas como prostitutas, para pessoas de topo. Nas sociedades em que os topos da managerial class incluem ramos femininos (nas ocasiões em que existem, são *sempre* laterais e acessórios) essas mulheres são submetidas ao mesmo tipo de processo que os homens; e isto inclui, nos níveis que o "justifiquem", a descida ao mesmo género de degradação. Porém, é comum que algumas delas sejam depois usadas como prostitutas para pessoas que têm importância e que o podem pagar, na estrutura da sociedade. O e.g. do gineceu clássico, ou dos conventos de freiras que operavam como bordéis exclusivos para famílias aristocráticas europeias.

"Eunucos" no topo incorporam o papel do "deus"/"deusa".

A imagem da deusa insana, a girar sobre si mesma para espalhar destruição. Ao longo da história, muitas sociedades totalitárias têm usado a imagem da deusa-mãe, como comentado atrás. Muitas destas sociedades (quase todas, na verdade) usam a imagem da deusa insana. A deusa dança a girar sobre si própria, o que significa que existe "desequilíbrio equilibrado", com um ponto de equilíbrio no ego. A dança espalha destruição a toda a volta.

Autoritarismo, prepotência arbitrariedade – narcisismo extremo. É uma personagem autoritária, prepotente, arbitrária. Tem sede de sangue. Expressa narcisismo extremo por excelência.

Imagem "feminina" (caricatura de feminilidade) funciona como PR.

Mas também é fenómeno projectivo, para expressar subcasta degenerada no topo.

Doublebind, onde mulheres são objecto de ódio e devoção narcísica, projecção. Em boa parte, e como mencionado, isto é um windowdressing, uma operação de relações públicas que procura dar conotação feminina a um sistema baseado em saque, brutalidade, exploração. Mas é algo mais que isso. Em parte, é algo que reflecte um fenómeno projectivo muito importante que é cultivado nas subcastas de homens degenerados no topo da managerial class. As deusas insanas, caprichosas e

uivantes, as mães sanguinárias e autoritárias, são *eles próprios*; homens macilentos, repulsivos, bêbados em poder. Pedófilos. É preciso ter consciência da degradação extrema que é cultivada a estes níveis para perceber como isso funciona. É um fenómeno incrivelmente perturbador e feio. A imagem da deusa insana é a imagem trademark do eunuco de topo. É a projecção do “what I ought to be”. As mulheres são per se odiadas e temidas, e o objecto de ódio e pavor extremo é também o objecto de devoção narcísica extrema. Compreenda-se esta pequena rule of thumb e compreende-se muito neste mundo.

“Deusa” também é o “deus” / hermafrodita / 1000 caras / Religião Perene, gnosticismo.

Expressa sempre o “eunuco” de topo, que incorpora esta personalidade. Agora, a “deusa” é sempre o “deus”. As culturas da “deusa-mãe” são sempre “governadas” por uma entidade ambígua, sexualmente ambivalente; um hermafrodita. Astarte é também Moloch. Afrodite é também Dionísio. E assim sucessivamente. As duas contrapartes da mesma moeda hermafrodítica. Nalgumas situações, a divindade é masculina. Noutras é feminina. Na verdade, tem 1000 caras, uma para cada situação, uma para cada lugar, uma para cada público, para enganar e para iludir. Esta é a Religião Perene, a religião gnóstica, a religião das 1000 caras. A divindade é sempre a mesma criatura, um eidolon autoritário, arbitrário, sedento de sangue e de poder. No que releva a este tópico, isto é o “eunuco de topo”, apesar de significar algo mais que isto, significa a Serpente [ver notas sobre ***Gnosticismo***]. O “eunuco de topo” incorpora este papel sobre a Terra. Para chegar a este ponto, é submetido a um tratamento muito severo de despersonalização e preenchimento com esta nova essência.

Moldar homens e mulheres para typos do “deus” e da “deusa”.

I.e. vapidez, superfluidade, narcisismo mesquinho / caricaturas.

Destrutividade / objectivo de tudo isto é absorver, destruir / depois, self-destruct.

Começa com evisceração da alma humana / interrompido por regeneração. Uma sociedade moldada sob este tipo de paradigma vai sempre tentar moldar os géneros à imagem do “deus”/“deusa”. A ideia é sempre a de transpor esta essência vápida e supérflua, este narcisismo mesquinho e destrutivo, para cada pessoa em existência. Como apontado atrás, o homem e a mulher têm de ser tornados caricaturas de si mesmos. Todos têm de ser igualmente patéticos, degradados, insípidos. Coqueluches para o sistema oligárquico; pequenos brinquedos, que se mantêm enquanto são úteis e divertidos, e se descartam quando deixam de o ser. Todos têm de ser destruídos e tornados destrutivos. A ideia, convém sempre reiterá-lo, é a de usar este tipo de sistema para lançar vagas de destrutividade por toda a Terra. Absorver, destruir, estourar. Depois, self-destruct. Tudo isso começa com a destruição da alma humana e é interrompido pela sua regeneração.

Sacrifício pessoal para obter poder extremo sobre público / e.g. infanticídio.

Sacrifício pessoal, sob totalitarismo, a todos os níveis. Um narcisista exige sempre sacrifício pessoal em seu nome. Quanto mais poder tem sobre o outro, tanto maior o nível do sacrifício exigido. E é claro que um regime moldado com base neste tipo de premissa psicológica, um regime tendencialmente totalitário, vai comportar-se precisamente da mesma forma, sobre todas as dimensões das vidas dos seus cidadãos nas quais possa interferir.

Nos velhos tempos, plena obediência e sacrifícios de sangue.

O sacrifício do primogénito a Moloch/Astarte.

Quem sacrifica o próprio filho à comunidade, fará qualquer coisa que lhe seja dita. Um nível bastante extremo disto é aquele que era exigido pelas velhas culturas, sob a Religião Perene [ver notas sobre ***Gnosticismo***], onde a divindade exigia plena obediência e sacrifícios de sangue. É claro que isto vai perseverando ao longo das eras, sob as mais variadas formas (não tem de ser sacrifício ritual explícito), e.g. dá o teu filho ao exército para que os teus líderes possam ir roubar terras aos povos do outro lado do mar, e por aí fora. A forma mais tresloucada de sacrifício explícito de sangue é, claro, pelo homicídio de bebés, normalmente o primogénito; é um proxy eficiente para obediência total. Quem está disposto a sacrificar o próprio filho/filha aos gangsters acima vai fazer tudo o que de resto lhe for pedido. Os pais iam ao círculo interno da aldeia, ofereciam o bebé aos braços peganhentos do sacerdote de Moloch/Astarte (o "deus" é a "deusa"). O bebé era cremado vivo enquanto os sacerdotes batiam tambores (beat the drums) para abafar os gritos e os choros do bebé. Este é um standard habitual e rotineiro neste género de sociedade; é o sacrifício extremo. É a forma mais extrema e completa de asseverar dominância total sobre o público.

Rito habitual ao longo da história / hoje a voltar sob aborto, um rito comunitário.

AT, Abraão, Isaac e a proibição explícita de sacrifício humano. É por isso que era feito por Aztecas, pelos Canaanitas, por povos europeus e africanos, etc. – etc. Os sacrifícios de sangue voltarão, a não ser que o presente curso seja interrompido. Hoje, uma antecâmara para isto é a institucionalização de aborto, com o threshold de aborto a ser puxado cada vez mais para cima, ao ponto em que a prática de abortos/infanticídio (i.e. durante o parto) está a ser introduzida no mundo ocidental. E é claro que o mote em tudo isto é o de *matar o próprio filho com o apoio da comunidade*. Sob comunitarismo, o velho sistema babilónico, tudo isto voltará. E é claro que este é o espírito sujo que ronda e cerca Israel no AT; e que é assimilado por Israel sempre que o povo se torna criminoso. E este é o maior dos crimes aos olhos de Deus, que proíbe explicitamente a prática a partir de Abraão, e é isso que significa realmente todo o episódio de Isaac.

Religião Perene, a cultivar irracionalismo, superstição, pavor, até aos dias de hoje.

O "deus" choninhas é também o distribuidor de violência e terror.

A "deusa" insana, um objecto de pavor, insegurança, devoção neurótica. Ao longo da história, o deus caprichoso, impertinente e vápido é também o distribuidor de violência e agressão irrestrita e uma fonte de terror; que ninguém contrariasse os sacerdotes de Moloch! A contraparte

hermafrodítica disto, a deusa simultaneamente maternal, prepotente e insana tornava-se num objecto de devoção neurótica.

O cultivo de irracionalismo, superstição, temor, percepção de descontrolo sobre vida.

Demónios, gnomos, fadas, espíritos da terra, etc. O homem comum vivia num mundo aterrorizador de demónios, fadas, espíritos da natureza (incluíndo os jinn, os génios do Médio Oriente), mistificações simbólicas e irracionalistas para os fenómenos naturais incontroláveis em volta. Gnomos e espíritos da terra habitavam árvores e rochas, que se tornavam objecto de adoração de culto. Todo este género de irracionalismo mantinha as pessoas sob ignorância, temor e, claro, percepção de incapacidade para controlar as suas próprias vidas. Esse é o nível ao qual era pretendido que ficassem.

Entidades, "mediadas" por castas de charlatães, exigem sacrifício, obediência, etc.

Algo fantástico para assegurar poder terreno sobre populações ignorantes, aterrorizadas. Depois, estas entidades caprichosas, "mediadas" por charlatães sacerdotais, exigiam sacrifícios, obediência à hierarquia terrena, e justificavam prontamente a prática de toda a forma de arbitrariedades sobre a população, pelos líderes. Os sacerdotes e os oligarcas encorajavam este tipo de crenças como forma de reforçar indefinidamente a sua autoridade sobre uma população aterrorizada e supersticiosa.

Histórias também indiciam presença de pequenas polícias políticas comunitárias. E é claro que este género de coisa também indicia sempre a presença de alguma forma de polícia política no seio da "comunidade", com as histórias de gnomos onde os gnomos surgem para roubar coisas, para fazer "tropeçar" pessoas, para fulminar aquelas que não obedecem ao chefe da tribo, etc. Existe muita chicanaria por detrás destas supostas histórias de encantar.

"Encantar" pode ser um termo sui generis. "Encantar", em linguagem sociopática, significa enganar, usar o poder das palavras para fazer o horrendo parecer agradável e até delicioso.

Hoje, este tipo de irracionalismo está de volta, com a mass culture sintética.

Histórias sobre fantasmas, gnomos, fadas, espíritos palreadores, etc., de regresso.

Fácil de criar por "autoridades", com técnicas psicotrónicas, tecnetrónicas.

A era em que é *suposto* haver a queda, kicking and screaming, de volta a feudalismo. Hoje em dia, esta forma de irracionalismo está de volta, em todas as suas dimensões; não é difícil transpor os princípios listados para a deriva irracionalista da actual mass culture. À medida que as coisas se forem tornando cada vez mais surreais, voltarão as histórias sobre demónios que queimam pessoas, espíritos que falam à cabeça da pessoa, fadas que atravessam paredes e roubam coisas, pessoas que incorporam espíritos animais, e animais que incorporam espíritos humanos, etc.* Sob tácticas psicotrónicas e tecnetrónicas, técnicas puramente man-made, é possível criar verdadeiros filmes sci-fi pela sociedade fora; na vida de uma única pessoa, se for considerado útil. E isso é e será feito porque a era presente é *suposto* ser a era em que a humanidade cai, kicking and screaming, de volta a feudalismo.

* Mas, pela mesma medida, haverá coisas bem *reais*; criaturas “monstruosas” que afluirão em grupo para atacar pessoas, povoados, etc. E isso serão quimeras, criadas por engenharia genética, que andarão em circulação a par de novos vírus e bactérias.

Gnosticismo ao longo da história – notas soltas. Isto inclui os cultos Hindus, os cultos neo-platónicos, várias formas de cultismo pagão cristianizado.

Gnosticismo declarado e não-declarado.

O infeliz e.g. da Igreja Católica – o Templo. Existe gnosticismo declarado, bastante virulento, e existe gnosticismo não-declarado, algo mais soft. Até a larga generalidade das igrejas cristãs, como no caso da Igreja Católica se vieram a tornar instituições gnósticas; o apelo de tal forma de dissolução é bastante grande, aparentemente [ver notas sobre ***Igreja Católica***]. É claro que chega o dia em que o Templo é limpo e aí paciência para as várias tradições e costumes ilegítimos. Os cambistas (falso poder) e os vendedores de pombas (falsa paz universal) não têm lugar no Templo, portanto são jogados fora com um chicote.

Catáros e Albigenses. Seja como for, durante a Idade Média, a Igreja Católica trava uma série de guerras contra Cátaros e Albigenses, grupos gnósticos declarados e bastante hardcore. Antes disso, ainda durante o período romano, tinha travado lutas internas contra várias correntes gnósticas que surgiam no seu seio, mais notavelmente contra aquilo que ficou conhecido com a heresia Ariana, um culto aristocrático da altura. É interessante notar que, pela mesma altura em que o Vaticano travava guerras contra os gnósticos europeus, o Califado de Baghdad travava uma batalha de vida ou de morte contra a sua própria némesis gnóstica, os Ishmaili.

Ishmaili: a força de subversão e radicalização do Islão. Os Ishmaili são um grupo muito importante, de onde surge o pervertido e terrorístico Velho da Montanha, o patriarca Ishmaili. Um dos personagens mais importantes a ocupar este cargo foi Ala al-Din (Aladino), relatado por Marco Polo nas suas viagens. Os Ishmaili têm laços ideológicos estreitos com os Sufi, outro aparato gnóstico, responsável por sabotar o racionalismo Sunita durante os séculos 12/14, através de injecções de subjectivismo filosófico extremo, apelos a de-desenvolvimento e retorno a tribalismo e, também, através da condução de rebeliões genocidas. Destes dois grupos surgem os Senussi da Líbia, os Wahabbi do Golfo e os Fedayeen da Pérsia, e aqui temos o mapa tripolar do historial de subversão de Sunni e Shia nos últimos séculos, e dos resultados dessa subversão: insanidade filosófica e civilizacional, extremismo, terrorismo, *jihad*. Os cultos que foram combatidos na Europa pela Igreja Católica, e no Médio Oriente pelos Califas de Baghdad, eram particularmente pervertidos e malevolentes; mereceram o destino que, na altura, tiveram.

Correntes assumidamente gnósticas são quintas colunas da “Religião Perene”. A generalidade das correntes gnósticas filosoficamente assumidas enquanto tal são cultos aristocráticos, que usam a linguagem do amor, da fraternidade e da amizade universal como forma de distrair os seus inimigos para, eventualmente, os cooptar e/ou destruir. São sempre derivadas da Religião Perene, a religião de Astarte/Moloch, mencionada atrás, a religião que nasce no Jardim.

Os cultos dos Mistérios que rondam Israel para o destruir e assimilar. Com efeito, são os cultos que dominam o Médio Oriente durante todo o período Israelita, as formas virulentas de idolatria comunitária que, como o leão que ronda em redor da presa, procuram permanente destruir e assimilar Israel.

O Hinduísmo é uma religião puramente gnóstica (a subversão do Budismo). Existe até uma grande religião mundial que é gnóstica de uma ponta à outra, Hinduísmo. Entretanto, os gurus Hindus conseguiram absorver, cooptar e essencialmente destruir a larga maioria das formas de Budismo que, claro, tinha começado por surgir como uma alternativa *mentalmente sã* ao Hinduísmo (hoje em dia existe alguma memória, muito escassa, de formas legítimas de Budismo, nalgumas correntes Theravada). Todas as formas de gnosticismo têm de fazer isto, encontrar, cooptar e destruir toda e qualquer forma de vitalidade e sanidade mental em seu redor; e impor o manicómio e a prisão social em substituição.

Os Sufis, Hinduísmo que pretende ser Islão (o mesmo para os Ishmaili). Um dos casos mais notáveis aqui é o dos Sufi do Islão que é, na prática, um culto Hindu a pretender ser Islão e, não obstante a capa de amizade e amor universal, é responsável por muitos actos de subversão ideológica, destruição e genocídio ao longo da história. O mesmo acontece com os Ishmaili, na prática. Ambos os grupos agem como quintas colunas para infiltrar, subverter, usar e destruir o Islão.

Saltimbancos, gnósticos feirantes, lojas ambulantes – a ciência da vigarologia. As escolas de Mistérios tiveram enorme continuidade ao longo do tempo, dando origem aos mais variados bandos de malfeitores. Aqui estamos no domínio de alquimistas védicos, leitores de sina, saltimbancos, mestres de loja no 33º grau e muitos outros gurus de esquina e charlatães de feira. Em média, estes sujeitos usaram fraude, violência, traição e a ciência obscura conhecida como vigarologia (ou, "conology"). Não negue uma ciência que desconhece, em vez disso entregue-se cegamente a ela, *e a mim*, dizem o charlatão publicitário, o guru degenerado, o banqueiro central e o esoterista governamental. Mas esta é uma ciência muito complexa, com inúmeras ramificações para inúmeros campos, porém sempre assente no mesmo factor, a dialéctica (conheça-se isso e sabe-se o 101 de vigarologia).

Vigarologia leva tratantes gnósticos ao topo – os exemplos de Portugal, UK. Em troca dos "mistérios arcanos" (e.g. a receita da pólvora, fórmulas de psicologia humana, técnicas de governo, conhecimento histórico, artes fraudulentas para comunicar com espíritos), muitas destas pessoas tornavam-se consultores para reis e rainhas, ao ponto de se tornarem mais poderosos do que os próprios poderes que, alegadamente, serviam. É dessa forma que chegam ao topo em, na prática, todas as sociedades modernas. Dois exemplos históricos importantes são dados pelos países de Portugal e do Reino Unido. O estado-nação do Reino Unido é essencialmente uma criação rosicruciana e, claro, das várias seitas de cavaleiros teutónicos que se centram na Escócia a partir do evento De Molay. É claro que aqui, estamos no puro domínio do charlatanismo e do brigandismo internacional. O mote é dado pela corte rosicruciana de Isabel I, liderada por John Dee, o inventor do conceito de "Brytish Empire", que assinava sempre os seus documentos com "007". Também relevante nesta altura, Francis Bacon, com os seus ensaios sobre manipulação da psique pública, controlo da economia, espionagem, artes políticas, etc. No caso de Portugal, temos a dominância de

charlatães teutónicos, pseudo-eclesiásticos, rosicrucianos à mistura e, depois, as suas várias lojas de vigarologia, ocultismo de gabinete, jogos do macaco feirante. É um regime oligárquico que, não obstante esta e aquela transição, sucedeu em manter o país sob o mais completo obscurantismo civilizacional ao longo dos séculos. Com efeito, um *benchmark* para a sociedade global ou, como é chamada a partir da Boca do Inferno, o Quinto Império, fascismo global.

<u>Brytish Empire, o núcleo para Império Global</u>. O "Brytish Empire" veio a ser a grande rampa de projecção destes movimentos de loja e guilda, e o "Brytish Empire" é o núcleo de onde surge a actual "sociedade global". Esta sociedade global é largamente uma criação e um feudo destas entidades que, pelo caminho, vieram a assumir a sua própria quota-parte de controlo sobre o que hoje é o Vaticano.

Mais notas – Campanella e imperialismo socialista tecnocrático global.

<u>Percurso Renascença/Reforma também manchado por habitual infiltração gnóstica</u>. Mesmo ao longo do excelente continuum Renascença/Reforma encontramos a interferência desta gente, com vários autores gnósticos, que surgem para avançar as suas várias concepções de escravatura humana, organização social por castas, práticas eugénicas, destrutivididade universal, degeneração intelectual e moral e assim sucessivamente. É o registo do costume (a única coisa que estas pessoas conseguem fazer) e, como sempre, apresentado como um encantador anjo de luz. No campo geopolítico, argumentaram em favor de um processo gradual de regionalização e globalização.

<u>A ideia de conquista global, império global</u>. Sob esta ideia, o estado-nação europeu é desenvolvido, usado para conquistar, subjugar e europeizar os restantes povos, após o que o mundo é fundido num único império global.

<u>O caso do obscurantista Campanella e da sua Cidade do Sol</u>. Este foi, por exemplo, o caso de Tommaso Campanella, um gnóstico obscuro e obscurantista, um tratante que opera em meios católicos no início do século 17. Campanella escreve a Cidade do Sol, onde expõe o projecto para um processo de imperialização global que acabaria com a instauração de um despotismo global, organizado segundo o modelo a que hoje chamaríamos de Socialismo tecnocrático (totalitarismo).

<u>Modelo replicado por totalitários germânicos, jesuítas, Saint-Simonianos</u>. O modelo é essencialmente copiado pelos posteriores Românticos alemães (de onde são originados Fichte e Hegel e, daí, Marx), pelos Restauracionistas Católicos e, claro, pelo Conde de Saint-Simon e pelo seu discípulo Comte. O "Estado Social Estático" do satanista Comte é, em praticamente tudo, uma repetição mais elaborada do modelo de Campanella.

<u>Campanella queria totalitarismo global sob Rei e Papa ---- **Dostoevski**</u>. Existe depois este pormenor interessante onde, segundo Campanella, a governação do planeta seria partilhada entre a Coroa espanhola e o Papa. Mais tarde, os Restauracionistas disseram que haveria um imperador do mundo secular em concerto com o Papa. E é claro que Dostoievski, ele próprio um ex-membro do círculo interno de comunistas russos no seu tempo, escreve "Os Possuídos" [sobre esse *millieu* encantador], onde o personagem que é o grande líder revolucionário nos diz que, primeiro assumimos controlo dos países, depois colectivizamos tudo, a seguir regimentamos toda a população numa grande

massa comunista e, por fim, entregamos tudo isto, todo este enorme aparato – nas mãos do Papa. E ele mandará. É preciso tomar muita atenção a estes projectos, porque são *extremamente* consequentes.

Os danos humanos e civilizacionais da inversão semântica, sociopática, de "paz", "amor" e "harmonia".

"Fazer maus actos por amor é legítimo": axioma na base da generalidade das catástrofes humanas.

"Obter amor, harmonia, paz social", motes favoritos de déspotas para racionalização de crimes. Este é o axioma parafilosófico que origina e legitimiza uma vasta proporção das catástrofes civilizacionais ao longo da história. Oligarcas, tiranos, criminosos multinacionais, colectivos populares despóticos (oclocracias) – todos são irmãos de sangue na ausência de carácter e nas práticas anti-humanas que preconizam. Mas também são irmãos de sangue no tipo de retórica que usam: todos trazem "amor", "harmonia", "paz social". Isso faz com que tenham de fazer amorosas destruições de níveis de vida, para *harmonizar* relações. No mesmo espírito, têm de fazer a harmoniosa microgestão de tudo nas vidas da população (i.e. a carne humana ao dispor destes predadores). Mais cedo ou mais tarde, têm de reduzir toda a gente ao igualmente amoroso nível da comuna laboral – a pacífica plantação de escravos. É claro que depois também existem sempre simpáticos campos de concentração, agradáveis massacres e adoráveis genocídios.

Inversões semânticas sociopáticas são tão absurdas que a sua aceitação exige estupidez qb. É preciso ser genuinamente estúpido para acreditar no tipo de absurdos que os filhos de Caim (são muitos, e nascem em todas as culturas – sociopatas) inventam para espalhar destrutividade em volta.

O e.g. da Inquisição Espanhola. As pessoas não compreendem. A Inquisição Espanhola queria *genuinamente* harmonia no seu tempo. Quando massacrou infinitudes de pessoas, e lhes roubou tudo o que tinham, tudo isso foi por amor: havia que assegurar *paz social*, *concórdia* entre os homens; até, "ganhos espirituais". Isto é muito literal! É um facto que estas afirmações parecem absurdas, mas isso só acontece porque reflectem, de modo literal, os processos essenciais de racionalização, as alucinações parafilosóficas, que animavam este movimento. Pessoas alucinadas agem de modo alucinado.

O e.g. da Stasi, da Gestapo e do KGB. A Stasi, a Gestapo e o KGB eram animadas pelo mesmo exacto espírito; assegurar harmonia social e a Utopia exige prender, encarcerar, torturar, executar pessoas. Implica escravizá-las em Gulags e em campos de concentração. Implica purgar e executar todos aqueles que não estejam em harmonia com as mentes sifilíticas que gerem as coisas. Há que partir uns quantos ovos para fazer uma omolete – a Utopia! E tudo isto é amor pelas gerações que vão usufruir da Utopia (*nenhuma*); e, claro, é amor das classes degeneradas por si mesmas.

O e.g. da potência mercantil que espalha o caos pelo mundo. Isto também é o que as potências mercantis fazem sempre – "amor", "harmonia" e "paz". Chegar a um continente, matar a larga maioria do Índios lá, escravizar os poucos que restem. Tudo isto é bastante "amoroso", se o pretexto inventado para racionalizar estes actos de terrorismo for o de levar uma melhor vida a esse continente. Matar vida para levar melhor vida. Enfim.

Os danos humanos e civilizacionais... (2): De totalitarismo Hindu ao Príncipe da Pérsia.

O e.g. do sistema de escravatura hindu/védico, com os "semi-deuses" bramanicos. Os bramans hindus, os "semi-deuses", asseguraram um dos sistemas de harmonia e amor social mais duradouros da história humana, uma monstruosidade que ainda hoje existe! Para isso, tiveram de cometer purgas e genocídios inacreditáveis. Depois, tiveram de estupidificar e escravizar a larga maioria da população, e de dividir as pessoas por inúmeras slots sociais onde podem ser controladas e microgeridas (o tétrico sistema de castas e subcastas). Até tiveram de criar uma casta de "lixo social", os intocáveis. Em tais sistemas, o lixo está no topo e depois gosta de fazer inversões semânticas e projecções clássicas, pelas quais rotula os outros grupos com os seus próprios predicados. Um fenómeno rotineiro entre sociopatas.

O sistema védico é o benchmark para inumanidade totalitária / mote para Aldeia Global. O sistema védico, ou hindu, é a literal inspiração e o benchmark para qualquer totalitário de asilo que pretenda montar o seu próprio campo de concentração sócio/económico. A Alemanha Nazi e a URSS são, *muito literalmente*, versões modernas da sociedade védica [*e foram modestas. Os velhos sociopatas bramans teriam conseguido fazer infinitamente mais mal à humanidade com toda a tecnologia que a era moderna produziu. Talvez o tempo amoleça realmente este tipo de castas, até nesse sentido degeneram*]. A Aldeia Global é esse padrão de degeneração passado para a escala global. E tudo isso serve para trazer harmonia global e amor universal, certo? – *not*.

O e.g. dos Ishmaili / subversão de racionalismo e acção moral Islâmica. Algo com muitas comunalidades com o imperium de desumanização védica são os Ishmaili, que começam por se infiltrar no Islão para cooptar, subverter e destruir uma cultura que, não sendo perfeita, era ao menos baseada em racionalismo e acção moral. Amor e harmonia eram condicionais a princípios consistentes e isso é sempre the right way to go. Mas havia outra forma de harmonia e de amor que as potências deste mundo tinham em mente para o Islão, e é daí que sai o esforço de corrupção epistemológica e civilizacional que é conduzido pelos Ishmaili. Essa corrupção dá origem àquilo que hoje em dia é conhecido como jihadismo islâmico, uma paraideologia que procura remoldar o Islão para ser uma força de obscurantismo, extremismo, terror – e revolução universal. Tudo isto é disseminado pelos Ishmaili, e pelos seus irmãos de sangue, os Sufis, através de seitas amorosas como os Senussi, os Wahhabi e os Fedayeen.

"Homens de paz". De resto, "amor" é o valor central nas alucinoses teológicas inventadas pelos Ishmaili e pelos Sufi. "Harmonia" também é sempre muito importante. O mesmo acontece com "paz". Os piores criminosos precisam sempre de se anunciar como "homens de paz".

"Príncipe da Pérsia", i.e. o 'espírito' de mentira e corrupção. Os Ishmaili têm o seu próprio semi-deus, um homem, com o cognome de Príncipe da Pérsia, hoje chamado Aga Khan, uma figura *extraordinariamente importante* no mundo, adulada, quase venerada em todos os sítios *certos* (a respeito da figura "príncipe da Pérsia", ler o livro do velho Daniel, 9, **10** e 11, no AT). O homem em si é irrelevante, um pequeno chulo de corrupção; o que conta aí é o facto de ser um homem vivo que simboliza uma gestalt mental baseada em falsidade e degeneração. Esta gente, os Ishmaili, é essencial para espalhar o seu próprio standard de degeneração e maldade irrestrita pelo mundo fora,

através de movimentos gnósticos e afins. Hoje, se o mundo é lentamente transformado no padrão védico, a todos os níveis, estas pessoas podem reclamar créditos muito significativos por isso. E tudo isso é o reino de amor universal, onde, por amor, muita muita gente terá de morrer, e todos os restantes terão de ser escravizados. É claro que não passará, o Príncipe da Pérsia representa apenas o espírito de trevas e de corrupção que é dissipado pela entrada de luz e de integridade. As trevas são apenas a ausência de luz.

Mais –Sabatistas, dominionistas / gnosticismo do "amor" para trazer Armaggedon.

Sabatistas, dominionistas e outros / grupos extremamente importantes e influentes.

Cultos institucionais (*muitos*, e grandes, e ricos), agências, bancos, fundações.

Cultivados pelo topo / sociopatas ideológicos, cultistas, para os trabalhos mais baixos.

O mote alucinado é "precipitar o Armaggedon e a vinda do Reino de Deus". Vale a pena colocar aqui mais um exemplo e é o dos grupos sabatistas, no Judaísmo e o dos grupos dominionistas, no Cristianismo institucional (e existiriam muitos mais exemplos deste género, tanto no Cristianismo como no Judaísmo, e também no Islão; é sempre o mesmo clube, na realidade). São muito pouco conhecidos, nessas qualidades específicas, e intensamente poderosos; estão lá no topo. Ambas as vertentes vão ao Éden para repudiar Deus e, ao mesmo tempo que o fazem, inventam um novo "deus", um que lhes confirma a sua visão "teológica" (por oposição a objectiva) baseada em "amor". O "amor" aqui, em ambos os casos, é demonstrado pelo acto de apressar o Apocalipse e a vinda do Messias, para sabatistas, a Segunda Vinda de Cristo, para os Dominionistas. Como tal, é preciso precipitar uma gestalt geopolítica e humana de eventos que, acredita-se, levará ao Armaggedon. O extremista sabatista está casado com o extremista dominionista neste credo perturbador e, depois, chegam ao topo [*ou melhor, são cultivados a partir do topo, porque o topo precisa sempre de sociopatas desarranjados, fanatizados com um credo cultista, para fazer aqueles trabalhos que fariam pensar duas vezes até os mais criminosos dos mercenários*]. Estiveram e estão no topo, ou bastante próximo do topo. Pululam nas suas sinagogas de satanás e nas suas igrejas a jezabel, nas suas seitas de cavalaria "espiritual" (talvez, licores espirituosos all around), agências, institutos, bancos, fundações. Aí, dominionistas, sabatistas e restantes faunas selvagens deste género tornam-se irmãos de armas na tentativa de precipitar a vinda dos quatro cavaleiros do Apocalipse.

"Amor" guia estes sociopatas culturais à mais vil destrutividade e Schadenfreude.

Tornar o mundo numa prisão para a alma humana é "espiritual" e "amoroso". É claro que isso implica que o mundo é essencialmente devastado, reorganizado múltiplas vezes, depois reorganizado mais umas quantas, durante um longo e doloroso processo de séculos. E é tudo feito em "amor": mentira após mentira, destruição económica após destruição económica, genocídio após genocídio, guerra após guerra. Isto para chegar à configuração internacional que leva às dez regiões continentais e, por fim, ao sistema global unificado da última Besta. Aí haverá genocídio e destruição em massa, e o fim chegará. No entretanto, biliões de vidas têm de ser moldadas, esmagadas, formatadas, destruídas, usadas, desfiguradas, instrumentalizadas. Biliões de almas têm de ser tornadas cegas, surdas e mudas – incapazes, temerosas, apáticas, desprovidas de toda e

qualquer iniciativa, incapazes de acção moral competente e corajosa – uma parede de granito estabelecida entre elas e Deus. Caso contrário, bloqueariam o caminho desta gente e dos seus handlers. Isto significa que o mundo tem de ser tornado numa prisão para a alma humana, onde o único caminho é *para baixo*. Isto é especialmente válido para os kool aid cults institucionais que estas pessoas gerem.

Alucinados perigosos / kool aid cultists / ódio satanista a Deus, a Jesus e à humanidade.

Os efeitos de gnosticismo: dialéctica e o sufoco auto-infligido da consciência.

A sofística do "amor", para o tornar em "license to kill".

É claro que isto apenas visa power politics, mesmo que os true believers não o saibam. Isto é completamente perturbado on it's face – doente, purulento, insano. É difícil acreditar que este tipo de coisa possa efectivamente ser o processo de pensamento de homens adultos, mas ***é***. E, mais grave que isso, é feito por pessoas que alegam ser seguidores de Moisés, uns, e seguidores de Jesus, os outros. Mas ambos são grupos de cultistas chanfrados, e odeiam Deus, e Moisés, e Jesus. Da mesma forma, odeiam a humanidade. Odeiam crianças, odeiam adultos, odeiam idosos. Odeiam vida. Esse é o problema. Estão apaixonados por morte; é com ela que se casaram. São satanistas, quer o queiram admitir ou não. E são admiradores de si mesmos, o que torna a coisa mais absurda, e patética. São gnósticos. Reinventaram a lógica e obtiveram dialéctica, que lhes diz exactamente aquilo que querem ouvir. Tornaram-se irracionais, por vontade e deliberação. Sufocaram a consciência e repudiaram os mais elementares princípios morais. Odeiam os Mandamentos. Aprenderam a odiar Deus e a dizer que isso é em nome de "amor". "Amarás ao teu próximo como a ti mesmo" é válido para ambos os grupos, já que é dito por Moisés e depois reafirmado por Jesus; isto para os Dominionistas que odeiam o AT. E é distorcido, reinventado e desfigurado, como tudo o resto. Já que, lá está, tudo isto é "feito por amor". O mundo será melhor, quando Deus disser, enough is enough, e vier arrumar a casa – *não*. "Não tentarás ao Senhor, teu Deus". Amarás o teu próximo como a ti mesmo também significa, para esta gente, que o destruirás e que destruirás o mundo onde ele vive, como os caldeus fizeram aos Hebreus e os fariseus fizeram a Jesus, e fa-lo-ás para "trazer ascese através do sofrimento" – *não*. It doesn't work like that. Ou se está com Deus ou se está contra ele. O meio termo é *inexistente*. E, claro, amarás o teu próximo como a ti mesmo como a ti mesmo também significa, neste tipo de millieu, que o tratarás como um pedaço de lixo, porque é assim que estas pessoas se vêem a si mesmas, e é assim que lidam umas com as outras; são bestas selvagens em muitos sentidos diferentes. Porém, é claro que o real jogo é muito diferente. Todas estas chicanarias paraintelectuais servem sempre power politics, para o domínio absoluto deste e daquele grupo sobre todos os restantes.

As trevas exteriores, they await with glee and… joy! Seja como for, os gnósticos que são, apesar de tudo, true believers, serão lançados nas trevas exteriores, no preciso momento em que esperam ser recompensados por todos os seus "esforços" e "trabalhos"; Deus vira deles a Sua face e Jesus nunca os conheceu. Bye bye boys. Vão para o seio daquilo que espalharam, daquilo a que se entregaram.

Oseias 4. «*Ouvi a palavra do Senhor, filhos de Israel, porque o Senhor vai entrar em litígio com os habitantes da Terra. Porque não há verdade, nem misericórdia nem conhecimento de Deus na terra. Juram falso, mentem, assassinam, roubam, cometem adultério, usam de violência e vertem*

sangue sobre sangue. Por isso a terra está cheia de luto e todos os seus habitantes desfalecem; os animais selvagens, as aves do céu, e até os peixes do mar perecem. Entretanto, que ninguém acuse, que ninguém repreenda. Mas é a ti que Eu censuro, ó sacerdote. Tu tropeçarás em pleno dia, e contigo tropeçará também o [falso] *profeta*»

Hipergeometria física vs modelagem matemática

Modelagem matemática.

Uma forma de iliteracia científica, ou mesmo incompetência anti-científica, a crença em "modelagem matemática", pensamento linear resultante da conjunção entre apriorismo Kantiano (um pressuposto teórico arbitrário imposto à realidade) e empirismo nihilista.

Nenhum princípio físico universal validável foi alguma vez descoberto, ou poderia alguma vez ser descoberto, através do tipo de métodos dedutivos usados para modelagem estatística e matemática. A descoberta do cálculo por Leibniz e as descobertas revolucionárias de Gauss nos princípios elementares da matemática, foram sempre baseados em provas físicas experimentais, não em dedução matemática.

Discurso – Composição clássica e elaboração de desenvolvimentos.

Uma composição Clássica funciona como uma órbita planetária, conforme o seu carácter funcional foi definido por Kepler e por Gauss. Tanto na órbita planetária como na composição clássica, o início e o fim do desempenho do ciclo são definidos por um princípio de desenvolvimento que é característico da órbita na sua totalidade. A abordagem de Bach à composição de fugas tipifica esta característica. O princípio de desenvolvimento que é característico a uma composição musical clássica é uma combinação de ironias, que convergem numa única e pervasiva metáfora. Cada qual destas ironias contrapontuais tem a qualidade de dissonância necessária para ser resolvida. Há que ver a dissonância neste caso não como uma dissonância arbitrária, mas como reflectindo o mesmo princípio de ironia que subjaz ao método clássico de escultura associado a Scopas, Praxiteles e à Última Ceia de Da Vinci. Não é dissonância no sentido de falsidade, mas sim no sentido de um paradoxo ontológico legítimo. Aquilo que resolve a dissonância válida que vemos com um paradoxo ontológico é a descoberta validável de um princípio físico universal. Da mesma forma, a composição clássica define um paradoxo ontológico musical cuja solução é a identidade da composição tomada como um todo indivisível.

Discurso – Expressividade, coloração, formas verbais.

<u>Enfoque nos substantivos vs foco nas formas verbais</u>. Quando ouvimos formas discursivas nas quais todo o enfoque é atribuído aos substantivos, estamos geralmente a ser confrontados com um uso de linguagem que é coincidente com comportamento

mental iletrado. Em comportamento mental literato, a ênfase é sempre colocada na forma verbal, aquilo que distingue a acção verbal – a funcionalização das formas substantivas.

Foco em substantivos exige nominalismo. Os substantivos são pontos, a unir pelas formas verbais. Comportamento nominalista, como o dos empiristas ingleses e o dos iluministas continentais, presume uma conexão dedutiva entre estes pontos. A conexão real, as relações funcionais que os substantivos expressam, residem sempre na forma não-linear de acção verbal, à semelhança do que Kepler e Gauss definiram para as órbitas planetárias.

Foco nas formas verbais expressa não-linearidade. Os verbos pertencem ao domínio de transformação não-linear, i.e., não dedutivo, que está associado à forma característica de acção indicada por referência a uma forma específica de acção verbal. Por outras palavras, há que adoptar uma visão matricial, Riemanniana, da distinção entre verbos e pontos, e as formas características de transformação por respeito às quais os argumentos são construídos. Os substantivos estão no domínio da matemática formalista. A acção verbal, especialmente as transformações de um domínio correspondente a um todo maior, de ordem superior, é o domínio da mudança que corresponde à realidade física.

Discurso pontuado, inter-relacionado, verbalizado, expressivo. Presume-se que um falante deve falar e escrever de formas que comuniquem ideias letradas. O discurso é pronunciado, e pontuado, de formas que distribuem os elementos das ideias compostas nos seus próprios lugares e de acordo com as suas inter-relações. Tudo isto é pronunciado com ênfase na acção verbal relevante. A ideia é a de que, no final, uma pessoa possa expressar aquilo que é dito numa fórmula correspondente. Há expressividade. Por exemplo, o actor profissional pode esconder a sua cara por detrás de uma máscara, e fazer a máscara parecer sorrir, ou chorar, a partir da colocação da voz e dos movimentos do corpo.

Expressividade e coloração do discurso. Numa composição poética clássica, o compositor usa uma sucessão de ironias. Por exemplo, em formas estróficas simples, cada estrofe pode adicionar uma ironia a uma acumulação, por forma tal que a metáfora final seja atingida como uma forma de crescendo fermentado de ideias, para o qual cada estrofe precedente tem estado a levar, uma após a outra. O reconhecimento da função de cada estrofe sucessiva tem de ser fornecido ao público pelo cantor do poema; está implicado na composição escrita mas, para ser ouvido, tem de ser reconhecido pelo cantor de forma tal que a audiência o ouça, e também reconheça a sua validade. Ou seja, a função não é a de transformar o poema em canção, mas sim a de extrair do poema algo que que esteja geralmente ausente do conteúdo-ideia do poema. Ou seja, tornar a ideia aparente e visível ao ouvinte. Paixão, a coloração do discurso. Existe tempo. Em notação musical, temos várias formas de Allegro, como o Allegretto, o Andante, o Adagio ou o Largo. Estas formas não significam velocidades cronometradas; correspondem a tom, ou modalidade. Estas noções de tempi são apropriadamente aplicáveis, tão forçosamente, a prosa falada, como a desempenhos musicais formais.

Representam uma forma de colorir a afirmação por forma a transmitir um estado mental. A mestria de escrever, falar, ler e ouvir prosa deste ponto de vista poético-musical é a qualidade de comunicação indispensável à mente cultivada de cada cidadão.

Larouche – Objectividade física vs modelagem matemática.

«*To illustrate the difference between mere mathematical modelling and real physical science, go back to Seventeenth-Century Europe, to the work of Johannes Kepler, who was the founder of modern astrophysics and original discoverer of the principle of universal gravitation. Then, from that standpoint, examine the work on the principles of "least time," by later geniuses strongly influenced by the successive work of the scientific pioneers Nicholas of Cusa, Leonardo da Vinci, and Kepler, such as Desargues, Fermat, Pascal, Huyghens, Leibniz, and Jean Bernouilli. Those discoveries led, in turn, to the related discoveries by Gauss, Fresnel, Ampère, Wilhelm Weber, and Riemann. That series of successive development of the principle of least time, which became known as relativistic physics, is a process of ongoing discovery, which continues on the frontiers of physical science today… The crucial issue, then and now, is this. Does action in the universe naturally follow the pathway of the shortest distance, as a simpleminded, and wrong notion of geometry would suggest? Fermat showed an anomaly which indicated that light does not follow the pathway of the shortest distance, but rather of the shortest time. Huyghens, following Fermat, designed an experiment which showed that the quickest time of travel, under gravitation, from A down to B, is not the shortest, straight-line pathway, but a longer, curved pathway, a curved pathway corresponding approximately to a curve known as a cycloid. The same lawful pathway was proven, by Leibniz, Bernouilli and others, to determine the path of refraction of light according to a universal principle of least time… Later, Fresnel made a discovery which destroyed the false theories on light by Isaac Newton, and also the still popular but foolish notions of such pro-Newtonian contemporaries of Fresnel as Poisson, Coulomb, et al. Fresnel collaborator Ampère made similar discoveries for electromagnetism. Gauss, Weber, and Riemann proved the validity of Ampère's discovery. Weber's experimental proof measured the first experimentally defined electromagnetic constant, within the range of the sub-atomic scale… In the course of the Seventeenth, Eighteenth, and early Nineteenth Centuries, this line of discoveries resulted from Leibniz's original discovery of the calculus, based on the same principle of least time. Leibniz gave this discovery of principle a more general form, as his "principle of universal least action." Gauss, whose work includes direct contributions to creating the U.S. Coast and Geodetic Survey, was, up to the present time, the world's greatest modern mathematician, and a leader among the original discoverers of what is called a "non-Euclidean geometry," or "hypergeometry." Gauss's student, Riemann, was the first to give a generalized form, freed of all arbitrary axiomatic assumptions of mathematical formalism, to hypergeometry. There, the frontiers of microphysics and optical biophysics lie, still, today… All of these discoveries, including Leibniz's discovery of the calculus, and Gauss's revolutionary discoveries in the elementary*

principles of mathematics itself, were based on physical experimental evidence, not mathematical deduction.[4] No validatable universal physical principle was ever discovered, or could have been discovered, by the kinds of deductive methods used for so-called "statistical" and other kinds of simply mathematical modelling… Now, contrast this standpoint in the history of modern physical science, to that of the so-called "mathematical modeller"… The radical school of Twentieth-Century mathematical modelling today, is typified by the corrupting influence of Bertrand Russell and such Russell acolytes as Norbert Wiener, the putative co-founder of the cult of "information theory," and radical-positivist mathematician John von Neumann. This cult has ancient roots, including the Eleatics and Sophists of ancient Greece's culture, and the English empiricist school of such followers of Venice's Paolo Sarpi as Francis Bacon, Thomas Hobbes, and John Locke. Competent secondary teachers should know these distinctions clearly, and be able to make those distinctions the actual knowledge of the secondary pupils… That influence of Sarpi was continued under the direction of a nasty Venetian gentleman known as the Paris-based Abbot Antonio Conti. Conti, who died in 1749, created both the notorious Voltaire and the chiefly mythical English reputation of Isaac Newton. Conti orchestrated the Europe-wide, Eighteenth-Century, Romantic "Enlightenment." It was professed "Cartesian" Conti, who prompted most of the anti-scientific frauds which have persisted, as "generally accepted classroom mathematics" dogma, since Eighteenth-Century Europe, down to the many among the present-day secondary-school and university classrooms and textbooks. The root of that hoax known as popular modern theories of mathematical modelling, is to be traced, in modern times, to the influence of Sarpi, Conti, and the far-flung networks of intellectual salons which those two Venetian gentlemen established during their respective, ill-fashioned lifetimes… In its simplest expression, the cult of mathematical modelling begins, with arbitrary blind faith in the belief, that geometry, and mathematics in general, must be based upon the assumption that all space-time is "self-evidently" extended in straight-line directions, and that a straight line is the shortest, and therefore the quickest distance between any two points in pure space-time. Added to this, is the false belief set forth by the notoriously thuggish Leopold Kronecker and elaborated in Russell's ***Principia Mathematica,*** *the delusion that mathematics can be derived from an elementary beginning in the simple comparisons made in terms of the counting numbers… The cult of the so-called "new math," as popularized in schools during the late 1950s and 1960s, is a reflection of such simple-minded—and also very destructive--forms of mathematical blind faith. These popularized delusions, are the assumed basis for the authority of the practice of "mathematical modelling" today… What this experiment illustrates, is the fact known to Classical Greece, from Thales and Pythagoras, through Eratosthenes, that competent mathematics is a by-product of physics, not the other way around… So briefly consider the experiment itself. The apparatus represented in both the photo and the diagram, is to be described as follows. The experimental apparatus presents us with two tracks, side by side; one track is a straight-line track, the other a curved track. Both tracks begin and end at common points. Thus, two balls, released simultaneously along each of the tracks, can be compared for the time each ball takes, to fall its constrained pathway of distance, from*

*the top to the bottom of the apparatus. Always, the ball travelling the longer, curved track, reaches the bottom quicker. If this demonstration holds up for other tests of the same principle, then we have demonstrated, experimentally, that the universe does not operate according to a rule which assumes that a straight line is the quickest, or even the shortest distance between two points within a real universe… The curved track in that experiment corresponds to a curve known as a cycloid. You may generate a cycloid by placing a point on the outer edge of a circular wheel, and rolling the wheel along a straight surface [**Figure 1b**]. The cycloid is a curve which is companion to another curve known as a "sine wave"; Fresnel overturned Isaac Newton's doctrine of light by showing, experimentally, that the normal pathway of propagation of light, is not in simple straight lines, but as transverse waves typified by sine waves. After the demonstrations of "least time," for light, by Leibniz and Jean Bernouilli, Ampère's, Gauss's, Riemann's, and Weber's successive contributions to the establishment of the elementary principles of electromagnetism, are a continuation of the same principle of Leibnizean least action applied by Fresnel to refute Newton's theory of light, by conclusive experimental demonstrations… Actually, the pathways of quickest and least action in the universe are not simply cycloid pathways, but involve more complex considerations of what are known as non-constant curvatures, as such curvatures are typified by the Kepler-Gauss orbits of our Solar system. That takes us into the area of Gauss-Riemann hypergeometries. There lies the physical and mathematical significance of the notion of a "curvature of physical space-time." In other words, that means the characteristic curvature of a pathway of least action in any designated, specific kind of physical-space-time manifold. Nonetheless, those complexities aside, the demonstration of Huyghens' principle of his pendulum clock, when seen as precedent for the Leibniz-Bernouilli proof of the "least time" principle in refraction of light, is sufficient to illustrate the point I am making on education here… The point is, that experience often confronts us with evidence which contradicts some belief we had earlier assumed to be unshakeable. Among the simplest illustrations of the relevant principle of education, are experiments which show the absurdity of such habits, as believing that the universe operates "self-evidently" in straight lines… In all such cases, the solution to the crisis of belief such experiments pose, can not be found by simple deduction, such as deductive mathematics. Deduction depends upon the mistakenly assumed universal validity of certain axiomatic beliefs, upon premises such as the false, and also wrongful assumption of Leonhard Euler, et al., that the universe is extended in infinitely long straight lines, lines defined as infinitely connecting infinitesimal points. By its very nature, deductive method is, intrinsically, a method of linear analysis, or what is also known as "ivory tower" analysis; therefore, it does not correspond functionally to the real universe in which we exist… Thus, it is in the devastating paradoxes of number theory, as shown by Carl Gauss, that a mathematics of the counting numbers shows itself to be everywhere-dense with ontological paradoxes, or, in fact, even many absurdities; Georg Cantor's, like Gauss's and Riemann's appreciation of the significance of the so-called "sieve" of Eratosthenes, reflects this fact. The pathological element in "mathematical modelling," is axiomatically rooted in the "ivory tower" cult of deduction… Every truly crucial experiment, like the case of the extension of the*

Huyghens pendulum-clock, and other experiments, all of which led to the demonstration of a "least time" principle underlying both the refraction of light, and electromagnetism in general, overturns some part of those previously established beliefs upon which naive faith in the deductive method always relies… Admittedly, science has often represented its knowledge, as acquired up to that point, in those terms of approximations which correspond to a linearized form of mathematical calculations. There is no fraud in the practical use of such approximations, as long as the fact that these are approximations is implicitly recognized. However, in every instance of a validated new discovery of a universal physical principle, the result is a radical overthrowing of the previously established, linearized forms of approximation practiced at the blackboard (or upon digital computer systems). In each case, as Georg Cantor appreciated the implications of Eratosthenes' "sieve,"[6] and as Nicholas of Cusa's work led to the discovery of transcendental functions, by Leibniz et al.,[7] the effect of a validatable discovery of any universal physical principle, must produce a revolutionary overturn of previously established, "generally accepted" classroom mathematics… Simplified mathematical approximations are useful, even necessary, in their proper place. Yet, those who steer the progressive development of educational programs used in secondary schools and higher education, must be ever vigilant, never to overlook the implications of the point I have just stressed. The policy must be understood as follows… For ordinary purposes of engineering, we usually reduce applied science to a mere approximation of truth. Frequently, thus, we use a mere approximation of truthful mathematical physics. In the practice of engineering by competent professionals, or managements of relevant government laboratories and private firms, the fact is never to be overlooked, that the mathematical models customarily used by engineers, are not science, but only a simplified approximation of the fruits of previous scientific work… Whenever any change in technology is incorporated into design of products, or methods of production, competent professionals and managements insist upon the same kinds of experimental demonstrations which are required for validating a proposed new universal physical principle… Similarly, public education, in its design of curricula and classroom methods, must never lose sight of the dangers inhering in a naive view of customary engineering practices. Unfortunately, in the recent zeal for the Lockean cult of "shareholder value," both the U.S. government and leading U.S.A. and European firms have departed the pathway of sanity, into linearized "mathematical modelling" instead of science… As the case of physical science's progress illustrates, in all discoveries of validatable universal principles, whether as science or Classical artistic composition, every such discovery of principle occurs as a creative (e.g., non-deductive, cognitive) solution for what is definable as an "ontological paradox." Such a paradox is typified by the case in which irrefutably existing evidence, overthrows the set of axiomatic assumptions underlying presently prevailing belief. In physical science, solutions to such paradoxes occur in the form of discovery of a validatable new universal physical principle. In art, as the radical discoveries in perspective, by Leonardo da Vinci, or the development of the well-tempered system of polyphony, by Johann Sebastian Bach, typify this, the notion of validatable Classical principle, is fully congruent with the notion of validatable universal physical principle in science»

Larouche – Economia política: ligar os pontos vs visão hipergeométrica.

«*This opposition came entirely from the far-flung financier oligarchy of Sixteenth- and Seventeenth-Century Venice. It was these Venetians, the same financial predators who had orchestrated the hundred years of warfare leading into what became known as the Fourteenth-Century European "New Dark Age," who created what became known as the Eighteenth-Century British model of politicaleconomy. Their method in science, politics, and morals, that of Galileo and his student Thomas Hobbes, John Locke, Bernard Mandeville, Adam Smith, and Jeremy Bentham, simply "connected the dots." Their system interpreted everything in political economy from the same standpoint of the system of double-entry bookkeeping which had been invented by the most notorious of such Venetian assets as the notorious "Lombard" banking house of Bardi. As the economic dogmas of Mandeville, France's Dr. François Quesnay, and Adam Smith show, these empiricists never considered any active physical principle as the cause of the pattern of behavior of their "dots"; each and all of these wildly superstitious, oligarchical lackeys--these virtual "Leporellos," assumed that there existed some magical principle, which caused the dots themselves to interact mechanically, and always to such an effect, to bring about the best result through a very large number of unfathomably mysterious, but purely mechanical interactions among these dots themselves. That, as every one among today's rare, competently educated secondary school graduates knows, is the history of the birth of the controversy between what became known as the American System of political-economy, and its leading enemy, the British "free trade" model which Professor Milton Friedman, Friedrich von Hayek, and John von Neumann, each and all reduced to the absurdity of random mechanical interactions among mere "dots in themselves"… Physical economy: man and nature… These calendars and related navigational systems avoided the error of assuming that there existed some direct, mechanical sort of "action at a distance" relationship among the "dots" in the sky. The early long-cycle calendars measured the angular displacement among the apparent movements of the dots, not what empiricists, such as Galileo, have crudely, and wrongly presumed to be a factor of pairwise distance between the intervals of observed movement of the dots themselves. The successive work of Kepler, Huyghens, Leibniz, Gauss, and Riemann, has confirmed that the system of Solar orbits is of the Kepler-Gauss, or so-called hypergeometric form of curvature… The study of such principles operating at those extremes, is the standpoint of reference for the literate use of the term "universal laws" in all fields of inquiry. There are four classes of observed effects, which taken together, form the evidentiary basis for all notions of objective, experimental scientific inquiry. These four classes of effects, and their adducible correlations, provide the foundations for all competent policies of science education in secondary and higher education today. One of these, is experienced, as I have just emphasized, on the scale of astrophysics. A second, is experienced on the scale of microphysics. A third, is the clinical evidence of a qualitative, categorical difference, between living and non-living processes, even when*

the contrast is between observed processes composed of what are ostensibly virtually the same chemical materials. The fourth, is the difference between the mind of the human individual and the behavior of the beasts. The issue of the way in which living processes serve as the medium in which the development of cognition has occurred, is the key challenge for all the fundamental issues of modern scientific knowledge. The definition of modern science, should be restricted to the study of the validatable discovery of those principles, which are equally valid in each of all four of these domains of observation. Principles which meet that qualification, are justly defined as validated universal principles of science and Classical artistic composition… The notion of Reason which I have just described, appears in a significant approximation in even pagan Greek Classical thought, as Plato, and followers of Plato such as Eratosthenes, best exemplify this. It appears as the notion of the universe as founded, not in fixed forms of matter, but, rather, in a permanent principle of change, as Plato and other writers attribute such a notion to Heracleitus. Plato states his argument for Heracleitus' principle, in the form of an ontological paradox, in his own ***Parmenides.*** *This permanent principle of change, has nothing to do with the mystical charlatanry of G.W.F. Hegel. This is the principle of axiomatically non-linear change referenced by Plato, and in Leibniz's notion of a monadology*»

LISTA de termos interessantes.

Bandos de vadios

Charlatães

Embusteiros

Patifes

Maltrapilhos

Vagabundos itinerantes

Velhacos

Burlões

Batoteiros

Malandros

Aldrabões

Gente que vive à conta da credulidade alheia

Adivinhos, quiromantes, necromantes, curandeiros

Ocultistas

Obscurantistas

Padres simoníacos

Falsários

Farsantes

Vendedores de indulgências

Provocadores

Predadores

Rapinadores

Anjos exterminadores

Banditismo de aldeia

Banditismo medieval

Narciso é dominado por Eros e acaba em Tanatos.

Narciso está fascinado com o seu reflexo no espelho de água. Não consegue desviar os olhos. A imagem no espelho mostra o que a realidade deveria ser e, claro, substitui o real, que decai e fenece. A auto-fascinação tornou-se o mundo. Narciso fica tão encantado que se afoga no seu próprio reflexo. Narciso está dominado por Eros quando se entrega ao reflexo nas águas. Tanatos espera, porque Eros é sempre concomitante com Tanatos.

O Corpo Social

Corpo Social

Totalitarismo / Der Wille zu Macht / A Máquina e o Organismo.

O Corpo Social, um grande organismo integrado com forma parahumana.

O Corpo Social é um zombie sintético e anti-humano.

As células, unidades produtivas.

Corporativismo.

“A Grande Mãe”.

A gestalt do Corpo Social como “Grande Mãe” – O sistema “matriarcal”.

O primeiro twist of lemon – controlo total.

O segundo twist of lemon – Narcisismo, destrutividade e morte.

Um window-dressing infantil para um regime de crime organizado.

Pink Floyd - Mother Lyrics

Corpo Social: Narcissus is totalitarian

O Corpo Social “é” um narcisista.

Working rationalizations do regime totalitário / dívida, infantilização, “protecção”.

Distorção de identidades de género para sociedade de dependentes domesticados.

A falha narcísica / Eros e Tanatos / Hell on Earth.

A falha narcísica / narcisista vê vida como espaço fechado onde se domina ou é dominado.

A falha narcísica / comunicação, entre a maiêutica oficiosa e a explosão histérica.

Mythos para consolidar poder, e.g. “protecção”, “unidade”, “harmonia”.

Colectivismo.

Ambiente controlado, psicológico e físico, para microgestão.

Microgestão de pessoas e relações sociais / social sorting.

O kindergarten.

Arbitrariedade e capricho.

Arbitrariedade e capricho / mindjob para narcisismo.

Irracionalismo, superstição, ignorância / pensamento particularista.

Outro tem de deslocar toda a agressividade para a defesa do narcisista.

Managerial class / cartéis epistemológicos / obscurantismo.

Managerial class, características gerais.

As subcastas no topo da managerial class.

“Eunucos” no topo incorporam o papel do “deus”/“deusa”.

Moldar homens e mulheres para typos do “deus” e da “deusa”.

Corpo Social

Totalitarismo / Der Wille zu Macht / A Máquina e o Organismo.

A mente autoritária/totalitária pretende organizar pessoas como organizaria uma casa. Alguém que arruma um quarto tende a organizar os vários objectos por categorias, espaços, posições. Isto pertence aqui, aquilo é para ali, o outro é encaixado no outro lado. Algumas coisas vão para o caixote do lixo, outras são tiradas de vista e metidas em armários fechados, e por aí fora. Agora, um quarto corresponde a um conjunto de objectos inanimados; coisas sem vida e sem opinião própria. Logo, é tudo muito bem quando aguém opta por arrumar um quarto, mas as coisas complicam-se a partir do momento em que existem personagens que tentam fazer o mesmo tipo de coisa com pessoas. É isso que acontece com a mente autoritária e com a forma mais extrema dessa mente, a mente totalitária. Aí, a ideia é a de "arrumar", organizar, uma sociedade humana da mesma forma que se faria com um quarto.

Der Wille zu Macht / impor vontade oligárquica a cada indivíduo e a cada família. É assumido que os objectos (pessoas) não têm o direito a opinião ou a vontade própria (ou a quaisquer outros direitos), e que podem ser encaixadas, distribuídas, instrumentalizadas, moldadas, adulteradas, de acordo com a vontade suprema do organizador. É a ideia de que um grupo organizado de indivíduos pode tentar impor a sua própria visão organizacional unificada e coerciva a todos os restantes indivíduos. A este exercício chama-se totalitarismo. É um exercício em cupidez, egoísmo (de grupo, porque é sempre feito por um bando, uma vanguarda) e, claro, em usurpação e crime. Visa super-impor uma visão organizacional específica à sociedade, em preterimento da vontade soberana de cada indivíduo, criado igual e único, dotado de direitos inalienáveis; direitos que ninguém lhe pode legitimamente negar. Como este tipo de regime é aberta e assumidamente ilegítimo, o que acontece é que usurpa os direitos do indivíduo, nega-os, e impõe a vontade para o poder, a der Wille zu Macht, por todas as formas de acção criminosa, com manipulação, coerção, agressão e por aí fora.

Totalitarismo é sempre baseado em crime organizado, terror, autoritarismo.

Desumanização e bestialização são a norma, não a excepção. Totalitarismo é um exercício em arrumação e organização da sociedade humana. É claro que se baseia sempre no reino de terror, para destruir a velha estrutura da sociedade e impor a vontade específica dos indivíduos governantes sobre todos os restantes, e o seu modus operandi baseia-se sempre em gangsterismo político, exploração ilimitada do público, campos de trabalho forçado, genocídio. A economia é invariavelmente destruída e há sempre um retrocesso civilizacional a todos os níveis. Existe sempre a boot stamping on the human face forever. O ambiente psicossociológico é tornado num pântano de brutalização e desumanização. O ser humano é sempre tratado como algo mais baixo que um animal e, em todas as instâncias em que isso é possível, é reduzido a esse nível. Isso, claro, é feito por pessoas elas próprias bestializadas, animalescas. O regime totalitário é sempre baseado no uso das classes criminosas para conter e suprimir o resto do público.

Reino de terror tem sempre um PR spin, "utopia" (**vs.** "eutopia").

(E, “fins justificam os meios” – **wrong**, isso **nunca** é verdade). Mas tudo isto, todo este reino de crime e terror, tem uma teoria de relações públicas, um esquema conceptual que visa racionalizar as acções do regime como actos pragmáticos essenciais para a obtenção de utopia, o putativo paraíso terrestre. Se isto fosse um exercício honesto, o termo usado seria *eutopia*, “bom lugar”, e não *utopia*, “lugar vazio”, “nada”, “the void”, i.e. um sítio puramente imaginário e inexistente que é usado para criar fábulas de encantar. Existem muitos prerequisitos para chegar a esta terra de Oz, e uma delas é a total e completa tiranização de tudo e de todos, por um sistema total, extremo, integrado, que tudo abarca, tudo regula, tudo policia.

Matemática vs Biologia, i.e. Máquina Social vs. Organismo Social. Isto é o domínio dos contadores de histórias de feira, portanto existem sempre imagens ilustrativas. A primeira imagem mais importante é a da Máquina Social, e a Máquina é algo que é criado com exactidão, por peritos, usando Matemática; tecnocracia extrema. Só que matemática é algo de complicado para a maior parte das pessoas, incluíndo aquelas nestes circuitos, e a biologia oferece imagens mais fácil e intuitiva. Portanto, salta-se de matemática para biologia e obtém-se o Corpo Social.

O Corpo Social, um grande organismo integrado com forma parahumana.

Cérebro, órgãos, tecidos sociais, células/unidades produtivas, sistema circulatório, etc. A sociedade totalitária é conceptualizada como um enorme organismo, uma espécie de criatura parahumana, e este organismo tem de ser plenamente integrado para funcionar como *um*, sob a direcção da oligarquia no topo, no cérebro. Um corpo está organizado em órgãos, sistemas e subsistemas funcionais, tecidos especializados, e esses tecidos são compostos de células. Os indivíduos são células e têm de ser especializados para trabalhar “harmoniosamente” com o resto do organismo (i.e. são entidades regimentadas e sem vontade própria / unidades que produzem trabalho e energia). As células que se portam mal são, claro, cancro, e têm de ser mortas pelo sistema imunitário, e isso é a polícia, os militares, os gangsters locais e por aí fora (na verdade, é tudo o mesmo outfit, sob totalitarismo). Existe um sistema circulatório, com sangue e linfa, e isto é latamente traduzível por crédito, comunicações, energia, etc., aquilo que faz o sistema operar. É claro que o mecanismo circulatório que sustém realmente o corpo social é a transmissão, retransmissão, circulação de *poder*.

Funcionamento “harmonioso”, i.e. totalitário. É esperado que todo o organismo funcione de modo “harmonioso”, i.e. integrado e interdependente, onde nenhum tecido dá um passo sem interacção com os restantes e sem a ordem do sistema nervoso, que gere toda a operação.

O sistema nervoso / decision-making / intelligence. O sistema nervoso é distribuído do encéfalo às várias terminações nervosas ao longo de todos os sistemas especializados e tecidos. Em si, o encéfalo contém a única parte consciente de todo o organismo e isto, claro, são as castas de “topo” com professores, consultores, paraintelectuais, psiquiatras, e por aí fora (um conjunto bastante apocalíptico de personagens), que operam os níveis superiores de *intelligence* e

decision-making (as duas são sempre valências integradas e concomitantes), para o corpo sociedade. Todas as restantes componentes respondem a uma ou outra forma de automatização: recebem e transmitem ordens, captam informação, retransmitem-na para os níveis superiores. Toda a aparência do sistema é algo como uma rede fluida e ubíqua, pela qual o organismo social mantém controlo e coordenação sobre si mesmo. Tenhamos sempre em atenção que aqui se fala de regimes criminosos. Estas coisas tão "harmoniosas", quase poéticas, servem para expressar os tipos mais extremos de banditismo. O "sistema nervoso" quase perfeito é aquilo que a Stasi tinha, na Alemanha de Leste. Eventualmente, todo o sistema nervoso, no corpo social, é suposto ser uma valência de *intelligence*. Esta função não tem nada a ver com a visão hollywoodesca sobre espiões, agentes russas e por aí fora; da mesma forma, não é uma função adstrita a firmas especializadas em gestão de informação. Num organismo totalitário (ou sequer medianamente autoritário), *intelligence* existe para agregar e incluir todas as valências orgânicas devotadas à recolha, transmissão e gestão de informação, relativa ao funcionamento do organismo total. É claro que todo o aparato é comandado a partir de valências modulares e de funções integrativas no encéfalo, e isto são fusion centers e afins.

O Corpo Social é um zombie sintético e anti-humano. É claro que que este corpo social é, na prática, um *zombie* sintético. Como Herbert Spencer fazia notar, é algo que se forma de modo inteiramente sintético, de modo comparável ao que aconteceria se fosse possível combinar colónias protozoárias ou bacterianas num único todo integrado, para criar algo aparentado, em forma, com um organismo humano. O que haveria seria uma má imitação, um *golem* sintético, uma espécie de abominação morta-viva. Uma Besta, na verdade. Esse golem seria comandado de forma arbitrária pelas colónias de eunucos de topo que residem no encéfalo superior.

As células, unidades produtivas.

As células produzem energia e trabalho. Aqui, cada célula é uma unidade produtiva, uma fonte de energia e de trabalho, que está organizada no seu respectivo tecido social, económico, político, etc.

Utilitarismo / especialização / mind your place / obscurantismo. Como toda a sociedade está organizada sob diferentes segmentos utilitários e especializados, o mesmo acontece para as pessoas, o que significa, mind your place; cada macaco no seu galho. Isto funciona a todos os níveis e o mais óbvio é, claro, o da repressão política. Mas está sempre associado a uma lógica platonista de divisão do trabalho por slots obscurantistas e bestializadas, onde cada pessoa recebe apenas o grau de conhecimento e de formação (por oposição a educação) que é necessário para cumprir a função orgânica para a qual foi seleccionada; e onde as pessoas são mantidas num estado de ignorância, iliteracia funcional, veneração supersticiosa dos seus superiores.O grau de

instrumentalização e de inumanidade que é imposto a este tipo de sociedade implica que todos têm de ser despersonalizados, tornados denizens mornos e insípidos.

Criminalidade organizada sobre a população. Isto é um sistema de despotismo absoluto, o que significa que toda a gente é regulada e policiada em tudo o que faz; com efeito é, por definição, um sistema criminoso.

Corporativismo.

Corpo Social = Corpore, e daqui vem **Corporativismo**.

A sociedade orgânica, i.e. totalitária, onde tudo é controlado, gerido, organizado. O corpo social é aquilo a que se chama *corpore*, e daqui vem o conceito de Corporativismo; a sociedade orgânica, totalmente organizada, autoritária, hierarquizada, regimentada por órgãos de poder, tecidos sociais, tecidos económicos, sistemas produtivos, centros executivos de decisão, unidades produtivas, e por aí fora – biologia. Aqui, toda a sociedade tem de trabalhar em conjunto, o que significa que tudo é abarcado por um aparato integrativo, o próprio aparato sistémico totalitário, que assegura o trabalho conjunto e harmonioso entre os diferentes sistemas orgânicos num único sistema corporativo, o Corpo Social.

Socialismo, Tecnocracia, Nazismo, Comunismo, Fascismo (**all the same, Corporativismo**). Esta é a teoria e prática de Socialismo, Comunismo, Tecnocracia, Nazismo, Fascismo; é tudo a mesma coisa, variando apenas em pormenores de detalhe. Mesmo as formas actuais de tecnocracia são biológicas, sob matemática relativista aplicada ao funcionamento complexo de sistemas orgânicos.

Fascismo é o termo mais apropriado para tudo isto.

Fascii e subfascii / soviete / comunidade / etc.

O colectivo integrado, o fascii, formado à esquerda e à direita para ser jogado ao fogo. O termo mais apropriado para todas estas coisas é, na verdade, aquele que foi mais desacreditado e mal usado ao longo das décadas (porque é que terá sido) e isso é, Fascismo. Como foi dito, todas as divisões orgânicas estão unidas, *atadas* entre si, naquilo que configura um grande e gigantesco feixe social, e essa é a definição de *fascii*. Por sua vez, cada divisão orgânica é, em si mesma, um *sub-fascio*, algo que organiza, regula e regimenta todas as entidades e todas as pessoas sob a sua alçada. É claro que também se poderia usar o termo *soviete*, ou o termo *comunidade*, que significam a mesma exacta coisa; são sinónimos funcionais de *fascii*. Cada *fascio* individual (*soviete, unidade comunitária*) é, desta forma, presa e harmonizada com os restantes *fascii* (*sovietes, unidades comunitárias*), naquilo que é a totalidade do estado corporativo (o estado fascista, soviético, comunitário, etc.) Porém, *fascii* é definitivamente o termo mais apropriado, já que captura a essência exacta do que é pretendido aqui. O feixe é aquilo que existe à esquerda e à

direita, onde as pessoas de mau carácter e as pessoas de fraca vontade são atadas e amarradas entre si, para serem cortadas e jogadas ao fogo; ou, quando possível, para serem libertadas e tornadas individuais novamente; como foi dito pelo próprio filho de Deus. Nada funciona por mero acaso.

"A Grande Mãe".

A gestalt do Corpo Social como "Grande Mãe" – O sistema "matriarcal".

Um sistema matriarcal **NÃO** é um sistema governado por mulheres.

É o regime autoritário/totalitário, e usa o PR spin "feminino" para categorizar o Corpo Social.

A "deusa" é sagrada e a "mãe" dá colo, leite e amor. O erro essencial que é cometido quando se fala de matriarcalismo é a assumpção de que um sistema matriarcal é um sistema governado por mulheres, as mães da comunidade ou algo neste tipo de linha. Uma coisa não tem nada a ver com a outra. Aquilo que caracteriza uma sociedade matriarcal é apenas o facto de estar elaborada à volta da gestalt específica da "deusa-mãe". Uma *gestalt* funciona sempre como um grande conjunto conceptual organizado, uma forma abstracta de ideias e de preceitos axiomáticos. Isto significa que a sociedade é organizada para ser um grande Corpo Social, mas também que esse corpo sintético recebe um spin muito habilidoso de relações públicas; para ser considerado uma *mulher* e, mais que isso, uma *deusa* e uma *mãe*. Uma deusa é algo de sagrado, algo que dança no Olimpo, no meio de toda a ambrósia e das várias nuvens de algodão. E é uma mãe. Uma mãe não faria mal a ninguém, certo? Uma mãe amamenta e protege as suas crias. Dá-lhes colinho. Uma mãe cheira bem. Uma mãe tem seios plenos de bom leite. Ou seja, pegou-se neste corpo sintético radicado em crime, e deu-se-lhe, mais que uma cara humana, uma cara maternal.

O primeiro twist of lemon – controlo total.

Segundo nível de entendimento da imagem.

A mãe tem controlo absoluto sobre os filhos / a baseline "poética" para o estado totalitário. Mas é claro que existem mais implicações a esta imagem, o twist of lemon por cima do leite doce. A

mãe tem controlo absoluto sobre os filhos. Educa-os, molda-os à sua preferência. Decide o que fazem, quando fazem, o que comem, o que lêem, o que vestem, etc. – etc. Quando é preciso, bate-lhes. E esta é uma boa baseline imagética para o estado totalitário. Isto é uma espécie de segundo nível de entendimento da ideia da deusa-sociedade, e este segundo nível é dado aos vários consultores, burocratas, fanáticos, comissários, que operam os níveis intermédios do sistema. É uma visão que torna escravatura em algo de poético, como tudo o resto na ideia do Corpo Social.

O segundo twist of lemon – Narcisismo, destrutividade e morte.

Terceiro nível de entendimento da imagem, liquor, prozac, narcissism, suicide, murder.

O e.g. ilustrativo da mãe que entra numa espiral auto e hetero destrutiva. Agora, conceba-se uma mãe que se encharca em pop culture e prozac e perde completamente a noção da realidade. Entra num estado psicótico, onde toda a noção de real, de certo e errado, de coerente e incoerente, se torna fluida e difusa. Começa a envolver-se em drogas e álcool. Estoura o dinheiro na conta com compras e jogo e depois engana o marido, a família, o patrão, os vizinhos, para obter mais dinheiro. Torna-se uma mentirosa compulsiva. Torna-se inacreditavelmente manipulativa. Destrói a relação com o companheiro, forçando-o a sair de casa. Vai ter sexo com homens que encontra ao calhas na rua, fazendo-o em frente aos filhos. Tenta afogar um dos filhos na banheira, mas ele consegue fugir e, portanto, embebeda-se e cai redonda no chão até ao dia seguinte. Sobe ao telhado da casa com os filhos pequenos e começa a retalhar-se com uma lâmina, e aos próprios filhos, perante o olhar atónito dos vizinhos. Antes de a polícia chegar, a mãe já se meteu no carro, com os filhos no banco de trás, conduz a 130 em zonas de 40, e acaba por se atirar, de propósito, por uma ponte abaixo, com o carro a cair 50m de altitude antes de acabar no fundo das águas geladas do rio. Este momento, na sua mente momentaneamente desarranjada, é uma poética declaração de justiça existencial. Este exemplo ilustrativo é uma colectânea de casos reais, sempre com mães, sempre à volta de jogos psiquiátricos, e isto passa sempre por drogas psicotrópicas, entre outros.

As duas fases essenciais: 1) mãe perde a cabeça 2) entra em espiral de destruição.

1) O sistema totalitário é narcísico e destrutivo.

2) Tem um self-destruct clock embebido em si mesmo. O exemplo ilustra duas fases da figura maternal. Numa primeira fase, a mãe perde a cabeça para ganhar uma disfunção psicótica. A partir daí, passa a assumir um registo narcísico (me me me). Este registo leva a uma interminável saga de destruição, sobre o self e sobre os outros em redor. Culmina em literal suicídio, e esse acto de suicídio é também o acto de assassinato dos próprios filhos. Tudo isto é vital para a conceptualização da "grande mãe" totalitária, e faz parte, embora de forma mais ou menos indirecta, mais ou menos obscura, dos mitos justificativos que são dados às classes de serventes

do sistema. O Corpo Social é um sistema narcísico e destrutivo. É caprichoso, arbitrário e totalitário. Tudo absorve, tudo consome, tudo destrói para preenchimento próprio. A sociedade totalitária não é (by design!) alguma forma de sociedade estática, onde haja algum estado perpétuo e auto-sustido de "harmonia totalitária", ou qualquer coisa que o valha. Bem pelo contrário, existe um self-destruct clock.

Serve para absorver, devastar, controlar em nome dos donos / pessoas muito ricas e poderosas.

Depois, é implodido numa orgia de sangue e destruição.

Sociopatas pequenos são dispensáveis, após terem cumprido o seu trabalho. A sociedade totalitária serve como um buraco negro narcísico que absorve tudo em redor, em prol de alguém, após o que se auto-destrói e leva tudo em redor atrás. *Em prol de alguém*, e quem é este alguém? Os proprietários do sistema, that's who. Indivíduos, grupos e famílias que são extraordinariamente ricos e poderosos e montam este tipo de sistemas para roubar (literalmente) tudo o que haja de valor num território, mantê-lo sob controlo; e, quando o sistema em si se torna obsoleto, incómodo até, é implodido, numa orgia de sangue e destruição. Nenhum sociopata que se preze gosta de preservar outros sociopatas por perto, mesmo quando são subalternos, a não ser que isso seja estritamente necessário.

Um window-dressing infantil para um regime de crime organizado. Uma vez mais, nada disto tem a ver com papéis de género ou outras coisas que o valham. Isso é o window-dressing para certos tipos de fábulas narrativas que são dadas às classes inferiores de serventes. Quanto muito, para antropomorfizar isto, é preciso recorrer ao papel social que vai ser mencionado mais à frente, e esse é o da classe sociopática no topo da managerial class.

Pink Floyd - Mother Lyrics

A criança insegura que em tudo depende da Mãe; medo de incerteza, medo de agressão, medo de mulheres, medo de achievement, medo de amor, medo de castração, medo da vida. Depois, aquele momento fatídico onde pergunta «*Mother should I build the wall?*», i.e. Mãe, deveria construir uma barreira para com o mundo, e ficar inteiramente dependente de ti?

«*Hush now baby, baby, don't you cry. Mama's gonna make all your nightmares come true. Mama's gonna put all her fears into you. Mama's gonna keep you right here under her wing. She won't let you fly, but she might let you sing. Mama's gonna keep baby cozy and warm. Ooooh baby, ooooh baby, oooooh baby, Of course mama's gonna help build the wall... Hush now baby, baby don't you cry. Mama's gonna check out all your girlfriends for you. Mama won't let anyone dirty get through. Mama's gonna wait up until you get in. Mama will always find out where*

you've been. Mama's gonna keep baby healthy and clean. Ooooh baby, oooh baby, oooh baby, You'll always be baby to me»

E depois é claro que também há aquele momento onde é questionado, «*Mother should I trust the government?*». Aqui a "mother" é o protector máximo, acima do próprio governo, mas é claro que o governo se pode transformar na Mãe, e é claro que é isso que todos os governos tendem a tentar fazer, mais cedo ou mais tarde.

E a canção é largamente sobre isso, quando se estuda o que Roger Waters está realmente a dizer. Quando se substitui "mother" por "governo", obtém-se uma imagem muito claro do que está a ser dito; esta é uma canção sobre governo totalitário. Estás totalmente envolvido pelo e no sistema. Microgestão. Laços humanos são quebrados e geridos. És mantido numa condição infantil, cultivado em medo, insegurança emocional, ensinado a amar e a sentires-te protegido por aqueles que te agridem. «*She won't let you fly, but she might let you sing*». Bem, voa.

Corpo Social: Narcissus is totalitarian

O Corpo Social "é" um narcisista.

Gestalt da "deusa-mãe"/sociedade, modelada no typos narcísico.

Sem relação com o role model caricatural de género, criado por oligarquias doentias. A *gestalt* da deusa-mãe é modelada com base literal na figura, no eidolon, da personalidade caprichosa, da *personalidade narcísica*. Isto é o *typos* de personalidade per se; e não a "mulher caprichosa ou narcísica", que é uma aberração caricatural criada como role model de género por oligarquias doentias. O que é dito com tudo isto é que a sociedade-organismo é, per se, uma pessoa narcísica.

Procurar prazer, fugir de dor (Escola de Frankfurt). O complexo central em narcisismo é esta relação, onde toda a vida da pessoa é centrada na procura de prazer e no evitamento do dor. Na verdade, é preciso ler pessoas como Adorno, Marcuse, Lukacz, e outros, os terroristas culturais da Escola de Frankfurt, trotskyistas pró-nazis, empregados para os banker boys em NY. É daí que vem a maior parte da teoria sobre como criar narcisismo, na pessoa e na sociedade em geral (ler dispersão de notas em ***Engenharia Psicossocial***).

Egocentrismo e autoritarismo. O narcisismo começa por ser definido por egocentrismo. O narcisista vê-se a si mesmo como o centro do universo, e exige que toda a realidade se subordine à sua pessoa; autoritarismo. A sociedade-organismo é uma sociedade autoritária e, como tal, vai exigir que todos os indivíduos se subordinem à sua vontade central.

Working rationalizations do regime totalitário / dívida, infantilização, "protecção".

"Dívida". O narcisista sente a necessidade de controlar e dominar irrestritamente o outro, de o fazer viver para ele. Porém, *racionaliza* o seu egocentrismo autoritário pela categorização ad hoc dos alvos do seu autoritarismo. O alvo do narcisista deve-lhe algo e tem de pagá-lo de volta, e isso implica que está sujeito à arbitrariedade do credor, o narcisista [*e todos os regimes autoritários usam esta premissa essencial, **dívida**. Hoje, com o casamento pleno entre banca e governo, onde um é o outro e vice-versa, isto torna-se a premissa essencial. "Todos me devem e ninguém me paga, portanto vão sofrer"*].

"As crianças são incapazes, precisam de quem olhe por elas". A pessoa é infantil e incapaz, o que significa que precisa de ser tratada de forma autoritária, para o seu próprio crescimento [*o estado autoritário regula o que tu sabes, dizes, aprendes, comes, bebes, etc etc., é um nanny state pedofilíaco*].

"Tenho de te proteger e controlar, para o teu próprio bem". O anterior também significa que precisa de ser protegida e controlada de forma total; caso contrário, fará algo de errado, infligirá danos a si mesma ou a outros [*e hoje tudo isto significa o casamento de "segurança" armada, stormtroopers paramilitares, com "segurança" financeira, derivativos – ambos tornam a sociedade inteiramente insegura*]. Protecção significa sempre agressão. Pessoas normais não querem, nem precisam do tipo de "protecção" que o narcisista tem para oferecer, i.e. controlo total. Portanto, o narcisista tem de *manipular* o outro, frequentemente até a *forçá-lo*, para querer isso [*e isto é, claro, a dinâmica do estado policial – a dialéctica agressão/protecção, onde o estado autoritário vai ensinar as suas crianças a amá-lo e a sentir-se protegidas por ele, enquanto as agride*].

Distorção de identidades de género para sociedade de dependentes domesticados. O narcisista gera uma sociedade de dependentes, pessoas que pode explorar, e usar a seu bel-prazer. O sistema montado sob estes preceitos organiza uma sociedade onde as pessoas são reduzidas ao estatuto de animais domesticados.

Homens e mulheres *reais* são independentes, self-reliant e responsáveis.

São protectores infatigáveis dos seus e das suas comunidades. Um homem real é alguém que é informado, moral, activo, protector dos seus e da sua sociedade, consistente, coerente. Uma

mulher real está precisamente nas mesmas linhas; é alguém que positivamente arranca à dentada a garganta de qualquer predador que tente atacar as crias, e isto não significa apenas os filhos. A mulher é a mãe e é a protectora do agregado familiar e da sociedade em redor. Ambos são pessoas com cabeça própria, self-reliant, independentes.

Tirania precisa de desfigurar as identidades naturais de género, trocá-las por caricaturas. Estes papéis, naturais em todos os seres humanos, são incompatíveis com crime organizado, despotismo, porque lhe resistem, logo é preciso fazer mindjobs às pessoas e dar-lhes identidades artificiais de género, caricaturas daquilo que é suposto *ser*. Caricatura é o melhor termo aqui, já que é mesmo sarcasmo mesquinho que está aqui em causa, e é por isso que o público convertido a estes papéis costuma ser nomeado como gado, animais burros e maleáveis, pelos big boys. Este sistema faz sempre troça dos idiotas úteis, tolos voluntários.

Dependência, superficialidade, desinteresse, irracionalismo, vapidez. Dos homens é esperado que se tornem dependentes, macilentos, obcecados com questões de imagem e respeito social e assim sucessivamente. A autoridade acima manda. É o grupo, a sociedade, a corporação, o estado, quem manda naquilo que são e que fazem. Dependência de campo por oposição a independência de campo. Uma espécie de castratii figurativos que existem para cantar a sinfonia do sistema, em coro. O exercício de instintos masculinos é reduzido a um denominador comum absurdo. O homem pode sê-lo apenas em papéis aberrantes e em situações caricaturais, sob autorização. Pode ser um bully boy (hoje, um gangster ou um stormtrooper) e, aí, ser cultivado para a violência e para a perturbação mental. Pode ir beber cervejas, gabar-se, ir a arenas para vibrar com espectáculos vicariantes. Pode fingir que é viril porque fez estes e aqueles lucros, porque tem este ou aquele carro e dormiu com esta ou aquela mulher. É um homem respeitável se estiver interessado e preocupado apenas com o nonsense que vem de cima. A mulher é igualmente tornada numa caricatura absurda de si mesma. Por um lado, isto significa que vai ser rotinada para emocionalidade excessiva (uma distorção de instinto maternal), por exclusão de racionalidade. Ser racional será apresentado como algo que é masculino, ou não é sexy, ou é reservado a funções específicas, a trabalhar para uma grande organização. Por outras palavras, as mulheres serão rotinadas a ser superficiais e histéricas. Serão igualmente rotinadas a ser ultra dependentes de campo, pessoas que dependem do grupo (família, comunidade, organização, estado, etc.) para tudo. Isto vai significar a criação de dependência extrema de artefactos sociais, com a identidade da pessoa a ser essencialmente definida por marcas de agradabilidade social (e.g. opinião dos pares, o tipo de roupas que se usa, etc.) Serão tornadas desinteressadas do rumo geral, e do destino, da sociedade. Aprenderão a confiar na classe governante, uma classe predatorial.

Tiranos dão sempre *muita* importância ao público feminino.

"Primeiro vem a mente da mulher, depois ela trata da criança, o homem vem a seguir". Agora, este último ponto é bastante importante, dado o poder de influência social das mulheres, que é, no agregado, significativamente maior que o dos homens. Qualquer tirano sabe que, se quer

governar, tem de cativar o apoio de uma parte bastante significativa do público feminino. Como Nero e Hitler observaram, primeiro captura-se as mentes das mulheres, depois elas tratam das crianças e os homens têm, por necessidade, de vir a seguir; caso contrário serão excluídos pelas mulheres. E é claro que a serpente foi falar com Eva, e não com Adão, para obter mudança social no Paraíso. Na prática, a classe governante tirânica sabe que tem de se casar com a maior parte do público feminino, uma espécie de contrato psicológico em massa. Isto vai dar origem a todo o tipo de medidas de excepção. E.g. na Idade Média as mulheres eram tornadas informantes para a paróquia e para o lorde feudal. Na Alemanha Nazi, Hitler criou um programa de subsídios especiais e kindergartens para mães. Na URSS havia toda a xaropada insincera e propagandística sobre igualdade de sexos; todos podiam ser tornados esclavagistas de estado, o que interessava era a ausência total e completa de personalidade própria.

A falha narcísica / Eros e Tanatos / Hell on Earth.

<u>A falha narcísica / insegurança extrema / emoções e opiniões sociais</u>.

<u>Dependência extrema de terceiros / sem aprovação, colapsa</u>. A personalidade narcísica é radicada naquilo a que se chama de *falha narcísica*, e o centro focal disto é insegurança. O narcisista é extraordinariamente inseguro; vive em pavor de não ser bom, capaz, socialmente aceitável o suficiente. A sua vida interna é determinada pelo apego ao seu próprio conforto emocional e à avaliação de terceiros; ambos estão interligados. O conforto emocional advém da (boa) avaliação de terceiros e, quanto melhor esta for, tanto mais serão as probabilidades de que haja a obtenção de um paraíso sintético, uma perpetuação *ad infinitum* de conforto emocional; aí será feliz, será popular, será uma estrela, etc. Logo, o narcisista é *inteiramente dependente* dos terceiros à sua volta; sem a sua aprovação continuada, colapsa no abismo das suas próprias inseguranças.

<u>Governo autoritário inseguro e paranóico / precisa de aquiescência para perdurar</u>. [*E isto é um facto para governo autoritário, uma entidade ilegítima e insegura que apenas existe pela aprovação continuada dos governados. Governo não existe per se; é uma ideia que é convertida para o real por aquiescência colectiva. Para existir, é melhor que seja bom e legítimo. Agora, é claro que tal entidade é incrivelmente paranóica, e é por isso que precisa de guerra psicossocial, exércitos internos, sistemas de informação total e por aí fora*].

<u>Desorganização, caos interno, fraqueza / opacidade, para esconder tudo isso</u>. O grande desafio da personalidade narcísica é o de conseguir obter essa aprovação sem nunca expor a verdadeira profundidade da sua falha narcísica [*o governo autoritário é opaco, obscurantista e vive em pavor de alguma vez ser descoberto que é um enorme flop de incompetência, desorganização, fraqueza, já que aí o público deixaria de ir em cantigas*].

<u>A ficção das múltiplas faces / e.g. dos kool aid cults das 1000 caras</u>. Para isso, são usados dois métodos concomitantes; o narcisista tenderá a apresentar uma ficção de múltiplas faces,

nenhuma das quais é realmente verdadeira e genuína; esse lado não existe, ou melhor, nunca foi consolidado [*no passado, quando governo despótico era indistinto de kool aid cults, como a Babilónia ou o Egipto, isto era chamado o sistema das 1000 caras, as 1000 caras de Ísis e Osíris e por aí fora. Toda a operação de governo é baseada em ficção e em ilusão, e existe uma cara, uma ficção diferente para cada momento e para cada instância*].

<u>Duas faces essenciais, agradabilidade vs. violência</u>.

<u>Face agradável, aparência de virtude, luz interior / mas há sempre give aways</u>.

<u>Visa obter respeito, devoção, afecto, etc</u>. Porém, existem duas fases que são mais ou menos essenciais, grandes umbrellas gerais de personalidades artificiais. Uma é agradável, singela, simpática. É dialogante, vulnerável, ingénua; passará a aparência de virtude e luz interior. Aparenta até ser *demasiado* perfeita e honesta, e os grandes give aways aqui são a passividade e o excesso de ingenuidade, sempre presentes nesta face; virtude real *nunca* é passiva e ninguém é *tão* ingénuo como esta face. Esta é a face pela qual o terceiro é convidado a gostar do narcisista, a estabelecer laços de dependência para com ele, a deixar-se envolver por esses laços. O narcisista *precisa* desse envolvimento, alimenta-se disso. E, claro *precisa* também do que vem a seguir: demonstrações de afecto, respeito, devoção, etc.

<u>Governo autoritário gostaria de se vender a si mesmo como sendo a Heidi nos Alpes</u>. [*Governo autoritário tem sempre de organizar campanhas psicossociais ininterruptas para obter a aprovação ou, no mínimo, a apatia do público. Precisa de vender a sua virtude, as suas boas intenções, o seu amor pelas criancinhas, a sua placidez e ingenuidade. Não há nada que um governo autoritário goste mais do que apresentar-se como Heidi dos Cabelos Ruivos, aos saltinhos pelas montanhas. É claro que Heidi aqui é um pedófilo gordo de meia idade, com uma peruca ruiva e um cachecol cor de rosa. Nas séries e nos filmes, as várias organizações que exercem poder sobre o público vão tender a ser apresentadas como espaços de inovação, juventude, candura, profissionalismo em prol do público. Estas organizações compõem uma forma de "team nation", ou algo para este efeito. E depois é claro que as autoridades vão fazer como a máfia italiana, i.e. vão montar elaborados espectáculos comunitários onde toda a gente vai lamber-lhes os pés e dizer-lhes o quão virtuosos são. Isto é normalmente feito com actores e provocadores, para as câmaras, mas o governo autoritário pleno quer sempre estar ao nível da URSS, do Nazismo ou do comunismo chinês, onde as pessoas normais vão realmente fazer estas tristes figuras*].

<u>Face agradável: Eros / paraíso, utopia / unidade, etc</u>. Esta face representa Eros, sedução para o paraíso existencial no aqui e no agora. É o eidolon que promete a obtenção de uma forma de equilíbrio perfeito no aqui e no agora da relação [*unidade, desenvolvimento, comunidade, utopia!*].

<u>Eros é concomitante com Tanatos, a segunda grande face</u>.

Após a promessa de paraíso, vem escravatura, morte e destruição. Eros é concomitante com a segunda grande face, o segundo grande umbrella personalístico, e isto é Tanatos. Tanatos, claro, representa escravatura, morte e destruição. O outro tem de ser seduzido a almejar pelo paraíso terreno no aqui e no agora, no contexto da *relação humana*, como forma de se apegar o suficiente à *relação* para, dessa forma, poder ser escravizado nela. O processo é gradual [*a comunidade podia ser melhor, sem dúvida, mas por agora é aquilo que se pode arranjar. Vai mudar fraldas a idosos e recebe a tua lata de soja GM em troca, os teus pequenos créditos sociais. A utopia ainda está distante!, por causa daqueles terroristas, as pessoas que não gostam do governo*].

O narcisista joga sempre o jogo da corda com o outro; para o atirar para o chão. A personalidade narcísica vai encarar a relação como uma forma de jogo da corda, que só é ganho quando o outro estiver inteiramente no chão; esse é o objectivo do jogo. Isto significa que vai *puxar* o outro para si, e isto significa que vai existir uma alternância entre faces. Tanatos puxa a corda, mas Eros sorri e oferece uma recompensa, por forma a fazer com que o outro *creia* que o jogo é vantajoso para si. O jogo perdura durante um espaço de tempo e, se a personalidade narcísica levar a melhor, o que isto significa é que o outro é gradualmente puxado para fora do seu próprio pólo de independência até estar inteiramente no chão [*a destruição plena de relações humanas, o campo de trabalho forçado, o programa de eutanásia para cortar custos, etc.*]

Tanatos exige abdicação absoluta, no mental e no material. Agora, o outro perdeu toda a sua independência e tornou-se inteiramente dependente deste agressor de duas faces. A face reinante é agora Tanatos. Já não existem prémios. Tanatos exige obediência absoluta e abdicação absoluta do outro em seu nome; o outro tem de perder a sua identidade pessoal [*despersonalização, conversão social*], sentir-se feliz por abdicar das suas posses materiais em nome do narcisista [*austeridade, espartanismo*], e obedecer-lhe por inteiro em tudo [*regimentação, obediência social, disciplina augusta, escravatura, servilismo*].

Narcisista sente-se tanatizado pelo suscesso do outro e obtém Eros pela sua derrota.

Dê-se poder a isto, and hell on earth awaits. Eros e Tanatos também se expressam na própria realidade do narcisista. Antes de chegar ao patamar de domínio, o narcisista sente-se tanatizado pelo que entende como sendo o Eros do outro, pela sua estabilidade e segurança [*que horrível e detestável é ver todos estes escravos com carros, casas, rendimentos, a viver vidas confortáveis, a fazer aquilo que querem, a pensar que têm direitos, a exigirem responsabilidade!*] Depois de chegar ao patamar de domínio, obtém o seu Eros, a sua satisfação, pela tanatização do outro. A uma escala social, isto é sempre manifesto numa forma ou outra de epicurismo sadístico [*dê-se poder irrestrito a isto, e o inferno é lançado sobre a Terra*].

A falha narcísica / narcisista vê vida como espaço fechado onde se domina ou é dominado.

Nunca existe real igualdade, mas pode haver lip service para com a ideia. O narcisista tudo avalia e tudo julga de acordo com critérios de cima/baixo, dominar/ser dominado, servir/ser servido. Nunca existe um equilíbrio, ou um meio termo de sanidade; nunca existe *igualdade*, apesar de poder haver lip service por igualdade [*tens direitos, mas o teu direito essencial é o de não ter direitos*]. É a forma que tem de ultrapassar as suas próprias inseguranças. A sua vida intrapsíquica mais profunda é um caos abismal de medo, temor, insegurança. Aqueles que são mais seguros que a própria pessoa surgem como estando num patamar mais acima [*a odiosa classe média independente, e as odiosas pessoas que passam por entre as gotas da chuva da doutrinação psicossocial*]; um patamar caracterizado pela estabilidade, pelo conforto interior e pela segurança de que a própria pessoa não usufrui; por vezes, são até semi-divinizados [*a mistura doentia de ódio e de admiração que as oligarquias dominantes sentem por quem não lhes faz as vontades*].

Toda a vida é encarada como um sistema fechado entre "ego" e "alter".

Aí, "ego" só obtém poder se "alter" o perder / interdependência, dependência. Como toda a vida é encarada como um sistema fechado entre o "eu" e o "outro" (os terceiros), eu só consigo obter poder pelo desempoderamento do outro [*there can be only one, and I wan-I wan-I wan it to be the mobster government, please please please*]. Eu só consigo ameliorar o meu estado de dependência se o outro também se tornar dependente de mim; ou seja, temos de ser interdependentes.

Eros, promessas e doces, serve para chegar a Tanatos, sujeição petulante. Quando a pessoa é presenteada com demonstrações de afecto, respeito, etc, fá-lo deste ponto de vista, de cima/baixo, mestre/servo [*beija-me os pés e eu atiro-te um doce, i.e. um subsídio, uma isenção, uma concessão*]. Logo, o outro não está a demonstrar bons sentimentos; está a rebaixar-se; o ego narcísico está a assumir controlo sobre o outro. Agora a pessoa deixou de estar na posição servil; sente que assumiu a posição de domínio. Antes, sentia-se rebaixada pela superioridade do outro. Agora, vai fazer uso da sua recém-adquirida superioridade para rebaixar o outro [*o poder irrestrito do regime criminoso é sempre usado de forma extremamente viciosa e destrutiva*]. Aqui, apresenta a segunda face, e esta é uma face triunfante, auto-intitulada, jocosa e *vingativa*. Esta face vai exigir o rebaixamento do outro e que o outro aceite a sua "dependência" e "subsidariedade". Vai exigir adulação, tributos, luxo; nos domínios emocional e/ou material [*e tudo isto sintetiza o regime criminoso*].

A falha narcísica / comunicação, entre a maiêutica oficiosa e a explosão histérica.

Narcisista: comunicação entre dissimulação, subentendido e a explosão histérica. O narcisista tem uma abordagem histérica à comunicação. Quando se zanga, quando fica frustrado, explode e faz explodir o mundo em redor com ele. Mas, na maior parte do tempo, limita-se a tentar manipular o outro, de uma forma que é, em essência, passivo-agressiva; dissimulação,

subentendidos e por aí fora. Nunca existe um straight deal, um pedido directo e honesto. O outro tem de conhecer as regras do jogo (mesmo que não as conheça; ou, especialmente *quando não as conhece*, já que isso faz parte do jogo narcísico) e tem de andar por aí meio perdido, a ir continuamente kiss up ao narcisista.

<u>Regime: explosões histéricas / códigos oficiosos / maiêutica / o labirinto sufocante</u>. Isto é reproduzido no sistema geral. Quando a ideia é intimidar e causar pânico, são enviados stormtroopers, bully boys, torturadores, comissários, etc. Mas, na maior parte do tempo, existe uma orientação maiêutica dos cidadãos. Os cidadãos não *conhecem* oficialmente as regras porque, regra geral, as coisas não acontecem por regras oficializadas. Existe o código oficial, que é irrelevante, e o código oficioso, que é conhecido por pistas, por dicas, por chicanaria, através de gincanas comunicacionais e outras coisas deste género. Dicas, pistas, guiar através de elementos: you go mouse. E, sem dúvida que a sociedade inteira é transformada no tipo de labirinto sufocante que Kafka representava nos seus livros.

Mythos para consolidar poder, e.g. "protecção", "unidade", "harmonia".

<u>Narcisista cria sempre um mythos psicológico, self-serving, para relação</u>.

<u>Narcisista tende a crer nas suas próprias narrativas / racionalizar unilateralismo</u>.

<u>Limitação grave em empatia, consciência moral (e.g. por trauma, psicotrópicos)</u>.

<u>Em governo, isto expressa ausência de consciência, megalomania, hubris</u>. O narcisista cria sempre um mythos psicológico sobre o qual a relação assenta. Por ex., que existe amor mútuo, devoção, protecção, conforto. Sacrifícios têm de ser feitos no presente para assegurar um futuro melhor, na e para a relação. O futuro melhor surgirá, desde que os sacrifícios sejam feitos. Esta é, consequentemente, uma realidade paralela mitológica, na qual o narcisista procura colocar o outro, de forma a conseguir controlá-lo. Esta realidade é assente em falsidade e artifícios; mentiras. Isto não quer dizer que o narcisista não *acredite* nelas; embora seja nonsense puro, é bem possível que o narcisista acredite genuinamente no mythos que criou. O narcisista não é necessariamente um psicopata. As suas narrativas tendem a ser *mais ou menos sinceras*, embora sirvam sempre para racionalizar e justificar os seus rumos de acção, algo que acontece mais ou menos by default [*Em seres humanos, isto expressa uma limitação grave em termos do funcionamento cerebral para funções como empatia e consciência moral, tipicamente provocáveis pela indução calculada de trauma ou pela exposição a certos químicos, como psicotrópicos. Em termos de governo, o que isto expressa é a ausência de consciência e de empatia, associada a megalomania, corrupção, hubris*].

<u>Mitos essenciais, coisas como "protecção", "conciliação", "amor"</u>. De resto, faz sentido mencionar que os mythos essenciais costumam andar à volta de memes como "protecção" (*i.e.*

controlo irrestrito e escravatura), "unidade" (*regimentação, colectivização*), "conciliação" (*fusão de tudo no mesmo sistema para controlo absoluto, i.e. fascismo, comunismo, socialismo*), "harmonia" (conformidade compulsiva sob autoritarismo coercivo), e até "amor", o regime ama-vos (*e quando as pessoas acreditam nisto, boy are they in for a ride*).

<u>Racionalizações narcísicas são, por norma, nonsense absurdo</u>.

<u>Narcisista precisa de ser travado e de um sério reality check.</u>

<u>Outro tem de tomar iniciativa, deixando de jogar o jogo do narcisista / travá-lo</u>. Como estes rumos de acção tendem a ser benéficos para o ego, em prejuízo do outro, os esquemas de racionalização tendem a soar ofensivos e ridículos, para o outro que é prejudicado. E, sem dúvida que o são, mas é possível que o próprio narcisista esteja tão auto-centrado que não o consiga perceber. O que isto significa é que o narcisista precisa de ser parado, o seu poder retirado, chamado à atenção e compelido a mudar numa direcção moral. O problema é que o outro tende a não compreender que toda a relação é *de facto* uma fraude e, mais que isso, que o narcisista é o elo mais fraco e mais dependente na situação. O único modo realmente consequente pelo qual preserva e assevera o seu domínio é pelo controlo psicológico do outro. Quando o outro resolver tornar-se independente, toda a relação colapsa, e o narcisista colapsa com ela. A tradução de todos estes princípios para questões de governo e de sociedade são auto-evidentes, especialmente a parte em que o sistema colapsa quando as pessoas lhe retiram apoio, confiança e, especialmente, toda e qualquer forma de colaboração. O sistema só existe e persevera porque as pessoas lhe fazem a vontade e abdicam de ser indivíduos self-reliant e independentes.

Colectivismo.

<u>Envolvência no colectivo, conformidade</u>. Colectivismo é essencial para isto. O indivíduo tem de estar envolvido por pessoas de todos os lados; a massa, o grupo de pares. Essa envolvência tem de preenchê-lo; tem de abdicar de personalidade, individualidade, em nome de relação social, conformidade com o grupo.

<u>Relações vazias, utilitárias / falsidade, ausência de solidariedade</u>. Talvez nunca lhe falte companhia física, mas as relações humanas serão essencialmente vazias e utilitárias; e certamente ninguém deve fiar-se em solidariedade dos seus pares, na proverbial situação when the big boys come for you. É suposto que o indivíduo seja deixado inteiramente sozinho, face a face com o estado totalitário; sem clã, família, ou amigos para se interporem no caminho. É assim que o narcisista faz as coisas, é uma aranha que precisa de ter a presa isolada na teia.

<u>Colectivização e atomização, simultâneas</u>. Logo, existe colectivização, simultânea com atomização. O indivíduo está colectivizado, mas atomizado na massa.

Moralidade sintética e socializada. Recebe uma forma sintética e socializada de moralidade, onde o superego é uma mistura especiosa e irracionalista entre as pulsões emocionais e a "voz da aldeia", i.e., a "comunidade", o "social". O mote que resulta de tudo isto é algo como, "eu faço tudo o que quero, desde que seja autorizado pelo grupo, pela sociedade". Numa sociedade criminosa, isto significa uma forma de licenciamento para narcisismo e crime, dentro dos parâmetros que são autorizados. E é claro que pessoas com princípios são sempre caçadas, em sociedades criminosas.

Autoritarismo epistemológico, follow the leader também aqui / reforço mútuo. De cima vem a visão autorizada da realidade; a sociedade é tão autoritária no domínio epistemológico como em todos os restantes. Essa visão é depois reforçada pelos pares. Todos têm de acreditar no mesmo, embora possa haver (haja) variância por diferentes segmentos e grupos sociais, custom-made para diferentes tipos de personalidade e para diferentes áreas ocupacionais.

Policiamento, informantes de vão de escada, crianças recrutadas, a trash society. É esperado que todos se controlem mutuamente, que todos vigiem aquilo que todos os outros dizem e fazem; a trash society. Até as crianças são treinadas a pregar essa partida aos pais. Ou seja, envolvimento total na grande máquina social maternalística, no grande seio que dá o leite, a realidade, a "protecção" (inexistente) e, claro, a agressão.

Ambiente controlado, psicológico e físico, para microgestão.

Ambiente controlado, para microgestão. Depois, também tem de haver controlo do ambiente físico do outro; o narcisista tem de colocar a sua vítima num ambiente controlado, onde controla tudo o que seja feito pelo outro (regulações, policiamento, microgestão, etc.)

O ambiente físico não é tanto físico, per se, como psicológico / relacional. É aí que está o locus da vida do narcisista. O narcisista entende todo o mundo em função de *relação* humana. É nas crenças que subjazem à, e mantêm a relação que o domínio é colocado. Logo, o outro *até pode* ser colocado num ambiente físico controlado, mas isso é lateral, acessório e, em ocasiões, dispensável.

É sobre o campo psicológico que o *real* controlo é exercido. A principal esfera de acção é sempre o campo psicológico e é aí que o domínio tem de ser exercido. Uma prisão pode ser montada sem muros nem torres, ou sequer guardas, desde que os prisioneiros, a) não queiram fugir ou b) acreditem genuinamente que não é possível fugir, portanto nem sequer tentem.

"If I say I can fly, and you and I both believe it, then I can fly!"

Controlo sobre realidade física é sempre menos importante que o psicológico. Na versão mais extrema deste tipo de sistema, tentará ser dito que o sistema tem, de facto, controlo absoluto sobre a realidade; e de que os seus fiduciários, os guardiães, têm controlo absoluto sobre o

sistema e sobre a própria realidade. A ideia é aquele momento em 1984 onde O'Brien diz, "se todos dermos um abraço de grupo e dissermos que eu posso voar, e todos acreditarmos nisso com muita força, então eu posso voar!". Porque tudo o que aqui interessa é aquilo em que as pessoas acreditam, não a realidade material. A visão da realidade é um projecto de grupo, como sempre aconteceu com este tipo de regimes. Isto não quer dizer que a oligarquia governante não tente efectivamente, controlar a realidade física em si, sob controlo genético, climático, geoengenharia, etc (no mínimo, tentarão teatralizar esse controlo). Mas o poder *real* sobre o qual o sistema se alicerça é e será sempre o poder da crença humana. As pessoas precisam de ser dissolutas o suficiente para fazer a vontade ao sistema.

Microgestão de pessoas e relações sociais / social sorting.

O narcisista é sempre muito impertinente, intrometido e deselegante.

"Dar-se com pessoas certas, nas alturas apropriados, em moldes adequados". Como a relação é tudo o que conta, o tipo de laços que é possível atar à volta dos indivíduos para os prender, todas as relações sociais têm de ser microgeridas. O sujeito dá-se com as pessoas *certas*, nos moldes *adequados*, nas alturas *apropriadas* da sua vida.

Profiling extensivo de todos os cidadãos / social sorting.

Social sorting é uma prática Nazi e terá os mesmos resultados. Como o narcisista é incrivelmente controleiro e intrometido, *tudo* e *todos* têm de ser abrangidos, regulados, controlados, geridos, normativizados, policiados, sob um exercício irrestrito de poder, para obter integração total, síntese universal, sob este sistema besta, o sistema despótico organizado. Aí, os cidadãos são submetidos a uma litania interminável de instâncias onde são filed, stamped, indexed, briefed, debriefed or numbered. Uma das implicações disto para os dias de hoje, é que todos são profiled, por perfis psicológicos diferenciais, por classes, grupos, etc. Todos são testados por variáveis cognitivas, conativas e comportamentais, agrupados em mónadas sociais de acordo com os resultados. Tudo isto funciona para fins de social sorting, i.e. micromanaged placement de sujeitos por posições profissionais, sociais, relacionais. Isto é aquilo a que os nazis chamavam pura e simplesmente *selecção*. Nesses tempos, os que tinham piores cut scores em tudo isto iam parar a Birkenau ou talvez até Treblinka. Hoje, tudo isso voltará, porque é precisamente para esse efeito que este tipo de sistemas são montados.

O kindergarten.

A criança dependente, insegura, supervisionada, gerida. O indivíduo tem de ser uma criança perpétua e a sociedade tem de ter a *aparência* de um kindergarten. A criança é socialmente dependente, tímida, temerosa, insegura, irresponsável pelo seu próprio destino. Está num

ambiente supervisionado e "protegido". Pensa por princípios de imaginação dialéctica, i.e pensa com as emoções e em função da opinião social.

Os trabalhadores e os bully boys do pátio. Este kindergarten é um espaço onde as crianças correm de um lado para o outro (trabalho forçado), enquanto "os adultos", distantes e superiores, supervisionam todo o processo. Toda a actividade no kindergarten é colectiva, já que as crianças são ordenadas a fazer tudo em conjunto. São mantidas ignorantes e desindividuadas, para que nunca venham a tornar-se um problema para os "crescidos". Estes "crescidos", ou "adultos", não o são na verdade. São os bully boys do pátio. Espancaram uma série de miúdos, prenderam outros na arrecadação, e exibem-se pelo pátio, com paus e correntes, para bater nos miúdos que se "portem mal". Os miúdos são de vários géneros. Muitos deles tentam simplesmente passar por entre as gotas da chuva e tornam-se tímidos e apáticos. Outros são oportunistas, e passam o tempo a lamber as mãos dos bully boys. Outros têm carácter e são espancados e presos na arrecadação. Os miúdos que estão sempre sozinhos têm de ser integrados, e isso acontece por agressão, um sistema introduzido pelos bully boys. Esses miúdos são atacados, agredidos e, eventualmente, podem optar por beijar a mão do bully boy e juntar-se ao grupo que está a acartar terra naquele canto.

Bully boys dividem-se entre rufias e managerial bullies. Os bully boys tentam montar uma fachada pretensiosa de distância e superioridade, algo que parece funcionar bem com a maior parte dos miúdos. Alguns deles são mais "calmos". Limitam-se a gerir as coisas e tentam não sujar demasiado as mãos. Para isso existem os menos inteligentes. Estes bully boys mais calmos são em essência a managerial class.

Depois há os big boys, que comem o almoço dos miúdos. É claro que acima de tudo isto, existem os big boys, e estes são aqueles adolescentes de 16 anos que ainda estão na 4º classe e passam o tempo numa sala reservada, a viver à conta dos almoços que os miúdos trazem de casa.

Arbitrariedade e capricho.

O ego narcísico é definido por emoções e relações sociais.

Pensa por critérios sócio/emocionais e o seu mundo gira à volta da satisfação do ego.

Imposição de arbitrariedade moral e capricho ao outro. O mundo interno do narcisista é um de ambiguidade, onde tudo é opaco, arbitrário, incoerente, situacional. Nada é fixo, ou verdadeiro, ou falso. Isto acontece porque toda a sua vida interna revolve à volta de um espaço incoerente e ambíguo, o ego narcísico, definido por emoções e por relações sociais. Pensa com as emoções e por critérios sociais. Aquilo que me é agradável ***e é*** socialmente aceite é bom, justo, verdadeiro, mesmo quando sei que não é nenhuma destas coisas. Este é o princípio de realidade do narcisista. É um sistema de pensamento self-serving, visando maximização de lucro pessoal em adaptação

social. A seguir, o narcisista impõe a sua arbitrariedade e o seu capricho ao outro. Exige do outro que sirva as *necessidades* que lhe surgem deste complexo de realidades internas; mas também lhe exige que pense da mesma forma, à medida que é reduzido e rebaixado.

Arbitrariedade e capricho / mindjob para narcisismo.

Narcisista tentará desfazer vida interior do outro / anular independência, self-reliance.

Emiserar, desconfirmar, devastar, para depois preencher com a sua própria essência.

I.e. dependência, relativismo extremo, bootlicking. O narcisista não fica satisfeito com a mera submissão do outro. Tem de obter a sua mais completa devoção. Isto significa que tem de tirar-lhe toda a independência pessoal, a sua self-reliance. Tem de emiserar a vida interna do outro, desfazê-la, desacreditá-la – desconfirmá-la! – para depois o poder preencher com uma nova essência, e isto é a sua própria insegurança crónica; non self-reliance, relativismo extremo, dependência de superiores.

Desnormalização, por meio de choques, trauma / Remoralização. Isto funciona por desnormalização, onde os antigos normais humanos e relacionais têm de ser quebrados por meio de uma série ininterrupta de choques fabricados para o efeito. Por outras palavras, despersonalização, seguida de uma injecção em massa de novas crenças, valores e sistemas de comportamento na blankened slate (despersonalização é lavagem cerebral).

Se isto funcionar em pleno, o outro também se torna num narcisista. O outro tem de ser transformado num choninhas servil, dependente e... narcísico. O grande truque aqui é que o outro também se torna num narcisista, se for efectivamente despersonalizado e refeito à imagem do sistema, como é suposto. Como este é o standard que é aplicado aos cidadãos sob este tipo de sistema, a sociedade vai tornar-se num grande ninho de serpentes venenosas, consequentemente.

Irracionalismo, superstição, ignorância / pensamento particularista.

Manter público lento, plácido, estupidificado. O narcisista pretende sempre manter o seu servo, o seu alvo, lento e estupidificado, caso contrário teria problemas evidentes. Aqui, isto toma a forma de rotinação irracionalismo, superstição, ignorância. Vital aqui é o inculcar de racionalidade baixa, alicerçada em pensamento *elementar*, ou aristotélico, ou radical-empirista. A pessoa tem de pensar por elementos, mónadas e partículas, nunca por axiomas ou princípios gerais. Não posso tentar ou almejar integrar todas as mónadas num todo funcional e integrado; mas faço-o, em auto-contradição dialéctica típica, declarando que o todo é um espaço incompreensível e desorganizado (estou a integrar as mónadas numa gestalt integrativa). Uma economia não é um todo abstraível a analisar de um modo equidistante como um todo, mas sim

um conjunto de elementos meio dispersos e meio incompreensíveis. Quando olho para este todo, nunca presumo que posso saber compreendê-lo no seu total e, quando o analiso, faço-o pelas suas partículas elementares. Aí, sou guiado pelas minhas preferências ideológicas e emocionais, que dependem de critérios de aceitabilidade social; i.e. sou guiado por condicionamentos operantes que me foram inculcados desde pequeno.

Outro tem de deslocar toda a agressividade para a defesa do narcisista.

A protecção e defesa do sistema per se, algo obtido sob comunitarismo.

E.g. "direito" a ser morto / bicicletas / UE. O narcisista exige sempre que o servo coloque a sua vida ao seu serviço, *por inteiro*. Uma das implicações disto é que o servo tem de deslocar toda a sua agressividade para a protecção e defesa do sistema per se. Hoje, isto significa ter adolescentes imbecilizados que são tornados empowered e viciosamente agressivos em "causas" como o "direito a morrer" ("direito" a ser assassinado para redução de custos), o direito a "andar de bicicleta" ("direito" a ter cada vez mais restrições ao uso de automóveis e, eventualmente, a circular pela cidade como um escravo chinês), ou a "a UE é nossa amiga e é uma construção livre e democrática porque o meu manual da primária dizia que sim e a bandeira é azulinha" (Mao ficaria orgulhoso).

Managerial class / cartéis epistemológicos / obscurantismo.

Narcisista pretende sempre assumir-se como autoridade superior sobre outro, geri-lo.

Managerialism sobre *todos* os domínios da vida / Managerial class. O narcisista precisa de assumir controlo total sobre a vida do seu servo, de a gerir por inteiro. Para isso, vai assumir-se como uma autoridade superior em todos os assuntos que podem afectar essa vida. O narcisista sabe mais e melhor sobre o que é bom para o outro. Sob governo autoritário isto significa, claro, uma managerial class, com management e managerial departments para todos os domínios da vida.

Especialistas, sacerdotes, charlatães, druidas, comissários, etc.

Cartéis epistemológicos / expert knows best / conhecimento como domínio ambrosiano.

Tudo é acessível a todos, sob esforço individual e educação.

Quando não existe um straight deal, está-se perante obscurantismo, charlatanismo. Se isto for um sistema tecnocrático, a managerial class é composta de especialistas, iletrados funcionais com um grau académico, charlatães da indústria, tratantes técnicos, pessoas sem vida mas com batas brancas, e assim sucessivamente. Se for um sistema político secular, são paraintelectuais,

burocratas entediados, generais corruptos, comissários e outros gangsters urbanos e por aí fora. Se for um sistema eclesiástico, então a managerial class é composta de sacerdotes, escribas, druidas e por aí fora; e é claro que esta classe vai tender a proibir as várias crianças de ler ou interpretar os livros sagrados. Caso contrário, lá se ia o direito de cartel epistemológico. E é claro que o mesmo é válido sob tecnocracia. The expert knows best, independentemente do tipo de irracionalismo institucional que advogue; e não é suposto que a pessoa média assuma conhecimento autoritativo sobre qualquer área que não uma para a qual tenha pago por um grau qualquer. É suposto que as classes de especialistas tenham uma compreensão superior à média, alguma forma de ambrósia cognitiva que é inacessível ao comum dos mortais e que lhes dá as chaves a uma compreensão superior da língua comum em papers científicos. Isto é sempre uma marca óbvia de charlatanismo e de obscurantismo, quando uma classe corporativa qualquer assume direitos exclusivos sobre uma área de conhecimento e se apresenta como tendo uma relação que o vulgo nunca poderia ter com essa área; tratada como uma espécie de esfera sagrada da realidade etérea. Tudo é compreensível a todos, e dominável por todos, sob esforço pessoal e uma boa educação. Ou existe o straight deal, ou alguém está a capitalizar com base na credulidade alheia.

Managerial class, características gerais.

Managerial class gere público em nome dos proprietários, pessoas muito ricas.

São um bom escudo para esses mesmos proprietários, a face visível do sistema. As managerial classes existem sempre (quer o saibam quer não) para servir os big boys que são proprietários do sistema; pessoas e famílias extremamente ricas e poderosas. Gerem o público em nome destes proprietários; são um bom escudo para os mesmos, já que o público tende a atribuir culpas e agravos à managerial class; e são descartáveis quando deixam de ser necessárias.

Cultivadas por consenso de classe, MDC, conformismo. São sempre cultivadas por consenso de classe. É encontrado um mínimo denominador comum (MDC) a todos os níveis, algo de pragmático para uma classe deste género, e é isto que depois pega e fica como prática aceite, à qual todos têm de se conformar. Conformidade é muito importante aqui; não é suposto que ninguém tenha uma mente própria, e isto é particularmente verdade sob sistemas muito consolidados.

Funcionamento oligárquico, com pretensão e policiamento mútuo. A managerial class aprende sempre a funcionar como uma oligarquia; um grupo consensual que existe para praticar poder autoritário sobre o público. Aí, os vários membros policiam-se uns aos outros para assegurar que ninguém sai da linha.

A "mentira nobre" para a "classe de ouro", talvez latão pintado. Aprende sempre a funcionar numa realidade fantasiosa de grupo. Existe sempre a "mentira nobre", de Platão. Esta é a "classe

de ouro", que tem de ser persuadida da sua própria importância, relevância e direito ao poder, e é claro que isto funciona por meio de mitos elaborados para o propósito, "mentiras nobres".

As subcastas no topo da managerial class.

No topo da managerial class, subcastas de pig fairy demons.

O topo da casta de "eunucos" / celibato dos funcionários, favorecido sob despotismo. No topo da managerial class, estes sistemas são sempre organizados, geridos e mantidos por irmandades de – não há outra forma de colocá-lo – pig fairy demons. E isto é válido quer estejamos a falar de sacerdotes, intelectuais de topo, gestores de topo, "irmãos" deste e daquele género, comissários, etc. São a casta de "eunucos" de topo, em essência. O estatuto de eunuco é depois generalizado ao longo de toda a estrutura managerial; em sistemas muito consolidados, toda a managerial class é composta de eunucos. Casar e ter filhos é algo que compete com a total e completa devoção ao serviço do estado, em nome dos proprietários da sociedade, que casam e têm filhos, muitos filhos.

Typos essencial do pig fairy demon. O typos essencial desta subcasta de topo é o homem de meia idade, gordo, macilento, uivante, espumante, uma criatura degenerada que rebola pelos cantos e se roça pelas paredes, devoluta ao mais profundo abismo existencial.

Pedofilia como norma ritual / destruição de beleza e de inocência. Aqui, pedofilia é sempre uma norma ritual, genuinamente sacralizada sob cultismo de irmandade, porque simboliza a destruição da beleza e da inocência. Destruição de beleza e inocência é o mote essencial de todo o sistema. Portanto, estes regimes têm sempre elaboradas redes de orfanatos e de tráfico de crianças, onde estes predadores podem ter os seus momentos infernais de evisceração da alma humana.

Mulheres odiadas, temidas, desprezadas / "women not allowed", a este nível.

Depois, só fica degeneração. As mulheres são odiadas, temidas e desprezadas, pelo mesmo exacto motivo; beleza. E é um facto que, nestes níveis de topo, todos são ensinados a funcionar como eunucos. Women not allowed, o que significa que estes "eunucos" são submetidos a todo o tipo de processos e teatralizações para os fazer ganhar pavor e ódio a mulheres. Depois, estas pessoas podem satisfazer-se de outras formas, contando que sejam invariavelmente degeneradas. A profusão de degeneração porno na web, na teia, mostra, entre várias outras coisas, que este código está a ser generalizado para o resto da sociedade.

Ramos femininos, se existirem, são sempre laterais e acessórios.

Membras submetidas ao mesmo exacto tipo de desumanização.

Algumas serão usadas como prostitutas, para pessoas de topo. Nas sociedades em que os topos da managerial class incluem ramos femininos (nas ocasiões em que existem, são *sempre* laterais e acessórios) essas mulheres são submetidas ao mesmo tipo de processo que os homens; e isto inclui, nos níveis que o "justifiquem", a descida ao mesmo género de degradação. Porém, é comum que algumas delas sejam depois usadas como prostitutas para pessoas que têm importância e que o podem pagar, na estrutura da sociedade. O e.g. do gineceu clássico, ou dos conventos de freiras que operavam como bordéis exclusivos para famílias aristocráticas europeias.

"Eunucos" no topo incorporam o papel do "deus"/"deusa".

A imagem da deusa insana, a girar sobre si mesma para espalhar destruição. Ao longo da história, muitas sociedades totalitárias têm usado a imagem da deusa-mãe, como comentado atrás. Muitas destas sociedades (quase todas, na verdade) usam a imagem da deusa insana. A deusa dança a girar sobre si própria, o que significa que existe "desequilíbrio equilibrado", com um ponto de equilíbrio no ego. A dança espalha destruição a toda a volta.

Autoritarismo, prepotência arbitrariedade – narcisismo extremo. É uma personagem autoritária, prepotente, arbitrária. Tem sede de sangue. Expressa narcisismo extremo por excelência.

Imagem "feminina" (caricatura de feminilidade) funciona como PR.

Mas também é fenómeno projectivo, para expressar subcasta degenerada no topo.

Doublebind, onde mulheres são objecto de ódio e devoção narcísica, projecção. Em boa parte, e como mencionado, isto é um windowdressing, uma operação de relações públicas que procura dar conotação feminina a um sistema baseado em saque, brutalidade, exploração. Mas é algo mais que isso. Em parte, é algo que reflecte um fenómeno projectivo muito importante que é cultivado nas subcastas de homens degenerados no topo da managerial class. As deusas insanas, caprichosas e uivantes, as mães sanguinárias e autoritárias, são *eles próprios*; homens macilentos, repulsivos, bêbados em poder. Pedófilos. É preciso ter consciência da degradação extrema que é cultivada a estes níveis para perceber como isso funciona. É um fenómeno incrivelmente perturbador e feio. A imagem da deusa insana é a imagem trademark do eunuco de topo. É a projecção do "what I ought to be". As mulheres são per se odiadas e temidas, e o objecto de ódio e pavor extremo é também o objecto de devoção narcísica extrema. Compreenda-se esta pequena rule of thumb e compreende-se muito neste mundo.

"Deusa" também é o "deus" / hermafrodita / 1000 caras / Religião Perene, gnosticismo.

Expressa sempre o "eunuco" de topo, que incorpora esta personalidade. Agora, a "deusa" é sempre o "deus". As culturas da "deusa-mãe" são sempre "governadas" por uma entidade ambígua, sexualmente ambivalente; um hermafrodita. Astarte é também Moloch. Afrodite é

também Dionísio. E assim sucessivamente. As duas contrapartes da mesma moeda hermafrodítica. Nalgumas situações, a divindade é masculina. Noutras é feminina. Na verdade, tem 1000 caras, uma para cada situação, uma para cada lugar, uma para cada público, para enganar e para iludir. Esta é a Religião Perene, a religião gnóstica, a religião das 1000 caras. A divindade é sempre a mesma criatura, um eidolon autoritário, arbitrário, sedento de sangue e de poder. No que releva a este tópico, isto é o "eunuco de topo", apesar de significar algo mais que isto, significa a Serpente [ver notas sobre ***Gnosticismo***]. O "eunuco de topo" incorpora este papel sobre a Terra. Para chegar a este ponto, é submetido a um tratamento muito severo de despersonalização e preenchimento com esta nova essência.

O "deus" é um choninhas macilento, e é também o distribuidor de violência e terror.

A "deusa" insana, um objecto de pavor, insegurança, devoção neurótica. Ao longo da história, o deus caprichoso, impertinente e vápido é também o distribuidor de violência e agressão irrestrita e uma fonte de terror; que ninguém contrariasse os sacerdotes de Moloch! A contraparte hermafrodítica disto, a deusa simultaneamente maternal, prepotente e insana tornava-se num objecto de devoção neurótica.

Moldar homens e mulheres para typos do "deus" e da "deusa".

I.e. vapidez, superfluidade, narcisismo mesquinho / caricaturas.

Destrutividade / objectivo de tudo isto é absorver, destruir / depois, self-destruct.

Começa com evisceração da alma humana / interrompido por regeneração. Uma sociedade moldada sob este tipo de paradigma vai sempre tentar moldar os géneros à imagem do "deus"/"deusa". A ideia é sempre a de transpor esta essência vápida e supérflua, este narcisismo mesquinho e destrutivo, para cada pessoa em existência. Como apontado atrás, o homem e a mulher têm de ser tornados caricaturas de si mesmos. Todos têm de ser igualmente patéticos, degradados, insípidos. Coqueluches para o sistema oligárquico; pequenos brinquedos, que se mantêm enquanto são úteis e divertidos, e se descartam quando deixam de o ser. Todos têm de ser destruídos e tornados destrutivos. A ideia, convém sempre reiterá-lo, é a de usar este tipo de sistema para lançar vagas de destrutividade por toda a Terra. Absorver, destruir, estourar. Depois, self-destruct. Tudo isso começa com a destruição da alma humana e é interrompido pela sua regeneração.

O diabo não é sexy.

O diabo não é sexy. Rebeca é sexy. Sarah é sexy. Deborah, Raquel e Susana são incrivelmente sexy. [Isto é escrito do ponto de vista de um homem, que obviamente não vai estender este exercício a David, Joshua ou Gedeon – isso é melhor deixado a uma mulher]

O diabo é um pequeno coqueluche de alterne.

O diabo não é uma loura sexy com um vestido vermelho. Quanto muito, poderia ser um gordo pedófilo que se disfarça com uma peruca loura e um vestido vermelho. O diabo não é divertido, ou simpático. Gere um casino e isso é uma coisa diferente. Oferece a promessa de diversão, entretém a vítima durante um tempo, saqueia-lhe tudo aquilo que possa, e paga sempre em fichas inúteis. Quem entra a pensar que vai lucrar com o casino e que vai lidar de igual para igual com o manager, está enganado. Vai ser usado, mastigado, destruído, cuspido. No final, até os seus órgãos lhe vão ser extraídos, para pagar as dívidas. E é bem feito não é?

O pai das mentiras e o mestre da ilusão.

Em essência, o diabo é uma Serpente.É uma coisa inchada, deslizante, babosa, viscosa.Quando se entra no estômago de uma Serpente, o que acontece é que começa por ser divertido. É quente e é confortável. Há muita companhia (que grande estômago tens tu papá). Existem imensas pessoas abraçadas e agarradas entre si. Consenso universal, teamwork, diversão de grupo. Os vários ácidos gástricos fazem coisas estranhas sobre as capacidades mentais da pessoa, que começa a ver cores bonitase coisas engraçadas – diversão, excitação. É giro e divertido, utópico. It'ssogroovy. É uma trip. E a trip prossegue com voltas para a direita e para a esquerda, com o traçado que a Serpente deixa nas areias do tempo. Depois, spinningroundand round. É um carrossel. Não é preciso questionar a viagem; só fazê-la. Um melhor mundo espera no final de tudo.

Existe aqui um erro essencial de expectativa, para quem abraça esta Serpente. Abraçar o mal absoluto significa que *não se pode* esperar boas recompensas no final. O mal absoluto é o mal absoluto. Não dá ou oferece nada. Engana, usa e destrói – com deleite. Só quem tem a noção disso, de que é vista como literal massa pútrida, a ser usada enquanto tal, e reduzida a um estatuto infinitas vezes pior para a eternidade, pode realmente dizer que abraça e ama o seu pai.

Quando a pessoa finalmente desperta do estupor embevecido, apercebe-se que foi essencialmente corroída pelos ácidos, constrita e esmagada.Todos os seus ossos foram quebrados no abraço interno da Serpente. A pessoa está agora reduzida a uma massa disforme, inelutavelmente presa na pasta ácida do estômago. Já não consegue ver, ouvir, falar ou ter liberdade de movimentos. Tudo isto acontece, obviamente, em vida. E depois continua – mas aí é aberto e intenso.Toda a peça de teatro acabou. Já não há fingimento. Já não há descrença suspensa. Já só há ***real*** – aqui,

agora, para sempre. Agora já não há volta a dar. Agora, é para sempre – pagar dívidas para sempre.

PCP – BE – PP – PSD – PS

PCP, literalmente, “p*** que pariu”. Serve para estragar, prejudicar, desmantelar (em especial, a própria base apoiante), em prol da oligarquia dominante e da reconversão lenta da sociedade para a nova era feudal.

BE, “beh beh beh”, o corpo de ovelhas colectivizadas, descerebradas, zombies, para criar comunitarismo e apoiar a oligarquia dominante, de extrema direita transnacional (entre internacionalismo britânico e Nazismo). Criada para isso mesmo. A esquerda provocatorial, das fundações.

PSD, “passado” e é para isso que serviu e servirá, para passar a ferro e passar ao lume. Ontem, rebentar a economia, amanhã patrocinar repressão generalizada, guerras internas com mercenários privados vestidos como esquadrões da morte sul-americanos.

PS, “psssssss”, the snake issessssss, as it moves from the left to the right squashing and eating everything it finds. A driving force essencial. O punho de ferro, para esmagar, e a rosa, para encantar e prometer utopia no caminho para a destruição.

CDS, “cede-se”, e isto dá origem a PP “público/privado”, o novo feudalismo. A força discreta mas realmente importante, porque representa directamente os fascistas extremos que controlam o sistema. É o yellow jester, o number 2 que aparece sempre como joker para equilibrar, desiquilibrar e guiar as coisas no sentido “apropriado”.

Piggly-iggly Lullaby

[*A song for the Children of the World, UN Registered Trademark*]

One truffle for me

One truffle for thee

My truffle is free

Once you work for me

Oink oink oink

Be my bee!

Com'on dig some truffles

And I'll set you free

If you work for me

All truffles are free

Oink oink oink

For me!

It's a pig farm y'see

I'm on a killing spree

The love of miss piggy

Is never too sticky

Oink oink oink

So free!

Commie technocracy

It’s so cool you see

Dig a truffle for me

And I’ll be so free

Animal animal pig pig farm!

Animal animal pig pig farm!

Oink oink ba-zoink oink oink

Pink Floyd - Mother Lyrics

A criança insegura que em tudo depende da Mãe; medo de incerteza, medo de agressão, medo de mulheres, medo de achievement, medo de amor, medo de castração, medo da vida. Depois, aquele momento fatídico onde pergunta «*Mother should I build the wall?*», i.e. Mãe, deveria construir uma barreira para com o mundo, e ficar inteiramente dependente de ti?

«*Hush now baby, baby, don't you cry. Mama's gonna make all your nightmares come true. Mama's gonna put all her fears into you. Mama's gonna keep you right here under her wing. She won't let you fly, but she might let you sing. Mama's gonna keep baby cozy and warm. Ooooh baby, ooooh baby, oooooh baby, Of course mama's gonna help build the wall… Hush now baby, baby don't you cry. Mama's gonna check out all your girlfriends for you. Mama won't let anyone dirty get through. Mama's gonna wait up until you get in. Mama will always find out where you've been. Mama's gonna keep baby healthy and clean. Ooooh baby, oooh baby, oooh baby, You'll always be baby to me*»

E depois é claro que também há aquele momento onde é questionado, «*Mother should I trust the government?*». Aqui a "mother" é o protector máximo, acima do próprio governo, mas é claro que o governo se pode transformar na Mãe, e é claro que é isso que todos os governos tendem a tentar fazer, mais cedo ou mais tarde.

E a canção é largamente sobre isso, quando se estuda o que Roger Waters está realmente a dizer. Quando se substitui "mother" por "governo", obtém-se uma imagem muito claro do que está a ser dito; esta é uma canção sobre governo totalitário. Estás totalmente envolvido pelo e no sistema. Microgestão. Laços humanos são quebrados e geridos. És mantido numa condição infantil, cultivado em medo, insegurança emocional, ensinado a amar e a sentires-te protegido por aqueles que te agridem. «*She won't let you fly, but she might let you sing*». Bem, voa.

Pride and Prejudice – and Socialism

Possível storyline para script

Complemento em notas sobre ***Socialismo / Agenda 21 / Comunitarismo / Feudalismo / Modernismo***

British East India Co., a grande potência imperial do seu tempo.

Ascensão de Razão e Liberdade torna imperialismo anacrónico.

East India Co. organiza reacção e lança bases para marxismo e neoliberalismo.

(1) Exploração extrema, comunas laborais, guarnições de Redcoats são... liberdade!

[* Um extra vital neste ponto: <u>Exercício de soberania vs usurpação de poder</u>.

(2) "Recursos limitados" exigem gestão autoritária, exploração.

(3) Colonizar mentes com nonsense é a melhor das insurance policies.

(4) Pride and prejudice – e darwinismo social.

(5) Thomas Malthus: Racismo de classe, pseudociência, previsões invariavelmente falhadas.

(6) Thomas Malthus: Medidas para reduzir a "surplus population" (pobres).

(7) Pilhagem da Índia e Holocausto Irlandês, modelos de sustentabilidade populacional.

Mentalidade da economia política britânica ganha hegemonia no mainstream.

Scrooge, um velho impiedoso, devotado a comunitarismo e desenvolvimento sustentável.

Socialismo Inglês: Fabian Society, o epicentro de Socialismo Global.

Socialismo internacional – Meios dominados por aristocratas e elitistas de upper middle class.

O lobo em pele de cordeiro; neo-feudalismo e racismo de classe.

A Utopia socialista fabiana é...a Idade Média!

O amor fabiano por nazismo e sovietismo.

SIS / Cambridge Fabians / Chatham House e a rede de influência global da City.

Lord Milner era um socialista progressivo / apartheid.

John Ruskin, o pai ideológico da aliança finança/socialistas.

300 anos de reacção oligárquica contra avanços Modernistas (1).

300 anos de reacção oligárquica (2) – Colectivismo, i.e. Socialismo.

Socialismo pode ser de esquerda, mas também de direita.

As formas mais extremas de Socialismo são, claro, Comunismo e Fascismo.

Regimes oligárquicos são regimes usurpatórios por crime organizado.

300 anos de reacção oligárquica (3) – Nostalgia medieval e kool aid cults.

A romantização de aristocracia, subdesenvolvimento, desigualdade perpétua [Romantismo].

Alemanha, entre modernização e rusticismo völkish.

Prússia assume controlo sobre Alemanha e “sabe como lidar com Modernismo”.

Prússia: a dança das cadeiras entre socialismo de esquerda e socialismo de direita.

Prússia: viveiros de ideólogos a recibos verdes / Fichte e Hegel.

Rousseau: Schadenfreude, subdesenvolvimento e totalitarismo.

Restauracionistas Católicos: a Aldeia Global neofeudal, sob Imperador do Mundo e Papa.

Saint-Simon inspira-se nestes simoníacos católicos.

Saint-Simon elabora reacção geral contra Modernismo / Aldeia Global.

Comte, “essencial alienar proletários de classes médias para assegurar domínio oligárquico!”

Karl Marx aprende Socialismo com Saint-Simon e responde a apelo de Comte.

Karl Marx tem o perfil típico do provocador ideológico a contrato.

Marx: estandardização do mundo por blüt und feuer, para Socialismo global.

Marx e Engels exigem a assimilação coerciva do povo Judaico.

Marx, Marlo e Hegel / O jogo dialéctico entre Comunismo e Fascismo (síntese em ∏).

Karl Marx, um dandy provocateur em Londres.

Trabalhadores do mundo, uni-vos para exploração internacional irrestrita comunitária!

Engels e Eleanor Marx trabalham directamente com SIS e Old Aristocracy.

Processo standard: Destruição em escala abre portas a tirano e a regime oligárquico.

Escola Austríaca junta-se a “britânicos” para subverter e cooptar mercado livre.

Chicago School: crime organizado italo-americano e “anarco-capitalismo” global.

A estrada para comunitarismo managerial global (∏).

A globalização da Índia Britânica / comunitarismo managerial (∏) / Red Toryism.

James Burnham explica todo o gameplan em “The Managerial Revolution”.

INGSOC.

Apontamentos sobre Modernismo.

Liberdade, desenvolvimento, classes médias, Razão.

Estado-nação clássico / Constitucionalismo liberal.

Direitos individuais / Governo constitucional.

Mercado livre de classe média.

Mercado livre de classe média – a economia natural.

Liberdade significa desenvolvimento e prosperidade / mundo ocidental.

Até as doutrinas totalitárias têm de usar imagética da liberdade individual.

British East India Co., a grande potência imperial do seu tempo.

A “mãe de todas as multinacionais”: uma potência geopolítica, comercial, militar.

Conquista / monopólio / a comuna, para trabalho forçado / **Red**coats. A British East India Co. é a “mãe de todas as multinacionais”, e encarna directamente o espírito de monopólio, gestão e agressão que caracteriza os impérios coloniais europeus. A East India Co. não era uma mera companhia; na prática, era *o* Império Britânico – a maior parte dele, pelo menos. Era a principal driving force institucional para o Império enquanto tal e o principal interesse mercantil no planeta. Tinha exércitos e frotas próprias (incluíndo, corsários e piratas), domínio feudal sobre países inteiros, o que incluia a Índia britânica. Travava guerra aberta contra países, outras companhias mercantis, outros impérios. Era uma potência per se, a maior no planeta nesse tempo. Monopólio, escravatura e agressão militar privatizada eram the name of the game. Encontra-se um território com recursos. Conquista-se, pelos canhões ou por subversão; ou por ambos. Instala-se a comuna, a

plantação, para controlo social e trabalho forçado, com os Redcoats a assegurar que ninguém sai da linha. Os shareholders em Londres ficam satisfeitos.

East India Co. organiza Hayleybury College.

Planeamento imperial / centro de estudos e decision-making. A certa altura, a companhia criou a sua própria universidade imperial, o East India College, sucedido pelo Haileybury College. Hayleybury foi organizado para funcionar como o centro de planeamento estratégico para a companhia. Era uma universidade, mas era também um centro de estudos geopolíticos, comerciais, demográficos. Não era o centro a partir do qual o Império era gerido (esse papel é sempre ocupado por round tables em Londres e em centros senhoriais) mas estava bastante perto disso. Era o principal centro de documentação e de estudos para o decision-making do Império. Era também o pólo fulcral para acções de propaganda.

Ascensão de Razão e Liberdade torna imperialismo anacrónico.

Um pouco menos de pride and prejudice, um pouco mais de sense and sensibility. As práticas da East India Co. eram um anacronismo em pleno despertar Modernista. Durante os séculos 18 e 19 temos a ascensão de ascensão de independência intelectual e das classes médias na Grã-Bretanha. Esse fenómeno criava um ambiente cada vez mais inímico a estas práticas. Escravatura, consolidação monopolista, corso imperial; todas estas coisas tinham algum interesse em antigas histórias sobre Francis Drake, mas eram algo que tinha deixado de fazer sentido na era da printing press democratizada. As terras de Sua Majestade não eram tão livres ou democráticas como alegavam ser (opositores reais ao establishment seriam identificados, presos e deportados para a Austrália, talvez até enforcados) mas havia que começar a fazer as coisas com um pouco menos de pride and prejudice e um pouco mais de sense and sensibility.

Despertar intelectual, auto-educação, iniciativa / classes médias.

"Liberdade", "mercado livre", "democracia", "middle class", direitos inalienáveis.

Revolução Americana já não é uma pleb rebellion, mas o exemplo a seguir. Esta é uma fase de despertar intelectual, educação clássica e iniciativa. Dos filhos da landed gentry e dos urban retailers era esperado que fossem à vida to succeed on their own. Para muitos, isto significava, claro, ir participar em iniciativas de pirataria imperial em terras distantes. Ao mesmo tempo, esta combinação de factores é algo que cria a mentalidade apropriada para um despertar de conceitos de liberdade; não difícil, num país que apesar de todas as más práticas, dava bastante lip service aos ideais da Magna Carta. "Liberdade", "liberalismo", "mercado livre", "democracia", "middle class", tornam-se palavras *muito bonitas* e *muito apetecíveis*. Esta é a era da classe média empreendedora e auto-educada, e esta classe começa a exigir direitos políticos e económicos correspondentes – afinal de contas, os direitos *inalienáveis* de qualquer homem e de qualquer mulher. A Revolução Americana, travada contra o autoritarismo imperial europeu, tende cada vez mais a ser vista como um modelo a seguir, uma vitória da liberdade e do espírito humano, e já não tanto como uma pleb rebellion, uma rebellion of the colonials. Esta é, per se, uma era extraordinariamente promissora.

East India Co. organiza reacção e lança bases para marxismo e neoliberalismo.

Usar academia para racionalizar práticas obscurantistas. É neste clima intelectual e político que o establishment britânico e a East India Co. vão tentar encontrar uma forma de legitimar e racionalizar as suas práticas anacrónicas e obscurantistas, e vão fazê-lo através da academia.

Distorcer conceitos a **180º**, redefinir exploração e esclavagismo como... liberalismo!

Hayleybury / Mills, Ricardo, etc. / reciclagem de spin doctoring Veneziano.

"Economia política britânica".

A base de inspiração para **neoliberalismo** e **marxismo**. Hayleybury College, o centro daquilo que viria a ser conhecido como economia política britânica. É a partir daqui, o centro intelectual da East India Co. que o establishment vai encetar uma das suas drives essenciais de reacção contra o despertar de modernismo e de liberalismo. Fá-lo através de professores, intelectuais, decanos, cátedras. Toda a ideia era encontrar uma forma de reciclar conceitos de monopólio e esclavagismo, mas fazê-lo de uma forma tal que fosse aceitável à média das pessoas; uma abordagem sensible, as opposed to wise (in the sense of *real* wisdom). O que sai daqui é a racionalização do velho mercantilismo imperial, usando as linhas académicas definidas séculos antes por outros spin doctors de exploração e escravatura, os Venezianos, mas agora vestindo tudo isto com linguagem modernista. Onde antes se lia saque e exploração, agora deveria ler-se... liberalismo!

Todo o esforço foi protagonizado por prostitutos intelectuais como David Ricardo, James Mill, John Stuart Mill, Jeremy Bentham, e outros. O resultado final é aquilo que veio a ser conhecido como economia política britânica, a base de inspiração para "neoliberalismo" e para marxismo, em igual medida.

(1) Exploração extrema, comunas laborais, guarnições de Redcoats são... liberdade!

"Liberdade de mercado" redefinido como 'liberdade para exercer controlo absoluto'.

"Free trade", o domínio irrestrito de mercados por megagrupos multinacionais.

Regime legal **tem de favorecer** grandes grupos, em preterimento de restante população.

Soberano dá total liberdade de governo sobre a franchise à corporação concessionada.

I.e. absolutismo, autoritarismo. Sob o reenquadramento semântico elaborado por estas pessoas, "liberdade de mercado" passava a ser a liberdade que um interesse mercantil (um cartel ou um monopólio), "deve ter" para fazer tudo aquilo que queira, em nome de coisas como "maximização de eficiência" ou "maximização de lucro". O "mercado livre" torna-se aquilo que surge disto. O monopólio, o pool de escravos na comuna laboral, as guarnições militares em redor para assegurar que ninguém sai da linha. Desde que tudo isso esteja nas mãos de grandes concessões, e seja marketizável pelo Barclays e pelo Barings na Stock Exchange, então está tudo bem; é "liberdade".

Mas “liberdade de mercado” é ainda mais que isso. É “free trade”! E free trade é a ideia de que um mercado *deve ser*, por opção e preferência, inteiramente controlado por grandes companhias mercantis (hoje, multinacionais) dotadas de concessões e privilégios que lhes permitem explorar irrestritamente as populações e os recursos sob a sua tutela. Essa é a parte “free” aqui; muito literalmente, you’re free to take away others’ freedom in the name of extreme profit. “*Um mercado deve ser, por opção e preferência, inteiramente controlado por grandes companhias mercantis*” – como foi dito. É defendido que este estado de controlo absoluto por multinacionais, este absolutismo de shareholders e capatazes de comuna, é *desejável* e tem de ser *promovido, acalentado*. Isto podia implicar que o soberano (hoje, o soberano “é” o povo, mas é representado pelos governos) tem de favorecer abertamente agentes de monopólio. O que isto regra geral significa é que o soberano vai dar o mais completo espaço de auto-regulação a estes agentes, i.e. eu faço o que quero sobre a franchise, o domínio que fui concessionado para explorar. Em troca, tenho de pagar um tributo ao rei, uma fair share of the loot*. Agora, why on Earth would such respectable bastions of academia promote such an advancement of tyranny on the face of this God forsaken Earth! Isto tem uma “boa explicação”, exposta já a seguir.

[* Um extra vital neste ponto: Exercício de soberania vs usurpação de poder.

Anterior codifica mercantilismo / e também comunismo, socialismo, fascismo.

Mercantilismo: corporação exerce governo absoluto sobre concessão, cedido por Soberano.

Regime autoritário: é uma corporação legal / exerce “concessão” de governo (totalitário).

Sob autoritarismo moderno, o Soberano (concessionário) é o Povo.

É claro que aqui a “concessão” (governo) é usurpada e autoritariamente imposta ao Soberano.

Porém, regimes usurpatórios listam sempre estes papéis legais / pretensa de legitimidade legal.

Tudo isto é lei mercantil, lei imperial, ainda em vigor.

Franchise sobre um domínio é exercida por entidade concessionada para efeito pelo Soberano.

A franchise de governo é cedida pelo Soberano (Povo) a um governo (servo; serviço público). (“public service”, “public servant” / a expressão “função pública” já serve para ocultar e desvirtuar esta relação)

O Soberano (Povo – indivíduos e famílias) têm autoridade sobre o governo.

O governo ilegítimo, que assume poder autoritário sobre o Soberano, pode e deve ser destituído.

Liberalismo constitucional democrático.

É o modelo que estabelece equilíbrio nestas relações.

Soberanos (indivíduos e famílias) têm direitos inalienáveis, que ninguém pode usurpar.

Governo é <u>concessionado</u> para arbitrar <u>relações livres</u> entre indivíduos e famílias.

(Prestação de serviços no domínio de todos os Soberanos, o domínio <u>público</u>).

Tem de ser mantido constitucional, limitado, legítimo (dentro da legis/lei vs fora da lei).

(Governo autoritário é um governo ilegítimo, fora da lei, porque usurpa espaço dos Soberanos).

<u>Essencial compreender isto para recuperar espaço usurpado por corporações (estatais e privadas)</u>.

* Agora, isto é mercantilismo, ou "anarcocapitalismo", onde a companhia, a corporação, é o governo sobre o seu território de concessão. Mas isto também é comunismo, socialismo, fascismo. Nestes casos, é considerado que o soberano (povo) "concede" a uma entidade corporativa ("comissões", "representantes do povo" e afins) *liberdade total* para praticar a franchise de governo sobre todo o território. Nestes casos, é evidente que a "concessão soberana" nunca é realmente concedida, mas sim *usurpada*, por meio de derivas autoritárias, golpes, etc.; e, depois, é levada a cabo por igual autoritarismo e tirania. Mas a presunção é legal é sempre cumprida judiciosamente, e é por isso que URSS, Itália Fascista, Alemanha nazi, China comunista, etc., são sempre estados onde o regime tem a entidade legal de uma *corporação* (depois, claro, estes estados organizam-se como estados corporativos a partir dessa premissa). Os juristas no topo sabem perfeitamente que têm de seguir esta regra; mesmo quando o regime é usurpatório, tem de apresentar uma face limpa em termos legais; tem de poder alegar que o seu direito legal de existência ascende de concessão soberana popular. *Sempre* que um qualquer domínio não está sob o exercício directo de poder do soberano [com "povo", isto são os indivíduos e as famílias que constituem o "povo"], isso significa que *terá, por força de lei*, que estar sob o poder de uma *corporação* (um *concessionário*) legalmente designado para o efeito; e essa entidade só pode exercer poder na medida em que a tal for licenciada pelo soberano. Esse espírito, claro, só pode ser preservado sob liberalismo constitucional e democrático, onde indivíduos e famílias optam por equilibrar relações entre si através de mediação por governo legítimo, limitado, constitucional (ver também notas sobre o ***estado-nação moderno***, ***democracia liberal***). Tudo isto se baseia em velha lei mercantil, a lei da marca medieval, depois transitada para os impérios marítimos. Mas é o paradigma legal que continua em vigor. Se o soberano assim o quiser, tem o *direito legal a renegar, destituir e expropriar a parte concessionada*. É por isso que este paradigma legal, que subjaz a tudo o que acontece em geopolítica, nunca é mencionado, nos dias que correm (durante os séculos 18 e 19 era de conhecimento comum, e é por isso que Rousseau, por ex., teve de fazer jogos sofísticos para deturpar o estatuto do "soberano" e tentar atribuir todo o poder de "soberania" ao estado totalitário). Este é um dos motivos essenciais pelos quais a pessoa comum tem de começar a pensar em si mesma (e a agir) como um indivíduo soberano com direitos correspondentes, inalienáveis pelo empregado que foi concessionado para o *servir* – prestação de serviços. Todos os indivíduos são *soberanos* aos olhos do Criador, e aos olhos deste tipo de lei humana, sob os actuais regimes políticos, que respondem legalmente ao soberano "Povo".]

(2) "Recursos limitados" exigem gestão autoritária, exploração.

<u>Limites ao crescimento / não existem recursos para todos / a vitória de um é a derrota de outro</u>.

A visão do mundo como espaço de recursos limitados / nonsense anti-científico.

Sob escassez de recursos, criam-se novos recursos e melhores tecnologias.

Únicos limites são os que podem ser impostos à criatividade humana. O mundo é visto como um espaço de competição por recursos limitados. Simplesmente, não existem recursos suficientes para todos [*é claro que isto é mentira, como estes homens bem sabiam. Toda a história do progresso humano é baseada na invenção de novos recursos e novas tecnologias para encontrar formas de suprir possíveis limitações e possíveis estados de escassez. É assim que o Homem progride das cavernas para a agricultura moderna que os patrões destas pessoas andavam a praticar nas enclosures, neste tempo. E é assim que continua a progredir até à chegada à Lua, and beyond. O único real limite ao crescimento é aquele que pode existir na mente humana, especialmente nas noções morais de alguns, como era o caso com estes homens (sentido moral rastejante); estão a falar de si mesmos, têm mentes pequenas*].

"Limites" implicam "maximização de eficiência", não por liberdade, mas por controlo estrito. (na verdade, e saindo do reino de quackacademia e de delírio oligárquico, aquilo que realmente maximiza eficiência económica é descentralização e livre iniciativa por pequenos e médios empreendimentos, i.e. mercado livre de classe média)

Centralização de decision-making / gestão por "peritos", i.e. representantes institucionais. Se o mundo é um espaço de limites, isso significa que a vitória de uns é a derrota dos restantes. Dessa forma, é necessário encontrar uma forma de maximizar a eficiência da exploração, da distribuição e do uso de recursos. Maximizar a eficiência de um espaço fechado e limitado é uma situação de racionamento *de facto*, mesmo que nunca seja chamado por esse nome. Isso exige centralização, e exige gestão por pessoas especializadas, peritos técnicos, na verdade, representantes de grandes instituições oligárquicas [*funcionários institucionais que têm de sobrepor o capricho dos oligarcas acima de si, os seus empregadores, a qualquer critério real de verdade científica. É isto que é tecnocracia, i.e. gestão por nerds e por iletrados funcionais com um grau académico, sob a direcção de caprichos oligárquicos*]. E é evidente que, sob este paradigma, os mais importantes de todos os "peritos" são aqueles regulam o espaço do qual todos os outros dependem, o económico: banqueiros e contabilistas financeiros.

Integração de mercado sob cartéis, monopólios directos (i.e. autoritarismo). O mercado tem de ser tornado integrado, sob a direcção desta gestão central especializada. Por outras palavras, monopólio. A forma favorita entre as oligarquias ocidentais é o exercício de monopólio por cartel. É algo que permite controlo autoritário partilhado sobre mercado (i.e. "assegura a gestão integrada do mercado"), ao mesmo tempo que preserva a ilusão de escolha, competitividade, diversidade.

Internacionalismo, sob a gestão de grandes organizações internacionais. Ao mesmo tempo, não é prático que haja diferentes países a competir e a fazer as coisas de forma diferente e descentralizada. That is unacceptable. É um desperdício de recursos e de meios técnicos. É perdulário, diz o establishment. Logo, tem de haver internacionalismo. Controlo mercantil transnacional, com os mesmos bancos e as mesmas companhias e fundações multinacionais no controlo de tudo. Império. Free trade regions, blocos, uniões regionais. Eventualmente, união global, o grande working project da City of London.

Preços elevados,consumo limitado, escassez artificial / custos de produção baixos / sustentabilidade.

Baixa qualidade de produtos / baixos custos laborais: trabalho precário e a **comuna**.

Se existe escassez de recursos e necessidade de maximizar a eficiência de cada esterlina que é investida, isso significa que é melhor que os preços sejam bastante elevados; assegurar sustentabilidade no aproveitamento de recursos implica que não pode haver muita gente a consumir muitos recursos. Escassez artificial e ambientes deflacionários sempre foram um dos favourites of the Bank of England; e de todos os outros. Também exige que os custos de produção sejam baixos. Isso significa baixa qualidade de produtos, claro. Mas manter custos baixos significa, em especial, trabalho precário, indentured service e escravatura. O sítio de eleição para tudo isto: um no qual os trabalhadores estejam aglomerados sob as condições mais baratas e controladas que seja possível. A comuna laboral.

Monetarismo. O dinheiro não serve o homem, é o homem quem serve o dinheiro, e quem manda no dinheiro são homens que não o são, realmente.

(3) Colonizar mentes com nonsense é a melhor das insurance policies.

Exploração, imperialismo, a comuna e os Redcoats, um *dever civilizacional*. Exercer um monopólio, controlar um território, montar comunas/plantações de escravos, contratar guarnições de mercenários para os proteger, não é barbárico e imoral – é um *dever* civilizacional. Só isso permite obter maximização de eficiência no uso de recursos e, consequentemente, no mercado como um todo integrado. How about that, heh?

Subverter e colonizar a mente com obscurantismo. É apenas natural que quem se dedique a colonizar, a subverter e a escravizar povos e terras procure fazer o mesmo com mentes. Preencher mentes com obscurantismo oligárquico é a melhor das insurance policies.

"Liberalismo", "mercado livre", sequestrados para rotular o oposto exacto destes ideais.

Disseminação de obscurantismo académico alimenta obscurantismo político.

Muitas pessoas bem intencionadas são desviadas para dead ends. Tudo isto é, muito naturalmente, o oposto exacto de liberalismo e de mercado livre. É a racionalização académica de barbarismo de estilo feudal; de saque, mesquinhez e exploração anti-humana. Mas foram esses os termos usados para rotular esta atrocidade por estes homens, por estes anjos da morte provindos de um qualquer prostíbulo infernal congelado. De repente, este tipo de lixo era "liberalismo". E isso veio a induzir muita gente em erro; essa era a intenção, tapar bons termos e bons conceitos com camadas de lixo, para estragar e esconder. Para espalhar ignorância. É isso que este tipo de gente faz. É a única coisa que *sabe* fazer. Muitas almas bem intencionadas, que seriam liberais, acabam por desprezar o termo e nunca conhecer as ideias, por via das acções destes homens. Muitas caiem no outro lado da dialéctica de obscurantismo – socialismo. E, outras almas bem intencionadas começam por aderir a liberalismo porque partem com as bases certas (compreendem as ideias de liberdade e pensam que é isso que vão encontrar) mas acabam por servir homens maus, que trabalham para este paradigma.

Muitas destas são, por questões de estudos e/ou de carreira, acabam por ser por ser imersas em obscurantismo académico e corporate, ao ponto tal em que são convertidas à força, ou tornadas desiludidas e não-envolvidas.

(4) Pride and prejudice – e darwinismo social.

O todo integrado é governado pelos "mais meritórios" / executivos financeiros e mercantis.

Globalização é a concretização, para o mundo, de todos os pontos descritos. Um último ponto, essencial, nas formulações deturpadas que surgem do East India College. Quem governa o todo integrado sócio/económico? É claro que esse todo deve ser organizado e gerido por aqueles que demonstraram *mérito* e *capacidade*. Este é um espaço de limites. Achievement meritocrático é o melhor dos critérios, nas estruturas de pirâmide que são construídas em espaços de limites, em cartéis e monopólios. Quais são os mais meritórios e os mais capazes? Bom, são aqueles que ascenderam ao topo da escala: os executivos mercantis. Os banker boys. Os banker boys têm de mandar em tudo. E em todos. Têm de ser os proprietários de tudo e de todos. E é isso que é globalização; a concretização de todos os pontos atrás apontados, nos nossos dias, para o todo do planeta.

Darwinismo social / vitória irrestrita dos "mais aptos".

Todos os outros são reduzidos à comuna laboral, gestão, selecção eugénica.

Darwin, Galton e Spencer lançam bases para selecção eugénica Nazi e Comunista. Darwinismo social é um dos offshoots ideológicos de tudo isto, agora conduzido a partir do X Club na Royal Society, em Londres. A selecção dos mais fortes, dos mais "aptos", no ambiente de recursos limitados. A redução de todos os restantes a gestão, a comuna, precariedade, indigência, selecção eugénica. Eventualmente, selecção eugénica culmina em extermínio, um axioma essencial em darwinismo social. O próprio Charles Darwin, a par de Francis Galton e Herbert Spencer foram essenciais para avançar tudo isto, no seu tempo; teriam herdeiros directos e apropriados na Alemanha e na Rússia Soviética. Eugenia para maximização monopolista de eficiência, seja ela feita com foco no sangue (Nazismo), ou com foco em variáveis ideológicas e de personalidade (Comunismo).

Thomas Malthus também vai servir de inspiração directa para Comunistas e Nazis.

(5) Thomas Malthus: Racismo de classe, pseudociência, previsões invariavelmente falhadas.

Em Hayleybury, Malthus expande doutrina do mundo de limites a variáveis demográficas.

"Existem demasiados pobres para recursos existentes" / cut down the "surplus population".

Racismo de classe, misoginia, e obscurantismo pseudocientífico.

Outra fonte de inspiração directa para Nazis e Comunistas foi outro inglês, Thomas Malthus, outra luminária venenosa de Hayleybury College. Malthus era um charlatão e um linearista, em típica fidelidade à tradição oligárquica. Pequenez mental tem um premium, nestes meios. Malthus parte da supracitada teoria do mundo de recursos limitados (uma teoria deliberadamente corrupta, como os ideólogos de Hayleybury sabiam) para abranger população. Se o mundo é um espaço limitado, então maximização de eficiência deve ser expandida à variável demográfica. Dizer que existem poucos recursos, é similar a dizer que existem demasiadas pessoas a consumir recursos. Se existem demasiadas pessoas, a solução é simples. Faz-se com que existam menos pessoas. Limita-se drasticamente a reprodução e mata-se muita gente. É claro que isto não se aplica a *boas pessoas*. Aplica-se aos *pobres*. Existem *demasiados pobres*. Isso não é devido ao saque, à pilhagem e à monopolização da sociedade por oligarcas corruptos (esses são *boas pessoas*); é mesmo devido ao excesso de pobres per se. Criam-se e reproduzem-se como coelhos e, depois, são uma vista horrível e inquietante nos sunny green fields of England. A população (de pobres, mind you) cresce sempre mais rápido que a disponibilidade de comida, diz-nos Malthus (sem nunca comentar o facto de as classes aristocráticas estarem, na altura, a saquear terras a centenas de milhares de pequenos e médios agricultores, que se tornavam depois pobres).

Corrupção epistemológica: ausência de dados empíricos / particularismo, linearidade.

Sistemas complexos exigem estudo matricial e hipergeométrico.

Malthus desconta o factor de inovação tecnológica.

Falha **todas** as previsões que faz.

Seja como for, a relação linear população x comida que é proclamada por Malthus começa por ser um exemplo típico de empirismo radical, uma forma de autismo racionalizado, pela qual a realidade, um espaço complexo e multivariado é "reduzido" à proclamação de relações lineares ad hoc, tipicamente guiadas por motivos ideológicos (só ideólogos, por oposição a cientistas, poderiam querer impor relações lineares a realidades complexas, realidades que *têm* de ser estudadas de forma matricial e hipergeométrica). Depois, o nonsense de Malthus não é baseado em quaisquer factos científicos concretos (na edição original do seu Essay on the Principle of Population, Malthus limita-se a citar episódios anedóticos, observações pessoais, sobre esta e aquela povoação – nas versões posteriores, usa uns quantos dados soltos do censo feito à população britânica, para tentar dar uma roupagem algo mais credível a todo o seu nonsense). Por fim, é claro que Malthus falhou *todas* as previsões que fez. E.g. Malthus nunca contabilizou o factor da inovação tecnológica. Ao longo das décadas e do século seguinte, a introdução de nova tecnologia tornou a produção alimentar muito mais produtiva do que alguma vez o tinha sido, até aí.

(6) Thomas Malthus: Medidas para reduzir a "surplus population" (pobres).

Limitar drasticamente reprodução / cortar assistência social / comunas de trabalho forçado.

Criação deliberada de péssimas condições de vida / Disseminação propositada de doenças.

Muitas destas medidas são adoptadas na Grã-Bretanha, matando muitas, muitas pessoas.

Muito disto para o futuro próximo, no Ocidente.

Portanto, se existe pouca comida, e os pobres se multiplicam depressa demais, isso significa, como dito anteriormente, que os pobres têm de consumir menos, que a sua reprodução tem de ser submetida a controlo pelos seus mestres, a oligarquia de estilo hindu, e que tem de haver morte em massa de pobres. Malthus percorre todo o espectro, e faz as mais variadas sugestões para cada um destes domínios. Uma das suas propostas principais, mais tarde adoptada, é o fim da Poor Law, o fim da assistência social aos pobres. Deixá-los morrer à fome, literalmente. Foi na década que vem na sequência disso, pelos meados do século 19, que morrem 1 milhão de pessoas no espaço de uma década, por desnutrição e doença, na metrópole do império mais rico do planeta. Outra proposta essencial, reduzir os standards de vida na cidade média ao nível mais degradante que seja possível. Ainda, agregar os pobres em workhouses; comunas de trabalho forçado. Se queres uma sopa, trabalha para a companhia. Espalhar deliberadamente doenças nas comunas. Malthus deleita-se a sugerir formas de disseminar tifo entre os "hóspedes" destas instituições caritativas (muitas deste género para o mundo ocidental, nas décadas que aí vêm). Se as camas estiverem a esta distância específica, no dormitório, diz-nos Malthus, as doenças pegam-se mais rapidamente. E, construam-se estas poorhouses "by stagnant ponds", assim é mais fácil. Os Comunistas e os Nazis foram buscar a larga maioria das suas ideias à Grã-Bretanha.

(7) Pilhagem da Índia e Holocausto Irlandês, modelos de sustentabilidade populacional.

Malthus coordena pilhagem económica da Índia no início do século 19 (mínimo de 1M de mortes). A ideologia de Malthus também serve, claro, para legitimar saque e exploração imperial em escala. Aliás, Malthus é um dos coordenadores, em Hayleybury, para aquilo que acontece na Índia britânica no início do século 19: a pilhagem económica do território pela East India Co., resultando na morte de mais de 1M de seres humanos.

Métodos de Malthus são usados na Irlanda (Holocausto Irlandês).

Blockade comercial / lei marcial, por Redcoats / expropriações e confiscações em massa.

Migrações de pânico / comunas, para trabalho forçado e eutanásia.

População da Irlanda decai em **6M**.

Os métodos usados na Índia são depois usados em meados do século 19 contra a Irlanda; o Império faz uma literal blockade comercial à ilha, com o propósito *explícito* de reduzir drasticamente a população. Os redcoats colocam o território sob lei marcial, expropriam pequenos e médios agricultores em massa (toda a gente era PM agricultor) e confiscam comida, animais, ferramentas de trabalho, etc. Depois, proíbem o afluxo de ajuda humanitária da América. As opções são trabalhar na workhouse (até morrer de desnutrição ou tifo; estas workhouses eram centros de trabalho forçado, mas também casas de eutanásia) ou fugir do país, pagando sempre uma "fair share" aos shippers de Liverpool. Por fim, tudo isto é culpado numa inconsequente doença da

batata, algo que nem sequer era um alimento essencial dos irlandeses. O twist of sick humour no topo. E às vezes muito literal. E.g. na Grã-Bretanha, monstros como Carlyle (os proponentes de desenvolvimento sustentável à era) escrevem editoriais no Times e em outros sítios a celebrar a mortandade irlandesa. Ainda hoje não se sabe o número exacto de seres humanos que foram mortos durante os 6/7 anos em que isto durou, mas estimativas aproximadas com dados de censos sugerem que a população decaiu em 6 milhões de pessoas. Muitos destes fugiram para a América (a grande fase de influxo de irlandeses no país); mas milhões morreram. O Holocausto Irlandês, como é chamado hoje em dia.

Malthus: nulidade académica / benchmark para racionalização e perpetração de genocídio.

Inspiração essencial para Comunistas e para todos os restantes regimes de crime organizado.

Modelo usado sobre o Terceiro Mundo, para o tornar em tal.

Modelo para o planeta, sob Sustentabilidade Global. Os méritos académicos de Malthus são nulos, mas o seu sistema de racionalização e de perpetração de genocídio é o benchmark para todos os regimes criminosos dos últimos dois séculos. É o método que os Comunistas usam *sempre* contra as suas próprias populações e sobre territórios conquistados. É o modelo seguido por Nazis e Fascistas. É o modelo usado sobre África e sobre o Terceiro Mundo em geral, no espaço do último meio século. É o método que será utilizado, de modo igualmente deliberado, sobre todo o globo, através de Sustentabilidade Global, a corrida para o fundo de globalização mercantil.

Mentalidade da economia política britânica ganha hegemonia no mainstream. Ainda durante o século 19, com aceleração drástica a partir de meados do século 20, a mentalidade da economia política britânica ganha uma hegemonia extremamente perniciosa sobre o pensamento académico e político, para a larga generalidade dos millieus mainstream.

Scrooge, um velho impiedoso, devotado a comunitarismo e desenvolvimento sustentável.

Scrooge, o executivo neoliberal obcecado com comunitarismo e sustentabilidade monetária.

"Os pobres já têm a poor law, a workhouse e a prisão – ainda querem mais?"

"Let them die and reduce the surplus population".

À direita, a postura geral que sai disto é aquela que Dickens tão bem retrata em "A Christmas Carol". O rústico e auto-conceituado Scrooge fica genuinamente ofendido quando lhe perguntam se quer contribuir para melhorar o nível de vida dos pobres. Afinal de contas, responde, os pobres têm a poor law, a treadmill, a workhouse, e até a prisão. Estas pessoas ainda querem mais? Um atrevimento, para o respectable Scrooge. Os interlocutores tentam fazer-lhe ver que subsistir sob condições de escravatura é tão horrível que até a morte seria preferível. «*Bom – então que morram e reduzam o excesso de população*». E este é o ponto final do gélido Scrooge, o executivo neoliberal obcecado com sustentabilidade monetarista e com comunitarismo.

Falso “trabalho caritativo”, através das suas megafundações, ONGs, OSCs.

Generalizar death wish entre os commoners.

“Simplicidade”, “pobreza voluntária”, “racionamento energético”, “sustentabilidade”.

Se Dickens estivesse vivo nos nossos tempos, teria concebido um Scrooge bem mais sofisticado. Este velho impiedoso reservaria uma tranche dos seus rendimentos especulativos para “trabalho caritativo”, através das suas próprias megafundações e redes de ONGs e OSCs. Isso serviria para fazer alguma pequena caridade, ceder umas quantas migalhas daquele gigantesco pão que é saqueado, e isso é sempre uma boa táctica. Tende a refrear ânimos e a adormecer consciências. Mas também serviria para persuadir a população a ansiar pela sua própria desgraça, com difusão de ideologias sintéticas, para romantizar “pobreza voluntária”, “a beleza da simplicidade”, “o encanto da austeridade”, racionamento energético, comunitarismo, desenvolvimento sustentável, e por aí fora.

As PPPs de Scrooge aderem a empreendedorismo social, responsabilidade social.

Trabalho comunitário / rendimento **mínimo** sustentável / soja GM, “to reduce the surplus”.

O filantropo depois puxaria a sua cartola de empreendedor social e diria, vou *conceder*, vou *inaugurar*, uma série de vagas em serviço comunitário; isto são os programas de responsabilidade social das minhas parcerias público/privadas. Os desempregados e os indigentes que venham!, alguns fazem trabalho qualificado, outros fazem trabalho degradante, e no final eu dou-lhes um rendimento mínimo sustentável. Depois, os pobres podem trocar o rendimento por umas latas de soja GM da minha agro-exploração na América do Sul e ajudam os outros pobres que trabalham lá para mim, lá na comuna agrária. Em sussurros acrescentaria, a soja GM é esterilizante e cancerígena, e é mesmo assim que funciona, a vida é complicada e alguém tem de perder o jogo, caso contrário não era um jogo. Este é um planeta de recursos limitados, são meus e dos meus colegas, e a surplus population está a mais certo?, é a surplus population porque eu não preciso de tantos recursos humanos.Downsizing is awfully good for business.

Socialismo Inglês: Fabian Society, o epicentro de Socialismo Global.

A fábula do pobre operário nas mãos de Lord Keynes e dos Webbs.

Fabian Society, o baluarte de Socialismo Inglês / Progressivo / Fabiano / Tecnocrático.

Domínio sobre um vasto complexo de instituições, incluíndo a Segunda Internacional.

À esquerda, temos um quadro igualmente trágico e anglófilo, em parte protagonizado pelo perverso Lord Keynes, que dava um abraço ao operário enquanto lhe arrancava o emprego; e depois disso o relógio e a casa, após um breve interregno onde fingia dar-lhe algo de bom. Here you go chap, have all this fresh welfare cash borrowed at huge interest from the big banker boys, at the City there. Como Keynes sabia, uma economia sem produção eventualmente colapsa, e é aí que os seus colegas Sidney e Beatrice Webb entram: pegam neste operário desempregado e colocam-no a fazer

serviço obrigatório na "comunidade" em troca de "créditos sociais". Keynes e os Webbs são as pedras angulares no pensamento económico da esquerda actual, e isto é um facto muito mau e muito cinzento. Foi no final do século 19 que estas pessoas ajudaram a organizar um dos mais poderosos e destrutivos empreendimentos de sempre. Isto é algo a que chamaram "socialismo fabiano" (ou "socialismo inglês", ou "socialismo progressivo", ou ainda "socialismo tecnocrático") com o patrocínio de Lady Astor e o papel activo de Friedrich Engels e de Eleanor Marx. O núcleo ideológico deste "socialismo inglês" é a Fabian Society. A Society é organizada em Londres, e torna-se o epicentro de um movimento internacional composto de infinitudes de instituições, agências, partidos, ONGs e outras organizações. Isto inclui a famosa Segunda Internacional, organizada na sede da Fabian Society em Londres. Esta é aquela que as outras internacionais conhecem como "the yellow international", e é provável que isso não seja tanto pelo facto de os personagens da Segunda serem cobardes, que são, mas mais por serem mais filthy rich que todas as outras Internacionais juntas, e convenhamos que isso é uma tarefa complicada. Faz-se muito dinheiro em brigandagem internacional, é o melhor de todos os negócios, após a banca. É por isso que andam sempre de mãos dadas. Hoje, este complexo, centrado na Sociedade Fabiana, é o epicentro de Socialismo Global ou, World Socialism, como os fabianos preferem chamar-lhe.

(tópicos seguintes melhor acompanhados de notas sobre ***Socialismo inglês***, ***Eugenia***, e outras, para muitas citações e passagens directas)

Socialismo internacional – Meios dominados por aristocratas e elitistas de upper middle class.

Obsessão com poder / pretensiosismo / misoginia anti-humana.

Meios muito doentios e muito virulentos, pessoas muito certifiable. A Fabian Society funciona desde o início como um ponto de encontro para aristocratas de topo (lordes e outros), financeiros e elitistas de upper middle class. Sempre presente em tudo isto, algo que é bem patente em todas as obras e manifestos que daqui saiem, é um enorme e virulento desprezo pelo homem e pela mulher comuns, vistos como pessoas ineptas e inferiores, incapazes de tomar decisões por si mesmos, a necessitar de gestão compulsiva pelos seus pretensos "superiores". Esta é a mentalidade do criminoso de classe, o aristocrata nihilista e pretensioso que pretende exercer poder absoluto sobre os comuns e precisa de encontrar uma forma de o racionalizar, de dar a esse exercício uma aparência de quasi-legitimidade. Este é o standard nos núcleos centrais de socialismo em todos os países. Aí, encontramos sempre este perfil. O aristocrata e o elitista pretensioso de upper middle class, gente rica, obcecada por poder, dominada por desprezo e até ódio, face à larga generalidade dos seres humanos. São meios muito pouco saudáveis, muito doentios, muito desarranjados. E depois, é claro que estas pessoas são incrivelmente mentirosas. Nos seus ensaios e livros escrevem sobre como odeiam o público e querem estabelecer totalitarismo universal; em público, falam de amor e solidariedade. Gente muito perigosa e certifiable.

HG Wells, um trendsetter para todas as eras; autoritário obcecado com purgas étnicas e ideológicas.

Snob que ascende de classe baixa para assumir ódio e desprezo para com as suas origens.

Um exemplo mais ou menos paradigmático, com efeito um trendsetter, é HG Wells, socialista fabiano, mocinho de recados da aristocracia. Herbert George era um snob, um pequeno wannabe. Nasce na classe operária, e mais tarde é adoptado pelos Huxleys, e vai viver entre a aristocracia. Desenvolve o mais profundo ódio e desprezo pelo homem comum; o mais profundo pavor de ser atirado de volta às massas operárias de onde tinha vindo, às quais chamava "Povo do Abismo". Muito inseguro de si mesmo, o que o vem a tornar num misantropo autoritário, alguém que concebe o mundo como um espaço de superiores e inferiores, onde todos têm de ser shaped to fit – with a whip. É provavelmente o fabiano mais extremo *da sua era* (mas é o trendsetter para todas, para dizer a verdade). Nessa altura, GB Shaw tinha um módico de graça e de humor, entre todas as ramblings autoritárias. Lord Russell tinha o típico sentido de liberalidade aristocrática que o fazia não ser *tão odiento* como os capatazes abaixo (os capatazes empregam o chicote, o lorde acima mantém um ar de humanidade e até de simpatia). Os Webbs eram demasiado obcecados com mecanismos linguísticos e formalidades burocráticos para fazerem muito mais que escrever os mais entediantes e insuportáveis tractos de estilo administrativo (são a grande inspiração do estilo de escrita burocrático pós-moderno); queriam gerir pessoas, como se gere gado industrial, mas é um exercício cinzento e impessoal, sem demasiado *ódio*. E ódio é o que domina Wells. Em livros como "Anticipations", "The Open Conspiracy", "A Modern Utopia", atinge níveis pré-hitlerianos de ira e despeito para com os vulgares; quer fazer limpezas étnicas sobre a larga maioria dos povos do mundo e, fazer uma razia às classes baixas e médias do mundo ocidental. Wells virá a apoiar os Nazis alemães, tanto quanto os Fascistii italianos e, claro, fará viagens à Rússia Soviética para manifestar toda a sua admiração assolapada por Stalin e pelo sistema de brutalização e escravatura lá. A Nova República que Wells descreve em "Anticipations", em 1902, é a descrição exacta daquilo que a Alemanha Nazi viria a ser (incluíndo os genocídios em escala) e é aquilo em que os seus herdeiros (executivos neoliberais, socialistas de topo, directores do fundo monetário internacional, e afins) esperam vir a transformar o mundo.

Insanidade moral / patologização de sanidade / the ride you're into, if you give'em power. As pessoas não fazem realmente ideia da ride they're into, quanto dão poder a estes movimentos de gente auto-conceituada e, mais que isso, profundamente perturbada. É o problema essencial aqui. Insanidade, no domínio moral e em muitos outros; e, é uma que tentará patologizar saúde e normalidade.

O perfil dos comic book villains. Um dos detalhes mais interessante em toda esta gente, é o facto de, quando se olha realmente para eles, pelo que são, todos parecerem comic book villains e, de uma forma bastante essencial, é precisamente isso que são.

O lobo em pele de cordeiro; neo-feudalismo e racismo de classe.

Fabian Essays (1889) e outras obras fabianas: manifestos de ódio anti-humano.

Neo-feudalismo e comunitarismo / consórcios privados assumem poder total sobre sociedade.

Sociedade transformada na **comuna** / trabalho forçado, microgestão, condições de vida zero.

Exército policia comuns / brutalidade / Selecção eugénica / esterilização, extermínio de "inaptos".

Boa medicina negada a comuns [Sir Julian e a Unesco].

3º mundo é 3º mundo porque vive sob isto / em breve, 1º mundo será 3º mundo.

A Fabian Society é, desde o início, pioneira de um atípico ódio anti-humano, bem manifesto nos "Fabian Essays in Socialism" de 1889 – com destaque para os textos de George Bernard Shaw, Annie Besant, e Hubert Bland. Este manifesto inaugural exige abertamente a destruição da civilização, e a conversão da sociedade para neo-feudalismo, comunitarismo, trabalho forçado, prisões políticas, execuções. A família tem de ser desmantelada e eventualmente proscrita. Toda a economia será entregue nas mãos de grandes consórcios público/privados [*ver notas sobre* ***Comunitarismo****, que significa a tomada de poder sobre o domínio público e a sua usurpação por mãos privadas; é isso que é introduzido pelo modelo das parcerias público/privadas*] e, quem quiser *viver*, terá de trabalhar nos moldes miserabilistas e esclavagistas que *vão ser*, é afirmado, impostos por estes consórcios. A vida do vulgo será o trabalho, e o trabalho será na comuna laboral. As cidades serão transformadas em comunas laborais. O refeitório colectivo, o apartamento/dormitório e o exército a policiar as comings and goings dos liliputianos são condições *morais*. O mesmo com um salário *universal*, que será o *salário mínimo*. Mais tarde, HG Wells, Shaw e outros fabianos acrescentam a toda esta efusão de "moralidade" a ideia de esterilizar a larga maioria da população. A reprodução é um privilégio a ser reservado a uns meros ***1 a 10%***. Uma boa parte da maioria inapta tem, claro, de ser exterminada. A câmara de gás é apresentada por estes fabianos (e.g. Russell, Shaw) como uma solução particularmente *humana*. Quem for *imoral* e não aceitar tudo isto, morrerá à fome, porque o sistema totalitário público/privado se assegurará que não receberá ajuda de ninguém. Outros autores, como Lord Bertrand Russell vêm abrir a possibilidade de simplesmente prender e executar a pessoa. Lord Russell é bastante fresco. Os livros dele valem muito a pena. "The Scientific Outlook" e "The Impact of Science on Society" são manifestos indispensáveis na escala anti-humana das coisas. O mesmo para Sir Julian Huxley, outro fabiano. "Man in the Modern World" e "UNESCO, Its Purpose and its Philosophy" (Huxley, um monstro, foi o fundador da Unesco, uma instituição monstruosa) são igualmente indispensáveis. «*The lowest strata [of people]… are reproducing… too fast. Therefore… they must not have too easy access to relief or hospital treatment lest the removal of the last check on natural selection should make it too easy for children to be produced or to survive; long unemployment should be a ground for sterilization...*». Estas são as palavras deste amiguinho das crianças, em "Man in the Modern World", 1947 (isso mesmo, após o Holocausto). O Terceiro Mundo é o Terceiro Mundo porque foi, ao longo de todo o último meio século, o playground para testar e aplicar ideologia fabiana. O 1º Mundo será Terceiro Mundo daqui a poucas décadas.

Socialismo fabiano, o lobo em pele de cordeiro (símbolo oficial!). Nestes primeiros tempos, um dos símbolos oficiais da Fabian Society, acessível aos membros internos, é um lobo vestido de pele de cordeiro – literalmente. Com efeito, "socialismo progressivo" era, e é, a forma mais adequada, de avançar neo-feudalismo e desintegração civilizacional, ao mesmo tempo que rotula esse esforço de "progressista" e "humanista" (por oposição a humanitário; porque foi *assim* que os descendentes ideológicos destas pessoas vieram a redefinir humanismo).

A Utopia socialista fabiana é...a Idade Média!

Ordem social "cívica e ordeira", sem "atrevimentos", todos sabem o seu lugar.

Os comuns levam "vidas simples", sob supervisão dos mais "sábios", como é "apropriado".

Voltemos a 1889, aos "Fabian Essays in Socialism". Aí, descobrimos que o ideal, a Utopia a alcançar sob socialismo internacional, é... a Idade Média! A ordem repressiva e autoritária medieval é o melhor de todos os mundos. A comuna medieval era um sítio *cívico* e *ordeiro*, onde todos sabiam qual o seu lugar (mind your place) e ninguém vivia *para além dos seus meios* [*a comuna, a reserva para o gado humano, o modo como os commoners são vistos, é sempre o modelo essencial*]. As pessoas eram felizes (ahah) porque levavam vidas *simples* e *despretensiosas* (sob o chicote) e é a isso que é necessário voltar. Afinal de contas, é-nos dito, é preciso voltar a ter uma ordem social "apropriada", em "harmonia com a natureza", onde cada qual é posto no seu lugar, e não são tolerados "atrevimentos". Uma parte essencial da nostalgia medieval é o sistema social, muito bem organizado, muito *moral* – dizem-nos estes porcos imorais. Isto significa que a destruição totalitária da era moderna tem de incluir a mimetização desse sistema. A aristocracia feudal é substituída por financeiros internacionais e por outras castas oligárquicas de estilo hindu. Os capatazes do feudo e da comuna medieval são substituídos por comissários, burocratas, managers – gestão (gestão é um conceito vital; tudo é gerido, e tudo significa **tudo**). A vanguarda de "Samurais", de que HG Wells falará, os esclavagistas a soldo para os big boys. Depois vêm todas as outras castas, até aos intocáveis lá no fundo, aqueles que são deixados a morrer à fome ou pura e simplesmente executados.

O amor fabiano por nazismo e sovietismo.

Apoio habitual a crime organizado: e.g. Nazismo, Fascismo, URSS e outros Comunistas, etc. Os socialistas fabianos tinham parceiros de trabalho preferenciais. Durante um tempo, a "reconciliação nacional" de Benito Mussolini e o NSDAP de Adolf Hitler foram apoiados de um modo quase delambido. Mais tarde, foi percebido que isso era uma má táctica de relações públicas. A partir deste ponto, o fabianismo internacional limita-se a apoiar Stalin e, mais tarde, pessoas como Mao, Pol Pot e as forças revolucionárias de Khomeini no Irão.

SIS / Cambridge Fabians / Chatham House e a rede de influência global da City.

Aliança histórica com establishment financeiro.

Raízes no SIS / Cambridge Fabians, **Apostles** / Society fundada como branch político SIS.

Porém, a grande "entente" nunca foi com ditadores internacionais, mas sim com financeiros, especuladores e outros velhos oligarcas do establishment anglo/europeu. A Fabian Society surge com o patrocínio aberto de Lord e Lady Astor e é apenas sintomático que um dos seus fundadores tenha sido um executivo da City, Edward Pease. Porém, as suas raízes são ainda mais profundas e vão dar aos Cambridge Fabians, uma das subdivisões dos Apostles, e o grupo que coloca a Fabian Society em moção. Os Cambridge Apostles são, claro, um grupo extraordinariamente importante de

establishment boys e uma secção essencial do SIS, os serviços privativos de intelligence para a Coroa britânica [*décadas mais tarde, vários Apostles são expostos como agentes duplos, teoricamente a espiar o MI6 em nome do KGB. A parte interessante aqui é que sempre foram agentes SIS, e o SIS está muito acima do MI6 e, já agora, do KGB. Neste caso, o que parece mais plausível ter acontecido, e a história o dirá, é que estavam na verdade a jogar um jogo triplo: a espiar o MI6 por conta do KGB e, mais tarde, a operar o KGB por conta do SIS; e isso seria apenas mais um elemento para explicar os vários fenómenos de entente anglo/soviética durante a Guerra Fria*]. Os SIS gerem os Apostles e os Apostles efectivamente criam a Fabian Society, que funciona desde então como um branch político e ideológico para os SIS. Este é o procedimento habitual nos países europeus; muito velhos, muito corruptos e completamente poluídos por sujidade oligárquica.

Ramo essencial para a rede de influência global da City of London.

Do Milner Group a Chatham House e à ONU.

A partir daí, a Society é adoptada, acarinhada, feita crescer, pela clique de Lord Milner, Jan Smuts e Philip Kerr, que agregava os mais influentes aristocratas e banqueiros do Império na altura. Este grupo de oligarcas financeiros ainda hoje em dia existe, tem mais poder que nunca antes, e é o plateau central de decision-making para a City of London; e a City of London é, em muitas dimensões, o epicentro do planeta, em questões económicas, sociais e políticas. Em tempos, este grupo central à City foi conhecido como Round Table, Milner Group, The Group, Cliveden Set, ***Us*** ("nós"). O seu principal veículo institucional é o Royal Institute of International Affairs (RIIA), i.e. Chatham House, em Londres, e Chatham House está no centro de uma vasta rede global de agências, institutos internacionais, companhias multinacionais, fundações, ONGs. O RIIA e as suas subsidiárias são determinantes, em consultoria e policy making, para todo o sistema internacional, da ONU, ao FMI, ao Banco Mundial, à União Europeia, e aos governos nacionais de muitos, muitos países. É daqui que vem o sistema de round tables e a actual conversão da economia global para o modelo das parcerias público/privadas; neofeudalismo. É um vasto complexo institucional e uma potência per se, com mais riqueza agregada que qualquer estado nacional. É aqui que está o real poder de decision-making no mundo actual. A Fabian Society e o vasto complexo organizacional que controla, incluíndo a Segunda Internacional, estão integrados nesta rede de influência global e são componentes essenciais da mesma.

Fascii dialéctico entre establishment financeiro e socialistas apenas cresceu, com o tempo.

A união dialéctica entre financeiros e socialistas nunca morreu; pelo contrário, o *fascio* que os une ganha mais e mais feixes à medida que o tempo passa. Existem feixes para todos os gostos e preferências e, sob todos os pretextos possíveis e imaginários. Just come on in, be a part of ***us***! Estes feixes de joio, claro, são feitos à esquerda e à direita para serem separados do trigo, cortados e lançados para o fogo para o qual foram feitos. Essa é a finalidade de todo o bravato autoritário.

Lord Milner era um socialista progressivo / apartheid.

Implementou o sistema na África do Sul; chamava-se **apartheid**. Lord Milner, mencionado atrás, o grande patrono de socialismo fabiano, é o homem que assumiu o comando do grupo após a morte de Cecil Rhodes, o fundador da Round Table. Milner era um proponente de "socialismo progressivo", chegando ao ponto de dar várias palestras públicas sobre o assunto. Implementou os princípios essenciais da doutrina na recém-conquistada União da África do Sul; mais tarde, esse sistema seria conhecido como "apartheid".

John Ruskin, o pai ideológico da aliança finança/socialistas.

Proto-fascista vitoriano / rústico / deificação da natureza, ódio aristocrático pelos "vulgares".

Desmantelar a civilização burguesa para voltar a "ordem natural" (feudalismo).

Tory e Comunista – Red Tory / a comuna feudal como modelo para o futuro.

Quando Lord Milner e os seus subordinados socialistas se sentavam a uma mesa redonda em Chatham House ou nos Coefficients, falavam de vários temas. Grandes concessões de recursos, negócios à custa dos contribuintes, gestão científica de populações, redes de influência e controlo social, medidas eugénicas, e muitas outras coisas. Mas um dos temas favoritos era certamente John Ruskin, o pai ideológico desta "entente". John Ruskin, um professor em Oxford, era um notável proto-fascista vitoriano. A sua deificação da natureza só era igualada pelo seu intenso ódio pela actividade humana e pela humanidade em geral. Nas várias colectâneas de ensaios que escreve, vocifera contra a existência de indústria, classe média, direitos constitucionais. Ruskin depois *afirma* querer arrasar Glasgow, Nova Iorque e o Parlamento, e trazer de volta a "ordem natural" da Idade Média. Declara-se como sendo simultaneamente um Tory e um Comunista – e não há nada de estranho nisto. Como Ruskin asseverava, o modelo a seguir é a comuna, e a comuna é uma estrutura medieval e feudal. Na comuna, os "comuns" são governados por uma classe "benevolente", "mais avançada", e "mais sábia" de lordes e de comissários feudais (hoje, isto inclui sempre "chefes-executivos", "líderes comunitários", e por aí fora). John Ruskin estava apenas a reiterar um dos mais populares credos entre a velha aristocracia europeia: o de que a ordem de castas da Idade Média é o sistema mais perfeito e mais equilibrado alguma vez inventado; portanto, não precisa apenas de ser reinstaurado, mas também, globalizado.

GB Shaw, socialista fabiano, esclarece nonsense esquerda/direita.

"Pessoas comuns são ineptas; precisam de quem tome decisões por elas".

"Socialistas são classe aristocrática / são 'os melhores', para gerir os vulgares".

"Bolchevismo é Toryism – o domínio absoluto da aristocracia sobre todos os outros".

Em 1921, GB Shaw escreverá um ensaio a glorificar Ruskin, onde colocará de parte de uma vez para todas a imbecilidade direita/esquerda nestas matérias de gangsterismo político e governo totalitário: «*The people seldom know what they want, and never know how to get it… the reconstruction of society must be the work of an energetic and conscientious minority. Both of them knew that the government of a country is always the work of a minority, energetic, possibly*

conscientious, possibly the reverse, too... when we look for a party which could logically claim Ruskin today as one of its prophets, we find it in the Bolshevist party… all Socialists are Tories in that sense. The Tory is a man who believes that those who are qualified by nature and training for public work, and who are naturally a minority, have to govern the mass of the people. That is Toryism. That is also Bolshevism. The Russian masses elected a National Assembly: Lenin and the Bolshevists ruthlessly shoved it out of the way, and indeed shot it out of the way as far as it refused to be shoved» [Bernard Shaw (1921). *Ruskin's Politics*]

300 anos de reacção oligárquica contra avanços Modernistas (1).

Modernismo: indivíduo tem direitos individuais inalienáveis.

Está acima de qualquer entidade colectiva / Governo tem de ser legítimo (i.e. dentro da lei). A vitória essencial do Modernismo é o reconhecimento do indivíduo per se – todos os indivíduos. Todos são criados iguais e todos têm certos direitos; e o foco central destes direitos é, precisamente, a noção de independência individual. Esses direitos não lhe podem ser negados, por *ninguém*. Nem por um tirano, nem por uma oligarquia, nem por um governo, nem por um colectivo popular despótico. O indivíduo está *sempre* acima de toda e qualquer organização colectiva. A organização colectiva pode ser criada para *servir* os indivíduos (e.g. governo). Por outras palavras, os indivíduos podem optar por nomear ou eleger representantes que arbitrem relações sociais e assegurem a protecção de direitos individuais. Porém, a organização colectiva não está no direito de inverter as proposições, de modo a poder exercer poder arbitrário sobre o indivíduo médio. Isto significa, claro, que toda a regimentação compulsiva, todo o colectivismo compulsivo, é rejeitado e *banido* – é algo que está fora da lei.

Oligarquia, um corpo colectivo que **depende de colectivismo** para exploração. Isto é intolerável para uma oligarquia, um colectivo organizado que deriva todo o seu poder da imposição de colectivismo absolutista às "massas" (aos indivíduos). O colectivo no topo, a oligarquia, organiza um sistema absolutista, pelo qual o resto da população é mantido sob dependência e *sob controlo*. O indivíduo médio e a família média não contam para rigorosamente nada. São usados, moldados, pisados, shaped to fit. São meros objectos a ser usados pelos oligarcas. Depois, a oligarquia organiza sempre inúmeros corpos colectivos de natureza coerciva ao longo da sociedade, para assegurar manutenção e expansão de controlo (e.g.1 polícia política; e.g.2 quem queira ter uma actividade económica é forçado por "lei" a trabalhar em franchise para um grande grupo, ou tem de estar integrado numa ordem profissional).

Oligarquias europeias indignadas com avanços Modernistas: dão poder aos vulgares! É esta a situação de muitos dos velhos grupos de poder na Europa, durante a ascensão Moderna. Estes grupos oligárquicos viam-se a perder o poder que até aí exerciam de forma absoluta sobre os "vulgares", os "comuns", o "mau sangue". A instauração de liberdades políticas e económicas dava poder, voz, e poder de geração de riqueza a quem tinha de ser mantido dependente, temeroso, obediente, perante os "mestres". Pelo mesmo exacto motivo, as classes médias eram inaceitáveis; eram os bourgeois, os burgessos, a plebe atrevida que pensava poder criar algo de melhor para si e para os seus. As classes médias eram pioneiras em auto-educação e em tudo o que daí advinha:

conhecimento e cultura, ideais políticos, inovação económica, descobertas científico/tecnológicas. O horror perante a emancipação intelectual das pessoas pequenas, a little people, a ralé, era algo de quase inconcebível, para pessoas *sãs*, e humanas. "*Eles sabem ler, e falar, e escrever, e compor, e pintar – e fazem-no melhor que nós!*". E, claro, as classes médias eram o epicentro tectónico do Modernismo. Se alguma vez as classes baixas viessem a ser emancipadas, isso aconteceria por acção das classes médias. E estava a começar a acontecer; "*todas estas ideias novas na Europa, e a emancipação gradual de plebes nas Américas; muitos entre eles ajudam-se uns aos outros, e depois viram-se contra nós!*". "*É preciso dividi-los! É preciso convencer os pobres de que são pobres por causa das classes médias, e torná-los inimigos de sangue, e é preciso encher as classes médias de lixo mental, falsas culturas, apatia e desinteresse!*". O estado-nação também era inaceitável. Podia ser cooptado, sequestrado, mantido oligárquico, por uns séculos, mas o facto é que não era fiável; demasiado dado a revoluções, mesmo sob falso melhorismo, organizado pela oligarquia. A melhor organização era o velho formato imperial, onde os centros de poder são dispersos, distantes, megalíticos. Onde qualquer rebelião das plebes pode ser contida a um nível mais ou menos local, ou regional, e é possível usar depois grandes exércitos imperiais para marchar sobre as sátrapas e esmagar a rebelião. E é claro que o estado-nação é mau por outro motivo. É a única forma de organização geopolítica que permite a emancipação efectiva das massas da humanidade e a criação de liberdade e de prosperidade para todos – *se bem usado*, claro.

300 anos de reacção oligárquica (2) – Colectivismo, i.e. Socialismo.

Concebem reacção / 300 anos de acção autoritária e multivectorial contra avanços modernistas.

Cooptar aquilo que é útil para oligarquia / neutralizar, suprimir, aquilo que liberta pessoa comum.

Múltiplos movimentos convergentes, ideologias sintéticas, provocadores e ideólogos a contrato.

Selva lançada sobre humanidade, para a persuadir de que o seu habitat natural é... a selva. Ao longo do espaço dos últimos 300 anos, o Modernismo, e aquilo que está no seu epicentro, a ideia de liberdades individuais, encontrou inimigos incomparáveis nas velhas oligarquias mercantis e feudais da Europa; e em múltiplos movimentos daí derivados. O gameplan foi simples. Cooptar, sequestrar e reciclar os avanços Modernos que podiam ser usados pelas classes oligárquicas para consolidar e exercer poder; ultimamente, poder totalitário. Procurar neutralizar e apagar da memória humana todos os avanços passíveis de libertar, emancipar e trazer esclarecimento à família média e ao indivíduo médio. Para avançar tudo isto, seriam usados múltiplos movimentos diferentes, inúmeras cores ideológicas inventadas, inúmeras reciclagens da mesma ideologia oligárquica. Inúmeros caminhos que parecem traçar rotas independentes mas, voilá!, eis que vão todos convergir na mesma estrada larga, para o mesmo destino final. Em tudo isto, seriam também usados inúmeros – literalmente! – provocadores a contrato, heróis teatralizados, quackademics, ideólogos a recibos verdes – etc. A selva seria lançada sobre a humanidade, para persuadir a humanidade de que o seu habitat natural é a selva.

Doutrinar massas para ideologias oligárquicas / "Paz e segurança". As "massas" teriam de ser persuadidas que era do seu melhor interesse não ter independência individual. Que o indivíduo

médio é per se perigoso, incompetente, e irresponsável. Que a sociedade tem, por primado de sobrevivência, de ser governada por indivíduos mais "sábios", mais "benevolentes" e mais "evoluídos" que a média. Que *paz e segurança* só serão obtidas por organização colectiva, e que tal organização colectiva deve sobrepor-se, em nome do "bem comum", aos direitos inegáveis do indivíduo. Paz e segurança são os grandes motes aqui; a oligarquia iria acabar com toda a paz e negar toda a segurança, mas usaria estes termos como motes de auto-glorificação universal. Esta e esta, e também esta forma de governo ("as nossas, ahah") trarão paz e segurança. "*E é quando eles gritam paz e segurança que os melhores planos estouram, e paciência, lá se fatigaram as nações para o fogo*", como está escrito.

Impor a ideia de que é necessário haver sistema colectivista organizado, sobreposto a indivíduo. A ideia oligárquica essencial foi a de introduzir a noção que é preciso um *sistema* social organizado dotado do poder de se sobrepor ao indivíduo. O colectivo sobre o indivíduo. Aqui, a sociedade surgiria como uma forma de empresa, ou de "máquina", ou de "corpo", onde todos são integrados para *usufruir* dos direitos humanos contextuais, situacionais, que o "estado" pode optar por lhes *conceder*. O "estado" é a *colectividade* de todos os cidadãos. O governo é uma *autoridade* com poder de intervenção sobre tudo (ou quase tudo) o que acontece. O seu trabalho é exercer *funções*, apesar de, por etiqueta, poder chamar-lhes *serviços*. Note-se a diferença de linguagem legal entre isto e aquilo que acontece sob governo legítimo. Aqui, está-se perante linguagem absolutista e isso é algo que só acontece quando se está perante práticas correspondentes; ninguém usa a linguagem do autoritarismo para ceder poder a seguir. Seja como for, basta observar a história dos últimos séculos para ver que é precisamente isto que está em causa. Nestes sistemas, ainda que sejam permitidas eleições democráticas, é garantido que a dança dos partidos nunca poderá (excepto nos casos de revolução, ou de regeneração) mudar o *sistema* em si. Da mesma forma, é garantido que o sistema será controlado por uma clique oligárquica que organizará as coisas em proveito próprio.

A sociedade plenamente organizada pelo estado oligárquico – i.e. Socialismo. Este foi o design essencial que as velhas oligarquias europeias adoptaram para controlar o fallout de Modernismo. Mas, a seguir, foram mais longe. Pegar neste estado colectivo e usá-lo para *organizar plenamente* a sociedade. A isso foi chamado de Sociocracia, numa primeira geração; e, depois, de Socialismo. Socialismo é a sociedade que é plenamente organizada, e controlada, pelo estado. Uma forma de estado que não faça isto no seu pleno, (ainda) não é genuinamente Socialista. É claro que pode estar a caminho; pode, e.g. ser Social-Democrática; este é um dos formatos que são definidos pela Sociedade Fabiana em Inglaterra e por Kautsky na Alemanha.

Socialismo é sempre pré-totalitário ou totalitário / visa engenharia **total** da sociedade. Todas as formas de socialismo são objectivamente pré-totalitárias ou totalitárias, no sentido em que o objectivo pretendido é a engenharia política, social e económica da *totalidade* da sociedade; *de tudo na sociedade*. Toda a sociedade tem de ser integrada entre si e feita funcionar como uma máquina de peças e de mecanismos interdependentes. Todo o processo é conduzido, claro, por uma oligarquia autoritária. Qualquer força política que pretenda alcançar este objectivo é *socialista*, e *colectivista*, independentemente do termo psicopolítico que possa usar para se categorizar a si mesma.

Socialismo pode ser de esquerda, mas também de direita.

O que interessa é a concepção do sistema integrado para engenharia da sociedade.

Os desvios do caminho *legítimo* são sempre para a direita e esquerda. Como é óbvio, um caminho baseado na ideia de desvio daquilo que é *legítimo* tem de se desviar para a direita e para a esquerda, e é isso que aqui acontece. Vamos ter socialismo de direita (ou, como é commumente conhecido, *direita*) e socialismo de esquerda (*esquerda*). Ambos subscrevem ao mesmo modelo essencial, mas discordam em pontos eventuais. Quem controla o sistema integrado, i.e. quem é a oligarquia dominante? Que agendas psicossociológicas são favorecidas? Quais os grupos sociais que vão ser favorecidos e quais os grupos que vão ser desfavorecidos? E assim sucessivamente.

As formas mais extremas de Socialismo são, claro, Comunismo e Fascismo.

Origens indistintas / os mesmos métodos / dialéctica geopolítica / diferenças apenas em retórica.

Durante século 19 e até final da II Guerra, isto era de conhecimento comum.

[**Colectivismo** era o termo para tudo isto].

Após II Guerra, águas são turvadas com propaganda, popularização de ideologia sintética. A forma mais extrema de socialismo de esquerda é, claro, Comunismo; e, à direita, Fascismo ou Nazismo (nacional-Socialismo). As duas formas têm origens indistintas. Ambas surgem a partir do Socialismo militante (e terrorístico) do século 19; e, regra geral, a partir dos mesmos exactos movimentos. E.g. os movimentos terroristas de Mazzini em Itália dão origem a Fascistii e a Comunistas por igual medida. Ambos os movimentos ambicionam o retorno pleno ao modelo oligárquico. O estado é totalitário e dedica a maior parte dos seus esforços a suprimir a própria população. Esse estado visa expansão internacional ilimitada, para controlo militar e civil de territórios; e para gestão mercantil, monopolista, dos processos económicos. Ambos conduzem extensas purgas sobre os seus domínios e, para ambos, essas purgas são tanto ideológicas como étnicas. Ambos são controlados por pessoas extremamente ricas e poderosas. Ambos prometem desenvolvimento económico e libertação individual, enquanto desprezam o indivíduo médio, rejeitam qualquer forma de liberdade política, e proíbem classes médias independentes e actividade económica descentralizada. E, jogam uma dialéctica geopolítica essencial. O fascismo *tradicional* subverte a ideia de estado-nação para o equacionar com "pureza racial" (e outras superstições desse género) e para o usar como plataforma de agressão militarizada. O objectivo é a construção da unidade imperial, com o uso de um ou mais "povos puros" como recursos humanos para isto. O comunismo, por sua vez, rejeita a ideia de estado-nação e vai directamente para a unidade imperial com base em "classes puras". De resto, é ao nível da retórica que vamos encontrar as diferenças essenciais. Isso era bem reconhecido até à II Guerra (após a II Guerra, foi espalhado todo o tipo de confusão conceptual sobre o tema). Durante o século 19, e durante a primeira metade do século 20, ninguém fazia distinção entre Comunistas, Nazis e Fascistii, a não ser no que respeitava à pura e simples pragmática da luta pelo poder entre grupos competidores. Qual é o bando de totalitários que preferes, os de vermelho ou os de preto? Quais são os que falam melhor, quais são os que fazem promessas melhores? Militantes totalitários alternavam livremente entre grupos de "esquerda" e de

“direita”. Os Fascistii italianos começaram por ser um bando de esquerda e o mesmo acontece para os Nazis alemães. Depois, tanto Fascistii como Nazis mudaram o rótulo para direita, já que os distinguia melhor dos Comunistas, o principal grupo competidor [ver notas sobre ***Socialismo*** e ***URSS***, para muito sobre tudo isto].

Regimes oligárquicos são regimes usurpatórios por crime organizado.

Usurpação (i.e. roubo) dos direitos inalienáveis do homem e da mulher comuns.

Usá-los e moldá-los a bel-prazer, para projectos de grupo oligárquicos. E é claro que a nota dominante em tudo isto é o facto de todos os regimes oligárquicos serem, em essência, regimes criminosos. Toda a teoria e prática são direccionadas para um único ponto, um único objectivo comum: usurpar os direitos inalienáveis do indivíduo médio e da família média. Usá-los e a moldá-los a seu bel prazer, como objectos desprovidos de vontades próprias (estes regimes têm *sempre* de despersonalizar os seus próprios cidadãos). Usá-los e moldá-los para serem peças de construção para projectos de grupo oligárquicos.

Uma oligarquia é sempre um gang que existe por exploração do público. Uma oligarquia é, de resto, uma força de crime organizado, um gang de topo que existe por conta da exploração do resto da sociedade. Depois, cria inúmeros clones similares ao longo dos vários níveis da sociedade, para melhor a controlar.

Regimes usurpatórios e criminosos / **Inimigos do povo**. Mais que regimes usurpatórios, criminosos, estes movimentos, e os regimes que criam, o que inclui o moderno comunitarismo, são claramente distintos pelo facto de serem *inimigos do povo*. Essa é a mentalidade prevalente, e o carácter essencial de tudo o que é feito.

Aristóteles e os oligarcas que juram inimizade perpétua ao povo.

Homem e mulher comuns têm de asseverar **independência** de **todas** as forças de usurpação.Há 2500 anos atrás, Aristóteles explicou o modo como os oligarcas de uma cidade-estado particular tinham um rito de iniciação no qual tinham de jurar inimizade perpétua para com o povo da cidade. A oligarquia era um predador consciente e voluntário sobre as massas humanas que tinha... *ao seu dispor*. Esta é a mentalidade que genuinamente prevalece em tudo isto. É por isso que as “massas humanas” nunca podem ficar *ao dispor* de nenhum power group em particular, o mesmo se aplicando a tiranos e a “colectivos populares” (que assumem o direito de impor despotismo de grupo sobre os seus semelhantes). Cada indivíduo é criado igual a todos os restantes, e é dotado de liberdades e direitos que lhe são inalienáveis; que advêm do seu nascimento como indivíduo humano. Liberdade, vida, auto-realização. Qualquer força de autoridade que se assuma no direito de negar e de cortar estes direitos está a agir contra o indivíduo, contra a família média, contra a humanidade. Está a agir contra a Lei natural que é estabelecida e ordenada pelo próprio Criador. É, portanto, uma força de autoridade ilegítima, i.e. que age sem legis, sem lei. Uma força de autoridade sem lei, fora da lei.

300 anos de reacção oligárquica (3) – Nostalgia medieval e kool aid cults.

Idade Média!, benchmark para todos os movimentos colectivistas relevantes de últimos 300 anos.

O paraíso sustentável / a comuna medieval / os vulgares e os mestres "benevolentes" e "sábios".

Todos conhecem o seu lugar na sociedade e fazem o trabalho que lhes é dado. Todos os movimentos colectivistas relevantes dos últimos 300 anos são iniciados por esta entente oligárquica. Todos vão usar o modelo medieval como o seu *benchmark* de Utopia. Isto é válido quer estejamos a falar de Socialismo ou Comunismo, de Tecnocracia ou de Fascismo, e Nazismo. Na esfera pública, será anunciado o paraíso sustentável, onde todos vivem vidas confortáveis, justas e igualitárias. Nos escritos internos, este paraíso sustentável assume um aspecto bastante diferente, o retorno à ordem social autoritária, violenta e regimentada da Idade Média. Alguns exemplos desta interdependência entre socialismo e feudalismo serão dados ao longo do resto do texto, muitos mais podem ser encontrados na pasta ***Socialismo***, e outras. A sociedade medieval era uma na qual todos sabiam o seu lugar na sociedade – mind your place. Todos faziam o trabalho que lhes era dado; ninguém se atrevia a questionar as ordens daqueles que são "mais sábios" e "mais avançados". A **comuna** medieval era o espaço onde esses auto-proclamados "superiores" exerciam o seu domínio; toda a sua "superioridade".

Ordem medieval, inímica a liberdade, ao indivíduo, a desenvolvimento.

Degeneração, autoritarismo, ignorância e violência. A ordem medieval era, claro, inímica a direitos individuais e ao indivíduo em si. Da mesma forma, era inímica a desenvolvimento económico. Era um sistema degenerado e violento, alicerçado em ignorância e em maus sentimentos.

Regresso a isto implica destruição gradual da civilização, do indivíduo e da Razão.

Irracionalismo, mínimo denominador comum humano, colectivismo. Voltar a esse tipo de sistema implica a *destruição gradual* da civilização, do indivíduo independente. Implica a desfiguração da Razão, e a sua substituição por irracionalismo dialéctico. Implica a degeneração da humanidade no seu todo; a redução de cada indivíduo ao nível do mais baixo e medíocre irracionalismo hedonista. Implica que a pessoa aprenda a não ter qualquer iniciativa individual, fora da esfera do grupo, do colectivo. Isto aplica-se especialmente ao domínio das ideias; aquele que pensa pela própria cabeça e discorda do dogma colectivo será tratado como *herege*.

Kool aid cults aplicam isto a si primeiro e depois tentam generalizar a todos os outros. É tudo isto que todos estes sistemas avançam e praticam. Mind you, as pessoas envolvidas nestes kool aid cults começam por aplicar o tratamento a si mesmas, e depois vão tentar converter (por persuasão ou coerção) o resto das massas da humanidade.

Reacção anti-modernista: ataque sobre indivíduo, Razão, liberdade política e económica. Esta é a essência da reacção anti-modernista levada a cabo durante os últimos 3 séculos. Um ataque sobre o indivíduo, sobre a Razão e sobre democracia liberal e constitucional.

A romantização de aristocracia, subdesenvolvimento, desigualdade perpétua [Romantismo].

Ruskin era um Romântico e é do Romantismo que surge Nazismo e Comunismo. John Ruskin estava apenas a reiterar um dos mais populares credos entre a velha aristocracia europeia: o de que a ordem de castas da Idade Média é o sistema mais perfeito e mais equilibrado alguma vez inventado; portanto, não precisa apenas de ser reinstaurado, mas também, globalizado. Ruskin era um Romântico, e este é (ao contrário daquilo que foi vendido à vox populi) um movimento incrivelmente virulento e elitista. É daqui que sai, de modo quase directo, o Nazismo alemão e, claro, várias das falanges organizadoras dos movimentos Comunistas continentais.

Movimento aristocrático / medievalismo / pavor anti-modernista, anti-democrático. Os sentimentos dominantes, em Romantismo, são a nostalgia pela "sociedade ordeira" da Idade Média e o desprezo irrestrito pela Modernidade, com a emancipação sócio-política, económica e educacional das antigas classes servis, os "vulgares", o "mau sangue". Indústria, classes médias independentes e desenvolvimento económico são atrevimentos intoleráveis. A crescente democratização de literacia e de auto-educação era algo que não podia ser – eles sabem ler, e falar, e fazem-no melhor que nós! Tal era, e é, o drama existencial destes herdeiros intelectuais (e, regra geral, dinásticos) da antiga ordem feudal.

O melhor de todos os mundos é a tirania colectiva dos vápidos / a França gnóstica. A crença essencial em Romantismo é a de que o melhor de todos os mundos é algo na linha dos principados do sul de França, durante o apogeu do gnosticismo medieval (daí "romantismo", que vem de "romance", a língua dessa área); controlo totalitário da plebe, troubadours, álcool, orgias de sexo e de sangue, e todos os restantes tipos de perversão, são o lifestyle ambicionado. E são feitos, ainda hoje. Mas não é preciso ir tão longe como a França albigense. Fiquemos pela comuna medieval standard, algo na linha da velha Nuremberga da Idade Média.

A **comuna**: cada macaco no seu galho, sob o governo absoluto dos "mais avançados". A comuna medieval é um espaço de "vida cívica", "coexistência pacífica e harmoniosa entre pessoas", "harmonia com a natureza", "estabilidade colectiva". Tudo o que foi apontado anteriormente para o medievalismo socialista se aplica aqui. As pessoas conheciam "o seu lugar apropriado na estrutura social" e os "mais aptos para governar", governavam, absolutamente. Os "comuns" têm as suas vidas organizadas por pessoas "benevolentes", "mais avançadas", "mais sábias" – "mais evoluídas". Quando não gostam, ou não querem, serão forçados a gostar, e a querer. Como Hyndman (um dos socialistas e românticos mais proeminentes no século 19) nos diz, os homens medievais vieram a tornar-se bastante resistentes à tortura e à brutalidade, e isso é uma coisa boa.

Império Germânico / escassez forçada / desigualdade perpétua. Em tudo isto, a organização institucional do Império Romano-Germânico é o grande modelo a seguir, com as suas *marcas* militarizadas (feudos) e com a sua governância "local to global" (da comuna local ao principado regional ao Império geral). Toda a vida comercial é, claro, monopolizada por grandes empreendimentos, as companhias mercantis da oligarquia. A vida tem de ser "simples", o que significa que ninguém (excepto a aristocracia, claro) tem muito do que quer que seja. Subprodução, escassez artificial, preços muito elevados. A produção é reduzida a um mínimo *sustentável* para a manutenção do sistema no seu todo; e em redistribuir as migalhas daquele pão que é gerado (i.e. racionamento); a oligarquia fica com o pão quase todo, mas atira umas poucas migalhas ao "mau

sangue” em redor. Trabalho muito precário, quando não simplesmente forçado, escravo. Desigualdade perpétua, irrevogável e irreversível.

Alemanha, entre modernização e rusticismo völkish.

Alemanha, sempre entre despertar de real potencial, e destrutividade feudalista e totalitária.

O lugar de nascimento do totalitarismo moderno, a par dos Domínios Britânicos. A Alemanha é um dos hot spots para revivalismo de estilo Romântico. Nesta altura um pontilhado de principados, cidades-estado, freistaats, a velha Germania não se lembra da última vez em que teve alguma forma de estabilidade. Existe imenso potencial humano construtivo à espera de ser libertado neste território [*ainda hoje, uma Alemanha realmente livre e democrática seria o motor central de uma Europa extremamente próspera*], mas o génio humano apenas consegue despontar aqui e ali, num padrão geral dominado por vagas de convulsão perpétua, guerra regional, purgas locais, autoritarismo e feudalismo. As oligarquias regionais germânicas jogam jogos ininterruptos de poder entre si, e nesta dinâmica, tentam manter os seus respectivos domínios e freistaats sob um tipo de regimentação sócio/cultural e económica que favoreça o exercício da guerra e a sabotagem do adversário do outro lado da floresta, ou do rio. A Alemanha é, a par dos domínios privatizados do Império Britânico, o lugar de nascimento do totalitarismo moderno [*o Império Britânico só descontrai no final do século 19; até aí, as coisas eram completamente run on clockwork*].

Entre modernização e industrialismo e rusticismo völkish. A Alemanha dos pré-1850s está bastante indecisa entre industrialização e os velhos costumes *völkish*, herdados da Idade Média, quando não das velhas marcas tribais, nos tempos em que Germania era a palavra que assombrava os pesadelos de Augusto, e ainda mais para trás.

Cultura völkish glorifica subdesenvolvimento, guerra, autoritarismo, colectivismo comunal.

Romantismo assenta bem com mentalidade völkisher / dark will be dark. A mentalidade Romântica assentava bem na mentalidade völkisher e vice-versa; obscurantismo dá-se bem com obscurantismo, tanto quanto águas pantanosas continuam a ser pantanosas quando são misturadas com outras águas pantanosas.

Atraso cultural, policiamento de costumes, congelam espírito humano. Estes costumes völkish tinham o condão de manter em atraso permanente, estagnação, as zonas que mais fiéis lhes eram. Glorificavam autoritarismo, colectivismo comunal, “simplicidade” (pobreza) e, claro, militarismo. Ser völkish era ser anti-indústria, anti classe média, anti desenvolvimento económico; a favor da aldeia comunal controlada pelos barões feudais locais. Era ser a favor de sistemas de policiamento de costumes e de ideias na comunidade, o que tinha o efeito mágico de congelar as manifestações de criatividade e de inteligência. Era querer cortar a própria garganta, em guerras perpétuas com os vizinhos do lado.

O tipo de mentalidade que é disseminada para persuadir um povo a querer cortar as próprias asas.

Assegura subdesenvolvimento, desintegração, espirais de insanidade colectiva.

Promoção histórica contínua, dos romanos a oligarcas competidores. Este tipo de mentalidade é a fórmula apropriada para manter um país em desintegração perpétua; e é por isso que foi judiciosamente incentivada desde sempre por grupos internos e, muito especialmente, externos [*os próprios romanos começam esta tradição, quando cultivam formas de tornar os germanos mais bélicos e obscurantistas, para que nunca fossem uma ameaça para o Império; porém as coisas mudam e o feitiço voltou-se contra o feiticeiro, e esse também é o standard normal*]. Nesta altura, o jogo continua a ser jogado. Para isso, diferentes oligarquias lançam demagogos e provocadores políticos, para dividir e desestabilizar as regiões competidoras – pelo incentivo a não-industrialização e a não-modernização (aquilo que hoje seria conhecido como desenvolvimento sustentável).

Rodbertus e **Karl Marlo** / socialismo de guilda/ base para infraestrutura humana do **III Reich**. É no supracitado contexto de guerra psicológica, pelo apelo a nostalgia, subdesenvolvimento, obscurantismo, que surgem Karl Rodbertus e... **Karl Marlo**. Estes personagens tornam-se bastante notórios no seu tempo (um pouco antes de Karl Marx), apelando à rejeição de Modernismo e o pleno regresso à "ordem tradicional" da antiga Alemanha Imperial, medieval, por meio de um estado totalitário *völkish*. Marlo e Rodbertus vão ser determinantes para fomentar e fortalecer os movimentos de guildas *völkish* – como vem a ser conhecido, *socialismo de guilda* – que, um século mais tarde, assumirão o poder, no Machtergreifung de Adolf Hitler. Estas guildas são uma das fontes essenciais para a estrutura do estado policial Nazi, das estruturas de polícia política ao cultivo de jovens hooligans, para as SA e para as SS.

Prússia assume controlo sobre Alemanha e "sabe como lidar com Modernismo".

A oligarquia prussiana: absolutismo de classe e rusticismo místico. O grupo que mais incentiva e lucra com tudo isto (espalhar misticismo e rusticismo para manter populações atrasadas e subdesenvolvidas) é a oligarquia prussiana, o biggest fish in the pond, nesta altura. Este é um bando bastante desagradável e absolutista de pessoas; velhos aristocratas organizados numa estrutura muito regimentada de guildas e de ordens de cavalaria.

Prússia é o "pioneiro" na táctica continental de "lidar com Modernismo".

Aproveitar o que pode ser usado para exploração, autoritarismo e guerra.

Banir tudo aquilo que pode dar liberdade, emancipação e esclarecimento à pessoa média. Os prussianos têm um design bastante peculiar para lidar com o Modernismo. Antes de mais, impedir os adversários de usufruir das suas vantagens; incentivar sufoco económico, social e tecnológico para tornar a conquista mais fácil. Em casa, absorver aquilo que é útil ao estado autoritário militarizado (e.g. indústria pesada, sistemas de organização, tecnologia militar); e banir tudo aquilo que pode trazer liberdade e esclarecimento ao indivíduo e à família média.

A Prússia era um estado totalitário, a própria base para o que vem a ser a Alemanha Nazi.

O Quarteto. Nesta altura, a Prússia já é um estado totalitário, uma espécie de pré-Alemanha Nazi; só é rivalizada nesse estatuto por Hesse e por mais uns poucos estados e principados. É esta Prússia

que cooptará e absorverá todos os restantes estados, para fazer a unificação da Alemanha. É também daqui que surge o Quarteto, a formulação oligárquica essencial que controlará a Alemanha até à II Guerra: proprietários de terras (Junkers), industrialistas de monopólio (e financeiros), administradores públicos e generais.

Prússia: a dança das cadeiras entre socialismo de esquerda e socialismo de direita.

Prussianos introduzem dança das cadeiras entre partidos, método que prevalece no Ocidente.

Partidos mudam mas decisões reais são tomadas por oligarcas e representantes da indústria. Um dos mais profícuos métodos a serem introduzidos pela oligarquia Prussiana foi a ideia de, a certo ponto, fingir a democratização do país. O sistema continuaria a ser plenamente autoritário, gerido pela mesma oligarquia de sempre, mas agora haveria a opção de eleger governos dotados de poder essencialmente simbólico. É o método que foi implementado em todo o mundo ocidental, no pós II Guerra. Existe a dança das cadeiras entre partidos, mas as decisões reais são tomadas por comités tecnocráticos compostos de representantes da indústria.

Todos as forças eram socialistas, fosse isto **socialismo de esquerda ou de direita**.

A dança das cadeiras nunca ameaça o sistema integrado (socialista). Na Alemanha, a peça de teatro foi feita para incluir uma vasta diversidade de partidos e forças, with a catch: todas eram socialistas, fosse de esquerda ou de direita. Aí, vamos ter os proto-fascistas e os conversadores de direita, em competição com comunistas, socialistas de guilda, sociais democratas Kautskyanos, até anarquistas sociais, i.e. o que hoje em dia se chamaria de "radicais". Muito importantes em tudo isto, os professores envolvidos em "socialismo Katheder", socialismo de elite, largamente responsáveis por organizar o sistema. A dança das cadeiras acontecia, mas o sistema integrado, controleiro, monopolista, nunca era desafiado.

Prússia: viveiros de ideólogos a recibos verdes / Fichte e Hegel.

Prússia cultiva viveiros de provocadores e ideólogos a contrato / subversão e atraso intelectual. Como mencionado, a Prússia totalitária vai incentivar tudo isto, para o que contará sempre com inúmeros ideólogos e académicos a contrato (por altos comandos militares, departamentos de estado, seitas de cavalaria, etc.). Estes prostitutos intelectuais a contrato serão usados para fins de subversão e de racionalização daquilo que não pode ser racionalizado. A Prússia é bastante importante na técnica de usar castas de académicos para disseminar propaganda e lixo ideológico.

Fichte e Hegel aprendem quase tudo de Jean-Jacques Rousseau. Os ideólogos essenciais de totalitarismo de estilo prussiano, and beyond!, são dois Românticos degenerados, Fichte e Hegel, que aprendem quase tudo o que sabem com Jean-Jacques Rousseau, o Sociopata (Hegel vai bastante longe para misturar Rousseau com charlatanismo dialéctico; gnóstico, na verdade).

Rousseau: Schadenfreude, subdesenvolvimento e totalitarismo.

Rousseau festeja o Terramoto de Lisboa e anseia pelo retorno à comuna medieval. Jean-Jacques Rousseau é o autor essencial do Romantismo é, um pequeno sociopata que começa por festejar o Terramoto de Lisboa, pela mortandade e destruição que provocou; era um sinal de que o caminho em frente era o retorno à comuna medieval.

Passa o resto da sua carreira a advogar totalitarismo e a destruição da mente humana. Rousseau depois passa a sua carreira a expor um programa de reacção contra a ascensão da Razão, e a advogar a barbarização das massas europeias com doses de hedonismo e irracionalismo colectivo. Ao mesmo tempo, as massas seriam tornadas incapazes de comunicar entre si, e é claro que uma coisa acompanha a outra. É em tudo isto que consiste a ideia do "bom selvagem", tão mal explicada às pessoas. Essencial em Rousseau, a primeira grande formulação do estado totalitário como uma imponente e monolítica estrutura que existe para esmagar o espírito humano, destruir a civilização e operar a queda, kicking and screaming, de volta à comuna feudal.

Como generalidade de obscurantistas continentais, tem porto de refúgio na Grã-Bretanha (oh why?).

Também estuda sob reaccionários católicos, Contra-Reformistas. Rousseau passou uma parte da sua vida a trabalhar com obscurantistas britânicos, como habitual nestes meios. A Grã-Bretanha funcionou como o grande porto de asilo para todo o tipo de destruidores e agitadores do Continente, de Rousseau, a Marx, a Bakunin, passando por Marat e Danton, mais tarde Blanc, e tantos, tantos outros – one can just wonder why, oh my? Seja como, antes disto, Rousseau ainda estudou durante algum tempo sob a égide de reaccionários católicos, e é plausível, que tenha aprendido uma boa parte daquilo que sabia sob esta gente.

Restauracionistas Católicos: a Aldeia Global neofeudal, sob Imperador do Mundo e Papa.

Jesuítas, um grupo gnóstico muito pervertido, anti-Cristão, surge no seio da Contra Reforma.

Antítese oficial a restantes gnósticos de guilda, para jogos dialécticos com o público. A reacção contra o Modernismo toma a sua face mais virulenta na forma da Contra Reforma, e é claro que este movimento é, a partir de certa altura, dominado por Jesuítas. Este é um movimento muito perigoso, uma falange de fanáticos anti-Cristãos, "gnósticos catolicizados", e funciona ainda hoje como uma espécie de antítese oficial a guildas gnósticas na linha de Rosicrucianismo e outros. Grandes clubes de homens pervertidos a operar a distorção e a manipulação de sociedades por jogos dialécticos. Os Jesuítas chegaram a ser considerados um grupo ilegal e terrorista pelo Vaticano durante o século 19.

Restauracionistas Católicos: anular avanços feitos do Renascimento em diante.

A aldeia (medieval) global: comunas, blocos regionais e união global.

Mundo governado por Imperador do Mundo, a par do Papa.

"The mighty one has fallen, who will feel sorry for her?" Um dos subcultos – ou células, no sentido de intelligence – que surge a partir dos Jesuítas são os Restauracionistas Católicos, e aqui estamos a

falar de pessoas como de Maistre, La-Mennais, Bonald ou Ballanche. Estas pessoas surgem para advogar a mais virulenta e impiedosa anulação dos avanços civilizacionais alcançados durante o Renascimento e a Reforma. Isto seria feito pela instauração da "aldeia global". A ideia era fundir os vários continentes em uniões modeladas com base no antigo Império Romano, e depois fundir essas uniões regionais num único império global autoritário, que impusesse obscurantismo e subdesenvolvimento ad aeternum. Esse império seria governado por uma "santa" aliança, entre um Imperador do Mundo e... o Papa. Quem mandaria, na verdade, seria o Papa. É fácil antecipar (até está escrito), o que aconteceria nesta possibilidade, o que eventualmente virá a acontecer. A grande estrutura de vermelho, sentada sobre as sete colinas, e o homem no topo dela, é pura e simplesmente devorada, comida, devastada, por aqueles que acreditava ir controlar. Acreditava que nunca ficaria viúva e que nunca ficaria sem filhos. Que podia fazer uso de todos os seus sortilégios e encantos e dizer, "ninguém me vê!". Acreditava que podia agir em adultério (em divórcio até), de quem interessa, para mandar por si mesma, ter controlo total. E, de repente, pufff!

Saint-Simon inspira-se nestes simoníacos católicos.

Saint-Simon, um debutante aristocrático, angustiado com a era moderna.

É intolerável que os vulgares tenham liberdade, independência económica, educação. Estas propostas simoníacas encontram um sucessor apropriado na figura do Conde de Saint-Simon, um especulador e um aristocrata francês, que faz bastante dinheiro com a desgraça de outros aristocratas durante a Revolução Francesa. Saint-Simon vive angustiado com os avanços da era moderna. Constitucionalismo e democracia dão poder aos vulgares. Liberdade de imprensa dá-lhes voz. Desenvolvimento económico transforma-os em classe média e isso é tão intolerável; eles não dependem de *nós*! Pensamento científico desafiava o obscurantismo provincialista tão essencial ao exercício de poder das classes governantes. Irá inspirar-se assumidamente no modelo Jesuíta, para desenvolver um sistema de globalização (na verdade, limita-se a elaborar sobre o modelo Jesuíta).

Saint-Simon vê o fantasma de Carlos Magno, que lhe pede para globalizar modelo medieval.

Comte, outro alucinado / **Socialismo** institucional nasce nestas duas mentes. Uma noite, estando preso numa cela no Luxemburgo, o Conde (é isto que reporta) vê o fantasma do seu antepassado, Carlos Magno. Em voz tonitruante, o velho Imperador ordena ao seu benjamin genético que encete a devolução do mundo de volta à Idade Média. "Henri, ordena o mundo com base no meu Império". Saint-Simon era chanfrado em mais que um sentido, e teve alucinações recorrentes ao longo da sua vida; o seu principal discípulo, Auguste Comte, também. Estes dois homens, personagens completamente alucinados, inventaram a primeira grande working definition de Socialismo, e para o caminho para lá chegar; chamaram-lhe Sociocracia.

Positivismo e Tecnocracia também surgem daqui, e isso explica muito. Também foram muito importantes em Empirismo Radical, e os formuladores de Positivismo e de Tecnocracia, o que explica muita coisa.

Séances, cartas de tarot, cornos de sapo, mapas astrais, e por aí fora.

O cércle de Saint-Simon / bancos de crédito mobiliário (e.g. Societé Générale). Saint-Simon ouve o apelo do seu antepassado e concebe uma reacção geral para neutralizar os avanços do Modernismo e, mais que isso, organizar o mundo para uma ordem global baseada no velho Império Romano-Germânico. Recruta uma equipa de jovens colaboradores na aristocracia e na banca; o seu cércle, como lhe chama. Os círculos de jovens hienas, à volta da hiena crescida, são uma constante nesta gente. Em bom estilo charlatânico, estas pessoas depois organizam séances, e no meio das cartas e dos mapas astrais encontram espaço para debater geopolítica. Aliás, é assim que algumas das obras de Saint-Simon estão divididas, em vez de capítulos temos "séances". Do cércle de Comte sai toda uma rede de bancos de crédito mobiliário, em França, Itália, Espanha e outros países. O Credit Mobilliaire e a Societé Générale estão entre os mais notáveis.

Saint-Simon elabora reacção geral contra Modernismo / Aldeia Global.

Sistema Geral Global / Sociocracia Global / **Socialismo Global**.

Local to global / governo por bancos e firmas multinacionais / comunitarismo.

O modelo de Saint-Simon era assumidamente inspirado e quase idêntico ao dos Contra-Reformistas. Autoritarismo comunitário. Regionalismo, como base de construção de uma aldeia global, um regime global. O bom Conde adiciona um elemento essencial à equação, aquilo a que chama um "sistema geral de bancos". A banca seria o primeiro sector a ser globalizado e, com efeito, guiaria o próprio processo de globalização. No final, existiria um feliz, unificado e feudal planeta Terra, organizado em múltiplas pequenas comunidades, habitadas por servos consensuais e ignorantes. Estes servos seriam ensinados desde pequenos a reverar os seus superiores, os novos lordes feudais: directores de bancos e de companhias multinacionais, secundados por comissários locais e regionais. Isto é Socialismo ou, como é chamado, Sociocracia. Os estados seriam desfeitos em regiões (o mundo ocidental teria umas centenas de regiões) e a ordenação seria de comuna, para região, para bloco continental, para global – *local to global*. A formulação de base nunca mudou, só os detalhes e a linguagem.

Polícia política, os "anjos da guarda" from hell.

Educação minimalista para "economia social" / **100** manuais "técnicos", única literatura autorizada.

Degradação do intelecto / Congelamento da ciência e do discurso / "informação positiva".

Deus é banido / ameaça autoridade humana, e princípios como honestidade, justiça têm de ir.

Disseminação de superstição (cartas, sinas, etc.).

A degradação da vida intelectual e científica seria alcançada por meio da substituição de ciência axiomática pela generalização de empirismo radical, um sistema aparentemente científico à superfície, mas uma colecção obscurantista de nódulos e auto-contradições no interior – dialéctica. Toda a actividade científica teria de ser *autorizada*, e teria lugar em institutos exclusivos, controlados pela oligarquia. As pessoas seriam ensinadas a comunicar com espíritos, a ler sinas e outras coisas deste género. Seriam supervisionadas por "anjos da guarda", polícia política, anjos

infernais com botas militares. Deus, o *real*, o do AT e do NT, seria banido da praça pública por ser inaceitável; Comte assume que princípios como honestidade, verdade epistemológica e justiça não têm lugar no novo sistema. Da mesma forma, as pessoas não poderiam ter noção da existência de nenhuma autoridade acima da mera autoridade terrena. O debate público seria congelado, com polícia política colocada em todas as assembleias e locais de encontro. Comte assevera que **apenas** 100 livros de referência, **100 manuais autorizados de tópicos**, seriam tolerados no novo sistema. Depois haveria "informação objectiva", "informação positiva", e isto é aquilo que o próprio Comte assume ser pura e simples propaganda governamental. A pessoa média seria *treinada* ou *formada* (*não educada*) apenas e somente para fazer um trabalho rotineiro e prosaico na "economia social" (hoje isto será teclar uns botões num centro informático e ir trocar fraldas a idosos na comunidade).

Comte, "essencial alienar proletários de classes médias para assegurar domínio oligárquico!"

Carta de Comte a lord britânico: "derrota revolta dos vulgares, reestabelecer domínio aristocrático". Auguste Comte, o discípulo de Saint-Simon, foi o grande responsável por celebrizar este sistema no Continente, sob o seu Positivismo. Comte escreve uma notória carta (publicada numa das suas colectâneas, uma edição exclusiva en français) a um lorde britânico, onde fala do modo como este programa iria permitir destronar a revolta dos vulgares e reestabelecer o prestígio e o poder absoluto da *aristocracia*, por toda a Europa. Vale bem a pena ler os documentos destas pessoas, nas edições antigas.

Acabar com a classe média / única que restará será managerial e afranchisada. Comte devotou centenas de páginas a explicar a utopia social, e como chegar lá – o 4º volume do seu Sistema de Política Positiva é imprescindível. Comte explica que um dos pontos essenciais para alcançar o "regime sociocrático" (este era o termo, na altura) era o de acabar inteiramente com a classe média independente – no final, a única "classe média" que restaria seria um ínfimo conjunto de gestores afranchisados, a trabalhar para firmas multinacionais.

Alienar as classes proletárias das classes médias.

Evitar a todo o custo que classes médias emancipem baixas, e todos se unam contra oligarquia. Mas o caminho para lá chegar ainda seria longo, e aqui era preciso tomar algumas precauções, diz-nos Comte. A precaução essencial era a de *alienar* as classes proletárias (vistas como servos ignorantes a manter nessa condição), das classes médias (vistas como potenciais emancipadoras dos proletários). Por outras palavras, *o proletário deveria acreditar que o seu real inimigo era a classe média, e não a oligarquia no topo*. Isso era a forma de assegurar que os proletários podiam ser usados pela oligarquia contra as classes médias; mas também de evitar que proletários e classes médias se unissem contra os oligarcas (como veio a acontecer nos EUA de Lincoln) e não acelerassem as reformas constitucionalistas que nascem do Renascimento. Para que estes propósitos fossem alcançados, era essencial criar uma ideologia sintética que virasse uns contra os outros, e deixasse o caminho aberto para os empreendimentos multinacionais da oligarquia.

Karl Marx aprende Socialismo com Saint-Simon e responde a apelo de Comte.

Por influência de sogro, von Westphalen / velho aristocrata prussiano, muito rico e poderoso.

Também existe a influência muito negra de Fichte e Hegel.

Manifesto Comunista é Saint-Simon em versão "proletarian friendly".

Saint-Simon e Comte serão estudados por muitos jovens bandidos do seu tempo, e isso incluirá Karl Marx, na Alemanha [*ver notas sobre Marx, com citações directas, em **Socialismo***]. Marx aprende Socialismo a partir das obras de Saint-Simon, por influência do seu sogro, Ludwig von Westphalen; um aristocrata prussiano extremamente rico, e muito poderoso no estado Prussiano. Também retira inspiração dos virulentos proto-fascistas Fichte e Hegel, o que é sempre um péssimo indício. Karl Marx começa por reeditar a ideologia de Saint-Simon numa forma "proletariat friendly". O modelo do estado comunitário e internacionalista de Marx ***é*** o modelo de Saint-Simon, com a omissão cuidadosa da parte onde todo o sistema é controlado por oligarcas financeiros e industriais. Esta é a essência do Manifesto Comunista. Todo o Manifesto é Saint-Simon, de uma ponta à outra, omitindo a parte sobre elitistas ricos no topo.

Marx responde ao apelo de Comte.

Guerra de classes / Ideologia aristocrática / Cultivar dependência / A comuna.

Todo o Manifesto é uma obra muito baixa e vulgar de jocosidade / duping people.

E, Karl Marx acorrerá para responder ao supracitado apelo de Comte. Comte pede para alienar o proletariado das classes médias, de modo a impedir emancipação geral contra a oligarquia. Marx diria que a melhor forma de fazer isto é por persuadir o proletariado de que a única forma real de *emancipação* é pela rejeição total da *alienação* que é "preconizada" pelas classes médias. Isto é uma forma dialéctica de dizer que Karl começou um jogo de dividir para reinar: guerra de classes. Virar os pobres contra aqueles que eram pobres e agora têm *qualquer coisa*. Marx exige ao proletariado que se enclausure na sua própria doutrina sintética de classe, inventada por pessoas como ele próprio, e tome armas contra as classes médias; não contra a oligarquia, mas sim contra os vizinhos down the road. Com efeito, o principal alvo de Karl Marx é o *petit bourgeois*; o agricultor independente, o pequeno industrialista, o pequeno retalhista. As classes médias "são o principal obstáculo para a construção do estado socialista" (totalitarismo) e o estado socialista será a Utopia onde todos os operários viverão... bem, *como classe média* (não é suposto que isto faça sentido, apenas que engane pessoas – e enganou – e engana). Porém, o caminho até lá é longo e árduo; confiem nos mestres socialistas. Entretanto, proletários do mundo, não queiram ter uma vida independente de classe média. *Geração descentralizada de riqueza é uma coisa má*. O que funciona é tudo estar organizado em grandes grupos, grandes consórcios, grandes organizações, e a partir daí fazer-se redistribuição de riqueza. Sempre que possível, roubem à classe média. Eles merecem. Eram pobres, como vocês, mas agora *são vossos inimigos*. Contentem-se em fazer trabalho industrial, para grandes empreendimentos. Concentrem todas as vossas atenções em meras disputas por salários melhores. Anseiem pela **comuna** (o campo de escravos feudal e colonial); nunca queiram ter nada; propriedade é uma coisa *má*. Na Utopia, terão tudo, nunca passarão fome – viverão como reis. Entretanto, trabalhem na fábrica, sejam duros, and though it up!, a Utopia chegará. É *isto*, este gozo vulgar, este escarninho medíocre, que Marx dá aos seus leitores, no

Manifesto Comunista e em outras publicações panfletárias para os vulgares. As publicações reais de Marx são infinitamente mais elitistas, realistas (e até certo ponto, honestas) que isto.

Karl Marx tem o perfil típico do provocador ideológico a contrato.

O "herói proletário" casado na aristocracia imperial prussiana / Prussófilo extremo. Karl Marx é um mero oportunista, que faz um teatro público de "herói proletário" enquanto se casa na aristocracia germânica, uma das classes mais brutais e misóginas em existência. Este é o perfil típico do provocador ideológico a contrato e, sem dúvida, é bastante provável que Marx não se tenha casado apenas com a jovem Jenny von Westphalen, mas também com a estrutura "informal" do Staat prussiano – eventualmente por via do sogro, que era um alto oficial nestes circuitos.

Marx: estandardização do mundo por blüt und feuer, para Socialismo global.

Em 1848, notabiliza-se por exigir um Anschluss Prussiano sobre toda a Europa Central e de Leste.

"Prússia e Austro-Hungria têm de lançar reino de conquista, terror, limpeza étnica e ideológica".

[O que acabaria por ser feito durante a II Guerra Mundial].

Isto era essencial para a **estandardização** forçada da Europa para gestão totalitária (Socialismo).

O mesmo programa teria de ser feito por todo o mundo. De resto, é durante as revoluções de 1848 que Karl Marx se notabiliza por exigir a imposição violenta e militarizada de supremacia Prussiana sobre toda a Europa central (aquilo que aconteceria durante a II Guerra). Nisto foi secundado pelo seu colega, Friedrich Engels, um proprietário (capitalista) fabril em Manchester. No seu Die Reinische Zeitung, estes homens antecipam *com deleite* as torrentes de exploração, extermínio étnico e desculturalização que Prussianos, Austríacos e Magiares *teriam de lançar*, do Rühr ao Volga, do Mar do Norte aos Balcãs, para garantir a sua "evolução" para Socialismo, i.e. totalitarismo. Marx e Engels exigem a estandardização forçada da Europa, da Rússia, das Américas, e depois do planeta inteiro, sob as mais virulentas formas de imperialismo. Essa era a forma mais expediente de destruir as velhas culturas e as velhas formas de vida e estandardizar toda a população global num mesmo molde de *gestão*, para um único regime de Socialismo Global.

Marx e Engels exigem a assimilação coerciva do povo Judaico.

Ódio puro por Rússia / teria tido satisfação se tivesse visto trabalho Comunista, décadas depois. Em tudo isto, o apontado no ponto anterior, Karl Marx alimentava um ódio muito particular e muito mesquinho pela Rússia; teria ficado orgulhoso se tivesse visto o holocausto de sangue, brutalidade e esclavagismo que foi lançado pelos seus discípulos sobre o território.

Duvidoso que ódio por Russos tivesse a ver com pogroms anti-semíticos.

Marx era um Judeu assimilado, ensinado a ter ódio e desprezo pelo próprio povo.

Apela a assimilação coerciva de Hebreus / o método do pogrom e de tudo o resto.

Judas Macabeu teria sabido como lidar com Karl Marx. É muito duvidoso que a antipatia de Marx para com a Rússia tivesse alguma coisa a ver com os repetidos pogroms sobre a população Hebraica, nesse país. É certo que Marx era um Judeu, e nenhum Judeu que se prezasse teria grande simpatia pelo reino de obscurantismo do Czar. Mas o facto é que Karl Marx tem tudo menos simpatia e solidariedade pelo seu próprio povo. Com efeito, Marx notabiliza-se por ser um Judeu que apela à assimilação *forçada, coerciva, violenta*, dos restantes Hebreus. O Judeu, diz Marx, tem de ser *forçado a ser humano*, e isso acontece pelo abandono compulsivo de Deus e da Torah e por aculturação forçada a standards pagãos. "Die Judenfragge", por ex., é um ensaio que roça o hitlerianismo. É difícil encontrar algo mais triste do que um Hebreu que se coloca do lado de Antíoco e dos Caldeus, contra o próprio povo. Judas Macabeu saberia como lidar com um mocinho dos epicuristas como Karl Marx.

Os donos de Marx são a anti-semítica aristocracia Prussiana, que conduzirá o Holocausto. Em tudo isto, não será coincidência que Karl Marx tenha sido adoptado pela virulentamente anti-semítica aristocracia Prussiana. Esta é a classe que conduziria o Holocausto, menos de um século depois, e Karl contribuiu para lançar as vagas de ódio e irracionalismo que levaram a isso.

Engels: "o Judeu polaco é a mais suja de todas as raças" [Treblinka in the background]. O mesmo com o seu colega Friedrich Engels, que nos diz que o Judeu Polaco é a raça mais suja e desprezível de todas em existência; precisa de uma limpeza. O ghetto de Varsóvia, Treblinka, Birkenau, Sobibor, Chelmno.

Tudo isto é em 1845-1850, quando Marx e Engels exigem limpezas étnicas para estandardização.

O que aconteceria se os dois tivessem estado na Reichswehr, nos anos 30? É de notar que todas estas afirmações sobre assimilações forçadas e tratamentos coercivos surgem por 1845-1850, na fase em que Marx e Engels estão a exigir a condução de limpezas étnicas e raciais, por toda a Europa, para estandardização cultural. O que é que Marx e Engels teriam feito aos ghettos da Europa de Leste, se estivessem no comando da Reichswehr décadas depois?

[sobre tudo isto, notas e citações em ***Socialismo***]

Marx, Marlo e Hegel / O jogo dialéctico entre Comunismo e Fascismo (síntese em ∏).

Karl Marx é um sucessor dos provocadores Rodbertus e Karl Marlo. Karl Marx é, claro, um dos sucessores dos provocadores Karl Rodbertus e Karl Marlo, na cena política alemã.

Também é um Jovem Hegeliano, i.e. terrorista e irracionalista dialéctico. Marx começa a sua carreira como Jovem Hegeliano, o que o coloca na categoria de jovem hooligan, e terrorista; e é também daí que surge a sua paixão por raciocínio dialéctico. A dialéctica é, na prática, apenas uma forma sofisticada e complexificada de pensamento mágico. É com base na dialéctica que Marx extrai as suas concepções deturpadas sobre socialização e assimilação.

Marxismo (Comunismo) surge para jogar jogo dialéctico com Hegelianismo (Fascismo). De resto, um dos motivos para a criação sintética de Marxismo é a necessidade de inventar uma antítese dialéctica para Hegelianismo. Caso contrário, o princípio de contradição não operaria, e não se estava perante real evolução dialéctica guiada. Jogar um jogo dialéctico, spiel ein spiel mit mir, é o propósito de tudo isto, e isso é algo que costuma passar despercebido.

Fascismo hegeliano top/down (↓) + Comunismo marxista bottom up (↑).

A síntese: totalitarismo oligárquico cristalizado / top-down/bottom-up (∏) (**pés dialécticos**).

Aka, comunitarismo managerial.

A dialéctica implica sempre o choque de tese com antítese para gerar síntese, e síntese é o meio-termo e a solução que *prevalece*, no mundo real. Hegelianismo é top/down (↓), Fascismo se quisermos. A oligarquia no topo cai sobre todos os restantes, impõe a sua vontade, por meio do estado totalitário. Marxismo é bottom up (↑). A teoria é a de que a "vanguarda" do proletariado "ascende" para impor a sua vontade sobre todos os restantes, por meio do estado totalitário. A solução aqui é obviamente *síntese*. A síntese é obviamente a situação onde existe a oligarquia hegeliana, fascista, cai sobre o público e é nisso acompanhada pela regimentação totalitária, marxista, das massas. O que surge daqui é aquilo que Comte exigiu. O estado totalitário onde a oligarquia comanda irrestritamente as massas regimentadas, e a classe média desapareceu por inteiro (foi esmagada no torno, a par de todos os outros elementos indesejados). A ordem social está organizada por castas funcionais regimentadas, ascendentes numa hierarquia cristalizada de postos e estações sociais, onde o topo absoluto é a oligarquia. Algo neste registo: ∏. Um bom símbolo também seria algo como um T onde a base é tão extensa como o topo, mas o símbolo anterior também é óptimo, até porque expressa um pressuposto essencial da sociedade totalitária. Tem de estar *assente sobre pés dialécticos*, sobre o jogo dialéctico, evolução guiada por choques dialécticos, em *todos* os domínios (os dois pés ali). A isto pode chamar-se de comunitarismo managerial – ver últimos pontos neste texto, sobre Red Toryism, Agenda 21, etc.

China Comunista (holding de conglomerados multinacionais), URSS, Alemanha Nazi – Agenda 21.

Pense-se na China comunista, uma gigantesca holding de consórcios multinacionais com trabalho escravo em baixo. Até certo ponto, pense-se na URSS, que dependia em pleno de bancos e de empreendimentos multinacionais (ver notas sobre ***URSS*** e ***China***). Pense-se também na Alemanha Nacional-Socialista. E, pense-se Agenda 21; este é o modelo para o planeta. **Saint-Simon**.

Jogo deliberado por spinmeisters da dialéctica / essencial perceber para compreender mundo. Este é um jogo deliberado, ou estes não fossem os mestres da *dialéctica*; nada desta monta é arbitrário ou ocasional, em movimentos dialécticos. E é possível compreender perfeitamente tudo o que aqui é apontado sobre Karl Marx e sobre Socialismo em geral (e o mundo de hoje), quando se compreende a relação de síntese que é atrás apontada.

Karl Marx, um dandy provocateur em Londres.

Marx emigra para Londres e vive confortavelmente, ao contrário do mito urbano. A páginas tantas, Karl Marx torna-se um emigrado em Londres. Aí, e ao contrário do que é dito na lenda urbana corrente, não vai viver a vida dos condenados ao inferno terreno. Pelo contrário, Marx vai viver em apartamentos bastante confortáveis, e.g. em Kensington. Vai ter o direito a alugar grandes salões de espectáculos para as reuniões e palestras da I Internacional. Vai ter um emprego confortável como correspondente do Chicago Tribune e de um jornal de Nova Iorque.

Grã-Bretanha do século 19 não era um sítio bom para ***reais*** opositores ao establishment.

Reais heróis de classe popular eram identificados, presos, deportados para a Austrália.

Muitos foram executados por batalhões de Redcoats / muitos outros enforcados.

E.g. Cartistas, sindicalistas reais, e muitos outros. A Londres do século 19 *não era* uma cidade simpática para *reais* opositores ao establishment. A vida humana era muito barata e a cidade era escura, com muitas ruas apertadas e com muitos becos sem saída. Era muito fácil assassinar activistas *reais*; e isso era continuamente feito. Ao mesmo tempo, a Scotland Yard (e agências acima) geriam um elaborado sistema de espionagem, com provocadores infiltrados em todos os movimentos e sindicatos. As pessoas que eram *realmente* perigosas para a Coroa eram prontamente presas e deportadas para a Austrália, quando não enforcadas. Pergunte-se aos Cartistas, por ex. Esses eram *reais heróis de classe operária*, e foram dizimados pelo exército (batalhas campais de tiro ao alvo sobre marchas pacíficas, com o armamento pesado da era), pela polícia, caçados em massa, deportados, muitos enforcados. O mesmo aconteceu para muitos sindicalistas *reais*. Estes eram os métodos que se tornariam célebres durante a Revolução Irlandesa, no ínicio do século 20.

Trabalhadores do mundo, uni-vos para exploração internacional irrestrita comunitária!

Marx aprende economia política com David Ricardo.

O sistema Marxiano é East India Co. em versão, uma vez mais, “proletarian friendly”.

Em Londres, Marx vai ser um ávido discípulo de David Ricardo e é partir de Ricardo que cria o seu sistema de economia política. Esse sistema é essencialmente uma tradução selectiva das ideias perturbadas dos economistas políticos britânicos para linguagem “proletarian friendly”; e isto veio prejudicar incomensuravelmente os esforços dos *reais* progressistas da era, ao dar uma nova via de expressão aos impulsos oligárquicos da ideologia britânica. Os pobres do mundo deveriam ansiar por exploração mercantil internacional irrestrita!

A destruição da civilização e o retorno à ordem medieval (“The Origin of the Family...”)

“Take it easy” era um dos ditos essenciais de Engels. É nesta mesma linha nihilista que Karl Marx acaba a sua carreira; a advogar a destruição da civilização e o retorno a uma espécie de ordem medieval idílica. Essas visões foram codificadas para uma obra de sofística medíocre, “The Origin of the Family, Private Property and the State”, pelo seu colega Friedrich Engels. O capitalista têxtil de Manchester encontrava bastantes tempos vagos para escrever nonsense. Uma das frases favoritas de Engels era “take it easy”.

[*Num dos episódios do The Prisoner (1967), "Do Not Forsake Me Oh My Darling", o Number 2 conduz lavagem cerebral sobre o Number 6, para lhe vender a beleza da comuna medieval pós-moderna, comunitarismo Agenda 21, e vai-lhe dizendo monotamente, "take it easy – relax, cool – you're very aggressive – you mustn't resist – take it easy – take it easy – it will all be one in the end – in-formation!"*]

Engels e Eleanor Marx trabalham directamente com SIS e Old Aristocracy.

<u>Socialist League – Rose Street Club (guelded morons) – Bloomsbury Group</u>. Fast forward para alguns anos mais tarde. Durante os 1880s, Friedrich Engels e a filha de Karl Marx, Eleanor, vão trabalhar com notórios fascistas imperiais como William Morris e Henry Hyndman, em organizações como a Socialist League e o Rose Street Club. Este Rose Street Club era um grémio elitista para, como descrevê-los, gente de guilda (guelded morons). Todas as grandes cidades ocidentais têm uma "rua da rosa", e serve sempre de sede para algum epicentro de mal anti-humano. Engels e Eleanor também trabalham com a Bloomsbury Socialist Society (BSS). A BSS, ou Bloomsbury Group era uma organização muito importante, um ponto de encontro de secções da aristocracia britânica e um branch político gerido pelo SIS, os serviços secretos da Coroa britânica.

<u>Colaboração com SIS também se estende à Fabian Society, o braço socialista da City</u>. A relação de Friedrich Engels e Eleanor Marx com o old establishment e o SIS não fica por estas organizações. Vai depois expressar-se na forma da supracitada Fabian Society, criada pelo SIS através dos Cambridge Fabians. Engels e Eleanor ajudam a lançar estes lobos em pele de cordeiro e nisso trabalham directamente com Lady Astor e Edward Pease.

<u>SIS, claro, está acima de military intelligence, é uma holding da Old Aristocracy</u>. É preciso compreender tudo o que foi escrito até aqui para perceber o como e o porquê de estes dois notáveis proletários de salon estarem a trabalhar com o *topo* de british intelligence; o SIS está acima de military intelligence (MI5, MI6, e todos os outros). E, porque é que esta relação de trabalho estaria a funcionar para criar aquilo que é, com o patrocínio da City, a *principal* força para socialismo internacional. Uma força que, como foi atrás apontado, é inteiramente subalterna e interdependente com a City of London, por intermédio do sistema Chatham House.

<u>Processo standard</u>: Destruição em escala abre portas a tirano e a regime oligárquico.

<u>Fase Constitucional da Revolução Francesa sabotada e destruída pelos Jacobinos</u>.

<u>Depois, confiscações forçadas / genocídio / fome, doença, morte</u>.

<u>O meme da "saúde pública"</u>.

<u>Abertura de terreno para ditadura oligárquica (Directório) e para tirania (Napoleão)</u>. A fase Constitucional da Revolução Francesa é destruída pela acção dos Jacobinos, a seita terrorista que destrói metade da França e mata dezenas de milhares com o Terror. Mas é justo e *igualitário*, dizem, estamos a matar aristocratas, agricultores e soldados da mesma exacta forma; a guilhotina.

Tudo isto é feito pelo Comité de Segurança Pública, sob o mote de "saúde pública". Ao mesmo tempo, regiões campesinas inteiras são submetidas a confiscação forçada de comida, a pequenos agricultores, provocando surtos horríveis de fome, doença e morte. A destruição causada pelos Jacobinos lança as bases para a ditadura oligárquica mercantil do Directório (uma forma de fascismo de proprietários de big business) e, mais tarde, para a ascensão de um tirano imperialista e sanguinolento, Napoleão.

Marat, Danton et al tinham refúgio garantido na Grã-Bretanha / padrão habitual com obscurantistas. Durante todo este processo, os principais provocadores jacobinos, homens como Marat e Danton, podiam simplesmente apanhar um barco para o outro lado da Mancha, de cada vez que se metiam em apuros. Lá, eram bem acolhidos, podiam passar uns tempos a descontrair nos green fields of England, with the rosy cheecked girls there, e depois voltar a França para mais acção destrutiva. Este é o padrão habitual com obscurantistas continentais, como apontado noutros sítios ao longo deste texto.

Babeuf: "A aristocracia, uma hidra versátil de 1000 cabeças". Babeuf é um comissário feudal recrutado como provocador para ajudar a destruir a fase Constitucional da Revolução Francesa. Aí, afirma algo para este efeito: que, até ao golpe jacobino, nunca se tinha apercebido da verdadeira natureza do sistema aristocrático, uma hidra de 1000 cabeças.

Processo usado em França mimetizado em Rússia, China e outros sítios.

Destruição em escala / Terrorismo de estado / Higiene social (purgas).

Ditadura oligárquica e um tirano no topo.

Modelo para o mundo, sob Agenda 21, Sustentabilidade Global. O procedimento seguido em França viria a ser mimetizado de perto pelos Bolcheviques na Rússia e pelos Maoístas na China; tal como os resultados obtidos. É um processo. Destruição em escala, com fomes deliberadas, campanhas de terror. A ideia de saúde pública; muito importante aqui. Matar e destruir em nome de saúde. O que está em causa é *higiene social*. Limpar o "lixo social" – pessoas. Mais tarde, a isto chama-se de purgas ideológicas e eugénicas. Depois da destruição total e completa, a ascensão de ditadura oligárquica e do tirano absoluto no topo (Stalin, Mao). Pense-se nisto para o mundo, sob Agenda 21 e sustentabilidade global.

Escola Austríaca junta-se a "britânicos" para subverter e cooptar mercado livre.

Escola Austríaca, um produto de simonia Jesuíta.

Partners in crime com "britânicos" / casamento concretizado em LSE, Chicago School, etc. A reacção dos Restauracionistas Católicos é relatada mais atrás. Um dos resultados mais vis e perniciosos a sair desta rebelião Jesuíta contra, na verdade, Deus, é a Escola Austríaca, um grupo de intelectuais simoníacos que desenvolvem e aperfeiçoam o sistema britânico de economia política; neste ponto, "austríacos" e "britânicos" são uma e a mesma coisa, partners in crime. Aliás, juntam-

se e aliam-se em coisas como a London School of Economics, uma criação Fabiana, e a Escola de Chicago.

Cooptar ideias e terminologia para promover mercantilismo e comunitarismo.

Subverter e neutralizar bons ideais.

Mercado ~~livre~~ corporate / (sub)desenvolvimento / ~~descentralização~~ afranchisamento.

~~Independência individual~~ (inaceitável) e classes médias (dependentes).

~~Prosperidade universal~~ recursos limitados: alguns winners, muitos losers (sustentabilidade).

Toda a arte destas pessoas consiste em usar algumas boas ideias e alguma boa terminologia como iscos para depois promover o resto do programa, mercantilismo imperial e comunitarismo. Usar a linguagem do "mercado livre" para neutralizar, cooptar, inverter, apagar da memória, os *reais* ideais económicos de mercado livre. Desenvolvimento torna-se o seu oposto; crescimento limitado e controlado. A ideia de actividade económica descentralizada é subvertida para ser tornada equivalente a actividade por franchise, sob o controlo directo de grandes consórcios. Independência individual e generalização da classe média não podem ser, aí as pessoas deixam de depender de bully boys. Prosperidade universal também não dá, porque este é um mundo de recursos limitados; todos têm de ser igualmente pobres, com a excepção óbvia dos big boys at the top.

Subverter ideia de mercado livre, independência económica, para "capitalismo".

Um **sistema** unificado e organizado / vanguarda de "ideólogos capitalistas".

Mercado livre é mercado livre / não é um sistema organizado.

Tirando premissas atrás expostas, não há mais nada a acrescentar. Vital em tudo isto foi transformar "capitalismo de mercado livre" – na verdade, operações independentes de industrialistas e de empreendores de classe média – precisamente nisso, em "capitalismo", um *sistema* organizado. Isto é algo que este um real *mercado livre* não é, nem nunca poderia, por definição, ser. É claro que um sistema organizado é algo que pode ser gerido e manietado por uma vanguarda. Depois, no mesmo espírito, criar algo como "ideólogos capitalistas", algo que nunca até aí tinha existido e, por definição, não faz sentido existir. Mercado livre é mercado livre e, para além das premissas essenciais que foram apontadas atrás, não existe qualquer factor que justifique "adições ideológicas", quaisquer que elas sejam. O modelo é sempre o mesmo. Tudo isto serviu, obviamente, para impedir a generalização de economias baseadas em mercados livres e reciclar, dar uma cara lavada, ao velho mercantilismo.

Chicago School: crime organizado italo-americano e "anarco-capitalismo" global.

Sedeada numa capital de crime organizado italo-americano, Chicago. A Escola de Chicago é fortemente subsidiária dos dois grupos atrás apontados, e está apropriadamente sedeada numa das capitais do crime organizado italo-americano, Chicago.

Anarco-capitalismo significa comunitarismo / os privados são o governo / autoritarismo managerial. Estas pessoas são "anarco-capitalistas" no sentido em que isso foi atrás explicado. "Anarco-capitalismo" significa, na verdade, mercantilismo. O poder de auto-regulação irrestrita de consórcios privados sobre domínios concessionados. A corporação é o seu próprio governo. Depois, torna-se o governo efectivo sob o domínio em causa; e este é um governo autoritário e controleiro, interessado em management, não em pessoas. Ler também notas sobre ***comunitarismo***. Isto é a essência de governo comunitário actual.

Chicago School visa globalizar anarco-capitalismo / modelo, o Sistema Geral de Saint-Simon. Desde os anos 30 que o propósito *declarado* da Escola de Chicago é a condução de "anarco capitalismo" para a globalização de management comunitário; por outras palavras, governância global por megaconsórcios. A visão do Sistema Geral Global de Saint-Simon, abordado a seguir, é evocada com recorrência para ilustrar esta forma final.

A estrada para comunitarismo managerial global (∏).

Free trade global é a estrada para governância global por público/privados (comunitarismo). O caminho para governância global por consórcios privados, sob comunitarismo, é *free trade* global (i.e. mercantilismo global), pelo qual as economias do planeta (e correspondentes sistemas políticos) são gradualmente dissolvidas, refeitas e integradas entre si sob a gestão de grandes bancos, companhias multinacionais, fundações e OSCs. Os slogans que surgem em tudo isto são "privatização", "obter mais de menos", "deslocalização", "outsourcing". As ferramentas essenciais: OMC/GATT, FMI, Banco Mundial, e muitas, muitas outras.

HG Wells: "países, economias, dissolvidos sob internacionalização e fragmentação interna".

Governo assumido por conglomerados multinacionais / comunitarismo / management totalitário. Este é o design que foi explicado pelo fabiano HG Wells: os países e as economias do planeta seriam dissolvidos sob vagas sucessivas de internacionalização – e eventualmente de caos interno – e as funções de governância seriam usurpadas por grandes conglomerados multinacionais, que estabeleceriam gestão tecnocrática (management totalitário), por substituição aos antigos regimes democráticos. No final, existiria um regime global totalitário, governado por grandes interesses privados multinacionais.

A globalização da Índia Britânica / comunitarismo managerial (∏) / Red Toryism.

Neoliberalismo e neoconservadorismo (Os New Liberals de HG Wells).

Slave states como modelos a seguir – China, Angola, Indonésia, México, etc.

Comunitarismo implica entente dialéctica entre hipercapitalistas e radicais de esquerda.

Síntese em **comunitarismo managerial** (∏) / o mundo Agenda 21 / **Red Toryism**.

Todos estes movimentos vão desaguar naquilo a que HG Wells chamou de New Liberals: "neoliberalismo" e "neoconservadorismo". Aqui, é abertamente assumida a mentalidade da comuna de escravos, onde os *slave regimes* da China, Angola, Filipinas, México são o modelo a seguir. O "grand design" para o mundo é, portanto, uma globalização aperfeiçoada do modelo esclavagista da Índia Britânica. Aqui, existe a entente entre hipercapitalistas e radicais de esquerda (trotskyistas, marxistas culturais), expressa em comunitarismo: gestão da economia por corporatismo oligárquico fascista, a velha aristocracia back in business, e a gestão dos processos sociais por movimentos comunistas. Aquilo a que o Deimos, um dos principais thinktanks para o governo de Cameron na Grã-Bretanha chama abertamente de **Red Toryism**. Ver o ponto anterior, sobre o jogo dialéctico entre Fascismo e Comunismo, com síntese em comunitarismo managerial (∏). Este é o modelo britânico (adoptado por economistas políticos e socialistas na mesma medida) e é o modelo que está a ser seguido, para dar origem à utopia Red Tory de John Ruskin; o mundo Agenda 21. Ler notas sobre ***Red Tories*** e ***Agenda 21***.

James Burnham explica todo o gameplan em "The Managerial Revolution".

Comunitarismo / devolução social extrema / militarização / guerras tripolares constantes.

Leia-se James Burnham, um homem muito importante em tudo isto, em "The Managerial Revolution" (ver notas em ***Socialismo***). Está lá tudo. As economias do planeta são social, política e economicamente desmanteladas e colocadas sob *management* público/privado – comunitarismo. A comuna laboral torna-se o sistema pervasivo. Pobreza, doença e fome voltam a ser constantes naquele que se torna o ex-mundo desenvolvido. A vida "pública" (agora privatizada) é tornada num espaço repressivo e militarizado. A mentira é institucionalizada como modo de vida. O mundo é organizado em três grandes blocos que travam guerra permanente entre si.

INGSOC.

George Orwell/Eric Blair começa por ser um socialista ingénuo até perceber o gameplan aqui.

O seu 1984 é uma versão ficcionalizada das obras fabianas e do "The Managerial Revolution".

Socialismo Inglês é o modelo para o mundo – INGSOC.

Na Eurásia, INGSOC chama-se **neobolchevismo**, i.e. radicalismo comunitário.

No Leste Asiático, chama-se **culto da morte** / o self é sempre odiado, no si mesmo e nos outros.

A aliança com a morte acaba em... **morte**. George Orwell, de nome real Eric Blair, era um socialista fabiano, embora não de topo. Durante uma boa parte da sua vida foi um homem ingénuo que, entre outras coisas, foi combater a Guerra Civil em Espanha, a dar o corpo àquilo que acreditava ser verdade; que socialismo internacional visava efectivamente a obtenção de alguma forma de coerência e de justiça em questões humanas. Quando em Espanha pôde observar os métodos estalinistas. Mais tarde, já de regresso a Inglaterra, pôde observar os métodos fabianos – para o

calar. Orwell estava a tentar avisar os socialistas ingleses da realidade sobre a URSS e era confrontado com problemas em todas as esquinas. Talvez tenha sido nesta altura que se sentou para ler a *deep literature* fabiana, para tomar consciência do modelo que estas pessoas tinham em mente para o mundo. Ler o 1984 de Orwell é ler uma versão ficcionalizada das obras fabianas, escritas por lords e sirs, e também por mocinhos presunçosos como HG Wells. Ler o 1984 de Orwell é também ler a ficcionalização de Burnham e "The Managerial Revolution". Aí, Orwell coloca tudo em perspectiva. O sistema dominante é INGSOC, Socialismo Inglês. A versão de INGSOC para a Eurásia é *neo-bolchevismo*; algo a que hoje se poderia chamar "radicalismo comunitário" ou até "euro-comunismo". A versão de INGSOC para o Leste Asiático é o *culto da morte*; uma parte essencial em tudo isto é ódio pelo self, em si mesmo e nos outros. Isto é, efectivamente, um culto de **morte**. Para que venham a ser cumpridas as palavras "*aliaram-se com a mentira e foram enganados por ela, e aliaram-se com a morte e foram destruídos por ela, quando pensavam que iam dominar*".

Apontamentos sobre Modernismo.

Liberdade, desenvolvimento, classes médias, Razão.

Liberdade política e económica / desenvolvimento / ascensão de classes médias.

Classes médias: educação liberal, activismo político, inovação económica e científica.

Razão: raciocínio abstracto, criatividade e acção moral. A vitória essencial do Modernismo, a grande revitalização humana e civilizacional que surge do Renascimento em diante, é o reconhecimento crescente do valor intrínseco do indivíduo médio. Até aí, a vida individual não valia para rigorosamente nada, a não ser para ser usada, moldada, agredida, abusada, manietada, ao serviço de uma qualquer classe de patronos oligárquicos. O homem e a mulher comuns já não são bestas de carga, a ser usadas e abusadas por oligarcas e governantes absolutos. Agora começam a ter igualdade perante a lei, liberdades e direitos individuais, voz própria, a possibilidade de auto-determinação. A ordem económica ossificada e monopolística da Idade Média é lentamente desagregada. Desenvolvimento económico e o aparecimento de classes médias independentes são os resultados imediatos disso. As classes médias são uma enorme força de geração descentralizada e independente de riqueza; o factor essencial na recuperação económica da Europa, após séculos de estagnação e exploração feudal. Estas classes tornam-se pioneiras em auto-educação, e em tudo o que daí advinha: conhecimento e cultura, ideais políticos, inovação económica, descobertas científico/tecnológicas. Daí é também democratizada a ascensão de Razão. O Homem não é uma besta; é criado com um potencial quase ilimitado para a compreensão conceptual superior do mundo à sua volta, para o exercício de criatividade, e para acção moral e construtiva em prol de todos. A

educação liberal, ou clássica, como será chamada, visa despertar e desenvolver Razão; criar seres humanos completos. Os melhores aspectos da civilização ocidental moderna serão desenvolvidos por pessoas educadas sob estes moldes.

Optimismo humano e civilizacional. O Homem tem todos os motivos para ser optimista. É criado à imagem do Criador, com racionalidade, imaginação, criatividade. Tem um potencial (quase) ilimitado de concretização pessoal. Desde que assim o queira, e para isso se esforce, pode fazer tudo aquilo a que se lance, e ultrapassar todas as barreiras. Foi feito para ser um pioneiro, um construtor, um intelectual, um artista. A iniciativa e inventividade de um só indivíduo podem mudar drasticamente o mundo. Acção justa, levada a cabo por pessoas educadas para serem capazes, morais e Racionais, é a única forma de criar uma sociedade próspera e justa, para todos; esse tipo de sociedade é o ideal a almejar.

Classes médias: a necessidade de emancipar as classes baixas. As classes médias são o epicentro tectónico do Modernismo e, se alguma vez as classes baixas vierem a ser emancipadas, para criar uma sociedade justa onde o estilo de vida de classe média é universalizado, isso acontecerá por acção das classes médias. É isso que vai acontecendo ao longo do Modernismo, mas não o suficiente. É isso que tem de acontecer mais em diante; as classes médias têm de o voltar a ser e têm de reassumir aquilo que lhes foi usurpado pelas oligarquias (algumas delas de ex-classe média, já agora).

Estado-nação clássico / Constitucionalismo liberal.

Estado-nação clássico vs. bloco imperial ("local to global"). A unidade geopolítica essencial aqui é, claro, o estado-nação clássico, que ascende do período Renascentista em diante. Até aí, a Europa era "local to global": do feudo ao império. Esse é o formato típico em autoritarismo. O poder é concentrado em centros muito poderosos, dispersos ao longo do império (ou do bloco), distantes da pessoa média. Exercem poder arbitrário sobre as sátrapas, podendo mobilizar exércitos gigantescos para o fazer – forças imperiais. O nível "local" é, depois, igualmente autoritário, em tais construções; dominado por mestres feudais, comissários, executivos neoliberais, redes de polícia política, e por aí fora. E, claro, a actividade económica ao longo de todo o império é monopolizada por grandes empreendimentos mercantis.

Estado-nação clássico: grande o suficiente para ser auto-sustentável e para se defender.

Pequeno o suficiente para ser controlável pelo povo. O estado-nação clássico, uma adopção modernizada do conceito de Israel, no AT, vem suprir estes problemas. É um espaço grande o suficiente para permitir auto-sustentabilidade económica e defesa própria contra agressores externos (e.g. exércitos imperiais). Ao mesmo tempo, é pequeno o suficiente para que os centros de poder não estejam demasiado distantes da pessoa média. Quanto maior a proximidade entre a pessoa média e o poder, tanto mais o poder pode ser responsabilizado, held accountable, perante o povo que *serve*.

Estado legítimo (dentro da lei) vs. estado ilegítimo (fora da legis, fora da lei). Este, claro, é outro conceito essencial que surge do Renascimento em diante. O poder legítimo (dentro da legis; dentro

da lei) existe para servir as pessoas, não para se servir delas. O poder ilegítimo, por outro lado (fora da legis; fora da lei), não existe para fazer *pelo* povo, mas sim *ao* povo.

Constitucionalismo liberal / Democracia / Desenvolvimento e prosperidade.

Aquilo que permitiu que mundo ocidental tivesse merecido título de **mundo livre**. O estado-nação clássico é a única forma de organização geopolítica que permite a emancipação efectiva das massas da humanidade e a criação de liberdade e de prosperidade para todos – *se bem usado*, claro. Estado-nação constitucional. A forma mais elevada, democracia liberal constitucional; a forma que virá a caracterizar o ocidente, na fase em que *podia*, apropriadamente, ser chamado de *mundo livre*. Mesmo não sendo perfeita, esta é a sociedade que cria maiores índices de desenvolvimento e de prosperidade per capita, ao longo de toda a história moderna. Hoje, isso está rapidamente a desaparecer, e é essencial que o rumo seja invertido. É essencial, aliás, que os valores da liberdade, da geração de riqueza e do desenvolvimento económico sejam universalizados.

Direitos individuais / Governo constitucional.

Direitos individuais inalienáveis / independência individual. Todos são criados iguais, o que significa que todos têm de ser tratados de igual forma perante a lei. Todos nascem na posse de liberdades e de direitos individuais que são inegáveis, *inalienáveis*. São concedidos a cada homem e a cada mulher pelo próprio Criador. Entre os essenciais, o direito a vida, a liberdade, a auto-realização, a auto-governação, a auto-defesa. Outros direitos se seguem. O foco central destes direitos é sempre a noção de independência individual.

Homem e mulher comuns são centro da sociedade / não estado, oligarquia, colectivo.

Governo eleito para proteger liberdades, face a *usurpadores* das mesmas. Como esses direitos são inegáveis, isso significa que não podem ser questionados, ou atacados, por *ninguém*. É o indivíduo médio e a família média que são o centro da sociedade; não o governo, não o estado, não a oligarquia, não o tirano, não o colectivo popular. O governo é eleito pelo conjunto de indivíduos (o povo), precisamente para agir como protector dessas liberdades e desses direitos, face a quaisquer agressores. Agressores são *usurpadores*; negar um direito inegável é roubá-lo, usurpá-lo.

Governo serve público / não é uma autoridade sobre público / Constituição.

Arbitragem de relações. O governo também é eleito para arbitrar as relações sociais entre indivíduos. É uma entidade que não existe como *autoridade* sobre o público, mas sim como um *serviço* para o *servir* o público (um serviço prestado por *serventes* públicos). Para ordenar esta forma de governo, e limitar as suas esferas de acção, existe uma Constituição.

Constitucionalismo liberal-democrático: justiça e equilíbrio. O tipo ideal de governo que daqui surge pode ser chamada de liberalismo constitucional e democrático (ou constitucionalismo liberal-democrático), e é a forma mais avançada, justa e legítima de governo alguma vez concebida. É a única forma de governo que coloca o indivíduo médio e a família média no centro do panorama político, que é forçado, por lei, a responder perante eles; e onde a ideia não é fazer algo *ao* povo,

mas sim *pelo* povo. A única forma de governo que não está autorizada a ser autoritária, em qualquer ponto que seja.

Governo legítimo. É governo legítimo, i.e. governo dentro da Lei, da legis, por oposição a governo ilegítimo, i.e., fora da lei. Um governo fora da lei é, claro, o tipo de governo que usurpa/rouba os direitos individuais dos seus cidadãos em prol de uma qualquer agenda oligárquica.

Mercado livre de classe média.

Mercado livre e classe média / Homem e a mulher comuns são o centro. O ideal que ascende é o do mercado livre de classe média, onde o homem e a mulher comuns não estejam presos sob amarras impostas por exploradores oligárquicos, por megacompanhias mercantis (multinacionais) e por estados monolíticos.

Geração descentralizada de riqueza **vs.** racionamento centralizado a peso de ouro.

Liberdade e prosperidade **vs.** tirania, colectivismo e emiseramento. O dinheiro foi feito para servir o homem e não o homem para servir o dinheiro. Uma economia não é um espaço de limites (a exigir racionamento, redistribuição e management autoritário), mas sim uma tarte que pode ser continuamente aumentada, de tal modo a que todos possam usufruir de uma fatia progressivamente maior e melhor. Homens e mulheres livres vão encontrar ideias novas, construtivas, lucrativas e vantajosas para todos – novos recursos, novas tecnologias, novas e melhores formas de fazer as coisas. Sob o exemplo anterior, da tarte, o ideal é que todos possam aprender a fazer tartes e ser livres para as fazer; geração descentralizada de riqueza, por oposição à redistribuição a peso de ouro de uma única tarte monopolizada, pela oligarquia ou pelo estado; como era a norma sob o colectivismo redistributivo que era norma na Europa feudalista.

Mercado livre de classe média / homem e mulher comuns / independência económica. Isto significa que são o indivíduo e a família média que têm de estar no centro da economia, e não o grande grupo organizado. São o homem e a mulher médios que têm de ter a liberdade para assumir as rédeas da economia e para obter independência económica – adopção generalizada de mercado livre de classe média.

Economia à base de pequenos e médios empreendimentos / classes médias. Livre iniciativa, actividade económica descentralizada, competição. Uma economia à base de pequenos e médios empreendimentos (a quinta familiar, PMEs, coops, etc.). Generalização das classes médias empreendedoras e independentes. Para quê ter uma sociedade definida por mestres e servos, patrões e empregados, quando todos podem ser potenciais empreendedores?

Governo tem de *proteger* economia de classe média de predadores.

Antitrust / Regulação imparcial e equidistante / Tarifas alfandegárias.

Impedir acumulações excessivas de market share / firewalls contra agressões multinacionais.

Usar colecta tarifária para avançar economia. O governo tem, portanto, de proteger activamente as suas classes médias (a sua economia). Primeiro, pelo estabelecimento de barreiras à consolidação de grandes grupos – i.e. cartéis e monopólios são palavras *feias*. Isto significa legislação *antitrust*; nenhum grupo ou agente económico pode tornar-se demasiado grande, ao ponto de ganhar supremacia sobre os restantes. A ideia é sempre obter igualdade de oportunidades e, para que isso aconteça, o mercado não pode ser dominado por um interesse, ou por uma colusão de interesses. Segundo, a regulação tem de ser imparcial e equidistante, de forma a obter igualdade de oportunidades e arbitragem regulatória justa. Terceiro, o mercado livre é sempre um mercado protegido, por meio de *tarifas* alfandegárias; quem quer entrar para usufruir das condições do mercado tem de pagar pelo privilégio de o fazer. Depois esse dinheiro pode ser usado como colecta fiscal para avançar o desenvolvimento do território, e para programas de equalização de oportunidades sociais. Outra vantagem da colecta tarifária é a de que esta fonta de colecta permite aliviar bastante o peso fiscal sobre as famílias. Mas a existência de tarifas serve ainda outro propósito essencial. Se um grande grupo mercantil externo (hoje, uma multinacional) quiser entrar sob condições desleais (e.g. produtos muito baratos, feitos por escravos), tem de pagar por isso; é algo que desincentiva essa prática, uma forma de firewall contra predadores externos.

Governo: obras públicas e iniciativas não realizáveis por PMEs (trusts públicas). O governo depois assume responsabilidade por grandes obras públicas e por iniciativas económicas que não possam ser asseguradas por pequenos e médios empreendimentos (por ex., isto foi, durante muito tempo, o caso com a larga generalidade das utilidades públicas). Isto é feito através de trusts públicas criadas para o efeito, e é claro que essas organizações têm de ser inteiramente transparentes e vistoriadas pelo público e pelos seus representantes eleitos.

Mercado livre de classe média só pode existir com o estado-nação clássico. Como é evidente, estas condições só podem ser cumpridas num espaço grande o suficiente para permitir auto-sustentabilidade económica, mas pequeno o suficiente para que os centros de poder não estejam demasiado distantes da pessoa média; quanto maior a proximidade, tanto maior a responsabilização do poder, a sua accountability perante o povo que serve. A única unidade geopolítica capaz de cumprir os dois requisitos é o estado-nação clássico.

Mercado livre de classe média – a economia natural.

Pessoas comuns fazem as suas vidas livremente.

Poder legítimo protege-as / não as usa como “recursos humanos”, gado colectivo. Esta é a forma natural, justa e honesta de fazer as coisas. As pessoas comuns estão no centro da sociedade, fazem a sua vida de forma livre, e o poder está lá para as proteger de predadores. Isto não é uma ideologia, ou um paradigma, ou sequer um “modelo” per se; é liberdade plain and straight, pura e simples. É a forma natural como as pessoas e os povos fazem as coisas, até aparecerem predadores preguiçosos e manipulativos que tentam meter toda a gente a trabalhar para si.

Doutrinas oligárquicas racionalizam sempre **usurpação** de espaço pessoal (i.e. crime). Da mesma forma, é *norma* com todas as ideologias oligárquicas, venham da esquerda ou da direita, que exijam

sempre (um maior ou menor grau de) *usurpação* dos direitos pessoais do homem e da mulher comuns, e da sua instrumentalização para alguma agenda mercantil, estatal, ou multinacional. Sempre que estamos perante usurpação, estamos perante *roubo*, e isso é crime organizado. Independentemente de todos os títulos sonantes e racionalizações e que possam ser atachados por cima.

Liberdade significa desenvolvimento e prosperidade / mundo ocidental.

Liberdade gera Razão, desenvolvimento, prosperidade, emancipação social e política. Ao longo da história, sempre que houve alguma aproximação aos ideais de liberdade, isso produziu Razão, prosperidade, emancipação social e política, desenvolvimento científico e tecnológico. Sempre que houve um afastamento desses ideais, o produto, foi o exacto oposto; o pântano civilizacional onde o espírito humano vai para morrer.

Princípios que mais avanço civilizacional produzem em TODA a história humana.

O mundo ocidental foi o mundo livre devido a aproximação a estes ideais.

Prosperidade / desenvolvimento / classes médias / educação e literacia / medicina.

Solidariedade e caridade. A liberdade per se, sob estes moldes gerais de fazer as coisas, é aquilo que mais avanço civilizacional produziu em toda a história humana. Foi a adesão (mesmo que apenas parcial) a estes princípios que deu ao mundo ocidental o honroso título de *mundo livre*. Essa é a sociedade que acaba com a pobreza dentro das suas fronteiras. É a sociedade que alcança os melhores índices de prosperidade per capita e de desenvolvimento a todos os níveis. É a sociedade que universaliza o estilo de vida de classe média, com as utilidades e os confortos correspondentes. É a sociedade que universaliza a literacia e onde qualquer um pode aceder a qualquer obra que queira, para se auto-educar. É a sociedade que cria a melhor medicina alguma vez em existência e que cria melhores índices gerais de saúde e de longevidade. É a sociedade mais solidária e caridosa de sempre, aquela cujas classes médias respondem continuamente a apelos para contribuir para levar liberdade, democracia e melhoria do nível de vida a todo o mundo subdesenvolvido; infelizmente, são nisso enganadas, de modo gélido, por governos, firmas multinacionais, fundações e ONGs.

Libertem-se e universalizem-se estes princípios.

OU vá-se na cantiga da sereia oligárquica e acabe-se encalhado nos baixios.

(Baixios pantanosos à esquerda e à direita). Mesmo sob o ataque pesado da alta finança multinacional, e dos inúmeros grupos provocatoriais adidos, é uma sociedade que ainda se aguenta de pé, o que é quase milagroso; e tem um grande caminho para percorrer após conseguir levantar-se por inteiro. Libertem-se e universalizem-se os princípios que subjazem a tudo isto e o mundo será um lugar livre, próspero e fantástico para se viver. Caiam-se nas cantigas de sereia da oligarquia e o futuro reside naquelas massas de navios encalhados, destroçados, repletos de cadáveres humanos, nos baixios pantanosos à esquerda e à direita.

Até as doutrinas totalitárias têm de usar imagética da liberdade individual.

... para vender as suas neverending stories de perpetuação de desigualdade!

Utopia inventada é sempre o espaço de concretização imaginário de liberdade individual. Estes princípios são inerentemente justos e válidos. São a forma sã e equilibrada de fazer as coisas. Até os sistemas totalitários, consagrados à perpetuação da desigualdade, são forçados a moldar os seus slogans, a sua retórica e a sua imagética propagandística à volta destas ideias. A Utopia imaginária que é prometida inclui sempre e invariavelmente a concretização de uma boa parte destas ideias, quando não mesmo de todas elas.

Reinvenção de esquerda e direita para Red Toryism – Neocons

Oligarquia financeira transatlântica decide reinventar esquerda e direita.

Nova esquerda e nova direita encontram síntese em Red Toryism.

O jogo dialéctico na América, trendsetter para mundo transatlântico.

Trotskyistas de Chatham House, Langley / Precedente de Trotsky, o Provocador.

Grupos de coordenadores e operadores no ground level.

O case study dos neocons americanos / Trotskyistas e Red Tories.

Neocons: Revolução permanente e a guerra de terror, à escala global.

Seymour Hersh (2004) – "Paul Wolfowitz, the greatest Trotskyite of our time".

Oligarquia financeira transatlântica decide reinventar esquerda e direita.

Oligarquia financeira transatlântica: reinventar esquerda e direita / cooptação.

Globalização (aquisição hostil) / integração totalitária gradual do mundo desenvolvido. Ao longo do pós II Guerra e durante o início da Guerra Fria, a oligarquia financeira transatlântica avança um programa (entretanto inteiramente cumprido) para a plena reinvenção da esquerda e da direita, ao longo de todo o mundo desenvolvido. A ideia foi a de reorganizar em pleno o panorama político/partidário para o colocar por inteiro sob o controlo dos centros de capital financeiro. A esquerda e a direita seriam refeitas como movimentos para o avanço de dois propósitos essenciais: a) globalização, a aquisição do planeta por interesses multinacionais; b) a integração totalitária *gradual* de todas as sociedades no planeta, sob o controlo desses mesmos interesses.

Reorganização dialéctica / a dança das cadeiras e a pretensão de oposição.

Agenda dos big boys continua ininterruptamente. Esquerda e direita teriam de ser organizadas em moldes plenamente dialécticos, para fazerem, daí em diante, uma dança teatral de troca de cadeiras, na qual seria oferecida a aparência de oposição e de legitimidade democrática. Porém, a agenda seria a mesma e, prosseguiria de forma ininterrupta. É claro que o militante normal, e a própria larga generalidade dos líderes e

executivos partidários, não fariam a mais pequena ideia que isto estava a acontecer, ou do modo como estava a operar.

Reconversão efectuada por agentur financeiros / papel fulcral das grandes fundações.

O mesmo tipo de cooptação estava a acontecer com governos nacionais. Toda a reconversão seria coordenada por pequenos núcleos de agentur financeiros – células ideológicas e de acção –, estrategicamente colocados em nódulos fulcrais nas várias estruturas partidárias. Aqui, seriam essenciais as tax-free foundations dos grandes centros financeiros, enormes conglomerados de capital, detentores de vasta influência social, económica e política; algumas destas fundações, como a Rockefeller, a Ford, ou o World Wildlife Fund, são maiores e mais importantes que qualquer governo nacional. As fundações assumiriam controlo sobre os partidos através de sponsorships estratégicas e do placement de assessores, consultores, executivos e outros agents provocateurs ao longo das estruturas. O mesmo processo estava a acontecer para os próprios governos nacionais. Tudo isto se enquandra de forma vital na dinâmica de aquisição da sociedade por interesses privados.

Nova esquerda e nova direita encontram síntese em Red Toryism.

Diferenças esquerda/direita tornam-se puramente retóricas / só existe management. Em tempo, o que surge daqui é uma situação onde a "direita" e a "esquerda" executam as mesmas exactas agendas, enquanto a dança das cadeiras acontece. Toda a diferença real reside em questões de retórica e de supinismo paraideológico (forma anula substância). Depois, a população geral é mantida a acreditar no mito ideológico, esquerda/direita. Já não existem diferenças ideológicas. Agora só existe management, essa é a ideologia.

Direita faz papel hegeliano (fascii/top down) / esquerda faz teatro marxista (bottom up).

Na dialéctica histórica deliberada, a actual direita faz o papel de hegelianos (fascistas, top-down), contra a actual esquerda, que faz o teatro marxista (bolchevismo, bottom-up).

Síntese em fascismo corporativo internacional – **Red Toryism**. A síntese é sempre *no meio* – é assim que a dialéctica funciona e é para isso que é organizada. O meio significa, claro, fascismo corporativo internacional, controlado por oligarcas financeiros, com a gestão comunística das massas abaixo. O real paradigma é **Red Toryism**, também vagamente descrito como neoliberalismo, neoconservadorismo e socialismo progressista; todos são a mesma coisa, independentemente do aspecto exterior e da roupagem retórica. (ver notas sobre ***Socialismo Inglês***, ***Red Tories***, ***New Liberals, Agenda 21***).

O jogo dialéctico na América, trendsetter para mundo transatlântico.

Democans vs Republicrats. “Esquerda” e “direita” (no mundo anglo-saxónico, “liberais” e “conservadores”) mantêm os títulos, mas passam a ser puros e simples corporatistas. E jogam a supracistada dialéctica entre si. O jogo dialéctico na América é um dos mais interessantes e, sob alguns parâmetros, é o trendsetter para o resto do mundo ocidental. De um lado, existem os novos democratas, conhecidos como “foundation-run left”. Do outro, existem os novos republicanos, a “CIA-run right”. Em tudo isto, muitas pessoas iludidas e bem intencionadas, que ainda acreditam estar a defender as tradições de Kennedy e Lincoln, respectivamente. Mas o Partido Republicano já não é o partido de Lincoln, ou sequer de Reagan, tal como o Partido Democrata já não é o partido de FDR ou JFK. São entidades fusionais, dominadas por capital financeiro, guiadas por agents provocateurs, e motivadas por ideologia sintética com ímpetos totalitários e militaristas.

Trotskyistas de Chatham House, Langley / Precedente de Trotsky, o Provocador.

Muito importantes em toda esta dinâmica de subversão e reconversão, são dois tipos de grupo de acção:

Trotskyistas de Chatham House, Langley. Ideólogos Trotskyistas (!) recrutados no pós-II Guerra, para serem pontas de lança em núcleos de subversão, paradigm setting, decision-making. Aqui, estamos a falar de pessoas como James Burnham, Leo Strauss, Herbert Marcuse, Theodor Adorno e muitos outros. Estas pessoas são induzidas no pós Guerra pelo eixo Chatham House/MI6/OSS. Chatham House é, claro, o centro de operações da oligarquia transatlântica, sedeada no epicentro da vida financeira global, a City of London (ver notas sobre ***Cecil Rhodes, Milner, RIIA***). O MI6 e o OSS (mais tarde CIA), são criações do SIS, o serviço de intelligence da Coroa britânica. Este é, objectivamente, o eixo privativo de intelligence para a City of London (e para a própria Coroa britânica). Os ideólogos Trotskyistas recrutados foram-no por um conjunto de motivos essenciais. Estes homens eram quackademics, professores, propagandistas. Ideólogos de algibeira, bons spin doctors. Eram paraintelectuais dialécticos, mestres na arte de retorcer e de inverter palavras e conceitos. Muito viajados, com conhecimento profundo de línguas e culturas. Tinham historiais pessoais em intelligence, influência social. Muitos deles eram agentes duplos, e.g. para comunistas e fascistas. Vários outros tinham tido responsabilidades em regimes comunistas, especialmente na Hungria. O carácter aqui presente era essencialmente nulo. Estamos a falar de homens que eram sociopáticos, autoritários, imbuídos de desprezo oligárquico pelo homem comum e pelas classes médias; algo a roçar o ódio puro. Eram totalitários; e não interessa se a oligarquia dominante sob totalitarismo é composta de oligarcas financeiros ou de oligarcas de classe alta tornados putschistas (o standard habitual sob comunismo). Sabiam implementar totalitarismo; e, melhor que isso, sabiam como subverter gradualmente uma sociedade para a transição para totalitarismo. São estes homens que vão ser responsáveis por criar os paradigmas ideológicos que vão guiar a transição (a

este respeito, ler também notas sobre em ***Engenharia Psicossocial*** sobre a Escola de Frankfurt e sobre os processos de reengenharia psicocultural da sociedade).

Trotskyistas para os big banker boys seguem pisadas de Trotsky. Num sentido muito real, estes homens estavam apenas a seguir as pisadas do seu fundador ideológico. Leon Trotsky era um provocador de baixo nível, mais tarde convertido num mero gangster de uniforme, e num genocida, *pessoalmente* responsável pela morte de milhões de russos. Começou pessoalmente o Terror antes do Terror e depois definiu todo o programa para... o Terror. A Cheka era o domínio privado de Trotsky. Stalin foi mau, mas um Trotsky na chefia da URSS teria rivalizado directamente com Pol Pot para o estatuto de maior genocida da história. Na sua autobiografia, fala-nos sobre como viveu a vida de um dandy em Nova Iorque, com apartamento bom, chauffeur, salões de chá e todo o tipo de requintes. Em Abril de 1917, é enviado a bordo do Kristianafjord com uma série de revolucionários russos e executivos de Wall Street para a Rússia, para ajudar a despistar a revolução russa e a cooptá-la para o golpe totalitário bolchevique. Lenin também estava a caminho, numa carruagem fechada protegida pelo Alto Comando Alemão e ouro dado pelo governo alemão. Fazia-o depois de passar uns tempos a viver a high life em Genebra, como mocinho para os banqueiros lá. A primeira revolução trotskyista de sempre é aquela que foi feita no México em 1915, conduzida no terreno por gente como Carranza, com financiamento JP Morgan, armas Remington, etc. A nova "república do povo" era uma holding de Wall Street e financeiros assorted europeus, de uma ponta à outra. Já na URSS, Trotsky faria fortunas privadas com os negócios de concessões e chefiaria o instituto de relações internacionais, onde teria negociações directas com os banqueiros ocidentais. O instituto era, de resto, o braço soviético da rede de Institutes of International Affairs e Pacific Councils organizados por Lord Milner na City of London (notas sobre ***Rhodes, Milner, RIIA***). Era também um apêndice do Ruskombank, ou Vneshtorg, o banco de investimento privado que comandava o banco central em Moscovo, e era comandado no terreno por representantes de bancos ocidentais. Para mais sobre todos estes provocadores teatrais de classe alta, ver notas sobre ***URSS***.

Grupos de coordenadores e operadores no ground level.

Profissionais, fanáticos políticos, hienas, etc. Depois, ao nível do terreno, ao groundlevel, temos grupos de infiltração e operações especiais, consultores que **coordenam e operam** actividades de infiltração e de subversão. Ou seja, aqui está-se a falar de coordenadores, operadores, facilitadores, gente ao nível de agentes duplos, para as fundações bancárias, e não de toda a gente que está activamente envolvida na subversão de estruturas (muitas dessas pessoas são idiotas úteis, outras almas iludidas, pessoas ingénuas, etc.) Muitos destes grupos são meros consultores a contrato; profissionais e sociopatas sem qualquer envolvimento por motivos ideológicos. Mas é sempre útil usar grupos com envolvimento ideológico, por they work double time. Portanto, existem sempre muitos grupos compostos de fanáticos de esquerda

(trotskyistas, maoístas, leninistas, marxistas utópicos, e outros lemmings deste género) que acreditam estar a jogar com os hipercapitalistas "para depois os enforcar com a corda que eles próprios vão ceder", a velha linha de duping que Lenin vendeu ao Politburo. Estes agentur de esquerda são os idiotas úteis essenciais. Mas dê-se também um enorme destaque a grupos na linha Die Spinne, a rede de influência Nazi que surge no pós II Guerra. Estes agentur fascistas são liberalmente absorvidos no pós-guerra pelas estruturas de operações negras da alta finança; surgem no próprio topo dessas estruturas, a par de outras hienas, mercenários e desperados. São devotados ao propósito de trazer o Reich global sob o comando de oligarcas financeiros, dão sempre bons empregados.

O case study dos neocons americanos / Trotskyistas e Red Tories.

Cooptação de... bem, Democans e Republicrats.

Os neocons são Trotskyistas.

IV Internacional + Fabianismo / linguagem Midwest para sugarcoating.

Fascismo imperialista hegeliano, reciclado, é o resultado. Um case study interessante é o modo como as fundações usaram os já mencionados Trotskystas para cooptar e reelaborar os dois partidos americanos. O processo foi similar para os dois partidos e enquadra-se no modelo geral explicado atrás. Vamos olhar para o Partido Republicano, submetido desde a era Reagan a uma literal tomada de poder interno, um mini-Machtergreifung! Iso é protagonizado pelos "neo-conservadores", um termo muito enganador. Os neo-conservadores são neo-Trotskyistas. Os pais ideológicos do movimento são pessoas como James Burnham, Leo Strauss, Daniel Bell, Samuel P. Huntington, entre outros. Esta gente faz parte (alguns de modo directo, outros não) do movimento geral de absorção de agentes duplos Trotskyistas pelo eixo MI6/OSS no pós-II Guerra. Os protagonistas em tempos mais recentes são os discípulos directos de Leo Strauss. Gente como Michael Ledeen, William Kristol, Donald Rumsfeld, Dick Cheney – e, muito especialmente, Paul Wolfowitz, o ideólogo essencial do movimento para as últimas décadas. O Partido Republicano é lentamente conquistado a partir de dentro por esta facção. O que estes Trotskyistas fizeram, foi criar uma ideologia totalitária reciclada, e depois superimpor-lhe um sugarcoating de retórica Midwest. Pegaram em conceitos hegelianos, no rationale e nos métodos da IV Internacional e depois juntaram o pragmatismo imperial da ideologia Fabiana. Isto não foi difícil, já que Trotskyismo e Fabianismo ambos derivam de fascismo imperialista hegeliano.*

Brigandagem e autoritarismo vendidos com a linguagem da mom's apple pie. A partir daqui, programas totalitários podem ser vendidos sob rótulos como "free market", "economic development", "keeping the homeland safe". O drive para criar imperialismo fascista global pode ser nomeado de "project for the new american century". A fusão gradual Mex/USA/Can, para regionalismo imperial (como na Europa), pode ser

chamada de “security and prosperity partnership” e até “fortress America”. Agressão imperialista torna-se “true patriotism”, “defending America”, “keeping the world safe for democracy”.

Red Toryism é o real paradigma.

América usada para o “New American Century” das multinacionais, depois descartada. O Partido Republicano que daqui surge usa a retórica da mom’s apple pie mas é uma combinação entre os Tories imperiais britânicos e os bolcheviques russos – o Red Toryism de John Ruskin! O programa é a aquisição total da sociedade por interesses privados, por meio de conversão plena para mercantilismo público-privado (controlo total por interesses privados multinacionais). É também a mudança radical de todas as condições sociais vigentes, no planeta inteiro, para o futuro utópico global, o futuro do “New American Century”. Aqui, a América é *usada*, pelo seu poderio económico e militar, para estandardizar o planeta sob privatização global. Finalmente, é descartada, enquanto país e potência, para se fundir em pleno no novo sistema global, um que é governado por privados, e não por países; um onde os países *desapareceram*, para dar lugar a domínios privatizados e cidades estado.

Mistura ideológica neocon também pode ser considerada – **Nazismo**.

A indistinção entre esquerda totalitária e direita totalitária, na história.

Totalitarismo é totalitarismo, i.e. governo por crime organizado oligárquico. * A mistura ideológica resultante ainda é mais complexa do que o mencionado, porque é uma forma de socialismo nacionalista ou, nacional-socialismo. O modelo a implementar é a gestão integrada e autoritária de toda a sociedade (Socialismo), sob o comando de uma oligarquia financeira (“socialismo de direita”, i.e. corporatismo/fascismo). O “povo americano” tem o dever de assumir a responsabilidade pela organização do mundo para a Utopia global (é tornado numa espécie de novo Volk). A obtenção de Utopia global implica imperialismo agressivo, seja na frente mercantil, seja pelo uso de meios militares. Isto é aquilo de que Leo Strauss teria gostado. Strauss era um Trotskyista, mas também um Nazi confesso; até ser forçado a fugir da Alemanha por ser Judeu. Isto pode parecer estranho nos dias de hoje, sob a confusão retórica que foi colocada à volta de questões ideológicas no pós-II Guerra, mas o facto é que esquerda totalitária e direita totalitária são a mesma exacta criatura, com o mesmo exacto programa para a sociedade. Totalitarismo ***é*** totalitarismo. É a organização *total* da sociedade – *de tudo na sociedade* – sob uma oligarquia autoritária. Durante o século 19, e no século 20 antes da II Guerra, ninguém fazia distinção entre Comunistas, Nazis e Fascistii, a não ser no que respeitava à pura e simples pragmática da luta pelo poder entre grupos competidores (qual é o bando de totalitários que preferes, os de vermelho ou os de preto? Quais são os que falam melhor, quais são os que fazem promessas melhores?) Militantes totalitários alternavam livremente entre grupos de “esquerda” e de “direita”. Os Fascistii italianos começaram por ser um bando de esquerda e o mesmo acontece para os Nazis alemães. Depois, tanto Fascistii como Nazis mudaram o rótulo para direita, já que os distinguia

melhor dos Comunistas, o principal grupo competidor [ver notas sobre ***Socialismo*** e ***URSS***, para muito sobre tudo isto].

Neocons: Revolução permanente e a guerra de terror, à escala global.

Wolfowitz, Ledeen e a "revolução permanente", para mudança radical global.

Ledeen: A Nova América [Trotskyista] / destruição criativa / desestabilização constante.

A essência disto: aquisição privada hostil, governo por crime organizado, pobreza, guerra sectária – **Iraque** é o modelo. A prioridade neo-conservadora para o mundo é a instauração da "revolução permanente" de Paul Wolfowitz (e este, claro, é o termo usado por Leon Trotsky), para a "mudança de todas as condições sociais vigentes". Michael Ledeen chama-lhe "revolução democrática". É, em essência, aquilo que tem sido visto no Médio Oriente, onde os estados são colapsados sob vagas de aquisição privada, pobreza, balcanização sectária, violência. O Iraque é o modelo para o mundo. «*Creative destruction is our middle name, both within our own society and abroad. We tear down the old order every day, from business to science, literature, art, architecture, and cinema to politics and the law… We do not want stability in Iran, Iraq, Syria, Lebanon, and even Saudi Arabia.... The real issue is not whether, but how to destabilize. We have to ensure the fulfillment of the democratic revolution*» Michael Ledeen, American Enterprise Institute, 2002 – The War Against The Terror Masters (NewYork: St. Martin's, 2002, 2003), pp. 172, 216

Paul Wolfowitz, Michael Ledeen ou William Kristol não são George Bush. George Bush talvez acredite que "democratização" significa Pizza Hut, Nokia e eleições livres. O círculo interno ideológico sabe que o real significado do termo é a entrega irrestrita dos países a aquisição privada hostil, com o poder a ser depois entregue a grupos totalitários, sectaristas, terroristas, criminosos (versões culturalmente adaptadas dos bolcheviques russos). A ideia é saquear e privatizar tudo o que tenha algum valor e depois estourar completamente a sociedade em redor em espirais de violência, terror e morticínio.

"Revolução permanente" exige **guerra de terror** sobre o público.

Trotsky e o reino de terror (teoria): esmagar e eviscerar para trazer Utopia. A "revolução permanente" para a "mudança de todas as condições sociais vigentes" exige uma ***guerra de terror*** sobre o público. A guerra de terror, o reino de terror, tem uma teoria e uma prática. A teoria foi explicada por gente como Marx (ver notas em ***Socialismo***) e, claro, Leon Trotsky, o grande ideólogo do terrorismo moderno (e.g. Leon Trotsky, Terrorismo e Comunismo, 1920). Na teoria, isto significa o uso contínuo de terrorismo sobre a população, pela "vanguarda", e tudo isto é, na realidade, por "amor". A ideia é trazer a utopia. Só o uso continuado de terror, diz-nos Trostky, possibilita a extinção de todas as condições sociais em existência, e a sua substituição gradual por um novo mundo de esclarecimento tecnocrático em prol do "povo" (vamos

matar-te à fome e cometer genocídio sobre ti porque te amamos). Esclarecimento tecnocrático implica a desumanização contínua da população, para eliminar artefactos não-pragmáticos e prejudiciais como a consciência moral, empatia, sentimentos humanos. Aí, todos serão "proletários" iluminados como Trotsky, um traidor e um agent provocateur de baixo nível. É claro que tudo isto implica a escalada progressiva de brutalidade e de violência, onde cada passo é o prelúdio do passo seguinte, numa espiral de terror e morticínio cujo registo foi bem demonstrado durante as eras bolchevique e estalinista. Esta é a teoria.

Trotsky e o reino de terror (prática).

Esmagar e eviscerar porque sim / propósito de crime é crime.

Esmagar e eviscerar para criar castas de criminosos para gerir sistema esclavagista.
A prática é a pura e simples boot stamping on a human face forever. Em termos muito pragmáticos, escravizar totalmente a larga maioria da humanidade em prol dos *poucos*. E, de modo ainda mais profundo que isso, esta é uma racionalização cuidada do instinto do traidor e do homicida, para destruir, torturar, massacrar, eviscerar, pelo puro e simples deleite nihilista de o fazer. As pessoas normais não conseguem conceber que existam seres humanos que *incorporem* este papel em si – e existem. E esta foi a praxis normal durante muitos períodos da história da humanidade. E.g. é assim que muitos barões feudais europeus se comportavam. Totalitarismo moderno é neo-feudalismo. A ideologia contém e racionaliza os mesmos exactos instintos. Em paralelo, existe a preocupação em criar cadres de novos putativos barões feudais. Um sistema totalitário não pode ser organizado sem os exércitos de sociopatas que o vão operar; é tão simples quanto isso.

A guerra de terror sobre o público, para século 21, começa com as Torres.

Cheney, Bush, Blair – let us reorder this world, in the 100 years war. A "revolução permanente" exige uma ***guerra de terror*** sobre o público. É precisamente isso que começou com as Torres, o início do "new american century program". Como Cheney disse, esta é uma guerra de 100 anos para mudar radicalmente a face do planeta inteiro. E, como Bush disse (ou leu do teleprompter), quem não estiver a bordo connosco, é um terrorista. Pela mesma altura, Blair estava a dizer que "the pieces are in flux – *let us reorder this world around us*", citando Cecil Rhodes e HG Wells.

A guerra de terror será a boot stamping on the human face just because.

Guerra de 100 anos sobre o público não trará nada no fundo do túnel (ou, trará o **nada**).
Aquisição hostil privada de tudo e de todos, sistemas de vigilância total, managerialism inumano. Pobreza, migrações forçadas. Balcanização, atentados, guerra sectária. Trabalho forçado. Tortura, rendition, prisão secreta, execução. Genocídio. Sistemas eugénicos, com a esterilização gradual da larga maioria da população; e o aborto, infanticídio e eutanásia da "vida que não merece vida". Também, o ataque deliberado ao sistema nervoso central humano. Tudo isto é o standard pretendido para o século do

terror, a guerra de 100 anos sobre o planeta. Os standards são morte e nihilismo, na verdade; não há *nada* de bom, para quem quer que seja, no fundo deste túnel.

Seymour Hersh (2004) – "Paul Wolfowitz, the greatest Trotskyite of our time". Seymour Hersh, o lendário jornalista político de Washington D.C., fez bem quando apelidou o círculo interno neocons de «*cultists*»; depois disse que não eram «*Charles Manson cultists*» e fez mal, porque são, estão na mesma exacta linha. Observou que eram um bando autoritário e vicioso, conduzido por noções de «*Utopia*», e disse que «*Paul Wolfowitz is the greatest Trotskyite of our time*». Hersh não parece dizer isto num tom de finalidade absoluta, mas, numa pessoa da craveira dele, a questão essencial é se não o está a dizer no registo de "a word to the wise". Se o estiver a fazer, está a dizer a verdade, embora de modo tímido e lamentável. Caso contrário, e mesmo sem o saber, acertou em cheio no jackpot.

<u>Citação</u>. «*The question we have to say to ourselves is, ok, so here's what happens, a bunch of guys, 8 or 9 neoconservatives, cultists — not Charles Manson cultists, but cultists — get in and it's not… about oil… it's about a Utopia they have, it's about an idea they have… in a sense, I would say Paul Wolfowitz is the greatest Trotskyite of our time, he believes in permanent revolution… they got together, this small group of cultists… They've taken the government over. And what's amazing to me, and what really is troubling, is how fragile our democracy is. Look what happened to us… [In the press, there is] self-censorship… you know there is a corporate mentality out there, but there's also a tremendous amount of self-censorship… It's like a disease… they took away the edge from the press, they also muzzled the bureaucracy, they muzzled the military, they muzzled the Congress, and it's an amazing feat. We're supposed to be a democratic society, and all of those areas of our democracy bowed and scraped to this group of neocons who advocated a policy… And so you have a government that basically has been operating since 9/11 very successfully on the principle that if you're with us you're a genius, if you're against us… you're a traitor. They can't deal with you… So what does that mean? That means no dissent*» [Seymour Hersh, July 8, 2004, Keynote Speech at the American Civil Liberties Union (ACLU), 2004 Membership Conference.]

Sara e Tobias, degradação humana, Story of O

[comments YT]

[1] I'm sorry to have to say this, divinelust, but it's very hard to find a work that does so much to glorify the brutalization of women as this "story of the meat hole". This is a very vile expression of chauvinism, and indeed, of hatred.

It's the kind of work whereby women are coaxed into taking a gun to their own heads and then, pulling the trigger. In other words, to worship their own destruction, for the pleasure of piglike pimps, slave drivers. And this is very self-evident isn't it?

- The issue with that, as I said in my 2nd comment, is that the promotion of these "destroy me and my society" attitudes actually comes from the slave drivers themselves, the oligarchs -- in France, this is former Vichy fascists.

That's post-modernism. Spawned out of Nazi destruktion philosophy (Heidegger et al), to romanticize socio-economic nihilism (the speculative, post-industrial race to the bottom), and its obvious cultural correlates, the destruction of self-image and human relations.

- Well, God gave us all the ability for rationality and higher consciousness, and he expects us to use them, as He makes clear throughout the Scriptures. And He doesn't want anyone to be degraded down to the level of beast, for the pleasure of slave drivers, pimps, oligarchs.

His ideal for man and woman is very well expressed throughout the entire Bible, but a very good example is that of Sarah and Tobiah -- side by side, equals, enlightened by grace, in perfect harmony before the Creator.

- [2] Death and slavery aren't sexy, but oligarchs demand that people think otherwise. So, it's no coincidence that this springs out of post-modernism, a very vile oligarchic demand for universal degradation. On the economic front, the fruits of this are arrested development, deindustrialization, wild speculation, assett stripping. On the social and cultural levels, people are degraded to the status of inferior beasts, ready for a meat grinder of socio-economic dehumanization and, indeed, slavery.

TAYLOR CALDWELL.

Taylor Caldwell – Caos perpétuo para Marxismo global.

«*I tell you, gentlemen, that the Apocalypse is upon us, and from this time henceforth there will be no peace in the tormented world, only a programmed and systematic series of wars and calamities — until the plotters have gained their objective: an exhausted world willing to submit to a planned Marxist economy and total and meek enslavement — in the name of peace*» – Taylor Caldwell (1976), "Ceremony of the Innocent". Random House.

Taylor Caldwell – Honoria.

1. Honoria – Fundação e valores. No seu artigo político de 1957, "Honoria", faz a crónica da ascensão e queda do país fictício a que chama "Honoria". «*Honoria: this is the true story of a once great nation, referred to here as "Honoria"…*»

Fuga de opressão, guerras, taxação, despotismo. «*They had fled from oppression, hoping to live in peace, with as much justice as men can dredge up from themselves. They had had all they could take of endless wars, endless taxation, endless bureaucrats, endless arrogant rulers*»

Liberdade sob orientação divina, virtude, dedicação, paz, justiça, honra, patriotismo.

«*Once upon a time, some courageous men decided to leave their own country, which did not encourage freedom of religion, freedom of speech, and freedom of the individual… The Pilgrims were intolerant of wrongdoing. They used whips and gallows to punish criminals. Their clergymen preached stern virtue and selfless dedication… Facades of our modern government buildings bear some of the legends written in those days: "Liberty," "justice," "freedom of worship"… No one could be elected to the Senate unless he was a man of probity, honor, patriotism, and religion… Honoria, in those days, distrusted militarism, hated wars. Her ideal was freedom under divine guidance*»

Educação de qualidade. «*They established schools, under religious leaders. These schools, in a way, were the first public, free education in the world--education such as had never been before in the old, corrupt countries*»

Vida simples, devotada e virtuosa. Trabalho. «*The old, corrupt countries laughed at the Pilgrims--laughed at their poverty, their hard work, their educational efforts, their single-hearted devotion to religion, their dedication to a simple, strenuous, virtuous life*»

2. Honoria torna-se poderosa, desperta inveja e malícia – Guerra civil.

Honoria torna-se nação mais poderosa do mundo. «*…these men in their rude shelters--would, through their descendants, build the most powerful nation in the world*»

Países corruptos queriam guerra civil para arruinar Honoria. «*…had hoped to see her divided and ruined by the civil war*»

Inveja, ódio e desprezo. «*…one to which the old, corrupt countries would look in envy, hatred and contempt…*»

"Vulgar e sem cultura". «*The old, corrupt countries, which had hoped to see her divided and ruined by the civil war, had to take her into their calculations, although she was still being called vulgar and uncultured and gross*»

<u>3. Internacional: Alianças externas, guerras, impostos – Assistência aos bárbaros</u>.

Alianças trazem guerras, taxação, dívida. «*The Republic, which had grown strong by not engaging in foreign entanglements, now became entangled. What was the purpose of the entanglements? Oh, the leaders said alliances were necessary to defend the civilized world--but the real purpose was to satisfy the greedy ambitions and allay the sickly fears of the leaders. The alliances brought wars, and the wars brought taxes… An evil old man, crippled and malformed, led the nation into more wars and foreign entanglements--he was the ruler of Honoria. Patriots were considered scoundrels. The rulers of Honoria were tools not only of the mobs, but of foreigners. An old general, who had been victimized by the government, stood up and cried aloud to Honoria to remember her past, to return to honor, to decent government, to the principles of the Founding Fathers, to God. The people hooted: He was a reactionary. He was eliminated. He retired, with bitterness, and thought his anguished thoughts. A Senator dared to stand up in the Senate and cry a halt to foreign subversion of Honoria and to constant foreign aid and the draining away of the people's money. Other Senators shrieked him down and called him vile names. He, too, was liquidated. And the nation fell deeper and deeper into debt, became more luxurious and rotten*»

Honoria junta-se a Liga do Mundo, com os seus inimigos.

Inimigos exploram-na, Honoria envia apoio, tecnologia e peritos aos bárbaros. «*Honoria joined a league of the world, with her enemies. They exploited her. She taxed her citizens more and more to send her wheat and meat to those nations. In one of Honoria's stupid wars she allied herself with powerful barbarians who were full of hatred and envy, and the lust for power. Honoria sent "experts" to the barbarians to teach them the latest scientific discoveries*»

Ajuda externa aos países corruptos, desperdício de dinheiro. «*…one to which the old, corrupt countries would look in envy, hatred and contempt while they demanded more and more support for their tottering governments, their tyrannies, and their starving people… constant foreign aid and the draining away of the people's money*»

<u>4. Maternalismo e subsidiação – Estado totalitarizado – Morte da classe média</u>.

Grupos de interesse exigem protecção estatal, subsídios – Taxação explode. «*The citizens were beginning to think of security. They wanted public auditoriums for sports, paid for by tax money. They wanted bigger and better roads. They wanted pensions, support at public expense when they felt disinclined to work. And more and more citizens were becoming disinclined to work. Farms? That was for the horses! Industrious toil? That was for the stupid. Now the farmers moved into the scene. They were resentful of the special interest groups in the city. They sent petitions to their Senators. They demanded subsidies, price supports. The Senators, wanting support for their own schemes, passed laws granting subsidies for the farmers; and the government bought up surplus crops and stored them in warehouses, where they rotted away. Now the industrialists moved in--they must have tax benefits. It never occurred to them--or perhaps it did--that taxation in itself was an evil. Finally, government, urged on by greedy groups and minorities, became the all-powerful state. It guaranteed to protect the people from all the forces of nature--floods, hurricanes, land-slides, failure of crops. And taxation grew and grew*»

Grupos minoritários exigem subsídios. «*But the greedy mobs could never be satisfied. They made endless demands on the Senators. They stood in government offices and howled. They howled for subsidized housing. And they got it. The government, corrupt and vile, subsidized housing, for "low income groups." It built huge projects in the very heart of the city for the mobs--with swimming pools, of course, and hot free food. Within a year or two, those housing projects became slums, for people with slum personalities inhabited them*»

Crime e imoralidade. «*Crime became so commonplace that it was dangerous to be on the streets at night. Morality was dead*»

Estado decide livrar-se da classe média e ter sistema de duas classes. «*Death of the Middle Class… Honoria had always been distinguished by a strong, sturdy, industrious middle class, composed of farmers, artisans, shopkeepers--virtuous and sane and devout. But the middle class presented a threat to an all-powerful government, determined to protect the rich and the strong--and the worthless, the mean, the haters-of-work, the whining cowards who wanted everything for nothing. So the government decided to get rid of the middle class. The middle class of Honoria stood in the way; it must be destroyed. Then, the elite could rule by oppression; and the craven, the despicable, the cowards, the worthless, could live on the bodies of the nobles and the heroic--through taxation*»

Estado torna-se totalitário, a morte da liberdade. «*Finally, government, urged on by greedy groups and minorities, became the all-powerful state… more bread, more sports, more government, more restrictions on the proud and the self-respecting. And the middle class finally died… Freedom? Why, the people didn't want freedom. They wanted free entertainment, free bread, free housing. A degenerate nation deserved no freedom, no consideration*»

5. Honoria: Corrupta e inchada, é finalmente destruída pelos bárbaros.

Honoria: corrupta e monstruosa.

Gerida por tiranos externos e agitadores internos. «*Honoria had become a corrupt and monstrous nation. Foreign tyrants and domestic mobs called the tune, and the spineless rulers of Honoria danced. The very walls of government echoed to the ever-growing demands for more foreign aid, more security…*»

Bárbaros disciplinados, tornados fortes por Honoria, encaram-na com desprezo. «*And what of the barbarians? They looked on Honoria with contempt. They were fierce and dedicated men. They had allies in the government of Honoria. Who could oppose them, with their savage ferocity? The time had come for them to take over Honoria, and destroy civilization. And the barbarians moved in… Who had made the barbarians so strong? Honoria, of course. Honoria had given the barbarians access to the wealth of Honoria, at the expense of the betrayed and ruined citizens of Honoria*»

6. Honoria é Roma – e América.

Honoria é Roma – e Roma é paralela a América. «*What is the real name of Honoria? Ancient Rome… Nearly two thousand years stand between us and Rome. Never before the rise of Rome, and never since, did two nations so remarkably resemble each other, in history, in splendid rise in civilization, in magnificent communication between nations, in grandeur and wealth. In strange and amazing ways, we are the counterpart of ancient Rome. Her history, almost step by step, is our history*»

Roma e América destruíram respectivas Constituições. «*Everything which strikes at our Constitution brings us closer to death as a free nation, just as Rome died. Each time a new treaty of alliance is signed with foreign nations, we die a little more, as Rome died. Each time the Supreme Court or the President violates the Constitution, we come closer to slavery--as Rome came… Shall we continue along the path which led to the extinction of Rome? We have made her terrible mistakes; we have duplicated her crimes and stupidities, almost to the letter. WE are destroying our Constitution, the only safeguard we have in the face of domestic and foreign enemies, just as she destroyed hers. We are permitting government by men, now, instead of government by law--just as Rome finally did*»

Roma decai quando se torna internacionalista, militarista, e maternalista. «*So long as Rome remained Rome--patriotic, proud, virtuous and healthy--she remained a strong and powerful nation. When she became internationalistic, underwrote the economies of other nations, permitted her rulers to become dictators, enmeshed herself with the problems of aliens and taxed her own people to support those aliens, she began to die. When she became militaristic, and had her armies spread on foreign soil, the fabric of her life was weakened and strained, and the wild sword of the barbarian cut it easily*»

Roma, destruída pelos bárbaros – Idade das Trevas. «*You know what happened to ancient Rome. The barbarians, in the fifth century, invaded Rome and destroyed her; and for hundreds of years, there was a long, black night of slavery and despair and*

rain. Rome had not only betrayed herself but all the civilized world with her. The barbarians ranged over that civilized world; and the cultures of thousands of years were destroyed, so that only fragments have come down to us, mere fragments of great and mighty literature, and law, and beauty»

À beira do abismo – Responsabilidade individual. «*It is a stern fact of history that no nation that rushed to the abyss ever turned back. Not ever, in the long history of the world. We are now on the edge of the abyss. Can we, for the first time in history, turn back? It is up to you*»

Taylor Caldwell, "Honoria", The Dan Smoot Report, December 23, 1957.

The division bell

O padrão do século 21 é balcanização.

Desindividuação e identidades sintéticas.

Seinfeld e o role model denizen NY / Lady Gaga.

O cuckoo's nest de Fascismo.

The division bell – o padrão do século 21 é balcanização.

A era pós-moderna é definida por divisão, balcanização, guerras identitárias.

Do micro (indivíduo) ao macro (culturas, países).

A unholy alliance entre psicopolítica e geopolítica.

Manter bárbaros at each others' throats para abrir caminho aos big boys. O mote para a era pós-moderna é divisão, balcanização, seccionamento. Pessoas são internamente seccionadas, depois são viradas umas contra as outras por linhas identitárias, e o padrão macro, do societal ao geopolítico, passa a ser definido por balcanização ao longo dessas linhas; sectarismo, a todos os níveis que possam ser concebíveis. O Iraque é o modelo para o futuro; partição e guerra ao longo de linhas étnicas para controlo multinacional mais fácil. Psicopolítica casa-se com geopolítica e desta unholy alliance surge o padrão para o século 21 – dividir para conquistar. Manter os bárbaros a sufocarem-se mutuamente enquanto agências internacionais, megabancos, corporações e grandes fundações assumem controlo de – tudo.

The division bell – desindividuação e identidades sintéticas.

O indivíduo moldável, dissociativo, sintético / Brzezinski. O mundo pós-moderno é um mundo dissociativo. Está alicerçado em divisão interna e em divisão externa. Indivíduos são divididos internamente, seccionados, para que possam ser instrumentalizados num ambiente sócio/económico inumano, exigindo alternâncias contínuas de registo personalístico e comportamental. Como Zbigniew Brzezinski escreve ainda nos anos 70, o indivíduo pós-moderno já não é um indivíduo, na medida em que essa qualidade é medida por coerência interna, por uma personalidade integrada e consistente que age enquanto *si mesma*, e não como função de valores sociais. Mas o denizen da sociedade pós-industrial é cada vez mais uma manta de retalhos, flexibilizado, ajustado, moldado, distorcido, a viver não de acordo com a sua própria vida interna mas de acordo com as

exigências e condicionantes do mundo exterior. Um maelström de diferentes registos personalísticos e comportamentais em transições contínuas entre, e dentro de, diferentes papéis sociais. Esse era o resultado da sociedade sintética, e estava a gerar problemas sociais crónicos e níveis sem precedente de doença mental, escreve Brzezinski.

The ringing of the division bell has begun.

Estereótipos, marcas superficiais de valor e de utilidade social.

No desaparecimento de identidade individual, sentido de identidade é reencontrado em artefactos acessórios. Do macro para o micro, do micro para o macro. Pessoas seccionadas, internamente divididas, moldadas, instrumentalizadas, não podem, obviamente, ser pessoas capazes, responsáveis, morais. Quando alguém não tem uma identidade definida, mas algo que varia com o tempo e com o lugar, é evidente que não pode ser independente ou self-reliant. Tal pessoa vai ser propícia a ver o mundo pelo mesmo padrão divisório em que ela própria se encontra partida. O mundo é facilmente perspectivado como um espaço desindividuado de estereótipos, marcas de identidade colectiva, onde os restantes indivíduos tendem a ser vistos por marcas artificiais de valor e de utilidade social. É preciso ter uma identidade individual coerente para ver, e apreciar, as restantes pessoas como indivíduos. Quando isso não existe, é fácil, senão inevitável, que o mundo seja visto como um espaço dividido ao longo de todas as linhas ao longo das quais é possível dividi-lo: estatuto sócio-económico, ideologia, raça, etnia, sexo, religião, preferências culturais, etc. As pessoas tornam-se rotuláveis pela profissão que têm, pelo carro que conduzem, pela cor da sua pele, pelos sapatos que usam, pelas revistas que lêm.

Situação criada e estimulada pelos big boys, sob guerra psicossocial muito virulenta. E isso é incentivado pelos big boys, que *criaram* esta situação por meio de campanhas ininterruptas de guerra psicossocial, eufemisticamente chamada de engenharia psicossocial; e usam estes vectores para promover divisividade permanente, atomização individual, extremismo identitário.

The division bell – Seinfeld e o role model denizen NY / Lady Gaga. Tudo isto foi bastante bem ilustrado na sitcom Seinfeld, onde havia aqueles quatro yuppies nova iorquinos, role model denizens, pessoas essencialmente lineares e superficiais, que depois tratavam todas as restantes da mesma forma, como pedaços descartáveis de carne e de nervos, a ser avaliadas e descartadas pelas superficialidades mais ridículas. Jerry Seinfeld é um génio e isso foi muito pouco reconhecido na altura. E foi Seinfeld quem comentou, ainda há uns anos atrás, o modo como a cultura actual já tinha chegado ao ponto de ruptura e de estouro, e que isso era bastante evidente quando havia cantoras que levavam cadáveres para o palco, com sangue, órgãos e esqueletos misturados com mulheres semi-nuas. Sexo e morte, conciliação de Eros e Tanatos, masturbação e suicídio, necrofilia. E é claro que uma pessoa que está Gaga é uma pessoa que está

maluca. Uma lady que está completamente desarranjada, e não é no sentido playful da expressão.

The division bell – O cuckoo's nest de Fascismo.

Indivíduo tornado identitário, sob todo o tipo de artefactos sociais absurdos.

Depois, esses artefactos tornam-se "causas" (e.g. bicicletas e tudo o resto).

O cuckoo's nest, marcado por cinzentismo, consensualidade, quebra de comunicação. O indivíduo moderno é ensinado desde jovem a escolher um conjunto de clubes identitários – do jogo virtual favorito à raça e à etnia. Depois, é ensinado a apegar-se a essas "causas" com o furor que é proporcionado por investimento personalístico total, e a defendê-las contra outras visões com violência fanática (hoje, andar de bicicleta é uma questão de identidade e é uma "causa"; não é só a lady dos cadáveres que está gaga). E é assim que se cria o cuckoo's nest. A pessoa média tende a deixar de ter disponibilidade para ouvir posições contraditórias às suas próprias. Sente essas instâncias como afrontas às suas próprias crenças cristalizadas e tende a reagir de forma agressiva. Essa pessoa média pode aceitar que o outro tenha as suas próprias crenças opostas, contando que não tente trazê-las a debate e afirmar a sua validade. Isso é interpretado como uma tentativa de "impor" pontos de vista, uma tentativa de "conversão". As pessoas tendem a fechar-se em espaços mentais cinzentos, a remeter-se a comunicação cinzenta, consensual, "não-ofensiva" (i.e. estéril), vazia de significado.

Espaço público torna-se intolerante, iliberal, anti-democrático / Fascismo. O espaço público tende a tornar-se num espaço incrivelmente intolerante, iliberal e anti-democrático, um espaço onde o livre debate de ideias e de posições se torna tabu. O livre debate de ideias passa a ser visto como algo que origina "polémica" e "violência" – como sob Fascismo. E isto ***é*** Fascismo.

The Tao of Psychosis – Citações dialécticas de Mao, Engels, Lenin.

Identidade de opostos, qualidade e quantidade, negação da negação. As três leis da dialéctica: Identidade de opostos (síntese obrigatória), transformação de quantidade em qualidade (pensamento delirante puro e simples), negação da negação (negação de um princípio de realidade no pensamento e na acção moral, i.e. nihilismo psicótico).

Um bom training course mental, completo quando a pessoa atinge a luz para perceber o modo como todas as afirmações abaixo são alicerçadas em fluxo psicótico, i.e. nihilismo epistemológico com base na mais completa indistinção entre diferentes instâncias lógicas. Isto é pensamento (?) dialéctico, para Prozac heads.

[citações de Mao excepto quando indicado]

BIBLIO. Nick Knight's Discussion of Mao's Supposed Rejection of the Concept of the "Negation of the Negation" *[This is a section from the introductory chapter of Nick Knight's book,* Mao Zedong on Dialectical Materialism: Writings on Philosophy, 1937 *(M.E. Sharpe, Inc., 1990), a book which consists mostly of Mao's own philosophical writings. A couple clarifying additions have been inserted in brackets. –Ed.]*

«*Marxist philosophy holds that the law of the unity of opposites is the fundamental law (genben guilü) of the universe. This law operates universally, whether in the natural world, in human society, or in man*‟*s thinking. Between the opposites in a contradiction there is at once unity and struggle, and it is this that impels things to move and change. Contradictions exist everywhere, but their nature differs in accordance with the different nature of different things. In any given thing, the unity of opposites is conditional, temporary and transitory, and hence relative, whereas the struggle of opposites is absolute. Lenin gave a very clear exposition of this law*»

«*The identity of opposites (it would be more correct perhaps, to say their "unity"— although the difference between the terms identity and unity is not particularly important here. In a certain sense both are correct) is the recognition (discovery) of the contradictory, mutually exclusive, opposite tendencies in all phenomena and processes of nature (including mind and society). The condition for the knowledge of all processes of the world in their "self-movement", their spontaneous development, in their real life, is the knowledge of them as a unity of opposites*»

Lenin, "On the Question of Dialectics"

«*If simple mechanical change of place contains a contradiction, this is even truer of the higher forms of motion of matter, and especially of organic life and its development…. Life is therefore also a contradiction which is present in things and processes themselves, and which constantly asserts and resolves itself…*»

Engels, *Anti-Dühring*

«*Engels talked about the three categories, but as for me I don't believe (xiangxin) in two of those categories. (The unity of opposites is the most basic law, the transformation of quality and quantity into one another is the unity of the opposites quality and quantity, and the negation of the negation does not exist at all (fouding zhi fouding genben mei you).) The juxtaposition, on the same level, of the transformation of quality and quantity into one another, the negation of the negation, and the law of the unity of opposites is "triplism" (san yuan lun), not monism. The most basic thing is the unity of opposites. The transformation of quality and quantity into one another is the unity of the opposites quality and quantity. There is no such thing as the negation of the negation (mei you shenme fouding zhi fouding). Affirmation, negation, affirmation, negation … in the development of things, every link in the chain of events is both affirmation and negation. Slave-holding society negated primitive society, but with reference to feudal society it constituted, in turn, the affirmation. Feudal society constituted the negation in relation to slaveholding society but it was in turn the affirmation with reference to capitalist society. Capitalism was the negation in relation to feudal society, but it is, in turn, the affirmation in relation to socialist society*»

«*Correct thought should not exclude the third factor, should not exclude the law of the negation of the negation…. The law of excluded middle in formal logic also supplements its law of identity, which only recognizes the fixed condition of a concept, and which opposes its development, opposes revolutionary leaps, and opposes the principle of the negation of the negation…. Why do formal logicians advocate these things? Because they observe things separate from their continual mutual function and interconnection; that is, they observe things at rest rather than in movement, and as separate rather than in connection. Therefore, it is not possible for them to consider and acknowledge the importance of contradictoriness and the negation of the negation within things and concepts, and so advocate the rigid and inflexible law of identity*»

«*…the revolutionary law of contradiction (namely the principle of the unity of opposites) therefore occupies the principal position in dialectics*»

«*The dialectics of Greece, the metaphysics of the Middle Ages, the Renaissance…. It is the negation of the negation…. Lenin's dialectics, Stalin's partial metaphysics, and today's dialectics are also the negation of the negation*»

«*This kind of reversal is also possible in socialist countries. An example of this is Yugoslavia which has changed its nature and become revisionist, changing from a workers' and peasants' country to a country ruled by reactionary nationalist elements. In our country we must come to grasp, understand and study this problem really thoroughly ... otherwise a country like ours can still move towards its opposite. Even to move towards its opposite would not matter too much because there would still be the negation of the negation, and afterwards we might move towards our opposite yet again*»

«*The law of the unity of opposites, of quantitative to qualitative changes, and of affirmation and negation, will hold good universally and eternally*»

«*…affirmation, negation ... in the development of things, every link in the chain of events is both affirmation and negation*»

«*It was said that dialectics had three basic laws and then Stalin said there were four. But I think there is only one basic law—the law of contradiction. Quality and quantity, affirmation and negation, substance and phenomenon, content and form, inevitability and freedom, possibility and reality, etc., are all cases of the unity of opposites*»

As Marcuse points out, the concept "disappeared from the list of fundamental dialectical laws" following Stalin's example of 1938. Wetter, too, comments on the "checkered history" of this concept, noting that Stalin's omission of "the law of the negation of the negation" from *Dialectical and Historical Materialism* (1938) meant the disappearance of this law from Soviet philosophy until after Stalin's death. It is also interesting that on its revival in the mid-1950s, Soviet philosophers turned to the writings of Mao Zedong, especially *On Contradiction*, as a basis from which to elaborate the "negation of the negation" from a fresh perspective, one which concentrated on "preserving what is worthwhile of the old state and in elevating and transforming it to a higher positive level".

[i.e. Stalin impôs alguma forma de princípio de realidade na URSS, uma ditadura militar inquestionável [negou a negação da negação, i.e. nihilismo puro]. A prática molda a teoria, como em tudo, neste charlatanismo de feira. Após a morte de Stalin, já

durante a Guerra Fria, a URSS pode entrar de novo num registo nihilista mais ou menos similar, em vários pontos, àquele que havia logo ao início. Provavelmente o conceito da negação da negação, nihilismo, volta para o final da era Kruschev, início da era Brejnev]

TÍTULOS e expressões.

Socialismo.

→ Bankers of the World, Unite!

→ The New Number 2

→ "A boy and his dog." [a aristocracia e os socialistas de base]

→ «*On the flipside*» «*O outro lado da moeda*»

→ "The Subtle Serpent" [Shigalov]

Obama.

→ «*The messiah who got elected*»

Eugenia.

→ Pop Redux

→ From quality control to quantity control

Engenharia Psicossocial.

→ "Shine on you crazy diamond"

→ Prompting behavior in the beehive

→ "Come down to *our* level"

→ "Take it easy --- relaaax… take it easy… It will all be well in the end… Relax, cooool… take it easy…"

→ "All you need is love"

→ "Schizoid Man"

→ Degrade and rule.

→ "Proliferação de armas de destruição passiva"

Engenharia Psicossocial – Conformidade.

→ “In-Formation!”

→ “I be, the cog in the machine”.

→ “I’m a bee, I’m a bee, I’m a bee,...”

→ “You are a member of the Village/Community. You are a unit of Society. You must conform!»

→ “Dance of the dead”

AGW.

→ “Greenhouse fiction”

→ Sequência introdutória. Vemos caos e destruição, palmeiras arrancadas, inundações, tornados, etc, e depois: “*World to end at nine -- tonight!*

Film at ten: “There is a sucker born every minute”. Sponsored by, Carbon Traders Inc., Cayman Islands»

Manipulação em geral.

→ “Merveilleux wünderheiler of wonders”

→ “Wonderful wonderworker of wonders”

→ “*The yellow jester does not play, but gently pulls the strings, and he smiles as the puppets dance in the court of the Crimson King*”

→ «*A fake god by occupation and a magician by inclination*»

→ «*Used, abused, re-used, and amused*»; (Tradução «*Usados, abusados, reutilizados, entretidos*»)

→ «*Solve et coagula*»

→ “Nearer to the heart’s desire” – Fabian motto.

→ “*Violence has the tendency to accelerate. However, the concept of total violence…*”

→ “Sabe como correr ao lado da lebre e caçar com os cães”

→ If you don’t believe in something, you will fall for anything.

Estado policial e destruição.

→ "Tonight, when the moon goes red, the whole world will turn into silver"

→ "Pushed, filed, stamped, indexed, briefed, debriefed, numbered"

Geopolítica.

→ "The Great Game"

New Age.

→ "Fairies wear boots"

Vários.

→ "*His speech was softer than butter, yet war was in his heart; his words were softer than oil, yet they were drawn swords*". Psalm 55:22

→ "If you give this man a ride, sweet family will die"

→ "*Thou shalt judge them by their fruits, not by their words*"

→ "*O amor ao dinheiro é a fonte de todos os males*"

→ "*Fiat voluntas tua*" (secção sobre fiat)

→ «Beware of this heart of gold. This heart is cold»

→ «…a spider's touch»

→ "The devil wears bubbles"

“And if you kill yourself…” / despersonalização, for the sappy society.

Pessoa abdica de identidade pessoal, “eu” genuíno / dissolução / descaracterização.

Uma forma de osmose com ambiente. Ao longo de todo o processo de despersonalização, o que acontece é que o indivíduo vai abdicando continuamente da sua própria identidade pessoal, daquilo que faz de si um *eu* genuíno. Dilui a sua identidade para se tornar dissoluto e descaracterizado. Abdica de traços pessoais, crenças, princípios, valores. Com isso, vai anulando as instâncias que fazem de si uma pessoa integral; o seu self, a sua consciência moral, o seu potencial para pensamento independente e criativo. Fá-lo em nome daquilo que é ensinado a interpretar como ganhos pessoais, que são obtidos pelo ajustamento a um superego social sintético. Por outras palavras, fá-lo em nome de entrega ao ambiente social e material em redor. Mas não se limita a entregar-se; entra numa forma de osmose com o ambiente. Por outras palavras, é degradado e despersonalizado.

“(Never) kill your **self**”.

Alguém pode encostar a arma, mas é a pessoa que tem de puxar o gatilho. É preciso compreender que este é um processo pelo qual o sujeito se mata a si mesmo, o seu self, kills his self, kills himself. É como se encostasse uma arma à própria cabeça e disparasse; mas é uma morte lenta e gradual. É claro que isto não precisa de acontecer (geralmente não acontece) por mera e simples iniciativa própria. Com mais frequência, existe alguém que lhe encosta a arma à cabeça, a força a pegar nela, e o ameaça e pressiona para o incentivar a disparar (a iniciativa final tem sempre de partir do indivíduo). Aqui estamos ao nível de pressão social e não só; e hoje em dia, sob programas de engenharia psicossocial em escala, este tipo de procedimento é feito de um modo sistemático. Homicídio mental é, claro, o pior de todos os crimes. Uma sociedade que pratica isto está condenada à destruição pelas suas próprias mãos.

Pessoa abdica de personalidade em prol das autoridades – mesmo que não o saiba.

Sociedades que tentam usurpar espaços mentais são governadas por crime organizado.

A osmose com um qualquer colectivo organizacional.

A peça na máquina, o componente no mecanismo, a célula no corpo. O resultado agregado de tudo isto é o de o sujeito abdicar de modo gradual da sua própria cabeça, para a entregar, mesmo que não o saiba, nas mãos das autoridades. Sociedades que fazem isto são sempre governadas por crime organizado. Crime organizado é a única coisa que alguma vez tentaria usurpar e roubar o espaço mental de um ser humano; isto é um mero truísmo. Eventualmente, chega o ponto fatídico no qual a sociedade arbitrária exige ao indivíduo que aceite dar os últimos passos de despersonalização, para se tornar maquinal; fundir a sua vontade com a de um qualquer colectivo organizacional, ou funcional. Isso expressa-se na forma de funcionalização plena. O

indivíduo torna-se na sua função social (geralmente, a sua profissão). É inteiramente conformado à sua estação social e à sua posição na sociedade colectiva integrada. Fazer um bom trabalho na sua estação é o seu horizonte máximo. Deixa de ter vida própria ou vontade própria; foi como que congelado, por via da sua própria auto-traição (e, as sociedades onde isto acontecem são sempre sítios cinzentos e frios – creep societies). É uma peça na máquina, uma célula no organismo, um componente funcional técnico.

Sappy. «*And if you kill yourself, you will make him happy / He'll keep you in a jar, and you'll think you're happy / He'll give you breather holes, then you will seem happy / He'll keep you in a trance, then you'll think you're happy now / You're really in a laundry room – conclusion came to you*» Nirvana, Sappy.

“Forces too powerful” – William Colby (CIA) a John DeCamp.

Ex-director CIA William Colby a John DeCamp [pedofilia, homicídio infantil]. William Colby esteve na CIA desde o início, OSS. Foi encontrado morto em condições suspeitas num “acidente” de barco (forma típica de homicídio nestes circuitos). John DeCamp é um ex-membro da legislatura do Nebraska, que conduziu um processo em tribunal relacionado com “The Franklin Cover-up”, um escândalo de pedofilia e homicídio infantil, chegando a níveis de topo no governo. Sobre o caso, escreve “The Franklin Cover-up: Child Abuse, Satanism, and Murder in Nebraska”.

“Forces too powerful… for your own personal safety and survival step aside”.

Isto vem de um ***ex-director da CIA***.

«*Former CIA director William Colby (who disappeared and was found dead) told John DeCamp: “Sometimes there are forces too powerful for us to whip them individually, in the time frame that we would like…. The best we might be able to do sometimes, is to point out the truth and then step aside. That is where I think you are now. For your own personal safety and survival, step aside.” Think about what it would take for the former head of the CIA, with all of its resources and power, to say “there are forces too powerful” and “for your own personal safety and survival, step aside”!*» [*cit. in* Dr. Dennis L. Cuddy, “A ‘Bold New World’ and ‘Forces Too Powerful: Part 5’”, NewsWithViews.com, December 26, 2011]

Mercado livre – PMEs – Classe média – Produção – Salários elevados.

Mercado livre é imparcial. Sob capitalismo de mercado livre, não existem favorecimentos, e cada negócio está sujeito a numerosas forças, algumas das quais resultando das falhas e fraquezas do próprio negócio, outras de factores governamentais, e outras de competidores. Isto é, claro, uma posição desconfortável.

Aposta clara em universalização da classe média.

Milhares de PMEs significam empregos, ideias, iniciativa. Uma economia saudável é baseada em milhares de pequenos e médios negócios, que competem entre si, estão próximos das populações que servem, e testam constantemente novas ideias e novos conceitos. Uma economia desse género cria empregos, possibilidades de iniciativa individual, ideias novas surgem, são testadas e experimentadas.

Produção. Crédito barato para produção, economia real. Elevados níveis de produção. Fluxo ininterrupto de bens e serviços providenciados por PMEs, classe média.

Salários elevados.

ONU – Eliminar organização, julgamentos por genocídio. A única maneira de lidar com esta organização inteiramente corrupta é fechá-la, levar várias dezenas de pessoas a tribunal por genocídio no 3º mundo e, porque não, transformar o terreno do edifício num parque verde, de celebração de real diversidade e ambientalismo.

SOLUÇÕES – 2

SOLUÇÕES ECONÓMICAS

Vídeo Geral

End/Nationalize the Fed

Local Control of Economics [acessório]

Reforma bancária

Nacionalizar e reprivatizar os megabancos

Acabar com a credit-multiplier capacity

Devolver o poder de criação monetária ao governo e ao povo que representa

Saldar dívidas nacionais

Anular dívidas

Saldar dívida nacional com dinheiro fiat

Redução do estado – Saldação gradual de dívida governamental

Moedas alternativas

Adoptar uma Moeda Válida – Exemplo do Gold Standard

SOLUÇÕES POLÍTICAS

Restaurar independência nacional

Seignoriage poderia, e deveria, ser aplicada à economia real. Se este dinheiro fosse usado para desenvolvimento económico e crescimento real, os preços dificilmente seriam inflacionados, uma vez que a procura e a oferta subiriam em conjunto. Usar 'quantitative easing' para financiar a construção de infra-estrutura e outros projectos produtivos poderia recuperar e revigorar a economia.

SOLUÇÕES ECONÓMICAS

Vídeo Geral

(**CAF – 6:50**) Como é que se inverte o processo? As oportunidades para o fazer abundam. (**24:25**) Como acabar com a tapeworm?

(**CAF**) Para acabar com isto, **alinhar sistema financeiro com interesses do público**. **Escolher capitalismo, mercados livres** (por oposição a crime organizado, que não é capitalismo). **Dessuprimir tecnologia**. Criar uma cultura de confiança. Let businesses compete on not who has Goldman Sachs but **on who is productive**, the wealth creation would be phenomenal.

(**WT – 35:50**) Voltar a **regular os mercados financeiros**, de modo a bloquear a especulação selvagem, como no caso dos futuros de petróleo, 2008 (Goldman Sachs, Morgan Stanley). Assim, diminui-se a especulação e acaba-se com os zombie banks, dado que uma série destes seriam liquidados, e os seus derivativos seriam cancelados.

(**WT – 36:50**) Depois, **dirigir a criação pública de crédito para produção e retalho**. Industrialistas receberiam uma taxa de juro de 0%, ao passo que, para banqueiros e especuladores, "*sorry, you go take your chances*". [*a seguir*] **Construir infrastrutura – hospitais, estradas, vias férreas, reactores nucleares (para manter a rede eléctrica), sistemas de água – criou-se milhões de empregos, e infrastrutura necessária, para valor permanente.** Ir a outros planetas, para colonização e exploração comercial. Pesquisa biomédica. Benefícios sociais. (**49:50**) Construção: equipamento aeroespacial, reactores nucleares, hospitais, etc.

(**WT – 42:50**) Sistema com fixed parities, etc.

(**WT – 55:40**) **O capitalismo industrial funciona, e é essa a essência dos US**. O capitalismo financeiro não funciona, e o que temos hoje é uma situação onde os capitalistas financeiros mandam nas coisas, e estão em vias de destruir o capital financeiro e o capital comercial.

(**PCR – 23:40**) Introduzir um **sistema diferencial de IRC**, a punir produção no estrangeiro e a beneficiar produção doméstica.

(**WT – 53:30**) A regra básica da política é a de que, **ou se está a combater os banqueiros, ou se está a ser usado**. A regra elementar é a de que Wall Street é, e sempre foi o inimigo. O próprio governo é um campo de batalha, onde o povo confronta, ou deveria confrontar, o poder excessivo de Wall Street.

Celente – diagnosys, denial (temos de olhar para as coisas como são, e não do modo como gostaríamos que fossem)

Celente – current events form future trends

End/Nationalize the Fed

(**WT – 36:15**) **Nacionalizar a Fed**. Assumir controlo sobre o processo de criação de crédito. Cliques de banqueiros privados deixam de mandar no sistema, e o sistema passa a ser gerido através de leis abertas, debatidas publicamente e assinadas pelo Congresso.

(**FB – FOTR, 57:35**) A Fed é um monopólio dos banqueiros, uma maneira de colocar as raposas a mandar no galinheiro. **O ideal seria que o Congresso nacionalizasse a Fed e tirar os banqueiros dali**. Deixar o Congresso decidir, em vez desta cabala de banqueiros.

(**MK – FOTR, 1:02:42**) A única maneira de tirar a América de problemas é **fechar completamente a Fed**, e voltar a colocar o poder de emissão de dinheiro no poder do governo federal, em vez de fazer outsourcing do mesmo para um banco privado.

(**DK – OD, 59:40**) Em 1913, o poder monetário do país foi retirado ao povo, por privilégio constitucional pertence ao Congresso – e foi dado à Fed. **A Federal Reserve não é mais federal que a Federal Express**. No entanto, tem o poder para determinar a direcção do uso do dinheiro na economia. Se for possível recuperar esse poder e recolocá-lo sob poder governamental, será possível voltar a usar isso para o benefício do povo.

Local Control of Economics [acessório]

(**RM – 36:30**) "*Local control in economics engenders honesty*"

(**RM – 57:50**) Se houver controlo local da economia, da comida, das viagens e transportes, há liberdade. E não é preciso estado, porque as pessoas têm-se umas às outras.

Reforma bancária

Introduce free banking. Banks should be **deregulated** and, at the same time, **cut loose from protection at taxpayers' expense**. No more bailouts. The FDIC and other government "insurance" agencies should be phased out, and **their functions turned over to real insurance companies in the private sector**. Banks should be required to **keep 100% reserves for demand deposits**, because that is a contractual obligation.

Competition will insure that those institutions that best serve their customers' needs will prosper. Those that do not will fall by the wayside-without the need of an army of bank regulators.

In the past, the banks have enjoyed a bountiful cash flow from interest on money created out of nothing. That will change. They will have to make a clear distinction between demand deposits and time deposits. Customers will be informed that, if they

want the privilege of receiving their money back *on demand,* their deposit of coins or Treasury Certificates will be kept in the vault and not loaned to others. Therefore, it will not earn interest for the bank. If the bank cannot make money on the deposit, then it must charge the depositor a fee for safeguarding his money and for checking services. **If the customer wants to earn interest on his deposit, then he will be informed that it will be invested or loaned out, in which case he cannot expect to get it back any time he wants**. He will knowingly put his money into a *time* deposit with the agreement that a specified amount of time must pass before the investment matures.

They will have to trim their overhead expenses and eliminate some of the plush. **Profit margins will be tightened. Efficiency will improve**. They used to offer "free" services which actually were paid out of interest earned on their customers' demand deposits. Now they will charge for those services, such as **checking and safe storage of deposits**. Customers probably will grumble at first at having to pay for those things, and there will be no more free toasters.

Nacionalizar e reprivatizar os megabancos

Os bancos já estão de certa forma nacionalizados; é o investimento público que os mantém à tona. As percas são socializadas e os lucros privatizados. Logo, nacionalizá-los e, quando recuperáveis, parti-los em tranches, torná-los em bancos mais pequenos, reprivatizá-los.
Porém, se isto não for acompanhado de uma reforma completa do sistema monetário, uma nacionalização bancária é meramente uma maneira talentosa de transferir uma montanha de dívidas privadas para o domínio público.

Acabar com a credit-multiplier capacity

Instituir dinheiro honesto implica acabar com a CMC; todos os bancos teriam de manter 100% de reservas – ou seja, nada de criação de dinheiro imaginário. Isto implicaria que teriam de se esforçar, para levantar fundos para fazer empréstimos significativos.

Ao mesmo tempo, teriam de aumentar taxas de juro, pagar menos aos depositantes, operar com base em margens mais curtas, e abdicar de alguns clientes em nome de instituições mais competitivas, não-bancárias. Pediriam emprestado a baixas taxas de juro, emprestariam a altas taxas de juro.

Devolver o poder de criação monetária ao governo e ao povo que representa

- a dívida nacional poderia ser eliminada, pelo menos para níveis mais geríveis, antes de explodir para níveis estratosféricos;

- os impostos poderiam ser reduzidos drasticamente, apenas se justificando o nível de taxação suficiente para manter os serviços públicos a funcionar – uma fracção da carga fiscal que é suportada hoje em dia;
- os programas sociais/públicos podiam ser expandidos, sem inflação;
- os recursos financeiros disponíveis poderiam ser usados para sustentar crescimento económico real, e realmente sustentável.

Esta não é uma perspectiva utópica. Foi realizada com sucesso nos Estados Unidos, sob os colonistas iniciais e sob Lincoln.

Ciclo

- O estado criaria o dinheiro e seria o seu emprestador inicial;
- Instituições financeiras privadas, incluíndo bancos, reciclariam este dinheiro na forma de empréstimos;
- Ainda ganhariam juros sobre o dinheiro, mas muito menos;
- Como resultado, a money supply precisaria de ser expandida para cobrir esses juros, mas não tanto como antes; e
- Seria expandida proporcionalmente à procura, mantendo a inflação sob contenção.

Simultaneamente, se o governo, e não os bancos, criasse dinheiro, a quantidade requerida seria muito menor – sem cortar programas governamentais ou aumentando a dívida nacional. A inflação seria evitada e os impostos sobre o rendimento seriam eliminados, sem para isso ter de sacrificar crescimento e prosperidade em proporção, a uma larga população. Haveria muito mais emprego, muito mais livre iniciativa, competição mais justa no mercado, etc.

Este é o modelo americano original.

Saldar dívidas nacionais

Transformar as government bonds no que sempre deveriam ter sido – dinheiro legal. Isto pode ser feito da seguinte maneira: comprar de volta as bonds com US Notes recém-emitidas, que podem ser imprimidas em quantidades ilimitadas, livres de dívida e de juros.

Isto está a ser feito hoje em dia – mas pela Fed e pelo BCE, e com juros. Este esquema deixa as bonds em circulação, com dois sets of securities – bonds e cash – em vez de um, o que é altamente inflacionário. Isto poderia ser evitado se o governo comprasse de volta as suas próprias bonds e voided them out – toda a gente ganharia menos os banqueiros, e isso seria bem feito.

Anular dívidas

Foram criadas com o clique de um rato, no éter. Podem e devem ser canceladas com o clique de um rato, no éter. E depois parte-se para um sistema financeiro minimamente idóneo.

Saldar dívida nacional com dinheiro fiat

Payoff the national debt with Federal Reserve Notes created for that purpose. But if we want *not* to repudiate the national debt and decide to pay it off *now,* we will be released from the burden of interest payments and, at the same time, prepare the way for a sound monetary system.

Redução do estado – Saldação gradual de dívida governamental

Reduce the size and scope of government. No solution to our economic problems is possible under socialism. It is the author's view that the **government should be limited to the protection of life, liberty, and property-nothing more**. That means the elimination of almost all of the socialist-oriented programs that now infest the federal bureaucracy. If we hope to retain-or perhaps to regain-our freedom, they simply have to go. To that end, the federal government should sell all assets not directly related to its primary function of protection; and **it should greatly reduce and simplify its taxes**.

We must not turn to government for more of the same" cures" that have made us ill. We do not want more power granted to the Fed or the Treasury or the President, nor do we need another government agency. We probably don't even need any new laws, with the possible exception of those legislative acts which repeal some of the old laws now on the books. Our goal is the **reduction of government**, not its expansion.
We do *not* want to merely abolish the Fed and turn over its operation to the Treasury. That is a popular proposal among those who know there is a problem but who have not studied the history of central banking. It is a recurrent theme of the Populist movement and those advocating what they call Social Credit. Their argument is that the Federal Reserve is privately owned and is independent of political control. Only Congress is authorized to issue the nation's money, not a group of private bankers. Let the Treasury issue paper money and bank credit, they say, and we can have all the money we need without having to pay one penny in interest to the bankers.

It is an appealing argument, but it contains serious flaws. There is nothing wrong with the federal government issuing money so long as it abides by the Constitution and adheres to the principle of honesty. Both of these restraints forbid Congress from issuing paper money that is not 100% backed by gold or silver.

It is true that, if Congress had the power to create as much money as it needs *without* the Federal Reserve System, interest would not have to be paid on the national debt. But the Fed holds only a small percentage of the debt. **Over 90% of those bonds are held by individuals and institutions in the private sector. Terminating interest payments**

would not hurt those big, bad bankers nearly as much as it would the millions of people who would lose their insurance policies, investments, and retirement plans. The Social Credit scheme would wipe out the economy in one fell swoop.
And we still would not have solved the deeper problem. The bankers would be cut out of the scam, but the politicians would remain. Congress would now be acting as its own central bank, the money supply would continue to expand, inflation would continue to roar, and the nation would continue to die. Besides, issuing money without gold or silver backing violates the Constitution.

Moedas alternativas

Modos de troca definidos em comunidades locais. Porém, o problema essencial, do aspirador à escala internacional, não é resolvido.

Adoptar uma Moeda Válida – Exemplo do Gold Standard

There are certain steps that must precede the abandonment of the Fed if we are to have a safe passage. The first step is to **convert our present fiat money into real money**. That means we must create an entirely new money supply which is 100% backed by precious metal-and we must do so within a reasonably short period of time. To that end, we also must establish the true value of our present fiat money so it can be exchanged for new money on a realistic basis and phased out of circulation. Here is how it can be done:

Define the "real" dollar in terms of precious-metal content, preferably what it was in the past: 371.25 grains of silver. It could be another weight of silver or even another metal, but the old silver dollar is a proven winner.
Establish **gold as an auxiliary monetary reserve** which can be substituted for silver, not at a fixed-price ratio, but at whatever ratio is set by the free market. Fixed ratios always become unfair over time as the prices of gold and silver drift relative to each other. Although gold may be substituted for silver at this ratio, it is only silver that is the foundation for the dollar.
Payoff the national debt with Federal Reserve Notes created for that purpose. But if we want *not* to repudiate the national debt and decide to pay it off *now,* we will be released from the burden of interest payments and, at the same time, prepare the way for a sound monetary system.

Coins will play a larger role in everyday transactions. The nickel phone call and the ten-cent cigar will have returned. In the beginning at least, the price of these items probably will be less than that. As explained in chapter seven, ***any* quantity of gold or silver will work as the foundation for a monetary system**. If the quantity is low – as certainly will be the case at the time of transition – it merely means the value of each unit of measure will be high. In that case, coins will solve the problem. Pennies would be used for a cup of coffee; one mill (a tenth of a cent) would pay for a phone call, and so on. New, small-denomination tokens would fill that need. **In a relatively short period of time, however, the monetary supply of gold and silver would increase in**

response to free-market demand. When the supply increases, the relative value will decrease until a natural equilibrium is reached – as always has happened in the past. At that point, the tokens will no longer be needed and can be phased out.

Electronic transfer systems will probably become popular for their convenience, but they will be optional. Cash and check transactions will continue to play an important role.

SOLUÇÕES POLÍTICAS

Restaurar independência nacional

Restore national independence. A similar restraint must be applied at the international level. **We must reverse all programs leading to disarmament and economic interdependence**. The most significant step in that direction will be to *Get us out of the* UN *and the* UN *out of the US,* but that will be just the beginning. **There are hundreds of treaties and administrative agreements that must be rescinded**. There may be a few that are constructive and mutually beneficial to us and other nations, but the great majority of them will have to go. That is not because we are isolationist. It is simply because we want to avoid being engulfed in global tyranny.

SOLUÇÕES – 1

SOLUÇÕES (Geral)

SOLUÇÕES – União Europeia

'I WALK THE LINE' – Don't Cower To Tyranny And Corruption, Be An Individual

KNOW THY HISTORY

SOLUÇÕES (Geral)

(**AA – 47:40**) Cuba, e a tentativa de criação de um "homem novo". Portanto, sei o que uma tecnocracia autoritária quer fazer, vi isso em Cuba. (50:50) "I've seen what happens when you have a small group of people who pretends to speak for the majority" (...) "We have to stop small groups of technocrats and self-apointed messiahs who come and tell us, this is what's good for you, and this is what you have to do. It's up to us to decide what the future is" (...) "Otherwise, we run the risk of becoming another Cuba" (...) *"Stay informed. You have to know things. We have to do the research ourselves, and who are the people who are on your side and those who aren't" (...) "unless we stay vigilant, then we'll face grave danger in the years ahead" (...) (55:45) "the price of freedom is eternal vigillance".*

peter dale scott - mobilize internet to change system (we somehow have to mobilize the technological resources of the internet to create some kind of new political force)

(**HVC – 46:00**) Lutem pela liberdade, pelo mundo fora.

(**HVC – 54:30**) As igrejas organizadas deveriam ter-se levantado contra os nazis, mas não o fizeram.

(**HVC – 58:50**) Há que apostar tudo na batalha pela liberdade. Os Founding Fathers perderam as suas fortunas, nessa batalha.

(**HVC – 44:30**) As pessoas têm de se avaliar a si próprias com respeito a moralidade: honestidade absoluta, pureza absoluta, altruísmo absoluto, amor absoluto. Standards difíceis, mas são necessários. Com eles as pessoas podem criar uma sociedade pacífica e viver em liberdade.

(**HVC – 56:45**) Todas as pessoas pensantes têm de lutar pela verdade. A linha da batalha define-se em cada escritório e no seio das próprias famílias. So, take your decision and begin to fight for truth. That's my message. You have to do that.

SOLUÇÕES – European Union

Nigel Farage I want you all fired! (Post-1945 there were some very sensible ideas put together, namely the Council of Europe. Let's have a Europe where we sit down together. Where we have a free trade agreement. Where we agree minimum standards on work, on the environment.We can do all of these things without a European Commission, without a European Parliament, without a European Court of Justice. We've done it in security terms with NATO. Yes it'll mean you'll lose your job Mr. Barroso. But apart from that, why can't we do things as mature democracies? Yes, I want you sacked Mr. Schultz as well. I want you all fired! We can do those things, and that is a positive way forward. By taking away from people their ability to govern themselves, and transferring that power to the European Commission, we're headed for a Europe of rebellion and violence. Let's take the democratic route.)

godfrey bloom1 – EU means big business, fat cats, eco-fascism (It will go the same way as the Soviet Union which it so resembles. It's centralized, it's corrupt, it's undemocratic, and it's incompetent. It's driven by an unholy alliance of big business and fat cat bureaucrats. It's sponsored by an eco-fascist agenda from a platform of perverted junk science, referred to as climate change. Whenever people in Europe get the chance of a referendum, they reject it.)

godfrey bloom - EU is already crumbling - motins, catástrofe económica (Our children and grandchildren will curse us, as they are left to pick up the pieces of this wholly avoidable shambles.)

'I WALK THE LINE' – Don't Cower To Tyranny And Corruption, Be An Individual

(**AR – 10:20**) A importância da vida é que o indivíduo goste de si mesmo. Para isso, é preciso que tenha auto-respeito, e isso implica tomar as atitudes certas na vida, com carácter, verdade e honestidade. Tomar as atitudes que se admira, quando se vê os outros a tomarem-nas. As pessoas têm a capacidade de se melhorarem, e de se tornarem pessoas decentes. E é isso que importa.

(**AR – 17:10**) Tens direitos humanos dados por Deus, que ninguém te pode tirar – nem o estado, nem uma maioria, ninguém. A democracia é um sistema onde dois lobos e uma ovelha decidem o que vai ser o jantar. Numa república, a ovelha tem uma arma, para se proteger. (18:50) Não me interessa o que a maioria quer. Vivo a vida segundo as

minhas regras, e se não cometer violência, roubo ou fraude contra outro ser humano, posso viver a vida como quiser, é a minha escolha. (19:10) Somos colocados nesta Terra para sermos o melhor que conseguimos ser, desenvolver o nosso potencial dado por Deus, e não para que o estado nos diga como viver as nossas vidas, para sermos metidos em sistemas e paradigmas.

(**AR – 19:30**) Sejam indivíduos, pensem por vocês próprios, tenham pensamento crítico.

(**AR – 32:00**) "Porque é que te havias de te preocupar com essa gente? São apenas escravos"

(**AR – 58:30**) People don't seem to have the courage to do what they've gotta do...Hollywood – as pessoas sabem que é verdade, mas têm medo de fazer aquilo que é certo. Os banqueiros têm uma vantagem, precisam que cooperemos com os programas deles. Assim que aprendermos isso, e deixarmos de cooperar, ganhamos. "*Silence is golden, but when it comes to your freedom it's yellow*".

(**AR – 1:13:00**) "*We have to mobilize, each one of us...we're not gonna take this anymore*"

(**AR – 1:14:00**) You have to stand up for what's right in life, otherwise you and your children end up being slaves. Unless you stand up for decency, you're nothing.

(**AR – 1:24:00**) Não acho que tenha coragem, tenho consciência. (depois AJ: I'm not rich but I'm comfortable and not into going out and screwing people to get more money)

AJ1 – I'd love to be wrong, people who cooperate with tyranny

(**AJ1 – 00:55**) And when you listen to the news, or listen to news radio, it's almost all complete government worship and propaganda. You know, you don't trust people in private business, you don't trust neighbors you don't know, you know there's a lot of swindlers, and scammers and liars out there – why do we just suddenly love and worship government stomping around in black uniforms? The truth is we don't, everybody knows the government is corrupt. But a lot of people are cowards. And they just worship government, worship corruption, worship power, thinking if they'll grovel, that somehow they'll end up winning. They're so self-centered that they destroy their own future. They think they'll get ahead by grovelling to tyranny when in truth they destroy the society they live in. And they miss out on what it is to truly be a human being.

(**AJ4 – 5:55**) And you don't trust your neighbors, and you don't trust big business, and rightfully so, but then you totally trust the government...!? Which is the most elite, most wicked, most vicious people in History, who have proven themselves willing to be completely ruthless...!?

AJ6 – you only live once

(**AJ6 – 00:45**) What do you think is gonna happen ladies and gentlemen? Do you think any of you are safe? See, that's the big mind trick, that's the big game. Is that people

think they're safe by cowering and by going along with corruption, they think the safe path is not speaking up, not popping your head above the grass. Just going along to get along. When you have a nation of castrated, guelded, dumb men. Cause they're more than just cowards, they're dumb. Because only a fool thinks you give in to corruption and you somehow get headed. No, you become a slave. And your children become a slave. And you lose your hopes and your dreams and your future. You're only alive once folks. Now is only now.

KNOW THY HISTORY

(**AWnewh – 00:35**) "If you don't understand the past, you won't understand the present or the future"

“Parlamento mundial livre e democrático”

A future world parliament based upon the concept of minimum coercion and maximum freedom could be a wonderful advent for mankind. Without trying to cram all nations into a **centrally directed beehive**, it would welcome cultural and religious variety. Instead of trying to place the world into a **collectivist straight-jacket of rules, regulations, quotas, and subsidies**, it would encourage diversity and freedom-to-choose. Instead of **levying ever-larger taxes on every conceivable economic activity and destroying human incentive in the process**, it would encourage member nations to reduce the taxes that already exist and thereby stimulate production and creativity. A world parliament, dedicated to the concept of freedom, would have to withhold membership from any government that violated the basic rights of its citizens. It could be the means by which totalitarian governments would be encouraged to abandon their oppressive policies in order to obtain the economic and political advantages of acceptance in the world body. It could become the greatest force for peace and prosperity and freedom we have ever known.

Soberania nacional, propaganda para governo global, internacionalismo generaliza poder de homens maus. A soberania nacional é essencial. Como a história demonstra, é um facto que é incrivelmente fácil que algumas nações caiam nas mãos de homens maus que usam o poder e autoridade que adquirem para começar guerras, atacar vizinhos, e provocar miséria generalizada. Mas homens maus numa única nação podem ser derrotados e removidos, como aconteceu frequentemente. Se homens maus assumem controlo sobre o mundo inteiro, remover esse poder torna-se extremamente difícil.

O pior erro que se pode fazer é cair na propaganda que proclama que governo mundial coloca um fim a qualquer possibilidade de que homens maus possam assumir as rédeas do poder. Seria um erro porque aqueles que estão a globalizar e que pretendem liderar a globalização são homens maus. Colocar autoridade sobre o mundo inteiro num único grupo, e especialmente nas mãos de uma pessoa ou de um grupo de pessoas, é um completo absurdo.

O público não é internacionalista. Durante o período imediatamente seguindo a II Guerra, um desejo de regresso à normalidade imperava nos EUA. O povo americano e uma quantidade considerável dos membros do Congresso favoreciam o fim ao intervencionismo EUA nos assuntos mundiais. Muitos expressaram oposição ao internacionalismo liderado pelo governo, preferindo, em vez disso, promover relações comerciais entre povos, que são quase sempre benéficas.